

SÉRIE
OS SETE REINOS
VOLUME III

O TRONO LOBO GRIS



CÍNDIA WILLIAMS CHIMA

SUMA
de letras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



CÍNDIA WILLIAMS CHIMA



SÉRIE
OS SETE REINOS
VOLUME III

O TRONO LOBO GRIS

Tradução
Regiane Winarski





Copyright © 2011 by Cinda Williams Chima

Todos os direitos reservados. Publicado por Disney • Hyperion Books, um selo de Disney Book Group. Para mais informações: Disney • Hyperion Books, 114, Fifth Avenue, New York, 10011-5690.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

The Gray Wolf Throne

Capa

Marianne Lépine sobre design original de Tyler Nevins

Imagens de capa

De “The Gray Wolf Throne” de Cinda Williams Chima. Ilustração de capa © 2010 by Larry Rostant. Reimpressa com permissão da Disney • Hyperion Books. Todos os direitos reservados.

Mapa

Da série “Os Sete Reinos” de Cinda Williams Chima. Ilustração © 2009 by Disney Enterprises, Inc. Reimpresso com permissão da Disney • Hyperion Books. Todos os direitos reservados.

Revisão

Flora Pinheiro

Sheila Louzada

Eduardo Carneiro

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu’s System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C465t

Chima, Cinda Williams

O trono Lobo Gris [recurso eletrônico] / Cinda Williams Chima; tradução Regiane Winarski. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
recurso digital (Os Sete Reinos; v.3)

Tradução de: *The Gray Wolf Throne*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

379p. ISBN 978-85-8105-291-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

15-21532 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Para minha avó materna, Dorothy Downey Bryan, musicista talentosa e dona de casa indiferente que tinha sexto sentido apurado.

Vovó tinha um colo que acomodou muitas crianças pequenas, mas sempre manteve uma espingarda no armário.

E em memória de Ralph M. Vicinanza, que nos deixou cedo demais.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Mapa

CAPÍTULO UM

Nas fronteiras

CAPÍTULO DOIS

Remexendo em ossos velhos

CAPÍTULO TRÊS

Boas e más notícias

CAPÍTULO QUATRO

Comitê de recepção

CAPÍTULO CINCO

Velhos inimigos

CAPÍTULO SEIS

Palavras de Simon

CAPÍTULO SETE

A espada da Lady

CAPÍTULO OITO

Fins e começos

CAPÍTULO NOVE

Uma caçada interrompida

CAPÍTULO DEZ

O preço da cura

CAPÍTULO ONZE

Segredos revelados

CAPÍTULO DOZE

Legado

CAPÍTULO TREZE

Caminhando ferido

CAPÍTULO CATORZE

Jogos de palavras

CAPÍTULO QUINZE

O preço da mentira

CAPÍTULO DEZESSEIS

Um caminho adiante

CAPÍTULO DEZESSETE

Os jogos começam

CAPÍTULO DEZOITO

Uma teia de mentiras

CAPÍTULO DEZENOVE

Um risco calculado

CAPÍTULO VINTE

Lucius e Alger

CAPÍTULO VINTE E UM

De volta a Aedion

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Dizendo a que veio

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Espectáculo

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Despedidas

CAPÍTULO VINTE E CINCO

A volta para casa

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Concordando em discordar

CAPÍTULO VINTE E SETE

À solta no palácio

CAPÍTULO VINTE E OITO

Carta de amor de Arden

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Jogo de pretendentes

CAPÍTULO TRINTA

Aliados

CAPÍTULO TRINTA E UM

Companheiros estranhos

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Pelo bem da linhagem

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Mais companheiros estranhos

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Dúvidas

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Mau negócio

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

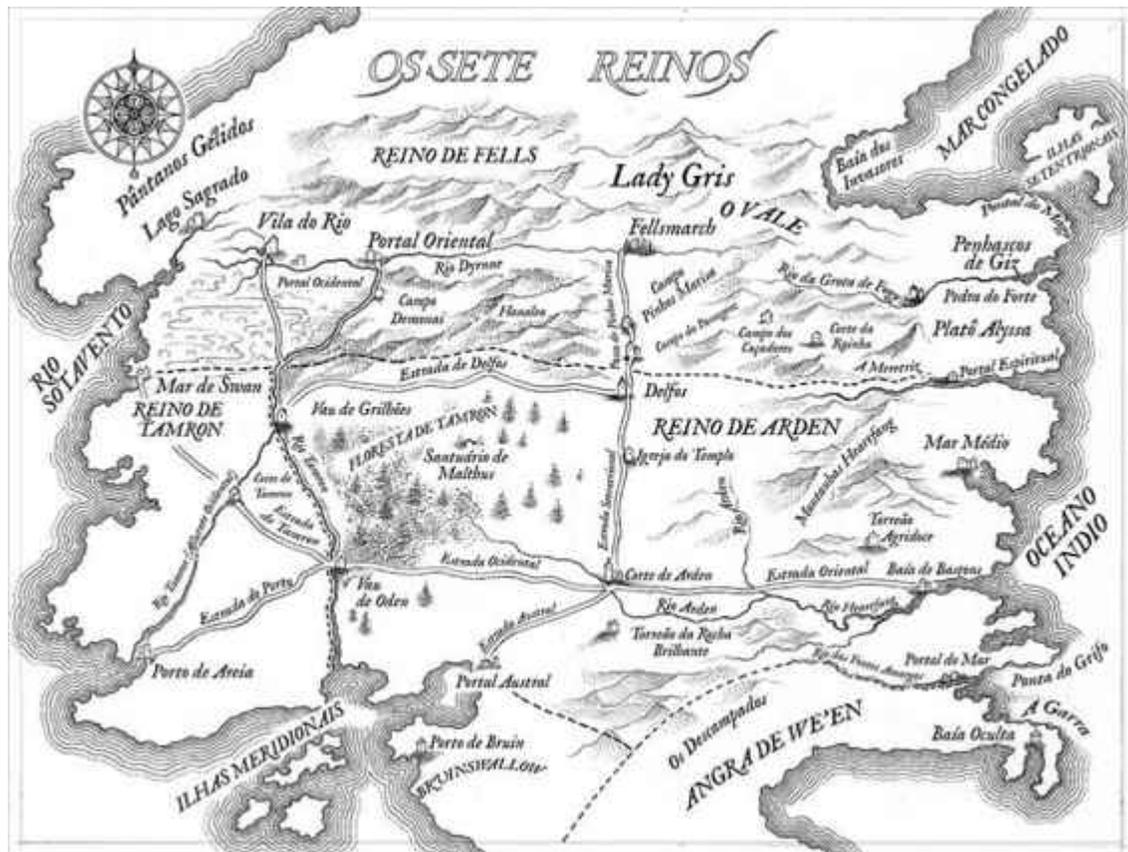
Uma dança perigosa

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Coroação

Epílogo

AGRADECIMENTOS



CAPÍTULO UM

Nas fronteiras

Raisa *ana* Marianna estava encolhida no canto escuro de sempre, na taberna Garça Roxa, beliscando o bolo de carne. Tinha aprendido a fazer uma refeição e uma caneca de sidra durarem a noite toda.

Era arriscado passar tempo no salão de uma taberna. Os assassinos de lorde Bayar estariam a sua procura. Não tinham conseguido matá-la em Vau de Oden graças a Micah Bayar, o filho de lorde Bayar. Mas os espiões do Grão-Mago podiam estar em qualquer lugar, mesmo ali na cidade fronteiriça de Vau de Grilhões.

Principalmente ali. Bayar preferiria capturar Raisa antes de ela atravessar a fronteira para Fells. Seria melhor assim, pois seu assassinato seria mais fácil de esconder da mãe, a rainha, e do povo do pai, os clãs das Montanhas Espirituais.

Mas ela não podia se esconder no quarto o tempo todo. Precisava ficar visível para as pessoas que *queria* que a encontrassem. Precisava achar um jeito de voltar para casa, de se reconciliar com a rainha Marianna e enfrentar aqueles que pretendiam tomar dela o trono Lobo Gris.

O nome Rebecca Morley não era mais seguro. Muitos de seus inimigos o conheciam. Nos últimos tempos, ela dizia se chamar Brianna Andarilha, em homenagem aos ancestrais dos clãs. Contava a história de que era uma jovem comerciante voltando da primeira viagem ao sul e que tivera que parar por ali por causa dos tumultos na fronteira.

Depois de um mês no limbo de Vau de Grilhões, já conhecia os frequentadores habituais da Garça; eram compostos, em sua

maioria, por pilotos do serviço de barcas do rio, ferreiros, cuidadores e cavaleiros que atendiam os viajantes que passavam pela estrada. Mas os habitantes locais eram minoria. A cidade vibrava com as idas e vindas da guerra.

Raisa observou a sala e detectou os estranhos. Duas mulheres de Tamron ocupavam uma mesa de canto pela segunda noite seguida. Uma era jovem e bonita e a outra, robusta e de meia-idade, as duas bem-vestidas demais para a Garça. Provavelmente eram uma dama nobre e sua aia fugindo da luta ao sul.

Três jovens de trajes civis ardeninos jogavam cartas perto da porta. Quatro tinham entrado, mas um saía havia algum tempo. Várias vezes Raisa ergueu o rosto e viu um ou outro olhando para ela. Sentiu um calafrio de apreensão. Ladrões ou assassinos? Ou apenas jovens mostrando interesse em uma garota sozinha?

Não era mais tão fácil saber.

A maioria dos outros fregueses era composta de soldados. Vau de Grilhões estava lotada deles. Uns exibiam o Falcão Vermelho de Arden, outros, a Garça de Tamron, e alguns não exibiam insígnia nenhuma; eram mercenários ou desertores do exército do rei Markus.

Qualquer um deles poderia estar atrás de Raisa. Fazia um mês que escapara de Gerard Montaigne, o ambicioso jovem príncipe de Arden. Gerard pretendia conquistar pelo menos três dos Sete Reinos ao derrubar o irmão Geoff, o rei ardenino, invadir o antigo aliado Tamron e se casar com Raisa *ana'*Marianna, a herdeira do trono Lobo Gris, de Fells.

Esperavam ouvir a qualquer momento a notícia de que a capital, Corte de Tamron, fora invadida por Gerard. O príncipe de Arden já a cercava havia semanas.

Quando Raisa chegara a Vau de Grilhões, planejava pedir às autoridades locais para mandarem um mensageiro até a guarda na Muralha Ocidental, em Fells. De lá, poderiam enviar a mensagem para o pai dela, Averill Lorde Demonai, ou para Edon Byrne, o

capitão da Guarda da Rainha, talvez as duas únicas pessoas em Fells em quem ela podia confiar.

Mas, ao chegar à cidade fronteiriça, ela vira que *não havia* autoridade. A Casa da Guarda estava vazia, os soldados tinham fugido. Alguns talvez tivessem ido para o sul, ajudar a capital cercada. Mas era mais provável que a maioria tivesse se misturado à população para esperar o resultado da guerra.

Raisa ficou com a esperança de que seu melhor amigo, o cabo Amon Byrne, junto com os Lobos Gris, a seguisse para o norte e a encontrasse em Vau de Grilhões. Ela poderia seguir viagem escondida entre eles, como fizera no outono a caminho da academia em Vau de Oden.

Como futuro capitão da guarda, Amon tinha uma ligação mágica com Raisa, então deveria sentir sua localização aproximada. Mas as semanas se arrastaram e Amon não aparecera. Se estivesse indo para lá, já teria chegado.

O outro plano era seguir com algum comerciante dos clãs que estivesse voltando para o norte. Ela era mestiça; com a pele da cor de açúcar queimado e o cabelo preto e volumoso, passaria facilmente por uma integrante de algum clã. Mas essa esperança também morrera conforme as semanas passaram e nenhum comerciante chegou ao local. Com Tamron em guerra, a maioria dos viajantes preferia evitar os Pântanos e os sinistros Andarilhos das Águas, e seguiam pelo caminho mais direto entre o Passo de Pinhos Marisa e Delfos.

Uma sombra caiu sobre a mesa de Raisa. Simon, o filho do dono da taberna, estava rondando de novo, arrumando coragem para perguntar se podia retirar o prato dela. Na maioria dos dias, era uma hora rondando para três palavras de conversa.

Raisa achava que Simon tinha sua idade ou talvez fosse um pouco mais velho, mas atualmente ela se sentia mais velha do que seus quase 17 anos; cínica e cansada, de coração partido.

Você não quer se envolver comigo, pensou ela, com mau humor. Meu conselho é correr para o lado oposto.

Han Alister ainda assombrava os sonhos de Raisa. Ela acordava com o gosto dos beijos dele nos lábios, a lembrança de seu toque quente na pele. Mas, à luz do dia, era difícil de acreditar que o breve romance tinha mesmo acontecido. Ou que ele ainda pensasse nela.

Na última vez que Raisa vira Han, Amon Byrne o botara para correr com uma espada. Depois, ela desaparecera da escola sem dar notícias, sequestrada por Micah Bayar. Han não teria boas lembranças da garota que conhecia como Rebecca. De qualquer modo, era improvável que ela o visse de novo.

Já estava quase na hora de a taberna fechar; mais um dia perdido enquanto os acontecimentos em casa transcorriam sem ela. Talvez já tivesse sido deserdada. Talvez Micah tivesse fugido de Gerard Montaigne e estivesse seguindo em frente com os planos de se casar com sua irmã, Mellony.

Alguém pigarreou ao lado de Raisa. Ela se encolheu e ergueu o rosto. Era Simon.

— Milady Brianna — disse ele pela segunda vez.

Ossos, pensou ela. Tenho que passar a responder mais rápido quando me chamarem de Brianna.

— As damas sentadas ali a convidam para se juntar a elas — prosseguiu Simon. — Dizem que pode ser desagradável para uma dama jantar sozinha. Falei que você já tinha jantado, mas...

Ele deu de ombros, as mãos pendendo desajeitadas ao lado do corpo.

Raisa olhou para as duas mulheres de Tamron. Estavam inclinadas para a frente, acompanhando a conversa com expressões ansiosas. As mulheres de Tamron tinham a reputação de serem flores de estufa mimadas, socialmente cruéis, mas fisicamente delicadas, que cavalgavam de lado e carregavam sombrinhas para se protegerem do sol do sul.

Mesmo assim, era tentador. Seria um prazer conversar com alguém que não fosse Simon, alguém que desse conta da outra metade de uma conversa. E talvez elas tivessem notícias mais recentes dos eventos em Corte de Tamron.

Mas não. Uma coisa era enganar Simon com a história de ser uma comerciante presa em uma cidade fronteiriça. Simon queria ser enganado. Seria muito diferente se sentar com damas bem-nascidas, com talento para arrancar segredos.

Raisa sorriu para elas e balançou a cabeça, indicando os restos do jantar.

— Diga a elas que agradeço, mas já vou para o quarto — respondeu.

— Eu falei que você ia dizer isso. Elas disseram para eu falar que elas têm uma prop... um trabalho para você. Querem contratar você como acompanhante para atravessar a fronteira.

— Eu? — disse Raisa, surpresa.

Ela não tinha físico de guarda-costas, sendo baixinha e magra.

Olhou para as damas, mordendo o lábio, refletindo. Podia até ser mais seguro viajar com mais gente, mas *elas* não seriam muita proteção para Raisa. Apesar de suas armas sociais estarem sempre afiadas, elas não ajudariam em nada em uma luta física e acabariam atrasando a viagem de Raisa.

Por outro lado, ninguém esperaria que ela estivesse viajando com duas damas de Tamron.

— Vou falar com elas — disse Raisa. Simon começou a se virar, mas parou quando ela colocou a mão no braço dele. — Simon, você sabe quem são aqueles homens? — perguntou ela, indicando os jogadores de cartas sem olhar para eles.

Simon balançou a cabeça. Estava acostumado com Raisa fazendo perguntas daquele tipo e entendia o que ela queria saber.

— Vieram hoje pela primeira vez, mas não estão hospedados aqui — disse ele, pegando o prato dela. — Falam ardenino, mas estão gastando moedas de Fells. — Ele se inclinou para mais perto.

— Fizeram perguntas sobre você e sobre as damas de Tamron. Não contei nada.

Simon ergueu a cabeça de repente quando a porta da taberna se abriu e fechou. Entraram uma rajada de ar noturno úmido e frio, um jorro de chuva e seis novos clientes, todos estranhos. Usavam capas de lã comuns, mas tinham postura militar. Raisal se encolheu nas sombras, o coração pulando como um peixe fora da água. Tentou entreouvir a conversa deles, na esperança de identificar em que língua falavam.

Por quanto tempo você pode continuar fazendo isso?, pensou ela. Por quanto tempo poderia esperar por uma escolta que talvez nunca chegasse? Se Gerard conquistasse Tamron, quanto tempo demoraria para fechar as fronteiras completamente, encurralando Raisal? Talvez fosse mais seguro atravessar a fronteira logo em vez de esperar por escolta.

Mas as fronteiras estavam cheias de renegados, ladrões e desertores, e ela corria o risco de acabar sendo roubada, violentada e morta na beira de uma estrada.

Ficar ou partir? A pergunta reverberava no cérebro dela como a chuva batendo no telhado de metal da taberna.

De impulso, ela se levantou e seguiu para a mesa das damas de Tamron.

— Sou Brianna Andarilha — apresentou-se, com voz mal-humorada e profissional. — Soube que vocês procuram acompanhante para atravessar a fronteira.

A mulher corpulenta concordou.

— Esta é Lady Esmerell — disse ela, indicando a mulher mais nova. — E eu sou Tatina, a governanta dela. Nossa casa foi tomada pelo exército ardenino.

— Por que me escolheram? — perguntou Raisal.

— Comerciantes são famosos por serem hábeis com armas, mesmo as mulheres — respondeu Esmerell. — E ficaríamos mais à vontade com outra mulher. — Ela tremeu de leve. — Há muitos

homens na estrada que tirariam vantagem de duas damas de criação nobre.

Não sei, não, pensou Raisa. *Tatina parece capaz de bater em algumas cabeças.*

— Vocês pretendem atravessar pelos Pântanos ou por Fells? — perguntou Raisa.

— Vamos pelo caminho que você escolher — disse Esmerell, com o lábio tremendo. — Só queremos nos afastar e procurar refúgio no templo de Fellsmarch até as brigadas ardeninas deixarem nossas terras.

Melhor esperar sentada, pensou Raisa.

Esmerell mexeu nas saias, pegou uma bolsa pesada e a colocou na mesa com um estalo.

— Podemos pagar — disse ela. — Temos dinheiro.

— Guarde isso antes que alguém veja — sibilou Raisa.

A bolsa desapareceu.

Raisa olhou para elas enquanto refletia. Não podia esperar para sempre que alguém fosse buscá-la. Talvez fosse hora de se arriscar.

— Por favor — disse Tatina, segurando o braço de Raisa —, sente-se. Talvez, se você nos conhecer...

— Não. — Raisa balançou a cabeça. Não queria que se lembrassem dela sentada com aquelas duas mulheres, na taberna, se alguém aparecesse fazendo perguntas. — É melhor irmos cedo para a cama se vamos sair cedo amanhã.

— Então você aceita? — perguntou Esmerell, batendo palmas com alegria.

— Silêncio — disse Raisa, olhando ao redor, mas ninguém parecia estar prestando atenção. — Estejam no estábulo ao amanhecer, com as malas prontas e preparadas para cavalgar o dia todo.

Raisa deixou as duas moças e voltou para a mesa, torcendo para ter tomado a decisão certa. Torcendo para que isso a levasse para casa mais cedo em vez de mais tarde. Sua mente fervilhava com planos. Pediria a Simon para embalar pão, queijo e salsicha para

levar. Quando chegasse aos Pântanos, faria contato com os Andarilhos das Águas, que poderiam...

— A senhorita parece estar precisando de uma distração — disse uma voz masculina rouca, em ardenino.

Um estranho corpulento caiu pesadamente na cadeira em frente a Raisa. Era um dos clientes recém-chegados, com o rosto encoberto pelo capuz. Nem se deu ao trabalho de tirar a capa, embora estivesse pingando a ponto de formar poças no chão.

— Você aí! — disse ele para Simon. — Traga para a dama mais um copo do que ela estiver bebendo e uma caneca de cerveja para mim. E ande logo! Está quase na hora de fechar.

Raisa se irritou. Um dos perigos de jantar sozinha em uma taberna era ser vista como alvo por qualquer homem que entrasse. Bem, ela afastaria essa ideia imediatamente.

— Talvez você tenha tido a errônea impressão de que eu queria companhia — disse Raisa, em tom gélido. — Prefiro jantar sozinha. Agradeço se você não me incomodar de novo.

— Não seja assim — reclamou o estranho, alto o bastante para ser ouvido do outro lado do salão. — Não cai bem para uma garota como você ficar sentada sozinha.

O soldado se inclinou para a frente e sua voz mudou, ficou baixa e macia, embora ele ainda falasse ardenino como um nativo.

— Tem certeza de que não pode gastar um momento com um soldado há muito na estrada?

Ele puxou o capuz, e Raisa olhou nos olhos cinzentos e experientes de Edon Byrne, capitão da Guarda da Rainha de Fells. Olhos incrivelmente parecidos com os do filho dele, Amon.

Raisa precisou se conter para não ficar de queixo caído. Perguntas surgiram em sua mente e ameaçaram escapar. Como ele a tinha encontrado? O que estava fazendo ali? Quem imaginaria que ele falava ardenino tão fluentemente? Amon estava com ele?

— Bom — disse ela, com dificuldade —, está bem, então.

Ela limpou a garganta para falar, mas naquele momento Simon surgiu com as bebidas e bateu com a caneca de Byrne com tanta força na mesa que até derramou. Byrne esperou até Simon se afastar para voltar a falar.

— Os Pântanos Gélidos não são mais seguros — murmurou ele, ainda em ardenino. — Viemos para levá-la para casa.

Byrne olhou para além dela, observando o aposento. Ele cheirava a suor e couro, e o rosto estava com barba por fazer devido aos dias na estrada. Embora estivesse esparramado na cadeira, Raisa reparou que ele tinha puxado o casaco para trás para expor o cabo da espada.

— Vamos conversar — disse Raisa, com a esperança renascendo no coração. — Me encontre no estábulo atrás da taberna em dez minutos.

Ela se levantou abruptamente.

— Se você não vai embora, eu vou. Vá perturbar outra pessoa.

Ela se virou para a escada. As damas ardeninas acenaram e soltaram muxoxos solidários, provavelmente pensando que Raisa deveria ter aceitado a proposta de se juntar a elas.

— Senhorita! Esqueceu sua sidra — disse Byrne enquanto ela saía, despertando alguns assovios e risadinhas.

Raisa passou pela escada e atravessou a cozinha, onde Simon estava sovando pão para que a massa ficasse crescendo à noite.

— Senhorita? — disse ele, olhando para ela.

— Preciso de ar fresco — respondeu Raisa.

Simon ficou olhando quando ela saiu pela porta dos fundos para a chuva. Tremendo, apertou a capa de Fiona Bayar no corpo. Viera junto com o cavalo que Raisa roubara da filha do Grão-mago, uma das poucas coisas de Fiona que serviam nela.

O estábulo estava quente e seco, com cheiro de feno doce e cavalos. Ghost esticou a cabeça na baia, bufando e soprando aveia nela. Raisa acariciou o focinho dele. Duas baias depois, reconheceu

Ransom, o grande cavalo castrado de Byrne, um cruzamento com pônei da montanha.

A porta do estábulo rangeu e Byrne entrou, seguido de um grupo de casacos azuis — embora eles nem pudessem mais ser chamados de casacos azuis, pois usavam uma mistura discreta de roupas de frio em tons de marrom e verde.

Raisa os observou rapidamente, mas, para sua decepção, Amon não estava entre eles, nem nenhum dos outros Lobos Gris. Esses soldados eram mais experientes do que os cadetes de Amon, com os rostos ainda jovens marcados pelo sol e pelo vento.

Byrne fechou com cuidado a porta do estábulo e colocou de vigia um homem do grupo. Os outros começaram a trabalhar na mesma hora, pegando os cavalos e selando.

— Você quer partir agora? — perguntou Raisa, indicando os outros.

— Quanto antes, melhor — respondeu Byrne. Ele olhou para ela, mordendo o lábio e observando-a à procura de ferimentos. — É um alívio encontrá-la ainda viva.

Como se ele não fosse saber se ela tivesse morrido. Como se não fosse sentir o golpe à *tão importante* linhagem Lobo Gris.

— O que aconteceu? — perguntou Raisa. — Como você soube que eu estava aqui? Onde está Amon? Por que os Pântanos Gélidos não são mais seguros?

Byrne deu um passo para trás, recuando da chuva de perguntas. Ele indicou a sala dos arreios e selas.

— Vamos conversar ali.

Raisa se lembrou das damas ardeninas.

— Ah... tem uma coisa. Aquelas duas damas com quem eu estava conversando na taberna... Eu aceitei viajar com elas amanhã. Vocês podem mandar alguém para avisar que meus planos mudaram?

Era covardia, ela sabia, mas estava cansada demais para lidar com a decepção de Lady Esmerell.

— Corliss.

Byrne fez sinal para um dos homens e o mandou voltar à taberna para dar a má notícia a Esmerell e Tatina.

Depois de abrir a baia de Ghost, Raisa levou o cavalo para a sala dos arreios e selas e o amarrou, depois pegou a sela e o bridão do suporte na parede.

Byrne entrou atrás dela e fechou a porta. Observou Raisa trabalhar por um momento.

— Esse não é o garanhão que Fiona Bayar montava na última vez que esteve em Fells?

Raisa assentiu. Fiona trocava de cavalo como o irmão de namorada.

— Eu peguei emprestado.

Ela puxou um banquinho e subiu para poder colocar a manta no dorso largo de Ghost.

— Eu gostaria de ouvir essa história — disse Byrne.

— Você ia *me* contar a história de como veio parar aqui, capitão Byrne.

— Sim, Alteza. — Byrne inclinou a cabeça e cedeu: — Seu pai interceptou uma mensagem que sugere que Lorde Bayar sabe onde Vossa Alteza está e que mandou assassinos para matá-la.

— Ah — disse Raisa, erguendo o olhar. — Certo. Já sei sobre isso. Ele mandou quatro para Vau de Oden.

Byrne ergueu uma sobrancelha, o que fez Raisa se lembrar tanto de Amon que seu coração pulou.

— E? — perguntou ele secamente.

— Eu matei um e Micah Bayar matou os outros três — respondeu Raisa.

— Micah? — perguntou Byrne, surpreso. — Por que ele...?

— Parece que ele preferia se casar comigo a me enterrar — disse Raisa. — Ele me sequestrou na academia e estava me levando para Fells, para nos casarmos, quando fomos capturados pelo exército de Gerard Montaigne a caminho de Tamron. Foi logo ao norte de Vau

de Oden. Se Micah sobrevivesse, pensei que ele apostaria que eu ia voltar para a academia, em vez de ir para Fells. Portanto, é improvável que Lorde Bayar saiba onde estou agora.

— A mensagem era recente — disse Byrne, franzindo a testa. — Não sei se era sobre essa tentativa anterior.

É uma droga, pensou Raisa, estremeando, quando há tantas pessoas querendo matá-la que mal dá para identificar todas.

Byrne ergueu a sela de Ghost e a colocou no cavalo alto.

— Se quiser ir pegar suas coisas, eu termino de preparar o cavalo.

Raisa estava bem familiarizada com as técnicas dos Byrne para evitar situações e sabia quando estava sendo manipulada.

— O *cabo* Byrne me ensinou a cuidar do meu próprio cavalo — disse ela, se abaixando para prender a fivela inferior. — Quem mais sabe que você vinha atrás de mim?

Byrne pensou por um momento.

— Seu pai — disse ele. — E Amon. — O último nome soou cortado, como se ele estivesse arrependido de dizê-lo.

Raisa se ergueu na ponta dos pés para poder olhar acima das costas de Ghost.

— Amon fez contato com você? Foi assim que você soube que devia vir para cá?

Byrne pigarreou.

— Quando você desapareceu de Vau de Oden, o cabo Byrne achou que talvez tivesse ido para casa, por vontade própria ou não. Ele pensou que você poderia pegar a rota ocidental, pois tinha ido por lá no outono. Mandou uma mensagem por um pássaro sugerindo que eu tentasse interceptar você aqui para evitar uma possível emboscada no Portão Ocidental.

Raisa percebeu que ele vinha aperfeiçoando aquela história havia um tempo.

— É mesmo? — disse ela. — Como ele soube que eu tinha sobrevivido? Deixamos uma confusão em Vau de Oden.

Ela colocou o bridão de Ghost enquanto o cavalo tentava cuspir o acessório.

— Ele... hã... teve um pressentimento — respondeu Byrne.

Raisa riu. Ele não mentia melhor do que Amon.

— Se ele pensou que eu estaria aqui, por que não veio?

Raisa puxou a correia para verificar se estava tão firme quanto deveria.

— Ele achou que eu chegaria mais rápido — disse Byrne, mudando o peso do corpo de uma perna para outra.

— Por quê? Onde ele está agora? — perguntou Raisa.

Byrne desviou o olhar.

— Não sei onde ele está agora.

— Bem, onde ele estava quando fez contato com você? — insistiu ela. — Não tínhamos pássaros em Vau de Oden para mandar mensagens a Fellsmarch.

— Ele estava em Corte de Tamron, Alteza — disse Byrne, como uma ostra finalmente se abrindo para exibir o que havia dentro.

— Em Corte de Tamron! — Raisa se empertigou, virando-se. — O que ele estava fazendo lá?

— Procurando você — disse Byrne. — Ele ouviu falar que você tinha ficado presa na luta entre o exército de Montaigne e um grupo de averiguação de Tamron. Achou que você talvez tivesse se refugiado na capital. Então, ele e o grupo foram até lá procurar por você.

Raisa olhou para Byrne, o estômago se contraindo quando a certeza se espalhou.

— Ele ainda está lá, não está? — sussurrou ela. — E Gerard Montaigne cercou a cidade.

— É por isso que é importante irmos rápido, enquanto o príncipe de Arden ainda acredita que você está em Corte de Tamron — disse Byrne.

— O quê? Por que ele pensaria...?

— É uma longa história. — Byrne esfregou o queixo como se avaliasse se poderia evitar contá-la. — Montaigne ameaçou atacar a cidade se eles não se renderem. Se ele é mesmo capaz de fazer isso, ninguém sabe, mas o rei Markus parece convencido de que sim e, por isso, espalhou que você estava na cidade, na esperança de o príncipe de Arden não destruí-la com você lá. Agora, Montaigne está exigindo que o rei Markus entregue você, senão vai executar todo mundo na cidade. Por isso, Markus mandou uma mensagem à rainha Marianna pedindo que enviasse um exército para resgatar você.

— Ele não tem medo de eu aparecer em algum lugar e provar que ele é um mentiroso?

— O cabo Byrne disse a ele que você morreu na luta com a tropa de Montaigne. — Byrne fez uma careta. — Na verdade, foi o cabo Byrne quem sugeriu essa mentira a Markus depois de Montaigne cercar a cidade.

— Mas por que ele faria isso? — perguntou Raisa, perdida.

— O cabo Byrne pensou que você ainda não tivesse atravessado a fronteira. E achou melhor que as pessoas que estavam atrás de você pensassem que estava em Corte de Tamron, e não aqui na fronteira. Por isso, ele e o grupo ficaram bem visíveis na cidade, para que qualquer espião trabalhando para Montaigne ou para Lorde Bayar visse que integrantes da Guarda da Rainha ainda estão lá e supusesse que você também está.

— Não — sussurrou Raisa, andando de um lado para outro. — Ah, não. Quando Montaigne descobrir que foi enganado, vai ficar furioso. Não dá para saber o que vai fazer. — Ela parou e olhou para Byrne. — E a rainha? Ela vai enviar ajuda?

— Considerando a situação em Fells agora, não podemos mandar nenhum exército para Tamron — disse Byrne secamente. — Desestabilizaria uma situação frágil. Uma guerra pode começar em Fells a qualquer momento, dependendo do que acontecer com a sucessão.

— Mas... se minha mãe acredita que estou presa em Corte de Tamron — sussurrou Raisa —, ela não enviaria um exército de qualquer jeito?

Na verdade, Raisa não sabia qual era a resposta para essa pergunta.

— Eu falei para ela não arriscar, que você não estava lá — disse Byrne, os olhos cinzentos fixos nos dela.

— Mas... mas... mas... isso quer dizer que Amon... e todos os Lobos Gris... vão *morrer* lá — choramingou Raisa. — De maneiras horríveis.

— Existe essa possibilidade — disse Byrne, baixinho.

— Possibilidade? *Possibilidade?* — Ela se colocou na frente de Byrne, as mãos fechadas. — Amon é seu filho! Como você pôde fazer isso? Como *pôde*?

— Amon tomou essa decisão para o bem da linhagem, como é o dever dele — disse Byrne. — Não vou questionar suas decisões.

Raisa ficou na ponta dos pés e se inclinou na direção de Byrne, a fúria ressoando nos ouvidos e soltando sua língua.

— Ele ao menos teve *escolha*? — Exigiu saber. — Ele me contou o que você fez com ele, a ligação mágica que o obrigou a assumir.

Byrne franziu a testa e esfregou o canto do olho com o polegar.

— É mesmo? Ele disse isso?

Raisa não diminuiu o ritmo:

— Ele ao menos ainda *tem* livre-arbítrio ou é obrigado a se sacrificar para salvar a maldita linhagem?

— Hum — disse Byrne, ainda irritantemente calmo. — Bem, eu diria que ele tem um pouco de livre-arbítrio, ou não teria lhe contado sobre a ligação entre rainhas e capitães.

— E quanto aos Lobos Gris? — perguntou Raisa. — *Eles* tiveram escolha?

Ela pensou nos amigos entre os cadetes de Amon: Hallie, cuja filha de 2 anos a esperava em Fellsmarch. Talia, que teria deixado a amada Pearlie em Vau de Oden. E o pobre Mick, que oferecera a

Raisa um alforje feito pelos clãs como consolo por ela ter perdido Amon Byrne.

Corte de Tamron está resistindo por mim, pensou ela. Era arrogância, ela sabia, pensar que a invasão de Tamron era por sua causa. Gerard Montaigne queria a riqueza de Tamron, um exército maior e um trono para ocupar. Ela era apenas a cereja do bolo, uma oportunidade de agregar Fells também.

— Temos que ir atrás deles — disse Raisa. — Tem que haver um jeito de tirá-los de lá. E se... se eu aparecesse e afastasse Montaigne? Ou se me oferecesse para negociar? Ou talvez haja um jeito de passar pelo cerco deles e...

Raisa não acreditava que nada disso fosse funcionar, mesmo enquanto falava. E Byrne sabia que não funcionaria porque apenas olhou para ela, impassível, até ela parar.

— Nem sabemos se ele ainda está na cidade e se ainda está vivo, Alteza — disse Byrne suavemente.

— Ele ainda está vivo. A ligação funciona para os dois lados. Eu saberia se ele estivesse morto.

— A cidade pode já ter caído — prosseguiu Byrne. — Como você acha que ele se sentiria se você seguisse para a capital e fosse capturada por Montaigne, e todos os esforços dele fossem em vão?

Incapaz de se controlar, Raisa chutou a porta da salinha com força suficiente para rachá-la. Ghost balançou a cabeça e puxou os arreios. Lágrimas furiosas arderam nos olhos dela e desceram pelas bochechas quando ela se virou para Byrne.

— Amon Byrne é melhor do que você, melhor do que eu; valioso demais para ser desperdiçado, e você sabe disso — disse ela, com a voz trêmula. — Ele é... sempre foi... meu melhor amigo.

— Então confie nele — disse Byrne. — Se alguém conseguir sair daquela cidade, vai ser ele.

Raisa limpou as lágrimas com a base das mãos.

— Capitão Byrne, se acontecer alguma coisa a Amon, eu nunca vou perdoar você.

Byrne segurou os ombros dela com força, a luz dos lampiões iluminando seu rosto.

— O que você pode fazer por Amon agora é sobreviver — disse ele, com voz rouca e estranha. — Não deixe que eles vençam, Alteza.

Raisa atravessou o pátio do estábulo na direção da taberna, a mente girando de preocupação com Amon e os Lobos Gris, ainda tentando bolar algum tipo de plano de resgate.

Já passara da hora de fechar, e, com sorte, o salão estaria vazio. Ela arrumaria seus poucos pertences e eles seguiriam caminho.

Quando olhou para a frente, viu Esmerell e Tatina correndo na direção dela pela chuva, levantando as saias do chão lamacento.

Que ótimo, pensou ela, revirando os olhos. Era disso que eu precisava.

Então, dois dos jogadores em quem Raisa tinha reparado mais cedo saíram pela porta dos fundos, correndo atrás das damas.

A mente de Raisa tentou entender o que estava vendo e chegou a uma conclusão rápida. Os homens *eram* ladrões, afinal, e deviam ter visto a bolsa que as ricas damas ardeninas mostraram.

— Cuidado, atrás de vocês! — gritou Raisa, disparando na direção delas, já sacando a adaga.

As mulheres não olharam para trás, apenas apertaram o passo, correndo mais rápido do que Raisa esperaria. Os jogadores estavam gritando alguma coisa no caminho. Alguma coisa que Raisa não conseguia entender. Ela ouviu a porta do estábulo se abrir e gritos e passos fortes atrás dela.

— Vão para trás de mim! — gritou ela quando as mulheres estavam mais próximas.

Mas alguma coisa a atingiu e a derrubou de lado no chão. Raisa rolou e se levantou a tempo de ver as mulheres ardeninas serem derrubadas pelos jogadores.

Edon Byrne agarrou os ombros de Raisa com firmeza e a segurou rapidamente.

Ela demorou um tempo para recuperar o fôlego e conseguir falar.
— O que está fazendo? — perguntou ela, lutando para se soltar.
Estava encharcada, suja de lama e tremendo, os dentes batendo.
Lentamente, os guardas se desembaranharam e ficaram de pé. As mulheres estavam caídas de costas, imóveis, com sangue e chuva encharcando seus vestidos caros.

Mortas pelos jogadores.

— Bom trabalho — disse Edon Byrne rudemente, assentindo para eles. — Mas, da próxima vez, não deixem que cheguem tão perto da princesa herdeira.

Os jogadores puxaram as espadas e as limpavam nas saias volumosas das mulheres. Um deles se ajoelhou e as revistou com eficiência. Encontrou três facas e uma pequena foto emoldurada. Ele olhou a foto e a entregou em silêncio para Raisa.

Era um retrato da princesa, feito para o rebatizado dela.

Byrne chutou alguma coisa para longe dos dois corpos, se abaixou e a pegou com dois dedos.

Era uma adaga, delicada, feminina e mortalmente afiada.

Remexendo em ossos velhos

A estrada para Vau de Grilhões estava mais movimentada do que Han Alister previra. Refugiados de olhos encovados seguiam para o norte enquanto o exército de Gerard Montaigne queimava os campos do sul. Pareciam enfeitiçados, alguns deles, atordoados pela calamidade, ainda usando as roupas caras estragadas que anunciavam que eles eram sangues azuis.

Parecia a Han que toda Tamron estava na estrada: camponeses à procura de refúgio nas cidades e moradores das cidades fugindo para o campo. Qual era a probabilidade de conseguir encontrar uma garota em meio ao caos, viajando sozinha ou com dois magos?

A estrada acompanhava o rio Tamron para o norte a partir de Vau de Oden. A leste ficava Arden e as frondosas árvores de folhas largas da floresta de Tamron. A oeste ficavam os campos férteis de Tamron, no momento tomados pela batalha. As fazendas e mansões queimadas ainda soltavam nuvens de fumaça.

Os mercenários pareciam gostar de queimar coisas.

Tamron podia até ser a terra com mais riquezas naturais dos Sete Reinos, mas, no momento, até para quem tinha dinheiro era difícil conseguir comida. Havia pequenos vilarejos ao longo da estrada, à distância de um dia de viagem, parecendo nós alinhados em um fio solto. Cada um era protegido por uma milícia local heterogênea, armada com forquilhas, bastões e arcos, pronta para afastar as hordas famintas (de soldados ou cidadãos) que ameaçavam invadir os vilarejos.

Felizmente, Han estava acostumado a passar fome.

Em todas as cidades havia pelo menos uma hospedaria. E, em cada hospedaria, Han fazia a mesma pergunta:

— Você viu uma garota mestiça de olhos verdes e cabelo escuro? Ela é pequena, deve ser dessa altura. — Ele posicionava a mão abaixo do ombro. — O nome dela é Rebecca Morley, e pode estar viajando com dois feiticeiros, irmão e irmã. Você se lembraria deles: os dois são altos, a irmã tem cabelo louro-platinado e olhos azuis e o irmão tem cabelo e olhos escuros.

Algumas das pessoas para quem ele perguntou fizeram piada.

— Qual é o problema, sua garota fugiu?

Mas a maioria parecia entender a expressão de Han, ou reparar no amuleto em seu pescoço ou em sua aparência cansada de viagem naqueles tempos desesperados.

Garotas desaparecidas em época de guerra não eram assunto para piadas.

Os mortos estavam em toda parte. Havia corpos pendurados em árvores como frutas sinistras girando lentamente ao sabor da brisa do sul. Havia campos de batalha cobertos de corpos de soldados mortos, lotados de abutres. Nuvens de moscas subiam das carcaças de animais na beira das estradas e corpos poluíam muitos dos rios e córregos.

Na maioria dos dias, Hans viajava sentindo o fedor de decomposição. Isso lhe lembrava Arden, quando ele e Dançarino viajaram por lá a caminho de Vau de Oden. Tinha sido mesmo quase um ano antes?

Aquele era o veneno que tinha se espalhado por Tamron e ameaçava infectar Fells.

Fique fora disso, Alister, disse Han para si mesmo. *Você já tem batalhas demais para lutar.*

Um dono de hospedaria pensou se lembrar de uma garota que batia com a descrição de Rebecca, viajando sozinha, montando um garanhão cinza grande demais para ela. Parecia uma pista fraca.

Han só podia torcer para que o grupo de Rebecca tivesse passado sem ser incomodado; para que os relatos que colocavam Rebecca no caminho do exército invasor de Gerard estivessem errados.

Era possível que ela tivesse dado meia-volta e se refugiado na capital, Corte de Tamron, no momento cercada pelo exército de Gerard Montaigne. Han pensou em fazer um desvio pelo oeste e ir em direção à capital, mas não havia como saber se ela estava lá ou não. E não haveria nada a fazer, se estivesse.

Han respirou fundo, soltou o ar e se obrigou a relaxar o pescoço e os ombros, a afrouxar os punhos cerrados.

De qualquer modo, o cabo Byrne e os Lobos Gris estavam indo para aquele lado. Han tinha o próprio caminho a seguir.

Se não fossem suas preocupações com Rebecca, Han não teria pressa alguma para chegar a Fells. Por que ficar impaciente para assumir seu posto de mercenário mágico dos clãs que o enganaram e traíram? Por que se apressar para confrontar o Conselho dos Magos? Será que queria mesmo bancar o campeão de Marianna, a rainha responsável por tantas de suas perdas — a rainha que provavelmente ainda pagaria um preço pela cabeça dele?

Mesmo quando chegasse a Fells, Han não poderia confiar que os clãs o ajudariam. Os guerreiros Demonai o desprezavam porque ele tinha o dom. Ele era uma peça descartável, útil apenas para ganharem tempo.

Se não fosse por Rebecca, ele poderia ter fugido em outra direção. Enquanto ficasse longe das montanhas, poderia evitar por meses ou anos as pessoas a quem jurara fidelidade. Sempre poderia encontrar um esconderijo nas terras baixas e ficar por lá.

Ele deu uma risada debochada. Como se isso pudesse acontecer. Han amara Vau de Oden, mas não gostava das terras baixas. Apesar de ser um garoto da cidade, fora criado em uma cidade de montanha e ficava pouco à vontade com o vazio ao redor. Desejava estar cercado por montanhas de novo.

De qualquer modo, ele nunca tivera muita sorte em passar despercebido. Mais cedo ou mais tarde teria um grupo, uma gangue para sustentar e pessoas que dependeriam dele. Pessoas que pagariam o preço por seus fracassos.

Por isso, não considerava seriamente romper o acordo com os clãs. Não fugindo, pelo menos. Não bastava estar do lado vencedor. Faria o que fosse necessário para garantir que ele, Han Alister, saísse por cima.

Han e os clãs tinham um inimigo em comum. Lorde Gavan Bayar, o Grão-Mago de Fells, causara as mortes da mãe e da irmã de Han. Torturara e matara seus amigos, na tentativa de encontrar Han e recuperar o amuleto que ele tirara dos Bayar. O amuleto de serpente tinha pertencido ao ancestral de Han, Alger Waterlow, o notório Rei Demônio. Han agora o usava no pescoço.

E então Rebecca Morley desaparecera de Vau de Oden, e o filho de Lorde Bayar, Micah, também. Se Han não encontrasse rastro de Rebecca no caminho, caçaria Micah Bayar e arrancaria a verdade dele. Se Rebecca ainda estivesse viva, era uma missão urgente. Se estivesse morta, ele faria os Bayar pagarem.

Han ficara confiante demais em Vau de Oden. Suas próprias palavras debochavam dele.

Vocês, Bayar, precisam aprender que não podem ter tudo o que querem. Vou ensinar isso a vocês.

Ele tinha dito palavras mais verdadeiras para Rebecca na última vez que a vira.

Cada vez que tento guardar alguma coisa para o futuro, ela é tirada de mim.

Ele estava voltando para casa, como um dono de rua da gangue dos Trapilhos andando em Ponte Austral, com inimigos dos dois lados. Só que, dessa vez, se sangue fosse derramado, seria do outro lado.

O que significava que ele precisava de armas melhores. Teria que arriscar uma volta a Aediion para fazer as pazes com o antigo tutor,

Corvo.

Corvo também mentira para Han — o enganara, usando-o descaradamente para tentar matar seus inimigos em comum, os Bayar. Mas Corvo ensinara a Han mais magia durante as aulas das madrugadas do que ele aprendera com todos os professores de Vau de Oden juntos.

Han queria obter o compromisso de Corvo antes de atravessar a fronteira para Fells. Precisava entrar em Aediion por um lugar seguro, pois seu corpo abandonado ficaria vulnerável no período em que ficasse ausente. A um dia de viagem ao sul de Vau de Grilhões, Han encontrou um local para acampar em um pequeno cânion onde um riacho encontrava um rio maior.

Ele esticou os cobertores na ladeira acima do riacho. Depois de cavar um buraco na terra pedregosa, fez uma fogueira pequena e sem fumaça no fundo, que não seria visível exceto diretamente de cima.

Han comeu o jantar de sempre: pão sovado, queijo, peixe defumado e frutas secas, acompanhado de chá feito com água do riacho. Em seguida, folheou o livro de feitiços, inclinado para perto do fogo para enxergar.

Corvo conseguia criar ilusões, mas não parecia capaz de fazer magia sozinho. Não tinha o *flash*, a energia gerada pelos magos que interagia com os amuletos para fazer as coisas acontecerem. Portanto, se magia era a única ferramenta capaz de provocar danos em Aediion, Han provavelmente estaria em segurança ao retornar. *Se.*

Han ainda estava usando o talismã de sorveira-alta que Dançarino de Fogo fizera para ele, o que impedira que Corvo o possuísse durante sua última visita a Aediion. Precisava acreditar que o protegeria de novo. Era um risco calculado, mas Corvo compartilhava seu ódio pelos Bayar, e Han precisava de um aliado. Corvo devia ser o único capaz e possivelmente disposto a ensinar a Han o que ele precisava para vencer.

Depois de respirar fundo, Han se concentrou na sala da Torre Mystwerk, o local de encontro nos meses que passara em Vau de Oden. Ele achava que não importava o local que escolhesse, mas aquele servia tanto quanto qualquer outro. Visualizou o piso gasto, os enormes sinos acima, o padrão do luar na parede. Fechou a mão em torno do amuleto e falou o feitiço para atravessar.

Han abriu os olhos e se viu no campanário da Torre Mystwerk, usando roupas bem-cortadas de sangue azul. Observou rapidamente o local, sempre com a mão no amuleto. Estava sozinho.

Inspirou o ar quente e úmido; ar do sul. Do lado de fora, uma carroça estalou nas ruas de pedra. Se corresse até a janela, será que a veria? Se saísse andando e fosse até o Salão Hampton, será que encontraria Dançarino? Não conseguia fazer sua mente compreender aquilo.

Han esperou. Um minuto se passou. Mais um minuto. Talvez estivesse enganado e Corvo não fosse aparecer. A decepção cresceu nele. *Paciência, Alister, pensou. Faz um mês, e Corvo não deve estar esperando que você volte.*

Finalmente, o ar tremeu na frente dos olhos dele, brilhou e pareceu ficar mais denso.

Era Corvo, mas diferente do Corvo de quem Han se lembrava. A imagem estava fraca, insubstancial, com roupas ondulando ao redor dele como asas de anjo. Seu antigo professor estava de pé, um pouco adiante, com os pés separados, os braços erguidos como se para se defender. E o cabelo, que antes era preto como carvão, estava louro-claro, quase transparente, embora os olhos continuassem do mesmo azul brilhante do qual Han se lembrava.

— Oi, Corvo.

Corvo inclinou a cabeça e observou Han como se pudesse ser atacado a qualquer momento.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele. — Não achei que fosse vê-lo de novo.

— Esta pode ser a última vez — disse Han, como se não se importasse com o que ia acontecer. — Mas pensei em dar a você a chance de explicar.

— Por que eu deveria explicar qualquer coisa para você? — perguntou Corvo, com olhar desconfiado. — Você tirou bem mais de nosso relacionamento do que eu. Dei a você a chance de se livrar de dois Bayar, e você a desperdiçou.

— Tudo bem — disse Han. — Pelo visto, foi perda de tempo. Adeus, então.

Ele segurou o amuleto e abriu a boca como se fosse dizer o feitiço de encerramento.

— Espere. — Corvo estendeu as mãos, mas baixou-as lentamente para as laterais do corpo. Pela primeira vez tinha deixado de lado os acessórios e as roupas chiques. — Fique, por favor.

Han ficou esperando com a mão no amuleto.

— Tem alguma coisa específica que você quer que eu explique? — perguntou Corvo, com um suspiro. — Para sermos mais eficientes?

— Quero saber quem você é, por que não quer que eu saiba quem você é, por que tem problema com os Bayar e por que quis se juntar a mim — disse Han. — Só para começar.

Corvo massageou a testa com o polegar e o indicador, parecendo cansado.

— Não seria suficiente se eu promettesse não enganar você no futuro?

Han balançou a cabeça.

— Não.

— Mesmo se eu contar a verdade, você não vai acreditar. É sempre assim. As pessoas se limitam desnecessariamente, depois tentam limitar você.

— Não estou descobrindo o que preciso saber — disse Han. — Eu não sou uma pessoa muito paciente.

— Nem eu. Mas tenho precisado ser incrivelmente paciente há mais tempo do que você é capaz de imaginar. — Ele pensou por um momento. — Quem sou eu? Já fui inimigo dos Bayar. O maior rival deles.

Àquela altura, já estava claro que a única forma de Han ouvir a história era em pedacinhos e enigmas.

— E agora não é mais?

Corvo deu um leve sorriso.

— Suponho que se poderia dizer que sou uma sombra. Um fantasma do meu antigo eu. Um resquício de quem eu era, feito de lembrança e emoção. Os Bayar não me veem mais como ameaça. Mas — ele bateu na têmpora — tenho algo que eles querem muito.

— Conhecimento — adivinhou Han. — Você sabe de alguma coisa que eles precisam saber.

— Sei de algo que eles precisam saber, e pretendo usar isso para destruí-los — disse Corvo, confiante. — É esse o motivo da minha existência.

Han estava perdido.

— Quando você diz que é um fantasma do seu antigo você, o que isso quer dizer exatamente?

A imagem de Corvo tremeu, se dissolveu e se rearrumou.

— Isso é tudo que sobrou de mim. Sou uma ilusão. Existo em sua cabeça, Alister. E em Aediion, o local de encontro dos magos. Não no mundo que você considera real.

— Você está dizendo que está... morto? — Han olhou para Corvo. — Isso não faz sentido.

Ou pelo menos não se encaixava muito bem com o que ele aprendera no templo. Mas ele nunca se achara um teólogo.

Corvo deu de ombros.

— O que é a morte? A perda de um corpo? A perda de uma fagulha de vida? Se for esse o caso, estou morto. Ou a vida é a persistência de memória e emoção, vontade e desejo? —

prosseguiu Corvo, como se em debate consigo mesmo. — Se for esse o caso, estou bem vivo.

— Mas você não tem corpo — objetou Han.

Corvo sorriu.

— Isso mesmo. Não tenho corpo, nada além do que conjuro em Aediion. E um corpo é necessário para se fazer as coisas no mundo real. Um corpo é necessário para a vingança contra os Bayar. Especificamente, o corpo de um mago, pois isso me permitiria usar meu conhecimento considerável de magia.

— E foi aí que eu entrei — disse Han. — Eu podia oferecer o poder de que você precisava.

— Foi aí que você entrou. — Corvo olhou para Han de forma crítica, com a cabeça inclinada. — Você parecia perfeito. É extremamente poderoso, de forma surpreendente. Tinha pouco treinamento, o que o tornava vulnerável à minha influência e ansioso para passar tempo comigo. Você odiava os Bayar, e, considerando seu passado pobre, eu supus que fosse cruel e sem princípios. Todo perfeito.

— Todo perfeito? — perguntou Han, revirando os olhos. Corvo estava sendo um pouco mais sincero do que ele gostaria de ouvir.

Corvo assentiu.

— No começo, consegui controlar você com facilidade, principalmente quando estava usando ativamente o amuleto. Eu até ajudei algumas vezes, quando você parecia estar em perigo de morrer antes da hora.

— Você está falando da cerca de espinhos quando fomos caçados pela fronteira de Delfos — disse Han. — E quando fugimos do príncipe Gerard em Corte de Arden.

Han ferira vários soldados de Montaigne com aparentemente pouca participação nos próprios atos.

— Sim. Mas, com o tempo, conforme você foi ficando mais apto, criou barreiras rudimentares para me manter longe. Muito frustrante. Eu procurei uma forma de voltar a entrar.

— E então eu vim para Aediion — disse Han.

— Para minha alegria, veio. — Corvo olhou para ele de relance.
— Em Aediion, você ainda era vulnerável a qualquer ilusão que eu conjurasse. Eu ainda conseguia entrar em sua mente. Nós podíamos ter conversas verdadeiras e eu podia ensinar você. Isso abriu uma gama de possibilidades.

— Mas... — Han franziu a testa. — Ainda houve vezes, mesmo depois que começamos a nos encontrar, que você me possuiu no mundo real, não foi?

Ele se pegara nos andares mais altos da Biblioteca Bayar entre livros velhos e poeirentos. Descobrira um mapa de Lady Gris e uma lista de encantos no bolso. Anotações rabiscadas, que agora estavam guardadas em seus alforjes.

— Eu perdia grandes períodos de tempo nos dias em que nos encontrávamos.

— No final de nossas aulas, quando você estava quase drenado de magia, as barreiras caíam. Eu conseguia assumir o controle e atravessar junto quando você saía do mundo dos sonhos — disse Corvo, sem nem um traço de arrependimento.

— Era por isso que você me fazia trabalhar tanto? — perguntou Han. — Para me cansar e poder tomar o controle?

— Bem, isso e, claro, o fato de que tínhamos trabalho considerável a fazer — disse Corvo, e então deu de ombros. — Infelizmente, você era inútil para as tarefas mágicas em seu estado esgotado, senão eu teria ido atrás dos Bayar nesses momentos. Mas isso me permitiu sair no mundo.

Han sentiu arrepios ao imaginar Corvo habitando seu corpo.

— E você escolhia passar o tempo em uma biblioteca velha e poeirenta.

Corvo franziu a testa para Han, parecendo consternado.

— Você se lembra disso?

— Você me deixou no lugar errado algumas vezes. Em meio às estantes.

— Eu só tinha uma breve janela de tempo até seu amuleto ficar completamente vazio — explicou Corvo. — Várias vezes, ficamos sem nada antes que eu pudesse devolver você para o lugar onde deveria estar.

— Bem, eu pensei que estivesse enlouquecendo. O que você estava procurando?

— Eu só estava tentando ficar à sua frente — disse Corvo, mordendo o lábio e desviando o olhar. — Você é um aluno desafiador, Alister, sempre fazendo perguntas e exigindo respostas.

— Não acredito em você. Acho que estava seguindo algum plano. Será que estava procurando uma forma de assumir o controle do meu corpo de forma permanente?

Os olhos de Corvo brilharam, o que significava que Han tinha acertado.

— Isso teria sido perfeito. Mas impossível, ao que parece. — Corvo fechou os olhos, como se revivesse tudo. — Você consegue imaginar, Alister? Consegue imaginar como era para uma sombra como eu vivenciar o mundo de novo por todos os seus sentidos? Visão e tato, olfato e paladar e audição?

— Eu não teria ido para a biblioteca, isso eu afirmo — respondeu Han.

Corvo riu.

— Gosto de você, Alister. Tudo isso teria sido mais fácil se você fosse detestável. E burro. Você teria sido consideravelmente mais tratável.

— Tratável não leva a nada — disse Han, sentindo-se um garoto do interior na feira.

Corvo tinha jogado tanta informação sobre ele que Han não conseguia ver onde estavam as lacunas. As perguntas latejavam em seu cérebro.

— Então. Fui mais franco com você do que costumo ser — disse Corvo, interrompendo os pensamentos dele. — Agora, me conte:

por que você voltou? Devo supor que ainda quer alguma coisa de mim?

— Estou voltando a Fells para lutar contra os Bayar e talvez todo o Conselho dos Magos — disse Han.

— Sozinho? Isso parece ambicioso demais, até para você — respondeu Corvo, seco. — O que exatamente você espera conseguir? Além de jogar sua vida fora.

Han sabia que precisava dar um motivo que o cínico Corvo compreendesse. Um motivo que tornasse Corvo seu aliado, ao menos por um tempo.

— Os Bayar querem colocar Micah Bayar no trono Lobo Gris — disse Han. — Não vou deixar isso acontecer.

— Humm. Os Bayar são bem persistentes — murmurou Corvo. — É uma pena que o jovem Bayar não tenha morrido em Aediion. — Ele fez uma pausa e fitou Han com olhos estreitos, para ver se ele sentira a alfinetada. — O que existe entre *você* e os Bayar? O que eles fizeram para você?

— Eles mataram minha mãe e minha irmã um ano atrás — respondeu Han. — Elas eram toda a minha família. E, recentemente, havia uma garota, Rebecca. Minha... hã... professora. Ela desapareceu, e os Bayar são responsáveis. Acho que fizeram isso para se vingar de mim.

Corvo olhou nos olhos de Han.

— Seu pobre infeliz — disse ele, balançando a cabeça. — Você está apaixonado por ela, não está?

Maldita expressão franca de Aediion, pensou Han com irritação.

Corvo riu.

— Vou lhe dar um conselho: não entre em guerra por causa de uma garota. Não vale a pena. O amor transforma homens sábios em tolos.

— Eu não vim pedir conselhos — disse Han. — Vim atrás de poder de fogo. Minhas chances são pequenas. Mesmo se você ajudar.

— Você voltou para me pedir ajuda, mesmo depois do que aconteceu na última vez? — Corvo ergueu as sobrancelhas. — Achei que você fosse mais inteligente.

— Tudo é um risco. Existe a possibilidade de você me trair de novo, mas agora estou alerta, então é menos provável que você consiga provocar algum dano real. O risco dos Bayar, por outro lado, é real e iminente.

Corvo ficou parado, as pernas ligeiramente separadas, observando Han como se nunca o tivesse visto antes.

— Impressionante, Alister, que palavras complicadas. Essa jovem, essa sua professora, ela poliu *mesmo* você, hein?

Rebecca. As entranhas de Han deram um nó. Em troca, ele provavelmente fizera com que ela fosse morta.

— Por dentro ainda sou o mesmo. Vou conseguir o que quero e ninguém vai me atrapalhar. Nem você. Vamos fazer isso do meu jeito, ou você está fora. É pegar ou largar.

— Tudo bem — disse Corvo. — Vamos fazer as coisas do seu jeito. Mas eu *vou* lhe dar um conselho, e você pode escolher usá-lo ou ignorá-lo.

— É justo — disse Han, com as perguntas se reacendendo na mente. — Mas, primeiro, preciso saber: o que aconteceu entre *você* e os Bayar e quando foi? Onde você esteve nesse meio-tempo? E como acabou me escolhendo?

— Alguma dessas coisas importa mesmo? — perguntou Corvo, virando-se, para Han não conseguir ler sua expressão. — Isto é uma aliança de conveniência, nada mais. Não basta?

— Eu aprendi que sempre que você não quer falar sobre alguma coisa, é essa coisa que quero saber — disse Han, enquanto pensava: *se eu souber o porquê, se souber o que motiva você, posso prever melhor quando vou levar a facada nas costas.*

— Como falei, se eu contar a verdade, você não vai acreditar.

Corvo andou de um lado para outro, sua imagem tremendo de novo, o que Han tinha aprendido a reconhecer como sinal de

agitação. Será que a lembrança era tão horrível que Corvo não conseguia suportar a ideia de trazê-la à tona?

— Experimente — disse Han enquanto Corvo continuava andando, agitado. — Vamos lá. Pelo menos, me conte uma boa mentira. Pode ser que você me convença.

— Não importa para você o que aconteceu. Foi bem antes de você nascer.

Você não é tão velho assim, pensou Han, mas lembrou que Corvo podia ter qualquer idade.

— Nada que você diga pode me chocar — afirmou Han. — Não acontece mais nada enquanto eu não souber qual é sua história.

Corvo finalmente se virou para encará-lo. Um sorriso amargo distorcia seu rosto.

— Vamos ver — disse ele. — Vamos ver o quanto você é imprudente.

A imagem dele mudou um pouco, se acentuou, entrou em foco. O cabelo permaneceu claro, brilhando, emoldurando feições refinadas de sangue azul, com olhos da cor de flores da montanha e uma boca bem-humorada. Como antes, ele parecia ter apenas poucos anos a mais do que Han.

As roupas ficaram mais elaboradas, um casaco bem-cortado de cetim e brocado, estranhamente antiquado, da cor de champanhe, alguns tons mais escuro do que o cabelo. Ele irradiava poder, tão lindo quanto uma fantasia.

— Você perguntou como eu sou de verdade — disse Corvo, girando em um pequeno círculo e esticando os braços. — Deleite seus olhos. Eu era assim quando enfrentei os Bayar.

As estolas de mago ao redor do pescoço dele exibiam imagens de corvos e o casaco tinha um desenho bordado, uma serpente e um cajado entrelaçados, passando por uma coroa entalhada com lobos.

O desenho era familiar. Onde Han o vira antes?

— Foi uma época emocionante e perigosa — disse Corvo. — Eu era jovem e poderoso, e competia com os Bayar em todas as arenas: politicamente, magicamente e em... — ele se atrapalhou um pouco com as palavras — em todos os tipos de relacionamento. Quando parecia que eu os tinha vencido de vez, fui traído, e os Bayar me capturaram. Quando isso aconteceu, eu me refugiei no amuleto que carreguei por tanto tempo.

Han bateu no amuleto com o indicador.

— Você está dizendo que se escondeu em um *faz-feitiço*?

Corvo sorriu.

— Descrença imediata, como eu previ. Adoro estar sempre certo. Como disse, eu era um usuário inovador de magia. Esperava que o amuleto fosse parar em mãos amigas. Infelizmente, os Bayar perceberam que a chave de tudo que eles desejavam estava no amuleto. Apesar de estarem tentando extrair os segredos dele há mais de mil anos, foram espetacularmente malsucedidos.

Han lutou para juntar as peças que Corvo tinha dado. Era como montar um quebra-cabeça que só revela o significado quando a última parte é encaixada.

Só que a imagem que estava se formando era impossível.

Como se Corvo tivesse lido a mente de Han, um amuleto apareceu em seu pescoço, pendurado em uma corrente pesada de ouro, a imagem perfeita do amuleto de serpente.

— Eu sou o dono original do amuleto que você carrega agora — disse Corvo. — Mandei fazer para mim quando tinha sua idade. Eu precisava de algo poderoso o bastante para conjurar magia que o mundo nunca tinha visto. Não existe outro igual.

Han ficou paralisado, e cada palavra que poderia ter dito ficou presa na garganta.

— Depois que Hanalea me traiu, não ousei me revelar aos Bayar — explicou Corvo. — Por isso, fiquei aprisionado por um milênio. Quando o amuleto caiu em suas mãos, eu aproveitei a

oportunidade. É claro que fiz o melhor que pude para garantir que eles não o recuperassem.

Han olhou para o amuleto e acompanhou a cabeça da serpente com os dedos. Encarou Corvo, a mente viajando até o final daquela estrada.

— Você não pode estar falando sério — sussurrou ele. — Isso não pode ser verdade.

Corvo continuou sorrindo, mas seus olhos azuis estavam duros como gelo.

— Meu nome era Alger Waterlow — disse ele, acariciando o amuleto de serpente. — O último mago rei de Fells.

Han olhou para Corvo, sem palavras, a mente fervilhando como uma poção feita com ingredientes incompatíveis.

Corvo inclinou a cabeça.

— Você parece adequadamente surpreso, Alister. Vou deixá-lo com isso, então, e dar a você tempo para pensar em tudo antes de falar ou fazer qualquer coisa precipitada. Como sem dúvida já percebeu, estou sempre aqui e sempre disponível. Volte a Aediion quando estiver pronto para fazer uma aliança comigo. Se isso for acontecer.

Ele olhou para Han por um longo momento, examinando seu rosto como se esperasse fazê-lo ficar. Em seguida, desapareceu como uma vela barata se apagando.

Boas e más notícias

Durante a longa viagem de Vau de Grilhões a Delfos, Raisa se esqueceu, em alguns momentos, de que estava furiosa.

Furiosa com Gerard Montaigne, o monstro que mantinha seus amigos presos.

Furiosa com as pessoas de Fells que estavam conspirando para roubar o que era dela por direito, usando meios como assassinato ou similares.

Furiosa com o capitão Edon Byrne, que parecia disposto a sacrificar o próprio filho pela linhagem Lobo Gris.

Furiosa, principalmente, consigo mesma. Se ela não tivesse abandonado o reino, um ano antes, nada daquilo teria acontecido.

Mas não era fácil permanecer furiosa enquanto adormecia na sela. Raisa acordava assustada e encontrava a mão do capitão Byrne em suas costas, impedindo que caísse.

— Coma alguma coisa, Alteza — dizia ele, entregando a ela um saco de frutas secas e nozes. — Comer vai ajudá-la a ficar acordada.

Ela aceitava sem pensar, sem lembrar que não o tinha perdoado. Quando lembrava, ele já tinha se adiantado com o cavalo ou ficado para trás, longe demais para que falasse com ele com facilidade. Não conversava com ele a não ser que fosse absolutamente necessário, pois não havia como prever o que sairia de sua boca.

Byrne os fez avançar como um louco; Raisa desconfiava que teria mandado que cavalgassem a noite toda, se os cavalos aguentassem. Como isso não era possível, eles acordavam antes do

amanhecer e cavalgavam até bem depois de anoitecer, apesar de os dias estarem ficando mais longos e os campos mais verdes ao redor deles, e as encostas mais baixas das montanhas do norte já terem perdido a cobertura de neve.

Byrne preferira viajar para o leste, pelo norte de Arden, e não diretamente para o norte, como Raisa tinha pensado em fazer. A justificativa era simples:

— Se Lorde Bayar sabe que você estava em Vau de Grilhões, espera que entre no reino pela Muralha Ocidental. Precisamos fazer o inesperado.

O exército de Arden tinha se direcionado para o sul, para guarnecer a fronteira com Tamron, pois o único irmão de Gerard ainda vivo, o rei Geoff, aguardava o desenrolar do cerco a Corte de Tamron. Os campos estavam estranhamente silenciosos, como se o reino inteiro estivesse prendendo a respiração.

Eles não podiam cavalgar pelo terreno irregular no escuro, então se arriscaram pela estrada de Delfos, ao norte de Arden, contornando morros, pretendendo atravessar a parte mais baixa das Montanhas Espirituais pelo Passo de Pinhos Marisa.

Raisa entendia que velocidade era essencial. Não havia sentido em fazer uma jornada longa, árdua e perigosa por Arden e Tamron para chegar em casa e descobrir que sua irmã, Mellony, tinha sido nomeada princesa-herdeira em seu lugar.

Além do mais, o capitão Byrne não iria querer passar mais tempo do que o necessário com uma princesa zangada, mal-humorada e desanimada. E ele estava preocupado com a mãe de Raisa, Marianna, a rainha à qual tinha jurado servir e proteger.

Raisa também se preocupava com a mãe. A preocupação comprimia suas entranhas como um espartilho apertado demais.

Os longos dias de cavalgada lhe davam tempo demais para pensar. A mente de Raisa viajava mais rápido do que os cavalos: até Fellsmarch, até o castelo de fadas em uma ilha no rio Dyrne,

até os aposentos particulares da mãe, onde planos estavam sendo feitos para tirar o trono de Raisa.

Uma imagem da mãe e de Lorde Bayar surgiu na mente dela: suas cabeças próximas, debruçados sobre algum documento importante, o cabelo de Marianna como ouro pálido, do tipo mais puro, o do Grão-Mago prateado e preto como cinzas de madeira.

Quando Raisa estava na corte, ela e a mãe eram como fogo e gelo, cada uma determinada a mudar a forma e a natureza da outra. Agora, Raisa esperava que pudessem se complementar, cada uma usar a força da outra, para que se tornassem uma liga de aço, caso a mãe lhe desse a chance.

Mellony não serviria; tinha apenas 13 anos e era parecida demais com Marianna.

— Mãe, por favor — sussurrou Raisa. — Por favor, me espere.

Em seus momentos mais sombrios, Raisa sabia que era tudo sua culpa: a crise em casa, a invasão de Tamron e o que acabaria acontecendo a Amon Byrne e aos outros cadetes quando Gerard Montaigne atravessasse os muros de Corte de Tamron. Se não fosse por ela, Edon Byrne estaria em casa, onde era seu lugar, cuidando da rainha, e Amon seria o comandante de sua turma em Vau de Oden.

Também tinha perdido Han Alister. O romance que florescia entre eles fora arrancado pelas raízes. Ele fora o único namorado de Raisa que não desejava mais da relação do que qualquer jovem apaixonado deseja. Apesar de não terem futuro juntos, ele deixara um vazio enorme no coração dela.

Parecia que tudo que ela tocava virava areia. Tudo de que gostava escorregava por entre os dedos.

Nesse estado de espírito, fechou os ouvidos para a voz racional que dizia: *Você nunca teria amado Han Alister se não tivesse saído de Fells. Nem teria conhecido Hallie e Talia e Pearlie. Nem teria aprendido o que é ser soldado. Se sobreviver, vai ser uma rainha melhor por causa disso.*

Ela alimentou a raiva, cuidou dela e permitiu que se espalhasse, porque era a melhor alternativa ao desespero.

Tinha que torcer para que Gerard Montaigne ainda estivesse ocupado a oeste, mantendo o cerco a Corte de Tamron. Se a cidade ainda não tivesse se rendido, o príncipe de Arden não saberia que Raisa tinha fugido. E, enquanto a cidade resistisse, Amon viveria.

Algumas peças de seu jogo mental de tabuleiro ainda estavam desaparecidas; Micah Bayar e a irmã, Fiona, por exemplo. Ela os vira pela última vez na fronteira entre Tamron e Arden, durante a batalha entre a brigada de Tamron e o exército bem maior de Montaigne. Teriam escapado? Ou morrido na primeira batalha de uma guerra não declarada?

Raisa fechou as mãos enluvadas, mal-humorada como um texugo com o pé em uma armadilha. A Guarda da Rainha aprendera a pisar em ovos perto dela para não receber algum desaforo imerecido.

A paisagem foi ficando mais bonita quando deixaram para trás as planícies encharcadas de Tamron e subiram as colinas. Ciprestes deram lugar a bordos e carvalhos, e depois, a faias e pinheiros.

Passaram a noite em Delfos, a cidade-estado entre Arden e Fells que fornecia carvão, ferro e aço para todas as nações dos Sete Reinos. A cidade estava lotada de refugiados de Arden e Tamron, pois só tolos e desesperados se aventurariam no Passo com a neve ainda uivando nos picos e cobrindo os vales mais altos.

Byrne levou Ghost até uma comerciante de cavalos e o trocou por um pônei montanhês resistente, mais adequado à viagem pelo Passo naquela estação. A comerciante ficou tão surpresa com o bom negócio que lhe deu de brinde uma sela e um bridão de excelente qualidade, fabricado pelos clãs, com peças de prata.

O pônei era uma fêmea cinza pintada e peluda com crina e rabo brancos. Raisa rapidamente a rebatizou de Switcher, como tinha passado a ser seu costume. Tinha trocado de cavalo vezes demais nos últimos seis meses, e assim era mais fácil lembrar.

Naquela noite, Raisa dormiu em uma cama cheia de caroços em um quarto alugado para os onze pelo preço aviltante de uma coroa por cabeça. A guarda se espalhou no chão ao redor dela como uma ninhada de filhotes de cachorro grandes demais. Eles eram mais velhos, mas não muito.

Alguns adormeceram logo, roncando e murmurando enquanto sonhavam. Ela invejava aquela capacidade de apagar assim que paravam de se mexer. Outros jogavam cartas ou liam perto de velas compradas por mais uma coroa cada. Se Raisa ia ao banheiro, o capitão Byrne mandava um acompanhante junto. Ela nunca sabia se era para protegê-la ou impedir que fugisse. Quando perguntou, ele respondeu:

— Para protegê-la, Alteza. É claro.

Partiram bem antes do amanhecer, com estrelas ainda pontilhando o céu. Byrne queria chegar ao Passo ao anoitecer. No verão, aquela seria uma viagem árdua e desafiadora. No inverno ou na primavera, era quase impossível. Até imprudente.

Depois de Delfos, a estrada pavimentada passou a ser de terra e cheia de sulcos deixados por rodas; depois se tornou apenas uma trilha ladeada por grandes rochas de granito, e o caminho era tão estreito que só dava para passar um cavalo por vez. Em pouco tempo, trechos de neve começaram a surgir nas áreas sombreadas de cada lado da trilha. Ao meio-dia, o chão estava coberto, e eles viajavam sobre neve batida e gelo. À tarde, a trilha se tornara intermitente nas áreas em que o vento soprava.

A neve caía dos juníperos na trilha e perfumava o ar com um aroma intenso e doce. A floresta ao menos os protegeria do vento até que estivessem acima da linha da copa das árvores.

Uma tempestade na noite anterior cobrira de gelo os galhos, que agora brilhavam à luz do sol enquanto a brisa os balançava. Pegadas de lebres e outros animais pequenos atravessavam o caminho. Raisa flexionou os dedos dentro das luvas, perguntando-

se se deveria botar a corda no arco que Byrne lhe dera, e que carregava na sela.

Eles provavelmente preferiam que ela ficasse desarmada, considerando que estava com raiva o suficiente para disparar em alguém.

Estava com mais saudade de cavalgar nas trilhas das montanhas de Fells do que percebera. Em Vau de Oden, ficara tomada pelo trabalho, com pouco tempo para cavalgar por prazer. As aulas de equitação refletiam o estilo de guerra das terras baixas. Os cadetes das terras baixas cavalgavam em formação precisa por paisagens amplas e planas, guiando os cavalos como dançarinos mortíferos, cheios de armas.

Raisa aumentou a velocidade de Switcher, e seu pouco peso permitiu que avançasse mais rápido do que a guarda. Subiram mais e mais, atravessando sol e sombras, com galhos gelados batendo no rosto dela, a respiração virando vapor e cristalizando em seu cabelo e seu chapéu de lã.

Quando chegou ao alto da colina, Raisa puxou as rédeas.

As Montanhas Espirituais estavam diante dela, logo depois de um vale amplo, completamente visíveis pela primeira vez; picos atrás de picos cobertos de neve e nuvens. Espirais verdes de abetos e bétulas manchavam a base das encostas. A sombra azul e fria da neve enchia os vales em que o sol ainda não tinha penetrado. Picos cinzentos de granito eram parcialmente ocultos pela névoa e pela neve. A voz fria das Espirituais a chamou, e alguma coisa dentro de Raisa respondeu.

Aquela era a moradia de seus ancestrais, sangue e ossos das rainhas das terras altas. E, em algum ponto à frente, a cidade de Fellsmarch se escondia no Vale. Em algum ponto à frente, sua mãe esperava, a mãe que podia estar planejando deserdá-la.

Switcher ficou parado, pernas afastadas, respirando com dificuldade, apesar do pouco peso de Raisa.

— Me desculpe — murmurou ela, acariciando o pescoço do animal, sabendo que tinham um caminho ainda mais difícil à frente.

Os picos mais ao sul eram de terras matriarcais, gentis e antigas, esculpidas pelos ventos que sopravam do norte depois do solstício. Aquelas montanhas eram tão antigas que seus nomes tinham sido esquecidos.

Mas à frente ficava a imponente Hanalea, a maior e mais terrível de todas as montanhas. Plumadas de vapor subiam das fontes quentes, dos gêiseres e dos poços de lama que cobriam suas encostas, onde o Subterrâneo rompia a fina camada da terra. O nome dela nunca seria esquecido, não enquanto as pessoas se lembrassem da Cisão e seguissem a Naéming.

Ao sul e a oeste ficava Corte de Tamron, onde Amon Byrne estava encurralado pelo exército de Montaigne. Mais a leste ficava Vau de Oden, onde Raisa deixara Han Alister sem se despedir.

Mais uma vez, a dor se espalhou pelo peito dela, dificultando a respiração. Não era luto exatamente, mas... Bem, sim, luto pelas palavras que nunca seriam ditas, por um amor que nunca seria consumado e por um amigo cuja vida estava em grave perigo.

Talvez fosse melhor assim. Melhor para Han, pelo menos. Supondo que Raisa sobrevivesse, estava destinada a um casamento político. Han já tinha perdido a família e a maioria dos amigos. Um envolvimento maior na política traiçoeira da corte Lobo Gris provavelmente faria com que acabasse morto. Ele estava se saindo bem na escola em Vau de Oden. Era melhor ficar por lá e esquecê-la.

Talvez já tivesse esquecido.

Ela puxou as rédeas com força e olhou para a frente, respirando fundo, mordendo o lábio, sem mais ver o que estava adiante.

Quando a guarda a cercou, Raisa ouviu o estalo do couro das selas, o som dos cascos nas pedras, os ruídos suaves dos cavalos. Inspirou o aroma de lã úmida e de soldados na estrada por tempo demais.

— Alteza.

Raisa se encolheu, ainda olhando para a frente.

— Vossa Alteza, por favor — disse Byrne. — Eu gostaria que não insistisse em seguir tão à frente.

Dessa vez, ela se virou na sela e olhou para o rosto dele, queimado pelo vento e agora marcado de preocupação.

— Achei que você tivesse dito que estamos com pressa — respondeu Raisa.

— Sim, estamos. Mas Vossa Alteza deveria ficar no meio do grupo, não abrindo caminho na frente. Não podemos protegê-la se sumir de vista.

— Eu sou uma prisioneira, que precisa ser vigiada constantemente?

Sem conseguir controlar o tremor na voz, ela fechou a boca e olhou para o chão.

Byrne a olhou por um longo momento, depois se virou na sela e acenou com a mão enluvada para que os outros se afastassem, preferindo que não ouvissem a conversa.

— Quinze minutos para descansar os cavalos antes de seguirmos em frente! — gritou ele.

Byrne desmontou e soltou as rédeas para que o cavalo pudesse comer a vegetação esparsa. Raisa também desmontou e se protegeu do vento entre os dois cavalos.

— Estamos aqui para servi-la e protegê-la, Alteza, não para sufocá-la — disse Byrne. Seus olhos cinzentos a reprovavam.

Raisa sabia que estava sendo irracional, mas não conseguia evitar. Não conseguia nem confiar em si mesma para responder. Então, tirou as luvas com os dentes. Trabalhando rapidamente, antes que as mãos ficassem dormentes, prendeu as pontas do cabelo congelado que tinham se soltado com o vento. A pele do rosto e das mãos já estava rachada, apesar das camadas de creme de lanolina que passava de manhã e à noite.

— A Guarda da Rainha serve à rainha e à princesa-herdeira e à linhagem Lobo Gris — insistiu Byrne, olhando ao longe, os ombros largos encolhidos contra o vento.

— E se nossos interesses não baterem?

Raisa secou os olhos, torcendo para o frio servir de desculpa para estar fungando.

O capitão não respondeu, pois não havia resposta. Arrumar briga com o capitão Byrne era tão frustrante quanto atacar um muro de tijolos. Ele permanecia sólido e imóvel enquanto você ralava o próprio nariz.

— Talvez devêssemos conversar sobre o que vai acontecer quando chegarmos — sugeriu Byrne, ainda desviando os olhos por educação.

Raisa assentiu e recolocou as luvas. Parecia um tópico seguro, pelo menos: sua chegada a Fells. Pois estava começando a parecer que isso realmente aconteceria.

— Vou passar pelo menos uma noite no Campo Pinhos Marisa, até saber se é seguro ir para a cidade — disse Raisa.

Essa ideia, é claro, apresentaria riscos próprios, se aquilo em que a mãe acreditava fosse verdade: se o clã Demonai de fato preferisse depor Marianna e colocar Raisa no trono em seu lugar. Raisa ficou subitamente feliz por terem decidido seguir pela rota oriental em vez de viajarem pelo Campo Demonai. Só que...

— Meu pai estava residindo no palácio quando você partiu ou estava em Demonai? — perguntou Raisa. — Quero me encontrar com ele assim que chegarmos.

O pai de Raisa era um comerciante do clã e patriarca do Campo Demonai. Dividia o tempo entre a cidade, os campos das terras altas e expedições comerciais pelos Sete Reinos. Ele teria as notícias mais recentes.

— O consorte real estava morando na Casa Kendall — respondeu Byrne. — Pelo menos estava quando saí de Fellsmarch, três semanas atrás.

Casa Kendall, pensou Raisal, franzindo a testa, desejando que ele estivesse morando no palácio. A Casa Kendall era uma mansão requintada dentro da propriedade do castelo. Representava uma espécie de posto de passagem para o afeto da mãe; não completamente exilado, mas também não acolhido intimamente.

O pai de Raisal, Averill Pés Ligeiros, exercia uma influência firme sobre a mãe dela quando a rainha o deixava se aproximar. Era um contraponto à influência de Lorde Bayar.

— E quanto aos guerreiros Demonai? — perguntou Raisal. — O que você soube deles?

Byrne deu de ombros.

— Não tenho com os clãs a ligação que você e seu pai têm. — Ele fez uma pausa. — Certos ou errados, os Demonai parecem convencidos de que Marianna pretende deserdá-la. Acho que podemos supor que estão se preparando para a guerra.

Raisal apertou a capa ao redor do corpo. O sol passou atrás de uma nuvem, e de repente o vento pareceu mais cortante.

A conversa pareceu lembrar a Byrne a urgência daquela missão.

— É melhor seguirmos em frente para aproveitarmos a luz.

Ele entrelaçou os dedos, oferecendo apoio para Raisal subir no cavalo, e dessa vez ela aceitou.

CAPÍTULO QUATRO

Comitê de recepção

No fim do dia, ainda estavam subindo na direção do Passo de Pinhos Marisa, a grande passagem sudoeste para Fells. A leste, o céu azul ficara escuro e algumas estrelas apareceram baixas no horizonte. Mas Byrne estava de olho nas nuvens cinzentas a noroeste.

— Sangue do demônio — murmurou ele. — Mais neve. E vai chegar antes do amanhecer. Era só o que nos faltava, ficarmos presos por causa de uma tempestade. — Ele observou os altos das árvores e avaliou a velocidade e a direção do vento. — Não tem como chegarmos ao Passo esta noite, então é melhor estarmos protegidos quando a tempestade cair.

Aumentaram o ritmo e seguiram para um abrigo que Byrne conhecia na extremidade sul do Passo e que os protegeria do vento e da neve. Raisa cavalgou em uma espécie de estupor congelado, o capuz puxado sobre o rosto, aproveitando todo calor possível de Switcher.

O vento começou a aumentar bem antes de chegarem a seu destino, fazendo neve fina subir do chão, cair de árvores e ser lançada no rosto deles. Em pouco tempo estava completamente escuro, e mais escuro ainda, pois as nuvens em movimento engoliram as estrelas. Eles não viram a lua nascente. Começou a nevar, primeiro de leve, depois foi ficando mais forte, lascas finas de gelo que machucavam a pele exposta e aumentavam a infelicidade do grupo.

Em Vau de Oden, Raisa nunca precisara de nada mais pesado do que luvas de couro de bode. Ela protegeu uma das mãos e depois a outra dentro da capa, guiando Switcher só com os joelhos. Mas Byrne, que não deixava muita coisa passar, entregou a ela um par de luvas compridas de cavalgada, feitas de lã com couro de cervo nas palmas. Trabalho dos clãs, sem dúvida. Raisa as calçou com gratidão.

Os cavalos não passavam de sombras na escuridão. Byrne esticou uma corda entre todos para que não se perdessem. Ele parecia encontrar o caminho por instinto. Não tinham escolha além de seguir em frente, pois precisavam encontrar abrigo contra a tempestade crescente.

A situação se parecia muito com um dia na primavera anterior em que Raisa, a mãe, a irmã, Mellony, Byrne e Lorde Bayar foram caçar nas encostas mais baixas. Um incêndio descera pelas montanhas, e eles se refugiaram em um cânion. Cavalgaram através da fumaça e das cinzas unidos por cordas, quase sem conseguir ver o cavalo à frente. De repente ficara muito quente, o ar denso demais para respirarem. Agora, o ar parecia fino, faltando essência, estalando nos narizes. Estava frio demais.

Na primavera anterior, os magos Lorde Bayar, Micah e os primos de Micah, os irmãos Mander, tinham salvado a vida de todos ao apagarem o fogo magicamente.

Fora mesmo menos de um ano antes?

Switcher seguia atrás do cavalo de Byrne, o focinho e a crina cobertos de gelo, os flancos soltando vapor no ar gelado. A neve estava tão fina e alta que os cavalos pareciam estar nadando em um oceano branco como leite.

Por fim, incrivelmente, saíram da área arborizada para uma pequena clareira protegida por um muro de pedra vertical. Encostada na face da pedra havia uma construção firme de madeira com chaminé de pedra e telhado coberto de neve. E, ao lado, um abrigo rudimentar para os cavalos. O pônei de Raisa parou sozinho,

como se pressentisse que havia alívio por perto. Tirando neve dos cílios, Raisa olhou para as construções, com medo de sumirem com a mesma rapidez com que tinham aparecido.

Ao redor, os guardas, aliviados, estavam desmontando, tirando a neve acumulada nas roupas e levando os cavalos para o abrigo.

Switcher bateu com a pata de forma impaciente, mas Raisa não se mexeu. Ela apertou os olhos na direção da cabana, achando que havia alguma coisa errada na cena à frente. Captou um leve aroma de fumaça, embora o ar estivesse tão frio que era quase doloroso respirar.

Então, ela os viu. Em meio ao branco que caía do céu, eles avançaram na direção dela, as caras e os pelos cobertos de neve e os olhos emitindo um aviso. Lobos, dezenas de lobos, a floresta fervendo de corpos cinza e brancos que surgiam na clareira, guiados pela familiar loba de olhos cinzentos.

Eram os ancestrais dela, as rainhas Lobo Gris. Um aviso de que a linhagem estava em perigo.

Ainda montado, Byrne se aproximou.

— Alteza? Devo ajudá-la a desmontar?

O capitão estava olhando para ela com a cabeça inclinada, como se estivesse prestes a fazer outra pergunta.

Ela colocou uma das mãos no braço dele para impedi-lo e, com a outra, apontou para a cabana. Seus dentes batiam tanto que ela nem conseguia dizer as palavras direito.

— Byrne... Não há neve... na chaminé... em frente à porta.

Ele acompanhou o olhar dela e percebeu na mesma hora. Não saía fumaça da chaminé, mas a neve tinha derretido ao redor dela. Havia neve caída sobre a casa, mas não na frente da porta. O que significava que havia alguém dentro ou por perto. Só que ninguém sairia de um abrigo por vontade própria em uma tempestade daquelas. Também não apagaria o fogo da lareira, a não ser que estivesse tentando esconder sua presença.

Byrne gritou um aviso quando as primeiras bestas soaram do bosque ao redor. Os soldados no chão ergueram o rosto, surpresos. Alguns caíram onde estavam, o sangue escuro fumegando contra a neve. Outros conseguiram subir nos cavalos, levá-los até as árvores e pegar as armas com dificuldade, com as mãos enluvadas. Mas não muitos.

Raisa permaneceu imóvel, vendo tudo aquilo como se fosse um show e ela fosse uma espectadora, até que Byrne empurrou sua cabeça para baixo.

— Fique abaixada e me siga! — rosnou ele, inclinando-se junto ao pescoço do cavalo e batendo os calcanhares nos flancos do animal.

Eles atravessaram a clareira em um zigue-zague, com Byrne na frente. Raisa se encolheu quando alguma coisa zumbiu perto do ouvido, queimando a pele da nuca. Ela apertou o rosto no pescoço de Switcher, o coração retumbando de medo.

Quando chegaram às primeiras árvores, uma forma se materializou em meio aos flocos de neve; um homem de pé, brandindo uma espada enorme. Switcher relinchou e recuou. A lâmina quase cortou a cabeça de Raisa, mas acertou o ombro do pônei. Raisa teve um vislumbre de um rosto sorridente e barbado quando o homem esticou a mão para ela, agarrando sua capa.

Seus olhares se encontraram, e uma expressão de reconhecimento assustado passou pelo rosto coberto de cicatrizes do homem. Ele também pareceu estranhamente familiar para Raisa.

Não havia tempo para pensar no assunto. Ela guiou a cabeça de Switcher para o outro lado, ficou de pé no estribo e acertou a bota no queixo do agressor. A cabeça dele estalou para trás, e o homem desapareceu de vista quando eles dispararam para a escuridão.

Os sons de luta se perderam, mas Byrne continuou a levar os cavalos exaustos adiante, sem trégua. O vento uivava e os flocos de neve reduziam o mundo ao redor deles a um espaço de poucos

metros, interrompidos pelos esqueletos cinzentos das árvores. À esquerda e à direita, Raisa via corpos cinza correndo pelo bosque, acompanhando-os com facilidade. Eles ainda estavam em perigo.

Raisa orou:

— Doce Lady acorrentada, nos ajude.

Era estranho como um atentado à vida pudesse tirá-la do estado de espírito anterior.

O clima era uma bênção e uma maldição. Parecia lutar contra eles a cada passo do caminho, mas, com o vento e a neve, todos os rastros da trilha que seguiam seriam apagados momentos depois que passassem. Quando a camada de neve ficou mais funda, o progresso deles desacelerou, os cavalos andando com dificuldade. Switcher seguia atrás do de Byrne, com a cabeça no flanco dele.

Por fim, Switcher parou de andar. Raisa se empertigou e puxou o capuz. Byrne tinha parado. Ele observou a escuridão em toda a sua volta, prestando atenção aos ruídos, com a cabeça inclinada. Então assentiu como se estivesse satisfeito, saiu da trilha invisível e foi para a neve profunda à esquerda, passando por áreas que iam até o peito dos cavalos em algumas partes.

Pararam em um bosque de pinheiros cobertos de neve cujos galhos tocavam o chão. Byrne desmontou contra o vento, em um dos lados de uma grande árvore, e fez sinal para Raisa imitá-lo. Depois de colocar a bolsa de viagem no ombro, ela tentou descer, mas descobriu que os membros congelados não obedeciam mais a seus comandos. Murmurando um pedido de desculpas, Byrne deslizou os braços protegidos para debaixo dela e a ergueu do pônei. Com o ombro, abriu caminho por entre os galhos até o abrigo de uma árvore.

Ali, na escuridão com aroma de pinho, o ambiente parecia quase ameno, o grito incessante do vento emudecido pelos galhos densos com camadas de neve. Byrne a colocou em um tapete de agulhas de pinheiro.

— Vou cuidar dos cavalos — disse ele, e deu meia-volta.

Raisa olhou ao redor. Não havia lobos por perto. Portanto, estavam seguros, ao menos temporariamente.

Resistindo à tentação de se encolher e dormir, ela tirou as luvas e as botas e começou a massagear os dedos, sabendo que podiam congelar. A dor quando o sangue voltou a circular foi absurda. Usando um galho caído, ela abriu um pequeno espaço entre as agulhas de pinheiro e fez uma pilha de galhos secos e um pouco de salgueiro-erva. Enfiou a mão na bolsa e pegou uma pedra e um pedaço de ferro. Quando Byrne voltou, com os alforjes e uma braçada de armas, havia uma fogueira quente e sem fumaça ardendo e ela estava pendurando as meias e luvas para secar.

— Conseguiu encontrar abrigo para os cavalos? — perguntou ela, sentando-se nos calcanhares.

Ele se ajoelhou e colocou as bolsas em um canto seco.

— Consegui, tirei-os do vento e os coloquei debaixo de outra árvore protegida. Dei muitos grãos, mas precisamos derreter neve para...

— Ossos! — disse Raisa, sentando-se mais ereta. — Como está o ombro de Switcher? Me desculpe. Eu ia cuidar disso.

— Não está muito ruim — disse Byrne. — Eu limpei um pouco, mas ela não teve paciência comigo. Vou dar outra olhada quando estiver claro.

— Obrigada, capitão — respondeu Raisa. — Eu mesma deveria ter cuidado. — E, depois de uma pausa constrangida, acrescentou: — E obrigada por salvar minha vida. De novo.

— Eu prefiro que não me agradeça, Alteza — disse Byrne secamente. — Estamos nos abrigando debaixo de uma árvore no meio de uma tempestade de neve. Se sairmos dessa, há muitas outras formas de morrermos daqui até a capital.

Os Byrne eram pessimistas por natureza.

— Tudo bem — disse ela, rispidamente. — Retiro meu agradecimento. Enquanto isso, me dê suas coisas molhadas, vou pendurá-las também. Se sobrevivermos à noite, mesmo com poucas

chances, não vamos querer colocar as peças molhadas amanhã, com a temperatura caindo.

Byrne balançou a cabeça, e os cantos de sua boca tremeram.

— Me perdoe, Alteza — falou ele. — Eu tinha esquecido de quanto é capaz.

— Passei três anos com os Demonai — respondeu Raisa. — Eles viajam com poucas coisas. Se você não faz sua parte, fica no Campo com as crianças pequenas e os velhos.

— Alguns prefeririam ficar no Campo a viajar com os Demonai — disse Byrne.

Ele tirou as luvas e as entregou para Raisa. Depois de tirar as botas, também entregou as meias. Mas Raisa reparou que ele as substituiu por meias secas tiradas de uma bolsa e calçou as botas. Estava óbvio que o capitão não queria ser surpreendido sem botas.

Raisa hesitou, massageou e esticou os pés recém-libertados, depois seguiu o exemplo dele. Quando ela se inclinou para a frente para amarrar as botas, Byrne agarrou-lhe o ombro, de repente. O gesto foi tão incomum que ela ergueu o rosto, assustada.

Byrne soltou um palavrão baixinho.

— Sangue e ossos! Você está ferida! Por que não disse nada? O que aconteceu?

Raisa esticou a mão e tocou o ferimento no pescoço, do qual tinha esquecido completamente. Sua mão ficou grudenta.

— Só passou raspando, capitão. Não é sério.

— Deixe que eu avalie isso — resmungou ele. — É melhor eu dar uma olhada. Assassinos às vezes molham as pontas das flechas com veneno. — Então ele apertou os lábios, como se tivesse falado demais. Virou-a para que o calor do fogo ficasse nas costas dela, afastou seu cabelo e apertou sua nuca com dedos grossos. — Como se sente? Está tonta, com visão dupla, sentindo um torpor crescente?

Raisa deu de ombros. Se tivesse tempo, tinha certeza de que passaria a sentir qualquer um daqueles sintomas.

— Você sabe quem eles eram? — perguntou ela. — Parece ter um palpite.

— Povo do Vale, pelo que pude perceber. Não eram dos clãs. Mas não dei uma boa olhada. — Byrne pegou uma pequena panela de ferro, que encheu de neve e colocou para aquecer no fogo. — Não vejo sinais de veneno, Alteza. Mas vamos lavar bem, só por garantia, e aplicar um cataplasma para sugá-lo, e então...

— Você disse *assassinos*, capitão — disse Raisa severamente, interrompendo o relato médico.

Byrne suspirou.

— Não tenho certeza — admitiu. — Mas acho que eram assassinos. Ladrões de estrada não vêm para este lado. Os clãs não permitiriam. Além do mais, não há viajantes o bastante nesta época do ano para mantê-los ocupados, não um bando daquele tamanho. Ladrões de estrada não atacariam soldados. Não carregamos muito dinheiro, e tem presa mais fácil e tempo melhor mais para baixo da montanha. Eles estavam bem-alimentados, bem-montados e bem-armados. Acredito que estavam nos esperando.

Byrne se inclinou sobre o fogo, e as chamas iluminaram seu rosto soturno.

— Se eu estiver certo, ainda estão nos procurando, ou vão procurar quando o tempo melhorar. E têm a vantagem de saber para onde vamos.

Quando a água estava quente o bastante para Byrne, ele tirou a panela do fogo com um galho forte. Jogou vários panos limpos na água, deixou que se aquecessem por alguns minutos e tirou um com o mesmo galho. Quando esfriou o bastante para ser tocado, ele espremeu o excesso de água e o aplicou na nuca de Raisa.

— Ai! — sibilou ela, assustada pelo calor. — Desculpe — acrescentou, trincando os dentes.

Byrne ignorou a reclamação, massageou a pele dela e limpou o sangue que jorrou. Trocou os panos ensanguentados mais duas

vezes e colocou um saquinho de folhas na água que restou na panela. O abrigo se encheu de um aroma pungente. *Raiz de dente-de-cobra*, pensou Raisa. Sugava todos os tipos de veneno.

Byrne enfiou o galho no recipiente e tirou uma massa fumegante da raiz fedida. Depois de esperar que o excesso de água pingasse, colocou a erva em um quadrado de tecido que tinha aberto sobre as agulhas de pinheiro. Dobrou o tecido e espremeu o excesso de água.

Então colocou a trouxinha na nuca de Raisa. Ardeu no começo, mas depois causou uma sensação boa. Ele terminou amarrando a trouxinha no local com uma atadura.

— Pronto. Vamos deixar aí por algumas horas e ver como fica.

Raisa secou inutilmente um filete de água que descia pelas costas.

Byrne limpou a panela com neve, depois a encheu de novo e a colocou no fogo para derreter.

— Vou levar água para os cavalos e dar outra olhada — disse ele.

— Você acha que o resto do grupo vai conseguir nos encontrar aqui? Será que devemos esperar o tempo melhorar?

Byrne balançou a cabeça.

— É melhor torcermos para não nos encontrarem, porque, se conseguirem, quem nos emboscou também consegue. — Ele se ocupou guardando o material médico, desviando o olhar. — É melhor seguirmos sozinhos. Qualquer sobrevivente... que conseguir... vai continuar a lutar para atrasá-los. Estamos em número bem menor, então é melhor evitá-los, se pudermos. Dois serão mais difíceis de ver nestas montanhas do que um grupo.

Então Raisa entendeu. *Mais ninguém sobreviveu*, pensou. As ordens eram de ficar e lutar depois que ela estivesse longe, apesar de eles estarem em número menor.

— Eles estão todos *mortos*? — Ela pensou neles deitados ao redor dela no chão do quarto em Delfos. — Mas... a maioria era tão

jovem — sussurrou.

— Esse é nosso trabalho, Alteza.

Byrne ergueu o cantil e o balançou de leve para avaliar o conteúdo, depois ofereceu para Raisa, que sacudiu a cabeça.

Ela apertou a base das mãos contra as têmporas e desejou poder esmagar a culpa.

— Não — sussurrou ela, mais para si mesma. — Não vou permitir que meus melhores soldados sejam desperdiçados assim.

— Não temos muita comida nem suprimentos — disse Byrne, como se ela não tivesse falado. Obviamente, Raisa não teria permissão para passar muito tempo sofrendo de angústia. — Só o que você e eu estávamos carregando. Nossa melhor aposta é seguir pelo Passo para o Campo Pinhos Marisa o mais rápido que conseguirmos.

E é exatamente o que as pessoas que estão nos caçando vão esperar que façamos, pensou Raisa.

— Agora, quanto às armas — disse Byrne. — Pelo que lembro, você é boa com o arco.

Ele colocou a mão no arco de Raisa, que estava ao lado dele.

Ela assentiu. Não era hora de falsa modéstia.

— Sou boa com o arco; ainda não experimentei este, mas parece ter um bom tamanho e peso para mim.

— Você é boa com a espada?

— Eu... Amon me botou para treinar muito com a espada nos últimos meses — respondeu Raisa. — Mas não é meu ponto forte.

— Experimente esta.

Ele lhe estendeu sua espada pela empunhadura.

Raisa ficou de pé e segurou o cabo com as duas mãos. Fora feita para representar a Espada de Hanalea, a marca da Guarda da Rainha. O guarda-mão era feito de metal pesado, para parecer as tranças da Lady, e o pomo era a imagem da própria Lady.

Ela mal conseguiu erguê-la, de tão pesada que era, mesmo com as duas mãos. Balançando a cabeça com pesar, ela devolveu a

espada e se sentou.

— Fico bem mais segura com isso nas suas mãos do que nas minhas. Mas é linda. O trabalho é excepcional. É herança de família?

Byrne limpou a garganta.

— A rainha... sua mãe... mandou fazer para mim quando eu... na época da coroação. Quando eu me tornei capitão. Marianna disse que significa que carrego a verdadeira linhagem de Hanalea nas mãos.

O rosto dele, marcado por décadas de sofrimento, revelou mais do que provavelmente pretendia.

Raisa olhou para o capitão com a boca aberta de surpresa. Byrne desviou o olhar na mesma hora, como se desejasse apagar o entendimento dos olhos dela.

Ele é apaixonado por ela, pensou Raisa. Fui cega e burra de não ver.

Ela se lembrou do que a mãe dissera ao explicar por que nunca poderia haver algo entre Raisa e Amon.

Ele é um soldado, dissera a rainha, o pai é um soldado, e o pai dele... É tudo que serão.

Raisa tinha chegado perto de cometer o mesmo erro sobre o capitão da mãe. Ela pensava em Edon Byrne como firme, calmo, capaz e, acima de tudo, pragmático. Sem nem um osso romântico no corpo. O capitão Byrne que ela conhecia era totalmente sincero, não guardava segredos.

Mas se enganara quanto a isso. Ela se enganara com muitas coisas.

Você sempre viveu com o coração partido, pensou Raisa, olhando para Byrne. Então por que precisava partir meu coração também?

Então, antes de saber o que estava fazendo, perguntou em voz alta:

— Por que fez aquilo? Por que tirou Amon de mim?

— Vossa Alteza... — A expressão, a postura, a forma como flexionou as mãos... tudo dizia para ela recuar. — Não sei do que está falando.

— Não vou deixar isso passar só para facilitar para todo mundo — insistiu Raisa. — Você está preso aqui comigo, então pode muito bem falar sobre o assunto.

Byrne se aproximou, de joelhos, e tirou a panela da chama.

— É melhor eu levar água para os cavalos.

— Ainda estarei aqui quando você voltar. Podemos conversar agora ou depois.

Ele deu um suspiro alto e colocou a panela de volta no fogo. Em seguida, se sentou nos calcanhares.

— Você está falando sobre minha escolha do cabo Byrne como seu capitão, imagino.

— Estou perfeitamente satisfeita com Amon como meu capitão. Estou falando sobre a conexão, ou... amarração, ou seja lá como você chama. — Ela tremeu ao lembrar como um simples beijo provocara uma dor excruciante em Amon. Como Byrne não disse nada, ela acrescentou: — Por que isso era necessário? E por que sempre foi um grande segredo?

É *por isso* que é segredo, dizia a expressão de Byrne. Por causa dessa conversa.

— Todos os capitães são ligados às rainhas — disse Byrne. — É assim desde a Cisão.

— Você achou mesmo que era necessário amarrar Amon a mim? — Raisa ergueu as mãos com as palmas para cima. — Somos amigos desde crianças.

— Fiz pela linhagem — disse Byrne, olhando nos olhos dela, sem arrependimento. — Não fiz para mantê-la longe do meu filho. Nem para mantê-lo longe.

— Tem certeza? — Raisa sentiu seu lado cruel surgir. Queria magoar Byrne para compensar o que fora roubado dela. — Tem

certeza de que não ficou com inveja porque eu amava Amon, enquanto... enquanto...

Byrne continuou encarando-a, esperando, mas ela parou de falar. Não; não podia entrar nesse assunto. Não faria isso.

— A conexão protege a linhagem — disse Byrne quando ficou claro que ela não seguiria em frente. — Amon é a melhor escolha para seu capitão. Se servisse à linhagem que vocês dois... ficassem juntos, a conexão não interferiria.

— *É mesmo?* Onde isso está escrito? Onde está o livro das regras disso tudo? Eu só vou vivendo, achando que sou livre para fazer escolhas, mas então descubro que foram feitas por mim.

Byrne baixou a cabeça, aceitando as palavras, depois olhou para ela de novo.

— Onde está escrito o que devo fazer agora? — sussurrou Raisa, piscando para afastar as lágrimas.

Byrne tirou um lenço de algum lugar e o entregou a ela.

— Tem que cumprir seu dever — disse ele. — Encontrar felicidade onde puder. Com amor ou não, deve encontrar um jeito de dar continuidade à linhagem.

Assim como ele fizera.

E, de repente, o ressentimento de Raisa sumiu, deixando uma dor cega, como uma lembrança muscular de um ferimento antigo. Percebeu que sua amargura tinha se tornado hábito, que, em algum momento, aceitara que ela e Amon nunca ficariam juntos como amantes. Que agora precisava de amigos tanto quanto, ou mais.

E o que fizera depois? Se apaixonara por Han Alister, outra pessoa que não podia ter, ao menos não como marido.

— Nenhum de nós é livre para seguir o coração — disse ela. — Não de verdade. É isso que você está dizendo?

Ele balançou a cabeça.

— Ninguém pode impedi-la de amar alguém.

Raisa secou os olhos.

— Eu achava que seria diferente comigo, que eu encontraria um jeito de fazer acontecer. Que me casaria por amor. — Ela limpou a garganta e endireitou os ombros. — Agora eu sei que, como todas as outras rainhas Lobo Gris, vou aceitar um casamento político com alguém que não amo.

Byrne deu um meio sorriso.

— Por algum motivo, acho que Vossa Alteza não vai se conformar.

Eu sempre posso imitar Marianna, pensou Raisa. E encontrar amor fora do casamento. Ela nunca perdoara a mãe por não amar mais o pai. Agora, tarde demais, Raisa estava começando a perceber que as escolhas não eram sempre preto no branco como pareciam.

Impulsivamente, Raisa se inclinou para a frente e segurou as mãos calejadas de Byrne.

— Como ela está, capitão? A rainha?

Ele olhou para suas mãos unidas e para o rosto dela.

— Milady, eu não acho...

— Você é conectado a ela. Deve saber alguma coisa sobre como ela está.

Byrne fez uma careta, como se ela tivesse entrado em um assunto proibido, um tópico íntimo demais para discussões. Como o amor.

— Vossa Alteza, não cabe a mim adivinhar o que...

— Se vou ajudá-la quando voltar para a capital, preciso saber — disse Raisa, bruscamente.

Byrne a olhou quase na defensiva.

— Eu não consigo ler a mente dela.

Raisa assentiu.

— Eu sei. — Ela fez uma pausa. — Só queria entendê-la melhor. Ela nunca me contou muita coisa quando eu era criança. Somos tão diferentes... Eu nem me pareço muito com ela.

Ele balançou a cabeça.

— Não, você é mais como seu pai. Embora ela seja alta, sempre me pareceu delicada, como... como uma beijo-de-donzela.

Beijo-de-donzela era uma flor da primavera que florescia por um dia e murchava ao toque.

— Sua Majestade tem andado melancólica ultimamente — prosseguiu Byrne. — E não é surpresa. Há pressão constante dos clãs das Espirituais, do Grão-Mago e do Conselho dos Magos. Isso, junto com sua ausência... — Ele não completou a frase. — Eu não queria abandoná-la neste momento.

— É minha culpa você precisar abandoná-la, capitão — disse Raisa, de novo sentindo o aperto.

— Se eu fosse culpar alguém, não começaria por Vossa Alteza. — Byrne colocou o alforje na frente de Raisa. — A comida que eu tenho está aqui. É melhor comermos e depois dormirmos, para podermos seguir em frente quando a tempestade passar.

Ele ficou de pé, pegou a panela de água e passou pelos galhos para dar de beber aos cavalos.

Quando voltou, Raisa tinha revirado as bolsas, tirado um pão e um pedaço de queijo e colocado tudo sobre pedaços de tecido. Byrne cortou o queijo com a adaga e entregou metade a ela, depois partiu fatias grossas de pão. Quando a comida acabou, ele bateu pensativamente com a lâmina na mão.

— Você carrega uma adaga, Alteza?

Raisa assentiu.

— Sempre carreguei, mas Micah e Fiona levaram a minha.

— Então tome esta.

Ele limpou a lâmina na calça, colocou a adaga na bainha presa à cintura e abriu o cinturão para entregar o conjunto completo a ela. Raisa puxou a adaga e a girou, de forma que refletisse a luz. Era da mesma fabricação e modelo da espada, com a imagem de Hanalea no cabo.

— Não posso aceitar isto! — protestou ela. — Pertence à sua família.

— Não tem muita utilidade para mim, na verdade — respondeu Byrne. — Se eu deixar um inimigo chegar perto o bastante para precisar usá-la, mereço o que fizerem comigo. — Ele ergueu a mão para impedir mais protestos. — Pelo menos leve com você até chegarmos a Fellsmarch. — Ele bocejou. — Não vamos a lugar algum até a tempestade seguir para o sul, então é melhor dormirmos.

Ele desenrolou os cobertores em frente à entrada improvisada e se enfiou debaixo deles.

Raisa entrou em seu saco de dormir, posicionado perto do fogo. Colocou a faca na bainha ao lado da mão esquerda. O abrigo frágil tremeu sob o ataque do vento e caiu neve por entre os galhos.

— Vou orar para o Criador afastar a tempestade — disse Raisa, sonolenta.

— Cuidado com o que pede nas orações, Vossa Alteza — disse Byrne, com o rosto virado, impedindo-a de ver sua expressão. — Seria bom ter um pouco de vento para mover a neve. Vai ser mais fácil nos rastrear quando o tempo firmar.

Velhos inimigos

O vento começou a diminuir em algum momento antes do amanhecer. Raisal acordou com um silêncio repentino, notando que Edon Byrne tinha sumido. Ela se sentou, tremendo, afastando o sono dos olhos com a base das mãos. Os cobertores de Byrne estavam enrolados e amarrados e uma panela de chá fervia no fogo reacendido. Um café da manhã de mais pão e queijo estava preparado perto da área da fogueira. A mensagem era óbvia: Byrne queria sair cedo.

Raisal ficou de pé e se espreguiçou, massageando com cuidado os quadris e a lombar. Era muito magra para gostar de dormir no chão. Desamarrou a atadura do pescoço e tirou a compressa, torcendo para Byrne não insistir em substituí-la. Comeu rapidamente e bebeu chá, depois começou a vestir as camadas de roupas. As meias e luvas estavam secas, mas duras e desconfortáveis.

Quando saiu carregando o resto do equipamento, deu de cara com uma daquelas transformações tão comuns nas montanhas. Estrelas brilhavam sobre os picos a oeste. Nas partes em que os pinheiros grandes bloqueavam o vento, o chão estava coberto por uma grossa camada de neve recente, imaculada e virginal, em algumas partes em pilhas mais altas do que Raisal. Áreas mais expostas estavam limpas, o vento arrastando a neve e fazendo-a flutuar na escuridão. Apesar de ainda estar escuro e muito frio, o dia prometia ser bonito.

— Bom dia, Alteza.

Raisa se virou. Era Byrne puxando os cavalos, já selados. Switcher estava reclamando, as orelhas para trás, não gostando de começar tão cedo.

— Podemos torcer para nossos perseguidores ainda estarem dormindo, mas acho mais inteligente viajar o máximo que pudermos sob a proteção da escuridão.

Raisa assentiu. Acariciou o pescoço do pônei enquanto fazia barulhinhos tranquilizadores e examinava o corte no ombro do animal. Byrne tinha razão: parecia superficial. Depois de prender o saco de dormir e os alforjes atrás da sela, ela montou Switcher, cada músculo seu berrando em protesto.

O progresso foi lento. A subida até o Passo já teria sido difícil com bom tempo e montarias descansadas. O solo era traiçoeiro, com perigos e obstáculos escondidos pela neve. Em alguns momentos, seguiram por neve que chegava ao peito dos cavalos. Quando o espaço permitia, eles saíam da trilha e caminhavam debaixo das árvores que ladeavam o caminho. A neve não era tão funda na floresta, e eles ficariam menos visíveis para qualquer pessoa que pudesse estar olhando de longe. Mas, quando o sol subiu pela escarpa leste, Raisa se sentiu terrivelmente exposta: um inseto escuro subindo uma parede branca de neve.

Pelo menos eles tinham uma vista clara da trilha já percorrida. Raisa não conseguia evitar olhares por cima do ombro, esperando a qualquer momento ver um grupo de cavaleiros subindo rápido. Mas ela e Byrne cavalgaram a manhã toda sem sinal de perseguição, e Raisa foi relaxando aos poucos. Se conseguissem chegar ao Campo Pinhos Marisa, os clãs poderiam providenciar uma escolta pelo resto do caminho.

Fizeram a refeição do meio-dia na sela e desmontaram apenas para andar ao lado dos cavalos quando o caminho era mais íngreme, para descansá-los um pouco. O sol brilhava no céu azul, cintilando no gelo que cobria as pedras e os galhos das árvores. Quando ainda estavam vários quilômetros abaixo do Passo, Byrne

desviou para uma área arborizada. Raisa seguiu automaticamente e parou quando ele parou.

— É aqui que fica perigoso — disse ele.

— O que você quer dizer?

Raisa olhou ao redor e piscou enquanto seus olhos se ajustavam à escuridão sob os pinheiros. Aqui e ali, raios de sol penetravam em feixes que iam até o chão. Switcher baixou a cabeça e mordeu com esperança os galhos de pinheiro ao alcance.

— Há muitos caminhos para se chegar ao Passo, mas só um para atravessá-lo. E não há cobertura nos últimos 2 ou 3 quilômetros, pois vamos estar acima das árvores.

Galhos tremeram acima da cabeça deles e neve caiu. Raisa espanou-a da gola.

— Eles não podem ter nos alcançado, podem?

Será que alguém que não estivesse fugindo para salvar a própria vida encararia a tempestade por tanto tempo ou partiria antes do amanhecer?

— Tudo é possível.

Raisa esperou, mas, como Byrne não falou nada, ela disse, com impaciência:

— Bem, se eles estão vindo, ficar aqui esperando não vai nos ajudar, vai?

Ele sorriu.

— Bom golpe, Alteza. E merecido. — Ele fez uma pausa, como se estivesse ponderando se deveria falar mais. Acariciou o pescoço do cavalo, murmurando palavras carinhosas, depois disse: — Você é diferente da rainha Marianna, se me permite dizer.

— É o que falam — respondeu Raisa, seca. — Normalmente, no meio de uma bronca.

— Sem querer desrespeitar sua mãe, acho que é uma coisa boa.

Raisa fez uma expressão de surpresa. Aquilo era muito inesperado, vindo de um homem claramente dedicado a Marianna.

— Como assim?

Byrne limpou a garganta.

— Eu falei que ela era frágil e bela, como uma flor beijo-de-donzela. Você é mais como um junípero. Parece florescer no pior clima, e acho que seria impossível movê-la uma vez enraizada.

— Você está dizendo que sou difícil e teimosa.

Ela havia ouvido isso muitas vezes; recentemente dos professores em Vau de Oden.

— Sim, mas como você é pequena vão subestimá-la. E isso não é ruim, nestes tempos perigosos. Meu conselho é deixá-los incertos, para você sobreviver na capital.

Raisa sorriu, sabendo que aquilo era um elogio.

— Obrigada, capitão. Mas primeiro preciso sobreviver a esta tarde.

— Veja bem, se houver problema, deite-se nesse cavalo, cavalgue para o Passo e não olhe para trás. Vou atrás de você assim que puder.

Claro. Assim como o resto do grupo.

Em resposta, Raisa bateu com os calcanhares nos flancos de Switcher. O pônei, assustado, balançou a cabeça e disparou, saindo do abrigo das árvores de volta para a trilha.

O curto dia de inverno estava chegando ao fim quando eles ultrapassaram as últimas árvores. Sombras azuis compridas se esticavam à frente deles enquanto o sol descia por trás da Muralha Ocidental. Longe da cobertura das árvores, o vento parecia cortar Raisa. Ela se abaixou um pouco, como se assim pudesse fazer o pônei ir mais rápido. Byrne seguiu na frente quase o tempo todo, abrindo caminho. No último trecho até o topo, foram o mais rápido que conseguiram.

Quando chegaram ao Passo, a cobertura de neve diminuiu, afastada pelo vento incansável. O sol mergulhou atrás da Muralha Ocidental. A escarpa de pedra brilhou por um momento, e então a noite caiu repentinamente, como era comum nas montanhas.

Por fim, não havia mais trilha acima deles, apenas uma ladeira íngreme atrás. De cada lado, grandes paredes de granito emolduravam o Passo de Pinhos Marisa. A parte mais estreita era da largura de uma trilha para cavalos. Diziam que, muitos anos antes, um pequeno grupo de guerreiros Demonai derrotara mil soldados do sul ali.

— Espere aqui — ordenou Byrne.

Raisa obedeceu, enquanto o capitão seguiu andando rápido para avaliar o caminho à frente. Raisa tremia, apesar de as grandes rochas bloquearem o vento cada vez mais forte. Momentos depois, Byrne voltou, aparecendo quase silenciosamente na escuridão.

— Venha.

Eles seguiram em frente devagar pelo estreito Passo. Raisa apertou os olhos para os muros de cada lado e para a fatia de céu entre eles. Depois, o caminho se alargava para o que seria um belo prado alpino no verão, agora escondido sob uma camada de neve. A lua já estava subindo. Quando surgiu atrás das montanhas a leste, o prado foi inundado com um brilho prateado, frio, puro e inclemente como qualquer sopro de ar da montanha. Raisa sentiu o formigamento de magia ao redor.

Estavam em casa.

Em algum lugar atrás dela, um lobo uivou, fazendo arrepios brotarem em sua nuca. À frente e à direita, a alcateia respondeu, um tom frio e impiedoso ecoando na escuridão.

O coração de Raisa começou a martelar.

Byrne também estava à frente e à direita, cavalo e cavaleiro formando uma silhueta escura contra o escudo da lua. Ele se virou parcialmente na direção dela, como se para perguntar qual era o problema.

E então ela ouviu, como uma lembrança terrível da noite anterior, o som de bestas, o estalo de travas sendo acionadas. O corpo de Byrne tremeu com o impacto de golpes múltiplos. O cavalo recuou, agitado, balançando a cabeça, depois relinchou quando

também foi atingido. Byrne se agarrou por um instante às costas dele, depois caiu de lado da sela.

— BYRNE! — O grito de Raisa reverberou no pequeno cânion.

Alheia à chuva de flechas que sibilava em volta dela e batia na pedra, Raisa fez Switcher seguir em frente até o capitão, que estava caído de costas na neve. Ela deslizou da sela e se ajoelhou ao lado dele, erguendo sua cabeça. O corpo de Byrne estava cravejado de flechas, e uma atravessava seu pescoço. Ele tentou falar, mas só produziu um jorro de sangue. Levantou um braço e fez um gesto fraco para que ela fosse. Apenas a confusão e os cavalos enlouquecidos a tinham salvado até o momento.

Alguém a segurou pelo cabelo e puxou. Um braço coberto de armadura envolveu sua cintura e a ergueu do chão, colocando-a deitada de bruços na frente da sela. O captor a manteve presa com um braço enquanto fazia a montaria sair galopando.

Horrorizada pelo assassinato de Byrne e sacolejando nas costas do cavalo, com uma visão caleidoscópica do chão, Raisa quase botou para fora o que tinha no estômago. *Não!*, disse furiosamente para si mesma. *Vou encontrar um jeito de fazer esses patifes pagarem, nem que seja a última coisa que eu faça!* Ela se concentrou nesse pensamento e fez os planos que pôde.

O aroma de pinheiro e a redução da força do vento foram os sinais de que tinham voltado para a floresta. *De que lado do Passo?*, perguntou-se ela. O captor reduziu a velocidade do cavalo, aparentemente procurando algum marco. Por fim, grunhiu de satisfação e virou à esquerda. Depois de mais 100 metros, puxou as rédeas e fez o cavalo parar. Saiu da sela e puxou Raisa, colocando-a de pé, mas mantendo a mão grande no ombro dela. Raisa se virou para olhá-lo.

Ela observou o cabelo castanho ressecado, a boca cruel, os olhos cor de tabaco mastigado. Era o mesmo soldado que ferira o ombro de Switcher, mas dessa vez ela o reconheceu.

Sangue do demônio!, pensou Raisal. *Será que as coisas ainda podem piorar?*

Um lado do rosto dele era inchado e coberto de cicatrizes, sinais de uma queimadura séria.

Raisal fora a responsável por aquilo.

Ele estava usando o que parecia ser um traje militar de inverno, mas não havia insígnia em parte alguma. Uma barba por fazer sem cor definida cobria a parte de baixo do rosto, encimada por um nariz quebrado.

Raisal sabia onde e como fora quebrado.

Mac Gillen, pensou ela, e toda a esperança sumiu de seu corpo.

Ela o vira pela última vez na Casa da Guarda de Ponte Austral, quando resgatara integrantes da gangue dos Trapilhos dos porões onde estavam sendo torturados. Fora ela quem batera com uma tocha acesa no rosto dele. Os outros integrantes da gangue o espancaram, como vingança pelo tratamento que tinham recebido.

A barriga do homem caía por cima do cinto, mas Raisal não teve ilusões. Ele era puro músculo por baixo. Cheirava a cavalo e suor e sujeira. Estava com um sorriso lupino que revelava dentes manchados de noz-de-kafta em um maxilar inchado e com um hematoma esverdeado no ponto que ela acertara com a bota na noite anterior.

Raisal olhou ao redor. Estavam em frente a uma espécie de caverna, formada por duas pedras que se inclinavam uma contra a outra. O cavalo dele era de uma raça montanhesa, peludo e forte o bastante para desbravar as trilhas das montanhas. Montaria padrão da Guarda da Rainha.

Uma dúzia de lobos estava sentada em semicírculo ao redor deles, uivando, agitados.

Gillen olhou para ela com expectativa, esperando que falasse. Raisal não disse nada, pois sabia que nada que dissesse poderia ajudá-la.

Finalmente, Gillen não conseguiu mais suportar.

— Está se perguntando por que ainda não tá morta, garota? — disse ele, coçando a genitália.

Nenhuma das possibilidades que surgiram na mente dela era interessante. Raisa ficou de pé, com as pernas afastadas, sem dizer nada.

— Estou curioso, sabe? Foi por isso que carreguei você até aqui. Eu queria fazer umas perguntas, só eu e você. — Ele deu um passo na direção dela, e Raisa recuou. — Ouvimos falar que a princesa Raisa passaria por aqui. Mas a única garota que passou por aqui foi você. — Ele ergueu as mãos com as palmas para cima, fingindo não entender. — O problema é que sei quem é você, mas você não era princesa quando nos conhecemos.

Raisa balançou a cabeça.

— Você está enganado — respondeu ela. — Nunca nos vimos.

— Tem certeza? — perguntou ele, cercando-a na direção da entrada da caverna. — Posso estar diferente de quando você me viu.

Os lobos cinzentos andaram inquietos de um lado para outro, rosnando e mordendo o ar.

Certo. Estou em perigo, pensou Raisa. Como se eu não fosse capaz de perceber isso sozinha.

— Tem certeza de que seu nome não é Rebecca? Rebecca, irmã de Sarie, da gangue dos Trapilhos? — Ele tocou a bochecha deformada. — A Rebecca que fez isso comigo?

Raisa continuou a recuar, balançando a cabeça.

— Sabe, as garotas não gostam mais tanto de mim — continuou Gillen. — Com meu rosto estragado assim.

Você não podia fazer muito sucesso antes também, pensou Raisa, mas não falou em voz alta.

— Não sou quem você pensa. Com certeza pode perceber isso.

Ela decidiu que era melhor não ser Rebecca naquele momento. A única coisa que podia fazer era negar e continuar negando.

— Você está mesmo falando diferente — disse Gillen. Ele a empurrou, e Raisa cambaleou para trás e quase caiu no chão. — Você é outra pessoa, sabe?

Os lobos iniciaram um coro de uivos.

Raisa olhou para eles com raiva. *Calem a boca ou ataquem*, pensou ela. *Sejam úteis*.

— O que estava fazendo em Ponte Austral, Alteza? — perguntou Gillen, e a segurou pelo pescoço. Empurrou-a contra a pedra e a manteve ali. — Vai lá pra ver como os pobres vivem? Tem uma quedinha por ladrões de rua, é isso? É uma daquelas damas de sangue azul que gostam de viver perigosamente?

Raisa puxou a mão de Gillen para tentar diminuir a pressão.

— Se pareço outra pessoa, deve ser porque não sou quem você pensa.

Não era fácil forçar a voz a passar pelo pescoço com Gillen o apertando.

Ela tentava desesperadamente se lembrar dos golpes de rua que Amon lhe ensinara. A roupa de Gillen era pesada o bastante para amenizar alguns golpes que ela conhecia. E qualquer coisa que fizesse teria que acabar com ele de vez. Ela não encontraria fuga nem salvação no meio da floresta. Não podia correr o risco de deixá-lo com mais raiva do que já estava.

Todo o pensamento não demorou mais do que uma fração de segundo. O tempo parecia se arrastar, como se para prolongar o pouco que restava de sua vida.

— Nossas ordens são pra matar você, Alteza, mas não preciso fazer isso agora — disse Gillen, seu bafo podre no rosto dela. — Desde que você acabe morta, não faz diferença. Acho que me deve pelo que me fez, e vou fazer você pagar.

— Senhor. Seja lá quem você for. Não sou uma pessoa sem recursos. Se me libertar ileso, minha família vai recompensá-lo — disse Raisa.

Gillen soltou uma gargalhada.

— Sua família? Como sabe que não foi ela que nos contratou?

Ele bateu com a cabeça dela na pedra para enfatizar o que estava dizendo.

Estrelas brilharam na visão de Raisa. Sua pulsação latejava nos ouvidos, e um gosto amargo e metálico subiu do fundo da garganta.

— *Escute*. Não tenho muito dinheiro comigo, mas, se me levar em segurança para casa, vai haver uma recompensa. Se me matar, não vai ter um momento de paz pelo resto da vida.

Ele riu.

— Sei muito bem que não devo contrariar quem me contratou — disse ele. — Já aprendi minha lição. Vou pegar minha recompensa aqui e agora.

— Quem contratou você? — perguntou Raisa, pensando que talvez ele contasse.

Mas Gillen só balançou a cabeça e sorriu.

— Seja quem for, não vai ficar feliz quando souber que você matou a pessoa errada — disse Raisa.

Gillen olhou para ela com sobrancelhas franzidas, e Raisa viu as engrenagens girando por trás daqueles olhos de porco.

— Vou fazer isso direito, sabe? Não quero que os outros apareçam e interrompam.

Ele se virou para o cavalo, revirou o alforje e pegou dali uma corda enrolada.

— Vem cá.

Ele a empurrou com força, fazendo-a tropeçar na direção da caverna. Outro empurrão e ela estava dentro, de quatro, as pedras e o gelo do chão cortando as palmas de suas mãos. Virou-se rapidamente e se agachou. Ele ficou na entrada, cobrindo a pouca luz que havia.

— Vou amarrar você e voltar depois — disse ele, indo na direção dela e batendo com a corda no próprio quadril. — Quero dar tempo pra você pensar no que vai acontecer.

Raisa refletiu, os pensamentos parecendo reverberar pelo crânio. Havia a pequena chance de conseguir se soltar antes de Gillen voltar. Havia também o risco de congelar e morrer antes de ele voltar.

Morrer congelada não parecia ruim. Era preferível ao que Gillen tinha em mente.

Mas se ela se permitisse ser amarrada estaria abrindo mão de qualquer chance de lutar. Era descendente de Hanalea, a rainha guerreira. Não morreria amarrada em uma caverna. Nem violentada e torturada nas mãos daquela escória traidora.

Ela levantou as mãos em um apelo.

— Tudo... tudo bem. Só não me machuque.

Gillen se concentrou na mão esquerda dela, no pesado anel de ouro com os lobos, que ela usava no indicador.

— Me dá esse anel. Preciso de alguma coisa pra levar, pra provar que você tá morta.

Raisa puxou o anel com esforço.

— Está apertado demais — disse ela. — Não sai.

— Vamos ver — disse Gillen. — Eu corto fora, se precisar.

Ele agarrou o pulso esquerdo dela e puxou o anel com a mão direita.

Raisa esticou o braço, o que permitiu que a adaga de Byrne se soltasse da manga direita. Tinha que pegá-la, e pegou, agarrando o cabo da Lady. Gillen estava concentrado no anel, puxando com força e falando palavras.

Raisa enfiou a lâmina pela lã suja e pela carne macia da barriga dele, logo abaixo da caixa torácica, o mais fundo que conseguiu, até o guarda-mão estar pressionado na camisa dele.

Gillen gritou e soltou a mão dela. Tentou se afastar, mas Raisa avançou, mantendo a pressão da lâmina, agora com as duas mãos, girando-a com toda a força, sabendo que teria uma única chance de dar o golpe fatal. Se ele sobrevivesse ao primeiro, ela se arrependeria para o resto da vida, que não seria muito longa.

Gillen acertou um soco na lateral do rosto de Raisa, que voou para trás e colidiu com a parede de pedra da caverna. Ficou caída e atordoada por alguns momentos, engolindo sangue da língua mordida, esperando que Gillen terminasse o serviço. Mas ele não foi. Ela se levantou e se apoiou na parede para não cair.

Gillen ainda estava vivo, mas, provavelmente, não por muito tempo. O sargento estava caído de costas no chão da caverna, a respiração ofegante, uma expressão de surpresa doentia no rosto, sangue borbulhando dos lábios. Ele conseguira soltar a adaga de Raisa, que estava caída ao lado, coberta de sangue e terra.

Ela se lembrou do que Alister Algema dissera, uma eternidade atrás: *Da próxima vez que você for esfaquear alguém, faça rápido. Não pense por tanto tempo.*

Ele ficaria orgulhoso, pensou ela. Sequer hesitara e golpeará com força. Seria isso um progresso? O fato de que um assassino de rua sentiria orgulho dela?

Então, ela se ajoelhou no chão da caverna e vomitou o almoço. Depois limpou a boca com um punhado de neve.

Não tem nada de mais, pensou. *Matar nunca deve ser fácil, nem para uma princesa guerreira.*

Gillen finalmente ficou em silêncio, os olhos arregalados e vidrados.

Raisa pegou a adaga e a limpou na neve na entrada da caverna, depois a recolocou na bainha e a guardou dentro da calça. Ela se obrigou a revistar Gillen, torcendo para encontrar pistas ou provas de quem o contratara, mas não achou nada. Apenas uma bolsa com alguns cobs e coroas e uma garrafinha, mais nada.

Era improvável que ele carregasse qualquer tipo de evidência. O que ela esperava, um mandado de morte da rainha, sua mãe? Um bilhete de próprio punho de Gavan Bayar? Aquele era o tipo de ordem sussurrada nos cantos escuros do mundo.

Sua cabeça latejava e seu olho direito não abria direito. Ela colocou um pouco de neve na lateral do rosto, torcendo para

diminuir o inchaço. O tempo todo, tentou ignorar a vizinha que sussurrava: para quê? É melhor se render logo. Você está totalmente sozinha agora, e estas colinas estão cheias de inimigos. O que Byrne dissera? Bem-alimentados, bem-montados e bem-armados. E tudo o que você tem contra eles é uma adaga.

Ao se lembrar da preocupação de Gillen em não ser interrompido, ela soube que tinha que ir, e rápido. O rastro seria fácil de seguir. Os colegas de Gillen poderiam chegar a qualquer momento.

O cavalo dele estava esperando lá fora, aparentemente uma montaria militar bem-treinada. O animal revirou os olhos quando ela se aproximou, mas não protestou quando Raisa revistou os alforjes. Cooperou ainda mais quando ela pegou uma maçã de um dos alforjes e a deu para ele enquanto acariciava seu focinho.

O equipamento de Gillen incluía uma espada pesada e grande na bainha, uma besta e uma aljava com flechas. Além disso, um saco de dormir e uma barraca de lona. Um alforje estava cheio de comida, o que seria útil se ela vivesse o bastante para sentir fome.

Ela mexeu na besta. Ao contrário do arco de Byrne, não era preciso muita força para armá-la. Uma lembrança voltou à sua mente: seu eu de 8 anos seguindo Amon para o campo de treino de arco e flecha. Ela se recusara a sair até que ele lhe deixasse usar uma besta. No começo, as flechas passaram longe do alvo de palha, mas sua mira logo melhorara. Amon colocara as primeiras para ela, depois mostrara como fazer, suas mãos pacientes sobre as dela.

No rebatizado seguinte, seu pai, Averill, dera a ela de presente um arco, adequado a seu tamanho e sua força. Era sua arma preferida, mas o arco tinha ficado no Passo.

Ela prendeu o pé no estribo da arma e agradeceu pelos músculos desenvolvidos no ano que passara em Vau de Oden. Posicionou a flecha. Teria um disparo, pelo menos.

Metodicamente, ajustou os estribos do cavalo, querendo fazer tudo rápido, mas tendo o cuidado de fazer tudo certo. Levou o cavalo para perto de uma árvore caída e, subindo no tronco, montou nele.

Um olhar para o alto deixou claro que o amanhecer não estava longe. Até lá, ela precisava saber melhor onde estava e encontrar um esconderijo. Isso se já não estivesse morta ou nas mãos dos inimigos.

Palavras de Simon

No dia seguinte ao encontro com Corvo, Han viajou em uma espécie de estupor preocupado. Sua cabeça doía e seu estômago estava embrulhado, como se ele tivesse bebido cerveja seguida de gim barato.

Teria sido um alvo fácil se algum de seus inimigos estivesse por perto. Felizmente, a maioria dos outros viajantes eram refugiados que só queriam chegar a algum abrigo para passar a noite. Quase atropelou alguns, mas, bem, eles conseguiram sair do caminho a tempo.

Poderia ser verdade o que Corvo dizia, que o famoso Rei Demônio de Fells ficara escondido no faz-feitiço de serpente que Han agora usava? Que o poderoso mal que ele representava nunca desaparecera do mundo?

Han estivera confiante demais, arrogante até, a respeito de sua capacidade de controlar os riscos que Corvo representava. Suas teorias eram corretas, mas nada o havia preparado para aquilo. Como poderia ser seguro fazer uma aliança com o Rei Demônio?

As ruas cruéis de Feira dos Trapilhos pareciam gentis e acolhedoras, seus perigos totalmente administráveis, em comparação àquilo.

Durante toda a vida de Han, o espectro do Rei Demônio fora usado como uma história para assustar crianças malcomportadas e pecadores em potencial. Ele era a clava sobre a cabeça de todo mundo, a justificativa para um sistema peculiar de regras e limites que restringia a rainha, o Conselho dos Magos e os clãs.

Alger Waterlow era o motivo de os clãs manterem os magos em rédeas tão curtas; o motivo de os amuletos e talismãs não serem mais permanentes. Ele contribuíra mais do que qualquer um para a criação da Igreja de Malthus, com sua proibição à magia. Fora o motivo para os Sete Reinos terem sido divididos em sete partes em guerra.

Ele fragmentara o mundo.

E havia aquela ligação de sangue. Até que ponto a linhagem tinha sido diluída, se Han carregava um traço tão forte de magia? O que mais ele herdara?

Amaldiçoado pelo demônio, era como a mãe o chamava. E, no fim, ela estava certa.

Seria melhor ou pior se Corvo soubesse que eram parentes? Se soubesse que Han Alister, um dono da rua e ladrão, era seu descendente? Se soubesse quanto a família decaía?

O que haveria de bom em fazer uma ligação com Waterlow que jamais poderia ser rompida? Ser parente de um Rei Demônio que morrera mil anos antes e cujo sangue fora diluído por séculos de casamentos era uma coisa. Era bem diferente ele estar ressuscitado e presente na vida de Han.

Por outro lado, Han estava começando a questionar tudo em que sempre acreditara. Quem era ele para dar sermões, afinal? Se Alger Waterlow e os Bayar eram inimigos, que lado Han escolheria? E Lucius... Lucius Frowsley fora o melhor amigo de Waterlow. Acreditara nele. Defendera-o para Han.

Já fora bem difícil voltar a Aediion. Agora, Han estava mais confuso do que nunca.

Chegou a Vau de Grilhões no começo da tarde, em um dia anormalmente quente para o começo da primavera. Fez as visitas habituais a hospedarias e tabernas, perguntando por Rebecca. Em uma taberna chamada Garça Roxa, o salão estava vazio, exceto por um garoto corpulento limpando mesas.

O garoto olhou para Han se aproximando com uma expressão cautelosa no rosto redondo.

— Se estiver com fome, temos um presunto para fatiar, e o pão está fresco — disse ele, limpando o suor do rosto com a manga da camisa. — Se está procurando jantar quente, vai ter que esperar.

— Estou procurando uma garota — falou Han.

— Não fazemos esse tipo de negócio — respondeu o garoto. — Você devia tentar a taberna Rabo de Cachorro, na rua principal.

Han balançou a cabeça.

— Estou procurando uma garota específica — explicou, desejando ter uma imagem de Rebecca para mostrar. — Ela é pequena, tem olhos verdes e cabelo preto, bate mais ou menos aqui no meu queixo. — Ele levantou a mão para mostrar a altura dela. — Mestiça. Bonita.

O garoto levantou a cabeça e olhou com irritação para Han, as faces vermelhas. Em seguida, virou o rosto e voltou a esfregar a mesa como se pretendesse limpar a camada de verniz.

— Não me lembro de ninguém assim.

Han olhou para as costas largas do garoto, temporariamente sem fala por causa da reação dele.

— Ah. Tem certeza? Ela talvez estivesse com dois magos, os dois altos, uma moça e um rapaz, mais ou menos da nossa idade.

— Não. — O garoto pegou o pano, foi até a lareira, segurou o atiçador e mexeu nas chamas. — Se você não veio comer e beber, é melhor ir embora.

Han seguiu por entre as mesas e se aproximou.

— Pode ter sido algumas semanas atrás — insistiu ele. — Tem certeza de que não...?

Com um rugido, o garoto se virou e atacou Han, brandindo o atiçador quente.

Han pulou para o lado e enganchou o pé no tornozelo do garoto, que caiu no chão de pedra. O atiçador saiu girando pelo salão até bater na parede.

Han supôs que aquele garoto de taberna não tivesse participado de muitas brigas de rua.

Em um piscar, ele colocou o joelho em cima do traseiro do garoto e girou seu braço para trás até fazê-lo gritar de dor.

— Se você se mexer, eu quebro seu braço — disse Han por entre dentes.

O garoto não disse nada, mas também não se mexeu.

— Pronto — disse Han, baixinho. — Vamos falar a verdade. Comece com seu nome.

O garoto virou a cabeça de forma que Han conseguiu ver um olho arregalado.

— S-Simon — respondeu ele. — É Simon.

— Tudo bem, Simon — disse Han. — Não me faça perder tempo. O que você sabe? Quando ela esteve aqui e com quem?

Simon balançou a cabeça com cuidado.

— Faça o que quiser, mas não vou contar nada — murmurou ele. — Não falo com nenhum ladrão de estrada assassino.

Han respirou fundo e sua pulsação acelerou. Mantendo a pressão no braço, ele colocou a mão livre no ombro de Simon, permitindo que magia não canalizada fluísse para o garoto.

Simon se mexeu.

— Ei! O que você acha que...?

— Simon — disse Han, enchendo a fala de persuasão —, não quero machucá-la. Só quero encontrá-la e protegê-la.

— Você... você... você... — Então ele pareceu esquecer o que estava prestes a dizer. O olho visível de Simon estava se fechando. — Não sei nada sobre garota nenhuma. Não confio em você.

— Não temos muito tempo — disse Han. — Ela está em perigo. Você precisa me ajudar.

Lágrimas surgiram nos olhos de Simon e escorreram pelas bochechas.

— É tarde demais. Ela morreu. — Ele fungou. — Por sua culpa.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Han, mais alto do que pretendia.

— Ai! — exclamou Simon, se debatendo sob o peso dele. — Você está me queimando.

Han soltou o ombro do garoto e segurou o amuleto, canalizando o poder que corria dentro de si. Baixou a voz, mas, de alguma forma, saiu mais mortal do que antes:

— Vou deixar você se sentar. E você vai me contar o que aconteceu. *Agora.*

Han se sentou nos calcanhares, com uma das mãos no amuleto. Simon se sentou de frente para ele, com uma expressão pesarosa, cautelosa e assustada. Han esticou a mão, segurou o pulso do garoto e liberou o fluxo de poder.

Os olhos de Simon fixaram-se no rosto de Han como se ele estivesse enfeitado, e começou a falar:

— Ela ficou aqui três ou quatro semanas. Percebi que estava fugindo de alguém, mas também parecia estar esperando alguém, alguém que fosse ajudar. Ela sempre queria saber quem mais estava no salão. Agora, eu sei. Ela estava fugindo de *você* — disse Simon de repente, a persuasão soltando sua língua.

Han não disse nada, e Simon prosseguiu:

— Dois dias atrás, um grupo chegou, e um deles, com aparência desgrenhada, estava incomodando ela, tentando comprar bebidas e coisas assim. Ela não quis saber dele. Mandou o homem se afastar e foi para o pátio do estábulo, disse que precisava tomar ar. — Simon inspirou. — E foi a última vez que a vi. Sei que ela não foi embora por conta própria. Deixou as coisas no quarto, mas o cavalo sumiu e os viajantes que a estavam incomodando também.

— Que tipo de viajante? — perguntou Han. — Eram magos? Soldados?

— Não sei. Podiam ser soldados. Muitos mercenários têm passado por aqui, a maioria sem cores. Não muitos brux... magos. E

a fronteira está cheia de ladrões, assassinos e coisa pior. Esses falavam ardenino, mas usaram moeda de Fells.

— Ela disse como se chamava? — insistiu Han.

— Brianna. Era Lady Brianna. Comerciante.

Simon limpou o nariz.

Brianna. Bem, Rebecca teria motivo para não dar o nome verdadeiro se achava que os Bayar ainda estavam atrás dela.

— Descreva a garota de novo — mandou Han.

— Ela tinha sangue de cabeça de fogo — disse Simon —, mas dava para perceber que era uma dama, não do tipo que costuma jantar em tabernas. Era graciosa e educada, sempre tinha uma palavra gentil pra... pra qualquer pessoa.

Simon estava apaixonado, qualquer tolo repararia. Mas Han sabia que ele estava omitindo alguma coisa.

— O que mais? — perguntou Han, enviando mais poder para Simon. — O que aconteceu? Por que você acha que ela está morta?

— Ti... Tinha duas outras damas de Tamron que iam viajar com ela. Sangues azuis. Elas seguiram Brianna para fora. Nós encontramos as duas no pátio, esfaqueadas, roubadas e mortas. Acho que foi o mesmo grupo.

As esperanças de Han viraram chumbo. Seria possível que Rebecca tivesse chegado até ali sozinha para ser assassinada ou sequestrada por bandidos de estrada?

— Mas vocês não encontraram o corpo de Lady Brianna?

Sem pretender, Han apertou o braço do garoto.

Simon balançou a cabeça, o lábio tremendo.

— N-não, mas... tinha sangue para todo lado. E ela não iria *embora*, iria? Não sem se despedir. Não sem as coisas dela.

— Onde estão agora? As coisas dela?

Simon apertou os lábios e deixou a cabeça pender.

— Diga — exigiu Han, começando a perder a paciência.

— Estão no meu quarto, mas eu não *roubei*, se é o que você está pensando — acrescentou Simon, na defensiva. — Eu guardei. Para o

caso de ela voltar.

Só que Simon não esperava que ela voltasse. Han via isso nos olhos dele.

— Me mostre — rosnou Han. Ele sabia que não era culpa de Simon, mas não conseguia pedir desculpas.

O garoto levou Han para um quartinho atrás da lareira que talvez já tivesse sido o depósito de lenha. A mobília consistia de um colchão no chão, um baú de madeira e um santuário pequeno e triste no canto formado por velas, flores e os pertences da garota desaparecida.

Simon apontou para o santuário.

— Ali. É aquilo.

Han se ajoelhou e mexeu nas coisas. Não havia muito, apenas alguns artigos de roupa que pareciam grandes demais para Rebecca e mais chiques do que qualquer coisa que ele a tinha visto usar. Nada parecia familiar. Mas era verdade que ela havia deixado os pertences para trás quando desaparecera de Vau de Oden.

O cavalo tinha sumido, pelo que Simon dissera. Talvez ela ainda estivesse viva. Era a melhor pista até o momento. A única pista. Se é que era ela mesmo.

— Que tipo de cavalo ela montava? — perguntou Han.

— Um garanhão das terras baixas — respondeu Simon. — Cinza.

Um garanhão. Comerciantes usavam pôneis, geralmente. Outra pessoa tinha visto uma garota que batia com a descrição de Rebecca montando um cavalo cinza. Mas Rebecca tinha um pônei das terras altas em Vau de Oden. Uma égua que desaparecera junto com ela.

Se ela fora levada viva por alguma outra pessoa que não os Bayar, não havia como saber para onde tinham ido.

Nada se encaixava. A frustração ferveu dentro dele, mas não havia nada a fazer além de seguir em frente.

No começo da tarde, Han finalmente chegou a Delfos. A cidade estava mais cheia do que ele lembrava. Agora, havia refugiados de Tamron, além dos de Arden.

Pelo menos aqueles eram problemas que ele não precisava resolver. Havia poucas notícias de Fells, exceto pela velha história de que a princesa-herdeira ainda estava desaparecida e que a irmã mais nova talvez passasse a ser herdeira no lugar dela. De grande interesse para Delfos eram as ameaças dos "selvagens cabeça de fogo" de que fechariam as fronteiras e interromperiam o comércio entre Delfos e Fellsmarsh se a princesa fosse deserddada.

Han passou pela taberna Caneca e Carneiro, onde encontrara Cat e vencera o trapaceiro. Fazia mesmo menos de um ano? Ele esperava que Cat e Dançarino ainda estivessem bem, imersos nos estudos de verão e longe da confusão que era a vida dele.

Ele pagou caro por um quarto e comida em outra hospedaria e repôs os suprimentos, o suficiente para chegar ao Campo Pinhos Marisa, pelo menos. Perguntou-se se a matriarca Willo Canção d'Água estaria lá.

Ele lamentava a despedida tensa de quando partira para Vau de Oden. Sim, ela mentira para ele, conspirara com os que pretendiam usá-lo. De certa forma, era um alívio descobrir que ela não era perfeita. Talvez a lição mais difícil que Han aprendera era que ninguém era puramente bom ou ruim. Todo mundo parecia ser uma mistura das duas coisas.

Han pretendia partir para o Passo de Pinhos Marisa pela manhã, mas uma forte tempestade de primavera veio do norte. Trinta centímetros de neve caíram em Delfos, e, segundo o homem dos estábulos, isso significava que mais de um metro teria caído no Passo e que só um idiota tentaria atravessá-lo antes de o tempo melhorar.

Conhecendo as tempestades de primavera nas montanhas, Han decidiu adiar a viagem por um dia. Passou o tempo indo de hospedaria em hospedaria e nos estábulos para perguntar se

alguém tinha visto uma garota de olhos verdes viajando com dois magos. Ou com um bando de viajantes. Ou uma garota sozinha. Uma servente de taberna se lembrava de ter visto um par de magos parecidos com Micah e Fiona, algumas semanas antes. Ninguém se lembrava de uma garota parecida com Rebecca, acompanhada ou não.

Ela não morreu, repetia Han para si mesmo sem parar. Delfos é um hospício. Não é surpreendente que não se lembrem dela.

Quando foi que ela se tornara tão importante para ele?

Han pagou ao cavaliço por ração adicional para Ragger, e o pônei encheu a barriga.

— Não se acostume com a vida boa — murmurou Han, mais para si mesmo do que para o animal.

Ele comprou um par de sapatos de neve no mercado de Delfos e trincou os dentes por causa do preço.

Deixou Delfos antes do amanhecer no dia seguinte à tempestade, um dia que prometia ser limpo e claro. Considerou esperar mais um dia, deixar que outros viajantes abrissem a trilha para ele pelo Passo. Mas o tempo ruim voltava a se aproximar, outra tempestade de primavera, e ele decidiu que era melhor viajar enquanto podia. Quando o tempo virasse, tinha esperanças de estar no conforto de Pinhos Marisa.

A espada da Lady

A travessia da fronteira para Fells foi anticlimática em comparação à vez anterior. Han ficou segurando o amuleto, com a mão enfiada no casaco como se em busca de calor. Um casaco azul todo coberto saiu da guarita aquecida para dar uma avaliada em Han e fazer sinal para que seguisse em frente. Parecia que Fells agora estava prestando atenção nos problemas internos, concentrado no drama envolvendo a princesa. Ninguém parecia se importar que um cavaleiro solitário entrasse pelo norte.

Han ficou estranhamente decepcionado. Quase esperara um confronto, como algum mercenário querendo experimentar as armas novas e brilhantes.

Ragger estava todo animado quando começaram a subida leve que levava ao Passo, saltitando e balançando a cabeça, tentando tirar a rédea das mãos de Han.

— É melhor guardar suas forças — disse Han. — Você logo vai estar reclamando.

Era a mesma estrada pela qual viajara com Dançarino oito meses antes, mas transformada pela nevasca recente. Era difícil dizer quanto tinha caído. Em alguns lugares, o vento tinha produzido montes maiores do que Han. Outros pontos estavam limpos, com a pedra aparecendo. Quando o sol subiu, a luz cintilou nos picos e pareceu incendiar todos os galhos e a gelada escarpa de pedra.

Han não tinha muita experiência em viajar no começo da primavera pelas montanhas. Tinha passado os verões nos campos

das terras altas, os invernos correndo nas ruas de Fellsmarch. Enquanto subiam, a temperatura foi caindo e o céu claro parecia sugar o calor do corpo de Han, não importava quantas camadas de roupa usasse. Ele tirou calor do amuleto, usando um pouco de magia para aquecer as mãos e o rosto congelados.

Mesmo no verão, o tempo nas montanhas era traiçoeiro, mas Han ficou surpreso com quanto a neve profunda o atrapalhou. A estrada logo virou uma trilha contornando grandes amontoados de pedra, que pelo menos bloqueavam o vento e a neve.

Não demorou para Ragger parar de pular e dançar e começar a longa subida com as orelhas encostadas na cabeça. Han parava para ele descansar com frequência e lhe dava grãos do suprimento já limitado.

Passava do meio-dia quando chegaram a uma parada dos clãs, chamada Campo da Passagem, que ficava a poucos metros da estrada principal. Ele e Dançarino haviam ficado no local na viagem para o sul, no outono. Han saiu da estrada para seguir até lá, pensando que poderia deixar Ragger descansar protegido desta vez.

Ficou tentado a passar a noite. Os Demonai costumavam encher aqueles campos de passagem de comida e outros suprimentos, principalmente naquela época do ano. Han decidira viajar com pouca coisa, pois tinha suposto que chegaria a Pinhos Marisa ao anoitecer.

Mas, se ficasse, poderiam ser interceptados pela tempestade seguinte, e não haveria como saber por quanto tempo ficariam presos. Decidiu que, se o Campo tivesse provisões, eles ficariam e aguardariam, protegidos, a tempestade. Se não, seguiriam pelo Passo e torceriam para chegarem antes da neve.

Quando alcançaram a clareira, Han reconheceu o chalé e o abrigo contíguo para os cavalos, coberto de neve. Ragger ficou nervoso no limite das árvores. Parou de repente, jogou a cabeça

para os lados e dilatou as narinas, como se captasse algum aroma perigoso no ar cortante.

Foi quando Han reparou nos corpos.

Havia oito ou dez espalhados em grupo, como se tivessem morrido lutando. A neve os cobria, como se o Criador tivesse tentado enterrá-los.

Depois de soltar o arco da sela, Han mexeu na corda com os dedos meio congelados, tirou uma flecha da aljava e a deixou pronta enquanto observava o campo em busca de sinais de vida.

Nada, nenhuma perturbação na camada branca imaculada. A neve congelara os corpos, sem derreter, o que indicava que estavam frios. Aquela matança acontecera pelo menos um dia antes.

A situação lembrou-lhe a vez em que passara por um cemitério escuro, em Feira dos Trapilhos, depois que os violadores de cadáveres já tinham revirado o local. Ele percebera, horrorizado, que estava cercado de cadáveres envoltos em linho, espalhados pelo chão, com uma cova rasa aberta ao lado de cada um. Ele saíra correndo e gritando. Tinha 7 anos na época, a mesma idade que a irmã, Mari, tinha quando morreu queimada.

Quando Ragger finalmente se acalmou, Han o botou para caminhar ao redor da clareira, perto das árvores, alerta a qualquer movimento na floresta em torno. A casa parecia abandonada. A neve se empilhava contra a porta, intacta.

Han desmontou e levou Ragger adiante. Segurando as rédeas, ajoelhou-se ao lado do primeiro corpo e afastou a neve.

Era uma garota alta e corpulenta, um pouco mais velha do que Han. Tinha a aparência de militar, mas não usava emblema algum. Seu casaco estava coberto de sangue congelado e havia uma flecha de besta no meio do peito dela.

Poderia ser uma mercenária que viera do sul? Será que dera de cara com um grupo de observação Demonai? Não, os Demonai

usavam arcos como arma padrão, e suas flechas tinham penas pretas.

Ragger ergueu a cabeça e relinchou um desafio. Han se virou, de joelhos, e apontou o arco para o bosque na direção que o cavalo indicava.

Um cavalo baio sem cavaleiro surgiu no limite das árvores, com as orelhas para a frente, observando-os.

Han abaixou o arco. Quando teve certeza de que o cavalo estava sozinho, falou delicadamente:

— Ei, você. Onde está seu dono?

O cavalo foi mancando até eles, quase caindo, e então Han reparou nas flechas cravadas no lombo e no pescoço do animal. Ele era forte, do tipo militar de Fells, com pelo longo. Estava bem machucado, resultado óbvio da batalha ou emboscada recente, ou fosse lá o que tivesse ocorrido.

Quando o cavalo se aproximou, Han esticou a mão e o cavalo a lambeu. Havia uma bolsa na sela; Han a pegou enquanto murmurava de forma tranquilizadora para o animal ferido.

Han revirou o conteúdo: materiais de soldado. Em uma bolsa lateral havia uma promissória de pagamento da Guarda da Rainha de Fells, em nome de Ginny Foster, soldado.

O que os casacos azuis estariam fazendo ali, no meio de uma tempestade e sem uniforme?

Han deu uma volta rápida no Campo cheio de mortos, afastando a neve de mais dois ou três corpos. Todos trajavam roupas comuns de viagem e a maioria era jovem.

De que lado eles estavam? Quem os tinha matado? Será que algum escapara? E onde estavam os assassinos?

Não parecia inteligente ficar ali, apesar de a batalha já ter terminado havia tempo. Se os assassinos ainda estivessem na área, poderiam voltar para o abrigo quando uma nova tempestade caísse.

Han se aproximou do cavalo ferido. Estava com a cabeça baixa e a respiração pesada e úmida. Provavelmente, passaria por mais um

dia ou dois de sofrimento.

— Ei, calma — disse ele, passando a mão pelo pescoço do cavalo, tateando com os dedos, encontrando a veia quente, segurando o amuleto com a outra mão. — Está tudo bem — sussurrou ele, e fez um dos feitiços mortais que Corvo lhe ensinara.

O baio morreu rápido, mas Han estremeceu mesmo assim. Era a segunda vez que matava com magia; a primeira intencionalmente. Talvez aquilo ficasse mais fácil com o tempo.

Han deu uma olhada rápida dentro da casa e não encontrou nada de valor além de um saco de aveia congelada, que decidiu levar.

Montou Ragger, puxou o amuleto de serpente e o deixou apoiado do lado de fora do casaco. Guardou o arco ao alcance da mão, embora torcesse para que os ladrões, invasores ou o que quer que fossem já tivessem ido embora.

Durante o resto da tarde, Han escalou enquanto o sol descia para a Muralha Ocidental. Quando se aproximou do Passo, viu que outros haviam seguido por ali depois da tempestade. Apesar de a neve ter derretido em alguns pontos da trilha, em outros estava batida, com marcas de ferraduras.

Seguiu com cautela, ciente de que qualquer pessoa à frente poderia olhar para trás da montanha e vê-lo subindo pelo mesmo caminho. Com um clima bom, ele teria dado tempo aos estranhos para se afastarem, mas as nuvens estavam se aproximando e não havia outro caminho.

Quando passou pela parte mais estreita do Passo, seus nervos gritaram e sua pele formigou. Sabia que era um lugar excelente para uma emboscada. Com ou sem magia, uma flecha entre as clavículas o derrubaria rapidamente.

Flechas eram mais rápidas do que feitiços; não dissera exatamente isso a Micah Bayar, um século atrás?

Seguiu pelo Passo sem ser perturbado e fez uma pausa no ponto mais alto para avaliar a longa descida à frente. A neve estava

remexida, e era coisa recente. Havia algo na trilha à frente, um vulto negro na neve.

Era outro corpo, coberto de flechas. Uma morte recente, sem neve em cima. Devia ter acontecido depois da tempestade.

Ficou sentado imóvel por um longo momento, os olhos perscrutando a ladeira abaixo. Observou as pedras dos dois lados da trilha, para o caso de haver arqueiros esperando para emboscá-lo. O vento jogou neve fina em seu rosto, que ardeu como se fosse vidro esmagado.

Ele estava se aproximando demais daquelas batalhas. Não tinha intenção de morrer ali, a um dia de viagem de seu destino. Mas também não podia ficar, não com tempo ruim chegando.

Fez Ragger andar devagar, murmurando palavras tranquilizadoras nas quais não acreditava. Seguiu para o lado do corpo e parou para olhar.

O homem estava de rosto para baixo, os braços esticados, como se tivesse esperanças de seguir em frente. A neve ao redor dele estava manchada de sangue. Era alto, tinha ombros largos e se vestia como os soldados mortos no Campo da Passagem. A pessoa que o atacara queria ter certeza de matá-lo: Han contou oito flechas espetadas antes de desistir de calcular.

A neve ao redor do corpo estava pisada, e havia marcas de botas e ferraduras de pelo menos doze cavaleiros. Han examinou a trilha que descia na direção do Campo Pinhos Marisa. Tinham saído correndo. Com medo de serem pegos? Ou ainda atrás de alguém?

Seria aquele homem a última vítima do ataque à cabana? Por que estavam tão ansiosos para acabar com ele? Era quase como se aquele homem fosse tão perigoso que quisessem matá-lo duas vezes.

Ladrões ou renegados do sul não se preocupariam com um sobrevivente, certo? Soldados nunca carregavam muito dinheiro, nem mesmo logo depois do pagamento. Em Feira dos Trapilhos,

todo mundo sabia que não valia a pena furtar deles, muito menos assaltá-los.

Além disso, tinham deixado para trás a promissória de pagamento de Ginny Foster.

Não fazia sentido, a não ser que estivessem trabalhando como guardas de alguma coisa valiosa, talvez de mercadoria. Talvez quem os atacara não quisesse que a história chegasse à capital.

Com o medo que estava de uma emboscada, Han teria seguido em frente, mas viu algo cintilando na neve ao lado do soldado morto.

Depois de uma rápida olhada ao redor, Han desmontou e se ajoelhou ao lado do corpo. Era uma espada, meio presa debaixo do cadáver.

Incomodado pela ideia de roubar do morto, Han virou o corpo delicadamente e soltou a espada.

Era uma bela peça, com o cabo e o guarda-mão trabalhados em ouro, na forma de uma dama com cabelo esvoaçante.

Os atacantes deviam estar com muita pressa para deixar a espada para trás.

Nenhum soldado comum carregava uma espada daquelas. Era o tipo de objeto que era passado de pai para filho em famílias de sangue azul. Seria ele um nobre disfarçado?

Han observou o rosto do homem em busca de pistas. Era mais velho do que os outros que ele vira; de meia-idade, com cabelo grisalho de corte militar, os olhos cinzentos com expressão acusadora. Havia algo familiar naquele rosto, naqueles olhos cinzentos.

Han estremeceu e fez o sinal do Criador. *Ah, Alister*, pensou ele, balançando a cabeça. *Agora vai ser sentimental sobre um ladrão e uma espada roubada?*

Com o polegar e o indicador, Han fechou delicadamente os olhos do soldado. O corpo ainda estava um pouco quente e não tinha ficado completamente rígido. Ele ergueu as mãos do homem e as

uniu sobre o peito. Então recuou e ficou olhando, o coração disparado.

O soldado usava um pesado anel de ouro na mão direita, com um entalhe de lobos em círculo.

Ele já tinha visto anéis como aquele.

Uma lembrança voltou a Han: o cabo Byrne, de Rebecca, empurrando-o contra a parede em Vau de Oden, com a mão ao redor de seu pescoço, querendo saber onde ela estava.

Quando Byrne o soltara, Han reparara no anel que ele usava. Lobos. Um anel igual àquele. Igual ao que Rebecca Morley usava. Na época, Han pensara que talvez ela e Byrne tivessem trocado presentes românticos.

Agora, ao olhar para o rosto do homem morto, viu um reflexo do Byrne mais jovem: os mesmos olhos cinzentos, a mesma estrutura óssea. Aquele era o pai do cabo Byrne. Só podia ser.

— Sangue e ossos! — exclamou Han.

A descoberta gerou mais perguntas do que respostas.

O Byrne mais velho era capitão dos casacos azuis. Han se lembrou do dia em Ponte Austral em que o Byrne mais jovem o salvara de uma surra de Mac Gillen, um sargento brutal da guarda.

Talvez você seja filho do comandante e talvez vá para a academia. Isso não significa nada, zombara Mac Gillen.

Então os soldados mortos eram casacos azuis, sem dúvida. Integrantes da Guarda da Rainha viajando sem uniforme.

Alguém tinha assassinado um grupo de casacos azuis no Passo de Pinhos Marisa? Por quê? E quem? Só os Demonai lhe vinham à mente, se as tensões entre os clãs e o povo do Vale tivessem virado conflito, mas os guerreiros Demonai não usavam bestas.

E por que a guarda viajaria sem identificação? Deviam ter atravessado a fronteira no Passo de Pinhos Marisa. Estariam voltando de alguma missão secreta no sul?

Han não sabia muito sobre questões militares, mas achava que era dever do exército das terras altas resolver desentendimentos

nas fronteiras. Não da Guarda da Rainha, que funcionava como guarda-costas ou como polícia. Seus inimigos naturais eram os ladrões, os assassinos e outros criminosos da cidade que nunca atacariam soldados viajando em grupo.

Fosse lá quem fosse, fosse lá o que quisesse, a briga não era de Han. Ele não gostava de casacos azuis. Tinham matado sua mãe e sua irmã, botado fogo no estábulo com elas dentro. Tinham caçado Han incansavelmente por assassinatos que ele não cometera. Não devia nada a eles. Disse isso tudo a si mesmo enquanto tentava tirar da cabeça a pobre Ginny Foster morta. Enquanto tentava ignorar o corpo do capitão Byrne caído no meio de uma trilha.

Han e Amon Byrne tinham suas diferenças, a maioria por causa de Rebecca, mas o rapaz ficara do lado dele quando mais ninguém tinha ficado. O cabo Byrne parecia ter escrúpulos em uma época em que isso era raro.

Han pensou na espada e achou que deveria deixá-la com Byrne, ao lado dele ou em suas mãos. Parecia pertencer a ele.

Mas, se deixasse ali, o primeiro viajante que aparecesse a pegaria e a venderia no mercado.

É melhor levar isso para o filho dele, pensou Han. Ele deveria receber a espada, assim como o anel e a história de como o pai morrera.

Com cuidado, Han tirou o anel de ouro do dedo de Byrne e o guardou na bolsa.

Depois disso, soube que tinha de seguir em frente. Sentia-se exposto por estar em terreno alto. O perigo deixava o ar do Passo denso e dificultava a respiração.

Mas, de alguma forma, não parecia certo partir sem algum tipo de cerimônia.

O capitão Byrne morrera lutando. O que se fazia por um soldado? Depois de pensar um momento, Han pegou a faca e a botou entre as mãos do morto, com o punho apontando para a cabeça. Ele não

era de rezar, mas baixou a cabeça sobre o corpo e encaminhou o capitão Byrne para o Criador e para a Lady.

Han levou a espada até Ragger, que o estava olhando com reprovção. Colocou a espada na bolsa perto do arco e montou, pensando que sua terra natal estava ficando mais perigosa do que algumas terras estrangeiras onde estivera.

Fins e começos

Raisa encontrou um esconderijo ao nascer do dia, em uma pequena ravina a poucas centenas de metros da trilha principal para o Campo Pinhos Marisa. Ali, a trilha seguia por pedra sólida, e o vento tinha afastado toda a neve, tornando mais difícil para alguém que a estivesse seguindo saber onde ela saía da estrada. Depois de prender o cavalo de Gillen no começo da ravina, Raisa voltou com um galho de pinheiro e fez o melhor que pôde para apagar as marcas que deixara ao sair da estrada.

Ela alimentou e deu água para o pônei, mas o deixou selado e pronto para partir. Acendeu uma fogueira embaixo de um abrigo natural e se agachou ali perto, comendo o pão e a linguiça de Gillen.

Esta pode ser sua última refeição, pensou ela, lembrando-se de todos os banquetes elaborados a que tinha ido no Castelo de Fellsmarch.

Na verdade, estava faminta, e tudo tinha um gosto delicioso. Ela adorava comer enquanto respirava ar frio e limpo, e estava viva. Nunca tinha realmente apreciado aquilo antes.

Raisa aprendera tanto no ano anterior. Seria tudo em vão agora?

Só tenho 16 anos, pensou ela. *Tenho planos.*

Se morresse nas montanhas, Han Alister nunca saberia o que acontecera com ela.

E Amon. Ele ainda estava vivo, tinha que estar. Ela sentia a energia que acompanhava a conexão entre eles. Amon saberia que ela estava em perigo. Ficaria louco para alcançá-la.

— Sinto muito — sussurrou ela. — Sinto por seu pai. Fique vivo e venha para casa logo. Preciso de você mais do que nunca.

Era tentador seguir em frente quando a segurança parecia tão perto. O Campo Pinhos Marisa ficava a um dia de cavalgada fácil, se o tempo continuasse bom. Ficou tentada a correr, a acreditar que conseguiria fugir mais um pouco dos pretensos assassinos.

Mas eles estariam esperando em algum ponto da trilha. Sabiam exatamente para onde ela estava indo, e fariam todo o possível para impedir que chegasse. Era um dia de inverno claro e ensolarado. Para onde quer que fosse, deixava marcas na cobertura virgem de neve. Cada vez que saísse do meio das árvores, ficaria visível por quilômetros, um ponto preto no branco. Era melhor esperar a cobertura da escuridão e seguir com cautela ao largo da trilha sempre que pudesse. Talvez uma pessoa sozinha e no escuro conseguisse passar pelas armadilhas que sem dúvida haviam deixado para ela.

Às vezes era preciso mais força para não fazer nada do que para fazer.

Ela tentou olhar à frente, tentou se convencer de que chegaria à segurança, de que toda aquela luta não seria em vão. Estava determinada a sobreviver, a se vingar daqueles que haviam assassinado Edon Byrne. Dos que tinham tentado matá-la.

Em Pinhos Marisa, poderia finalmente descansar sob a proteção dos clãs e prestar seu luto aos que pagaram pela passagem dela com a vida. Quando chegasse lá, poderia mandar um recado para a mãe, a rainha, informando sobre o ataque no Passo e a perda do capitão.

Era uma ofensa grave à autoridade da rainha. Talvez isso a despertasse para os verdadeiros perigos à espreita do trono Lobo Gris. Talvez Marianna se dispusesse a viajar para o Campo Demonai, como Elena sugerira, para permitir que curandeiros do clã verificassem se o Grão-Mago ainda estava amarrado à rainha. Eles

poderiam determinar o tamanho do estrago que Gavan Bayar tinha feito e encontrar uma forma de desfazê-lo.

Se sobrevivesse, ela jurava que se empenharia ao máximo para ajudar a mãe a vencer aquela batalha, que era a mais importante. Elas se uniriam, mãe e filha, rainha e princesa-herdeira. Se Marianna permitisse, depois do ano de Raisa em exílio.

Representavam a linhagem Lobo Gris, e nada poderia ficar entre elas.

Até Mellony poderia ter um papel a desempenhar. Raisa procuraria a irmã mais nova, pararia de vê-la apenas como rival pelo poder e pelo carinho da mãe.

Um contato com a morte podia trazer à tona sabedoria e boas intenções. Ela rezou para viver o bastante e poder aproveitar aquilo.

Decidida, Raisa se encolheu ao lado da fogueira. Era melhor dormir, pois precisava estar de cabeça fria à noite.

Mas o sono demorou a vir. O perigo a pressionava de todos os lados. Comprimia Raisa e a esmagava contra o chão. Várias vezes seus olhos se abriram de súbito, assustada com algum pequeno som.

Quando finalmente adormeceu, sonhou com uma série de cenas vívidas, como delírios febris ou como as pinturas em uma pedra da memória dos clãs.

Estava deitada ao lado de Han Alister no telhado da Biblioteca Bayar, em Vau de Oden, com a cabeça apoiada no ombro dele. Fogos explodiam acima, uma chuva de faíscas caía sobre eles. De repente, ele girou para cima dela, pressionando-a contra as telhas, uma faca em seu pescoço.

— Quais são as regras para encontros? — perguntou ele. — Quem você pode beijar, com que frequência, e quem começa?

— Eu *não sei* — respondeu ela. — *Não sei* as regras.

E ele a olhou com aqueles olhos azuis incríveis, tocou seu rosto com dedos quentes e sussurrou:

— De que você tem medo? De ladrões ou de magos?

A cena sumiu, e ela era uma criança pequena de novo, sentada no colo da mãe. Marianna estava lendo um livro com ilustrações e Raisal enrolava os dedos no cabelo brilhoso dela.

Depois disso, sonhou com um piquenique em Hanalea que acontecera havia muito tempo. A mãe jogava pedacinhos de pão no pai quando ele a provocava.

“Da próxima vez, vou escolher uma mulher que não tenha mira tão boa”, disse Averill, rindo.

A cena mudou. Marianna estava sentada ao lado do pomposo Duque dos Penhascos de Giz, que se achava um conquistador. O duque falava sem parar sobre seu chalé de caça nas Montanhas Heartfang e que ela deveria visitá-lo. Marianna olhou pela longa mesa para onde Raisal estava e ergueu uma sobrancelha, curvando a boca em um meio sorriso. A mãe conseguia dizer mais com um pequeno gesto, uma mudança na expressão, do que o orador Redfern dizia em um sermão de uma hora.

Por fim, Raisal, Mellony, Marianna e Averill estavam acomodados em um trenó e saíam no solstício para ver os fogos de artifício. As bochechas de Marianna estavam rosadas de frio, e ela ria como uma garotinha. Raisal estava sentada entre os pais, segurando as mãos deles, o elo entre os dois. Isso a deixava mais confortável do que as colchas de pele que os embrulhavam.

Mais visões vieram depois, novas e nada familiares. Não eram suas lembranças, portanto. Clarividência? Previsão? Ou passado recente?

A mãe ajoelhada na Catedral do Templo, com a cabeça baixa, as mãos unidas à frente do corpo, lágrimas escorrendo pelo rosto. O orador Jemson estava ajoelhado ao lado dela, com uma das mãos em seu ombro, falando baixinho. Marianna assentia e também falava alguma coisa, mas Raisal não conseguia identificar as palavras.

Marianna na escrivaninha de seus aposentos particulares, rabiscando palavras em um pedaço de papel, borrando a tinta na pressa. O orador Jemson e Magret eram as testemunhas. A rainha assinou o nome, soprou o papel para secar a tinta, enrolou-o, amarrou-o e entregou-o a Jemson.

A rainha Marianna de pé na varanda do quarto na torre, contemplando a cidade, com as mãos apoiadas na amurada de pedra. A cidade cintilava sob um cobertor suave de neve, as flores de primavera aparecendo. Era fim de tarde e o sol estava descendo, lançando sombras compridas e azuis sempre que conseguia aparecer entre os prédios.

Fora dos muros do castelo, crianças brincavam no parque, e Marianna as observava, vestidas em cores brilhantes, girando e colidindo e se erguendo de novo, e o som das gargalhadas delas se espalhava no ar ameno de primavera. Marianna sorriu ao vê-las enquanto enfiava as mãos debaixo dos braços para aquecê-las.

A rainha ouviu outro som, dessa vez atrás, e se virou.

— Mãe!

Raisa se sentou de um salto, acordada de repente, o coração martelando dolorosamente no peito. Tinha dormido o dia todo, era quase hora do crepúsculo. A fogueira já tinha se apagado havia muito tempo, e o calor que o sol de primavera oferecia estava se dissipando com rapidez. O cavalo de Gillen olhou para ela, bufando nuvens de vapor.

O grito dela pareceu ecoar, reverberando entre os picos que eram as tumbas de todas as rainhas mortas ao redor. Primeiro foi *Mãe!*, mas depois pareceu mudar para *Marianna!*, repetido sem parar até sumir no silêncio.

— Mãe — repetiu Raisa, mais baixo dessa vez, mas as montanhas ouviram mesmo assim. Elas retomaram o refrão. *Marianna!* Só que, dessa vez, citaram a linhagem de rainhas.

Marianna ana'Lissa ana'Theraise ana'... e assim por diante, até chegar em Hanalea. Os nomes ecoaram e clamaram pelas

montanhas como o dobrar de um grande sino. Tinha havido 32 rainhas no milênio desde que Hanalea curara a Cisão. As montanhas citaram todas.

Raisa sempre se sentira parte integrante daquelas montanhas, segura, ligada ao futuro e ao passado. Agora, sentia-se como um fio solto pendurado, a teia toda esperando para se desenrolar. Ou como uma muda de planta arrancada da terra e abandonada. Ela fechou os olhos e fez uma oração silenciosa.

Quando abriu os olhos, estava cercada de lobos, maiores do que quaisquer outros que já tivesse visto. Lobos cinzentos de todos os tons que o cinza podia ter. Os olhos eram azuis e verdes e dourados e pretos.

— Vão embora — sussurrou ela, levantando as mãos para se defender. — Me deixem em paz.

Uma loba se aproximou, pisando delicadamente na neve, e olhou para Raisa com olhos sábios e cinzentos. Os outros se afastaram para dar espaço a ela.

— Cumprimentos, Raisa *ana'*Marianna — disse a loba. — Somos suas irmãs, as rainhas Lobo Gris. — A loba se sentou e enrolou o rabo peludo nos pés. — Não é uma pena — disse ela, inclinando a cabeça — que nos tornamos rainhas apenas na dor de perdermos nossas mães?

— Preciso descansar — disse Raisa. — Tenho um longo caminho a percorrer amanhã. — Ela dobrou as pernas e abraçou os joelhos. — Já tive muitos sonhos por uma noite.

— E nós, como rainhas, damos à luz nossas sucessoras apenas na dor de nossa própria morte — disse uma loba de olhos verdes, como se Raisa não tivesse falado. — Mas saber que nossas filhas nos seguem facilita a passagem.

A loba de olhos cinzentos cutucou o joelho de Raisa com o focinho.

— Você não está sozinha. Se você se concentrar, vai sentir a ligação com toda a linhagem Lobo Gris.

— Servimos como conselheiras para as rainhas governantes — disse a loba de olhos verdes —, mas só quando a situação está ruim. Como agora.

— Bem, eu tenho visto vocês há meses — disse Raisa, tremendo. — Por que não falaram comigo antes?

— Sua mãe não conseguia mais nos ouvir — respondeu a loba de olhos verdes. — Por isso, viemos até você.

— Althea — disse a loba de olhos cinzentos, com reprovação.

— Ora, é verdade — disse Althea. — Raisa pode muito bem saber. Bayar bloqueou os ouvidos da rainha Marianna para que ela não ouvisse nossos avisos.

— Por que eu deveria ouvir vocês? — perguntou Raisa. — Vocês podem ser alucinações ou demônios conjurados por meus inimigos. Ou um pesadelo — completou, esperançosa.

— Você precisa nos ouvir — disse a loba de olhos cinzentos. — Você tem muitos inimigos. Se não tomar uma atitude, eles vão destruir a linhagem Lobo Gris.

— É por isso que estou indo para casa — disse Raisa. — Para ajudar minha mãe, a rainha. Não nos ouvimos há muito tempo.

O vento sacudiu as árvores, sussurrando *Marianna*.

As lobas também se mexeram, olhando umas para as outras, mordendo o ar e uivando.

— A linhagem está por um fio — disse a loba de olhos cinzentos. — E você é esse fio, Raisa *ana'*Marianna.

Foi tão parecido com o que Raisa pensava que tremeu de novo.

— Minha mãe e eu estamos em perigo — disse Raisa. — É isso que você está dizendo?

— Cuidado com uma pessoa que finge ser amiga — disse Althea. — Procure os inimigos perto de casa.

— Por que profecias sempre são tão misteriosas? — perguntou Raisa. — Por que você não pode me dizer de uma vez o que está acontecendo?

As lobas se levantaram, como se obedecessem a um sinal.

— Essa é a mensagem que temos para você, Raisa *ana'*Marianna, descendente das rainhas dos Sete Reinos — disse Althea. — Você precisa lutar pelo trono. Precisa lutar pela linhagem Lobo Gris. Não pode se permitir ser envolvida, como Marianna foi. O futuro do reino está equilibrado no fio de uma faca.

Ela baixou a cabeça, se virou e saiu andando em um trote.

As outras foram atrás, menos a de olhos cinzentos, que inclinou a cabeça e olhou para Raisa, pensativa, como se a avaliasse. Raisa pensou ver solidariedade nos olhos da loba.

— Raisa *ana'*Marianna, minhas irmãs falam a verdade, mas incompleta. Não cometa os erros que cometi. Escolha seus amigos com cuidado. Nunca esqueça que dois fios trançados são mais fortes do que um com o dobro da grossura.

— Minha mãe e eu — sussurrou Raisa. — É isso que você quer dizer?

A loba olhou por cima do ombro, como se tivesse medo de ser ouvida pelas irmãs rainhas, e se voltou novamente para Raisa.

— Saiba que às vezes é preciso escolher o dever em vez do amor. Não se esqueça do dever. Mas escolha o amor quando puder.

Raisa a encarou.

— Quem é você? — perguntou ela, em um sussurro.

— Eu sou Hanalea *ana'*Maria, que partiu o mundo.

— Mas...

Enquanto Raisa procurava palavras, Hanalea baixou a cabeça e se virou. Saiu correndo, com as orelhas para trás e o rabo balançando, e desapareceu nas sombras das árvores.

Raisa abriu os olhos de novo. Estava deitada de costas, olhando para as copas das árvores. O frio e a umidade tinham penetrado em seu casaco. Aglomerados de neve caíam sobre ela quando o vento balançava os galhos.

Marianna, sussurravam eles.

Ela se sentou, com a cabeça ainda enevoada do sonho e um nó de medo nas entranhas.

Então tinha sido um sonho. Mas o que significava aquela visita ao anoitecer? Era um pesadelo nascido da preocupação? Uma premonição? Uma parábola obscura que simbolizava algo completamente diferente?

Diziam que as rainhas Lobo Gris tinham o dom da profecia, mas ela nunca tinha visto isso na mãe, Marianna. Seria assim que as mensagens vinham, por meio de lobos cinzentos em um sonho?

Ou talvez fosse apenas isso, um sonho. Os vestígios e a consequência de um dia trágico.

Raisa não sabia se podia confiar em uma tradição mágica que parecia adormecida, relíquias de um passado em que os magos se comportavam, amuletos duravam para sempre e rainhas sabiam o que faziam.

O que ela encontraria quando voltasse a Fellsmarch? Qual seria o perigo tão grande que fizera as lobas lhe darem o aviso?

Precisava saber. Precisava saber imediatamente.

Raisa ficou de pé. Ao fazer isso, reparou que a neve ao redor do acampamento estava marcada com pegadas de patas do tamanho de pratos de sobremesa.

Pegadas de lobo.

Ossos sangrentos, pensou ela. Talvez estivesse ficando louca.

— Me desculpe — sussurrou ela para o cavalo de Gillen, que ficara selado o tempo todo.

O animal tinha conseguido roçar as costas em uma árvore e entortar a sela. Ela soltou o equipamento apenas o bastante para lhe dar comida e água de novo, depois apertou a cilha e montou.

Quando saiu da escuridão do cânion estreito, havia mais resquícios de luz do dia do que ela esperava. Os últimos raios de sol eram refletidos na neve, iluminando a estrada à frente. Ela olhou nas duas direções e se virou para o norte, na direção do Campo Pinhos Marisa.

Raisa levava o cavalo para fora da trilha sempre que podia, embora isso tornasse o progresso mais lento, torcendo para evitar

ser vista por alguém olhando de cima. Manteve a besta de Gillen armada ao lado, sabendo que um único disparo provavelmente não a salvaria.

Fez o possível para manter o cavalo seguindo devagar, quando sua vontade era sair galopando, correr até a segurança. Às vezes, parava e prestava atenção, mas só ouvia os movimentos dos galhos acima e o sibilar da neve caindo sobre neve.

Os que a estavam caçando também seguiriam com cautela, por não quererem, na pressa, deixar de detectá-la. Ou talvez tivessem montado uma armadilha e estivessem esperando, como aranhas, esperando que ela caísse na teia.

Raisa fez o que pôde para ficar alerta aos arredores, para não mergulhar em pensamentos. Não podia ficar divagando sobre todas as decisões que a levaram até aquele ponto, onde a vida e a morte se intersectavam. Seu futuro e sua vida dependiam daquele pequeno período na estrada estreita que saía de Delfos, seguia pelo Passo de Pinhos Marisa e ia até o Campo.

Onde estão os Demonai?, pensou ela. *Por que não podiam estar patrulhando esta parte da estrada?*

Raisa afrouxou as mãos nas rédeas quando a luz foi sumindo. Talvez pudesse seguir um pouco mais rápido agora, ao menos até a lua subir. Mas a falta de luz tornava a viagem fora da trilha mais perigosa. Se o cavalo torcesse a perna, estaria tudo perdido. Por isso, arriscou-se na trilha com mais frequência, indo mais rápido nas partes em que as árvores se uniam no alto e a escondiam de olhos xeretas.

Quantos deles estão por aí?, perguntou-se ela. Quantos teriam morrido nas mãos de sua guarda? Será que se separariam ou ficariam juntos? Será que alguns seguiriam pela trilha, na esperança de ultrapassá-la ou interceptá-la, enquanto os outros ficavam escondidos no caminho?

Raisa observou a trilha à frente, tentando identificar possíveis emboscadas, mas a escuridão que a escondia também ocultava as

armadilhas. À frente, a trilha seguia por um estreito, ao lado de um riacho congelado sob a superfície. Ela via marcas, evidências de que cavalos haviam passado por ali depois da tempestade.

Disse para si mesma que o fato de cavalos terem passado por ali não significava que continuavam ali. Além disso, não havia outro caminho. Mantendo-se perto da parede do cânion e abaixada para sua silhueta não ser vista na entrada da passagem, ela guiou o cavalo para o estreito.

O elemento surpresa foi o que a salvou. Os homens no cânion provavelmente estavam esperando havia horas, sem ninguém para matar, e estavam menos alerta do que deveriam.

Na metade do estreito ela viu um sinal de movimento na parede oposta do cânion. Um cavalo relinchou um cumprimento e o de Gillen respondeu.

De todos os lados, botas raspavam na pedra quando os soldados foram pegar as armas deixadas de lado.

Raisa bateu com os calcanhares nos flancos do cavalo, que disparou. Atrás dela, alguém soltou uma blasfêmia do norte. Um grito ecoou contra a pedra.

Eles explodiram da boca do cânion, e Raisa fez o cavalo seguir a uma velocidade ainda maior. Voaram pelo corredor estreito entre as árvores, arriscando a vida e os membros na quase escuridão. Atrás de si ela ouvia o estalo de cascos sobre pedra virarem o trovão da perseguição.

O cavalo parecia ansioso para correr depois de uma longa noite parado, e Raisa cedeu ao desejo dele. As árvores passavam em um borrão, e o vento em seu rosto era intenso. Poderia acabar jogada de um precipício, mas se eles a alcançassem estaria morta de qualquer modo.

Considerou as chances de chegar ao Campo Pinhos Marisa, à frente. O cavalo estava descansado, e ela era leve em comparação aos perseguidores. Mas não conhecia a trilha e não sabia se eles

tinham preparado outras armadilhas. Qualquer pessoa conseguiria ouvi-los chegando a mais de 1 quilômetro de distância.

Eles saíram do meio das árvores e dispararam por uma campina ampla. Ao ouvir as bestas atrás de si, ela zigzegagueou pelo prado, uma estratégia que os Demonai tinham lhe ensinado. As flechas passaram sibilando, mas nenhuma chegou perto. Só que o movimento em zigue-zague fez com que ela fosse mais devagar, e, quando olhou para trás, os assassinos estavam mais perto.

Mais uma vez, ela alcançou o abrigo das árvores, mas não conseguiu abrir mais distância entre si e os cavaleiros. Em uma contagem rápida, parecia haver seis.

De cada lado, ela viu lobos pulando pelo bosque, com as orelhas para trás, as pernas se esticando e se encolhendo, acompanhando a corrida com facilidade.

Vocês não poderiam pular na frente deles e assustar os cavalos ou algo assim?, pensou ela.

O cavalo espumou pela boca e diminuiu um pouco o ritmo. Por quanto tempo conseguiria continuar? Os outros cavalos também deviam estar se cansando. Mais do que o dela.

Passaram entre duas pedras próximas e entraram em outro cânion.

Sangue e ossos! À frente, dois cavaleiros dos dois lados da trilha se aproximaram para bloquear a passagem, com as bestas frouxas nas mãos, sorrindo.

Raisa olhou desesperada para os dois lados. O cânion era estreito, e não havia como contorná-los. Ela ouviu gritos de vitória dos cavaleiros atrás quando eles a viram emboscada entre os dois grupos.

A raiva fисcou dentro dela. Eles eram covardes e traidores, atacando-a em oito contra um.

Raisa soltou da bainha a pesada espada de Gillen. Depois de estendê-la à frente como uma lança, bateu com os calcanhares nos flancos do cavalo.

— Por Hanalea, a guerreira! — gritou, disparando à frente, direto para os cavaleiros.

O sorriso sumiu do rosto deles e foi substituído por surpresa e pânico. Eles puxaram as rédeas dos cavalos, tentando tirar as montarias do caminho.

A ponta da espada penetrou o pescoço de um dos cavalos quando Raisa passou. O cavalo relinchou, e ela soltou a espada imediatamente para evitar ser derrubada.

A flecha de uma besta soou bem perto e alguma coisa acertou as costas de Raisa, derrubando-a. Ela caiu de cara no chão, o cavalo acima, pingando espuma em seu pescoço. Raisa se levantou, tentando ignorar a dor latejante nas costas e o torpor e o formigamento no braço esquerdo.

Os outros assassinos estavam amontoados atrás dos dois que a emboscaram, mas logo a alcançariam. Segurando a sela, Raisa tentou montar, mas percebeu que um dos braços estava quase inútil e a dor era intensa demais para ela conseguir subir. O que fez foi pegar a besta e correr por entre pedras na extremidade do cânion. Começou a escalar, sua respiração sibilando por entre os dentes e lágrimas escorrendo pelo rosto. Sempre que se esticava e se movia e alongava o corpo, a flecha em suas costas se mexia, o ferimento ardia de dor e sua cabeça girava.

Apenas adiava o inevitável, mas estava furiosa demais para se importar. Ser derrotada tão perto de chegar a seu destino, e pelos traidores que assassinaram Edon Byrne, era inaceitável. A única forma de vingar a morte dele era sobreviver, mas isso estava parecendo cada vez menos possível.

Raisa subiu até não conseguir mais e então se alojou em uma fissura. Colocou a besta a seu lado direito e a adaga da Lady, no esquerdo. Eles que a tirassem de lá como um molusco dos penhascos ao longo do oceano Índio. Ela os faria pagar, mesmo que fosse um preço baixo.

Será que sabiam que ela estava ferida? Talvez não.

Raisa sentia o sangue escorrendo pelas costas, da ferida abaixo da clavícula esquerda. Estranhamente, porém, a dor estava diminuindo e sendo substituída por uma dormência que se espalhava. Teria a ponta da flecha atingido um nervo?

Ela ouviu alguém gritando lá de baixo, alguém que ela não conseguia ver.

— Não vamos prolongar isto. Você nunca vai conseguir fugir a pé. Renda-se agora e não será ferida. Se resistir, não dou garantias.

Até parece, pensou Raisa. *Nós temos nossos defeitos, mas a linhagem Lobo Gris não é burra.* Ela não respondeu.

Depois de um longo momento, ouviu o oficial gritando ordens. Os homens estavam se espalhando, procurando pelo cânion. Ela ouviu pedra batendo em pedra, homens falando palavrões, o barulho deles chegando até ela.

E então, do outro lado do cânion, um dos soldados ficou visível ao subir em uma pequena saliência. Ele se empertigou e olhou ao redor. Ao ver Raisa, sorriu e apontou para ela.

— Merkle! — gritou ele, olhando para o caminho por onde tinha subido. — Aqui em cima! Ela...

Raisa ergueu a besta e o acertou no meio do peito, como tinha aprendido. O homem cambaleou para trás e desapareceu de vista. Ela ouviu os outros gritando quando ele caiu no chão.

Isso pode retardá-los um pouco, pensou ela. Sentia-se estranha, com pensamentos confusos e lentos. Os lábios e a língua estavam dormentes e não conseguia mais sentir os dedos da mão esquerda.

Piscou para afastar a imagem dupla e então compreendeu. Veneno. A ponta da flecha estava cheia de veneno.

Oito contra um não basta, então, pensou ela. Não. Tinham que usar veneno. Para o diabo com as noções de luta justa. Se é que ela possuía alguma.

Sua confiança teimosa foi se esgotando. Como poderia lutar contra veneno? Devia ser feito à base de plantas, provavelmente por um dos clãs. Os clãs produziam venenos incríveis.

Ela sangrara muito no começo, mas agora não sentia mais o líquido escorrendo pelas costas. Isso era bom ou ruim? Se continuasse sangrando poderia eliminar o veneno?

Era potente mesmo. Sua visão embaçou e tremeu, e seus músculos se contraíram. As pedras ao redor balançaram. Lobos se moviam como sombras na escuridão, uivando, pressionando os corpos quentes nela como se assim pudessem mantê-la no mundo.

Ela só podia torcer para estar morta antes que a encontrassem.

Então ouviu mais movimentação abaixo, homens gritando uns com os outros. O que estaria acontecendo?

O tempo passou; em seu estado confuso, ela não sabia quanto. Achava que já deveriam tê-la encontrado. O cânion estava em silêncio.

Ela tocou a faca da Lady. *Quando alguém chegar, enfie a faca nele. Quando alguém chegar, enfie a faca nele.* Raisal repetiu isso sem parar, para não esquecer.

Amon sempre dizia que aquele era o objetivo do treino com armas: preparar os músculos e nervos para que, em uma luta, eles fizessem automaticamente o que deveriam.

Ouviu a voz de Amon em sua mente, baixa e desesperada. *Rai. Não morra. Não morra, não me deixe, Rai. Fique viva. Fique viva. Fique viva.*

Sua mão tremeu, indefesa. *Me desculpe. Me desculpe. Fiz o melhor que pude.*

Mais do que tudo, ela se arrependia de ter se separado de Han. Havia tanto que queria dizer a ele, confessar. Queria que as verdades substituíssem as mentiras que havia entre eles. Agora, Han provavelmente jamais saberia o que acontecera com ela. O que ela realmente sentira por ele. Quem realmente era.

Ela tentou se concentrar no rosto de Han, mantê-lo na mente; os olhos azuis brilhantes sob as sobrancelhas claras, o nariz estranhamente aristocrático, a cicatriz clara em um dos lados.

Pedrinhas choveram sobre ela, quicando nas rochas. Alguém estava se aproximando, vindo de cima. Ela esticou a mão e a fechou ao redor da adaga.

Uma caçada interrompida

Às vezes, a descida era mais traiçoeira do que a subida. Ragger queria ir mais rápido na descida do Passo, o que não era uma boa ideia nos locais da trilha onde a neve escondia imperfeições que iam de pequenas fissuras a grandes rochas.

A trilha pisoteada seguia. Os cavaleiros pareciam estar viajando a grande velocidade. Alguns se espalharam para os bosques ao redor, enquanto outros seguiram em frente. Ainda estariam perseguindo alguém? Ou se separando para dificultar serem perseguidos?

Por fim, a trilha chegou sob as copas das árvores, e o vento incansável diminuiu um pouco. Han ficou aliviado e apreensivo ao mesmo tempo. A floresta de pinhos ao redor o deixava tenso.

Alcançou uma pequena área alta com vista para uma série de encostas que desciam até o Vale, como ondas em um mar congelado. Teria que encontrar logo um local para acampar, apesar das preocupações com o vento. Nuvens se amontoavam ao norte, mas o sol ainda brilhava no horizonte, derramando-se sobre os afiados picos ocidentais. As rugas na paisagem lançavam longas sombras azuis sobre a neve. Já caíra a noite nos cânions. Os abetos tinham passado a manchas escuras nas sombras dos picos.

Han ouviu os sons da caçada antes de ver os caçadores. Uma das características daquela região era amplificar os ruídos, fazendo-os reverberar lá de baixo: o estalar de cascos sobre pedra, homens gritando uns com os outros, até os estalos de bestas.

Devia ser o grupo cujos rastros ele seguira o dia todo, os homens que mataram o capitão Byrne e os outros casacos azuis. Ele tinha acertado: estavam em caçada, e deviam ter acabado de encontrar a presa.

Seria um último casaco azul sobrevivente? Não podiam deixar que aquele escapasse?

Lutando contra a voz que dizia "Não é da sua conta, Alister", Han fez Ragger seguir em frente até conseguir olhar o vale abaixo. Era profundo, arredondado e dava em um riacho congelado. Tinha pegado fogo não muito tempo antes, então havia poucas árvores.

Enquanto olhava, um único cavalo e cavaleiro saíram do meio das árvores, galopando pela clareira, com o cavaleiro quase horizontal na sela. Era uma mulher, a julgar pelo tamanho, vestida como os soldados mortos e em um cavalo parecido. Ela se agarrava às costas do animal como um carrapicho, e os dois ziguezaguearam pela clareira, confundindo a mira dos arqueiros atrás.

Mais seis cavaleiros apareceram, talvez uns 100 metros atrás da garota, berrando como cães de caça ao sentir cheiro de sangue. As bestas soaram de novo, e flechas voaram e bateram no chão ao redor da garota antes de eles desaparecerem na floresta, do outro lado.

Han ficou assistindo, hipnotizado, até eles se perderem entre as árvores. Os sons da caçada diminuíram até a clareira voltar a ficar silenciosa e vazia, exceto pelas flechas que continuavam tremendo, negras contra a neve, evidências de que não fora um sonho.

Ragger bufou com impaciência e mexeu a cabeça. Han falou com o cavalo, tranquilizando-o distraidamente enquanto tentava entender o que tinha acabado de ver.

Os perseguidores montavam cavalos militares das terras altas, com pelagem densa de inverno. Também eles tinham a aparência de casacos azuis disfarçados, cuidadosamente discretos. Estavam tentando impedir que a garota chegasse à segurança de Pinhos Marisa, a poucos quilômetros de distância.

Eles estavam mirando para matar, seis contra uma. A garota casaco azul cavalgava como uma guerreira dos clãs, mas não tinha como escapar. Era uma luta de vida ou morte que não tinha nada a ver com ele.

Han disse para si mesmo que deveria seguir em frente, grato pelo fato de a caçada mantê-los ocupados enquanto ele seguia outro caminho.

Mas o que ele dissera a Rebecca quando ela lhe perguntara o que ele pretendia fazer quando voltasse a Fells?

Estou cansado das pessoas com poder maltratando os fracos. Vou ajudar eles.

Han não sabia a história por trás do que estava vendo. Mesmo assim, quem quer que fosse aquela garota, ele preferia ajudá-la em uma luta de seis contra um a defender uma rainha que odiava.

A situação também estava ligada ao motivo de ele estar ali. Byrne era o capitão da Guarda da Rainha e pai do extremamente honesto Amon, e aquela garota era tudo que restava do grupo dele. E Amon Byrne era amigo e comandante de Rebecca.

Sem planejar, colocou Ragger em movimento, descendo como podia pela ladeira. Começou com cuidado, mas logo se viu batendo com os calcanhares nos flancos do cavalo, com medo de chegar tarde demais.

A caçada acabara abruptamente um quilômetro e meio depois, em um cânion estreito cheio de pedaços de pedra e detritos. Han ouvia homens gritando uns com os outros. Depois de prender as rédeas de Ragger em um arbusto, desmontou e pegou o arco e uma aljava com flechas. Subiu pela lateral do cânion, pisando em gelo e pedra, e seguiu em frente até conseguir enxergar a ravina, estreitando os olhos para aproveitar ao máximo a luz que restava.

O cavalo da fugitiva estava de um lado, com a cabeça baixada, o corpo tremendo e o pelo fumegando no ar gelado. Primeiro, Han pensou que era tarde demais, que a garota tinha sido capturada. Mas todos os caçadores desmontaram apressadamente e

carregaram as bestas, sacando facas e espadas. Pelo visto, tinham emboscado a presa. Talvez o cavalo tivesse tropeçado e ela caíra.

Ou talvez tivesse sido encurralada. Agora, havia pelo menos oito homens no cânion.

Um dos homens ergueu um punho fechado, sinalizando para os outros esperarem. Depois de colocar as mãos em concha ao redor da boca, gritou para o outro lado do vale.

— Não vamos prolongar isto. Você nunca vai conseguir fugir a pé. Renda-se agora e não será ferida. Se resistir, não dou garantias.

Ha!, pensou Han. A garota vira o que acontecera com os amigos. Seria uma tola se aceitasse a oferta.

O homem esperou. Não houve resposta, exceto pelo estalar de folhas congeladas ao vento. Ele deu de ombros e assentiu para os outros homens. Seguiram para o meio das pedras caídas na extremidade da ravina, brandindo as espadas em meio à vegetação baixa, procurando em fendas e atrás de pedras, seguindo com neve até a cintura, subindo cada vez mais nas paredes do cânion.

De repente, um soldado em uma elevação, do outro lado do cânion, gritou alguma coisa, depois cambaleou e caiu berrando, com os braços se agitando desesperadamente. O homem caiu de costas em um pedaço de pedra. Um dos companheiros foi até ele.

— Cabo Merkle! — gritou ele, com a voz tomada de indignação. — Aquela garota maldita enfiou uma flecha em Jarvit.

Cabo?, pensou Han. *Eles são militares, como pensei. Por que, então, atacariam o grupo de Byrne? Não deveriam estar do mesmo lado?*

Os caçadores agora pareciam mais as presas, murmurando entre si, virando a cabeça, observando as paredes de pedra do cânion e se agachando para serem alvos menores. Pareciam mais do que dispostos a dar a outra pessoa a glória de encontrar a arqueira escondida.

Merkle soltou um palavrão e apontou para a parte direita no fim do cânion.

— A flecha só pode ter vindo dali — rosnou ele. — Ela é só uma garota, seus covardes!

— Ela já matou o tenente Gillen — resmungou o amigo de Merkle. — Só estou dizendo que é mais perigosa do que você pensa.

Han ergueu a cabeça, surpreso. Gillen? Mac Gillen? Se a garota já tinha matado Gillen, aquele era um serviço que merecia ser recompensado. *Qualquer inimigo de Mac Gillen é meu amigo.*

Os soldados continuaram resmungando, olhando para a parede do cânion onde a garota devia estar escondida. Pareciam pouco dispostos para o serviço.

— Vocês mataram o capitão Byrne, não foi? — disse Merkle, com desprezo. — Estão envolvidos demais para recuar agora. Se ela escapar, vocês vão ter muitos problemas.

Com olhares sombrios para o cabo, os soldados retomaram a busca, embora com mais cautela.

Então era verdade. Gillen e um grupo de renegados tinham assassinado o comandante e todos que viajavam com ele. Era provável que Byrne fosse o verdadeiro alvo, e agora eles queriam acabar o serviço para que ninguém voltasse e contasse histórias.

Han tomou uma decisão.

Contornando a beirada do cânion, assumiu uma posição oposta ao canto onde a garota devia estar escondida, perto do cabo Merkle.

Não precisaria de magia para aquele serviço.

Han encaixou uma flecha no arco, puxou até a orelha e soltou. Àquela distância tão pequena, a flecha disparada fez o corpo de Merkle dar um meio giro antes de cair com o rosto na neve.

Han já estava em movimento antes de o oficial bater no chão. Os homens abaixo soltaram gritos que ecoaram nas pedras. Se ele conseguisse afastar os malditos, talvez a garota pudesse fugir. Mas, com a perda de Merkle, os homens no cânion pareciam não conseguir organizar uma perseguição nem uma fuga. Ficaram por

ali, segurando armas e disparando algumas flechas atrasadas na direção da posição anterior de Han.

Han escolheu outro alvo e disparou. Correu um pouco mais e disparou outra flecha. Duas flechas, dois homens. A confusão começou. Três dos quatro soldados que sobraram procuraram os cavalos, enquanto o quarto caía morto com uma flecha no olho. Han disparou nos últimos três em momentos diferentes no processo de montar nos cavalos.

— Parece que vocês não estão acostumados com alvos que devolvem os disparos — disse Han.

Ele esperou alguns momentos para ver se tinha esquecido alguém. Um dos soldados atingidos ficou de joelhos e engatinhou com dificuldade na direção de um cavalo ali perto. A flecha de Han acertou o casaco azul bem embaixo da caixa torácica, e ele foi deixando uma mancha na neve enquanto seguia rastejando, com uma das mãos esticada e suplicante. O cavalo balançou a cabeça e revirou os olhos, observando com cautela a aproximação do homem ferido.

Com outra flecha no arco, mas sem repuxar a corda, Han desceu na direção dele, pulando de saliência em saliência, até estar a mais ou menos 12 metros acima do homem. Sem se apressar, firmou os pés, puxou a corda e mirou com cuidado.

O soldado ofegou um cumprimento para o cavalo, que esticou a cabeça para ele e resfolegou com curiosidade. Com um impulso, ele segurou o estribo. Lentamente, começou a se levantar.

A flecha de Han entrou pela nuca, e o homem morreu sem emitir som algum.

Então, com o arco no ombro, Alister subiu até onde imaginava que a garota estivesse escondida.

— Ei, você! Tudo bem? — perguntou ele.

Não houve resposta.

— Eles foram embora. — Han espiou o cânion e tentou encontrá-la em alguma saliência mais para baixo. — Você está a salvo agora.

Eu... hã... os espantei.

Nenhuma resposta. E por que ela confiaria nele?

Ele soltou um palavrão baixinho, pulou e meio deslizou, meio escorregou pela ladeira, segurando em um junípero para diminuir a velocidade e machucando os dedos no processo. Em uma parte logo no começo da escarpa, encontrou uma grande poça de sangue vermelho-arroxeadado na neve. Cristais de gelo já se formavam nas beiradas. Ao lado da poça, o pedaço de uma flecha de besta. Ela devia tê-la quebrado.

Não.

— Onde você está? Sei que está ferida. Por favor, me deixe ajudar.

Han se ajoelhou e observou o chão. Uma sequência de gotas vermelhas o levou até a vegetação baixa.

— Estou chegando! — gritou ele. — Não dispare em mim.

Ele tirou o arco do ombro e o colocou no chão. Com cautela, afastou os galhos e engatinhou enquanto criava uma luz mágica nas pontas dos dedos para enxergar o caminho.

Ela estava encolhida em uma fenda nas pedras, com os joelhos debaixo do queixo, uma faca sobre eles e a besta inútil ao lado. Estava imóvel, quase sem respirar, como um animal tentando se esconder a céu aberto. Se a luz não tivesse batido na lâmina, ele talvez não a tivesse visto. Mas, quando chegou mais perto, ela brandiu a faca.

— Afaste-se — sussurrou ela. — Me deixe em paz. Estou avisando. — Ela engoliu em seco, lambeu os lábios e ergueu o queixo com teimosia. — Se você se aproximar, corto sua garganta.

Era Rebecca Morley.

— Rebecca?

Han suspirou, um alívio incrível batalhando com o medo. Sentou-se sobre os calcanhares, a mente em turbilhão. Seus olhos se fixaram na faca. O desenho era similar ao da espada que ele pegara do capitão Byrne. A faca também devia ser dele.

Como ela fora parar com o capitão Byrne? Será que os casacos azuis de Byrne eram os "viajantes" que Simon vira em Vau de Grilhões? Mas o que eles estariam fazendo lá?

— Rebecca. — Han se inclinou para a frente e esticou a mão. Ela levantou a faca de novo, os olhos arregalados. — Você não me reconhece? Sou eu, Han.

Ele percebeu que não parecia nenhum tipo de herói. Depois de semanas na estrada, estava desganhado e com barba, magro e sujo. Sabia que também estava fora de contexto e devia ser a última pessoa que ela esperaria ver.

Mas ainda estava reconhecível, certo? Afinal, ele a reconhecera.

— Está tudo bem — sussurrou ele, nada convincente até para os próprios ouvidos. — Não vou machucar você.

Ela balançou a mão para demonstrar que não acreditava nele. Estava péssima. A neve ao redor estava manchada de sangue. Um lado do seu rosto estava roxo com hematomas, como se ela tivesse levado uma surra. O outro, exangue e pálido. O cabelo estava mais curto do que ele lembrava, fora cortado desde a última vez que a vira.

Os olhos verdes estavam enevoados e confusos, e a mão com a faca tremia.

— O que fizeram com você? — murmurou ele, lutando contra a náusea e a fúria.

Ela era sangue azul, afinal. Não era para ser assim.

Sua mente disparou. Teria ela escapado dos Bayar? Teriam os Byrne a resgatado? Estaria Amon Byrne entre os mortos no posto e ele não reparara? Ou o cabo Byrne estaria na floresta, morto ou ferido?

Mas Byrne dissera que estava viajando direto para o norte e entraria em Fells pelo Portal Ocidental.

Seria possível que Micah Bayar chegasse tão longe para se vingar de Han? Seria possível que mandasse um grupo de casacos azuis

para assassinar uma garota? Ou, como ele supusera, o verdadeiro alvo fora o capitão Byrne e Rebecca só estava lá por acaso?

Onde ela havia aprendido a cavalgar daquele jeito? Não em menos de um ano em Vau de Oden.

Com tantas peças faltando, aquele quebra-cabeça ainda era impossível de montar.

Ele respirou fundo, se inclinou para a frente, olhou nos olhos verdes dela e falou besteiras tranquilizadoras:

— Qual é o problema, Rebecca? Parece que está sempre com uma faca na minha cara. Já aprendeu a usar melhor uma lâmina?

E pronto. Ela apertou os olhos e franziu a testa, como se ele estivesse falando uma língua estrangeira.

Ele sempre tivera mãos rápidas. Em uma fração de segundo, tomou a faca dela. Guardou-a no cinto enquanto ela lutava para pegá-la, chamando-o de nomes incrivelmente terríveis.

— Não se preocupe — sussurrou ele. — Não vou perder. Está bem aqui.

Ele a puxou do buraco e a tomou nos braços, prendendo-lhe as mãos para que não conseguisse pegar a faca nem arranhar seus olhos.

Rebecca se encolheu ao toque dele e arregalou os olhos em choque. Houve um momento de luta, mais um choque de forças de vontade do que qualquer outra coisa, e então ela se acalmou, os olhos arregalados fixos no rosto dele, tremendo como um animal em uma armadilha.

— Sou um mago, lembra? — disse ele, ainda tenso como um fio esticado demais. — Lembra quando você me falou sobre beijos de magos? Beijos de magos ardem, você disse. Não é tão ruim depois que se acostuma.

Não teve resposta, mas não esperava nenhuma mesmo. Ainda assim, continuou falando como um louco, a única forma em que conseguiu pensar para mantê-la no mundo.

— Vamos descer e ver Ragger. Tenho suprimentos nos alforjes. Vamos tentar descobrir de onde está vindo todo esse sangue.

Ela não pesava nada, mas ainda assim era horrível descer em uma área cheia de pedras e protuberâncias com Rebecca nos braços, com medo de cair e machucá-la ainda mais. A respiração dela sibilava, e ele sabia que a estava machucando. Em determinado momento, ela começou a lutar, e ele precisou se esforçar para não cair e rolar até o fundo do cânion.

Quando chegou à base, assobiou para Ragger. Para sua surpresa, o cavalo veio, embora resfolegando por causa de todo o sangue e tantos corpos caídos pelo caminho.

Com uma das mãos, Han soltou o cobertor e o estendeu perto da encosta onde a neve tinha sido soprada pelo vento. Colocou Rebecca em cima do cobertor e tirou o casaco dela. Apesar da falação de Han, ela caíra inconsciente, os cílios destacados na pele exangue. Estava tão pálida que ele colocou os dedos sob seu queixo para sentir sua pulsação e ter certeza de que ainda estava viva.

Enquanto trabalhava, Han avaliava suas preocupações. Não sabia quantos assassinos eram nem se outros poderiam aparecer a qualquer momento. Mas estava mais preocupado com Rebecca morrer de hemorragia antes de chegarem a Pinhos Marisa.

Usando a faca dela, cortou a camisa cheia de sangue. Apoiando-a com um braço, a examinou. A tatuagem de rosa abaixo da clavícula se destacava, vermelha como sangue, contra a palidez da pele.

Ela tinha levado uma flechada abaixo da omoplata. Devia tê-la derrubado do cavalo. Rebecca conseguira quebrar a haste perto da pele, mas a ponta ainda estava dentro de sua carne.

O ferimento tinha parado de sangrar. A carne tinha inchado ao redor da ferida, fechando-a. Mas ela podia estar sangrando internamente. Han colocou o ouvido contra o peito dela e sentiu a pele macia contra a bochecha áspera. A respiração parecia normal,

não úmida, pelo menos, e não havia evidência de ar saindo pelo ferimento. Então talvez o pulmão tivesse escapado ileso. Ela não sangrara tanto assim. O ferimento parecia do tipo ao qual se sobrevivia, se ele conseguisse levá-la até um curandeiro.

Mas havia alguma coisa errada. Ela parecia perdida e confusa, quase como se o ferimento tivesse começado a infeccionar. Será que estava em choque devido à perda de sangue? Afinal, Rebecca era pequena.

Han observou a carne ao redor da haste da flecha e pressionou o ferimento. Rebecca gemeu e tentou se afastar. Ele segurou o amuleto e enviou um sussurro de poder para dentro, para explorar. O poder desapareceu imediatamente. Ele tentou de novo, e a mesma coisa aconteceu. Uma terceira vez, mais forte do que antes, e o poder sibilou dos dedos dele como fumaça em um vento forte.

Mas o que...? Era como se alguma coisa estivesse sugando o poder antes que conseguisse agir. Mas ele nunca tinha notado nada mágico em Rebecca.

Aquilo lhe lembrou as algemas de prata que usara até Elena *Cennestre* tirá-las, oito meses antes. Os clãs tinham colocado os braceletes nos pulsos dele quando ainda era um bebê. Eram como laços mágicos, um tipo de algema. Sufocava sua magia e impedia que os outros usassem magia nele.

Várias vezes feiticeiros tentaram incendiá-lo, lançar feitiços, e as algemas sugaram o poder. Como estava acontecendo agora.

Ele nunca tinha tentado fazer feitiços em Rebecca, exceto pela magia que às vezes escapava dele, mas...

Han a revistou freneticamente em busca de algo, um amuleto, um objeto, qualquer coisa que pudesse estar interferindo com a magia. Quando segurou sua mão direita, o anel dourado de lobo no indicador parecia estar pegando fogo.

— Humm — disse ele, examinando o anel.

Era o anel igual ao do capitão Byrne, agora guardado na bolsa de Han. E igual ao que o cabo Byrne provavelmente ainda estava

usando.

Trabalho dos clãs, provavelmente, pois eram mágicos.

— Onde você conseguiu isso? — murmurou ele. Trincando os dentes contra o calor, Han puxou o anel e finalmente conseguiu tirá-lo do dedo dela. — Desculpe — disse ele. Com cuidado, guardou-o na bolsa junto do de Byrne. — Vou devolver, prometo.

Mais uma vez, apertou os dedos sobre o ferimento e enviou poder, um diagnóstico que aprendera a fazer na aula de cura de mestre Leontus. Havia um frio nada natural ao redor da flecha, e estava se espalhando. Era cedo demais para ser uma infecção. E infecções eram quentes, não eram?

Veneno. Provavelmente, obra dos clãs. Venenos eram fáceis de ser encontrados com comerciantes dos clãs nas feiras.

Han soltou um palavrão, se sentindo traído, como se todo o trabalho árduo tivesse sido por nada.

Era bom que Rebecca tivesse sangrado, ou já estaria morta. Se Merkle e os capangas soubessem que ela estava ferida, podiam ter ido embora e deixado que ela morresse, sem maiores preocupações.

Han sabia uma coisa: não havia nada que pudesse fazer por ela ali. Ele podia ter o dom, mas não era curandeiro. Tinha que levá-la para mãos mais capazes, e rápido. E isso significava Pinhos Marisa. Torcia para Willo estar lá. Se não estivesse, Rebecca morreria.

Era provável que morresse de qualquer jeito.

Ele pegou uma camisa de lã no alforje e a passou pela cabeça dela, sem se dar ao trabalho de enfiar os braços nas mangas. Ficava enorme nela, chegava aos joelhos, mas ao menos a manteria aquecida.

Pensou em construir uma liteira, mas sabia que demoraria demais. Eles teriam que cavalgar juntos. A viagem seria pesada para ela, talvez fatal, mas não tinha escolha. Sentiu a bile subir por sua garganta, e a engoliu.

Ele não a perderia. Recusava-se a perdê-la. Rezou para o Criador. *Permita que alguma coisa dê certo, ao menos desta vez. Me deixe salvar alguém antes de essa guerra começar.*

Ocorreu a ele que talvez suas orações fossem como maldições, atraindo a atenção de deuses vingativos.

Apesar da urgência que sentia, parou para prender o cavalo de Rebecca e um dos cavalos dos assassinos em uma guia. Os cavalos eram pistas, evidências do crime cometido. Ele afastou o pensamento de que Rebecca não poderia contar o que acontecera porque estaria morta.

Felizmente, Rebecca era bem leve, ou não teria conseguido montar em Ragger com ela no ombro. Depois de sentado, conseguiu virá-la e colocá-la atravessada, encostada nele, com a cabeça aninhada debaixo de seu queixo. Passou um dos braços ao redor dela para impedir que escorregasse da sela. O arco estava perto do joelho, mas não adiantaria de nada com ele cavalgando em dupla. Ficaria praticamente incapacitado se fosse atacado. Tocou o amuleto para se acalmar.

Esperava que o calor de seu corpo ajudasse. Esperava que Willo estivesse em Pinhos Marisa, e não visitando um dos outros Campos. Esperava que eles não encontrassem mais assassinos no caminho.

Esperava não ter que segurar Rebecca Morley enquanto ela morria.

O preço da cura

Àquela altura, já estava completamente escuro. Os pássaros tinham parado de cantar e demoraria horas até a lua subir por trás das nuvens. Estava silencioso demais, um silêncio não natural, como se o mundo estivesse prendendo a respiração, esperando para ver como tudo se resolveria. O único som eram as patas de Ragger esmagando a neve.

Han tinha vontade de bater os calcanhares nos flancos do cavalo e fazê-lo galopar para chegar logo ao Campo Pinhos Marisa.

Havia uma chance muito pequena de sucesso, todas as possibilidades estavam contra eles. Se fossem devagar demais, Rebecca morreria. Se fossem rápido demais e Ragger quebrasse a perna, Rebecca morreria. Se esbarrassem com mais assassinos, Rebecca morreria.

Rebecca estava quase imóvel nos braços dele e gemia de tempos em tempos, quando ele esbarrava nela, mas, afora isso, não exibia sinais de estar consciente. Han sentiu que sua mente estava afundando cada vez mais, escapando do veneno e mergulhando em algum santuário interior do qual talvez não voltasse.

Lutou para lembrar as aulas de mestre Leontus sobre cura, as recitações que ele ensinara. *Nunca vou precisar disso*, pensara Han. *Estou sendo treinado para matar pessoas, não curá-las*. Pensara que todo mundo que pudesse querer curar já estivesse morto.

Tinha se enganado.

Han se concentrou. Trechos e fragmentos lhe voltaram à mente. Leontus andando pela sala de aula, com o pomo de adão subindo e

descendo, enquanto tentava convencer a plateia cética de alunos a considerar a cura como vocação.

Magos curandeiros assumem as doenças e ferimentos de seus pacientes.

Isso envolve dor e sofrimento consideráveis e consumo de poder.

Curandeiros procuram o que está errado no corpo dos pacientes. Criam a ordem a partir do caos e protegem o corpo e o espírito de toxinas.

É importante os curandeiros estabelecerem limites durante o processo de cura. Você não ajuda em nada o paciente se sucumbir.

Curandeiros são professores, além de terapeutas. Eles ensinam os pacientes a lutar, a reagir.

Curandeiros são mais corajosos do que o guerreiro mais valoroso, porque se colocam vulneráveis. Abrem canais entre si mesmos e os que tratam.

Leontus era um fanático de cabelos crespos que pregava para os não convertidos, e os alunos riam dele toda vez que ele virava as costas.

Han se lembrava apenas de resquícios de feitiços, tanto para ajudar o paciente quanto para proteger o curandeiro. Ele os disse em voz alta, torcendo para conseguir recordá-los assim.

Rebecca se enrijeceu contra ele e um tremor percorreu seu corpo. Mais uma vez, Han apertou o ferimento e injetou poder. A área ao redor da ferida estava gelada.

O veneno estava fazendo seu trabalho. Han sabia que ela não chegaria viva a Pinhos Marisa.

Ragger disparou em reação à pressão repentina exercida pelos joelhos de Han. Com sons tranquilizadores para o cavalo, Han abriu o casaco e a camisa, ignorando a temperatura que caía rapidamente. Ergueu a camisa de Rebecca e puxou o corpo dela contra seu peito nu, envolvendo-a em seu casaco para manter o calor lá dentro.

Ele segurou o amuleto e sussurrou o feitiço de abertura de cura. Então, hesitante, tentou contatá-la mentalmente. Disso ele lembrava; como fazer contato com os pensamentos de outra pessoa.

Participara sem entusiasmo dos exercícios em aula. Tinham feito pares e...

O canal se abriu e ele passou. Ela estava fria, muito fria, com o ferimento envenenado como uma janela aberta que drenava o calor e a vida de seu corpo.

Curandeiros estimulavam o paciente e o convenciam a lutar e reagir. Tremendo, ele foi mais fundo, avançando com cautela na direção da fagulha de vida que ardia no centro dela.

Vamos lá, Rebecca. Reaja. Não se deixe abater por eles. Fique comigo. Não desista. Não deixe que vençam.

Era como se tivesse entrado em uma caverna fria, sem mapa, e estivesse esbarrando em lembranças e emoções no escuro. Imagens passaram por sua mente, de outra vida, e muitas delas não faziam sentido para ele. Uma área ampla coberta de água, um oceano que ele nunca vira. Um par de sapatos vermelhos de dança. Interiores opulentos de palácios. Um colar de esmeralda no formato de serpente. Uma vista de Fellsmarch à noite através de uma parede de vidro, com os lampiões mágicos iluminando as ruas abaixo.

E pessoas: Amon Byrne de uniforme de gala, de pé em posição de sentido em uma entrada. Averill Pés Ligeiros Demonai, com o rosto enternecido de afeição.

Lorde Demonai? Rebecca conhece lorde Demonai?

Bem, ela tem sangue dos clãs.

Uma elegante dama loura aninhando um bebê recém-nascido, cantando uma cantiga com voz aguda e límpida. Micah Bayar, de preto e branco, com as mãos estendidas e os olhos negros brilhando de desejo e triunfo.

Não. Han se afastou dessa lembrança para ver a si mesmo, na sala do andar de cima da taberna Tartaruga & Peixe, segurando a caixa de música que dera a Rebecca. E agora ali estava ele, muito perto, inclinado para um beijo, os olhos azuis com pontos dourados. Era uma sensação estranha e peculiar ver isso do ponto de vista da outra pessoa.

Han nadou em um mar de emoções; culpa até os ossos. Uma saudade de casa. Uma sensação dolorosa de perda que não era dele. Raiva e traição e medo.

Agora ela *estava* reagindo, e intensamente, com o pouco de força que tinha. Mas estava lutando contra *ele*. Via sua presença como ameaça, não ajuda. Talvez não quisesse que ele descobrisse seus segredos.

— Ei, pare, guarde suas forças — sussurrou Han. — Não vou entrar onde não for desejado.

Portanto, desviou a atenção para o ferimento. Talvez houvesse uma forma de desintoxicar o veneno ou tirá-lo do corpo dela. Mas ele não sabia o bastante.

Bem, se não podia livrá-la do veneno, talvez pudesse retardá-lo, impedir que a matasse antes de chegarem a Pinhos Marisa. Então mergulhou e criou barricadas entre o veneno e a força vital nela.

Minutos se passaram, e o veneno parou de se espalhar. Permaneceu em quarentena na carne ao redor do ferimento.

Aquilo tinha um preço. Rebecca podia estar protegida do veneno, mas agora o próprio Han estava vulnerável a ele, apesar de ser bem maior do que ela. Em pouco tempo, estava oscilante na sela, com a cabeça latejando, sentindo frio e náuseas. Ragger resfolegou e dançou, com medo do estranho confuso em seu dorso. Se eles dessem de cara com mais assassinos, não haveria como Han montar uma defesa.

Ele era um estranho em território inimigo, e os instintos mandavam que escondesse o amuleto de serpente. Han o enfiou debaixo da roupa, longe dos olhos alheios, e o amuleto ficou

apoiado contra sua pele. Puxou o pingente de caçador solitário que Dançarino lhe fizera e o exibiu do lado de fora da camisa.

Mas deslizou a mão para envolver o amuleto que já tinha pertencido ao Rei Demônio.

O tempo passou. As sombras das árvores encurtaram e voltaram a se alongar. A neve chegou e caiu delicadamente ao redor deles, escondendo as bordas do mundo. De alguma forma, ele bebeu o resto da água. As últimas gotas arderam como chamas pela garganta. Quente estava frio e frio estava quente, um aparente efeito colateral do veneno.

Ele manteve uma das mãos no amuleto de serpente e a outra segurando Rebecca. O amuleto esquentava e esfriava em sua mão. Poder fluía do amuleto, passava por Han e entrava em Rebecca. Han antes estava quente e Rebecca, fria; agora era o inverso. Ela ardia contra a pele congelada do peito dele. Ragger estava escolhendo o caminho, com as rédeas frouxas sobre a sela.

Han ouviu uma voz familiar na mente, persistente, repetitiva, incitando-o.

Alister. O que está fazendo? Pare! Deixe a garota morrer. Você vai estragar tudo. Está se matando. Depois de todo o tempo que investi em você, você não tem permissão para se destruir.

Cale a boca, Corvo, pensou Han. Sei o que estou fazendo.

Outras vozes se juntaram à dele. Esta soava como a do cabo Byrne. *Fique viva, Rai. Fique viva. Fique viva até eu chegar. Não desista.*

Rai?

Han estava vendo coisas, então talvez estivesse ouvindo coisas também. A paisagem tremia e embaçava em sua visão periférica. Lobos. Lobos cinzentos os acompanhavam dos dois lados, caminhando por cortinas de neve. Os lobos viraram belas damas de sangue azul, com saias deslizando sobre a neve. Em seguida, voltaram a ser lobos. Han tentou ignorá-los, fingir que não estavam ali. Mas era como se estivessem ajudando, fazendo com que

continuassem em movimento na direção certa. Uma espécie de escolta pela neve cegante.

Ele concebeu um plano, treinou o que dizer, como uma criança pequena faria. Se treinasse o bastante, gravasse na mente, talvez ainda lembrasse mesmo que estivesse fora de si. Qualquer atraso poderia ser fatal para Rebecca.

Encontrem Willo Canção d'Água. Precisamos de Willo. A garota foi envenenada.

Ele olhou para a neve, pensando que refrescaria sua garganta ardente, mas não conseguiu pensar em como conseguir alcançá-la.

Ficou estranhamente consciente da própria respiração, concentrado naquilo, convencido de que, se não se lembrasse de respirar, simplesmente pararia.

Respire.

Ele inclinou a cabeça para trás, e flocos de neve estalaram em sua língua como fagulhas. A floresta ao redor tremeu e oscilou, as cores escorrendo como tinta em uma tela. Ou fogos de artifício. Ele se lembrou de alguma coisa sobre fogos de artifício e telhados e esperança.

Folhas brilharam ao sol.

Sol. O sol tinha nascido. A neve tinha parado de cair. Ou era só mais uma alucinação?

Respire.

Com uma estranha lucidez, Han reparou que a neve fresca na trilha tinha sido pisoteada por muitos cavalos. Plumadas de vapor subiam ao redor dele, e o fedor de enxofre e fumaça de madeira invadiu sua mente confusa. Ele só não conseguia lembrar por que aquilo era importante.

Ao olhar para baixo, viu com certa surpresa que havia uma garota em seus braços, a cabeça escura caída em seu ombro, as bochechas vermelhas de frio, os lábios entreabertos no sono. Estreitou os olhos para vê-la melhor. Qual era mesmo o nome dela?

Ele passou um dedo trêmulo na bochecha da garota. O rosto estava preto e azul onde alguém a tinha machucado, mas ela estava viva. Ele soltou uma respiração longa de alívio e lágrimas lhe escorreram dos olhos. Ele devia ter dormido e sonhado que ela havia morrido.

Estava tão concentrado em resolver aquele enigma que ficou surpreso quando Ragger parou de repente. Ergueu o rosto e viu uma criança pequena de pé no meio da trilha, com uma calça e uma túnica de pele de cervo. Piscou, e então havia duas; não, quatro.

— Ele está ferido! — gritou uma criança, na língua dos clãs.

— Ela também!

— Quem são eles?

Han ouviu cachorros latindo e mais falação agitada. Uma onda de tontura tomou conta dele, e ele ouviu as vozes de uma multidão crescente.

— Willo — sussurrou ele. — Precisamos de Willo.

De repente, três guerreiros Demonai surgiram na trilha entre Han e o pequeno grupo de crianças e cachorros. Estavam armados com arcos, com as flechas posicionadas, mas apontadas para o chão, vestidos com as roupas de sol e sombras dos Demonai. O guerreiro mais alto esticou a mão para pegar a rédea de Ragger, mas o cavalo mostrou os dentes e recuou, quase derrubando Han e a garota. O Demonai rapidamente deu um pulo para trás.

— Fiquem longe — ordenou Han, com a boca e a língua tão dormentes que quase não dava para entender. — Saiam do meu caminho.

— O que você fez com essa garota, bruxo? — perguntou o Demonai. — Solta ela.

O que ele estava dizendo não fazia sentido, mas Han estava mal demais para tentar entender. Ele tinha um plano. Tinha praticado durante todo o caminho, repetindo a mensagem mentalmente sem parar.

— Willo — gemeu ele. — Precisamos de Willo. A garota foi envenenada.

A cabeça de Rebecca pendeu como uma flor de talo comprido, o rosto afundado no casaco dele.

Os Demonai ergueram os arcos.

— Levante as mãos — ordenou o guerreiro alto. — Solte a garota.

— Não posso — sussurrou Han. — Ela vai morrer. Onde está Willo?

Os guerreiros se entreolharam, como se fosse uma pergunta difícil.

— Onde está Willo? — gritou Han, perdendo a paciência. — A garota está morrendo. Digam onde ela está, senão vou passar por cima de vocês.

As crianças saíram correndo para o Campo, como se estivessem sendo perseguidas por demônios.

— Entregue a garota para nós — disse o guerreiro alto. — Vamos levá-la até Willo.

Han balançou a cabeça teimosamente. Tinha um plano, e não era aquele.

— Onde está Willo?

Os guerreiros trocaram olhares de novo.

— Por aqui — disse um dos Demonai. — Pode nos seguir.

Dois começaram a andar na trilha à frente de Han, enquanto o alto ficou de lado, com o arco frouxo nas mãos.

Han botou Ragger em movimento. Eles passaram pelo homem mais alto. Na visão periférica, Han viu o guerreiro levantar o arco e mirar com cuidado, mas sua mente enevoada não conseguiu processar a visão, não conseguiu entender o significado daquilo.

— Não! — gritou alguém. — Pare! Não dispare! É Caçador Solitário!

Han ergueu o olhar e viu Willo correndo na direção deles, seus sapatos afundando e emergindo da neve, o cabelo esvoaçando. Ela

estava de branco: uma saia rodada, uma túnica comprida de couro de cervo por cima e nenhum casaco.

Hum, pensou Han, com torpor. Branco era a cor de luto nos campos. Será que alguém tinha morrido?

Atrás dela vieram doze crianças pequenas.

A visão de Han dançou, e Willo virou uma mancha de movimento. Oscilou, balançou a cabeça para clarear as ideias, e logo ela estava bem na frente dele.

Willo tomou na mão o bridão de Ragger, murmurando um cumprimento para ele. Em vez de baixar as orelhas e mostrar os dentes, o cavalo farejou de leve a mão dela.

Willo olhou para Han.

— Qual é o problema, Caçador Solitário? — perguntou ela. — O que aconteceu?

Atrás dela, como um eco, ele ouvia as crianças falando na língua dos clãs.

— É Caçador Solitário!

— Caçador Solitário? Ele está diferente.

— O cabelo está igual.

— O que ele tem no pescoço?

— Está doente?

— Quem é essa garota?

Willo colocou a mão no braço de Han, e poder fluiu para dentro dele, firmando-o, deixando sua mente lúcida o suficiente para que falasse.

Han forçou as palavras pelos lábios dormentes:

— Esta garota foi envenenada, Willo. Pela ponta de uma flecha; ainda está dentro dela.

— Flecha de quem?

Ela fez a pergunta rapidamente, mas ele entendeu.

— Não... não de clã. S... soldados. Soldados das terras altas, eu acho. Não sei que veneno usam.

— Quem é ela? — perguntou Willo, inclinando o pescoço e tentando olhar o rosto de Rebecca.

— R-Rebecca Morley. Ela mora no Vale, mas tem sangue dos clãs.

Talvez Willo não a tratasse como alguém das terras baixas.

A matriarca manteve a mão no braço dele. Han tinha a estranha sensação de que o toque dela era a única coisa que o mantinha de pé. Ela estava olhando para ele de um jeito estranho.

— Você também foi flechado?

Ele balançou a cabeça.

— Eu... eu tentei salvar a garota. Mas não sou curandeiro.

— Você usou alta magia?

Han assentiu.

— Eu tentei. — Ele balançou a mão sem ânimo. — Não deu certo. Eu...

Han sentiu o fluxo de energia mudar e preencher algum vazio dentro dele.

— Ah — disse Willo, inspirando e arregalando os olhos, que se encheram de lágrimas. — Ah, Caçador Solitário...

A voz dela falhou.

— Me desculpe — disse ele.

A saliva parecia se acumular em sua boca, e ele não tinha como engolir. O corpo não seguia mais suas ordens.

Respire.

— Você vai me entregar a garota? — perguntou ela. — Vai me deixar tentar?

Ele assentiu, tonto de alívio.

— Por favor, Willo. Por favor. Salve ela. Não importa... o que acontecer comigo.

— Solte a menina — disse Willo. — Solte seu amuleto e entregue a garota a mim.

Em sua mente, Han ouvia Corvo gritando. Ignorou os gritos. Soltou o aperto mortal no amuleto.

Willo esticou os braços e Han se inclinou para a frente, colocando a garota neles. Willo olhou para o rosto de Rebecca, ofegou e ficou pálido sob a pele de bronze.

— Pelo sangue de Hanalea! — sussurrou ela.

Han ficou gelado de medo. Será que ela teria morrido? Será que Rebecca já tinha morrido? Ele chegara tarde demais? Carregara um corpo morto por todo o caminho até Pinhos Marisa?

Willo olhou para os Demonai espantados.

— Tragam Caçador Solitário para a Cabana da Matriarca — ordenou ela. — Rápido. E encontrem Elena *Cennestre*. Preciso de ajuda.

— Willo! — chamou Han, mas ela já estava se afastando, caminhando para a cabana com Rebecca inerte nos braços.

Os arqueiros seguraram os braços de Han e o tiraram do cavalo, e, apesar de tentar, ele não conseguiu ficar sentado, e mergulhou na escuridão.

Segredos revelados

Raisa acordou ao som de vozes femininas e ao aroma de comida cozinhando lentamente. Por algum tempo, apenas escutou e respirou, com medo de abrir os olhos. Seu corpo todo formigava e queimava, como se agulhas e alfinetes estivessem se cravando em sua pele. Parecia a sensação de sangue voltando aos dedos das mãos e dos pés depois de um dia no frio. Audição, olfato, tato, paladar: cada um dos sentidos estava incrivelmente sensível aos arredores. Até a conversa baixa vibrava em seus ouvidos.

As mulheres falavam o dialeto das terras altas. Ela ouviu também outros sons familiares: o zumbido de uma roca de fiar, o estalo da batida de um tear, o sibilar de chamas em uma lareira próxima. Soube onde estava antes mesmo de abrir os olhos: em uma das cabanas dos clãs das terras altas.

Estava deitada de barriga para baixo em uma macia cama de penas, debaixo de um cobertor leve, perto do fogo. Usava uma roupa folgada, uma túnica branca de linho amarrada no pescoço. Uma pontada nas costas chamou sua atenção, insistente como uma dor de dente. Com cuidado, ela levou a mão até a nuca e explorou a área com os dedos, encontrando camadas de ataduras.

Devia estar em Pinhos Marisa. Como tinha chegado ali? Era como abrir um livro em uma página aleatória, ou entrar no meio de uma cena em uma peça teatral, sem saber o que tinha acontecido antes.

Não importa, pensou ela, fechando os olhos. Ficaria tudo bem agora. Ela poderia finalmente descansar depois da longa luta para sobreviver. Outra pessoa poderia assumir a responsabilidade.

Contaria à mãe o que acontecera, e Averill e Marianna fariam alguma coisa. Com esse pensamento tranquilizador, voltou a cair em um sono mais tranquilo.

Quando acordou de novo, era fim de tarde ou começo da noite. A luz entrava pelas portas e janelas, mas lampiões já estavam acesos para afastar a escuridão crescente.

Uma imagem perturbadora lhe voltou à mente: o capitão Byrne caído de rosto para baixo na trilha, o sangue negro contra a neve, as costas cravejadas de flechas.

Outras lembranças foram surgindo. Mac Gillen, o oficial renegado que a levava para longe dos outros e, em uma reviravolta peculiar do destino, salvara sua vida. Ela o matara e pegara seu cavalo. Mas eles estavam esperando por ela no Passo e a caçaram pela longa encosta até um cânion, onde uma flecha a derrubara do cavalo. Ela conseguira matar mais um, mas o veneno estava se espalhando. Ficava cada vez mais fraca, e eles estavam se aproximando. E então...

Quando fechou os olhos, viu um rosto familiar, iluminado por uma tocha, marcado de dor. Uma figura com maçãs do rosto altas, um nariz comprido e reto, olhos azuis intensos, emoldurados por cabelos claros.

Han Alister. De alguma forma, ele invadira aquele pesadelo que ela estava vivendo. Não fazia nenhum sentido. Ela deixara Han em Vau de Oden. Até onde sabia, ele ainda estava lá, pensando que ela o abandonara.

Raisa tremeu, lembrando-se do calor das mãos dele sobre a mancha fria e cada vez maior do veneno, e do poder que se espalhava por ela, derretendo as partes congeladas.

Ela lutara contra ele. Tentara escapar para o nada, mas Han a seguira, romperá suas defesas e... e o quê? Eles haviam se entrelaçado, se unido como fogo e gelo, e ele a protegera do frio traiçoeiro.

Raisa nunca se sentira tão segura; nunca se sentira tão viva quanto quando estava morrendo nos braços de Han Alister.

Havia alguma coisa... alguma coisa em relação ao anel dela. Ele tirara o anel. Ela ergueu as mãos e viu o anel de lobo no lugar certo, no indicador da mão direita.

Talvez tenha mesmo sido um sonho, pensou ela, decepcionada. Quisera morrer vendo o rosto dele, e o resto fora uma alucinação.

Aquilo deveria ser tranquilizador, mas, na verdade, agora se sentia vazia. Abandonada. Sozinha, como nunca antes. Havia outra coisa, alguma coisa rondando o fundo de sua mente. Alguma coisa da qual não queria se lembrar.

Raisa se apoiou nos cotovelos, sentindo, de repente, uma sede gigantesca e uma dor de cabeça horrível. As mulheres perto do fogo deviam estar observando Raisa, porque as duas se levantaram, colocaram os bordados de lado e foram se ajoelhar ao lado do colchão.

Uma delas era sua avó, Elena Demonai, a matriarca do Campo Demonai. A outra era Willo Canção d'Água, curandeira e matriarca do Campo Pinhos Marisa. Raisa a encontrara nos rebatizados e outros dias de festividade durante o tempo que passara em Demonai.

As duas estavam vestidas de branco, com xale de lã, camisa de pele de cervo e saia comprida e rodada. Raisa sentiu um calafrio de preocupação. Branco era a cor do luto entre os clãs.

— Minha neta, é bom vê-la abrir os olhos — disse Elena. — Você dormiu três dias.

Willo inclinou a cabeça e fez o sinal do Criador.

— Rosa Agreste, bem-vinda ao nosso fogo. Por favor, compartilhe tudo que temos.

Era o cumprimento das terras altas para os hóspedes.

— Estou com sede — sussurrou Raisa.

Willo a ajudou a se sentar, sustentando-a com um braço ao redor dos ombros. Elena levou um copo de água aos lábios de Raisa.

Ela deu um longo gole. A água queimou seus lábios e língua e esaldou a garganta, levando lágrimas aos olhos. Ela balançou a cabeça e recusou o resto.

— Está quente demais!

Willo e Elena se entreolharam e assentiram.

— É o veneno — disse Willo. — Ele confunde os nervos dos que sobrevivem. As coisas quentes parecem frias e as frias parecem quentes. Alguns dizem que é como se estivessem em chamas.

— Vocês sabem o que é? Que veneno é?

Raisa olhou de Willo para Elena.

— É feito de um fungo de árvore — disse Willo — que cresce no lado norte das encostas. Usamos às vezes para pegar peixes para defumar.

Elena ofereceu o copo de novo, e Raisa fez o melhor que pôde para beber, ignorando os nervos reverberando. Depois, hesitante, passou a língua pelos lábios, e ficou surpresa de ver que não estavam queimados.

— Quanto... quanto tempo isso dura?

Willo deu de ombros.

— Difícil dizer. A maioria não sobrevive.

Elena colocou o copo de lado quando ficou claro que Raisa não beberia mais. Sua avó, que era sempre tão calma, parecia agitada e nervosa.

— Me deixe olhar seu ferimento, já que você está acordada — sugeriu Willo. — Cobri com raiz de dente-de-cobra, apesar de ser um tanto tarde para tirar o veneno.

Obedientemente, Raisa se deitou de barriga para baixo e apoiou o rosto nos braços. Willo puxou a túnica e cortou as ataduras que cobriam o ferimento. Elena pegou do fogo uma panela com água quente.

— Você consegue nos contar o que aconteceu? — perguntou Elena, sentando-se ao lado dela de novo. A avó sempre ia direto ao ponto. — Quem atacou você?

— Só se estiver com disposição para falar, Alteza — murmurou Willo.

Raisa lutou contra a pontada de desconforto. Elena era sua avó, afinal, e Willo era conhecida por todas as Espirituais como uma curandeira poderosa. Claro que podia confiar nelas. Sempre se sentira segura e bem-cuidada nos campos das terras altas, longe da política da corte.

Mesmo assim, se sentia cercada de inimigos, depois que tanto do que ela acreditava acabou se provando falso.

— Fui atacada por integrantes renegados da Guarda da Rainha — contou Raisa. — O único que eu conhecia era Mac Gillen, e ele morreu. — Ela respirou fundo e trincou os dentes quando Willo raspou a compressa do ferimento. — É a segunda vez que minha própria guarda me trai. Eles foram atrás de nós antes, a caminho de Vau de Oden. Foi a mando de Gillen também, embora ele não estivesse lá.

Elena assentiu.

— Andarilho da Noite nos contou essa parte.

O guerreiro Demonai, Reid Andarilho da Noite, salvara Raisa e seu grupo de escolta dos guardas renegados de Gillen.

— Daquela vez, eles pareciam querer me levar viva. Desta vez, ficou óbvio que pretendiam me matar.

O que teria mudado desde então?

Willo colocou mais raiz de dente-de-cobra sobre o ferimento. Era grudento e desagradável, mas morno. Ou seja: devia ser fria.

— O capitão Byrne morreu — prosseguiu Raisa. — Morreu me defendendo, no Passo. Acredito que o resto de nosso grupo foi morto no Campo da Passagem ou ali perto. Precisamos mandar alguém recolher os corpos.

Elena assentiu, como se isso fosse notícia antiga.

— Andarilho da Noite e um grupo de guerreiros refizeram seu caminho até o Passo. — Ela fez uma pausa. — Ele tinha acabado de voltar da cidade quando você chegou aqui. Andarilho estava muito

preocupado com você... mas também furioso. Só saiu do seu lado porque pretendia caçar e... *interrogar* as pessoas que a atacaram. — O rosto de Elena endureceu e seus olhos brilharam. — Mas chegou tarde demais. Encontrou o capitão Byrne e vários grupos de soldados sem identificação mortos. Alguns mortos por bestas, outros por arco.

— Arco? — murmurou Raisa contra os braços cruzados. — Eu me lembro de bestas, mas não de alguém disparando com um arco.

Todos mortos, pensou ela. Bem, talvez isso explicasse as roupas de luto. Só que... Raisa virou a cabeça e tentou olhar para elas.

— Vocês mandaram alguma mensagem para minha mãe? Ela sabe sobre o capitão Byrne? Está vindo para cá?

As mãos de Willo pararam de se mexer por um longo momento, e ela e Elena se entreolharam de novo.

— Não sabemos, neta — disse Elena. — Mandamos uma mensagem para Fellsmarch, mas não recebemos resposta.

— Vocês não tiveram resposta em *três dias*? — Raisa elevou a voz.

Faz três dias, pensou ela. *Por que você não veio?* A lembrança do sonho com os lobos voltou com tudo. Mas não queria falar sobre isso, porque dizer em voz alta o tornaria real.

— Aconteceu alguma coisa — disse Raisa. — Tem alguma coisa errada. Ela responderia. Não ignoraria minha volta. Não faria isso.

— Andarilho da Noite partiu para Fellsmarch ontem, para falar com seu pai em pessoa — disse Elena. Seus dedos apertaram a saia. — Os oradores dizem que...

Willo balançou a cabeça rapidamente, e Elena não terminou a frase.

— Vamos ter que esperar notícias do Vale — falou Willo. Raisa conseguia sentir o poder das mãos dela acalmando-a, deixando-a com sono. — Não deve demorar.

Raisa fechou os olhos e expirou lentamente, tentando relaxar sob as mãos de Willo, mas novas perguntas brotaram quando ela

pensou no que sabia e no que não sabia.

— Como... como cheguei aqui? Eu estava ferida, e eles estavam atrás de mim, e... eu não lembro.

— Caçador Solitário trouxe você — respondeu Willo.

Raisa tentou se lembrar do nome.

— Caçador Solitário? Quem é?

— Bem. — Willo hesitou. — Talvez você o conheça pelo nome do Vale. Hanson Alister.

Não fora um sonho, então. Han Alister a tinha encontrado no meio das Montanhas Espirituais. Han Alister salvara sua vida.

Como todas aquelas pessoas tinham se conectado?

— Rosa Agreste? — chamou Willo quando Raisa não falou nada.

— Por que Han Alister teria um nome dos clãs? — perguntou Raisa. — Ele nasceu no Vale e, além de tudo, é mago.

Elena limpou a garganta.

— Eu não sabia que vocês dois se conheciam. — Ela não parecia feliz com a notícia. — Ele chegou confuso, talvez delirante. Chamou você de Rebecca.

— Eu usava esse nome em Vau de Oden — explicou Raisa. — Estudamos juntos lá. Ele não sabia quem eu era de verdade.

Mas agora descobriria. Provavelmente já tinha descoberto.

O estômago de Raisa se contraiu de infelicidade. Ela queria contar pessoalmente, explicar. Não queria que ele descobrisse por outra pessoa.

Elena se inclinou para a frente e mexeu no amuleto Demonai.

— Caçador Solitário foi um dos que atacaram você?

— Por que ele me atacaria? — perguntou Raisa, irritada.

— Ninguém acredita que Caçador Solitário tenha atacado a princesa-herdeira, exceto você e Andarilho da Noite — disse Willo, olhando para Elena, chateada. — Sente-se, Alteza.

Willo a ajudou a se sentar. Raisa se sentia fraca como um gatinho recém-nascido.

— O bruxo estava com o anel talismã de minha neta — respondeu Elena, na defensiva. — E com a espada de Hanalea e o anel que pertenceu ao capitão Byrne. — Ela se virou para Raisa, como se buscasse uma aliada. — E ainda não sabemos como Caçador Solit... como Alister encontrou você.

— Seja lá como foi que ele a encontrou, Caçador Solitário salvou a vida dela — afirmou Willo, ajeitando o cabelo de Raisa. — Ele precisou retirar o anel talismã para fazer isso.

Raisa não estava acompanhando a conversa.

— Mas eram oito — disse ela. — Oito homens me atacando. O que aconteceu com eles? Como ele me resgatou em meio a isso? Por acaso eles foram embora achando que eu estava morta ou...?

— Não sabemos — respondeu Elena, lançando um olhar para Willo. — O problema é esse: todo mundo morreu, e há muitas perguntas sem respostas.

— Bem, o que Han... o que Alister diz sobre isso? — perguntou Raisa, com impaciência.

Parecia que as duas matriarcas estavam falando de modo confuso de propósito.

Willo balançou a cabeça.

— Ele está doente demais. Não conseguimos interrogá-lo.

— Ele está *doente*? — Raisa se inclinou para a frente. — Foi ferido? O que aconteceu? *Onde ele está?*

Cada resposta parecia gerar mais perguntas.

— Caçador Solitário sabia que você tinha sido envenenada — disse Willo. — Ele usou alta magia para salvar sua vida. Magos curandeiros tratam os pacientes assumindo os ferimentos deles. É um recurso arriscado, e Caçador Solitário não tem muita instrução. — Ela fitou Elena, e seu olhar endureceu. — Ele não deveria ter sido colocado nessa posição. Não deveria estar aqui. Só teve alguns meses de treinamento.

Uma tensão que Raisa nunca tinha visto fαιscou entre as duas mulheres.

— Não — sussurrou Raisa, balançando a cabeça. — Ele não deveria ter arriscado, se não sabia o que estava fazendo.

Mas nenhuma das mulheres pareceu ouvir. Estavam concentradas demais uma na outra.

— Era dever dele salvar a vida dela, se é que ele fez isso mesmo — respondeu Elena, devolvendo o olhar de raiva de Willo.

Raisa olhou de uma para a outra.

— O que você quer dizer com “era o dever dele”?

As duas a encararam com os lábios apertados, como se desejassem poder retirar as palavras já ditas.

Havia alguma coisa no rosto de Willo, algum segredo que ela não queria revelar. Ela olhou para Elena como se dissesse: *Isso é sua culpa. Você conta para ela.*

— Caçador Solitário jurou servir aos clãs e à linhagem Lobo Gris — explicou Elena.

— O quê? — A dor de cabeça de Raisa estava piorando a cada revelação. O sono sumiu, apesar dos esforços de Willo. — Do que você está falando? Han odeia a linhagem Lobo Gris.

Elena ergueu as sobrancelhas e fitou Willo, como se dissesse “Ha!”. Willo revirou os olhos e aproximou a cabeça dos curativos.

Nada daquilo fazia sentido. Han Alister culpava a rainha, mãe de Raisa, pela morte da mãe e da irmã dele. Por que as serviria?

Enquanto Willo enrolava uma atadura, Raisa segurou a mão da matriarca.

— É melhor alguém me contar o que está acontecendo — disse, encarando as duas com impaciência.

Willo virou a cabeça e encarou Elena. Aparentemente, ainda era a vez dela.

— Pinhos Marisa e o Campo Demonai concordaram em custear os estudos de Alister em Vau de Oden em troca de serviços futuros — disse Elena, dando de ombros.

— Os clãs estão treinando *um mago*? — Raisa se perguntou se era possível ela ainda estar sonhando. — Mas isso... mas isso...

— É complicado, neta — afirmou Elena, batendo no joelho dela.
— Talvez possamos discutir melhor o assunto quando você...

— Então por que ele não está na escola, se vocês estão custeando os estudos? — questionou Raisa. — Por que ele voltou para cá?

— Parece que agora é o *futuro* — respondeu Willo, cada palavra uma alfinetada. — Os Demonai o chamaram de volta. Ele não pôde terminar o curso nem trabalhar como aprendiz.

Ela enrolou um pedaço de linho no ombro de Raisa e na cintura, amarrando com firmeza.

Elena ficou de pé e andou de um lado para outro, gesticulando, como sempre, e dirigindo os argumentos a Willo.

— Willo Canção d'Água, o ataque à princesa-herdeira mais do que justifica nossa decisão de trazer Alister de volta. Se o que você diz é verdade e ele salvou mesmo a vida dela, esse ato por si só já paga o investimento. Valeu a pena.

— Você acha que valeu a pena para ele? — sussurrou Willo.

— Onde ele está? — perguntou Raisa, tentando, com dificuldade, se erguer do colchão. — Onde está Han? Quero vê-lo.

— Neta... — disse Elena, franzindo a testa. — Você devia descansar agora. Temo que a situação...

— Não! — exclamou Raisa, mais alto do que pretendia. — Se estou dormindo há três dias, então quatro se passaram desde que alguém tentou me matar. Quero respostas diretas para minhas perguntas, e quero ver a pessoa que você diz ter salvado minha vida. Quero ver o preço que ele pagou.

— Se você insiste — respondeu Elena, com uma expressão reprovadora.

Willo ajudou Raisa a ficar de pé, segurando-a pelo cotovelo.

— Ele está no quarto ao lado.

A Cabana da Matriarca tinha vários quartos separados por cortinas, para que os pacientes pudessem ficar sob o olhar vigilante da curandeira.

Willo puxou a cortina de pele de cervo e elas passaram. Elena ficou no outro cômodo, como se a doença de Han pudesse ser contagiosa.

Um forno de cerâmica brilhava no centro do quarto, cuidado por dois aprendizes, um rapaz e uma moça, pouco mais velhos do que Raisa. Um pedaço de madeira aromática queimava, e um dos aprendizes direcionava a fumaça para o paciente com um grande leque.

Han Alister estava em um colchão perto do fogo, cheio de cobertores, o rosto pálido brilhando de suor. Seu cabelo estava úmido e grudado na testa, e ele se remexia e tremia debaixo dos cobertores, murmurando baixinho.

— Pela doce Lady! — exclamou Raisa ao vê-lo.

Han perdera peso. Normalmente, ele emanava vida. Agora, porém, parecia que sua essência vital fora sugada. Lágrimas arderam nos olhos de Raisa. Ela se ajoelhou ao lado da cama e, com toda a delicadeza, tirou as mechas de cabelo dourado da testa dele.

Não morra. Não ouse morrer. Eu proíbo.

Como se Han Alister alguma vez tivesse lhe dado ouvidos.

Raisa engoliu em seco e olhou para Willo, que a fitava com olhos apertados e lábios franzidos, pensativa.

— Não está quente demais aqui? Ele está suando.

— Estamos tirando o veneno dele — respondeu Willo —, com calor e fumaça e purgantes. Como não há ferimento de entrada, não podemos remover com raiz de dente-de-cobra, como fizemos com você. Nós também o levamos para a fonte do curandeiro, mas o calor é quase intolerável para Caçador Solitário, e ele luta conosco. Na última vez, quase afogou Mão Hábil. — Willo assentiu na direção de um dos aprendizes, o garoto. — Imagino que o veneno o tenha afetado do mesmo jeito que a você; confundiu os sentidos dele.

Raisa imaginou ser mergulhada em uma fonte quente e tremeu.

— Ele tem convulsões — prosseguiu Willo —, mas parecem estar diminuindo. — Ela se virou para o aprendiz. — Mão Hável, Caçador Solitário comeu? Bebeu alguma coisa?

O aprendiz balançou a cabeça em negativa.

— Nós tentamos. Ele se recusa. Está confuso.

Mesmo que ele sobreviva, e se nunca recuperar a lucidez?, pensou Raisa.

— Vocês não deviam... não deviam tentar um mago curandeiro? — perguntou ela. — Pode haver alguma coisa a fazer por ele com alta magia.

Willo assentiu e não pareceu ofendida.

— Eu concordo. Não sabemos muito sobre alta magia e feiticeiros. Eles não costumam se deixar tratar por curandeiros dos clãs. Mas em quem poderíamos confiar em Fellsmarsh? Poderíamos buscar alguém na academia em Vau de Oden, mas acredito que Caçador Solitário vá se recuperar ou morrer antes que alguém consiga chegar lá e voltar.

Raisa segurou a mão de Han. O poder vibrou fracamente nos dedos dele, apenas uma sombra do habitual. E isso a fez pensar.

Ela levantou o cobertor que estava puxado até o queixo de Han e espiou embaixo. Em seguida, olhou para Willo.

— Onde está o amuleto dele?

— Ele carregava dois — disse Willo. — Escondi antes que os Demonai os tirassem dele. — Ela enfiou a mão embaixo do colchão e tirou uma bolsa de pele de cervo. — Eu não queria que acontecesse nada com as peças.

Raisa sentiu o peso da bolsa, desamarrou a cordinha e virou o conteúdo na manta ao lado de Han. Havia mesmo dois amuletos, o de serpente do qual ela se lembrava e um desconhecido, um caçador com arco entalhado em pedra preciosa.

— Mãe Elena fez o amuleto de Caçador Solitário para ele — disse Willo. — Esse outro... nunca vi antes.

— Ele usava o amuleto de serpente em Vau de Oden — contou Raisa, lembrando como o objeto reagira a ela na última vez que o tocara. — Talvez um dos mestres tenha dado a ele. — Ela mordeu o lábio e olhou para o amuleto. — Não sei nada sobre isso — admitiu ela. — Mas acho que poderia ajudar, se Han ficasse com ele no pescoço. Pode impedir que a magia dele se disperse.

Willo olhou para o outro cômodo e para Raisa, colocou o dedo nos lábios e então assentiu.

Raisa ergueu o amuleto de serpente pela corrente, tomando o cuidado de não tocar na peça. Ela e Willo puxaram o cobertor de Han e Raisa desabotoou cuidadosamente a pesada camisa de lã que ele usava por baixo.

Depois de abrir o fecho da corrente, ela baixou o amuleto até estar apoiado no peito nu do rapaz. Na mesma hora o amuleto começou a brilhar, como um cumprimento.

E se fizer mais mal do que bem?, pensou Raisa. *Amuletos sugam poder, não sugam? Mas também o armazenam para quando os magos precisam.*

Teria sobrado algum, depois de Han usar magia para curá-la?

Ela afastou o cabelo úmido dele, prendeu o fecho e enfiou a corrente debaixo da gola da camisa. Pegou a mão de Han, enfiou-a sob a camisa frouxa e fechou os dedos dele ao redor do amuleto. Em seguida, puxou o cobertor até o queixo.

Ainda de joelhos, olhou para Willo.

— Ah, Willo — sussurrou ela, acariciando o rosto de Han, coberto com a sombra de uma barba ruiva. — Isso é tudo minha culpa.

A curandeira sorriu, com lágrimas nos olhos escuros.

— É mesmo? Eu estava pensando que era tudo *minha* culpa.

— Eu me lembro... de um pouco do que ele fez para me curar — disse Raisa. — Sei que tentei resistir. Tenho tantos segredos. Tentei afastá-lo. Ele não me salvou por eu ser a herdeira do trono Lobo Gris. Ele... — A voz dela falhou.

Willo colocou a mão no ombro de Raisa e o poder fluiu.

— Acalme seu coração, Alteza — murmurou ela. — Não precisa explicar nada para mim.

— Se você... se você achar que posso ajudar — sussurrou Raisa —, estou disposta a ficar com ele, ou cuidar dos leques, ou...

— Obrigada, Alteza, mas talvez seja melhor descansar mais um dia ou dois antes de assumir o papel de aprendiz de curandeira. — Willo a segurou pelo braço para ajudá-la a ficar de pé. — Vamos voltar para a cama.

Quando elas estavam chegando perto da entrada, Raisa ouviu vozes na sala ao lado. Ao passarem pela cortina de pele de cervo, encontraram dois recém-chegados à Cabana da Matriarca.

Era o pai de Raisa, Averill. E Amon Byrne.

Amon! O coração de Raisa pulou de alívio.

Na mesma hora, Amon fixou os olhos em Raisa e a avaliou, desde o cabelo desgrenhado, passando pela túnica e os joelhos, até os pés, com meias de lã ridiculamente pesadas. Ele fechou os olhos e ergueu o rosto para o céu, como se fizesse uma oração de agradecimento. Em seguida, fixou os olhos nela de novo, como se quisesse ter certeza de que ela não ia desaparecer.

Amon estava péssimo. Parecia ter vindo direto do inferno para a Cabana da Matriarca, com a lembrança daquele lugar ainda marcada no rosto. Parecia anos mais velho, mas terrivelmente jovem ao mesmo tempo. Seus olhos cinzentos estavam enevoados de dor e sofrimento, e seu rosto estava exausto sob a barba por fazer.

— Doce Lady — sussurrou Raisa. — Graças ao Criador, você está bem.

Ela queria abraçá-lo, dizer o quanto lamentava, contar que o pai dele salvara sua vida, explicar que nada era culpa dele. Queria fazer mil perguntas. Desejava poder fazer todo mundo sumir da sala.

— Cabo Byrne — sussurrou ela, com a voz ainda rouca dos efeitos do veneno. — Infelizmente, tenho más notícias.

Raisa deu um passo hesitante em direção a Amon, tropeçou e teria caído se Averill não tivesse dado um pulo e a tomado nos braços.

— Ele já sabe, Rosa Agreste — falou o pai. — Andarilho da Noite nos levou a notícia.

— Andarilho da Noite? — Raisa olhou para trás de Averill, na direção da porta. — Ele...?

— Ele ficou na cidade para... para... — A voz de Averill falhou, e ele a apertou e beijou o alto de sua cabeça, como se Raisa fosse uma criança pequena. — Graças ao Criador você está viva. Não faz ideia do que eu... Quando Andarilho da Noite nos contou o que aconteceu, que você estava muito ferida, tive medo de ter perdido você também.

Por um longo momento, Raisa se permitiu ser filha de Averill, se aconchegar nos braços do pai e afundar o rosto em sua camisa de couro. Descansar ali por um momento, em segurança.

Estou finalmente em casa, pensou ela. As coisas precisam melhorar daqui em diante.

Averill a colocou de pé com cuidado, como se ela pudesse quebrar, e manteve um braço ao redor de seus ombros para dar apoio.

— Cabo Byrne — disse Raisa, lutando para manter a compostura e a calma —, seu pai foi um dos homens mais corajosos e sábios que já conheci, e ele tinha muito orgulho de você. Com motivo.

— Alteza — respondeu Amon —, sinto muito. Eu deveria estar lá. Deveria ter sido eu.

— Não — disse ela, erguendo a mão para interrompê-lo enquanto lágrimas lhe corriam pelo rosto. — Se estivesse lá, eu teria perdido você também, e não conseguiria suportar isso, perder os dois. — Ela hesitou e tentou controlar a voz. — O que aconteceu é uma grande perda para a linhagem e para mim, pessoalmente.

Amon assentiu uma vez e ergueu o rosto, os olhos cheios de lágrimas. Um músculo tremeu em seu maxilar, e ela soube que ele

estava trincando os dentes.

— Obrigado, Alteza. — Ele engoliu em seco.

Raisa limpou o rosto com a manga da túnica. *Não tem problema chorar*, disse para si mesma. *Soldados e rainhas podem chorar, não podem?*

Ela era metade Demonai. Os Demonai não choravam.

— O capitão Byrne e seu grupo não foram os únicos heróis — prosseguiu Raisa, determinada a dar o tom da história antes que perdesse a chance. — Depois que fui ferida, Han Alister arriscou a própria vida para salvar a minha. — Ela fez uma pausa e observou o rosto deles com atenção. — Soube que alguns de vocês o conhecem como Caçador Solitário.

Averill olhou para Elena e ergueu uma sobrancelha. Elena assentiu e apertou os lábios.

— Alister está aqui? — questionou Amon.

Seus olhos cinzentos procuraram pela sala.

Raisa apontou com a cabeça na direção do quarto de trás.

— Ele está lá, lutando pela vida.

— Sangue do demônio! — Amon deu um passo na direção da divisória. — Ele foi ferido? O que...?

— Tenho mais notícias, filha — disse Averill rapidamente, com cautela na voz. — Mais notícias que não podem esperar.

Raisa se virou e olhou para a expressão cansada do pai, com uma nova aura de perda, dor e... e, sim, medo. Pela primeira vez o rosto de comerciante do pai o traiu.

— Pés Ligeiros, o que foi? — perguntou Elena. — O que aconteceu?

Averill colocou as mãos nos ombros de Raisa e a encarou.

— Ela se foi, Rosa Agreste — disse ele. — Sua mãe, a rainha Marianna... morreu.

CAPÍTULO DOZE

Legado

Raisa se desvencilhou do toque do pai e balançou a cabeça.

— Não. Não pode ser. Impossível.

Os olhos dela examinaram os rostos ao redor em busca de reconforto, mas não encontraram nada. A expressão de Willo dizia que a notícia não era inesperada, que confirmava seus piores medos. Raisa percebeu que a avó, Elena, já estava montando estratégias, repassando mentalmente a informação, avaliando o que aquilo poderia significar para os clãs das Espirituais, em especial para os Demonai.

Averill parecia desejar poder proteger Raisa da notícia e suas implicações. No momento, ele era tanto viúvo quanto pai.

— Ah — disse Raisa, com voz trêmula —, esta é uma época sombria.

Elena Demonai caiu de joelhos e baixou a cabeça grisalha.

— Vida longa a Raisa *ana* Marianna, batizada de Rosa Agreste nas terras altas, rainha Lobo Gris de Fells.

Amon puxou a espada, caiu de joelhos na frente de Raisa e colocou a arma aos pés dela.

— Minha espada e minha vida a seu serviço, Alteza.

Como pinheiros em uma tempestade, todos se inclinaram e deixaram Raisa sozinha de pé.

É assim que vai ser, pensou ela. Não há proteção para mim, não dessas coisas. Vou ficar de pé, sozinha, para o resto da vida. Ela ficou de punhos cerrados e cabeça baixa, permitindo que um soluço

trêmulo percorresse seu corpo enquanto os sonhos de reconciliação com a mãe desmoronavam e viravam pó.

Flor da Lua se aproximou por trás com uma cadeira acolchoada. Mão Hável trouxe uma manta de pele, que Raisa colocou ao redor do corpo com gratidão, desejando poder puxá-la por cima da cabeça e se esconder. Desejando poder ficar sozinha com seu sofrimento. Rainhas sucessoras tradicionalmente se recolhiam ao templo por três dias inteiros de luto antes de assumir o dever.

Mas não. Isso não era possível, não naquele momento. Apesar de suas entranhas parecerem cacos de vidro.

Ela fez um gesto para as pessoas no chão.

— Por favor. Levantem-se. Ou sentem-se. Fiquem à vontade. — Ela secou as lágrimas dos olhos com a base das mãos. — Me contem o que aconteceu. Me contem tudo.

— Rosa Agreste... — Averill parou e engoliu em seco, olhando pela sala. — Não precisamos fazer isso agora, em público. Sua mãe...

— Minha mãe está morta, e me sinto por um fio. Preciso que você me conte tudo: o que sabe e do que desconfia. Depois vamos decidir o que fazer e se poderemos ter tempo para o luto.

O pai a olhou. E a olhou de novo. Então inclinou a cabeça em concordância.

Os aprendizes trouxeram almofadas, e Raisa conseguiu tirar todo mundo da posição ajoelhada. Amon se sentou à direita dela e Willo, à esquerda. Averill e Elena se sentaram de pernas cruzadas a sua frente.

Mão Hável, a pedido de Willo, serviu uma xícara de chá bem quente para Raisa. Ela bebericou enquanto tentava ignorar os sinais cruzados que os nervos lhe enviavam, sentindo a força percorrer seu corpo.

Willo colocou a mão em seu ombro, e o toque da curandeira a acalmou e clareou sua mente. Raisa fechou os olhos e desejou poder afundar no sono profundo do esquecimento.

Um pensamento se destacava em sua cabeça: *Isto é tudo culpa minha.*

— Como foi que aconteceu? — questionou Raisa, abrindo os olhos. — E quando?

— Ela caiu da Torre da Rainha, quatro dias atrás — disse Averill, olhando para as mãos. — No começo da noite. Caiu da sacada até o pátio e faleceu.

Raisa refletiu. Fora a noite em que os lobos tinham aparecido para ela. A noite em que oito guardas renegados fizeram o possível para matá-la. A noite após a morte de Edon Byrne. Era coincidência demais. Os eventos estavam ligados, tinham que estar.

Ela se lembrou das palavras de Althea: *Bayar bloqueou os ouvidos da rainha Marianna para que ela não pudesse escutar nossos avisos.* E aquele tinha sido o preço.

Willo acariciou o cabelo de Raisa e gesticulou, pedindo mais chá.

— Vocês dois estavam na cidade na hora? — perguntou Willo, olhando de Amon para Averill.

Averill assentiu.

— O cabo Byrne tinha acabado de chegar da Muralha Ocidental com a notícia de que Rosa Agreste tinha desaparecido de Vau de Oden.

— Eu sabia que você estava no norte, com... com meu pai, tentando voltar para casa — disse Amon, olhando para Raisa. — Sabia que estava em perigo, mas ainda viva. Então, Lorde Demonai e eu nos encontramos com Andarilho da Noite para montar uma estratégia. Para discutir se devíamos mandar uma guarda ao encontro de vocês.

— Andarilho da Noite também estava lá?

Raisa olhou do pai para Amon. Ela sabia que Andarilho raramente descia para o Vale, se pudesse evitar.

Averill assentiu.

— Ele tem ido e voltado de lá há dois meses. Pedi que fosse me ajudar com um grupo de guerreiros Demonai. — Ele hesitou, como

se não quisesse acrescentar mais problemas ao desastre. — As coisas estão tensas com o Conselho dos Magos, e eu precisava de uma guarda de confiança.

As implicações disso caíram sobre Raisa como uma capa molhada e pesada e se somaram a sua infelicidade. O consorte da rainha e o Conselho dos Magos tinham conflitos desde que ela lembrava, mas o antigo guerreiro Demonai Averill Pés Ligeiros nunca sentira necessidade de uma guarda selecionada cuidadosamente.

— Decidimos que Andarilho da Noite deveria ir para o Campo Pinhos Marisa para ver se havia alguma notícia sua. Ele já tinha partido quando... quando soubemos da morte de Marianna.

— Alguém viu acontecer? — perguntou Elena.

Averill balançou a cabeça.

— A rainha estava descansando em seus aposentos. Quando Magret entrou para acordá-la para o jantar, a cama estava vazia e as portas da sacada estavam abertas. Magret olhou para baixo e viu... viu Marianna caída nas pedras.

Raisa lutou para afastar aquela imagem da mente.

— Magret? — Ela olhou de Averill para Amon. — Magret Gray estava a serviço da rainha?

Averill assentiu.

— Marianna pediu especificamente por ela nas últimas semanas. Parecia mais à vontade com Magret do que com qualquer outra pessoa.

O sonho de Raisa voltou, no qual a rainha Marianna estava de pé na varanda. Ela ouvia um barulho e se virava...

— Magret estava no aposento ao lado o tempo todo? — sussurrou Raisa.

Averill balançou a cabeça.

— Ela dividia o tempo entre a princesa Mellony e a rainha Marianna. Como Marianna estava dormindo, ela foi atender a princesa.

— E a Guarda da Rainha? Onde estava? — perguntou Elena.

— Em frente à porta dela o tempo todo — disse Averill. Ele fez uma pausa e olhou para Amon. — Ao menos, é o que dizem.

— Quem estava de serviço? — perguntou Raisa. — Eles são... são de confiança?

Amon pigarreou e citou todos, meia dúzia de guardas, mas Raisa não conhecia nenhum.

— Conheço três deles — disse Amon, como se lesse os pensamentos dela. — Os que conheço são bons soldados. Leais.

— Leais ou não, quão difícil seria, para um mago, passar por eles? — questionou Elena. — Você devia se perguntar onde os Bayar estavam na hora.

Willo apertou o ombro de Raisa.

— Elena, não precisamos...

— Tudo bem. Onde eles estavam? — perguntou Raisa, apertando a manta ao redor do corpo. — Alguém sabe? Micah e Fiona voltaram?

Averill assentiu.

— Eles voltaram há pelo menos uma semana, mas ficaram entocados na casa dos Bayar em Lady Gris até alguns dias atrás. Lorde Bayar esteve em reuniões frequentes na sede do Conselho. Era onde estava na noite em que a rainha Marianna morreu, se você estiver disposta a aceitar a palavra dele, claro. Não havia ninguém lá de testemunha, exceto outros integrantes do Conselho.

— E ninguém... ninguém viu o corpo da rainha no pátio até Magret dar o alarme? — perguntou Raisa.

Averill fez que não com a cabeça.

— A sacada dá para o jardim particular da rainha. Marianna não gostava de jardins e nunca passava muito tempo lá. Só os jardineiros teriam motivo para entrar.

Raisa tremeu. Quanto tempo a mãe ficara lá caída, indefesa, quebrada e sozinha, antes de morrer? *Eu deveria estar lá*, pensou ela com infelicidade. *Ela não deveria ter passado por isso sozinha.*

— Magret Gray foi a primeira... foi a primeira a ver a rainha? — perguntou Raisa.

Averill assentiu.

— Você falou com a srta. Gray? — perguntou Elena. — O que ela diz?

— Foi por isso que demorei tanto para trazer a notícia — respondeu Averill. — Eu teria vindo antes, mas só soube ontem que Rosa Agreste estava em Pinhos Marisa. Eu queria... coletar o máximo de informação que pudesse, antes de vir.

Antes que as evidências pudessem ser destruídas ou encobertas, era o que estava implícito.

— Espero que você esteja tomando cuidado, Pés Ligeiros — disse Elena. — Se *foi* assassinato, os criminosos não vão hesitar em matar um consorte problemático.

— Não se preocupe comigo — respondeu Averill, dando um sorriso fraco.

— O que ela disse? — questionou Elena. — Havia algum sinal de ter sido mais do que uma queda da sacada?

Averill balançou a cabeça.

— Nenhum sinal óbvio. Parece que Marianna morreu da queda e nada mais.

O toque de um mago deixaria rastros? O trauma da queda poderia encobrir qualquer outro sinal de violência. Ou um mago poderia ter afetado a mente de Marianna para fazê-la pensar que era capaz de voar. Ou plantado o impulso de se matar.

— No entanto — prosseguiu Averill —, a rainha segurava isto na mão fechada.

Ele tirou um embrulho do bolso e o esvaziou na mão. Era uma pesada corrente de ouro, com elos torcidos e quebrados na ponta. Um belo trabalho, obra dos clãs, sem dúvida.

Era o tipo de corrente normalmente usada para carregar amuletos e talismãs.

— Magret encontrou isto — explicou Averill — quando estava preparando o corpo de Marianna.

Elena esticou a mão para pegar a corrente, com o rosto rígido e sério. Cutucou o objeto com o indicador.

— Ah. Parece que os assassinos da rainha deixaram pistas.

— Não sabemos se foi assassinato, Elena — disse Willo. — Não com certeza. — Ela se virou para Averill. — Encontraram mais alguma coisa? Qualquer coisa que possa nos ajudar?

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Vamos pensar sobre isso — disse Raisa, em voz baixa e séria. — E se alguém tiver empurrado minha mãe da sacada? E se ela esticou a mão e agarrou a corrente no pescoço do assassino para tentar se salvar e, quando ela caiu, a corrente arrebentou?

— É plausível — falou Averill. — Devo admitir que foi o que pensei também.

— Mas não basta o fato de ser plausível — comentou Willo. — Ainda não temos provas de que...

— Foram os Bayar e seus aliados — afirmou Elena. — Você sabe que sim. Quem mais tinha a ganhar com a morte da rainha? Andarilho da Noite está pronto para entrar em guerra, e eu não o culpo. Os Demonai não vão ficar de fora olhando a Naéming ser violada sem retaliar.

Raisa lutou contra a voz em sua mente, a voz Demonai que dizia: *Sim! Declarem guerra contra os assassinos de minha mãe. Derramem o sangue deles como eles derramaram o dela.*

— Vocês precisam de mais provas, se vão deflagrar uma guerra em Fells — disse ela, cansada. — Os Bayar são culpados de muita coisa, mas não sabemos se estão envolvidos nisso. Vou manter a lei, mesmo que seja inconveniente.

— Foi a lei que nos trouxe a este ponto — respondeu Elena, mexendo nas tranças. — Parece que os que seguem a lei viram vítimas.

— E os que não seguem a lei viram tiranos — retrucou Raisa. — Ninguém tem mais motivos do que eu para exigir vingança. Mas é responsabilidade da Guarda da Rainha levar o assassino da minha mãe à justiça. Se houver assassino.

— Onde estava a guarda quando a rainha Marianna foi assassinada? — questionou Elena. — O capitão Byrne estava morrendo no Passo Pinhos Marisa e o cabo Byrne estava com Rosa Agreste nas terras baixas. Quem era responsável por proteger a rainha?

Houve um silêncio profundo por um longo momento. Amon se sentou mais ereto, os olhos cinzentos fixos em Elena, os dedos da mão direita cravados na coxa. Raisa sabia que ele estava furioso, mas duvidava que alguém que não o conhecesse tão bem quanto ela conseguisse identificar.

São estas as pessoas com quem vou ter que lidar, pensou Raisa, se quero ser uma rainha bem-sucedida.

— Elena *Cennestre*, já basta. Peço que se lembre de que dez integrantes da minha guarda deram a vida por mim no Passo de Pinhos Marisa.

Pelo menos, a raiva e a frustração eram distrações potentes da dor que ameaçava tomar conta dela.

— Me perdoe, neta — respondeu Elena. — Peço desculpas por minhas palavras impensadas. Não tenho intenção de desrespeitar a guarda nem você, cabo Byrne. — Ela olhou para Amon, que assentiu de leve. — Ainda acredito que os Demonai podem contribuir mais. Você precisa de mais proteção agora do que sua guarda pode oferecer. Nós gostaríamos de ajudar.

— Vou me lembrar disso, vovó.

— Alguém revistou os aposentos da rainha? — perguntou Elena, olhando para Amon e Averill. — Se a corrente quebrada carregava um amuleto, pode ter caído no chão.

— Fizemos uma busca no quarto da rainha e na... na área ao redor do corpo — respondeu Amon, lambendo os lábios e olhando

para Raisa. — É sempre possível que tenham deixado alguma coisa passar.

— Vamos revistar o quarto e o jardim de novo, minuciosamente — afirmou Averill. — Vou voltar à cidade hoje e reunir o restante dos Demonai.

— Onde... onde está minha mãe agora? — perguntou Raisa, torcendo para não ser um lugar frio. Marianna sempre odiara o frio.

— Está sendo velada na Catedral do Templo — respondeu Averill —, aos cuidados do orador Jemson. Quando o orador intuir o local de descanso final dela nas Espirituais, vamos providenciar o enterro.

— E Mellony? — perguntou ela, com uma vontade súbita de ver a irmã. — Onde ela está? E... como ela está? Você sabe?

Averill balançou a cabeça.

— Está sendo mantida no Castelo de Fellsmarch, por segurança, pelo que alegam. Ela é frágil, como você sabe, e está perturbada por causa da mãe, claro. As duas eram tão próximas... — Ele parou de falar, e Raisa soube que o pai desejava poder retirar as palavras.

Ela captou a implicação, claro: Mellony era próxima da mãe como Raisa nunca fora.

— Não consegui falar com Mellony em particular — prosseguiu Averill —, por mais que tentasse. Ela está cercada de exércitos de guardas e damas de companhia, e os Bayar estão com ela constantemente.

— Os Bayar? Quais Bayar? — perguntou Elena.

— Todos. Gavan Bayar, Micah, Fiona e Lady Bayar — respondeu Averill. Ele fez uma pausa. — Como consorte, não tenho autoridade para despachá-los. Eles são como cães de caça cercando uma presa. Espero um anúncio do noivado de Mellony com Micah a qualquer dia, embora imagine que vão esperar para fazer o casamento depois da coroação de Mellony. Só para garantir.

Raisa quase deixou a xícara de chá cair. Inclinou-se para a frente.

— O quê? O que você quer dizer?

Averill olhou para Willo e Elena quase acusatoriamente.

— Ela não sabe?

— Rosa Agreste só despertou hoje — falou Willo. — Achamos melhor permitir que recuperasse as forças antes de contarmos.

Elena assentiu.

— Não vimos motivo para tocar no assunto. Enquanto Marianna estivesse viva e saudável, parecia... prematuro.

— Me contem — disse Raisa por entre lábios rígidos, sabendo que as coisas estavam prestes a piorar.

— A rainha estava bem-intencionada — explicou Averill. — Apesar de suas diferenças, ela queria proteger seu direito ao trono. Você precisa saber disso, Rosa Agreste.

— Alguém pode, por favor, me dizer o que aconteceu com a sucessão? — questionou Raisa, apertando os braços da cadeira para se segurar e não ficar de pé.

— A rainha Marianna estava sofrendo uma tremenda pressão do Conselho dos Magos e do Conselho dos Nobres — disse Averill. — Você tinha desaparecido, e ela não queria mencionar sua carta por medo de colocá-la em perigo.

Raisa levantou o rosto e encarou Amon, vendo a pergunta nos olhos dele: *Que carta?* Ela desviou o olhar para Averill.

— Mas, nos últimos meses, Marianna tirou coragem de algum lugar. Talvez soubesse, no fundo do coração, que estava sendo enganada, enfeitiçada pelo Grão-Mago. Ela dispensou o orador Redfern e levou o orador Jemson para a Catedral do Templo. Ele foi uma grande fonte de força para ela, mas também de pressão. Como você sabe, Jemson está comprometido com a Velha Fé, com as restrições geradas depois da Cisão e com a integridade da linhagem Lobo Gris.

Averill a amava, pensou Raisa. Sempre a amou. Mesmo com tudo que aconteceu para separá-los. Que pena ela nunca ter retribuído esse amor.

Tantos arrependimentos. Tantas oportunidades perdidas.

— Lorde Bayar continuou atrás da rainha — prosseguiu o pai —, dizendo que, se alguma coisa acontecesse a ela, haveria um vácuo de poder, que poderia haver uma guerra civil, que poderíamos ser invadidos pelo sul. A maioria dos membros do Conselho da Rainha apoiava Bayar.

Mão Hável se aproximou com o bule de chá, e Raisa o afastou com impaciência.

— E então?

— Duas semanas atrás, Marianna anunciou uma mudança na sucessão — disse Averill em tom pesado. — Ela manteve você como princesa-herdeira, mas acrescentou uma condição que permitia que Mellony fosse nomeada rainha: se Marianna falecesse e você não tivesse voltado.

Raisa olhou para o pai enquanto as implicações daquilo eram absorvidas.

— Ela pretendia proteger seu direito ao mesmo tempo em que resolvia as preocupações quanto ao vácuo de poder — explicou Averill, baixinho. — Acredito que ela sabia que você era mais adequada para sucedê-la. Marianna estava tentando satisfazer os clãs das Espirituais, o Conselho dos Magos, os oradores e o Conselho dos Nobres.

— Sangue do demônio — sussurrou Raisa. — Ela tentou agradar todo mundo e talvez tenha assinado a própria sentença de morte.

Ela apertou as têmporas com as pontas dos dedos. Sua cabeça latejava, como se pensamentos e revelações estivessem retumbando dentro do crânio.

— Eis uma teoria: Micah e Fiona voltaram para casa e contaram para o pai que eu tinha ido embora de Vau de Oden e poderia estar voltando. Isso forçou a mão de Bayar. Ele não podia correr o risco de eu aparecer e estragar tudo. Assim, assassinou a rainha, minha mãe, e montou uma armadilha para mim. Se eu ficasse no sul, Mellony seria coroada e se casaria com Micah. Mesmo que eu aparecesse depois, eles teriam tido tempo para se entranhar até

serem impossíveis de afastar. Se eu fosse teimosa o bastante para ficar e lutar, eles encontrariam uma forma de me liquidar. Mas, naturalmente, a melhor saída era garantir que eu nunca voltasse.

— Não temos prova disso, Rosa Agreste — disse Willo, baixinho. Raisa balançou a cabeça.

— Apenas acompanhem meu raciocínio. Se eu estivesse morta e não houvesse alternativa, os clãs teriam que aceitar Mellony. Assim, o Conselho dos Magos deve ter concluído que era uma boa aposta de como proceder.

— Alteza, nós jamais... — começou Elena.

— Que escolha vocês teriam? — interrompeu Raisa. — Quem mais teriam? Minha prima Missy Hakkam? — Ela tremeu. — Mellony seria a única herdeira sobrevivente da linhagem Lobo Gris.

Eles tinham sido ludibriados o tempo todo. Havia subestimado a agressividade dos inimigos. Se não fosse por Edon Byrne e Hanson Alister, eles já teriam vencido.

Eles, eles, eles, pensou Raisa. Tenho que tomar cuidado. Como Willo diz, não temos provas de que foram os Bayar. Ainda não.

Mas quem mais poderia ter sido? Quem mais tinha interesse em ver Mellony no trono? Ou havia outra motivação que ela não estava enxergando? Teria ela seus próprios inimigos? Gerard Montaigne, por exemplo. Ele se beneficiaria de um vácuo no poder de Fells.

E, se tivessem sido os Bayar, quais Bayar? Será que Micah estava envolvido?

No silêncio carregado, Raisa disse:

— O que as pessoas estão dizendo? No palácio e nas ruas.

— Há um pouco de fofoca — admitiu Averill. Ele parou e procurou no rosto de Raisa permissão para prosseguir. — Comentam no castelo, Alteza, que a rainha tirou a própria vida. Falam que ela andava bebendo em excesso. Essas fofocas são amplas e persistentes.

Eu me pergunto como isso começou, pensou Raisa com amargura. Escute e aprenda. Mostre sinais de fraqueza, e seus

inimigos vão atacar.

— E... fora do castelo?

— O povo está preocupado — respondeu Averill. — As pessoas sabem que você está desaparecida e se perguntam o que vai acontecer agora. Elas não conhecem Mellony, enquanto você tem apoio considerável entre as classes trabalhadoras, por causa do Ministério da Rosa Agreste.

Um pensamento preocupante tomou conta da mente de Raisa.

— Quem mais sabe que estou viva? — questionou ela, olhando pelo círculo. — Vocês mandaram recado para meu pai. A guarda foi notificada, ou o Conselho dos Nobres, ou...

— Não contei a ninguém na capital sobre o ataque — disse Averill. — Assim, quem estava por trás do ato deve estar se perguntando o que aconteceu. E com medo de você aparecer de repente.

— As pessoas no Campo estão comentando — afirmou Willo —, apesar de eu ter trazido você correndo para a Cabana da Matriarca assim que a reconheci. Você chegou no meio do dia, afinal, e os Demonai quase dispararam contra Caçador Solitário quando ele a trouxe. — Ela passou a mão cansada pela testa. — Há boatos correndo, mas apenas meus aprendizes sabem quem você é de verdade.

— Bem, espero que possamos manter isso dentro do Campo até nós... Ossos! — Ela bateu com o punho na palma da outra mão quando um pensamento surgiu. — Isso não vai dar certo se algum dos que tentaram me matar voltou para Fellsmarch dizendo que escapei. Se isso aconteceu, vão ficar de olho na minha volta para a cidade.

— Vamos torcer para que Caçador Solitário esteja bem o bastante para responder a algumas perguntas, em um dia ou dois — disse Willo.

Han. Uma onda de cansaço e desespero tomou conta de Raisa; ela se recostou e fechou os olhos.

— Alteza — chamou Willo. — Precisa descansar. Todos esses problemas ainda estarão aqui amanhã.

Raisa assentiu e desejou que não fosse verdade. Desejou poder ir dormir e acordar em um mundo onde a mãe ainda vivesse. Um mundo em que ela estivesse segura e protegida por mais algum tempo.

Caminhando ferido

Os outros se dispersaram para as diferentes acomodações onde passariam a noite. Willo dormia em um catre no quarto de Han, para o caso de ele precisar de alguma coisa. Amon teria se deitado do jeito que estava na porta do quarto em que Raisa dormia, mas Willo mandou os aprendizes arrumarem um catre para ele.

Apesar de muito cansada, Raisa não conseguia relaxar. Suas costas doíam mesmo tendo tomado chá de casca de salgueiro para a dor. Cada vez que fechava os olhos, cenas do passado invadiam sua mente, ações que ela queria poder refazer com a sabedoria que tinha agora. Ficou deitada de bruços, as lágrimas encharcando o travesseiro e um vazio enorme e dolorido nas entranhas.

Ouviu Amon se virando de um lado para outro no catre perto da porta.

Culpa e dor adensavam o ar e a sufocavam, dificultavam a respiração. Não. Ela não podia, não permitiria que Amon se atormentasse.

Raisa se sentou e recostou na parede com cuidado para não pressionar o ferimento.

— Amon? — sussurrou ela. — Você está acordado?

A resposta dele ecoou na escuridão:

— Sim. Está precisando de alguma coisa?

— Venha se sentar comigo. Por favor.

Raisa ouviu o catre estalar quando ele se sentou e colocou os pés no chão. Ele foi até ela e se sentou. A cama tremeu sob o peso dele.

— Você está bem? Quer que eu chame Willo?

Raisa balançou a cabeça em negativa.

— Nenhum de nós dois está dormindo, estamos sofrendo, e eu quero muito conversar com você.

— Tem certeza de que está disposta? — perguntou Amon. — Willo disse que você devia descansar.

— Acho que conversar vai ser melhor para mim. — Raisa bateu no espaço a seu lado na cama. — Aqui. Recoste-se na parede.

Amon deslizou até a cabeceira e se posicionou ao lado dela, tentando ficar à vontade no espaço apertado.

Raisa segurou a mão dele.

— Agora pare. Pare de se culpar.

Por um momento ele não disse nada, uma silhueta escura contra a luz da janela. E então:

— O que faz você pensar que estou me culpando?

Ele ainda era um péssimo mentiroso.

— Porque conheço você. Se alguém é culpado por tudo isso, sou eu.

Amon passou a mão livre pelo cabelo.

— Por que você diz isso? Nada é culpa sua.

— Não é culpa minha? Por onde devo começar? — Raisa mordeu o lábio. — Se eu não tivesse saído de Fells, nada disso teria acontecido. Minha mãe ainda estaria viva, assim como seu pai e todos os guardas que morreram me defendendo. — Ela tremeu. — Se eu tivesse ficado em casa, talvez pudéssemos ter resolvido nossas diferenças.

Amon refletiu sobre isso. Ela apreciou o fato de ele não ter negado imediatamente.

— Bem — disse ele —, você não tinha como saber como as coisas acabariam.

— *Você* não tinha como saber — rebateu Raisa. — Teoricamente, eu tenho o dom da profecia. Por que não previ o que ia acontecer?

— Parece que profecias nunca funcionam assim — respondeu Amon. — Mesmo quando as pessoas veem o futuro, não o entendem, ou não acreditam nele, ou fecham os olhos.

Eles ficaram em silêncio por alguns minutos.

— Estou pensando nisso desde que você desapareceu de Vau de Oden. O que aconteceu? Foi Micah? — perguntou Amon.

— Lorde Bayar mandou quatro assassinos a Vau de Oden para me matar. Micah me ofereceu uma alternativa: casar com ele. E eu concordei.

A compreensão surgiu nos olhos cinzentos de Amon.

— Então *Micah* matou os assassinos?

Raisa assentiu.

— Ah. Pelo menos um mistério foi resolvido. Não conseguimos descobrir quem teria matado aqueles homens com magia.

— Bem — disse Raisa, se encostando nele —, eu consegui matar um sozinha. — Parecia ter acontecido havia tanto tempo, na margem distante de um mar turbulento de eventos. — Estávamos seguindo para o norte quando demos de cara com o exército de Gerard Montaigne a caminho de Tamron. Uma patrulha de Tamron apareceu, e escapei na confusão.

— Eu sabia que você tinha ido para o norte, conseguia sentir — contou Amon. — Como você foi vista na confusão, achei que provavelmente tinha ido para Corte de Tamron.

Raisa balançou a cabeça.

— Eu decidi ir para casa, considerando que já estava na metade do caminho.

— Eu devia ter ficado mais de olho em você em Vau de Oden. Nós sabíamos que você ia acabar dando de cara com os Bayar alguma hora.

Ela acenou negativamente.

— Não. Pare. Isso também foi minha culpa. Foi minha carta para minha mãe que me entregou.

Ela limpou uma lágrima que tinha escapado.

— Que carta? A que seu pai mencionou?

— Eu convenci Hallie a entregar uma carta minha para a rainha Marianna, através do meu pai — explicou Raisa. — Eu queria que ela soubesse por que tinha ido embora e que estava voltando. Eu devia ter imaginado que os Bayar estariam de olho em todo mundo próximo a mim para o caso de eu tentar fazer contato. Foi assim que descobriram que eu estava em Vau de Oden. Não foi um encontro aleatório. — Ela engoliu em seco. — E pode ter sido minha carta o que a fez mudar a sucessão.

— Ah. — Amon pensou a respeito. — Talvez ela tivesse deserdado você completamente, se não fosse por isso.

— Mas talvez ainda estivesse viva.

— Por quanto tempo? Quando Mellony estivesse estabelecida como herdeira, eles ainda iam querer matá-la para botar Micah no trono.

Tempo o suficiente para eu vê-la de novo, pensou Raisa.

Eles ficaram sentados em silêncio por um tempo. Por fim, Raisa falou:

— Sua vez. Eu pensei... Quando seu pai me falou que você estava em Corte de Tamron e que Montaigne estava cercado a cidade, tive medo de nunca mais ver você.

Amon apertou a mão dela, mas não disse nada.

— O que aconteceu? — perguntou Raisa. — O capitão Byrne disse que você espalhou intencionalmente a história de que eu estava na cidade, para manter Montaigne ocupado.

Amon grunhiu.

— Não teve medo do que o príncipe Gerard faria quando descobrisse que você o havia enganado? — perguntou Raisa.

Ele deu de ombros e olhou para as mãos deles, entrelaçadas.

— Quer dizer alguma coisa, por favor? — pediu ela, exasperada.

— O que você estava pensando? Como escapou?

Ele deu um suspiro profundo.

— Só fique feliz de não ter estado lá, Rai. Gerard é um monstro, mas a família real de Tamron não é muito melhor. Aqueles Tomlin passam a maior parte do tempo tramando uns contra os outros. Quando nada funciona, eles recorrem a veneno. Durante o cerco, a cidade toda estava passando fome, mas o rei Markus dava um banquete todas as noites no palácio. Ele ficou furioso quando a rainha Marianna se recusou a enviar um exército para afastar Montaigne, apesar de ter mentido para ela. Ameaçou matar os Lobos Gris, um por dia, encerrando comigo, se Fells não respondesse.

A boca de Raisa ficou seca.

— O quê? Como ele poderia culpar você, se...?

— Não tente usar lógica para entender o que ele faz — disse Amon. Depois de uma pausa sombria, ele acrescentou: — Wode Mara foi o primeiro.

Raisa ficou rígida e ereta.

— Wode? Ele... ele morreu?

Amon assentiu e girou o anel dourado de lobo no dedo.

— E não me pergunte como ele morreu, porque não vou contar.

Wode era um cadete ruivo com rosto largo, bonito e sempre bronzeado. Tinha uma namorada em Penhascos de Giz e estava economizando para se casar com ela.

— Impossível — sussurrou Raisa.

— Eu pensei que teria que matar Markus pessoalmente, mas Liam Tomlin chegou primeiro. Ele e a irmã o envenenaram.

— Liam? Envenenou o pai?

Raisa se lembrou de Liam e da irmã, a princesa Marina, em sua festa de rebatizado; os dois altos, encantadores e graciosos, com cachos delicados e nariz forte. E uma habilidade com veneno, pelo visto.

Não estou pronta para ser rainha, pensou Raisa, tremendo. Não estou pronta para ir contra todas essas pessoas terríveis. Não estou

pronta para participar desse jogo arriscado como governante de Fells.

— Liam foi coroado rei, mas não pôde aproveitar por muito tempo — contou Amon. — Montaigne conseguiu passar pelos muros dois dias depois. E então... Então houve um massacre.

Amon fechou os olhos, os cílios escuros sobre a pele pálida.

— Como você escapou? — perguntou Raisa. — E... e o restante dos Lobos Gris?

— Tamron é delicada, e os ardeninos sabem disso. Eles não estão acostumados a lutar pela sobrevivência. Os ardeninos estavam concentrados em duas coisas: capturar você e os Tomlin e roubar tudo que desse para carregar. Eles mataram todos que estavam no caminho.

Amon passou a mão pelo rosto como se para afastar a lembrança.

— Então, cada um de nós matou um soldado ardenino do tamanho certo e roubamos os uniformes deles. Todos estivemos na academia; falamos a língua o suficiente para enganar. Passamos pelo meio do exército enquanto eles estavam ocupados. Fomos para nordeste, para Mar de Swan, porque sabíamos que as estradas para Vau de Grilhões e Vau de Oden estariam sendo vigiadas.

“Mas a pior parte... a pior parte era saber que você estava com problemas. Saber que estava em perigo. Saber que você estava morrendo e não conseguir chegar até você.” Ele engoliu em seco. “Eu não consegui chegar até você. Você não pode imaginar... como foi.” A voz de Amon tremeu.

Raisa se lembrou da voz dele em sua mente. *Não morra. Não morra, não me deixe Rai.*

— Acho que seu pai teve uma premonição — disse Raisa. — Foi como se ele soubesse o que seria exigido dele, e fez o sacrifício.

— Devia ter sido eu — respondeu Amon, secando os olhos com a manga da camisa. — Eu sou seu capitão. Sou responsável por sua segurança.

— Você é responsável pela linhagem Lobo Gris, lembra? A linhagem vem primeiro, não a rainha individualmente. Seu pai salvou a linhagem. Eu *preciso* de você, Amon. Preciso de um capitão. Se vou construir um reino no meio dessa confusão, preciso de uma pessoa em quem possa confiar. Preciso de você vivo, entende?

Raisa encostou a cabeça no ombro dele de novo. Nenhum dos dois disse nada por um tempo.

— Onde estão os Lobos? — perguntou Raisa. *O que sobrou deles*, acrescentou em silêncio.

— Agora, estão designados para a Guarda da Rainha na capital — respondeu Amon. — Aguardando ordens. Espero que possam nos dar algum aviso de planos que estejam em andamento do outro lado.

— Se estão planejando a coroação de Mellony — disse Raisa —, o que vão fazer para conseguir um novo capitão para a Guarda da Rainha?

— Humm — disse Amon, franzindo a testa. — Eu não tinha pensado nisso. A informação sobre a conexão foi mantida dentro de nossa família e entre os oradores do templo. Mellony não sabe, e os Bayar também não.

— Sempre foi um Byrne — falou Raisa. — Eles vão querer que tudo pareça o mais normal possível. Não vão querer dar motivo para que se questione a sucessão. Além dos que já existem, claro.

Amon virou a cabeça para olhar para ela.

— O que você está dizendo?

— Estou dizendo para você não ficar surpreso se lhe oferecerem o serviço — respondeu Raisa. — Se chegar a esse ponto.

— Não. — Amon balançou a cabeça. — Não tem como eles me quererem ao lado de Mellony. Vão escolher alguém mais maleável.

— Vamos ver. Eles não sabem que você já foi nomeado capitão. Estão acostumados a trabalhar tendo que lidar com seu pai. Você é jovem, e eles não sabem o quanto é capaz.

— Como se eu fosse aceitar — disse Amon, sentando-se ereto. — Servir como capitão da sua irmã a pedido dos assassinos do meu pai.

— Amon. — Raisa colocou a mão no braço dele. — Em teoria, você não sabe de nada disso. Quando eles pedirem, esteja pronto para dizer sim.

— O quê?

Ele olhou fixamente para ela.

— Se você se recusar, vai revelar tudo que eles precisam saber. Eles vão perceber de que lado você está. Vão desconfiar que estou viva, ou pelo menos que você sabe mais do que está dizendo. Vai ser sua sentença de morte.

— Isso jamais daria certo — disse Amon, com uma expressão de resistência teimosa.

— Eu não falei para você *servir* de verdade — respondeu Raisa, com brandura. — Só diga sim quando eles perguntarem, está bem? Treine até ficar bom nisso.

— Humpf — fez ele, sem prometer nada. Depois de uma pausa, questionou: — Como você escapou? Depois que meu pai morreu?

— Depois que seu pai foi atingido, Mac Gillen me arrastou de lá para poder cuidar de mim pessoalmente. Acho que isso salvou minha vida. Eu o matei com a adaga do seu pai, peguei o cavalo dele e fugi, torcendo para chegar a Pinhos Marisa antes de me alcançarem. Depois que fui atingida, me escondi entre umas pedras. Quando percebi que a flecha estava envenenada, soube que era o fim.

Ela tentou manter a voz firme e a história breve e direta. A culpa que Amon carregava já era pesada demais.

— É a última coisa de que me lembro. Acho que vamos ter que perguntar o resto para Han Alister. Ao que tudo indica, ele apareceu do nada, salvou minha vida com alta magia e me trouxe aqui para Pinhos Marisa. — Ela suspirou. — Elena e Andarilho da Noite parecem não acreditar nessa história.

Amon pigarreou.

— Quando você desapareceu de Vau de Oden, Alister e eu... nós conversamos. Não sei o que pensar dele. Não sei o que quer e não confio totalmente nele, mas... — Amon hesitou, mas sua honestidade infalível o fez falar. — Ele me contou que ia voltar a Fells para procurar você. Viria pelo Passo de Pinhos Marisa, e eu tomaria a rota ocidental. Isso explica como ele apareceu por lá.

— Não sei o que vai acontecer quando ele descobrir quem eu realmente sou. Isso se sobreviver.

Raisa estremeceu e Amon passou o braço a seu redor, puxando-a para seu calor familiar.

— Ele está tão mal assim?

Raisa assentiu.

— Ele parece... ele está horrível, Amon. Willo não sabe se ele vai... Ela está preocupada. Minha mãe morreu, e eu nunca cheguei a dizer a ela que a amava, que finalmente entendi, ao menos um pouco. Se Han também morrer, não sei o que vou fazer.

Ela estava chorando de novo, rendendo-se à dor e ao sofrimento e ao medo.

— Eu menti para ele, Amon. Dia após dia. Fingi ser uma pessoa que não era. Permiti que se aproximasse de mim sabendo que não tínhamos futuro juntos.

— Você não teve escolha — disse Amon.

— Eu podia ter confiado nele — respondeu Raisa. — Agora, ele vai questionar tudo. Vai achar que tudo... tudo foi mentira.

— Como sabemos quais eram as intenções *dele*? — perguntou Amon, direto como sempre. — Ele tem fama em Feira dos Trapilhos, sabe.

Raisa hesitou, sem saber se deveria ir em frente.

— É difícil explicar, minha memória está toda misturada. Mas, quando Han me curou, foi como se ele se abrisse para mim. Como se não tivesse segredos. E pude conhecê-lo de uma forma que... — Ela parou de falar ao observar a expressão de sofrimento de Amon.

— Ele é um mago, Rai. Lembre-se disso.

Raisa assentiu, se empertigou e secou os olhos.

— Vou lembrar — respondeu, recordando-se do aviso de Althea: *Não pode se permitir ser envolvida como Marianna foi.* — Enfim. O que está feito está feito. Eu devia estar ao lado de minha mãe, mas não estava. Devia ter morrido no cânion, mas não morri. De certa forma, isto é um novo começo. Temos que deixar os arrependimentos para trás e olhar para a frente. Não podemos gastar energia com o que poderia ter acontecido. Se fizermos isso, nossos inimigos vão nos comer vivos.

Ela olhou para Amon esperançosamente.

— Não podemos mudar o passado, mas podemos construir o futuro.

E, ao dizer isso, ela se deu conta de que não estava falando apenas de política.

Tinha passado o ano anterior desejando Amon Byrne, sofrendo pelo que jamais poderia acontecer entre eles, mergulhada em arrependimento. Lidara com o assunto de forma injusta para os dois.

Lembrou-se do que Edon Byrne dissera, com a autoridade de alguém que sabia o que era sacrificar o amor em prol do dever.

Tem que cumprir seu dever, dissera ele. Encontrar felicidade onde puder. Com amor ou não, deve encontrar um jeito de dar continuidade à linhagem.

Amava Amon Byrne; uma parte dela o amaria a vida inteira. Mas a forma como lidara com aquilo impedira que apreciasse o que podia ter com ele. Amon era seu melhor amigo, sempre fora seu melhor amigo.

E agora ela precisava de amigos mais do que nunca.

Dormiram lado a lado naquela noite, abraçados, como fizeram cem vezes quando crianças. Eram duas pessoas feridas, órfãos recentes, solitários, e precisavam um do outro.

A barreira mágica entre capitão e rainha não interferiu.

CAPÍTULO CATORZE

Jogos de palavras

Han dormira na Cabana da Matriarca do Campo Pinhos Marisa quase todos os verões de sua vida. Os sons e aromas penetravam seus poros, o acalmavam e o faziam se sentir seguro de uma forma que ele nunca se sentira em casa.

Agora estava ali de novo, mas, dessa vez, cada sensação estava dolorosamente amplificada. A pressão de um cobertor na pele era excruciante, as vozes no aposento vibravam em seus ouvidos, ele sentia calor, sentia frio, sua pele formigava e ardia como se mil insetos o picassem. Suas pálpebras pareciam lixa e arranhavam os olhos. Queria trocar de pele como faz uma cobra.

Quando lhe tiraram o amuleto, foi como se arrancassem seu coração e deixassem um buraco por onde a magia escorria. Sempre que as pessoas chegavam perto, elas o machucavam, derramando água fervente em sua boca, esfregando sua pele delicada com mãos duras e ásperas. Tentaram fervê-lo vivo e congelá-lo até a morte. Ele reagira. Tentava atacá-las sempre que se aproximavam, então elas acabaram se distanciando.

Quando achava que se afogaria com a própria saliva, elas o viravam e deixavam que escorresse para fora da boca. Várias vezes, seu corpo inteiro convulsionou e ficou rígido por minutos seguidos. Todos os músculos doíam por horas depois que os espasmos passavam.

Quando abriu os olhos e viu Willo, concentrou-se no rosto dela e tentou falar, implorar para que não deixasse que as pessoas continuassem a atormentá-lo. Mas as palavras nunca chegavam à boca.

Finalmente, devolveram seu amuleto. Descansava sobre o peito como uma chama morna, na temperatura certa, e Han o segurava com as duas mãos. Era sua âncora no mundo. Fazia com que ele ficasse presente, fazia a magia circular em vez de vazar. Ouviu uma voz familiar em sua cabeça, e o tom gentil e tranquilizador o surpreendeu.

Muito bem, Alister, você conseguiu sobreviver, apesar de tudo. Pelo visto, existe um deus que cuida dos tolos, afinal.

Corvo? Não. Não era possível.

Han tentou lembrar como fora parar em Pinhos Marisa. O que acontecera? Ele pegara a febre de Mari de novo? Havia febres que iam e voltavam repetidamente.

Continuavam a atormentá-lo com comida e bebida.

Então ele abriu os olhos e se viu encarando Rebecca Morley. Ela estava com água até a cintura, o cabelo molhado e rodeada de vapor, como uma daquelas damas-peixe das histórias, que lançavam charadas e, se você erra a resposta, o afogavam. Rebecca estava segurando seus tornozelos e Willo e outra pessoa seguravam seus braços, e elas o estavam baixando em uma fonte quente congelante.

Não estava vestido, mas sua mente estava confusa demais para ele se importar.

Em outro momento, acordou em terreno seco. Rebecca segurava uma colher com mingau, tentando colocá-la em sua boca. A mão dela tremia e seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Bom, se é tão importante para você, pensou ele.

Han abriu os lábios, porém manteve os dentes cerrados para o caso de estar quente demais, mas estava bom. Ele abriu mais a boca, e ela sorriu como se tivessem feito algo incrível juntos. Ela

passou um braço pelos ombros dele e Willo se aproximou pelo outro lado, e elas conseguiram levantá-lo para que conseguisse beber sem se afogar. Rebecca levou um copo a seus lábios. Era chá morno, e ele conseguiu impedir que escorresse pelos cantos da boca, o que vinha sendo um problema ultimamente.

Ficou constrangido por Rebecca Morley alimentá-lo como se ele fosse uma criancinha. Mas o toque o acalmava. Era bom descansar nos braços dela.

Havia alguma coisa que ele precisava lembrar sobre Rebecca Morley. Alguma coisa tinha acontecido. Ela não estava ferida? Não tinha morrido? Naquele momento, parecia melhor do que ele, vestida com uma túnica dos clãs bordada com lobos cinzentos, elegante demais para usar em uma enfermaria.

Han ergueu a mão e limpou as lágrimas dela com o polegar, mas Rebecca apenas produziu mais. E isso foi tudo de que ele se lembrou por muito tempo.

Quando acordou de novo, encontrou o amuleto quente e vibrando. Ergueu o olhar, e ali estava Dançarino de Fogo, sentado ao lado da cama. Dançarino estava com a mão no amuleto de Han e o alimentava com poder, enquanto o amuleto alimentava Han.

— O que você está fazendo?

Ficou um pouco admirado quando as palavras saíram e Dançarino as ouviu e entendeu.

— Venho emprestando poder para você nos últimos dias — respondeu Dançarino. — Você parece acabar com o seu assim que ele surge. É um jeito de eu ajudar você a se curar sem ser envenenado.

— Ah. — Han pensou a respeito. O poder descia por ele como rum, e ele se sentia melhor do que em qualquer outro momento recente. — Eu tenho que devolver?

Dançarino riu, embora houvesse linhas de preocupação ao redor de seus olhos.

— Vamos ver. Pode ser que eu esteja com pouco poder, qualquer dia desses, e você possa me ajudar.

Han se sentia mais alerta e com a mente mais lúcida. E estava faminto, apesar de sua boca ter gosto de estábulo que precisava de limpeza.

— Você sabe... tem alguma coisa para comer aqui? — perguntou ele.

Dançarino sorriu.

— Ah, faz favor. Você sabe que nunca tem nada para comer na casa da minha mãe.

Um jovem com amuleto de curandeiro apareceu do nada com uma tigela de ensopado, uma jarra e um copo. Colocou a comida em um banco ao lado da cama e recuou, tomando cuidado para não chegar perto demais de Han.

— Estou com alguma coisa contagiosa? — perguntou Alister quando o curandeiro saiu.

— Você deu trabalho para os aprendizes de Willo, pelo que eu soube — respondeu Dançarino. — Tem sorte de ter alguém disposto a chegar perto.

Han se sentou e se apoiou na parede. Dançarino abriu a jarra e serviu chá das terras altas.

— Não se acostume a ser servido — avisou ele, voltando a estocar poder no amuleto. — Está quase no fim.

Dançarino usava roupas dos clãs: uma calça e uma túnica de couro de cervo com os desenhos tradicionais de Willo, e o amuleto guardado discretamente por baixo.

— Então eles deixaram dois magos entrarem no Campo Pinhos Marisa? — perguntou Han. — Os Demonai devem estar se revirando de desgosto.

Dançarino riu de novo, e Han ficou feliz por ter dito alguma coisa que fizesse sentido. Uma coisa engraçada, na verdade. Seu cérebro parecia um daqueles queijos que às vezes eram vendidos na feira

de Ponte Austral, cheios de buracos enormes nos lugares onde antes havia certezas.

A atenção de Han foi desviada quando uma pessoa entrou pela cortina, vinda do aposento ao lado.

Era Cat Tyburn.

— Hayden! Você tem que ver as facas no mercado daqui — disse ela. — Mas são todos uns ladrões cabeça de fogo, o preço que cobram por uma...

Ela parou de repente quando viu Han sentado.

Cat caiu de joelhos ao lado da cama e olhou com desconfiança para o rosto dele.

— Algema! Você acordou? Não está mais doente e maluco? Eu estava começando a achar que você tinha surtado de vez.

Cat e Dançarino deveriam estar em Vau de Oden. O que estavam fazendo ali? Principalmente Cat. Ela odiava os clãs, não odiava?

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou ele. — Deviam estar na escola.

— Eu e Dançarino viemos te dar uma surra por fugir sem contar pra ninguém aonde ia — respondeu Cat. — A gente achou que a lição seria mais proveitosa se esperasse você acordar.

— Não estávamos tão atrás de você — disse Dançarino. — Sabiá finalmente me contou para onde você tinha ido e por quê, cerca de uma semana depois que você partiu.

O rosto dele foi tomado de raiva, como a sombra de uma nuvem sobre um campo.

Hum, pensou Han. E por que mesmo ele tinha ido? Então lembrou: para encontrar Rebecca Morley.

Ele se fixou nesse pensamento. Onde estava Rebecca? Como tinha ido parar ali? O que acontecera? Quanto tempo ele passara desacordado? Aquele era um dos buracos.

— Quatro dias — disse Dançarino, como se tivesse lido sua mente. — Muita coisa aconteceu. Muita coisa mudou. — Ele observou o rosto de Han para avaliar o quanto ele estava lúcido. —

Era por isso que eu queria abastecer você. Tem muita pressão de... bem, de todo mundo.

— Pressão?

Han estendeu a mão para a jarra de chá e errou na primeira tentativa. Ele ainda se sentia todo formigando, com dedos gordos e desajeitados, embora parecessem estar do tamanho normal. Concentrou-se, esticou a mão de novo, segurou a jarra, tirou a rolha e serviu, enquanto Dançarino observava com os braços esticados para segurar se Han deixasse cair.

— A rainha morreu — contou Dançarino. — Talvez tenha sido assassinada. Caiu da Torre da Rainha uma semana atrás.

Han olhou para ele. Pensou por um momento.

— M-Marianna? É o nome dela, não é?

Ele encarou Dançarino em busca de confirmação. O amigo assentiu.

— Ah. Então acho que estou um pouco atrasado.

Talvez estivesse sem trabalho. Talvez pudesse voltar para Vau de Oden para prosseguir com os estudos. A ideia o alegrou.

Então se lembrou da princesa-herdeira.

— Existe uma nova rainha, certo? — questionou ele, franzindo a testa.

— Bom, esse é o problema — disse Dançarino. — A nova rainha ainda não foi coroada. É provável que vire uma briga entre as duas princesas, Raisal e Mellony.

Era esse o nome. Raisal. Era ela que dava dinheiro para a Escola do Templo de Jemson. Han não sabia nada sobre a outra.

Então outra lembrança voltou. O capitão Byrne, cravejado de flechas.

— O capitão Byrne também morreu — disse Han. Será que as mortes de Byrne e da rainha estavam ligadas? — Você sabia? Ele morreu no Passo de Pinhos Marisa.

Dançarino assentiu.

— Eu sei. Trouxeram o corpo de Byrne, e os Demonai fizeram uma cerimônia de ábeornan ontem à noite, uma pira funerária. Ele foi honrado como guerreiro abatido. É muito incomum honrar alguém das terras baixas assim.

Mais lembranças. Rebecca Morley fugindo para sobreviver. A emboscada no cânion. A flecha envenenada.

Han segurou a manga de Dançarino e falou antes que o pensamento sumisse:

— Byrne e Rebecca estavam viajando juntos, com um grupo de casacos azuis, quando foram atacados. Até onde sei, ela foi a única sobrevivente.

Uma lembrança voltou, uma ligação profunda, uma memória compartilhada, uma conexão que os prendia, alma com alma, enquanto ele lutava para mantê-la viva. E lobos, lobos cinzentos como espíritos, aparecendo e sumindo em meio às árvores.

Será que ela sobrevivera? Estava quase morrendo quando eles chegaram. Mas Han pensava se lembrar de alguma coisa em relação a Rebecca e um prato de mingau.

— Rebecca! Onde ela está? — perguntou Han.

— Era sobre isso que eu queria falar com você. Rebecca Morley — disse Dançarino, olhando na direção da porta como se tivesse medo de ser interrompido. — Tem uma coisa que você precisa saber.

O medo arrepiou a nuca de Han. Ele observou o rosto de Dançarino em busca de pistas e temendo o pior.

— Ela não morreu. Eu poderia jurar que ela veio me ver. Parecia bem. Até tentou me dar comida.

Seria possível que todos os esforços dele tivessem sido em vão?

Dançarino estava balançando a cabeça.

— Não, ela está bem, melhorando a cada dia. O ferimento nas costas foi bem feio, mas você tirou o grosso do veneno, e ela está se recuperando rápido. Está vindo falar com você, na verdade. Eu só queria avisar que...

Ele ergueu o rosto, assustado, na hora em que a cortina da entrada foi puxada e Rebecca passou pela abertura.

Ela estava usando uma saia rodada dos clãs que ia até os tornozelos, botas de couro enfeitadas e uma camisa frouxa de linho com bordado na gola e amarrada na cintura com uma faixa roxa trançada. Ao redor do pescoço, usava um colar de rosas e espinhos dourados, e o cabelo escuro emoldurava os olhos verdes como um gorro macio e brilhante.

Ela era uma bela visão, mesmo no estado debilitado atual de Han.

Ele olhou para si mesmo e pensou que precisava de um banho.

Ei, calma, pensou. Ela é o motivo de você parecer e se sentir como se tivesse sido atropelado por uma carroça de lixo na travessa Pinbury. Mas ao olhar para ela, vê-la viva e com aparência tão boa... tudo valia a pena. Ele faria tudo de novo.

— Han — disse ela, parando na entrada como se não soubesse se era bem-vinda. — Posso entrar?

— Depende — disse Han, tentando se acalmar e pensar com clareza. — Na última vez que vi você, acredito que tentou arrancar meu coração.

— Na última vez que eu vi *você*, acredito que cuspiu mingau em mim — respondeu ela.

Então ela hesitou, provavelmente ao lembrar que era a causa do cuspe de mingau.

Rebecca tentou dar um sorriso, mas seu rosto parecia tenso e pálido, até mesmo nervoso, e seus olhos evitavam os dele.

— Você se sente disposto para conversar por alguns minutos?

Han deu de ombros e olhou ao redor.

— Eu num... Não tenho planos, até onde sei.

Muito tempo parecia ter passado desde que ela fora sua professora e Han tentara aprender a falar bonito, mas não conseguia se livrar do hábito de se corrigir na presença dela.

Rebecca olhou para Dançarino e Cat.

— Vocês podem nos dar alguns minutos?

Cat não queria sair, Han percebeu. Mas Dançarino segurou o cotovelo dela e a guiou com firmeza para fora do aposento.

Rebecca se sentou em uma cadeira ao lado da cama de Han. Estava muito pálida e com o nariz vermelho, os cílios úmidos, como se tivesse chorado.

— Estou... muito aliviada de ver você com aparência tão boa — disse ela, ajeitando a saia com a mão. Os olhos focaram o rosto dele. — Está se sentindo melhor, espero? — perguntou apressadamente.

Han ficou pensativo. Apesar de Dançarino ter parado de alimentar seu amuleto, ele se sentia renovado, à vontade, feliz e quase com sono.

Sua sorte finalmente mudara. Rebecca estava viva. Ele estava vivo. Eles estavam juntos. Isso era tudo que importava.

— Estou bem — respondeu Han, sorrindo para ela. — Mas acho que não estou ansioso para sugar mais veneno tão cedo.

— Nem eu — disse ela, balançando a cabeça. — Você teve aquela... aquela reação de sentir a água como se estivesse fervendo? E ficou... ficou...?

— Sentindo coceiras noturnas?

Ela assentiu, com as bochechas vermelhas, e Han revirou os olhos.

— Juro que devo ter tido todos os sintomas possíveis. — Ele franziu a testa para ela. — Você não tentou me afogar uma vez?

— Bem, estávamos tentando fazer você suar o veneno, e o levamos para a fonte do curandeiro...

Ela parou de falar quando viu que ele estava apenas implicando.

— Fiquei tão preocupada com você — prosseguiu Rebecca. — Acho que não teria aguentado se você ficasse... permanentemente... Se ficasse... — Ela parou para expirar e apertou os braços da cadeira. — Enfim, eu queria agradecer por ter

salvado minha vida. Aconteça o que acontecer, seja lá como ficarem as coisas, nunca vou esquecer seu serviço por mim.

Serviço? Ela está diferente, pensou Han. Estranhamente formal. Nervosa e pouco à vontade.

— O capitão Byrne está morto — disse ele. — Você sabia? Eu o encontrei no Passo de Pinhos Marisa, cheio de flechas no corpo.

Ela assentiu.

— Sim, eu sei. Eu vi... vi acontecer. Já recuperamos o corpo dele. Talvez... Dançarino já tenha contado, não?

Han fez que sim.

— Estou com a espada dele. Ou pelo menos estava quando cheguei. É coisa fina. Achei que talvez o cabo Byrne fosse querer.

— Que atencioso da sua parte — disse Rebecca. — Sei que ele vai querer. — Ela se apressou em continuar: — Ele está aqui, sabe. O cabo Byrne. Está ali fora. Pediu para falar com você quando eu... quando terminar. Vai querer fazer perguntas e... agradecer.

Talvez por isso ela esteja tão agitada, pensou Han. Na última vez em que eles todos se encontraram, Han pulara da janela do quarto de Rebecca para que Amon Byrne não enfiasse a espada, uma outra, bem mais comum, nele.

Rebecca parecia ter alguma coisa importante para dizer, mas não conseguia formular. Então fez uma pergunta:

— Eu queria saber como foi que você salvou minha vida. Não me lembro de muita coisa, e as pessoas estão fazendo... muitas perguntas.

— Quando você desapareceu de Vau de Oden, segui para o Passo de Pinhos Marisa à sua procura, e fui perguntando por todo o caminho. — Han fez uma pausa, esperando que as lacunas fossem preenchidas. — Em Vau de Grilhões, um garoto de uma hospedaria se lembrou de alguém que era parecida com você, mas disse que o nome era Brianna e que tinha sido assassinada por viajantes.

— Ah — disse Rebecca, assentindo. — Simon.

— Não tive mais notícias até que, ao norte de Delfos, vi onde alguns casacos azuis foram mortos, no Campo da Passagem. Eles não estavam de uniforme, mas tinham armas e papéis de casacos azuis. Deve ter acontecido no meio da tempestade de neve. — Ele olhou para ela, que assentiu, mas não disse mais nada. — E então, mais para a frente, encontrei o corpo do capitão Byrne no Passo. Não consegui entender. Todos tinham sido mortos por bestas, não por flechas dos clãs. Não entendi o que aconteceu, quem estava lutando contra quem, nem por quê.

Rebecca mexeu nas dobras da saia e ajeitou o tecido.

Han prosseguiu:

— Depois que passei pelo Passo, ouvi cavalos correndo, o que parecia uma caçada. Eu os vi caçando você, disparando em você, mas não a reconheci de imediato. — Ele coçou o queixo. — Decidi seguir para ver se podia ajudar.

Rebecca ergueu o rosto e inclinou a cabeça.

— É mesmo? Se você não me reconheceu, o que o fez decidir intervir? — Ela acenou com a mão. — Afinal, eu podia ser uma criminosa sendo caçada pela Guarda da Rainha.

— Eram seis contra um — respondeu Han, pensando. Não devia ser tão difícil lembrar. — Oito contra um, no final. Pelo seu tamanho, adivinhei que era uma mulher ou uma criança, e não estava disparando contra eles. Além do mais, eles não estavam de uniforme; até onde eu sabia, podiam ser ladrões de estrada. Mesmo que eles estivessem identificados e vestindo os casacos azuis, me pareceria injusto. Eu não sabia qual era a história, mas não consigo acreditar que seja do interesse da rainha enviar oito homens para matar uma garota como você.

Ele olhou para Rebecca muito diretamente.

— E se a rainha aprova isso, tem alguma coisa muito errada com ela.

Rebecca ficou com aquela cara envergonhada que às vezes fazia.

Han repassou o que disse. Não, tudo fazia sentido, e não havia nada que considerasse ofensivo.

— E-então, o que aconteceu? — perguntou Rebecca.

— Quando alcancei vocês, você estava entocada no cânion e eles estavam se aproximando.

Ele tomou um longo gole de chá. A boca ainda estava seca demais.

— Só quando tirei você do buraco onde estava escondida foi que me dei conta de quem era. Não entendi o que você estava fazendo ali. Quando dei uma olhada no seu ferimento, percebi que a flecha estava envenenada, e...

— Espere um minuto — disse Rebecca, levantando a mão. — O que aconteceu com os homens que me emboscaram?

Han hesitou, perguntando-se o que ela pensaria dele, e deu de ombros.

— Eu matei.

Rebecca olhou para ele como se esperasse o resto da história.

— Todos? Nenhum escapou?

Ele assentiu e começou a se perguntar por que ela estava tão faminta por detalhes. Estaria vingativa e com sede de sangue ou com medo de eles voltarem?

— Eu não tive muita escolha.

— Você matou oito homens sozinho?

— Bem — disse Han, pacientemente —, eu os peguei de surpresa.

— Você... usou magia?

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Não precisei. Meu arco era bom o bastante. — Como ela não disse nada, ele acrescentou: — Um dos meus professores diz que a coisa mais importante que um mago precisa aprender é quando não usar o poder. Senão, você é pego sem quando realmente precisa. Você o guarda, acumula e, quando precisa, usa só a quantidade necessária.

Ele se interrompeu, sabendo que era informação demais. Por que ela estaria interessada no que Corvo tinha a dizer?

— E o que aconteceu depois que você os matou?

Ela ainda parecia batalhar para aceitar a ideia de que Han derrubara oito homens com um arco.

— Eu sabia que minha única chance de salvar você era vir para o Campo Pinhos Marisa e torcer para Willo estar aqui.

— Certo. Você conhecia Pinhos Marisa — disse Rebecca, com a testa franzida. — Willo disse que você passava todos os verões aqui, não é?

Han assentiu com cansaço. Era tão bom vê-la, ele estava desesperado para ficar acordado e apreciar a ocasião, mas aquela conversa toda era exaustiva.

— Mas foi você quem salvou minha vida — disse ela. — Você usou alta magia. Foi o que Willo disse.

— Ah. Eu percebi que, se não fizesse nada, você estaria morta antes de chegar aqui. — Han fez uma careta. — Então foi bom eu não ter usado o poder para apagar aqueles bandidos, senão estaríamos mortos, os dois.

— Você quase morreu de qualquer jeito — disse Rebecca, segurando as mãos dele. — Sinto tanto, tanto. Sinto por tudo.

A expressão dela dizia que ela sentia por coisas que ele ainda nem sabia.

Era como se estivesse preocupada de ele pensar mal dela. Será que achava que ele se ressentia do fato de quase ter morrido salvando a vida dela?

Valeu a pena, pensou ele. Han segurou as mãos dela, puxou seu rosto para perto e a beijou longa e lentamente, saboreando o contato, apesar dos nervos em frangalhos. Ela interrompeu o beijo antes dele; recuou, o rosto pálido, os olhos verdes grandes e assustados.

Talvez fossem os efeitos do veneno, mas ele se viu dizendo algo que jamais tinha dito para nenhuma garota:

— Eu te amo, Rebecca. E não lamento nada. Faria tudo de novo, mesmo sabendo o custo. Não consigo pensar em perder você.

A reação de Rebecca foi, no mínimo, peculiar. Ela recuou com uma expressão quase de pânico. Era tão boa com palavras, mas agora estava gaguejando e se enrolando, como se a língua estivesse grudada no céu da boca.

— Acho que você devia dizer que também me ama — disse Han, por fim. — Só para você saber, da próxima vez.

— Eu amo — respondeu ela, com as bochechas vermelhas de constrangimento. — Eu te amo.

Ela falou rapidamente, mas era tarde demais mesmo assim.

Depois de um silêncio constrangedor, Han pigarreou.

— E então, Rebecca. Qual é sua história? Por que você desapareceu de Vau de Oden? E quem eram os cavaleiros e por que estavam atrás de você? Foi porque você os viu matar o capitão Byrne e não queriam que falasse por aí?

Rebecca respirou fundo e pareceu se preparar.

— Micah Bayar me sequestrou em Vau de Oden. Disse que me mataria se eu não o acompanhasse.

— Bayar — murmurou Han. Confirmava aquilo de que ele desconfiara desde o começo. — Eu sabia. Você... Teve a ver com o fato de que estávamos juntos?

Rebecca balançou a cabeça com expressão surpresa.

— Não. É... é uma longa história, mas é entre mim e Micah. Nada a ver com você.

— Entre você e Bayar? — Rebecca assentiu. Han não gostou muito daquilo. — E quem eram os cavaleiros que foram atrás de você?

— Eram integrantes renegados da Guarda da Rainha. Um deles, pelo menos, você conhece. O sargento Gillen.

Han franziu a testa, intrigado.

— Não me lembro de ter visto Gillen...

— Eu mesma o matei. Quando fugi deles da primeira vez.

Certo. Eles tinham dito isso lá no cânion. Ele sabia que ela era corajosa, soubera desde que ela salvara os Trapilhos da Casa da Guarda de Ponte Austral. Mesmo assim...

— Era atrás de mim que eles estavam — prosseguiu Rebecca. — Eles mataram o capitão Byrne... mataram todo mundo para me pegar.

— Por que eles iriam atrás de você? — perguntou Han, intrigado. — Eles tiveram muito trabalho, não foi? Não tinha muita coisa a ser roubada. Os corpos nem foram mexidos, pelo que pude perceber.

— Meu verdadeiro nome não é Rebecca Morley — explicou ela, erguendo o queixo e olhando-o diretamente nos olhos, quase com desafio. — A primeira vez que usei esse nome foi no dia em que nos conhecemos, no Templo de Ponte Austral. Eu tinha ido lá falar com o orador Jemson sobre fornecer fundos para o ministério dele. Amon, o cabo Byrne, sugeriu que, se eu ia andar em Feira dos Trapilhos e Ponte Austral, devia ir disfarçada.

Han não estava entendendo.

— Você ia dar dinheiro para a Escola do Templo? Desde quando uma professora ganha bem assim?

— Eu menti quando falei que era professora — respondeu Rebecca.

— Então você nunca trabalhou para os Bayar?

Ela balançou a cabeça.

— Minha família é bem rica, apesar de eu não ter acesso direto ao dinheiro. — Ela fez uma pausa. — Ou, ao menos, não tinha — acrescentou, quase para si mesma.

Então ela era mais do que uma criada de alto nível. Era uma dama rica andando por Feira dos Trapilhos? Era isso que estava dizendo?

Uma apreensão se espalhou pelas entranhas de Han. Ele sabia um pouco sobre damas ricas e o que elas esperavam dele.

— Quando você me sequestrou do templo, eu não quis que soubesse quem eu era de verdade — prosseguiu ela. — Então,

mantive a farsa. Eu não conhecia você, mas ouvi dizer que era um ladrão e assassino impiedoso.

Ela fez uma pausa, e Han se perguntou se ela estava pensando nos oito casacos azuis que ele liquidara.

— Nunca tive oportunidade de contar a verdade, mesmo depois que fui à Casa da Guarda de Ponte Austral atrás dos Trapilhos. Eu não queria que ninguém ligasse o que aconteceu a mim. De qualquer modo, nunca pensei que fosse ver você de novo.

Rebecca olhou para as próprias mãos.

Era uma conversa esquisita. Havia tensão no ar, bem mais do que parecia necessário. Rebecca estava praticamente de joelhos, pedindo desculpas por mentir para um ex-ladrão de rua sobre ser meio rica ou muito rica.

— Bem — disse Han com cautela —, acho que eu sabia, no fundo, que você era sangue azul. Para alguém como eu, quase todo mundo é.

Agora que Rebecca tinha começado a história, parecia determinada a terminar.

— Quando fui para Vau de Oden, estava fugindo de um casamento forçado e não queria que minha mãe me encontrasse. Rebecca Morley já tinha me servido bem antes, então usei o nome de novo.

O pescoço e os ombros de Han formigavam. A história era familiar. Onde ele a tinha ouvido antes, uma história sobre uma sangue azul fugindo de um casamento?

— De quem estava fugindo? — perguntou Han, com a boca mais seca do que nunca. — Por que aqueles casacos azuis estavam tentando matar você? Se não é Rebecca Morley, quem é, então?

Ela se inclinou para a frente, segurou a mão direita dele e olhou em seus olhos.

— Eu fugi para não me casar com Micah Bayar. Minha mãe, a rainha, estava me forçando.

Ela virou a palma da mão dele para cima e colocou uma moeda ali.

Han olhou para a mão, para a moeda chamada de “menina”, com o retrato familiar de perfil brilhando sob a luz dos lampiões. Olhou para Rebecca, para a moeda, e as peças se encaixaram. Como não tinha visto antes?

Era como se ela pensasse que, se desse o veneno aos poucos, seria mais fácil de engolir.

— Meu verdadeiro nome é Raisal. Raisal *ana*’Marianna, futura rainha de Fells.

CAPÍTULO QUINZE

O preço da mentira

Pareceu a Raisa que o tempo passou a se arrastar. Han olhou para a moeda e para ela. Esticou o dedo indicador, traçou o perfil dela e balançou a cabeça.

Raisa segurou a mão de Han e prendeu a respiração. Não sabia que reação esperar: raiva, repulsa, desdém frio, decepção, nojo. Ele tinha deixado bem claro o que pensava de rainhas e semelhantes.

Han ergueu os olhos azuis para ela, e ali estava a resposta. Sentia-se traído. Os olhos dele estavam cheios de mágoa, raiva e perda. Ela teve dificuldade para não desviar o olhar. Obrigou-se a sustentar o dele. Devia isso a Han.

Ele soltou sua mão delicadamente, se recostou e fechou os olhos.

— Não — disse Han, entrelaçando os dedos sobre a barriga. — Não é verdade. Não pode ser. — A voz dele tremeu de leve.

— Me desculpe — murmurou Raisa. — Me desculpe por ter mentido para você e me desculpe por ter que contar agora, desse jeito.

Han não abriu os olhos.

— Eu não queria jogar esse peso em cima de você, que ainda está se recuperando. Não é certo nem justo. Mas eu sabia que, se não contasse, outra pessoa contaria, e queria que fosse eu.

Han não disse nada. Manteve os olhos fechados, os cílios escuros sobre a pele pálida e dura como mármore de Angra de We'en,

marcada apenas pela cicatriz perto do olho direito.

— Isso não precisa... mudar as coisas entre nós — disse Raisa. — Quer dizer, claro que vai mudar *algumas* coisas, mas...

Han abriu os olhos. Quando falou, sua voz soou baixa e mortalmente fria:

— Que tipo de tolo você pensa que eu sou?

Havia algo de assustador no rosto dele. Algo que dizia que Raisa era uma inimiga agora, e que ele jamais voltaria a confiar nela.

A princesa balançou a cabeça.

— Não acho que você seja tolo. Sei que você...

— Acha que não sei como o mundo funciona? Acha que não sei como são as coisas entre gente como você e gente como eu? Acha que nunca estive com uma garota sangue azul antes de você? — Ele riu com deboche. — Elas iam para Feira dos Trapilhos em busca de aventura. Procurando um caso rápido com alguém que não fosse complicar a vida delas depois.

— Não é assim que vejo você — disse Raisa, magoada.

— Ou talvez eu seja parte do seu, como é que você chama, *ministério* — continuou Han, com amargura. — Um pouco de caridade feita pessoalmente. Uma chance de ajudar o sujo e ignorante...

— Foi *você* quem *me* procurou, pelo que lembro — retorquiu Raisa, incapaz de se controlar. — Eu não estava procurando emprego. Você me pediu para lhe dar aulas, e eu concordei.

— É a minha cara escolher uma princesa em meio a todo mundo de Vau de Oden — respondeu Han. — Eu tenho olho para essas coisas. Sempre consegui identificar a bolsa mais carregada da rua. — Ele mexeu inconscientemente nos pulsos, como se as algemas ainda estivessem ali. — Deve ter sido divertido para você, me ouvir gaguejar como um idiota apaixonado. Como posso dizer? O pobre Alister está mirando alto demais.

— Não estou rindo de você — disse Raisa. — Como poderia? Gosto de você. Eu...

— Você também gosta do seu cavalo — rebateu Han. — Seu cavalo oferece um serviço útil.

Ele fechou os olhos de novo, como se não conseguisse mais suportar olhar para ela.

Raisa não conseguia encontrar as palavras certas, a coisa certa a dizer. Se é que existia uma coisa certa. Han Alister sempre tivera jeito para deixá-la desnorteada. Agora, a dor intensa pelas perdas recentes e a culpa por mentir para ele a deixavam sem palavras, impediam o discurso que normalmente lhe vinha com tanta facilidade. Assim, o que ela disse só piorou as coisas.

— Eu entendo se você estiver... se estiver zangado. Sei que você culpa a Guarda da Rainha e... e a rainha Marianna pelo que aconteceu com sua família. Talvez me culpe também. Queria que houvesse uma forma de trazê-las de volta. Mas não há. Eu faria quase qualquer coisa para não ter que confessar isso a você. Deve sentir que sua confiança foi quebrada.

Han reabriu os olhos e a encarou sem mover nem uma parte do corpo.

— Sua mãe está morta — disse ele. Uma afirmação.

— Está.

— Que bom — rebateu Han, e fechou os olhos de novo.

Eles voltaram a se abrir quando Amon Byrne falou da porta:

— Alt... Rai... hã... agora seria conveniente?

Ao hesitar no nome, Raisa percebeu que Amon não sabia se ela havia contado a Han sua verdadeira identidade.

Os olhos dele se desviaram de um para outro. Amon quisera acompanhá-la quando Raisa dissera que pretendia contar a verdade para Han Alister.

Preciso encará-lo sozinha, afirmara ela. Tem coisas das quais você não pode me proteger.

— Ele sabe — disse Raisa, torcendo as mãos no colo. — Então, por mim, tudo bem, mas... o cabo Byrne queria conversar com você,

lembra? — disse ela para Han. — Pode ser agora, ou você prefere em outro momento?

Han fez uma expressão de desprezo, e ela achou que ele fosse recusar. Depois de um longo momento, ele suspirou e se sentou mais ereto.

— Pode ser agora, tanto faz.

Obviamente, conversar com Amon era preferível a continuar falando com ela.

Amon se aproximou e ficou de pé ao lado da cama de Han, trocando o peso de perna.

— Você está se sentindo melhor?

— Pode se sentar, cabo Byrne — disse Han, apertando os olhos para ele. — Você está me deixando nervoso, de pé aí como um pregador do demônio.

A dor, a mágoa e a vulnerabilidade tinham sumido. Foram substituídos por sua expressão de raiva.

Raisa se perguntou se ele estava usando o discurso de dono da rua de propósito, para feri-la.

— Sente-se aqui, Amon — disse Raisa, levantando-se rapidamente da cadeira e recuando alguns passos. — Eu insisto.

Amon se sentou e apoiou as mãos nos joelhos.

— Eu queria agradecer por você ter arriscado a vida para salvar a princesa Raisa.

— Só para você saber — respondeu Han, passando a mão pelo rosto —, eu não fiz o que fiz para salvar uma princesa.

— Eu sei — afirmou Amon. — E peço desculpas por ter mentido para você. Sentimos que era necessário para a segurança de Sua Alteza.

— Bem — disse Han —, isso explica muita coisa. Esse tempo todo, eu estava com pena de você, pobre apaixonado. E na verdade o que havia entre vocês era estritamente profissional.

O olhar azul gelado foi de Amon a Raisa, e alguma coisa na forma debochada como ele falou disse a ela que Han não

acreditava naquilo. Que era inteligente o bastante para saber que o relacionamento deles era mais complicado do que isso.

— Sim — disse Amon, engolindo em seco. — Estritamente profissional. — Ele encarou Han, as sobrancelhas unidas como se estivesse intrigado com alguma coisa. — Tem alguma coisa em você que... que me lembra...

Ele olhou para Raisa e balançou a cabeça, descartando o assunto.

— Eu esperava que você pudesse me contar mais sobre a morte do meu pai — prosseguiu Amon. — A... Sua Alteza me contou o que sabe.

A expressão debochada de Han sumiu e seu olhar se suavizou.

— O capitão Byrne era um homem corajoso. E justo. Meu pai também era soldado. Não me lembro de muita coisa sobre ele, mas gosto de pensar que era como seu pai. — Han fez uma pausa, como se organizasse os pensamentos. — Não sei se posso ajudar muito. O capitão Byrne já estava morto quando cheguei, e os assassinos tinham ido atrás... ido embora. Mas tenho uma coisa para você.

Ele dirigiu uma expressão irritada para Raisa, como se estivesse aborrecido por ser obrigado a falar com ela.

— Você sabe o que fizeram com minhas coisas?

— Está tudo aqui — respondeu Raisa.

Ela foi até a parede do outro lado, grata por ter alguma coisa para fazer.

Ajoelhou-se e mexeu nos pertences de Han. Levantou-se aninhando nos braços algo enrolado em couro de cervo.

— Era isso que você queria?

Han assentiu.

— Deve ter um anel também. Na minha bolsa.

Raisa entregou a bolsa e o embrulho.

Han remexeu na bolsa e pegou o anel de lobo. Olhou para Amon.

— Peguei isso porque fiquei com medo de que outra pessoa que atravessasse o Passo acabasse roubando — explicou ele, como se

achasse que tinha que se defender por ter roubado coisas do corpo do capitão. — Eu esperava ter a chance de entregar a você.

Han entregou o anel e o embrulho para Amon, que o abriu com cuidado e puxou a espada.

Amon levantou a espada e virou-a, de forma que a luz se refletiu na lâmina. Era a Espada de Hanalea, que fazia par com a adaga que Byrne dera a Raisal.

Amon olhou para Han.

— Eu conheço esta espada — disse ele, com a voz embargada. — A rainha Marianna a deu para meu pai. Era uma das coisas de que ele mais gostava. Eu... Parece que preciso agradecer de novo.

Han dispensou o agradecimento.

— Ah, tudo bem. Faça bom uso, então. Nunca aprendi a usar uma espada muito bem. Lâminas pequenas são mais meu estilo, do tipo que dá para esconder.

Ele mexeu na manga para demonstrar, depois colocou as mãos no colo.

— E os que o assassinaram? — perguntou Amon. — Você sabe se...

— Todos mortos — disse Han, olhando nos olhos dele sem arrependimento. — Espero que ajude.

Amon assentiu.

— Ajuda. Talvez mantenha a princesa Raisal a salvo por mais um tempo.

Han deu de ombros.

— Certo. Lamento por sua perda. O mundo precisa de mais gente como seu pai.

Ele estendeu a mão e Amon a apertou.

Bem, pelo menos eles estão se dando melhor, pensou Raisal.

Todos ergueram o rosto ao ouvir uma confusão no aposento externo, uma balbúrdia de vozes em língua dos clãs, com a de Dançarino se elevando em protesto.

— Não! Não entrem aí. Rosa Agreste está conversando com...

Duas pessoas entraram no aposento sem se anunciar: Elena *Cennestre* e Averill Demonai. E foram seguidos por Willo, Dançarino e Cat.

Depois de um aceno superficial para Raisa, Elena e Averill se aproximaram de Han, encarando-o como se ele fosse um exemplar exótico. Ele se sentou um pouco mais ereto e ajustou a roupa de cama ao redor do corpo. Raisa sabia que ele se sentia vulnerável, magoado pela confissão dela e agora cercado de seus mestres, a poderosa realeza dos clãs. Ela desejava poder dispensá-los, mandá-los voltar uma semana depois, quando ele tivesse tido tempo de se recuperar.

Mas não podia. Os eventos vinham se desdobrando sem piedade.

Willo devia sentir a mesma coisa, pois ficou um pouco distante, com os braços cruzados, como se também quisesse expulsar os visitantes.

— E então? — disse Elena, olhando para Dançarino de Fogo e erguendo as sobrancelhas, gesticulando na direção de Han. — Funcionou? Ele vai conseguir fazer feitiços nos próximos dias?

Dançarino ficou em silêncio por um longo momento, depois suspirou como se fosse uma pergunta que ele não queria responder na frente de Han.

— Ajudou — disse ele, por fim. — Estou alimentando o amuleto de Caçador Solitário há dois dias. Acho que ele está se sentindo melhor. Não está?

Ele olhou para Han à espera de confirmação, para tentar incluí-lo na conversa.

Han olhou de Dançarino para Elena, momentaneamente perplexo. Mas logo voltou à expressão vazia e neutra. Deslizou a mão para dentro da camisa e mexeu no amuleto; se para consolo ou possível defesa, Raisa não sabia.

Ele não disse nada.

Averill colocou a mão no braço de Elena e balançou a cabeça.

— Elena *Cennestre*, por favor. — Ele se virou para Han e fez uma reverência, levando o punho à testa, um cumprimento dos clãs. — Caçador Solitário, bem-vindo à nossa lareira. Por favor, compartilhe nosso fogo e tudo que temos. — Ele fez uma pausa. — É bom ver que você está se sentindo melhor. Por causa de sua doença, não tive oportunidade de agradecer por ter salvado a vida de minha filha. Tenho uma dívida de gratidão com você.

— Estamos ansiosos para ouvir sua história — disse Elena. — Se o que Willo Canção d'Água acredita for verdade, parece que nosso investimento em você foi recompensado.

— Foi? — perguntou Han, olhando de um para outro. — Então por que não nos consideramos quites?

— Essa foi só uma batalha — respondeu Elena rapidamente. — A guerra está apenas começando.

— Nosso desafio imediato é esse — disse Averill. — É provável que aqueles que tentaram assassinar a rainha Raisa tentem de novo assim que perceberem que foram malsucedidos. É uma época muito perigosa, de agora até a coroação.

— Coroação? — Han olhou para Raisa, sem traço de emoção no rosto. — Ah. Entendi. Então ela ainda não é rainha de verdade.

— Ela é rainha de Fells — disse Elena, olhando com irritação para Han —, segundo as regras da Naéming. Mas se morrer a coroa passa para sua irmã, Mellony. Os inimigos da rainha acreditam que Rosa Agreste já esteja morta. Portanto, aqueles que tentaram matá-la provavelmente vão tentar coroar Mellony.

Han se serviu de mais chá.

— Então talvez seja melhor a rainha Raisa se apressar para voltar ao palácio antes que mudem os monogramas da prataria.

— Eu concordo — disse Raisa. — Preciso voltar a Fellsmarsh antes que esses planos se desenvolvam mais.

Averill balançou a cabeça.

— Para ser sincero, baseado no que observei, vai ser difícil garantir sua segurança se você voltar para o Vale agora.

— A situação está tão ruim assim? — Raisa olhou do pai para Elena. — Não sou covarde. Não quero me esconder nas montanhas enquanto coroam minha irmã em meu lugar.

— Ninguém que conheça você a chamaria de covarde — respondeu Averill. — Mas a verdade é que seus inimigos tiveram quase um ano para aumentar o poder, sem limitações. Eles colocaram aliados e capangas em posições de confiança: na guarda, no exército, no palácio. Vamos ter que prosseguir com cautela.

— Com cautela, sim — concordou Raisa. — Mas preciso enfrentar essas pessoas. Foi fugir que criou esta situação.

Averill colocou as mãos nos ombros dela e a olhou nos olhos.

— Rosa Agreste, já perdi Marianna. Não quero perder você também.

— O que vai acontecer agora? — perguntou Han, como se estivesse impaciente com aquela conversa emocional entre pai e filha.

Averill se virou para Han.

— Os oradores escolheram o lugar de descanso final da rainha Marianna aqui nas Montanhas Espirituais, e o pico vai ser renomeado em homenagem a ela. A coroação vai acontecer depois do enterro da rainha. De acordo com as mudanças recentes na sucessão, Mellony será coroada se Raisa ainda estiver desaparecida.

Ele se agachou para ficar com o rosto no mesmo nível do de Han. Como comerciante, a persuasão era sua especialidade.

— Precisamos que todo mundo saiba que a verdadeira herdeira voltou a Fells. Ela precisa ser vista e reconhecida pelas pessoas, pelo Conselho dos Nobres e pelo Conselho dos Magos, para que ninguém possa alegar o contrário. E precisamos conseguir isso sem que ela seja morta. — Ele deu um sorriso triste. — Não vai ser fácil. Vamos precisar trabalhar todos juntos.

— A princesa Mellony está, para todos os efeitos, sob custódia de nossos inimigos — disse Elena. — O palácio também está sob o

controle deles. Vai ser difícil Rosa Agreste voltar para lá agora.

— Como consorte da falecida rainha e pai das princesas, estou no Conselho dos Regentes — disse Averill. — Mas sou apenas uma voz. Lorde Bayar está pressionando para a coroação de Mellony ser realizada o mais cedo possível.

— Qual é o plano, então? — perguntou Han.

Ele parecia estar fazendo questão de ignorar Raisa.

— É aí que esperamos que você e Dançarino de Fogo possam nos ajudar — respondeu Averill. — Houve uma época em que os Demonai se entendiam melhor com feiticeiros, magia e poderes, mas parte desse conhecimento se perdeu. Talvez possamos conversar sobre isso nos próximos dias e chegarmos a um plano.

Han encolheu os joelhos por baixo das cobertas e os abraçou.

Ele é tão jovem, pensou Raisa. Só tem... quanto? Dezesete anos? Por que está tendo que tomar esse tipo de decisão? Por que eu estou?

Ela pensou em dez meses atrás, quando seus maiores dilemas giravam em torno de usar preto ou branco ou roxo na festa de rebatizado dos Bayar.

Mas eu nasci para isso, pensou. Ele não tem o que apostar. Apenas a própria vida.

— Onde vai ser a coroação? — perguntou Han.

— Tradicionalmente, é na Catedral do Templo — respondeu Averill. — Vai ser melhor se pudermos manter a presença de Raisa aqui como segredo até então.

— Eu vou ao velório e enterro de minha mãe — anunciou Raisa.

O olhar de Han foi até ela e se desviou.

Averill fez uma careta.

— Rosa Agreste, sei que quer homenagear sua mãe — começou ele —, mas é perigoso demais. Sei que ela vai entender se você...

— Pai, não pude banhar e vestir o corpo dela — disse Raisa, com amargura. — Nem fazer vigília sobre o caixão dela no templo. Pretendo estar ao lado dela quando cumprimentar nossas

ancestrais, as rainhas Lobo Gris. Mamãe vai falar com elas por mim e me apresentar como sucessora. É parte do ritual. É parte do processo que me torna rainha.

Lágrimas escorreram pelas bochechas de Raisa, que as secou com as costas da mão. Tinha controlado as lágrimas durante toda a conversa com Han. Agora, foi mais uma vez encurralada pelo sofrimento e pelo arrependimento.

— Tem tanta coisa que eu gostaria de dizer a ela, que eu gostaria de ter dito antes. Nós nos separamos em meio à raiva, e agora isso nunca vai ser resolvido. — Raisa fechou as mãos e se empertigou ao máximo. — Você exigiria estar lá, pai, se fosse eu. O Conselho dos Magos inteiro não poderia manter você longe. Não vou permitir que ela seja entregue às chamas sem vê-la.

O pai e a avó de Raisa se entreolharam, parecendo não saber como lidar com a futura rainha que não cooperava.

— Por que não tomamos nossa decisão final depois de termos uma ideia do que os feiticeiros são capazes de fazer? — perguntou Elena. Ela olhou para Han. — Andarilho da Noite volta esta tarde. Vamos nos encontrar depois do jantar para determinar se...

— Então é melhor vocês irem e deixarem este mago descansar — interrompeu Willo, indicando Han. — Ou vocês podem ter que enfrentar esse problema sozinhos.

— Quando é o enterro? — perguntou Han abruptamente.

— O serviço funerário está marcado para domingo — disse Averill. — Daqui a três dias.

— Vou para Fellsmarch hoje — falou Amon. — Levarei as cinzas do meu pai para a capital para planejar o enterro. Vou conversar com meus cadetes e descobrir as novidades. Se vocês esperarem até amanhã à tarde, vou ter mais informações.

Raisa olhou para ele, surpresa. Não tinha se dado conta de que Amon planejava partir tão rápido.

— Eu também gostaria de ir à cerimônia fúnebre do capitão Byrne — disse ela.

— Talvez você vá — respondeu Amon. — Por favor. Só me dê até amanhã.

— O que você vai dizer sobre a morte de seu pai? — perguntou Averill, com expressão solidária.

O capitão Byrne e Averill eram amigos, apesar de os dois serem apaixonados por Marianna. Os relacionamentos na corte eram complicados, mas o Averill comerciante era mestre em lidar com essas complicações.

— Ele e seu grupo foram atacados por um bando de mercenários do sul quando estavam voltando para a capital — disse Amon. — Todos morreram.

— Vou para a cidade com você — afirmou Averill. — O Conselho dos Regentes vai se reunir amanhã de manhã e vou precisar estar lá para apoiá-lo.

Elena assentiu.

— Obrigada, cabo Byrne. Tomem cuidado no caminho, vocês dois. Vamos nos encontrar amanhã à tarde, então. — Ela suspirou. — Eu queria que as coisas fossem diferentes, Willo — disse ela com delicadeza, o mais perto que chegaria de um pedido de desculpas. — Queria que não tivéssemos que lutar contra magos em uma época em que estamos em luto por tantas perdas.

Averill e Elena saíram juntos. Willo se virou e olhou para os outros enquanto batia no chão o pé calçado com um mocassim.

Dançarino levantou a mão.

— Mãe, só me dê alguns minutos com Caçador Solitário. Depois eu saio.

Ele se sentou na cadeira ao lado da cama de Han, que Amon tinha liberado.

— Também vou ficar — afirmou Cat Tyburn, posicionando-se perto da lareira. Raisal tinha quase esquecido que ela estava lá.

— Han — chamou Raisal delicadamente. Ele não olhou para ela. — Eu só quero que você saiba que...

Mas ele balançou a cabeça e levantou as duas mãos com as palmas para cima, como se a empurrasse porta afora.

Raisa não queria ir. Não queria deixar Han com aquela expressão horrível, vazia e solitária. Mas ela, dentre todo mundo, fora quem mais provocara aquela expressão.

Ela vestiu a jaqueta no cômodo ao lado e saiu com Amon para a luz intensa do sol. Tinha nevado de novo à noite, e ela teve que levantar a saia para impedir que arrastasse na neve nos locais onde ainda não tinha sido pisada.

— Fiquei com pena de Alister — disse Amon. — Nunca pensei que fosse dizer isso. Tem muita pressão para ele criar um plano. E se alguma coisa der errado você sabe que vai ser culpa dele.

Amon segurou o braço de Raisa e a direcionou para a cabana comunal.

— Quando eu voltar da cidade, vou me encontrar com ele de novo para ver como podemos trabalhar juntos para manter você em segurança. — Eles deram mais meia dúzia de passos e ele disse: — Seria mais fácil se você não fosse à cerimônia fúnebre de sua mãe.

— Eu sei. Mas eu tenho que ir. — Ela fez uma pausa. — Eu queria que você não tivesse que ir para Fellsmarch. É possível que os que tentaram me matar queiram aproveitar qualquer oportunidade para fazer você desaparecer também. Não quero deixar ninguém que amo ficar longe de mim.

Os passos de Amon oscilaram.

— O mesmo vale para mim também, Rai — respondeu ele. — Sou responsável por sua segurança. Mas não posso fazer bem meu trabalho se não puder sair do seu lado.

Ele olhou para a frente e fez uma careta. Bem, foi só um unir de sobrancelhas e um aperto de lábios, mas Raisa conhecia Amon muito bem.

— Veja quem está aqui — disse ele. — Sem dúvida você está em boas mãos agora.

A praça do mercado estava cheia de gente. Um grupo de cavaleiros desmontava em frente à cabana comunal, cercado do usual grupo agitado de crianças e curiosos. Raisa reconheceu os cavalos, os melhores montanheses que os clãs podiam fornecer, e os trajes de inverno de viagem. O olho sem pálpebra brilhava no pescoço deles.

Demonai, pensou Raisa, identificando o corpo alto de Reid Andarilho da Noite entre eles. *Então esses deviam ser os guerreiros alocados em Fellsmarch, que serviram de guarda para seu pai.*

Reid andou na direção deles, depois de entregar o cavalo para uma das colegas, uma garota que Raisa reconheceu como Sabiá Cavadora. Ela estava com o grupo de guerreiros *Demonai* que salvara Raisa e Amon de Robbie Sloat e sua guarda renegada, no verão anterior. Agora, Sabiá Cavadora também usava um amuleto *Demonai*.

— Alteza! — disse Andarilho da Noite, com o sorriso aliviado suavizando seu rosto duro. — Ou devo dizer Majestade? Quando a vi pela última vez, você estava perigosamente doente. Estou aliviado de vê-la de pé e caminhando por aí.

Ele se apoiou em um joelho na frente de Raisa e levou o punho à testa, no estilo dos clãs.

— Os *Demonai* estão prontos para servi-la, Rosa Agreste — afirmou ele, erguendo a cabeça para olhar para ela. — Vamos lutar incansavelmente contra os que tentaram assassinar você e continuam a botar o reino em perigo.

Andarilho da Noite estava novamente de pé, gracioso como qualquer predador. Suas tranças brilhavam com penas de coruja e enfeites de prata, e a jaqueta e a calça tinham bordados os sutis símbolos *Demonai*. A capa de inverno que usava para viajar era camuflada, parecia feita de sol e sombras na neve, e era quase invisível na floresta.

Uma trança por cada mago morto, era essa a velha regra dos *Demonai*. A maioria ainda usava tranças, séculos depois de as

Guerras de Conquista dos Magos terem supostamente terminado.

— Que bom que você voltou da cidade — disse Raisal para Andarilho da Noite. — Eu soube que é um lugar perigoso atualmente.

O guerreiro Demonai deu de ombros.

— Sei me cuidar. Apesar de não haver mais segurança para quem é das terras altas em nenhum lugar de Fells. — Ele esticou a mão, colocou o dedo sob o queixo de Raisal e ergueu o rosto dela para examinar os hematomas na bochecha, que já estavam sumindo. — É claro que eu não preciso dizer isso para *você*. Quando vi o que fizeram com você, tive vontade de levar um grupo de guerreiros para Lady Gris e nos livrar de uma vez dessa infestação de magos. — A voz tremeu um pouco, e ele pareceu ter dificuldade para recuperar a compostura.

— Não podemos tirar conclusões precipitadas — disse Raisal. — Apesar de ser tentador botar a culpa da morte de minha mãe em quem tem o dom, precisamos de mais evidências antes de...

— Nós *temos* mais evidência — interrompeu Andarilho da Noite. — Descobrimos mais uma coisa sobre a morte da rainha.

Raisal segurou o braço dele.

— O que é? O que vocês descobriram?

Andarilho balançou a cabeça e fez uma careta.

— Eu não devia ter falado antes de nosso encontro. Na verdade, quem tem que compartilhar a notícia são Lorde Averill e Sabiá Noturna.

— Sabiá Noturna?

Andarilho da Noite indicou a guerreira que Raisal conhecia como Sabiá Cavadora, que vinha dos currais na direção deles, a testa franzida.

— Sabiá Noturna é o nome Demonai dela — explicou ele.

Quando Sabiá Noturna chegou perto, seus olhos se fixaram em Raisal e se arregalaram de reconhecimento e surpresa. A nova guerreira se apoiou em um joelho na frente dela, seus cachos

macios caindo para a frente quando ela baixou a cabeça e levou o punho à testa.

— Alteza. Me desculpe. Não a reconheci de imediato.

— Sabiá Noturna, não me esqueci de seu corajoso serviço na mudança das folhas — disse Raisal. — Os guerreiros Demonai salvaram minha vida naquele dia, e você teve papel de destaque.

Sabiá Noturna ficou de pé novamente e pareceu ansiosa para fugir da atenção que estava recebendo.

— Estou honrada por se lembrar de mim. — Ela desviou o olhar e mordeu o lábio, as bochechas rosadas na pele morena. — Aceite minhas condolências pela perda de sua mãe, a rainha.

Ela parecia bem abalada para alguém que costumava ser tão segura.

Raisal inclinou a cabeça.

— Obrigada. Parabéns por ser nomeada para os Demonai. Em épocas de perigo, fico grata por ter guerreiros como você, em quem posso confiar.

Sabiá Cavadora levantou as duas mãos, como se para dispensar o elogio. Parecia quase incomodada.

— Obrigada, Alteza — sussurrou ela por entre lábios rígidos.

Ah, pensou Raisal. Ela deve ter ouvido que Andarilho da Noite e eu temos uma história juntos e deve estar se perguntando o que minha volta vai representar para o relacionamento deles. Mas é melhor ela se acostumar. Andarilho da Noite vem fazendo história há anos por todas as terras altas.

— Falando em épocas de perigo — disse Andarilho da Noite, interrompendo os pensamentos de Raisal —, Elena *Cennestre* me disse que Dançarino de Fogo está aqui em Pinhos Marisa. Isso é uma boa ideia, receber dois bruxos no Campo ao mesmo tempo? Ainda mais considerando o que já aconteceu. Eu soube que Dançarino ia ficar nas terras baixas e prosseguir com os estudos enquanto Caçador Solitário voltaria para casa.

— Não posso falar sobre isso, pois acabei de saber sobre esse plano de os Demonai treinarem magos — disse Raisa secamente.

— Foram Pés Ligeiros e Elena *Cennestre* — respondeu Andarilho da Noite. — Eles fizeram sem eu saber. Só descobri por acaso. Rosa Agreste, é arriscado recrutar bruxos para lutar contra bruxos. Dançarino de Fogo deveria seguir o acordo feito.

— Meu primo Dançarino foi criado em Pinhos Marisa — disse Sabiá Noturna. — E essa é a extensão da obrigação dele.

Surpresos, Raisa e Andarilho da Noite se viraram para encará-la.

— Como filho da matriarca, Willo Canção d'Água, Dançarino não responde a Elena *Cennestre* nem a Lorde Averill — prosseguiu Sabiá. — Ao contrário de Caçador Solitário, ele não fez acordo nenhum com os Demonai. Apesar de ter concordado em trabalhar conosco, ele faz isso sob seus próprios termos. Quando Dançarino de Fogo descobriu que Caçador Solitário tinha sido chamado para Fells, nada que eu dissesse pôde mantê-lo nas terras baixas.

— Então você não devia ter contado a Dançarino de Fogo que Caçador Solitário tinha sido convocado — rebateu Andarilho da Noite, com os lábios apertados de irritação. — Ainda não entendo por que você fez isso.

— Conheço Dançarino de Fogo desde que éramos *lytlings* — disse Sabiá Noturna, colocando a mão no braço de Andarilho da Noite. — Confio nele. É uma pessoa que quero ter do nosso lado.

A garota está diferente da última vez que a vi, pensou Raisa. Está menos deslumbrada por Andarilho da Noite. Está opinando mais.

— Sob os termos da Naéming, magos não têm permissão para entrar nas Espirituais, independentemente de quem lhes deu à luz — falou Andarilho da Noite. — É inconveniente tê-los aqui.

— Mesmo que Caçador Solitário tenha salvado minha vida? — perguntou Raisa.

Andarilho da Noite revirou os olhos.

— Se for mesmo verdade, então o bruxo só está cumprindo sua parte do acordo.

— O que você quer dizer com *se for mesmo verdade*?

Raisa tremeu e apertou o casaco ao redor dos ombros.

— Você não acha uma coincidência estranha ele ter aparecido bem na hora em que você estava sendo atacada? — perguntou Andarilho da Noite. — É quase como se tivesse sido planejado. E que forma melhor há de conquistar sua confiança?

— O que você está dizendo?

Raisa sabia perfeitamente bem o que ele estava dizendo, mas queria que Andarilho articulasse com clareza.

— É realmente crível que ele pudesse arrancar você de um grupo de assassinos e sair totalmente ileso?

Andarilho da Noite deu de ombros, como se dissesse: acredite no que quiser, mas...

— Ele não saiu ileso — retorquiui Raisa. — Usou alta magia para reverter o veneno. Está à beira da morte há dias pelo efeito.

— Caçador Solitário está doente? — Sabiá Cavadora olhou de Raisa para Andarilho da Noite. — Você não me disse isso.

— Não há nenhuma marca nele, pelo que Elena diz — comentou Andarilho da Noite. — É alguma doença de bruxo misteriosa, supostamente causada pelo fato de que ele curou Rosa Agreste. Seria bem fácil de fingir.

— Talvez você deva conversar com Willo, então — disse Raisa com acidez. — E explicar para ela como Caçador Solitário a enganou tão bem.

— Não estou dizendo que ele está mentindo. — Andarilho da Noite levantou as mãos. — Só estou dizendo que é uma *possibilidade*. Temos que ser cautelosos com mentiras de bruxos, principalmente considerando o que aconteceu à rainha.

Amon falou pela primeira vez:

— A doença de Alister me parece bem autêntica. É meu palpite que ele ficaria mais do que feliz de deixar o serviço da rainha e não

ter nada a ver com a luta que se aproxima. Aqueles entre nós que estão preocupados com a segurança da linhagem Lobo Gris farão de tudo para garantir que isso não aconteça.

— Ele fica — disse Andarilho da Noite, como se Han pudesse tentar escapar da obrigação. — Não tem escolha. Agora que o treinamos, ele está comprometido a lutar conosco contra o Conselho dos Magos.

— Sempre há escolha — respondeu Amon. — Alister segue seu próprio caminho. Não o subestime. — Ele se virou para Raisa e inclinou a cabeça. — Com sua licença, Alteza. É melhor eu ir, se quiser voltar amanhã à tarde.

Raisa assentiu distraidamente, e ele se afastou.

Andarilho da Noite ficou olhando para ele com a testa franzida e se virou para Sabiá Noturna, com expressão mais suave.

— Sabiá Noturna, cuide de nossos aposentos na cabana dos visitantes e para que nossos cavalos sejam alimentados hoje. E mais uma coisa.

Ele se inclinou e falou baixinho, para Raisa não poder ouvir. Ele sorriu para Sabiá Noturna, que sorriu de volta e saiu andando, com certo gingado.

Bem, ela ainda está um pouco deslumbrada, pensou Raisa.

Andarilho da Noite esperou até que ela estivesse longe o bastante para não poder escutar e disse para Raisa:

— O cabo Byrne parece acreditar na história de Caçador Solitário.

Raisa ficara surpresa por Amon defender Han, mas se esforçara para não demonstrar.

— O pai dele foi assassinado pelos homens que me atacaram — disse ela. — Se o cabo Byrne está convencido de que Han está falando a verdade, talvez isso devesse ser evidência suficiente para você.

— Não fique zangada, Majestade — pediu Andarilho da Noite, com um sorriso pesaroso. — Sabe que não gosto de magos. Fui criado para desconfiar deles, e nada do que fizeram enquanto Vossa

Majestade estava longe diminuiu esse sentimento. A situação foi de mal a pior. Sem dúvida soube que a rainha Marianna mudou a sucessão e deixou você de lado.

— Bem — disse Raisa, com o coração se contraindo de forma dolorosa —, não exatamente.

Andarilho da Noite hesitou.

— Não é apropriado nem seguro falar mal dos mortos, mas eu acredito que essa fosse a intenção dela. Talvez não conseguisse evitar; estava sob a influência de Bayar. Ou talvez estivesse procurando uma herdeira mais parecida com o povo das terras baixas.

Raisa ficou na ponta dos pés, segurou a parte da frente do casaco de Andarilho e puxou o rosto dele para perto.

— Você não tem direito de dizer isso — disse ela ferozmente, com lágrimas ardendo nos olhos. — Você não faz ideia de quais eram as intenções de minha mãe.

Andarilho da Noite recuou um pouco, concentrado no rosto de Raisa, como se a visse de verdade pela primeira vez. Por um longo momento eles se olharam, guerreiro Demonai e princesa-herdeira.

— Rosa Agreste — disse ele, por fim. — Mais uma vez, peço desculpas. Parece que avalei mal seus sentimentos em relação à rainha, principalmente depois do que aconteceu um ano atrás. Preciso ouvir mais antes de falar. Foi uma temporada difícil para todos nós.

— Nisso nós podemos concordar — respondeu Raisa, soltando a roupa dele.

Andarilho pareceu ansioso para se explicar.

— Sabe, nos meses recentes houve diversos ataques de bruxos em nossos vilarejos mais baixos.

— Por que magos atacariam os vilarejos? — perguntou Raisa.

— Os clãs pararam de comercializar objetos mágicos, amuletos, talismãs e similares — explicou Andarilho da Noite, com satisfação cruel. — Nossos ferreiros Demonai não os fazem mais, passaram a

produzir outros bens. Considerando as outras ações deles, não há dúvida de que os magos estão se preparando para entrar em guerra conosco. Eles pretendem pilhar os vilarejos e conseguir armas mágicas suficientes para seus exércitos.

— Os vilarejos não guardam amuletos à mão, guardam? — questionou Raisa. — E o que fariam com eles? São comercializados principalmente em Pinhos Marisa.

— Os bruxos não sabem disso. Há cada vez mais incursões às Espirituais, mais e mais pressão da parte deles. Lorde Averill e eu estamos nos esforçando para oferecer melhor proteção aos vilarejos, mas os Demonai são escassos. Então você pode imaginar o que senti quando soube do ataque a você. Sinto muito, Rosa Agreste, mas não estou com humor para acreditar em palavras bonitas de bruxos.

— Meu pai levantou essas questões com o Conselho da Rainha? Andarilho assentiu.

— Inúmeras vezes. Lorde Bayar perdoa violações da Naéming, dizendo que os clãs das Espirituais devem voltar à produção de objetos mágicos e torná-los disponíveis livremente. Ele alega que, considerando as circunstâncias, o mau comportamento dos bruxos é compreensível.

— Os Demonai consideraram um acordo? Vocês não poderiam disponibilizar amuletos menos poderosos?

— Não com eles conspirando contra você — disse ele. — A última coisa que queremos é armar nossos inimigos antes de uma guerra.

Mais uma vez, Raisa sentiu o peso esmagador da responsabilidade.

— Sinto muito. Você já tem problemas suficientes em que pensar. Tudo vai ficar bem, você vai ver. Fico feliz de você estar se recuperando, e é um alívio tê-la de volta no lar da montanha. Estou ansioso para nos reaproximarmos. — Ele passou os dedos de leve na bochecha dela, observando seu rosto. — É bom vê-la em trajes dos clãs de novo. Ficam bem em você.

— Você também parece bem — respondeu Raisa.

E era verdade: Reid Andarilho da Noite Demonai sempre fazia cabeças virarem quando andava pelo Campo.

Ele sorriu e olhou nos olhos de Raisa.

— Agora é melhor eu ir procurar Elena *Cennestre*. — Ele fez uma pausa. — Onde você vai jantar esta noite, Alteza? Vai estar na lareira dos visitantes ou...?

— Devo ficar na lareira de Willo — respondeu Raisa. — Ainda estou sob os cuidados dela.

— Então você está ficando na Cabana da Matriarca? — Quando Raisa assentiu, ele disse: — Vou jantar lá, então. Gostaria de perguntar a Willo sobre tratamento para laminite em nossos cavalos.

— Então talvez nos vejamos mais tarde — disse Raisa.

Ela o viu se afastar na direção da cabana dos visitantes, sentindo-se como se estivesse segurando uma dezena de felinos em coleiras, rosnando e mordendo e correndo em direções diferentes.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Um caminho adiante

Han esperou até todo mundo sair para só então dizer a Dançarino:

— Você não ouviu Willo? Preciso descansar.

Ele fechou os olhos e cruzou as mãos sobre o peito, como quem dorme.

— Caçador Solitário, me deixe explicar sobre Elena *Cennestre*.

— Não há nada a dizer — respondeu Han, sem abrir os olhos. —

Que bom que vocês dois conseguiram bolar um plano para dar um jeito em mim e me botar em condição de lutar de novo.

— Não bolamos um plano — disse Dançarino. — Foi Willo quem sugeriu que eu podia ajudar você a se curar com uso do poder. Você e eu sabemos que Elena Demonai tiraria nosso sangue todo, se isso fosse o necessário para manter os magos longe do trono de Fellsmarch. Ela não vai esperar você ficar saudável e bem. E você não pode ir contra os Bayar estando esgotado.

Han não disse nada.

— Só tem uma coisa em que Elena e eu concordamos: não queremos magos como reis — prosseguiu Dançarino —, muito menos os Bayar. Eu estaria disposto a ir no seu lugar, mas não sei fazer o que você faz. Tivemos as mesmas aulas e me dediquei o ano todo, mas você avançou muito mais do que eu. Gostaria de pensar que é seu amuleto, mas acho que não é. — Ele hesitou. — Acho que é o que você aprendeu com Corvo. E sua natureza.

— O que faz você pensar que avancei mais? — perguntou Han, encolhido na cama. — Se avancei, deve ser porque você anda se dedicando a ser ourives.

— Não estou sendo modesto. — Dançarino deu de ombros. — Temos habilidades diferentes. Estou ficando cada vez melhor na produção de ferramentas, mas isso não vai ajudar em uma luta. — Como Han não disse nada, ele acrescentou: — Você salvou a vida da princesa Raisa. Eu não conseguiria ter feito isso.

— Eu nem sabia o que estava fazendo.

— Mais impressionante ainda.

— E não foi por ela ser princesa — prosseguiu Han, abrindo um pouquinho os olhos e espiando Dançarino por entre os cílios.

Dançarino levantou as mãos.

— Eu sei.

— Odeio sangues azuis como ela — disse Han. — Eles colocam roupas de pobres e vão passear, mas por baixo ainda estão usando renda de Angra de We'en e seda de Tamron. Para elas é uma *experiência*, como fazer sessões espíritas ou fumar capim-navalha. E, quando voltam ao palácio, tiram as roupas da rua, entram no banho e lavam tudo.

Han afastou a imagem de Rebecca/rainha Raisa no banho para o fundo da mente. Guardou-a junto com a imagem de Raisa em renda de Angra de We'en e roupas de baixo de seda de Tamron.

— Eu avisei que não era uma boa você se enrolar com ela — falou Cat, assustando-o. Han tinha esquecido que ela estava ali. Quando ele franziu a testa, ela acrescentou: — Você sabe. Lá em Feira dos Trapilhos.

— Não estou enrolado com ela.

— Hum.

Cat pegou uma faca curta que parecia ser nova e começou a jogá-la no ar e pegá-la.

Desejando que ela não estivesse ali para ouvir e comentar, Han se voltou para Dançarino.

— A questão é que isso não muda quem eles são. Continuam sendo sangues azuis. Eles acham que somos divertidos, como macacos de circo. Somos uma distração por um dia ou dois, quando as coisas no palácio estão sem graça. Não passamos de assunto para conversas nas festas.

Han tirou a rolha da garrafa de chá e tomou um longo gole. Não fazia sentido usar de boas maneiras agora.

Não que ele estivesse aprendendo etiqueta por causa dela. Estava fazendo por si. Não era?

— Eles acabam indo embora de vez — disse ele, colocando a garrafa no chão. — Não ligam se deixam buracos para trás.

— E é você quem sempre vai embora — falou Cat. — É isso?

— Não é isso. Ela me usou.

— Como ela usou você? — perguntou Dançarino. — Dando aulas para você? Beijando você? Ou...

— Alister Algema a fim de uma princesa — interrompeu Cat. — Todo mundo sempre disse que você era ambicioso.

— Cat — disse Dançarino, balançando a cabeça.

Pare de insistir, Alister, pensou Han. Eles não tiveram mesmo muita coisa. Apenas alguns beijos, alguns abraços, e só. Ela nunca fizera promessa nenhuma. Só a promessa implícita, a de ser a pessoa que alegava ser. De confiar nele o bastante para contar a verdade.

— Ela mentiu pra mim — disse Han, por fim. — Tudo entre a gente foi mentira.

— Que bom que você nunca mentiu pra ela — disse Dançarino. — Você contou exatamente o que estava fazendo lá e quem estava pagando por seus estudos e o que era esperado de você depois.

Dançarino ergueu uma sobrancelha.

— Pelo menos eu nunca fingi ser o que não sou — rebateu Han. — As garotas sabem o que vão ter de mim, e podem pegar ou largar.

— É isso que você acha? — disse Cat, com as mãos na cintura e os olhos apertados. — Acha que é fácil assim? Não importa o que um namorado diz pra você, o que importa é no que você acredita. — Ela fez uma pausa e acrescentou baixinho: — É o que você espera.

Era exatamente isso, esperança. Rebecca Morley fora a primeira coisa boa, a primeira coisa verdadeira em sua vida desde que Mari morrera. Ela representava possibilidades; algo a que ele pudesse aspirar. Algo com o qual ele podia sonhar, um futuro. Apesar de nenhuma promessa ter sido feita entre eles.

Sem ser chamada ou desejada, uma lembrança surgiu daquele dia em Vau de Oden, quando Han e a garota que ele conhecia como Rebecca decidiram ficar juntos. O que ela dissera naquele dia voltou à mente dele, um aviso que só agora ele entendia.

Eu também vou magoá-lo, mesmo sem querer. Não sou a garota que você pensa que eu sou. E você vai se lembrar dessa conversa e desejar ter me ouvido. Como você pode querer isso, se já sabe, desde o começo, que vai terminar mal?

Ele ficara furioso ao pensar que os Bayar tinham roubado seu futuro. E acabou que suas esperanças tinham sido construídas sobre pó e areia.

Agora, ele sabia que não tinha futuro com Rebecca Morley. Rebecca Morley não existia.

Ele se sentia um tolo, a vítima de uma armação cruel. E odiava se sentir tolo.

A garota é bem durona, para uma sangue azul, pensara ele uma vida antes. Talvez durona o bastante para ficar comigo. Ele não tinha considerado que podia não ser durão o bastante para ficar com ela.

— Eu gosto dela — disse Dançarino, como se estivesse acompanhando os pensamentos dele. Quando Han o olhou com raiva, acrescentou: — Não consigo evitar. Admito que não a conheço tão bem quanto você. Mas a nova rainha podia ser bem

pior, e acho que é nisso que temos que nos concentrar. Ela é forte, mais do que Marianna, eu acho.

— Então Fells ganhou uma rainha melhor, enquanto eu perdi... uma amiga em quem confiava — disse Han, em voz baixa e amarga.

— Pelo que vi, ela gosta de você, apesar de tudo — comentou Dançarino. — Ela acabou de perder a mãe, mas está cuidando de você todos os dias desde que conseguiu sair da cama.

— Eu sou *interessante*, sem dúvida — murmurou Han, imitando um tom de sangue azul. — O dono da rua que virou mago. Que *intrigante*. *Tenho* que contar para todas as minhas damas de sangue azul. Talvez possamos compartilhá-lo. Ouvi falar que esses maltrapilhos criados na sarjeta são fogosos entre os lençóis.

Cat riu e revirou os olhos, e Dançarino também gargalhou.

— Ela sabe que vocês são parentes distantes? — perguntou ele. — Primos de cem graus, ou algo do tipo?

Han pensou no assunto. Ele não sabia o que tinha sido dito por suas costas, mas Raisa não mencionara a questão durante a grande revelação. Elena *Cennestre* e os outros não deviam estar ansiosos para chamar atenção para o fato de que ele carregava o sangue de Hanalea. Que ele, na verdade, talvez tivesse um tênue direito ao trono.

Hummm. Sua mente disparou em direções extravagantes. Direções ambiciosas, como Cat diria.

— O que ele quer dizer com isso de vocês serem parentes? — perguntou Cat, puxando Han de volta à conversa. — Quer dizer parente da rainha?

Han balançou a cabeça.

— Deixa pra lá. Não é nada. Devemos ser todos parentes da rainha.

— De qualquer modo — emendou Dançarino —, meu pensamento é o seguinte: não quero que a gente morra em uma guerra entre os clãs e o Conselho dos Magos. A única forma de

evitar a guerra é impedir que o Conselho dos Magos use força para conseguir o que quer. E isso vai ser difícil.

Ele flexionou as mãos.

— Eles devem estar se sentindo poderosos agora, se o que pensamos for verdade. Devem ter matado a rainha, acham que mataram a princesa-herdeira e estão prestes a colocar no trono a própria candidata e a casá-la com um mago. Isso vai deflagrar uma guerra com os clãs, sem dúvida. Temos que fazê-los recuar. E a única forma de fazer isso é convencê-los de que temos mais poder de fogo.

Han ficou impressionado com o raciocínio de Dançarino. E sentiu vergonha. Considerando sua mágoa ao ter sido traído, seu impulso era o de fazer o mínimo para manter sua parte do acordo. Não fazia a menor diferença para ele se Mellony acabasse no trono. E um mago como rei? Ele não tinha desejo de ver Micah Bayar como rei de Fells, mas talvez não fosse da conta dele. Han não queria mesmo ir nadar no lago sangue azul.

Esse é seu problema, não é, Alister?, pensou Han. Achou que você era o jogador. Achou que era o dono da rua malandro que sabia lidar com a adversidade. Que sabia encarar um rival e cuidar dos seus.

Mas acabou de descobrir que estava apostando baixo. Descobriu que há donos da rua mais espertos e cruéis no mundo.

Han estava muito ferido, de todas as maneiras. E seu instinto era se afastar da fonte da dor.

Ele fitou Dançarino, que o olhou nos olhos. Cat e Dançarino não precisavam ter voltado de Vau de Oden. Poderiam ter ficado lá, confortáveis e seguros, enquanto Fells se destruía em uma guerra civil. E, quando a guerra começasse, era provável que invasores do sul aparecessem para dividir a pilhagem. Se antes as coisas já eram ruins em Feira dos Trapilhos e Ponte Austral, como ficariam no meio de uma guerra? E se os Bayar vencessem, quanto tempo ele, Han Alister, duraria?

Ele achava que não tinha dinheiro na mesa, mas, na verdade, tinha.

Como se tivesse ouvido os pensamentos de Han, Dançarino disse:

— Não vou deixar Lorde Bayar vencer essa. Só por cima do meu cadáver, e não é por ter feito acordo com os Demonai. Eu gostaria de ter você comigo nessa luta, mas se precisar vou sozinho.

Os olhos azuis de Dançarino brilharam com uma intensidade que Han nunca tinha visto antes.

— Você não vai sozinho — disse Cat, colocando a mão no braço de Dançarino. — Mesmo se Algema não for.

Han não precisava lutar por Rebecca Morley, que o enganara e mentira para ele, usara-o e o fizera de tolo. Ele podia fazer por orgulho, por reputação, por vingança e por Cat e Dançarino, que morreriam ao lado dele se não vencessem.

Ele faria por si, enquanto lambia as feridas e decidia como seguir em frente. Daria tempo para ele avaliar seus sentimentos por Rebecca. *Raisa*, ele se corrigiu. Evitá-la não ajudaria. Ele precisava de tempo sozinho com ela. Tempo para descobrir quem ela era de verdade e se realmente o manipulara.

Só que, daquela vez, tomaria mais cuidado para não entregar o coração.

Han suspirou.

— Tudo bem. Estou dentro. Até o fim. Ainda estou com raiva, mas chega de mau humor.

Eles assentiram solenemente, mas sem encará-lo, como se não quisessem provocar mais constrangimento.

— Cat, você ainda está comigo? — perguntou Han.

Cat olhou para ele com desconfiança e assentiu.

— Eu jurei a você, não foi?

— Que bom. O cabo Byrne e Averill Demonai vão voltar a Fellsmarch esta tarde. Quero que você vá com eles.

Cat olhou de Dançarino para Han.

— O quê? Quer que eu viaje com um casaco azul e um cabeça de fogo? O que pensa de mim?

— Você quer me ajudar ou não? Lembra o que eu disse? Que você não podia fazer só os serviços de que gostasse?

Cat assentiu, contrariada.

— Eu lembro, mas quem vai ficar de olho em você aqui? — Ela fez um gesto amplo com a mão. — Não confio em nenhum deles.

— Não tenho gente para mandar. Você conhece a cidade, e preciso de olhos e ouvidos lá. — Como Cat ainda parecia na dúvida, ele acrescentou: — Eu não mandaria você se não tivesse um motivo. Quero que você volte a Feira dos Trapilhos e se ajeite por lá, como você disse.

— O que você quer dizer com “se ajeite”? — perguntou Cat.

— Veja se o clamor foi abafado. Deve ter sido, pois os Bayar têm outras preocupações, e a última notícia que eles têm de mim é de que eu estava em Vau de Oden. Sei que você disse que todos os Trapilhos estão mortos, mas veja se alguém escapou, se consegue reunir um grupo de novo.

Cat o encarou.

— Que tipo de grupo você quer? Valentões ou ladrões ou bruxos ou mensageiros ou o quê?

— Preciso de batedores de carteira e valentões, garotas e rapazes que consigam driblar a lei. E, mais importante, quero qualidade, pessoas em quem a gente possa confiar, só um grupo pequeno para começar. — Ele indicou sua pilha de pertences com o queixo. — Pegue minha bolsa e distribua o que tem lá. Espero chegar à cidade em uma semana.

Cat mexeu nas coisas dele e ergueu a bolsa.

— Tem certeza de que quer que eu leve isso tudo?

Han assentiu.

— Os clãs vão me dar mais.

— Você quer que eu diga quem é o dono da rua?

Han pensou por um momento.

— Diga que meu nome de rua é Rei Demônio. Olhe. Vou mostrar o sinal da gangue. — Cat entregou a ele um pedaço de carvão da lareira, e Han rabiscou um símbolo na pedra, uma linha vertical com um zigue-zague atravessando. — Chame de cajado e poder. Diga que tenho ligações com as classes altas, mas inimigos horríveis. Diga para não entrarem se forem covardes.

— Pode deixar — disse Cat.

— E a primeira coisa que quero que você faça...

Ele fez uma pausa e ficou olhando para as cortinas que separavam o quarto da sala. Será que as vira tremer?

Ossos. Ele deveria ter criado barreiras mágicas, mas isso não lhe ocorrera ali no Campo. Em sua condição atual, não sabia nem se era possível.

Ele fez sinal para Dançarino e indicou a divisória. O amigo se levantou em silêncio e puxou as cortinas.

A sala estava vazia.

— Talvez eu ainda esteja meio confuso — disse Han —, mas cheguem mais perto. — Ele baixou ainda mais a voz. — Cat, diga para todo mundo dos dois lados do rio que os sangues azuis pretendem tirar o trono de Rosa Agreste. Diga para irem ao enterro da rainha e deixarem que os nobres saibam o que eles acham disso. Acha que consegue fazer isso antes do enterro da rainha, no domingo?

Cat assentiu.

— E tome cuidado. Se as coisas ainda estiverem agitadas, fique na sua. Não quero perder você. Vejo você na cerimônia fúnebre, e seguimos juntos a partir dali. — Han apontou com a cabeça para a porta. — É melhor ir, senão você vai perder o cabo Byrne.

Dançarino levou Cat até a porta. Eles ficaram lá por um tempo, sussurrando. Dançarino esticou a mão e afastou uma mecha do cabelo de Cat. Eles se abraçaram e ela ficou na ponta dos pés quando se beijaram.

Han foi tomado por inveja. Quanto tempo demoraria, perguntou-se ele, para que conseguisse preencher o vazio nas entranhas, onde antes viviam suas esperanças?

Afastou o pensamento e tentou se concentrar nos planos. Ele se encontraria com Raisal e a realeza dos clãs no dia seguinte. E, de noite, visitaria Corvo para uma conversa franca.

Os jogos começam

Amon Byrne preferia trilhar as estradas mais perigosas dos Sete Reinos a navegar nos ainda mais perigosos labirintos políticos da corte. Ele não fora abençoado com a capacidade de mentir com facilidade e eficiência, de enganar com esperteza e persuasão. Não era adepto do tipo de discurso que embelezava o feio, o tipo que convencia os outros a agir contra os próprios interesses.

Na maior parte do tempo, isso não o incomodava. Ele tinha confiança em seus outros talentos. Trabalhara duro para desenvolver suas forças para que pudesse colocá-las ao dispor de sua rainha e de seu país. Na maior parte do tempo, conseguia evitar se enfiar em situações das quais precisaria usar o discurso para sair.

Mas agora estava em uma posição que exigiria uma dose complexa de mentira para uma plateia que conhecia pedaços variados da verdade.

Amon estava esperando na antessala da câmara de audiências da rainha. Tinha passado a infância no perímetro do castelo, então os arredores lhe eram familiares. A política, não. Gastara a maior parte da manhã tentando descobrir quem podia lhe dar a permissão que ele pedia. Com a corte sem uma rainha, o governo estava um tumulto.

Amon tocou o anel de lobo na mão direita, o que tinha se tornado um hábito que o acalmava.

O camareiro enfiou a cabeça pela porta.

— Cabo Byrne? — chamou ele. — Estão prontos para recebê-lo.

Quando Amon entrou na familiar câmara de audiências, viu que o trono da rainha estava coberto de preto. Ficou feliz de ver que não havia ninguém sentado nele. Ainda.

O outro lado da sala estava arrumado em uma configuração alternativa; uma cadeira um tanto elaborada, mais alta, com outras cadeiras ao redor, em uma plataforma. Aquele era o Conselho dos Regentes, composto de Gavan Bayar, o Grão-Mago, Bron Klemath, general do exército das terras altas, Lassiter Hakkam, chefe do Conselho dos Nobres, Averill Demonai, representando os clãs das Espirituais, e Roff Jemson, agora orador da Catedral do Templo.

De cada lado da câmara de audiências havia uma fileira de casacos azuis, a maioria desconhecida para Amon. Aquilo era alarmante. Com um susto, se deu conta de que, como capitão da guarda de Raisa, ele os comandava, mas agora os guardas pareciam mais ameaça do que apoio. Amon não ficara tanto tempo longe da capital para haver uma mudança tão grande na guarda do palácio.

Perto dos integrantes do Conselho estava Mason Fallon, de feições afiladas, o cabelo preto como tinta e uma barba por fazer permanente. Amon não o conhecia muito bem, mas nunca confiara nele. Agora, Fallon tinha uma patente de cabo. Quando isso acontecera e quem autorizara?

Amon se animou ao ver Jemson. Havia ao menos um rosto simpático, além de Averill. Jemson celebrara a cerimônia que conectara Amon e Raisa como capitão e futura rainha, antes de eles partirem para Vau de Oden. Portanto, o orador tinha os próprios segredos.

Sentado junto com os membros do Conselho estava Micah Bayar, que não tinha papel oficial e não deveria estar ali. Será que estava por escolha do pai? Ou de Mellony?

Amon observou os outros. Nunca gostara de Klemath, assim como Klemath não tinha amor algum pelos Byrne. Havia uma competição natural entre a Guarda da Rainha, de elite, e o exército comum, e o pai de Amon, Edon Byrne, não escondia sua opinião de que o exército deveria usar menos mercenários e mais soldados nativos. E, nos últimos tempos, parecia que Klemath tinha se aliado ao Conselho dos Magos em muitos assuntos.

Klemath tinha mandado os filhos Keith e Kip atrás de Raisa, na esperança de subir socialmente por meio de um casamento com a realeza. Agora, ele podia ter esperanças de uma união com Mellony, supondo que não soubesse dos planos de casamento dos Bayar.

Lassiter Hakkam era malicioso como a maioria dos nobres e usava roupas caras do estilo mais moderno. Era inteligente, mas, na opinião de Amon, não muito esperto. Hakkam era tio de Raisa, pai de Melissa e Jon. Eles nunca tinham dado muita atenção a Amon, pois ele era um plebeu.

Gavan Bayar usava vestes pretas de mago, com estolas caídas pelos ombros e bordadas com os familiares falcões dos Bayar, o amuleto exibido de forma proeminente por cima. Ele olhou para Amon de cima, de um jeito intenso e calculista, como se Amon fosse um pedaço de carne assada que ele ia começar a cortar.

Micah espelhava o pai, de vestes pretas e estolas de falcão, a pele pálida em contraste com o cabelo denso e negro. Estava inclinado para a frente, um tanto ansioso, olhos negros fixos em Amon, como se achasse que ele poderia trazer notícias importantes.

Averill estava bem-vestido no estilo comerciante, com o talismã Demonai exibido como um desafio aos Bayar e seus amuletos de magos. Usava branco, a cor de luto para os clãs das Espirituais. Isso o fazia se destacar entre os outros como uma pomba entre corvos.

Amon não conseguiu deixar de pensar que aqueles vestindo preto no luto pareciam um bando de aves de rapina prontas para arrancar a carne de seus ossos.

Os Bayar ladeavam a irmã de Raisa, a princesa Mellony, que ocupava a cadeira decorada no centro. Embora não tivessem ousado sentá-la no trono de verdade, aquilo era quase a mesma coisa. Mesmo já sendo mais alta do que Raisa, ela parecia, aos olhos de Amon, uma garotinha em uma cadeira muito grande.

Mellony sempre fora mais frívola do que Raisa, mesmo quando elas eram pequenas. Mas o vestido que usava naquele dia tinha a intenção de fazê-la parecer mais velha, para que se encaixasse no papel que alguns pretendiam que ela desempenhasse.

Para que parecesse uma rainha em idade de casar.

Ela tem 13 anos, pensou ele. Quase 14. O vestido era preto, de luto, com corte simples, e destacava sua pele clara e o cabelo louro. A ponta do nariz estava um pouco rosada por baixo do pó e os olhos mostravam sinais de choro. Naquele dia, vestida e maquiada como estava, ela parecia ter 16 anos. Os diamantes da rainha Marianna cintilavam no pescoço e nos pulsos dela.

Ela já está se vestindo para o papel, refletiu Amon com amargura. Ele sempre pensara em Mellony como desimportante e insubstancial, mas... Seria possível que ela tivesse colaborado para abrir o caminho para o trono?

Pare, disse Amon para si mesmo. *Você é tendencioso. Sempre vai estar a favor de Raisa.* Mellony fora mais próxima da mãe a vida toda. Fazia sentido ela querer usar as joias da rainha agora.

Amon se aproximou e se ajoelhou na frente de Mellony, levando o punho ao peito.

— Alteza. Aceite minhas condolências por sua perda, uma perda que compartilhamos como uma nação de luto.

Não foi ruim, pensou ele. Tinha ensaiado a manhã toda.

— E aceite minha solidariedade por sua perda também, cabo Byrne — disse Mellony, em voz clara e aguda. — Uma perda que sentimos quase tão intensamente quanto você. É uma época terrível, não? — Ela fez sinal com a mão cintilante para ele se

levantar. — Por favor. Sente-se. Os Byrne são nossos amigos e servos leais. São bem-vindos a se sentarem em nossa presença.

Amon supôs que alguém a tivesse treinado em relação a usar “nossos” para se referir à realeza.

Uma cadeira foi levada para Amon, que se acomodou, constrangido. Como não estava na plataforma, todos ainda o olhavam de cima.

— Seja bem-vindo em seu retorno à corte, cabo Byrne — disse Lorde Bayar. — Fiquei surpreso em saber que você tinha voltado a Fells. Pensei que ainda estivesse na academia. Como soube da morte de seu pai?

— Na verdade, eu já estava a caminho, Lorde Bayar — respondeu Amon. — Meu pai tinha me pedido para adiar os estudos e voltar para casa, considerando a situação aqui. Eu só gostaria de ter chegado antes.

— A situação aqui? — perguntou Bayar. — O que você quer dizer, especificamente? Havia algum motivo particular de preocupação? — Ele fez uma pausa. — Alguma preocupação com a rainha, talvez?

Amon não sabia direito por que caminho a conversa estava seguindo, mas conseguia sentir o perigo se adensando no ar e ouvir sua pulsação nos ouvidos.

— Estávamos preocupados com as atividades de Gerard Montaigne em Tamron — disse Amon. — Ele tem um exército muito grande. Quando estabilizar o controle de Tamron, estamos supondo que virá para o norte.

Pareceu que aquela não era a resposta que Bayar esperava. Ele olhou para Amon, sem piscar, por um longo momento, depois assentiu, parecendo satisfeito.

— Precisamente. É claro que compartilhamos sua preocupação.

O general Klemath se inclinou para a frente.

— Fico surpreso de seu pai achar necessário chamar você para casa por esse motivo. A proteção de nossas fronteiras é

responsabilidade do exército. Com a ajuda do Conselho dos Magos, claro.

— Sim — falou Amon. — Mas, se Montaigne vier para o norte, nosso lugar é aqui. A família real vai precisar de proteção adicional, para que o exército possa se concentrar em seu trabalho. — Ele fez uma pausa. — Vejo que Micah também voltou para casa mais cedo. Talvez pelo mesmo motivo?

Ele olhou para Micah, torcendo para seu rosto não traí-lo. Pelo menos os dois, talvez Lorde Bayar também, sabiam que Micah tinha sequestrado Raisa em Vau de Oden e vindo para o norte com ela, mas a perdera no caminho.

Com sorte, os Bayar não saberiam que ele sabia.

— Voltei porque pensei que, nesse momento, poderia ser útil aqui — respondeu Micah. — E porque havia algumas pessoas aqui na corte de quem eu estava com saudade.

Ele sorriu para a princesa Mellony, que corou e baixou os olhos.

Mais uma vez, a desconfiança tomou conta de Amon.

— Eu esperava encontrar a princesa Raisa aqui quando voltasse — disse Amon. — Houve alguma notícia dela?

— Não — replicou Micah. — A princesa-herdeira ainda está desaparecida.

Ele olhou para o pai enquanto falava, com expressão ilegível.

— Deve ter havido alguma notícia do paradeiro dela — insistiu Amon, observando o rosto de Micah. — Eu estava em Vau de Oden, mas supus que...

— Não houve sinal nem notícia da princesa-herdeira desde que ela fugiu do reino no outono — interrompeu Lorde Bayar.

Seu olhar se desviou para Micah, um aviso. O filho apertou os lábios e nada disse.

Então aquela seria a história. Nem a rainha Marianna nem os Bayar contaram para Mellony que sua irmã fora localizada em Vau de Oden. Eles não mencionariam que Micah e Fiona haviam perdido Raisa em Tamron enquanto a traziam de volta a Fellsmarch. Seria

mais fácil colocar Raisa de lado se ela não tivesse sido vista nem mandado notícias desde que desaparecera, quase um ano antes.

Amon olhou de pai para filho e se perguntou o que Micah contara ao pai sobre Raisa. Micah ergueu o queixo e devolveu o olhar de Amon, como se o desafiasse a falar mais. Ele devia desconfiar que Amon tinha ajudado Raisa a fugir para Vau de Oden, que estavam lá juntos. Mas qualquer admissão disso exporia os dois a acusações de traição, e Micah sabia.

— Ah, sinto saudade de Raisa! — disse Mellony, secando os olhos. — Agora mais do que nunca nós duas deveríamos estar juntas. Mandamos aves mensageiras para todo lugar dos Sete Reinos — acrescentou ela com voz trêmula. — Sei que minha irmã estaria aqui no enterro de nossa mãe, se pudesse. — Ela inspirou, tremendo. — Temo o pior.

Os Sete Reinos estão em guerra, pensou Amon. A comunicação está difícil. Como você pôde pensar que Raisa receberia uma mensagem, mesmo que a enviasse? Mas ele não falou isso em voz alta. Sabia que estava em terreno precário. Se deixasse os inimigos de Raisa com a impressão de que não colaboraria, jamais conseguiria sair vivo da cidade.

— Há quanto tempo você voltou, cabo Byrne? — perguntou Lorde Bayar, mexendo no anel elaborado que usava na mão direita.

Amon ouviu uma armadilha na pergunta, mas não sabia que caminho seguir para evitá-la.

— Cheguei em Fellsmarch há poucos dias, vindo da Muralha Ocidental. Estava aqui quando chegou a notícia sobre meu pai. Parti na mesma hora para o Campo Pinhos Marisa.

— Os Demonai encontraram o grupo do capitão Byrne no Passo. Todos mortos — disse Averill.

— Todos mortos? — questionou Mellony. — E os bandidos que os atacaram? Sabemos quem eram?

— Não, Alteza — respondeu Amon, consciente de forma excruciante dos Bayar de cada lado da princesa. Ele manteve o

olhar baixo, por conhecer suas limitações ao mentir.

— É improvável que a gente descubra exatamente o que aconteceu, considerando que o grupo todo foi morto — disse Lorde Averill. — Os agressores já devem ter voltado para Tamron.

— Espero que nós, da guarda, possamos trabalhar junto com o general Klemath para fortalecer nossas fronteiras contra mais invasões do sul — murmurou Amon.

Ele olhou para o general e recebeu uma concordância gelada em resposta.

— Se os assassinos dele forem identificados, não teremos misericórdia — disse a princesa Mellony ferozmente.

— Você considerou a possibilidade de que os próprios Demonai sejam culpados? — perguntou Lorde Bayar, como se Averill não estivesse sentado ali. — As relações com os cabeças de fogo andam tensas ultimamente. Há quem desconfie que eles possam estar envolvidos no desaparecimento da princesa Raisa.

Cuidado agora, pensou Amon. Ele olhou para Averill Demonai, cujo rosto de comerciante falhou um pouco.

— Parece improvável, senhor — respondeu Amon, voltando-se para Lorde Bayar. — Meu pai e os outros guardas foram mortos com flechas de besta e espadas. Não armas Demonai.

— Qualquer um pode usar uma besta — replicou Lorde Bayar.

— As relações tensas que você menciona são consequência direta das incursões de bruxos nas Montanhas Espirituais e dos ataques a nossos vilarejos — disse Averill. — Enquanto os Demonai têm motivos de sobra para agir contra os magos, é difícil saber que motivo teriam para assassinar o capitão Byrne e seu grupo. Na verdade, os Demonai homenagearam o capitão Byrne ontem à noite, em Pinhos Marisa, com um velório de guerreiro. Isso é extraordinariamente raro, considerando que ele era do Vale.

— Não vi prova de que os magos sejam responsáveis pelos ataques dos quais vocês vivem reclamando — falou Lorde Bayar. — Nem evidência convincente de que realmente aconteceram. Nós, do

Conselho dos Magos, desconfiamos de que seja apenas uma desculpa para prosseguir com a interdição do artesanato mágico.

Tanto Averill quanto Bayar eram como atores dizendo falas para a plateia, não um para o outro.

Lorde Bayar esperou, e, como Averill não disse nada, mudou de assunto:

— Acho que podemos concordar que o capitão Byrne foi um comandante corajoso e capaz. Mesmo assim, é uma pena que tenha deixado a rainha desprotegida no que se mostrou um momento crítico. — Bayar ajeitou as estolas. — Ainda não ouvi uma boa explicação para a saída dele da corte.

Amon se empertigou, mas claro que não tinha resposta para Lorde Bayar, pois não podia dizer ao Grão-Mago que seu pai tinha ido para o sul tentar trazer a princesa-herdeira de volta ao reino. Que Byrne esperava que a presença de Raisal ajudasse a fortalecer Marianna contra a influência do Grão-Mago.

Averill olhou friamente para Lorde Bayar.

— Tenho confiança total de que, fosse lá o que o capitão Byrne estivesse fazendo, era a serviço da linhagem Lobo Gris.

— É provável que jamais saibamos exatamente o que aconteceu — disse Mellony, interrompendo a discussão. — Tenho certeza de que é um assunto difícil para o cabo Byrne, com o pai ainda nem tendo sido enterrado. — Ela se inclinou para a frente. — Eu soube que você tinha um favor a pedir, cabo Byrne. Por favor, fale o que deseja.

Ela é generosa, pensou Amon. Agora que a coroa está ao alcance de sua mão.

Gavan Bayar se sentou mais para a frente, com a mão no amuleto, olhando para Amon como se pudesse matá-lo com magia se ele dissesse a coisa errada.

— Tenho, sim, um pedido. É incomum, mas eu esperava que pudesse me concedê-lo em retribuição ao longo serviço de meu pai à rainha Marianna.

— O que você quiser — disse Mellony rapidamente, mas murchou sob o olhar de Lorde Bayar. — Se pudermos fazer, cabo Byrne, nós o faremos — acrescentou ela.

— Eu gostaria de pedir que as cinzas de meu pai fossem enterradas perto de sua senhora rainha, no pico Marianna — disse Amon. Ao ver a expressão intrigada de Mellony, acrescentou: — Não, não ao lado dela nem nada. Talvez em algum lugar perto, quem sabe ao pé da tumba dela, em algum lugar onde ele possa continuar a protegê-la na morte, como fez em vida.

— Ah! — Mellony se levantou em um balanço de seda, com as mãos unidas à frente do corpo e lágrimas se acumulando nos olhos. — Ah, isso é tão romântico. Imaginar o capitão Byrne cuidando de sua rainha para sempre.

— Vocês Byrne não têm uma tumba na Catedral do Templo? — perguntou Lorde Bayar, parecendo alheio ao romance. — Não seria mais apropriado enterrar seu pai ao lado de sua mãe?

— Sim, Lorde Bayar, pode parecer que sim — respondeu Amon, olhando nos olhos do mago. — Mas minha mãe entenderia. Ela sabia, quando se casou com meu pai, sobre o laço especial entre rainha e capitão. É um laço que segue da vida até a morte.

Lorde Bayar franziu a testa. Amon achou que o Grão-Mago queria instintivamente recusar o pedido, mas não conseguia pensar em um bom motivo para isso.

— Orador Jemson — chamou Bayar —, você vai oficializar a cerimônia fúnebre de Sua Majestade. É o encarregado de manter as antigas tradições. Isso não parece... desrespeitoso?

Jemson uniu os dedos e pensou no assunto, com expressão solene.

— Estou ciente do laço entre rainhas e capitães — disse ele, por fim, o rosto neutro, sem trair nada. — Eu não teria objeção alguma, se for o que as duas famílias desejam.

— Lorde Demonai? — Lorde Bayar se virou para Averill. — Como consorte da rainha, eu pensaria que você poderia questionar a

propriedade de...

— Não me sinto nada ameaçado pelas cinzas do capitão Byrne, Lorde Bayar — respondeu Averill. — Nunca tive motivo para questionar a lealdade do capitão Byrne, nem a natureza do cuidado dele com a rainha.

O olhar que ele lançou a Bayar poderia ter congelado o rio Dyrnne.

Mellony abriu um sorriso choroso.

— Acho que minha mãe, a rainha, ficaria satisfeita em saber que seu capitão dorme ali perto — disse ela, voltando a se sentar.

Micah cobriu a mão dela com a dele, se inclinou e sussurrou alguma coisa no ouvido dela. Ela corou e sussurrou alguma coisa em resposta.

— Obrigado, Alteza — respondeu Amon, tentando ignorar aquela cena.

Ele só queria sair dali. Preferia as ruas cruéis de Ponte Austral aos ardis da corte. Tinha conseguido o que queria, afinal, uma chance de saber antecipadamente o local do enterro e uma desculpa para estar no meio dos preparativos da cerimônia fúnebre.

— Com sua permissão, então, o orador Jemson e eu vamos até o local do enterro mais tarde para decidirmos sobre os ritos de meu pai e a localização do túmulo. — Amon se levantou e fez uma reverência. — Peço sua licença.

— Não tão rápido — disse Lorde Bayar.

Amon ficou paralisado e não ergueu o rosto.

— Cabo Byrne, o Conselho dos Regentes precisa pedir um pouco mais de seu tempo — disse o Grão-Mago. — Por favor, sente-se.

Uma teia de mentiras

Amon se sentou de novo e se esforçou para manter o rosto em branco, tanto quanto neve fresca, enquanto seu coração disparava sob o casaco do uniforme. Ele ergueu o rosto e olhou nos olhos azuis e frios do Grão-Mago.

— Apesar de ser difícil pensar em algo além de nossas perdas recentes e do enterro da rainha Marianna, temos que considerar o assunto da coroação — disse Bayar.

— Coroação, senhor?

Ele olhou para a princesa Mellony e para Lorde Bayar em seguida.

— Como você observou de forma astuta, nossos inimigos estão se reunindo no sul — disse Lorde Bayar. — Você soube da novidade? Corte de Tamron caiu sob o domínio de Gerard Montaigne.

Amon balançou a cabeça.

— Não — respondeu ele, fingindo surpresa e consternação. — Eu não sabia disso.

— Não podemos deixar o trono desocupado por muito tempo — afirmou Bayar. — Vai ser visto como um vácuo de poder que nossos inimigos do sul ficarão felizes em preencher. Montaigne pode concluir que é mais fácil conquistar Fells do que continuar a lutar contra os irmãos.

— Percebo que é uma possibilidade — respondeu Amon sinceramente.

— Considerando a ausência prolongada da princesa-herdeira, a rainha Marianna tomou uma decisão difícil — continuou Lorde Bayar. — Ela modificou os termos da sucessão e reconheceu que a princesa Raisa talvez nunca voltasse para casa. Nomeou a princesa Mellony como sucessora caso o... o trono ficasse vago e a princesa Raisa não pudesse ser localizada — concluiu ele com delicadeza, e balançou a cabeça. — Nenhum de nós imaginou que esse plano alternativo fosse ser necessário.

— Raisa ainda pode voltar — disse Mellony em um protesto fraco. — Não quero que ninguém pense que a estamos deixando de lado.

— Isso é exatamente o que as pessoas vão pensar, querida, em especial os Demonai — respondeu Averill. — É um dos motivos para eu ter votado contra no Conselho.

— É difícil para a princesa Mellony aceitar — falou Lorde Hakkam, opinando pela primeira vez. — Mas, em reconhecimento à nossa crise atual em Arden e Tamron, o Conselho dos Regentes determinou que, se a princesa Raisa não voltar para a cerimônia fúnebre da rainha Marianna, temos que prosseguir com a coroação da princesa Mellony.

Amon desejou poder observar o rosto de todos ao mesmo tempo para não perder nada. Olhou primeiro para o orador Jemson: tranquilo e imperturbável. Era um homem inteligente. Devia saber o preço da resistência tanto quanto Amon.

Mellony, de alguma forma, conseguia transparecer culpa e empolgação ao mesmo tempo. Inconscientemente, ela esticou a mão e acariciou o cabelo de Micah, como se fosse um talismã. *Ela nunca teve esperança de ser rainha, pensou Amon. Gosta da ideia. E sabe, no fundo do coração, que vai conquistar Micah com isso.*

— É mesmo tão urgente? — questionou Amon, por fim, tentando fazer parecer que aquela era uma notícia interessante que tinha pouco a ver com ele. — Parece que vocês têm um pouco de tempo antes de Montaigne se reagrupar. O cerco a Corte de Tamron deve

ter tido seu preço. E, se ele quiser marchar pelas montanhas, vai ter que esperar o tempo melhorar. Até onde sei, ele não tem experiência com batalhas nas montanhas.

— Mas você acabou de dizer que voltou para casa por causa do risco que Montaigne oferece — pontuou Lorde Bayar, acertando as palavras de Amon como uma truta pulando em uma mosca. *Não dá para ter as duas coisas*, dizia sua expressão. — Não acho inteligente subestimar Montaigne. Veja o que aconteceu aos Tomlin.

— Entendo por que não querem deixar o trono vazio por muito tempo — disse Amon. — Mas o que vai acontecer se a princesa Raisa voltar depois?

Ele sentia o olhar negro de Micah Bayar nele.

Lorde Hakkam deu de ombros.

— Não há planejamento para... rearrumar as coisas, se isso acontecer — disse ele. — Você precisa admitir que foi irresponsabilidade dela fugir daquele jeito, sem dizer nada para ninguém.

Aquilo era corajoso ou idiota da parte de Hakkam, chamar a princesa-herdeira do reino de irresponsável. Mesmo assim, Amon percebia como a nobreza devia ver mal o desaparecimento de Raisa. Eles não sabiam que tinha sido precipitado por uma perspectiva de casamento forçado com um mago. Deviam ter ouvido que Raisa brigara com a mãe e saíra batendo os pés, irritada. As rainhas Lobo Gris eram famosas por serem determinadas. Era só ver a história de Hanalea.

Amon sabia que aquilo era tudo que podia fazer, tentar despertar uma dúvida, adiar um pouco as coisas. Mas por que eles contariam a Amon Byrne os planos de coroação? A não ser que... se Raisa ainda estivesse viva e Amon conhecesse seu paradeiro, eles esperariam que fosse correndo contar a ela. E isso revelaria a princesa escondida antes que Raisa pudesse causar problemas de verdade.

Então ele ficou sentado, sem dizer nada, esperando ser dispensado, se perguntando o que dizer a Raisa e como impedir sua rainha cabeça-dura de fazer alguma tolice.

— A rainha Mellony vai precisar de um capitão para a guarda dela — disse Lorde Bayar, puxando-o de volta ao presente.

Ah.

Rainha Mellony. O som fez a pele de Amon coçar.

— Sim — concordou ele, assentindo intensamente. — É verdade.

Sabia que falava como um bobo, mas não seria ele a fazer a proposta. Sua mente trabalhou furiosamente. Raisa estava certa, como era costume quando o assunto era alguma questão política. *Diga sim*, dissera ela. *Diga sim. Se você disser não, vai ser sua sentença de morte.*

— Eu ficaria honrada, cabo Byrne, se você concordasse em ser capitão da minha guarda — disse Mellony, sorrindo para ele.

Amon ficou feliz por Raisa tê-lo avisado, feliz por não ter sido pego de surpresa. Os Bayar sabiam que os Byrne atrapalhavam seus planos de ter o controle completo sobre a rainha escolhida. Então por que concordariam com a seleção de um Byrne como capitão?

Raisa sugerira um motivo: eles sabiam que a ascensão de Mellony ao trono seria controversa. Era de se esperar que quisessem dar a ela toda a legitimidade possível. Se um Byrne concordasse em ser capitão, como a tradição exigia, isso a tornaria mais confiável.

A segunda possibilidade era que todos achavam que ele era idiota.

A terceira era que queriam mantê-lo perto e sob observação para poderem resolver o problema se Amon demonstrasse qualquer sinal de falta de cooperação.

Era difícil lembrar quem sabia quais segredos.

Amon percebeu que estava pensando por tempo demais, com todos esperando sua resposta.

— Eu... eu fico lisonjeado, Alteza — respondeu ele. — Mas também surpreso. Apesar de eu estar há quase quatro anos em Vau de Oden, ainda sou cadete. Tenho apenas 18 anos. Eu esperaria que escolhesse alguém com mais estudo e experiência.

— Pare com isso — cortou o general Klemath. — Você não pode estar tão surpreso. Sempre foi um Byrne, desde a Cisão.

Ele também não parece feliz com isso, pensou Amon. Talvez tenha pensado que um de seus filhos idiotas serviria para o posto.

— Acreditamos que caráter e linhagens de sangue sejam mais importantes do que treinamento e experiência — disse Mellony, sorrindo.

— A não ser que você prefira que escolhamos sua irmã, Lydia, ou seu irmão, Ira — acrescentou Lorde Bayar.

Ossos, pensou Amon. Ficou surpreso de Lorde Bayar saber que ele tinha irmã e irmão. Não gostou disso. Escolher Lydia era uma boa possibilidade para eles. Ela era uma artista, sem treinamento como soldado. Apesar de ainda ser uma Byrne, seria um obstáculo menor para a ambição de Bayar. A escolha colocaria Lydia em perigo e não ofereceria muita proteção à rainha.

E Ira tinha 11 anos. Ainda faltavam mais dois para ir para a academia.

— General Klemath está certo — respondeu Amon. — Eu devia ter imaginado. É que... as coisas estão mudando tão rápido que é difícil acompanhar. Eu esperava ter anos na guarda para me preparar. Com a perda trágica da rainha e do meu pai... só vou precisar de um tempo para me acostumar com a ideia, eu acho.

A expressão de Bayar dizia: *Não demore demais.*

— Cabo Byrne — chamou Mellony. — Temos isso em comum: fomos os dois jogados em posições que nunca esperamos. Podemos aprender juntos, você e eu.

Amon assentiu.

— Eu não tinha pensado assim.

É exatamente disso que não precisamos, pensou Amon. *Uma rainha jovem, maleável e inexperiente e um capitão da guarda verde.*

— Então você aceita? — perguntou Mellony, inclinada para a frente com ansiedade, uma criança que não aceitava ouvir não.

Amon inclinou a cabeça.

— Sim — respondeu ele. — Eu ficaria honrado em servir como capitão da Guarda da Rainha, Alteza.

Afinal, ele já era o capitão, na verdade.

Lorde Bayar observou-o por um longo momento e assentiu, parecendo satisfeito.

— Que bom. — Ele olhou para o orador Jemson. — Não existe algum tipo de cerimônia religiosa? — perguntou ele, com claro desinteresse. — Você vai cuidar disso?

O orador Jemson assentiu.

— Tradicionalmente, acontece na hora da coroação. Vou preparar isso junto com o resto.

Jemson mente muito bem para um iniciado, pensou Amon.

— Obrigado, cabo Byrne — disse Lorde Bayar, dispensando-o. — Esta reunião do Conselho dos Regentes está encerrada.

Amon se levantou e recuou, fazendo reverências, mas eles não estavam mais prestando atenção. Mellony desceu da cadeira e ficou conversando animadamente com Micah. Enquanto Amon observava, o jovem mago deslizou um braço ao redor dos ombros de Mellony e a puxou para um beijo.

Amon não estava ansioso para contar todas as novidades a Raisa.

— Cabo. — Amon se encolheu e ergueu o rosto, dando de cara com Jemson a seu lado. — Vou até o pico Marianna agora para supervisionar os preparativos. Por que não vem junto, para podermos tomar algumas decisões e você dar uma olhada no terreno?

— Sim, obrigado, eu vou — respondeu Amon, desviando a atenção de Mellony e Micah.

O orador Jemson acompanhou o olhar dele.

— Parece que temos uma tarefa e tanto pela frente, não é?

Amon teve que concordar.

No fim do dia, ele estava física e mentalmente exausto. Os Lobos Gris tinham acompanhado Amon e Jemson ao pico Marianna, pois o capitão pretendia usá-los como parte da guarda de honra para o pai. Fosse qual fosse o plano final, ele queria ter por perto, durante a cerimônia fúnebre, soldados em quem pudesse confiar. Seus Lobos eram todos nativos, exceto Pearlie Greenholt, que tinha ido para o norte com Talia após deixar a posição de mestre de armas na Casa Wien. Ela tomara o lugar de Wode no grupo de Amon, depois que ele fora morto em Tamron.

Eles andaram pelo local do enterro, e Amon tomou notas e fez desenhos. A urna do pai não ocuparia muito espaço, e não havia necessidade de cavar um túmulo fundo no chão ainda congelado. Ele falou com os entalhadores de pedra sobre um monumento apropriado. O tempo todo, revirava o cérebro em busca de uma forma segura de levar Raisa para o local sem expô-la aos que estariam ansiosos para terminar o trabalho que haviam começado.

Quando voltaram a Fellsmarch, Amon passou informações para o grupo de Lobos e deu a eles instruções preliminares para o dia da cerimônia fúnebre. Eles só saberiam sobre a princesa no último minuto. Confiava em seus Lobos, mas, quanto menos pessoas soubessem, menores eram as chances de um boato vazar.

Ele deixou com o orador Jemson a urna que continha as cinzas do pai. Ficaria exposta na Catedral do Templo até a cerimônia fúnebre, quando Amon e seus Lobos a acompanhariam ao local do enterro.

Conseguiu marcar um jantar com o irmão Ira e a irmã Lydia e a família dela. Três anos mais velha do que Amon, Lydia era recém-

casada e esperava um filho. Ela e o marido, o comerciante Donnell Graves, tinham alugado uma casa dentro do terreno do castelo, pois ela vendia muitas de suas pinturas para a nobreza que morava na área. Com a morte do pai, Ira moraria com Lydia até que chegasse a hora de partir para a academia.

Lydia preferiria enterrar o pai ao lado da mãe, na tumba dos Byrne, no cemitério da catedral, mas não seria a primeira vez que sacrificaria seus desejos pelo bem da rainha e do reino.

Havia muito sobre o que conversar, lembranças e tristezas a compartilhar, e os irmãos ficaram relutantes em deixá-lo ir. Como resultado, era bem tarde quando Amon pegou o cavalo no estábulo para a longa viagem de volta a Pinhos Marisa. Enquanto conduzia o animal para o pátio, viu um movimento nas sombras ao lado do prédio.

Amon supôs que fosse um de seus colegas que ficara até mais tarde, depois do turno anterior, ou que chegara cedo para o seguinte.

— Quem está aí? — perguntou ele, baixinho.

Mas a figura alta e magra que apareceu na luz não era um integrante da Guarda da Rainha.

— O que está fazendo aqui? — questionou Amon, pegando a espada, mas mantendo-a apontada para o chão.

Micah Bayar se adiantou com as mãos erguidas para mostrar que não estava tocando o amuleto.

— Relaxe, cabo Byrne, não quero lhe fazer mal. Só queria conversar.

— Que pena, Bayar, porque eu não quero conversar com você — respondeu Amon, avaliando o que sabia e o que não sabia e o que podia e não podia admitir. — Estava me esperando esse tempo todo?

Micah assentiu.

— Procurei no alojamento, mas parece que você não está hospedado lá. — Ele fez uma pausa. Como Amon não disse nada,

ele perguntou, com impaciência: — Por que não está no alojamento? Onde está hospedado?

— O alojamento está cheio. Tem rostos novos demais. E não é da sua conta onde estou hospedado. — Amon queria montar no cavalo, mas sabia que isso o deixaria vulnerável a um ataque mágico. — Agora, se não houver mais nada...

Micah foi até o portão do pátio e bloqueou o caminho.

— Quero saber se você teve notícias da princesa Raisa e se sabe onde ela está.

— A princesa Raisa? — Amon fez expressão perplexa. — Como eu poderia saber onde ela está? Você ouviu o que falei na reunião do Conselho dos Regentes. Eu estava em Vau de Oden esse tempo todo, como você.

Micah apertou os olhos.

— Não minta para mim. Sei que você a levou para Vau de Oden. Sei que você a escondeu lá.

Amon deu uma risada debochada.

— Deixe-me ver se entendi direito: você acha que a princesa-herdeira do reino fugiu com um cadete do quarto ano e estava vivendo em uma academia militar? — Um demônio interior o fez acrescentar: — Por que ela faria uma coisa dessas? A não ser que estivesse completamente desesperada para sair daqui...

Micah franziu a testa com a provocação.

— Sei que ela estava em Vau de Oden porque a vi — disse ele.

— Se você diz... — respondeu Amon. — Talvez ainda esteja lá. A não ser que você saiba de alguma coisa que eu não sei. — Ele fez uma pausa e se perguntou se Micah confessaria o sequestro de Raisa. Como ele não disse nada, Amon acrescentou: — Por que quer saber onde ela está? Achei que você estivesse... hã... *apoiando* a princesa Mellony.

Amon ergueu uma sobrancelha.

— Se a princesa Raisa ainda estiver viva, ela deve ser coroada rainha — afirmou Micah.

Amon olhou para ele, tentando ler seu rosto na luz inconsistente.

— Muito bem, Bayar. Finalmente um ponto em que concordamos.

— Se você sabe onde ela está, precisa avisá-la — prosseguiu Micah. — Ela tem que comparecer ao enterro da rainha Marianna. Quando Mellony for coroada, vai ser tarde demais.

— Eu não ouvi você se manifestar no Conselho dos Regentes — respondeu Amon. — Creio que seja com eles que você deve falar. Não com um reles cabo da guarda.

Você não me engana, pensou Amon. Só quer saber onde ela está para poder terminar o trabalho que começou. Ainda de olho no mago, ele subiu na sela e cutucou o cavalo para que andasse, bem na direção de Micah.

Bayar esperou até o último momento possível, então deu um passo para o lado e o observou passar.

Um risco calculado

No dia seguinte à confissão da futura rainha, Han pediu a Willo que o transferisse para a cabana dos visitantes, onde teria menos supervisão e mais liberdade de movimento.

Willo não aprovou a ideia.

— Você vai se forçar demais — disse ela. — Pelo menos aqui eu posso cuidar de você e limitar seus visitantes.

Ele poderia ter dito: “Você já está deixando entrar todas as pessoas que eu gostaria de evitar.” Mas aquilo não era culpa de Willo.

— Não preciso de ninguém cuidando de mim. E vou descansar melhor se estiver longe de tanto entra e sai.

Willo se sentou ao lado dele no colchão.

— O que vai fazer, Caçador Solitário?

— Fazer? — Han massageou a nuca. — Em relação a quê?

— Em relação a Rosa Agreste.

— Quem? — Han fingiu não entender. — Ah. A rainha novata. Aquela garota tem mais nomes do que as prostitutas de Feira dos Trapilhos.

— Tome cuidado, Caçador Solitário. — A voz de Willo era baixa e apressada.

Ela olhou ao redor como se quisesse ter certeza de que mais ninguém estava ouvindo.

— Eu sempre tomo cuidado — respondeu Han.

Mas não conseguiu evitar um olhar ao redor.

— Estou falando sério. Se os Demonai perceberem que você está apaixonado por ela, vão matar você.

— Quem disse que estou apaixonado por ela? — retorquiu Han, evitando os olhos de Willo. — De onde você tirou isso?

— Vi a expressão no seu rosto quando você a entregou para mim, ao chegar — disse Willo. — Ouvi o que você disse. Se eu consigo perceber, os outros também conseguem. Nunca se esqueça de que Averill é Demonai em primeiro lugar, e ele não é tolo. Não vai hesitar em matar você se achar que suas intenções são...

— Eu *não tenho* intenções, está bem? — resmungou Han. — Só quero ficar vivo e sair desta confusão o mais rápido possível. Isso já vai ser bem difícil.

— Eu conheço você. — Willo levantou a mão e afastou uma mecha de cabelo dos olhos dele. — Você vai atrás do que quer, seja qual for o risco. E agora corre o risco de perder tudo.

Eu já perdi tudo, pensou Han, mas logo se corrigiu: *Toda vez que penso que perdi tudo, descubro que ainda há mais a perder.*

— Olhe — disse ele —, não sou idiota, apesar de agir como um às vezes. Não tenho ilusões quanto ao que represento para Sua Alteza. Sei tudo sobre sangues azuis, e ela é pior do que a maioria. Mentiu para mim desde o dia em que nos conhecemos.

— Você está enganado — insistiu Willo. — Ela gosta de você, de verdade. E isso aumenta o risco. Alguns a matarão também, se perceberem *quanto* ela gosta. Rosa Agreste representa esperança para os clãs das terras altas, uma chance de finalmente colocar um de nós no trono Lobo Gris. Uma chance de reparar mais de mil anos de ocupação de bruxos e governo por habitantes do Vale. Acredite em mim, ninguém é mais perigoso do que aqueles cujas esperanças viraram desespero.

Ela caiu em silêncio e remexeu nas dobras da saia.

— O Conselho dos Magos também tem esperança de recuperar o poder que já teve. Enquanto eles acreditarem que Rosa Agreste

pode ser parte desse plano, ela fica viva. Mas você, definitivamente, não faz parte dele.

Han massageou as têmporas com a base das mãos e desejou poder calar a voz gentil de Willo. Quando ela se tornara tão especialista em política?

Willo apoiou a mão no ombro de Han, e o toque dela aliviou o latejar em sua cabeça.

— Sei guardar segredos para proteger quem eu amo. Você também precisa guardar esse segredo. — Ela observou o rosto de Han, tensa de preocupação. — Prometa que vai fazer isso.

Falar com Willo é perda de tempo, pensou Han. Ele colocou a mão no braço dela.

— Vou tomar cuidado. Sei guardar segredos. — Ele fez uma pausa curta. — E agora preciso de alguns favores seus.

Na cabana dos visitantes, Han ficou com um dos quartos reservados a hóspedes importantes. Tinha lareira própria e duas camas amplas o bastante para duas pessoas, cheias de cobertores e mantas de pele.

Ele queria ter alguém com quem compartilhar todo aquele luxo. Seus pensamentos foram direto para Rebecca. Raisia. Aquilo era novo para ele, aquele sentimento de ter tido um membro cortado.

Dois dos aprendizes de Willo foram encarregados de alimentá-lo e medicá-lo em intervalos regulares. Mas eles batiam antes de entrar, olhavam para ele de relance e agiam como se achassem que Han colocaria fogo neles se deixassem cair um mocassim.

Era cansativo, mas conveniente ao mesmo tempo.

Han usava a réplica feita por Dançarino do amuleto do Caçador Solitário sobre as roupas e o amuleto do Rei Demônio por baixo. A réplica era um leve reflexo do original. Han tinha medo de que, se Elena tocasse a peça, percebesse que não era o que ela havia feito. Mas, apesar de a matriarca provavelmente ter notado que ele usava o amuleto, não demonstrou muito interesse nele.

Dançarino continuava a usar o amuleto original do Caçador Solitário, mas deixava-o escondido quando estava no Campo. Ele parecia ter se acertado com o faz-feitiço emprestado.

Naquela noite, Han e Dançarino foram para a Cabana da Matriarca para a prometida reunião estratégica, com todos os jogadores e planejadores. Era a primeira vez que Han veria Raisa desde a confissão dela. Quando entraram na sala comum da cabana, ela estava sentada de pernas cruzadas no chão, envolvida em uma conversa animada com Averill e Elena Demonai. *O pai e a avó dela*, lembrou Han a si mesmo.

Mesmo assim, ela olhou quando ele entrou, como se sentisse sua presença. Inclinação para a frente, com as mãos apoiadas na calça, ela observou o rosto dele com uma súplica silenciosa.

Han desviou o olhar e encontrou um lugar para se sentar no chão, do outro lado da sala.

Amon Byrne e Averill Demonai contaram as notícias da capital. Se a princesa Raisa não fosse ao enterro da rainha, sua irmã mais nova seria colocada no trono. De repente, a discussão não era mais *se* ela iria, mas *como* poderia fazer isso em segurança.

Então a princesa Raisa conseguiria o que queria, como costumava acontecer com princesas.

Reid Andarilho da Noite Demonai e a recém-treinada Sabiá Noturna estavam lá. Várias vezes, Han sentiu o olhar de Sabiá sobre ele. Fingiu não reparar.

Já com Andarilho da Noite era outra história. Han percebia que sua presença era como um carrapato na pele do guerreiro Demonai. Então fez questão de desafiar o olhar dele a cada oportunidade que teve, como se fossem donos da rua rivais na feira.

A cerimônia fúnebre seria realizada no flanco sul do recém-batizado pico Marianna, ao norte do Vale. Pelo menos era território neutro; se alguém tinha mais domínio, eram os clãs.

Han conhecia o lugar, já tinha caçado na área com Dançarino e Sabiá, mas fazia muito tempo. Os habitantes das terras baixas

chamavam a montanha de Corcova do Camelo. Os clãs tinham um nome mais pitoresco para o cume duplo. Agora, os dois nomes seriam descartados em favor de Marianna.

O acesso ao local da cerimônia fúnebre era pelo norte, através de um passo entre os picos gêmeos. Mas seria difícil passar por lá tão no começo da primavera.

— Antes de continuarmos — disse Averill Pés Ligeiros, olhando para Han e Dançarino —, tem mais uma coisa que vocês precisam saber.

Todos os olhos se voltaram para o patriarca Demonai.

— Quando voltei à cidade ontem, pedi aos guerreiros Demonai designados para minha guarda que fizessem outra busca no jardim da rainha, para verem se havia alguma pista que a guarda de Marianna pudesse ter deixado passar. — Para Amon, ele acrescentou: — Não quero sugerir que a busca da guarda foi falha de maneira alguma.

— Não se preocupe — disse Amon com voz firme.

Averill assentiu e colocou a mão no ombro de Sabiá.

— Sabiá Noturna, pode nos mostrar o que encontrou?

Todos olharam para Sabiá. Ela mexeu em uma bolsinha e tirou um objeto envolto em couro de cervo. Inclinando-se de joelhos, colocou-o no chão e desdobrou a cobertura de couro.

Era um amuleto de mago de estilo antiquado, um emaranhado de galhos e pássaros em ouro branco e amarelo, com parte dos detalhes gastos e já lisos de tanto uso.

— E onde você encontrou isso? — perguntou Averill.

— Estava no meio da roseira abaixo do terraço da rainha — disse Sabiá, sentando-se sobre os calcanhares e baixando as mãos para o colo.

Embora antigamente Han pudesse interpretar Sabiá com facilidade, agora era difícil saber o que ela estava pensando.

— Isso é familiar para alguém? — questionou Averill. — Alguém sabe qual brux... qual mago carrega um amuleto assim?

Todos balançaram a cabeça. Han revirou os olhos. Não era surpresa ninguém ter visto. A maioria dos presentes nunca interagira com magos, se pudesse evitar.

Dançarino esticou a mão.

— Posso dar uma olhada?

Sabiá assentiu. Dançarino pegou o amuleto nas mãos em concha, depois virou-o para captar a luz do lampião.

— É uma peça antiga, mas foi feita depois da Cisão. Quase todo o *flash* foi descarregado. Foi usada recentemente. — Ele ergueu o rosto. — Eu diria que alguém deve ter sido visto usando este amuleto, se perguntarmos por aí.

— Para quem podemos perguntar? — falou Andarilho da Noite. — Para o Conselho dos Magos? Por que eles nos diriam a verdade?

— Vamos perguntar aos artesãos de amuletos no Campo Demonai — sugeriu Averill. — Talvez alguém se lembre de ter renovado o amuleto.

Han pegou a peça da mão de Dançarino e a pesou na palma da mão.

— É difícil acreditar que um mago perderia seu amuleto sem reparar — disse ele, franzindo a testa. — Ou que deixaria para trás, se reparasse.

Ele olhou nos olhos de Sabiá, que baixou o rosto para as mãos, constrangida por estar acusando magos de um crime na presença dele.

— Se a rainha Marianna arrancou isto de quem a atacou e a peça caiu no jardim, talvez o mago não tenha podido recuperar naquela hora — supôs Elena, pegando o amuleto da mão de Han. — Talvez houvesse alguém lá embaixo.

Raisa balançou a cabeça.

— Averill disse que ninguém viu a rainha cair, nem a encontrou até Magret ir procurá-la.

— Pode não ser prova absoluta — disse Andarilho da Noite —, mas apoia o que falei o tempo todo. Não devíamos estar nos

aliando a magos para lutar contra magos que podem estar implicados na morte da rainha Marianna. Isso os coloca em uma posição difícil, de ir contra seus semelhantes.

Vários dos jovens guerreiros Demonai assentiram em concordância.

— O que você sugere, Andarilho da Noite? — perguntou Elena, inclinando-se para a frente.

Andarilho olhou para as pessoas do círculo como se procurasse aliados.

— Sugiro que enviemos um pequeno grupo de Demonai para Fellsmarch amanhã. Alguns de nós já conhecemos a cidade agora, e Pés Ligeiros pode conseguir facilmente nosso acesso ao palácio. Pegamos a princesa Mellony e a levamos para o Campo Demonai. Quando tivermos controle das duas princesas, o Conselho dos Magos não terá opção senão ceder.

— É isso que você pensa? — questionou Raisia, com voz fria e cortante como gelo no rio. — Que vocês têm controle *desta* princesa agora? Não sou uma peça de jogo nem um castelo estratégico que você está tentando invadir.

É aí que você se engana, pensou Han. Andarilho da Noite pensa que toda garota é um castelo a ser invadido. É melhor manter a ponte levadiça erguida.

Mas talvez ela já soubesse disso, pois a princesa-herdeira passara um tempo sendo educada no Campo Demonai. Han observou os dois e se perguntou o quanto eles se conheciam. O ciúme ardeu dentro dele. Sabia o que Andarilho da Noite queria, via no rosto dele.

Com esforço, Han voltou a se concentrar no que Elena estava dizendo.

— Andarilho da Noite poderia ter escolhido as palavras de forma mais apropriada, neta, mas não descarte a sugestão dele tão rápido. Acabaria com qualquer plano de coroar Mellony no seu lugar. E minimizaria o perigo contra você.

— Eu já perdi minha mãe — disse Raisa. — Não vou correr o risco de perder minha irmã também. Você deveria entender isso, Elena *Cennestre*. Devo lembrá-la de que Mellony também é sua neta. Não vou participar de sequestro nenhum. Tenho que pensar que podemos bolar um plano melhor.

Andarilho da Noite deu de ombros como se a questão não tivesse importância para ele, mas Han percebeu que seu orgulho fora ferido.

Por mais que Han detestasse admitir, ele concordava com Andarilho da Noite em uma coisa: era hora de parar de se esgueirar e fazer algo dramático.

Todo mundo tinha uma ideia de como lidar com a cerimônia fúnebre. Lorde Averill sugeriu que Raisa chegasse à cerimônia escondida em meio a um grupo de guerreiros Demonai, revelasse sua presença e então voltasse a Pinhos Marisa quando tudo acabasse. Elena ofereceu talismãs poderosos que poderiam proteger a princesa contra ataques mágicos do Conselho dos Magos. Todos concordaram que o elemento surpresa era essencial, que o mais seguro era levá-la para o evento e retirá-la de lá antes que o Conselho dos Magos tivesse tempo de organizar algum tipo de ataque.

Han ficou feliz em deixar todo mundo falar enquanto ele e Dançarino examinavam o desenho que o cabo Byrne fizera da área do enterro. Ele queria discutir tudo aquilo com Dançarino e elaborar seu próprio plano. Mas, de repente, ouviu seu nome e ergueu o rosto, dando de cara com todos olhando para ele.

— O quê? — disse ele, incomodado por ter sido pego distraído.

— Já esgotamos todas as nossas ideias — falou Andarilho da Noite. — E nos perguntamos o que os magos tinham a oferecer.

O guerreiro Demonai olhou de Han para Dançarino, com expressão alerta e interessada, mas Han supôs que as expectativas de Andarilho da Noite eram baixas.

Han deu de ombros.

— Não gostei muito do que vocês propuseram até agora.

Os lábios de Elena se apertaram.

— Entendo. Muito bem, então. Talvez você possa nos contar o que *você* sugere.

Han olhou para Dançarino.

— Eu e Dançarino de Fogo precisamos conversar. Vamos contar o que elaboramos amanhã. Mas se a princesa Raisa é a rainha, então todo mundo, inclusive ela, deveria começar a agir como tal.

— O que você quer dizer? — questionou Raisa, empertigando-se, com os olhos verdes fixos nele daquele seu jeito irritante.

O problema não é Raisa, pensou Han, lembrando como ela entrara na Casa da Guarda de Ponte Austral como uma leoa para enfrentar Gillen. Ela era destemida. Destemida demais, às vezes.

— Sou apenas um dono da rua — disse Han. — Ou era. Mas não dá para ser dono da rua quando se fica escondido em casa.

— Nós sabemos disso — respondeu Averill com voz tensa. — Mas já houve um regicídio e pelo menos um atentado contra a vida da princesa-herdeira. Há um perigo muito real de...

— Eu *sei* disso — interrompeu Han. — Acredite. Mas digamos que eu seja dono da rua em Feira dos Trapilhos. Mesmo em Ponte Austral, eu não *ando escondido* torcendo para ninguém reparar. Não, eu ando como se fosse dono do lugar. Sigo pela rua principal. Tenho meus Trapilhos comigo, pois não sou burro, mas a questão é que meus inimigos deviam estar se preocupando com a vida deles e o que vai acontecer se atravessarem meu caminho. Deviam estar se perguntando sobre meus planos e o que eu sei e quem está do meu lado.

“A princesa Raisa? Esta é a área dela. Eles são os invasores. Se ela chegar como se tivesse medo deles, já era. Ela tem que voltar a Fellsmarch. Tem que voltar para a antiga vizinhança e acabar com os rivais de meia-tigela. Enquanto ela estiver aqui, não tem poder.”

— Não estamos pedindo conselho político — disse Elena, os olhos negros estreitados. — Estávamos mais interessados no que você

tinha a oferecer em termos de feitiços.

Raisa ficou de pé e olhou para os outros.

— Mas ele está certo. Não posso governar daqui. Quanto mais tempo eu ficar escondida, mais tempo meus inimigos terão para se preparar. Nunca vamos expulsá-los se esperarmos.

Averill revirou os olhos.

— Ele está sugerindo o que você queria fazer o tempo todo. Isso não faz com que seja a coisa certa.

— Não podemos correr o risco de perder você, neta — disse Elena. — Se os bruxos a matarem também, a linhagem será quebrada.

— Então vamos cuidar para que isso não aconteça — respondeu Raisa, olhando para as pessoas ali na sala.

— Nós, Demonai, faremos nossa parte — afirmou Andarilho da Noite. — Mas vai ser mais difícil protegermos você na cidade. Caçador Solitário não tem nada a perder nisso. Nós temos. Não vimos nada dos bruxos que sugira que eles vão contribuir.

— Dançarino e eu nos reuniremos com Vossa Alteza amanhã — disse Han para Raisa, usando o título formal de propósito. — Só nós três. Vou contar o que temos em mente, e poderá dizer sim ou não. Se é a princesa, a decisão é sua. O que precisa é de poder de fogo, o bastante para assustar o Conselho de Magos para que a deixem em paz por um tempo, pelo menos. O melhor é dar um espetáculo. Podemos ajudar com isso.

CAPÍTULO VINTE

Lucius e Alger

Han pediu a Dançarino que o acompanhasse até a cabana dos visitantes. Quando saíram da Cabana da Matriarca, neve suave girava ao redor dos pés deles em pequenos redemoinhos dançantes, e o nariz de Han estava dormente no ar gelado. Mesmo na primavera, ainda fazia muito frio naquela altitude quando o sol se punha.

A cabana dos visitantes ficava rodeada de pinheiros, a uma pequena distância do resto do Campo. Han e Dançarino estavam andando em fila quando Han ouviu um passo atrás deles.

Ele girou, segurou o amuleto e esticou a mão, os dedos formigando de poder.

— Sou eu, Caçador Solitário — disse Sabiá, levantando as mãos e recuando com olhos arregalados.

Han baixou a mão.

— Você não pode mais me surpreender assim. Não é uma boa ideia.

— Deu para perceber. — Sabiá tentou dar um sorriso. — Nunca foi fácil pegar você de surpresa, mas agora você parece assustado como uma lebre.

— É por isso que continuo vivo — respondeu Han. Depois de uma pausa constrangedora, acrescentou: — Você queria alguma coisa?

Sabiá olhou por cima do ombro para verificar se não havia alguém por perto.

— Ouvi dizer que você se feriu ao salvar a vida da rainha. Eu queria ver se estava bem.

— Já estive melhor — respondeu Han. — Mas estou bem.

— Que bom — murmurou ela, olhando para Dançarino, cujo rosto não oferecia nenhuma pista do que estava pensando. — Fico feliz em ouvir isso. — Ela fez uma pausa e empurrou algumas folhas com o mocassim. — Estou de folga esta noite. Nós... Será que posso compartilhar sua lareira? Eu gostaria de conversar com vocês dois.

— Andarilho da Noite mandou você aqui? — perguntou Dançarino. — Tem alguma coisa que ele queria que você nos dissesse ou descobrisse?

Sabiá o encarou, sem entender.

— Não. Eu vim por minha conta. Por que você...

— Nós temos planos — interrompeu Han. — Coisa de bruxo. Desculpe.

Eles a deixaram ali e seguiram em frente. Han resistiu a olhar para trás. Não sentia orgulho do que tinha dito para Sabiá. Parecera mesquinho e cruel. Mas ele tinha mesmo outros planos, planos que não podia compartilhar com ela. E *era* coisa de bruxo.

Escolha ficar contra um dono da rua, e o preço tem que ser pago.

A cabana dos visitantes estava deserta. Os outros hóspedes, como Averill, passariam boa parte da noite fazendo planos. Han levou Dançarino até seu quarto e fechou a porta.

Dançarino mexeu no fogo e acrescentou mais um pedaço de lenha.

— Estou feliz de estar de volta às montanhas — disse ele, tirando o casaco mais pesado. — É bom estar perto da lareira de minha mãe de novo.

Ele se sentou no tapete e se recostou na moldura da lareira.

Han olhou para ele com curiosidade.

— Você parece diferente. Como se estivesse mais à vontade sendo mago aqui no Campo.

Dançarino deu de ombros.

— O tempo que passei nas terras baixas abriu meus olhos. Aqui, as pessoas desconfiam de nós por sermos magos. Em todos os outros lugares, as pessoas desconfiam de mim por ser dos clãs. — Ele deu um sorriso em resposta à expressão intrigada de Han. — Isso me ensinou que o problema está nelas, não em mim. Quando descobri que tinha o dom, senti vergonha, como se fosse um defeito ou uma maldição. Me ensinaram a vida toda que era. Eu teria feito praticamente qualquer coisa para me livrar dele. Tive vontade de matar meu pai mago por me passar isso.

Ele abriu um meio sorriso.

— Mas o que acabei percebendo é que não é uma maldição. É um dom. Como o dom de cura da minha mãe. Sou capaz de fazer coisas que os outros não conseguem. Me recuso a continuar me desculpando por isso.

Han se pegou desejando ter aquela mesma visão objetiva das coisas. Ultimamente, parecia que tudo que fazia era reagir aos outros e aos planos deles. Nunca chegaria a lugar algum se não soubesse o que queria e aonde queria ir.

— Como falei, é bom estar aqui — prosseguiu Dançarino —, mas eu gostaria de poder ter ficado mais tempo na academia. Estava fazendo progresso com Firesmith. Acho que ele estava lisonjeado de ter alguém realmente interessado em ser ourives e trabalhar com *flash*. Até me deu alguns de seus livros raros. — Dançarino fez uma pausa. — Mas você não me trouxe aqui para falar dos meus planos.

— Bem, de certa forma, sim. Em parte. Estou tentando concluir que armas temos para entrar nessa situação.

Dançarino assentiu.

— Agora posso acrescentar mais *flash* ao amuleto que fiz para você, se quiser. Não vai ser tão poderoso quanto o que estou usando. Ou o de Elena. Nem quanto o que você pegou dos Bayar.

— Sem pressa — respondeu Han, tocando a réplica de amuleto, que se iluminou um pouco. — Não estou mesmo usando, é só para

manter as aparências. — Ele fez uma pausa. — Você não precisa ficar usando meu velho amuleto, sabe. Poderia pedir que fizessem outro especialmente para você.

Dançarino acariciou o amuleto que Elena fizera para Han, o que ele usava desde que perdera o dele em Arden.

— Estou acostumado agora. E está cheio de poder. Não tem motivo para mudar.

Han compreendia. Depois de ligado a um amuleto, era doloroso abrir mão dele.

— Tenho amigos no Campo Demonai — prosseguiu Dançarino. — Que não são guerreiros. Artesãos. Dependendo do que acontecer na coroação, eu gostaria de ir para lá, se for possível.

— Não é perigoso ir para o Campo Demonai? — perguntou Han. — Sendo mago?

— Tudo é perigoso — disse Dançarino, dando de ombros. — Mas vai ser mais fácil se você puder manter Elena e Andarilho da Noite longe.

Han assentiu.

— Vou fazer o melhor que puder para mantê-los ocupados, de olho em mim. — Ele fez uma pausa. — Eu pedi para você vir porque tenho uma confissão a fazer: eu me encontrei com Corvo de novo a caminho daqui.

Desviando os olhos da expressão incrédula de Dançarino, Han encheu uma chaleira com água e a colocou na lareira.

— Você não está falando sério — disse Dançarino. — Eu acho mesmo que você quer morrer.

— Tudo é perigoso — disse Han, erguendo uma sobrancelha para Dançarino. Ele se sentou na beirada da cama e tirou as botas. — Mas preciso do seu conselho.

— Hã... Não volte nunca? — Dançarino revirou os olhos. — Por algum motivo, acho que você não vai segui-lo.

— Não é tão perigoso quanto você pensa — respondeu Han. — Como falei antes, Corvo não tem poder nenhum.

— Então como é que ele vai a Aediion? — perguntou Dançarino.
— Considerando que quase mais ninguém consegue?

— Ele usa o meu. O meu poder. Sem mim, ele não consegue fazer nada — explicou Han. — Mas ele tem conhecimentos incríveis sobre magia.

— Então quem ele é na vida real? — insistiu Dançarino. — E por que não aceita se encontrar com você em território seu?

— Se dá para acreditar no que ele diz, ele não existe na vida real — disse Han, contando a história em pequenas porções. — Só existe em Aediion. É o resquício de um mago que viveu muito tempo atrás.

— Resquício? — questionou Dançarino, com ceticismo. — Ele ficou em Aediion esse tempo todo? E, por acaso, encontrou você na sua primeira visita?

Dançarino soltou uma mecha de cabelo, penteou com os dedos, separou em partes e começou a entrelaçá-las para fazer uma trança.

Han puxou o amuleto de serpente de debaixo da camisa e bateu nele com dois dedos.

— Não em Aediion. Aqui. Ele estava esperando aqui havia mil anos. Neste amuleto.

Dançarino ficou olhando para o amuleto. Depois encarou Han.

— Ele estava escondido em um amuleto? Sei muita coisa sobre eles, mas nunca ouvi falar disso. — Dançarino cortou um pedaço de barbante de um rolo no bolso. — Tem muitos magos em Vau de Oden. Mais ainda em Fells. Você não acha que é mais provável que Corvo seja um deles?

Ele terminou a trança, enrolou a ponta com fio colorido e começou a fazer outra.

Han colocou colheradas de folhas em xícaras e jogou água fervendo por cima.

— E por que ele não diz pra você quem é, se quer ser seu aliado? — acrescentou Dançarino.

— O plano original dele era me *usar*, não ser meu aliado — explicou Han. — Mas o talismã que você fez acabou com isso. Então, na última vez que nos vimos, ele me contou quem é.

Dançarino se inclinou para a frente.

— E?

Han respirou fundo e botou para fora:

— Ele diz ser Alger Waterlow. O último Rei Mago de Fells.

Dançarino parou de mexer as mãos e franziu a testa.

— Então você está se encontrando com alguém que alega ser o Rei Demônio, que quase destruiu o mundo.

Han assentiu.

Dançarino o encarou, sem palavras, pelo que pareceu uma eternidade.

— E você pretende continuar se encontrando com ele? — perguntou finalmente, balançando a cabeça.

Han assentiu de novo.

— Não gosto disso — disse Dançarino, com sua delicadeza habitual. — Ou ele está mentindo, o que é ruim, ou está dizendo a verdade, o que é pior. — Ele soprou o chá para esfriá-lo. — Muito pior.

— Também não gosto — admitiu Han. — Mas é a única cartada que tenho. Foi por isso que pedi para você vir aqui, para ouvir sua opinião.

— Como posso dar uma opinião se nunca o vi? — disse Dançarino. Ele tomou um gole de chá, com a testa franzida. Em seguida, baixou a xícara para o chão de pedra. — É isso. Preciso me encontrar com ele e ver com meus próprios olhos.

— Bem... — Han pensou no assunto. — Ele não pode vir aqui, então você teria que voltar a Aediion. E ele ficaria furioso por eu levar você.

— Por quê? — perguntou Dançarino. — Por que ele não quer que mais ninguém o veja? O que está escondendo?

— Ele diz que conhece segredos que os Bayar são loucos para descobrir. Se souberem que consigo falar com ele, será nosso fim.

— Isso é conveniente, você não acha? — Dançarino deu uma risada debochada. — Por que você deveria acreditar nele, Caçador Solitário? O que ele fez além de tentar usar você para conseguir o que quer?

Dançarino estava certo. Na verdade, desde que Rebecca virara Raisa, Han perdera a fé em sua capacidade de avaliação. Como podia ter se enganado tanto sobre ela? Como podia não ter percebido que estava saindo com uma princesa?

Por que Han deveria seguir as regras de outras pessoas quando elas mesmas as quebravam?

Dançarino era seu melhor amigo e seu aliado; estava na hora de começar a tratá-lo assim.

— Tudo bem — disse Han. — Venha comigo a Aediion para conhecê-lo e depois me diga o que acha. Se ele estiver mentindo, nós dois podemos desmascarar um impostor. Além do mais, eu planejei... — Ele parou e inclinou a cabeça. — Tem alguém chegando.

Imediatamente, houve uma batida na porta. Han se levantou e foi até lá.

Era Willo, com Lucius Frowsley logo atrás.

Fazia quase um ano que Han não via seu antigo empregador, mas o homem de mil anos mantivera o asseio que exibira da última vez em que eles se viram. O cabelo e a barba estavam aparados e arrumados, a roupa mais bem cuidada e em melhores condições do que no passado.

Lucius parece melhor, e eu devo estar pior do que antes, pensou Han. O recluso fora mais do que um empregador; Han confiava nele. Até descobrir que Lucius sabia a verdade sobre sua herança mágica, mas nunca lhe contara. Que outros segredos Lucius escondia?

Uma coisa não tinha mudado: o homem carregava uma garrafa de cachaça em uma das mãos e um punhado de canecas na outra.

— Mandei um mensageiro atrás de Lucius, como você pediu, Caçador Solitário — disse Willo, olhando de Lucius para Han.

— Oi, Lucius — disse Han, tocando o braço dele para orientá-lo.

— Garoto!

Lucius fechou os olhos e sorriu. Seu rosto se enrugou como terras maltratadas pelo tempo, como se ele estivesse aproveitando o calor da presença de Han.

— Precisa de mais alguma coisa, Caçador Solitário? — perguntou Willo.

Han balançou a cabeça.

— Obrigado, Willo.

— Me avise quando ele estiver pronto para ir — disse ela, virando-se e saindo da cabana dos visitantes.

— Nem consigo expressar o quanto estou feliz de você ainda estar vivo. — Lucius levantou a garrafa e a balançou de modo sugestivo. — Temos algo a comemorar.

Lucius sempre tinha algo a comemorar. Han o levou na direção da lareira com a mão no cotovelo do homem cego.

— Aqui. Sente-se perto do fogo — disse ele. — Dançarino de Fogo também está conosco. Quer chá?

— Chá? — Com expressão de reprovação, Lucius se sentou no banco junto à lareira e arrumou as canecas com cuidado ao lado. — Prefiro uma coisa mais forte.

— Vamos ficar no chá por enquanto — disse Han.

Ele encheu sua xícara e a de Dançarino, e fez mais chá para Lucius. Depois de fechar as mãos de Lucius ao redor da xícara, Han cuidou para que ele estivesse segurando direito antes de voltar a se sentar.

— Então — falou Lucius, colocando o chá de lado sem provar —, me conte tudo, garoto. Me conte sobre Vau de Oden. Meus anos na

academia foram os melhores da minha vida. As casas ainda brigam na Rua da Ponte?

— Ainda — respondeu Han. — E os guardas ainda ficam de olho.

— Guardas malditos — murmurou Lucius, seus olhos leitosos voltados para alguma lembrança particular. — Eles e seus toques de recolher. Alger costumava torcer o nariz pontudo deles, vou lhe dizer. Ele era como vapor, aquele garoto. Ia para onde queria, sempre que queria, e não tinha nada que os guardas pudessem fazer.

— Era sobre ele que eu queria falar com você — disse Han. — Alger.

— Alger? — Lucius ergueu a cabeça de repente, com expressão de cautela. — O que tem ele?

— Como ele era quando você o conheceu? — perguntou Han. — Por exemplo, como era fisicamente?

— Bem... Ele era bonito como o demônio — disse Lucius. — Cabelo louro e olhos azuis da cor do oceano Índio no verão. As moças diziam que dava para se afogar neles. Tinha um corpo forte e se movia como um gato. Eu me saía bem na minha época, mas nunca conseguia competir com Alger Waterlow quando o assunto era mulher.

Lucius esfregou o nariz com a base da mão.

— Eu e Alger uma vez passamos um fim de semana inteiro no alojamento das mulheres na Escola do Templo. Um grupo de iniciadas decidiu não fazer os votos depois disso. — Lucius abriu um sorriso desdentado, que logo sumiu. — Claro que tudo isso acabou quando ele conheceu Hanalea.

— Como ele se dava com os outros alunos? — perguntou Han.

— Havia alguma coisa nele — respondeu Lucius. — As pessoas queriam estar por perto. Ele atraía você. Assim que entrava em algum lugar, passava a ser o centro das atenções. Todo mundo o amava.

Han esfregou o queixo. Deveria acreditar que o Rei Demônio de olhos flamejantes das histórias era o galã de Vau de Oden?

— Todo mundo o amava, exceto Kinley Bayar, claro — emendou Lucius.

— Kinley Bayar? — perguntou Han. — Quem é esse?

— Não lembra? Era ele quem ia se casar com a rainha Hanalea.

— Ah. Certo.

— Eles eram como óleo e água, Kinley e Alger. Kinley sempre queria estar no comando. Alger também. E sempre que ele e Kinley batiam de frente, Alger vencia, e Kinley não suportava perder.

— Você já esteve em Aediion? — perguntou Han de súbito.

— Aediion? — disse Lucius, piscando, sem entender a rápida mudança de assunto. — Claro. Várias vezes. Era nossa passagem escondida. Nosso local secreto de encontros, principalmente durante a guerra civil.

Aquilo fazia sentido, se Corvo estivesse falando a verdade.

— Dançarino e eu também já fomos a Aediion. Encontrei uma pessoa lá que alega ser Alger Waterlow.

A expressão sonhadora de Lucius desapareceu.

— Alger? Do que você está falando?

O homem idoso se inclinou para a frente, agitado, seu pomo-de-adão subindo e descendo quando ele engoliu em seco.

— Era por isso que eu queria falar com você. Não parece possível, mas é isso que ele diz, e ele sabe mais sobre magia do que qualquer outra pessoa que conheci.

— Alger — sussurrou Lucius. Suas mãos nodosas se remexeram no colo, como se tentassem segurar a ideia. — Alger, vivo. Quem imaginaria?

— Bem, não exatamente vivo — disse Han. — Ele alega ter ficado escondido em seu velho amuleto durante todo esse tempo. — Han tocou o amuleto de serpente, mas lembrou que Lucius não enxergava. — Ele se descreve como um resquício. Não é bem um

fantasma, mas... não pode existir na vida real. Não como ele mesmo, pelo menos.

Lucius lambeu os lábios, seu rosto mais pálido do que o habitual.

— Tem certeza disso, garoto? Tem certeza de que ele não tem como encontrar um jeito?

— Bem... — Han deu de ombros. — Ele diz que não.

— Qualquer coisa é possível quando se trata de Alger Waterlow — disse Lucius. — Se eu estou vivo, ele também poderia estar. Ele disse alguma coisa sobre mim? — Ele bateu no braço de Han. — Disse o que quer? *Me conte.*

Han balançou a cabeça, com medo de o homem idoso ter um derrame.

— Ele não falou muito sobre o passado, só que quer vingança contra os Bayar. Ele parece... parece amargurado em relação ao que aconteceu.

— Ele deve mesmo estar amargurado — disse Lucius. — Tem motivos para estar.

Ele se virou, tateou em busca da garrafa e arrancou a rolha com os dentes. Derramou o líquido em uma caneca com as mãos tremendo. Em seguida, bebeu tudo e se serviu de mais.

— Ele também parece culpar Hanalea — disse Han. — Por traí-lo.

Lucius balançou a cabeça e fechou os olhos, as mãos ao redor da caneca de metal.

— Mas... isso é possível? — prosseguiu Han. — Ele durar mil anos escondido em um amuleto? Baseado no que você sabe sobre magia e no que sabia sobre ele?

— Me escute — disse Lucius, abrindo os olhos de novo. — Não sei como poderia ser feito, mas se tem alguém capaz disso, é ele. — Ele esvaziou a caneca em um gole e voltou a enchê-la. — Doce Thea das montanhas, Alger voltou.

— Opa, calma — disse Han, colocando a mão no braço do homem. Lucius se encolheu e quase derramou a bebida. — Não tenho certeza absoluta de que seja ele. Pode ser algum tipo de

truque. Eu tinha esperança de que você pudesse me contar alguma coisa, alguma pergunta que eu pudesse fazer e que só ele soubesse a resposta.

— Alguma coisa que Alger saberia. — Lucius franziu a testa e secou-a com a manga. — Preciso pensar.

Enquanto ele pensava, Han se levantou e encheu as xícaras de chá. Exceto a de Lucius, que ainda estava cheia.

— Tem duas coisas — disse Lucius de repente. — Duas coisas que só Alger saberia. Primeiro, qual era o local secreto de encontro dele com Hanalea? E o que ele deu a ela como demonstração de amor, quando ficaram noivos?

— Tudo bem — falou Han, pensando que os dois deviam ser muito amigos, se Lucius sabia aquele tipo de segredo. — Quais são as respostas?

— Eles se encontravam no conservatório do Castelo de Fellsmarch, bem acima do quarto de Hanalea — disse Lucius. — Talvez ainda esteja lá. Havia uma passagem secreta do quarto dela até o jardim.

— No conservatório — repetiu Han. — E o que ele deu para Hanalea?

— Foi um anel, com pedras da lua e safiras e pérolas — respondeu Lucius. — Porque ele só a via à luz da lua, dizia ele. Hanalea usou o anel pelo resto da vida. — Ele tremeu. — Imagine como foi para ele ficar preso naquele amuleto enquanto Hanalea envelhecia e morria.

Estranho, pensou Han. Lucius não só achava que a história de Corvo era possível, como parecia já estar convencido de ser verdade. Como se tivesse esperado mil anos para ouvi-la. Como se fosse inevitável.

— O que você vai fazer, garoto? — perguntou Lucius, interrompendo os pensamentos de Han.

— Eu e Dançarino vamos a Aediion esta noite. Vou descobrir se ele é mesmo quem diz ser.

— Olhe, mesmo se ele for quem diz ser, mesmo que Lucius confie nele, como vamos saber que nós também podemos confiar? — questionou Dançarino. — Mil anos trancado em um amuleto podem mudar uma pessoa. Ele pode estar planejando terminar o trabalho que começou durante a Cisão.

— Garoto... ele sabe quem você é? — perguntou Lucius. — Sabe que você é do sangue dele?

— Não — respondeu Han. — Ele não parece saber o que aconteceu enquanto... hã... ficou trancado. — Han deu de ombros. — Eu não sabia se devia contar para ele ou não.

— Deve — disse Lucius. — Ele merece saber que a linhagem não morreu com ele. Isso pode fazer toda a diferença. Ele pode ajudar você. Vai querer ajudar. Acredite, você o quer do seu lado.

O idoso se levantou e pegou a garrafa e as canecas.

— Chamem Willo. Estou pronto para ir embora.

E se recusou a falar qualquer outra coisa.

CAPÍTULO VINTE E UM

De volta a Aediion

Depois que Lucius foi embora, Han pediu aos aprendizes de Willo para impedirem a entrada de qualquer outro visitante. Avisou que ele e Dançarino estariam usando magia perigosa e instável, e montou barreiras mágicas ao redor para impedir que fossem interrompidos. Depois, ele e Dançarino se sentaram em camas adjacentes no canto do quarto.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou Dançarino.
— Lucius pareceu pensar que Alger Waterlow é capaz de quase qualquer coisa. Pareceu quase com medo dele.

— De certa forma, isso é coerente com a história de Corvo — disse Han. — Se acreditarmos em Lucius, Alger era poderoso o bastante para se esconder em um amuleto por mil anos.

— Por que alguém iria querer fazer isso?

— Talvez por estar desesperado por vingança — disse Han. — Ou disposto a fazer o que fosse necessário para vencer.

Como eu, acrescentou ele para si mesmo.

Os dois ficaram sentados em silêncio por um momento, cada um sozinho com seus pensamentos.

— Você tentou voltar a Aediion? — perguntou Han. — Desde aquele dia na aula de Gryphon?

— Não, não tentei — respondeu Dançarino, olhando para o teto.
— Nunca vi muito sentido em voltar e, depois do que aconteceu com você na primeira vez, não tive muita vontade de tentar de novo.

— Devíamos ir — disse Han depois de outra pausa longa. — Posso levar você comigo, ou você pode ir com seu próprio poder.

— Eu vou sozinho — afirmou Dançarino. — Assim, posso ir embora sozinho. Você está com seu talismã de sorveira-alta?

Dançarino ergueu a mão e tocou o próprio talismã. Tinha feito um para si depois que o de Han impedira Corvo de possuí-lo.

Han assentiu e abriu o colarinho para Dançarino ver.

— Espere alguns minutos antes de me seguir. Vou dar um aviso a Corvo de que você está a caminho. — Han não sabia se isso era uma ideia boa ou ruim, mas parecia justo. — Acho que, para Corvo, não importa muito onde vamos nos encontrar. Ele sempre está lá esperando. Mas vamos nos encontrar na Torre Mystwerk, eu e você.

E se Corvo não aparecer?, pensou Han. *Vou parecer um idiota.*

Aquela era a menor de suas preocupações.

Ele se deitou, fechou os olhos e pronunciou as palavras familiares para atravessar o portal. Quando abriu os olhos, se viu na Torre Mystwerk.

Meia-noite. O luar entrava pelas janelas e iluminava a poeira no ar.

Corvo estava sentado de pernas cruzadas no chão à frente, vestido todo de preto, de olhos fechados, cabeça inclinada, seu cabelo claro a única coisa brilhante nele. Se Han não o conhecesse, acharia que estava abatido ou rezando.

Han rearrumou as roupas, livrou-se do traje dos clãs que estava usando e conjurou vestes elegantes, até com anéis brilhantes nos dedos. Aquela havia se tornado sua forma de homenagear Corvo, agindo como ele durante os encontros.

Corvo abriu os olhos e o observou.

— Alister! — Ele ficou de pé, espanando as roupas sóbrias. Em seguida, decidiu se arrumar um pouco mais, criando anéis e lantejoulas e joias, como se para apresentar uma aparência mais alegre. — Você está vivo! — Ele olhou com ansiedade para o rosto

de Han e examinou-o para avaliar os danos. — Você... você está bem? Como se sente?

Han deu de ombros, surpreso com a preocupação de Corvo.

— Vou sobreviver.

— É verdade, então, que o Criador cuida dos tolos — disse Corvo, voltando a soar como sempre. — Você quase se matou curando aquela garota. Esgotou seu amuleto e a si mesmo. Achei que estivesse morto. Por que você fez aquilo?

Han não sabia como responder, nem no passado nem no presente.

— Ela era importante para mim. Eu tinha que tentar salvá-la.

— Ela sobreviveu? — perguntou Corvo. — O sacrifício todo valeu a pena?

— Ela está viva — respondeu Han. — Ainda não decidi se valeu a pena.

Corvo riu, e foi inesperadamente encantador.

— Você está aprendendo, Alister. Falei para você não ir à guerra por causa de uma mulher. Mas você deve ser meio inconsequente, se voltou aqui.

— Ainda não estou convencido de que você está falando a verdade — disse Han. — Pedi para uma pessoa se juntar a nós aqui. Uma pessoa em quem eu confio.

O sorriso de Corvo sumiu e foi substituído por irritação.

— Não. De jeito nenhum. Nosso acordo era para você vir sozinho. Mais ninguém pode saber que eu existo.

— Nosso acordo era você me ajudar contra os Bayar. Não me tratar como um alvo fácil. Você não tem nada que reclamar das regras agora.

Corvo começou a andar de um lado para outro.

— Estou tentando proteger você. Os Bayar tentam me libertar daquele amuleto há mil anos. Se descobrirem que você consegue se comunicar comigo, o que acha que vai acontecer com você? Deseja

horas de tortura no porão da Casa Aerie? Já estive lá, e, pode acreditar, não tenho desejo nenhum de voltar.

— Quando você conhecer meu amigo, vai perceber que não tem muita chance de ele passar informação para os Bayar — disse Han. — Nem de eles ouvirem, se ele falasse. É tarde demais, de qualquer jeito. Eu...

Como se tivesse convocado Dançarino ao falar dele, o ar entre os dois se adensou e tremeu, e Dançarino apareceu, vestido com belos trajes cerimoniais dos clãs.

Corvo deu dois passos para trás, os olhos arregalados, erguendo os braços em defesa. Por instinto, Han se colocou entre os dois. Dançarino pareceu momentaneamente desorientado e logo fixou o olhar em Corvo.

— Você é menor do que eu esperava — disse Dançarino, inclinando a cabeça. — E não tem olhos flamejantes.

Corvo ficou um tanto maior e mais brilhante, como um pavão exibindo as penas ou um dono da rua dando um show.

— Um *cabeça de fogo*? Você trouxe um cabeça de fogo aqui para me ver? — Corvo baixou os braços lentamente e encarou Dançarino como se ele fosse um demônio. — Não — sussurrou ele, com a testa franzida. — Isso não está certo. Você é um *magô* disfarçado de cabeça de fogo.

Dançarino tocou o talismã.

— É claro que sou magô, ou não estaria aqui. Também sou dos clãs.

— Hayden Dançarino de Fogo, este é Alger Waterlow — disse Han, com certa formalidade.

Corvo parecia tão desconfiado quanto um gato de Feira dos Trapilhos.

— Tem alguma coisa em você — sussurrou ele, com os olhos fixos em Dançarino. — Alguma coisa... escondida. Alguma coisa perigosa. Alguma coisa que você não quer que ninguém veja. Já nos conhecemos?

Dançarino balançou a cabeça.

— Esta é só minha segunda vez em Aediion.

— Temos algumas perguntas a fazer a *você*, está bem? — disse Han, começando a perder a paciência.

— Perguntas? — O olhar de Corvo se desviou para Han. — Que perguntas?

— Você diz que é Alger Waterlow, o último dos reis magos. Se é verdade, então me diga onde se encontrava com Hanalea em segredo, antes de fugirem juntos.

— Isso não é da conta de ninguém, só minha — respondeu Corvo, apertando os lábios como se nunca mais pretendesse abri-los.

— É da nossa conta, se vamos trabalhar juntos — disse Han.

— Mande o cabeça de fogo embora — rebateu Corvo. — Não tenho desejo nenhum de me aliar a ele. Depois disso, podemos conversar.

Han balançou a cabeça.

— Quero Dançarino aqui como testemunha. Ou então nós dois vamos embora.

Era um blefe. Ele não podia deixar que Corvo soubesse o quanto estava desesperado por sua ajuda.

Corvo fez uma expressão irritada, mas cedeu.

— Muito bem. Hanalea e eu nos encontrávamos na estufa do Castelo de Fellsmarch. Havia uma passagem pelas paredes do quarto dela.

— Estufa? — disse Han, inseguro. Lucius tinha dito conservatório.

— O conservatório — respondeu Corvo, balançando a mão. — É como um jardim de vidro.

Han lutou para manter o rosto neutro enquanto seu estômago dava um pulo. Seria possível que Corvo estivesse falando a verdade?

— Muito bem, então — disse Han. — Parece plausível. E o que você deu a Hanalea como presente de noivado?

Corvo apertou os olhos.

— Quem contou isso a você? De onde está vindo isso?

Han hesitou por um momento.

— Você se lembra de Lucius Frowsley?

Corvo pareceu perdido.

— Frowsley? — Ele balançou a cabeça. — Eu não... — Ele ergueu o rosto. — Você quer dizer Lucas? Lucas Fraser? Ele estudava comigo em Mystwerk. Era meu melhor amigo. Mas isso foi mil anos atrás.

Han franziu a testa. Lucius tinha mudado de nome?

— Talvez — disse Han. — É uma longa história, mas ele ainda está vivo. Me deu essas perguntas. E as respostas.

— Lucas — sussurrou Corvo, mais para si mesmo do que para Han. — É possível? Eu tinha quase me esquecido... disso. Ele queria tanto viver para sempre, mas eu não sabia se...

— Apenas responda à pergunta, por favor — disse Han.

Os olhos brilhantes de Corvo se fixaram nele.

— Dei a Hanalea um anel, com pedras da lua e pérolas e safiras. E ela me deu um anel de ouro, com o nome dela gravado na parte de dentro, para que eu sempre a tivesse encostada na pele. — Ele deu uma gargalhada amarga. — Os Bayar o tiraram de mim, junto com todo o resto.

— É mesmo verdade, então — disse Dançarino, fechando a mão no amuleto por reflexo. — Você é o Rei Demônio.

Corvo se virou para Dançarino. Então cambaleou um passo para trás quando o reconhecimento tomou conta de seu rosto e brilhou em seus olhos.

— Falando em demônios — disse Corvo, com voz baixa e perigosa —, acredito que você tenha o rosto de um.

Ele deu um pulo e se chocou contra Dançarino, como fizera ao possuir Micah em Aediion. No entanto, mais uma vez ele foi lançado para trás, repellido pelo talismã de sorveira.

— Você é um Bayar imundo! — gritou Corvo, ficando de pé, sua imagem tremendo e se agitando como uma bandeira ao vento. — Você achou que eu não reconheceria, depois de todos esses anos? Acha que eu não reconheceria o fedor da casa Aerie? — A voz dele tremeu e seu rosto se contorceu em repulsa.

Dançarino só ficou ali parado, imóvel, sem dizer nada.

— Eu *falei* que era importante manter minha existência em segredo, principalmente dos Bayar — disse Corvo para Han, em voz baixa e furiosa. — Agora você acabou com a pouca chance que tinha.

— Você está enganado — respondeu Han, já que Dançarino continuou sem dizer nada. — Use seus olhos. Dançarino não é Bayar. Ele é dos clãs, foi criado em Pinhos Marisa. Eu o conheço desde que éramos *lytlings*.

— Mate-o — disse Corvo por entre dentes. — Mate-o agora, ou vamos todos sofrer as consequências.

— Por que você está sempre tentando me fazer matar alguém? — perguntou Han.

— Você é um tolo, Alister — disse Corvo. — E eu fui tolo por confiar em você.

Ele sumiu como uma fagulha se apagando.

Han e Dançarino ficaram olhando para o local onde ele estivera.

— Me desculpe, Caçador Solitário — disse Dançarino, com um suspiro pesado. — Espero não ter estragado tudo para você. Sei que estava contando com a ajuda dele.

— O que deu nele? — perguntou Han. — Talvez você tenha razão, mil anos preso em um amuleto o deixaram maluco.

Dançarino balançou a cabeça.

— Ou talvez ele seja bom em identificar um Bayar, só isso — disse ele, baixinho.

Enquanto Han observava, as roupas de Dançarino mudaram de calça e camisa dos clãs para vestes de mago, com estolas bordadas

com o falcão. Mas seu cabelo ainda estava trançado e preso no estilo dos clãs.

— Minha mãe é dos clãs, Caçador Solitário — disse Dançarino. — Você já se perguntou quem é meu pai?

— Bem, ouvi a história que Willo contou no seu rebatizado — respondeu Han, e parou de falar.

— Era verdade, quase tudo. Exceto a parte em que ela alegou não saber quem era. Você consegue pensar em um mago ousado o bastante para entrar nas Montanhas Espirituais e atacar uma jovem na floresta daquele jeito?

Ele observou as feições de Dançarino: os olhos azuis intensos no rosto de bronze, a estrutura óssea angulosa, as sobrancelhas grossas e escuras. Uma compreensão surgiu, e a garganta de Han se apertou dolorosamente, como se ele estivesse tentando engolir uma pedra enorme.

— A semelhança é impressionante quando você sabe o que procurar — disse Dançarino sem rodeios.

— Sangue e ossos de Hanalea — sussurrou Han, balançando a cabeça. — Seu pai é Gavan Bayar.

Não era de surpreender que Dançarino encarasse seu dom como uma maldição.

— Você não imagina como é tentadora a ideia de me apresentar para Micah e Fiona como o irmão perdido — disse Dançarino. — Quase vale a pena o risco de morrer. Por um tempo, esse me pareceu o caminho fácil. Eu me apresentaria como Bayar e eles me matariam.

Lembranças voltaram à mente de Han: a reação furiosa de Dançarino quando eles encontraram Micah e os primos em Hanalea. Tinha sido um comportamento tão incomum. O conhecimento de Dançarino sobre magos e seus hábitos, incomum entre os clãs das Espirituais. A reação de Micah a Dançarino cada vez que eles se encontravam...

— Os Bayar sabem? — perguntou Han.

Dançarino balançou a cabeça e abriu um meio sorriso.

— Acho que Micah vê o pai em mim. Parece que sabe, em um nível instintivo, mas não consegue se fazer acreditar. Nunca vi Lorde Bayar. Se *e/le* soubesse, eu já estaria morto.

— E os Demonai? Averill? Elena *Cennestre*? Eles sabem?

Dançarino fez que não com a cabeça.

— Se *e/les* soubessem, teriam me afogado no nascimento. Willo e eu somos os únicos que sabem. Agora, você. E Corvo, infelizmente.

Han relembrou quando Willo levou Dançarino para a cidade, para o orador Jemson, na esperança de que o curasse do dom maldito. Ela guardara aquele segredo pela vida toda e tentara encontrar um lugar para o filho que amava em um mundo em guerra.

— Por que você não me contou? — perguntou Han, com a mente girando.

— Olha quem fala — retorquiu Dançarino. — Quantos segredos você guardou de mim?

— Não estou criticando. Só perguntando por quê.

— Eu mesmo não sabia até meu dom começar a se manifestar — respondeu Dançarino. — Depois, quase contei para você, várias vezes. Mas sabia o que você achava dos Bayar, depois do que aconteceu com sua família. Eu não sabia como você reagiria. E agora tem Cat. Ela odeia os Bayar, eles assassinaram todos os amigos dela. E minha mãe, Willo, me fez jurar que nunca contaria. — Dançarino falou com objetividade, olhando diretamente nos olhos de Han. — Por muito tempo eu não quis que ninguém soubesse. Mas agora estou feliz de você ter descoberto. Estou cansado de agir como se fosse minha culpa. Como se tivesse vergonha de quem eu sou. Não posso controlar o que as outras pessoas fazem. Mas posso decidir como vou lidar com isso.

A raiva se acendeu em Han. Por que Dançarino e Willo deveriam carregar aquele peso, guardando segredo, sempre com medo de ser revelado, temendo o que os Bayar fariam se soubessem?

— Willo tem provas? — perguntou Han. — De que foi Bayar, quer dizer.

— Ela ainda tem o anel de Bayar — disse Dançarino. — Quando descobriu que estava grávida, escondeu o anel e alegou não saber quem era o pai.

Quando Han abriu a boca para falar, Dançarino levantou a mão para impedi-lo.

— Ela estava tentando me proteger, dos Bayar e dos Demonai. Mas quando ficou claro que eu tinha o dom, se tornou um segredo grande demais para ser guardado. Eu soube que ficaria claro, mais cedo ou mais tarde.

— Ela devia ter dito que foi ele — resmungou Han — e o levado à justiça.

— Podemos pensar assim — disse Dançarino, assentindo —, mas ela tem muito medo de Bayar, e não consegue se livrar disso. Ser atacada tão perto de casa destruiu sua confiança. Ela nunca mais se sentiu completamente segura. — Ele fez uma pausa. — Bayar vai pagar por isso.

Han colocou a mão no ombro de Dançarino e apertou.

— Você é meu melhor amigo. Não me importa quem seja seu pai.

Dançarino deu de ombros.

— Espero que Cat pense igual. Vou contar para ela. Não quero guardar segredos dela também. Não mais. — Ele mexeu no amuleto. — Não vamos dizer nada para Willo, não antes do enterro da rainha, pelo menos. Ela já está preocupada demais porque eu vou. Não quer que eu chegue perto de Bayar.

— A decisão é sua — disse Han, ainda tentando se acostumar com a novidade. — O segredo é seu. Mas acho que você devia conversar com ela em breve.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Dizendo a que veio

Você precisa confiar em Han Alister, dizia Raisa a si mesma sem parar. Apesar de ele odiá-la agora. Você não tem escolha.

Bem, na verdade, tinha escolha. Muitas. Podia aceitar o plano mais seguro, de entrar e sair escondida; o que o pai preferia. Ou o plano de sequestro no qual Reid Andarilho da Noite insistia.

Mas ela queria honrar Han ao confiar nele, já que não tinha confiado antes. Só esperava estar tomando a decisão certa.

Não ajudava o fato de que Andarilho da Noite tinha deixado bem claro que não confiava em Han Alister ou no plano dele. Han o traçara no dia anterior, em um encontro breve e profissional. Só os três, como ele dissera. E Raisa o aprovara.

Depois, eles o comunicaram aos outros. Que *não* aprovaram.

Andarilho da Noite sabia que era incansável. E persuasivo. O sol nem tinha subido ainda, mas ele a estava distraíndo pela última hora enquanto Raisa tentava se aprontar para a viagem até a cerimônia fúnebre.

O assunto era Han Alister e seu plano.

— Ele é um bruxo — alertou Andarilho da Noite. — Como você pode confiar que ele vai mesmo ficar do seu lado e ir contra o Conselho dos Magos?

— Não é essa a ideia? — questionou Raisa, esfregando os olhos. — Não foi por isso que Elena *Cennestre* o recrutou? Ele é para ser a arma secreta.

— Eu não falei que não devemos *usá-lo*. Estou dizendo que não devemos confiar sua vida a ele.

Andarilho se encostou na viga central da Cabana da Matriarca, flexível e mortal como um felino. Estava vestido para a guerra, com casaco e calça nos tons de luz e sombras, o amuleto Demonai cintilando no pescoço.

Não parecia nem um pouco sonolento, embora sem dúvida tivesse passado metade da noite acordado, reforçando o direito de usar seu nome do clã, Andarilho da Noite. Raisa o vira dando um beijo de despedida em Sabiá, na cabana dos visitantes, ao amanhecer, quando saíra para ir ao banheiro. Portanto, pelo visto, eles ainda estavam juntos.

Ela forçou a atenção a voltar ao presente.

— Han odeia o Grão-Mago — disse Raisa. — Não consigo imaginá-lo se juntando a eles.

— Foi o que ele *disse*. Mas Alister tem mais em comum com eles do que com qualquer um de nós.

— Você está fazendo de novo — disse ela. — Está me tratando como se eu fosse burra. Passei um bom tempo com Alister em Vau de Oden. Eu o conheço melhor do que você. Sei o que estou fazendo.

Andarilho da Noite ergueu as mãos.

— Perdão, Alteza. — Ele fez uma pausa e pigarreou, um tanto sem graça. — Parece que estou sempre pedindo desculpas. Acho que passo tempo demais com gente que concorda comigo. — Andarilho respirou fundo. — Apesar da falta de diplomacia, não é minha intenção questionar seu julgamento. Apenas fico preocupado com sua segurança.

Raisa olhou para ele com surpresa. Aquilo era mais introspecção do que estava acostumada quando se tratava de Andarilho da Noite. Mesmo assim, não o deixaria escapar com tanta facilidade.

— Imagino que seja por isso que você quer entrar em guerra contra minha irmã. Uma princesa da linhagem. Quando nem sabe

as intenções dela.

Andarilho da Noite balançou a cabeça.

— Eu só queria tirá-la da jogada. Seria mais seguro para Vossa Alteza e mais seguro para ela também.

— Não vai haver luta alguma — respondeu Raisa. — Isso é o que vai nos manter em segurança.

Ela avaliou suas roupas para tentar decidir o que deveria vestir, o que passaria a mensagem certa para os reunidos para a cerimônia fúnebre de sua mãe.

Não, corrigiu-se, pressionando as pontas dos dedos na testa. O que posso usar que vá honrar minha mãe e seu legado?

Ela não tinha muitas opções, só o que os clãs lhe ofereceram desde que chegara. Todo o resto ficara para trás, em Fellsmarch e Vau de Oden. Ela pensou nos armários cheios de vestidos elegantes na capital e suspirou.

Você é uma rainha mendiga, pensou Raisa. Sempre hospedada na casa de alguém e usando roupas emprestadas.

Escolheu uma saia rodada dos clãs, de lã branca, e uma túnica de camurça leve, com miçangas, e as colocou na cama. Willo dera a ela uma jaqueta branca delicada, de couro de cervo, com símbolos da linhagem Lobo Gris pintados e bordados nas costas e nas mangas. Os trajes de luto dos clãs não tinham a aparência escura e pesada das roupas funerárias das terras baixas. Eles comemoravam a vida dos mortos e sua ligação com os vivos.

— Espere por mim lá fora, por favor — disse Raisa a Andarilho da Noite, que parecia inclinado a ficar grudado nela até a hora de partir para o pico Marianna. Ordens de Elena, talvez, com dois magos no campo. Ou seria por vontade própria?

Andarilho da Noite segurou os cotovelos dela e a puxou para um beijo longo. Ele cheirava a couro e ar fresco.

Raisa se afastou com certa relutância. Ele parecia ansioso para retomar a relação de onde tinham parado. Ela sabia, por experiência, que Andarilho da Noite poderia ser uma distração bem-

vinda de todos os problemas, se ela permitisse. Ele podia ajudá-la a esquecer que Han Alister a estava tratando como veneno.

— Andarilho da Noite, vá. Tenho que me vestir. Vamos partir em breve.

O sorriso nos olhos negros do guerreiro deixou claro que ele ficaria feliz em ficar e supervisionar sua troca de roupas. Mas Andarilho apenas passou pela porta e foi para o aposento ao lado.

Raisa suspirou. Sempre que estava com Andarilho da Noite, se sentia encurralada, pessoalmente e de outras formas. Precisava encontrar um meio de canalizar a intensidade implacável dele. Andarilho a cansava.

Ela sentia falta da firmeza de Amon. Ele tinha voltado a Fellsmarch para poder acompanhar as cinzas do pai da Catedral do Templo até o local do enterro. Averill também tinha voltado para a cidade e viajaria para a cerimônia fúnebre com o caixão de Marianna. Raisa teria os Demonai consigo, além de Han Alister e Dançarino de Fogo. Isso era tudo, e teria que bastar. Ela esperava conseguir impedir que eles pulassem nos pescoços uns dos outros.

Raisa estava calçando as botas quando ouviu vozes exaltadas do lado de fora, o que parecia uma discussão. Enfiou a cabeça por entre as cortinas e deu de cara com Han Alister e Reid Andarilho da Noite se encarando como lobos alfa, com pelos eriçados e quase rosnando.

Han estava vestido com mais elegância do que ela já tinha visto, todo de preto com um contorno de pérolas cinza no pescoço e nas mangas. A camisa era justa e exibia o corpo magro e musculoso. O amuleto de Caçador Solitário brilhava contra o tecido fosco, e a cor escura ressaltava o cabelo claro e os olhos azuis.

— O que está acontecendo? — perguntou ela, olhando de um para outro.

— Eu falei que ele não podia entrar, que você estava se vestindo. Ele quis discutir — disse Andarilho da Noite, com uma postura agressiva.

— Eu só queria que soubesse que eu estava aqui — respondeu Han, desviando o olhar para Raisa e voltando-o rapidamente para Andarilho da Noite. — Tenho trabalho a fazer e pouco tempo, se você não quiser se atrasar para a cerimônia.

— Estou pronta — disse Raisa, respirando fundo. — Vamos começar.

Han olhou diretamente para Andarilho da Noite e inclinou a cabeça na direção da porta.

— Fora.

— Vou ficar — falou Reid Demonai, cruzando os braços e abrindo as pernas como se não pretendesse se mexer.

— Precisamos fazer isso em particular, Alteza — disse Han. — Se vou protegê-la, quanto menos pessoas souberem o que estou fazendo, melhor.

Han se dirigiu a ela, ignorando Andarilho. *Bem*, pensou Raisa, *é uma boa mudança*. Desde que confessara sua verdadeira identidade, Han não falara com ela mais do que o necessário. Era como se ele tivesse que pagar caro por cada palavra dita.

— Não vou deixar você sozinho com a princesa-herdeira — afirmou Andarilho da Noite. — É arriscado demais, considerando o histórico de bruxos influenciando nossas rainhas.

Esses dois se odeiam, pensou Raisa, *e parece ser mais do que a desconfiança habitual entre mago e clã*. Afinal, Han devia ficar à vontade com os clãs das Espirituais. Ele se hospedara ali quando criança. Nem fazia tanto tempo que era um mago.

O som de pigarros a assustou. Ela ergueu o rosto e viu os dois olhando para ela, esperando uma decisão.

— Conheço Andarilho da Noite há anos — disse Raisa para Han. — Ele faz parte de minha guarda agora. Se é confiável para isso, sem dúvida...

— Não o quero aqui me distraindo — interrompeu Han. — Isso já é difícil o bastante.

— Então você admite — disse Andarilho da Noite. — Não sabe o que está fazendo.

— Esse é exatamente o tipo de comentário idiota e ignorante de que não preciso enquanto trabalho — rebateu Han, olhando para Raisa e erguendo as sobrancelhas como quem diz: *Está vendo?*

— Ele fica — decidiu Raisa, se sentindo como uma professora em um pátio de escola. — Mas fique quieto, Andarilho da Noite, e deixe Alister fazer o trabalho dele. Ou vai ter que sair.

Han indicou Andarilho da Noite com o queixo.

— Você. Sente-se no canto e fique fora do caminho, se não quiser levar respingos de magia.

Andarilho da Noite fez uma cara de desconfiança irritada, mas obedeceu.

Han contornou Raisa e a avaliou.

— Fique parada — avisou ele. — Vou ter que tocar em você.

Ele souou mais resignado do que qualquer coisa.

Alister enfiou a mão no casaco, e Raisa sabia que ele estava segurando o amuleto de serpente. Talvez fosse por isso que Han não queria Andarilho ali. Ele parecia não querer exibir aquele amuleto para ninguém dos Campos.

Raisa ficou tensa, a pele formigando com a expectativa do contato. Os dedos dele sibilaram e zumbiram ao tocar de leve sua cabeça, seus ombros, sua nuca, sua cintura. Raisa se lembrou do escultor que fizera seu retrato para a moeda, sentindo a argila antes de dar forma a ela.

Han deu um passo para trás e coçou o queixo, franzindo a testa. Mas sua expressão clareou quando ele olhou para a mão dela.

— Ah. Precisa tirar o anel talismã, senão não vai funcionar.

Raisa olhou para o anel de lobo na mão direita.

— Alteza, Elena Demonai lhe deu esse anel para proteção contra feitiços de bruxos — disse Andarilho da Noite. — Agora *não* seria uma boa hora para tirá-lo. Não quando vai enfrentar os bruxos mais poderosos do Vale.

— Agora seria uma ótima hora para tirá-lo — disse Han. — Se quer que este plano dê certo.

— Deixando de lado Alister e o que ele quer fazer, esse anel a protegerá, caso um dos magos na cerimônia fúnebre decida lhe lançar chamas — argumentou Andarilho da Noite. — Sem ele, vai estar vulnerável. — Ele fez uma pausa e murmurou, não muito baixo: — A menos que seja essa a ideia.

— Ela não vai estar vulnerável se você calar a boca e me deixar fazer meu trabalho — disse Han, com a mão ainda dentro do casaco e o queixo erguido de forma agressiva.

— Parem — mandou Raisa. Ela tirou o anel do dedo e o guardou em uma bolsinha no cinto. — Pronto. Vou ficar com ele bem aqui para o caso de precisar. É melhor você fazer tudo logo. Deve estar quase na hora de irmos.

Desta vez foi diferente. Han murmurou feitiços enquanto andava ao redor dela, o rosto sério de concentração e os olhos fixos e absortos. Seus dedos produziam pequenas chamas sempre que a tocavam. Raisa ofegou conforme a magia foi deslizando para debaixo da pele dela, levando o sangue para a superfície. Ela se sentia brilhante e tonta, como se tivesse acabado de sair da cabana da sauna do Campo Demonai.

Ou como uma garota apaixonada depois de uma série de beijos.

Andarilho da Noite observava do canto, tenso como a corda de um arco.

E então os lobos vieram. Sozinhos e em pares, passaram pelas divisórias de lona e entraram pelas paredes, com olhos brilhantes e língua para fora, até ter uma dúzia reunida ali, todos sentados em um círculo ao redor deles.

Raisa se lembrou do sonho que tivera depois que Byrne morrera no Passo de Pinhos Marisa; a visita das rainhas lobas na noite em que a mãe dela falecera. Havia Hanalea de olhos cinzentos e Althea de olhos verdes. Às vezes, por uma fração de segundo, ela pensava ver as rainhas em pessoa.

Han olhou para os lobos e para Raisa de novo.

— Amigos seus?

Raisa olhou para ele sem entender.

— Você consegue vê-los?

— Tenho visto, de tempos em tempos, desde que nós... desde que curei você — disse Han. — Eu torci para que viessem hoje. Não sei se isso vai funcionar, mas...

Ele estendeu as mãos na direção das rainhas lobas. Chamas dançavam nas pontas de seus dedos. Luzes disparavam de suas mãos até os lobos e de volta para ele.

Hanalea inclinou a cabeça e olhou para Han com um sorriso lupino.

Por que Han Alister veria os lobos?, perguntou-se Raisa. Era um traço da linhagem Lobo Gris, ligado ao dom da profecia. Não fazia sentido.

Deve ser consequência do processo de cura, pensou ela. Da ligação entre eles.

Os lobos fecharam os olhos e baixaram as orelhas. Ergueram os focinhos para o céu e começaram a uivar, um choro de luto que eriçou os pelos da nuca de Raisa.

— Ah! — exclamou ela, tremendo.

Andarilho da Noite ficou ereto e pareceu prestes a dar um salto.

— O que foi, Rosa Agreste? O que ele fez?

— Vossa Alteza já reparou como é difícil se concentrar e fazer as coisas direito com alguém resmungando em seu ouvido? — perguntou Han. — Se isso der errado, só estou dizendo, a culpa não é minha.

Apesar do tom irônico, a testa e o lábio superior de Han estavam cobertos de suor, como se ele estivesse gastando energia considerável. Ou estivesse nervoso.

Os lobos terminaram a falação. Hanalea se virou para Raisa e baixou a cabeça. A matilha real se derreteu na sombra e se dissipou.

Han recolheu a mão e ficou de cabeça baixa, respirando rapidamente como se tivesse participado de uma grande corrida. O amuleto de Caçador Solitário iluminava ligeiramente o rosto dele, criando sombras e acentuando ângulos. Seu suor pingava, manchando o tapete.

Raisa se abraçou, segurando os próprios cotovelos. Ainda estava toda formigando, mas aquele parecia ser o único efeito.

— Foi... Deu certo? — perguntou ela.

Han ergueu a cabeça e secou o suor da testa com a manga.

— Logo vamos descobrir.

Raisa viu a pergunta no rosto de Andarilho da Noite e decidiu fazer ela mesma, achando que talvez pudesse ouvir uma resposta:

— O que você estava tentando fazer?

— Eu estava criando uma emissão.

— Uma emissão? O que é isso?

— Um glamour. Uma imagem para usar quando chegarmos ao pico Marianna. Algo que vai impressionar e confundir o Conselho dos Magos e o restante dos sangues azuis. Algo que vai torná-la um alvo difícil. — Han olhou para Andarilho da Noite. — Lembra? Eu falei que criaria uma distração mágica — disse ele, como se Andarilho da Noite precisasse de palavras mais simples.

— Posso colocar meu anel de volta? — perguntou Raisa, apertando a bolsinha.

Han franziu a testa, mordeu o lábio e balançou a cabeça em negativa.

— Melhor não. Acho que temos que manter a ligação mágica viva até depois.

Elena enfiou a cabeça pela passagem.

— Está pronta? Temos que ir, neta.

Raisa cavalgaria no meio do contingente Demonai que escoltaria a avó para a cerimônia fúnebre da rainha.

Dançarino de Fogo estava esperando com os cavalos. Han o puxou de lado, se inclinou e murmurou alguma coisa no ouvido

dele. Dançarino assentiu enquanto olhava para Raisa.

Andarilho se aproximou e colocou uma capa Demonai, com aquela estampa sombreada, sobre o traje fúnebre de Raisa, amarrou a capa no pescoço e deixou as mãos se demorarem nos ombros dela.

O velório da rainha estava marcado para o fim da tarde. A viagem tomaria boa parte do dia, pois eles pretendiam seguir pelas montanhas e contornar o Vale, a partir de Pinhos Marisa, atravessando o rio Dyrnne a oeste de Fellsmarch para chegar ao pico Marianna pelo noroeste.

Elena e Willo seguiam junto de Raisa, enquanto os guerreiros Demonai iam à frente e atrás. Han e Dançarino seguiam lado a lado, cada um segurando seu amuleto, abastecendo-o para o que viria. Raisa se perguntou quanto Han tinha gasto na criação da “emissão”. Ela esperava que valesse a pena.

Sempre que Raisa olhava para eles, os dois magos estavam com as cabeças próximas, falando baixinho enquanto cavalgavam. Dançarino carregava dois alforjes além do saco de dormir.

Seria um dia frio e claro nas montanhas, talvez um pouco mais quente na parte baixa, onde a cerimônia aconteceria. As estrelas piscavam a leste quando o sol surgiu acima das Montanhas Espirituais, se derramando no Vale abaixo.

— Mamãe adoraria este dia — disse Raisa para Elena, apertando os olhos contra a luz oblíqua. — Ela amava o sol, embora não amasse o frio.

— Hum.

Elena parecia preocupada, sem dúvida com o filho, Averill.

O amor deixa você vulnerável, pensou Raisa. E, mesmo assim, ela sempre desejara senti-lo.

Atravessaram o rio Dyrnne no começo da tarde, por uma ponte alta sobre a forte correnteza. Embora estivessem a uma altura grande demais para sentirem o cheiro, as águas abaixo carregavam toda a sujeira e os despojos da capital lotada a leste.

Quando eu for rainha..., pensou Raisal, como já tinha pensado tantas vezes antes. E parou.

Eu sou rainha.

Eles voltaram a subir alto nas Espirituais do norte, tendo vislumbres do Vale verdejante abaixo. Raisal absorveu ansiosamente as vistas das torres, domos e muros da distante Fellsmarch. Brilhava ao sol como uma cidade de contos de fadas, o tipo de lugar que desaparecia quando você chegava perto demais.

Estou indo para casa, jurou ela. Esta noite, se as coisas correrem como eu quero.

A noroeste, eles deixariam a trilha com vista para o Vale e seguiriam para norte e leste de novo, para chegar por trás do pico Marianna e descer entre os picos gêmeos. Fizeram uma pausa na junção de trilhas para comer e descansar os cavalos antes da longa subida à frente.

Depois de deixar Switcher nas mãos de Sabiá Noturna, Raisal caminhou a curta distância entre as árvores até onde pudesse dar uma última olhada no Vale antes de eles contornarem a montanha e tudo desaparecer de vista.

O Vale tinha ganhado vida. Viajantes lotavam as estradas, usando transportes de acordo com suas classes sociais. Alguns seguiam em belos cavalos, deixando as estradas e atravessando o campo quando ficavam impacientes com o progresso lento. Belas carruagens competiam por espaço com carroças lotadas daqueles que podiam pagar uma "menina" por uma carona. E alguns iam a pé, famílias inteiras até, mães e pais carregando crianças pequenas, com lenços ao redor do rosto para evitar a poeira.

Eles lotavam as estradas que vinham de Fellsmarch, atravessavam o Vale e subiam o pico Marianna ao norte. Os cidadãos de Fellsmarch estavam indo se despedir da rainha.

Raisal ficou emocionada e surpresa. Marianna não era popular, pelo menos não entre o povo dos bairros mais pobres da capital. Eles tinham explodido em rebeliões quando surgira o boato de que

a rainha pretendia colocar Raisa de lado e nomear Mellony herdeira em seu lugar.

— Doce Lady do Martírio — sussurrou ela. — Parece que a cidade toda está na estrada.

— Feira dos Trapilhos e Ponte Austral, pelo menos. E todos os sangues azuis, claro.

Raisa hesitou e se virou. Han Alister estava ao lado dela, olhando para o Vale. Ele andava como um fantasma, como qualquer guerreiro dos clãs.

Han protegeu os olhos e o vento balançou seu cabelo.

— Talvez Feira do Oeste, Morro da Carne Assada e Fundilhos também.

— O que você quer dizer? Como sabe disso?

— Mandeí Cat Tyburn pra cidade. Falei pra ela espalhar o boato que a princesa Raisa ia estar aqui e podia precisar da ajuda deles. Que tinha gente querendo tirar o trono dela. Ou querendo apagar ela ali mesmo, ou levar ela presa.

Ele voltara facilmente a empregar o vocabulário dos ladrões que Raisa passara meses tentando fazê-lo parar de usar.

— O quê? — Ela inclinou a cabeça e olhou para ele. — Depois de todo o esforço para manter minha presença em segredo, você vai e espalha por toda a cidade?

Han massageou a nuca.

— Você acha que Lorde Bayar ouve boatos de Feira dos Trapilhos? Acha que o Conselho dos Nobres se reúne na taberna O Barril e a Coroa? — Ele riu. — Os Trapilhos e os Austrinos não são um perigo, a não ser que esteja andando pela rua com uma bolsa gorda. É com os sangues azuis que precisa ter cautela. Ouvi falar que são mentirosos e traiçoeiros.

Ele olhou diretamente para ela, com olhos duros e brilhantes como safiras.

A pressão do olhar dele era como um golpe físico, mas Raisa se obrigou a se manter firme.

— Han, me desculpe por ter mentido para você — disse ela, colocando a mão no braço dele. — Se eu pudesse fazer tudo de novo, eu...

— Não existe isso de fazer tudo de novo, existe, Vossa Alteza? — perguntou Han.

— Não, mas...

— De qualquer modo, não se preocupe com Feira dos Trapilhos — disse Han, recuando um passo e se soltando da mão dela. — São com as armações planejadas na surdina do palácio que você tem que se preocupar.

Ele parecia determinado a não falar sobre a história mal-resolvida dos dois.

— Eu sei — disse Raisa, cedendo. — Apesar disso, planejo voltar para o Castelo de Fellsmarch esta noite, como futura rainha.

Han olhou por cima do ombro para onde os Demonai estavam, ocupados com seus cavalos.

— Eles não vão ficar felizes com essa ideia. Especialmente Andarilho da Noite. Ele não pode controlar você na cidade.

— Ele não me controla agora — cortou Raisa.

— Ele pretende se casar com você — disse Han, mirando a paisagem. — Só pra você saber.

Raisa resistiu ao impulso de olhar para Andarilho da Noite.

— O que faz você pensar isso?

— Ele não é muito difícil de prever.

Han ergueu o queixo, e o ângulo da luz revelou a barba por fazer ruiva em seu perfil.

Raisa voltou a mente para a conversa.

— Bem, se ele quiser se casar comigo, vai ter que entrar na fila. Estou cansada de ser um meio para um fim.

Han se virou para olhá-la, a confusão estampada no rosto.

— Um meio para um fim. Você? O que quer dizer?

— Todo mundo quer se casar com o maldito trono. Ninguém estaria interessado se eu morasse em Feira dos Trapilhos. Acho que

vou ficar solteira.

— Você tem que se casar, não tem? Para garantir uma sucessão tranquila.

Ele voltou cuidadosamente à expressão neutra, mas ela reparou que suas mãos estavam fechadas nas laterais do corpo.

— Como a que estamos tendo agora? — Ela esperou, e, como ele não disse nada, prosseguiu: — Sei que concorda comigo. Preciso voltar ao palácio imediatamente, ou corro o risco de perder o trono.

— E está me contando isso porque...?

— Preciso da sua ajuda. Para voltar a Fellsmarch. Vou precisar de proteção.

Han deu de ombros.

— Não era esse o acordo? Que eu lutaria contra o Conselho dos Magos do lado dos clãs e da verdadeira linhagem de rainhas? — Seu tom distante e debochado estava ficando irritantemente familiar.

Eu o magoei, pensou Raisa. E magoei muito, e traí a confiança dele. Preciso encontrar um jeito de reconquistá-la. De reconquistá-lo. De me provar para ele.

— Eu não estava presente quando o acordo foi feito — disse Raisa, olhando nos olhos dele. — De qualquer modo, isso foi entre você e os clãs. Sei que se ressentido do acordo que fez, e é compreensível. Não preciso de um trabalho ressentido, desinteressado e forçado. Isso vai fazer com que eu acabe morta.

— Seria uma pena — murmurou Han. Ele fez uma pausa e pensou, com as sobrancelhas claras franzidas: — Esse não é o trabalho do cabo Byrne? Proteger você? Está planejando torná-lo capitão da Guarda da Rainha?

Raisa assentiu.

— Ele já é, de certa forma. Vou tornar público na coroação. Mas vou precisar de vocês dois. E mesmo isso talvez não baste.

— O que eu ganho? — perguntou Han, apertando os olhos para enxergar ao longe. — Afinal, sou um mercenário. O que oferece em

troca, já que parece tão interessada em me comprar de novo?

O tom dele era leve, mas Raisa ouviu o comerciante por baixo das palavras.

— O que você quer?

Han fingiu pensar, mas ela desconfiava de que ele já tivesse a resposta pronta.

— Bem, primeiro de tudo, vou precisar de um quarto no palácio para poder ficar de olho em você e em todo mundo. Um lugar bom, veja bem — disse ele, apertando os olhos como se ela pudesse tentar enganá-lo. — Grande o bastante para poder receber convidados. Ao lado dos seus aposentos.

— Ao lado dos... — Raisa franziu a testa. — Não. Isso não é possível.

Ter um mago logo ao lado não era boa ideia. Nunca tinha acontecido. Até Gavan Bayar e a rainha Marianna tinham quartos separados por uma ala inteira.

Han ergueu as mãos com as palmas para cima.

— Você quer proteção ou não? Quer que eu atravesse o palácio quando precisar de mim? — Como ela ainda hesitou, ele acrescentou: — Você perguntou o que eu queria, lembra? Não vou aceitar o serviço se não puder fazer direito. Você sabe quem vai levar a culpa, se der errado.

— Tudo bem — disse ela, se perguntando como Amon Byrne reagiria à ideia. — Mas nada de convidados. Não no quarto ao lado do meu.

Por motivos de segurança, disse ela para si mesma.

Ele abriu um sorriso malicioso.

— Vossa Alteza, tenho muitos amigos que nunca entraram em um palácio e...

Ela levantou a mão.

— Deixa pra lá, Alister. Já percebi que isso não vai dar certo. Vou aceitar os riscos de...

— Você venceu — interrompeu ele, como se soubesse que fora longe demais. — Nada de convidados. Não para passar a noite, pelo menos.

Ela olhou no rosto dele por um longo momento, e ele retribuiu o olhar com firmeza.

— Tudo bem, então temos um acordo. Nós...

— Segundo, vou precisar de um pagamento mensal — continuou ele. — Os clãs pagam minhas despesas, mas não quero contar com isso, para o caso de se encherem de mim. Tenho pessoas para sustentar na cidade, então... — Ele olhou para ela de lado, como se avaliasse o tamanho de sua bolsa. — Cinquenta "meninas", para começar.

— Cinquenta "meninas"! — Raisa revirou os olhos. — Quem você sustenta? Um harém de prostitutas?

Ela não ficaria surpresa, considerando as histórias que ouvira sobre o dono da rua Alister Algema.

— Não é da sua conta o que faço com o dinheiro — respondeu Han. — Você só precisa decidir se vale a pena pagar.

Raisa suspirou.

— Tudo bem. Cinquenta "meninas". Vou falar com o supervisor quando nós...

— Terceiro, você tem que continuar me ensinando boas maneiras — interrompeu ele. — Protocolo, como me vestir, danças, tudo o que preciso saber para estar na corte. Duas vezes por semana, no mínimo uma hora.

— É sério? — Raisa ergueu uma sobrancelha. — Parece que você está se saindo muito bem sozinho. Quando se esforça, quer dizer. Mas se é o que quer, vou arrumar um tutor para...

— Não. — Ele balançou a cabeça em negativa. — Você. Eu quero que *você* faça isso, só nós dois. Vai nos dar uma boa desculpa para nos reunirmos em particular regularmente.

Havia alguma coisa no olhar dele, alguma coisa que sugeria que aquilo era um tipo de teste no qual ela precisava passar.

Raisa apertou os lábios para impedir que mais palavras saíssem. E assentiu em concordância. Acesso era um dos favores que uma monarca podia conceder, e Han queria acesso garantido regularmente. Era inteligente da parte dele.

— Tudo bem — concordou ela. — Não é possível que haja mais alguma coisa.

— Uma última. Quero que me nomeie para o Conselho dos Magos.

Raisa o encarou fixamente.

— O quê?

— Em Vau de Oden, quando perguntei sobre o Conselho, você disse que a rainha indica um integrante. É isso que eu quero.

— Pensei que odiasse o Conselho dos Magos — respondeu ela. — Por que iria querer ser integrante?

— Talvez eu queira ser parte de um clube que jamais me deixaria entrar de outra forma. Só para irritar.

— Não é contra eles que você deveria lutar? — A voz de Raisa se elevou.

Han levou o dedo aos lábios.

— Shhh. Vou lutar contra o Conselho de dentro. Mas os Demonai não vão entender. Esse é um dos motivos para eu precisar de um pagamento seu.

— Se eles acharem que você se virou contra eles, vai estar arriscando mais do que sua renda — disse Raisa.

— Vou correr esse risco — rebateu Han. — Vou estar trabalhando para você, e você é a rainha, certo?

Raisa massageou a testa.

— Tem certeza de que, no fundo, você não é comerciante?

— Somos todos comerciantes em Feira dos Trapilhos — respondeu Han.

Raisa pensou no assunto. Para falar a verdade, ela preferia Han Alister à maioria das pessoas em que conseguia pensar para indicar para o Conselho. Ele provavelmente era menos perigoso, pois não

tinha alianças preexistentes nem ligações familiares. E ela não conseguia imaginá-lo se aliando aos Bayar.

— Tudo bem. Vou indicar você para o Conselho dos Magos.

Han cuspiu na palma da mão e a estendeu.

Revirando os olhos, Raisa fez o mesmo e apertou a mão dele.

— Rosa Agreste?

Raisa ergueu o olhar, assustada. Reid Andarilho da Noite tinha se aproximado sem que eles percebessem. Os olhos escuros dele se desviaram de Raisa para Han.

— Os cavalos estão alimentados e descansados, e estamos prontos para partir. São mais duas horas até o pico Marianna.

Han sorriu.

— Já terminamos — disse ele, e foi andando na direção dos cavalos com certo gingado.

Reid ficou olhando.

Raisa se perguntou o quanto ele ouvira.

E se perguntou se Han tivera a intenção de que ele ouvisse.

Quem era o verdadeiro jogador, ela ou Han Alister? E qual era o jogo dele?

Ela estava completamente envolvida, e de muitas formas. Vulnerável a ele de muitas formas.

Tenho que melhorar nisso, pensou ela, se quero sobreviver.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Espectáculo

Era o meio da tarde quando chegaram à encosta norte de Marianna, logo abaixo da junção dos picos gêmeos. Os Demonai mandaram vários guerreiros à frente para explorar a área e garantir que o caminho estivesse livre de olhos inimigos.

Sabiá Noturna era um deles. Ela voltou para informar que o exército comum tinha estabelecido um cerco leve ao norte do local da cerimônia fúnebre.

— Colocaram soldados na encosta acima do local da cerimônia, mas não muitos. A maioria foi enviada para a planície, pois eles parecem mais preocupados com ameaças vindas de baixo. Há uma multidão enorme já reunida, e mais pessoas chegam o tempo todo. A Guarda da Rainha ergueu barricadas ao redor do lugar, mas a encosta toda do Marianna já está lotada de gente.

— É mesmo? — disse Elena, franzindo a testa. — Que tipo de gente? Soldados ou...

— Dentro do cerco, bruxos, a nobreza do Vale e soldados — respondeu Sabiá Noturna. — Embaixo são os cidadãos comuns. Não sangues azuis, mas comerciantes e trabalhadores, soldados de linha e estudantes. Deve ter ladrões também. Milhares de pessoas.

Raisa olhou para Han, que parecia totalmente concentrado em Sabiá Noturna. Tinha no rosto uma expressão educadamente interessada.

Sabiá Noturna continuou a relatar.

— Falei com o cabo responsável pela Guarda e contei que Elena *Cennestre* e um pequeno grupo da realeza dos clãs e de guerreiros

Demonai chegariam em breve, vindos do norte. Falei que, depois da cerimônia, acamparíamos na encosta norte e voltaríamos para casa amanhã ou depois.

Estrategicamente, era um bom lugar para estar. Os Demonai poderiam colocar arqueiros no alto, e isso deixaria uma porta dos fundos aberta para recuarem rápido, se necessário.

— Quem era o cabo? — perguntou Raisa. — Quem é o responsável?

— O cabo Fallon — respondeu Sabiá. — Mason Fallon.

Um calafrio de apreensão desceu por entre as escápulas de Raisa. Outra pessoa que ela não conhecia, escolhida por seus inimigos. Estava feliz porque Amon estaria lá.

— Como vai ser a cerimônia? — questionou Elena.

— Montaram vários pavilhões grandes ao redor da pira da rainha — respondeu Sabiá. — Um ostenta a bandeira do Lobo Gris, então é provável que a princesa Mellony fique nele. Outro ostenta o estandarte dos Bayar. Um terceiro exhibe o olho sem pálpebra, embora eu não tenha visto Lorde Demonai. A tumba fica acima do local do velório, construída na lateral da montanha. Há várias pessoas espalhadas pela área, fazendo os preparativos.

— Você viu o cabo Byrne? — perguntou Raisa.

Sabiá balançou a cabeça em negativa.

— Ele vai escoltar o corpo da rainha. Uma pequena tumba para o falecido capitão vai ser construída abaixo da dela. Vi vários soldados das terras baixas guardando o local.

Então o capitão Byrne será enterrado perto da rainha, pensou Raisa. Nos braços da montanha dela. E Amon estava lá, esperando por ela. E o resto dos Lobos Gris, amigos que ela não via desde Vau de Oden. Amigos em quem podia confiar. Raisa respirou fundo e soltou o ar devagar. Ótimo.

— Fallon disse que o orador Jemson faria uma cerimônia breve, primeiro para o capitão Byrne e depois para a rainha. Depois, o corpo da rainha Marianna será colocado nas chamas, o que vai

libertar seu espírito para que ganhe residência nas montanhas. O Grão-Mago e um representante do Conselho dos Regentes também vão falar.

— Mas não a princesa Mellony? — perguntou Raisa.

Sabiá fez que não.

— Eles dizem que a princesa está sofrendo demais para falar.

Ou intimidada demais por seus guardiões, pensou Raisa, com tristeza. Se ela quiser ser rainha, precisa aprender a se impor. O povo precisa ouvir diretamente o que ela tiver a dizer.

Eles montaram acampamento temporário sob a proteção da floresta e se reuniram uma última vez, Raisa com Reid Andarilho da Noite Demonai, Willo Canção d'Água, Elena *Cennestre*, Han Alister e Dançarino de Fogo.

— Rosa Agreste — disse Elena —, sei que você quer estar presente na cerimônia para sua mãe, mas ainda digo que seria mais seguro assistir da encosta da montanha. Poderíamos deixar um grupo de guerreiros com você como guarda. Assim, você poderá ver tudo, mas longe do perigo.

Raisa negou com a cabeça.

— Eu vou à cerimônia fúnebre de minha mãe. Já discutimos isso.

Elena suspirou e coçou o queixo.

— Achei que você diria isso. — Ela colocou a mão no braço de Raisa. — Então eu imploro. Você está vestida como uma Demonai. Se precisa ir até a tumba, é improvável que seja reconhecida se seguirmos em grupo, com você escondida no meio de nós.

— Vovó, eu preciso participar da cerimônia como princesa-herdeira — afirmou Raisa. — Na frente do máximo de testemunhas possível, para que mais tarde não possam negar que voltei ao reino. É a única forma de garantir minha sucessão ao trono.

— Você não pode subir ao trono Lobo Gris se estiver morta — retorquiu Elena. — Não podemos proteger você se entrar no meio de uma multidão. Sei que quer provar que não é covarde, mas...

— Não estou fazendo isso para provar nada além de minha presença e minha intenção de subir ao trono — disse Raisa. — Estou fazendo isso para honrar minha mãe.

— Se você viver para ser coroada, espero que essa obstinação lhe sirva bem como rainha — resmungou Elena.

— Han Alister jurou garantir minha segurança. Foi ideia sua, lembra? E Dançarino de Fogo concordou em ajudar. Desenvolvemos um plano e temos que segui-lo.

Todos os olhares se viraram para Han, que estava com os pés ligeiramente afastados e os braços cruzados sobre o peito, o cabelo brilhante balançando na brisa da encosta. O amuleto de Caçador Solitário cintilava contra o preto sóbrio de sua túnica.

Dançarino de Fogo tinha se afastado do grupo para pegar os alforjes que carregara o dia todo. Ele soltou as fivelas e tirou um peitoral de aço reluzente e manoplas com o emblema do Lobo Gris.

— Armadura? — questionou Elena. — Você vai usar uma armadura? Esse é o plano? Acha que *isso* vai proteger você das chamas dos magos?

— Não, avó, mas vai me proteger de outros tipos de assassinos — respondeu Raisa. — Lembre, a rainha Marianna morreu ao cair da torre. O capitão Byrne foi cravejado de flechas. Desta forma, os magos não vão poder contratar outros para fazer o trabalho sujo. Vão ter que mostrar as caras, se quiserem me matar.

Elena tocou o peitoral, passou os dedos cansados no entalhe do pescoço e nas runas delicadas gravadas nas laterais. Encarou Raisa com olhos brilhando.

— Isso é trabalho Demonai. Quem fez isso, Rosa Agreste, e quando? Tem poder considerável aí.

— Eu fiz — disse Dançarino, colocando os alforjes de lado. Ele ficou de pé e a encarou. — É trabalho meu.

Um murmúrio zangado cresceu entre os guerreiros Demonai.

— Você? — Elena o fitou. — Mas é impossível. Você é um...

— Sou um artesão mágico, Elena *Cennestre* — disse Dançarino, erguendo o queixo. — Ou pretendo ser.

— Quem está lhe ensinando? — perguntou Elena. — Porque, seja quem for, está fazendo um jogo arriscado.

— Parem! — exclamou Raisa. — Como podemos esperar vencer nossos inimigos se ficamos discutindo uns com os outros?

Esta é minha vida de agora em diante, pensou ela. *Resolver briguinhas entre magos, integrantes dos clãs e o povo do Vale.*

— Magos não têm permissão de fabricar armas mágicas, Alteza — afirmou Elena. — Concentra poder demais nas mãos deles.

— Isso não está na Naéming — respondeu Dançarino, firmando os pés com teimosia. — Não está escrito.

— Não está escrito porque ninguém esperava que um bruxo nascesse nos campos — disse Andarilho da Noite. — Ou que vivesse o bastante para...

— Os dons de Dançarino de Fogo vêm do Criador — falou alguém em voz alta e clara. — Quem somos nós para questionar os desejos do Criador?

Raisa se virou. Era Sabiá Noturna, a jovem guerreira Demonai. A que ainda idolatrava Reid Andarilho da Noite.

O que houve em seguida foi um silêncio estupefato. Dançarino e Han olharam-na com surpresa evidente, mas Andarilho era quem parecia mais atônito.

— Talvez os talentos únicos de Dançarino sejam exatamente do que precisamos agora — prosseguiu Sabiá Noturna. — Talvez devêssemos receber de braços abertos qualquer dom que ajude a manter esta rainha em segurança.

A expressão de Andarilho da Noite foi de atônita para traída.

— Sabiá Noturna, pense melhor — disse ele. — Há dons que é melhor recusar.

— Quem decide isso? — perguntou Han. — Não são os Demonai.

— *Eu* decidi — disse Raisa, alto. — Eu decidi aceitar o dom de Dançarino de Fogo, e isso encerra a discussão. Vocês todos vão

descer para se juntar aos outros no local da cerimônia fúnebre. Han, Dançarino e eu vamos ficar aqui até a hora de começar.

— Por que você não vai conosco? — perguntou Andarilho da Noite, olhando para Han sem tentar disfarçar a desconfiança.

— Preciso ser vista como rainha de todo o povo de Fells: habitantes do Vale, magos e clãs das Espirituais — respondeu Raisa. — Já estou usando trajes dos clãs. Se eu seguir com gente dos clãs das terras altas, vai parecer que pertencço a vocês. — Observando o mar de testas franzidas ao redor, ela acrescentou: — Não se preocupem, não pretendo morrer hoje.

Andarilho da Noite, junto com um pequeno grupo de Demonai, insistiu em ficar, perto de Raisa, para o caso de haver uma emboscada, segundo ele. Se esperava uma emboscada de Han Alister ou de outra pessoa, não esclareceu. Raisa e o grupo ficaram no limite das árvores, vendo o restante dos Demonai descer para a tumba. Inclusive Sabiá, que Andarilho da Noite mandara seguir com os outros.

Raisa se sentou com um exemplar do *Livro das orações e liturgias do Templo*, que levara de Pinhos Marisa. Han e Dançarino foram descansar debaixo de uma árvore, conversando baixinho, cada um segurando o amuleto, acumulando o máximo de poder possível no tempo que ainda tinham. Reid Andarilho da Noite e seus guerreiros ficaram de olho nos eventos que transcorriam lá embaixo. Willo ficou mexendo nos montes de roupas que tirou dos alforjes que levara.

Raisa leu e releu as passagens designadas a ela, lutando para se concentrar, falando aquelas palavras poderosas baixinho, guardando-as novamente na memória.

Tinha estudado aquelas orações em preparação para seu rebatizado, mas nunca fora ao enterro de uma rainha. A rainha Lissa, sua avó, morrera antes de Raisa nascer. Marianna também subira ao trono com pouca idade. Raisa não conseguiu deixar de se

perguntar se a mãe teria se saído melhor se tivesse tido mais tempo para se desenvolver na função.

Agora, Raisa enfrentava o mesmo dilema. Seria poder demais, cedo demais?

Um ruído baixo interrompeu seus pensamentos. Ela ergueu o rosto e deu de cara com Andarilho da Noite de pé a sua frente.

— Estão trazendo o corpo da rainha Marianna em procissão montanha acima. Está na hora de irmos.

Raisa se levantou, e Andarilho da Noite colocou as mãos em seus ombros, se inclinou e beijou sua testa.

— Fique bem hoje, Rosa Agreste — disse ele. Então desviou o olhar para Han e Dançarino e, por fim, para ela de novo. — Fique alerta.

— Vai ficar tudo bem, você vai ver — afirmou Raisa, olhando nos olhos de Andarilho da Noite, torcendo para que ele acreditasse nela. Torcendo para que fosse verdade.

— Espero que esteja certa — respondeu ele. — Isso é difícil para mim.

Ele deu um sorriso leve, inclinou a cabeça e se virou. O restante dos guerreiros Demonai montou nos cavalos, percorreu o cume do morro e sumiu, deixando Willo, Han, Dançarino e Raisa sozinhos.

Raisa se preparou para a guerra à frente, sabendo que, quando se tratava de política, incorporar o papel costumava ser metade da batalha.

Willo tinha separado várias peças de roupas em pilhas. Deu a Han um montinho de tecido preto e prateado.

— Não é meu melhor trabalho, Caçador Solitário, pois foi feito com rapidez — disse ela. — Mas acho que vai servir.

Os olhos escuros dela o observaram, como se tentassem adivinhar o objetivo dele.

Han apenas assentiu e pegou as roupas.

— Obrigado.

Ele se virou e se afastou na direção do cavalo.

Raisa teve pouco tempo para ficar curiosa. Willo entregou a ela uma grossa jaqueta acolchoada, uma espécie de forro para a armadura. Raisa tirou a capa de sombras e colocou a jaqueta por cima do traje dos clãs.

Dançarino desafivelou o peitoril e o segurou aberto, para Raisa enfiar os braços. Ele apertou na frente e ajustou para acertar o encaixe nos ombros. Ela enfiou os braços nas manoplas, e ele também as ajustou. Dançarino tinha feito um bom trabalho, as peças eram leves e bem-acabadas. A magia nelas zumbia contra a pele de Raisa.

Willo colocou uma capa carmim nos ombros dela. Tinha a imagem de um lobo gris rosnando, feita de bordado intrincado.

— Espero que saibam o que estão fazendo — disse ela, desviando o olhar de Raisa para Han e Dançarino. — Isso vai marcá-los como um estandarte.

— Então Lorde Bayar não vai precisar dos óculos mágicos para me ver. Perfeito — disse Raisa, passando os dedos pelo bordado. — É lindo — sussurrou ela. — Como foi que você...?

— Fiz adiantado em homenagem à sua coroação — explicou Willo. Ela deu um sorriso triste. — Eu não fazia ideia de que lhe daria este presente tão cedo.

— Obrigada — disse Raisa, e a abraçou, a armadura como uma barreira entre elas. — O que você...?

— Vou ficar aqui esperando vocês — respondeu Willo rapidamente, como se estivesse esperando a pergunta. — Já fiz luto por Marianna de acordo com a Tradição Antiga. Já conversei com Averill. Ele entende, assim como espero que entenda também.

— É claro — disse Raisa, confusa. — Mas...

— Alteza.

A voz de Han interrompeu a conversa delas. Raisa ergueu o rosto e viu que Han e Dançarino já estavam montados.

Dançarino acenou com a mão, galopou até o topo do morro e desapareceu. Ele seguiria na frente e encontraria um ponto de

observação de onde pudesse ficar de olho nos Bayar e nos outros magos presentes, para impedir ataques mágicos.

Han estava montado no cavalo com as costas muito eretas, o rosto frio, imóvel e pálido como mármore esculpido; seus olhos azuis vívidos eram a única cor presente nele. Estava usando o casaco que Willo fizera para ele. Era preto e prateado, decorado com pinturas e bordados. Serpentes metálicas subiam pelas mangas dos punhos aos ombros. Um lobo cinzento e um corvo olhavam um para o outro nas lapelas do casaco, e as costas tinham o bordado de um cajado de mago com serpentes enroladas e passando pela coroa Lobo Gris.

O que é isso?, perguntou-se Raisa. Ele era plebeu, então não tinha emblema de família. Por outro lado, alguns plebeus criavam um quando subiam na vida.

Han não parecia ser do tipo que se importava com essas coisas.

O lobo devia significar que ele estava a serviço dela. Mas por que Han se daria ao trabalho de proclamar uma obrigação da qual não gostava? Além do mais, ele devia ter discutido isso com Willo bem antes da conversa deles na trilha. A sensação de que ela estava sendo manipulada por um mestre voltou.

— Alteza — repetiu Han. Ainda soava peculiar quando ele falava. Ele inclinou a cabeça na direção do alto do morro. — Está pronta?

Raisa conseguiu subir na sela de Switcher, apesar do peso adicional da armadura. A égua deu um pulinho de susto com o peso inesperado.

— Estou — disse Raisa, se firmando. — Vamos.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Despedidas

Han olhou para o recém-batizado pico Marianna, para os preparativos acontecendo encosta abaixo. Da distância em que estava, via pontos coloridos, como manchas de tinta. O azul intenso dos casacos azuis espalhados ao redor do que devia ser a tumba modesta do capitão Edon Byrne.

Han desejava ter tido a oportunidade de discutir seus planos com o cabo Byrne. O casaco azul era uma boa pessoa para se ter como aliado.

Também desejava ter tido a oportunidade de discutir a situação com Corvo, pedir conselhos. Fora um erro surpreendê-lo apresentando Dançarino na hora em que mais precisava da ajuda dele. Será que o veria de novo?

Se desejos fossem cavalos, mendigos cavalgariam, era o que sua mãe sempre dizia.

O pavilhão Demonai exibia a bandeira do olho sem pálpebra, e os próprios Demonai estavam amontoados um pouco acima da plataforma, como o marrom e o verde-pálido da floresta da primavera. Sabiá estava lá em algum lugar.

Ela o surpreendera ao desafiar Reid Demonai. Sabiá sempre fora determinada e tinha opinião própria, e Han achava que isso provavelmente provocaria atrito com Andarilho da Noite. Seria interessante ver o que aconteceria dali em diante.

Bem. Nem tão interessante. O que acontecia entre Sabiá e Andarilho da Noite não era da conta dele.

A bandeira do Lobo Gris balançava ao vento, bem acima da tenda em que a princesa Mellony devia estar esperando. E o Conselho dos Magos tinha seu próprio pavilhão, com o emblema do Grão-Mago, a espada em chamas.

Para Han, eles pareciam campos armados se enfrentando, como tinha visto em Arden, que estava em guerra. Lembrou-se do que Corvo dissera sobre equilíbrio. Era só aplicar um pouco de pressão onde fazia mais diferença e muita coisa poderia ser obtida. Havia oportunidade nos problemas milenares que dividiam as pessoas de Fells. Han pretendia tirar vantagem disso. Era a única forma de vencer. A única forma de conseguir o que queria, assim que decidisse o que era.

A plataforma era um jardim florido de cores, cheio da nobreza vestida em seus melhores trajes. Afinal, era uma ocasião feliz para alguém. Outra rainha logo reinaria no Vale.

Alguém tinha feito isso acontecer, e Han precisava descobrir quem e por quê.

As encostas mais baixas do Marianna estavam lotadas dos tons neutros que os plebeus preferiam, cores que disfarçavam a sujeira do uso repetido das roupas. Cores de cinco dias, era como sua mãe as chamava.

O próprio chão parecia oscilar e tremer com milhares de pessoas procurando uma vista melhor. Os atrasados não tinham esperança de chegar sequer a quilômetros da cerimônia. Cat devia estar lá embaixo também, fazendo seu próprio tipo de magia.

Uma longa procissão de sangues azuis montados seguia na direção dos pavilhões no centro do local. Mesmo de longe, Han percebia que usavam suas melhores roupas. E ali estava o corpo da rainha morta, seguindo para o local da cerimônia fúnebre. As multidões das encostas mais baixas se afastaram com má vontade para deixar que passasse. Han estava acostumado a uma atmosfera festiva em execuções e enterros de sangues azuis. Era,

pelo menos, algo fora da rotina para aqueles com vidas monótonas. Mas o clima daquela multidão parecia sério e ameaçador.

Uma fila estreita de guardas separava os cidadãos comuns dos nobres, mais acima.

O caixão da rainha vinha seguido de uma guarda de honra de casacos azuis. Amon Byrne ia na frente, segurando a urna com as cinzas do pai. E, imediatamente atrás, um cavalo sem cavaleiro, do tipo padrão militar, com as botas invertidas nos estribos.

Han olhou de lado para Rebecca... para Raisia, a rainha. Ela poderia ser uma rainha élfica das histórias, com armadura mágica, espada sob medida e cabelos ao vento. A capa de Lobo Gris ondulava atrás dela com a brisa.

Uma lembrança voltou à mente dele: Rebecca na viela de Vau de Oden, andando na direção dele com a faca na mão, deixando um pretenso agressor caído no chão de pedra. Rebecca prometendo a Han o mesmo tratamento se ele não saísse do caminho dela.

As imagens reverberaram na mente dele até deixá-lo enjoado. Elas realmente eram a mesma pessoa? A amiga que ele conhecia e a herdeira do trono de Fells?

Quando ele se concentrou em Raisia, viu que o nariz dela ficara rosado e que os olhos, fixos no caixão da rainha, brilhavam com lágrimas ainda não derramadas.

Ele desviou o olhar e abafou sua solidariedade. As únicas palavras faladas sobre o corpo de sua mãe e o de Mari foram suas próprias orações desajeitadas, e elas saíram de sua boca por pouco. Que sentido faria chamar por um Criador que permitira que as duas morressem queimadas?

Raisia estava aprendendo lições que ensinaram a ele muito tempo antes; o que podia acontecer se você contrariasse um sangue azul poderoso.

Os que carregavam o caixão chegaram ao pavilhão onde aconteceria a cerimônia. O corpo envolto em linho foi colocado no local, na plataforma coberta de flores. O cabo Byrne entregou a

urna, que foi colocada em posição de honra abaixo do caixão. Em seguida, desmontou e ficou em posição de sentido com o resto da guarda. Os sangues azuis seguiram para os assentos privilegiados perto da plataforma.

Era hora.

Han olhou para o céu. Nuvens de tempestade se acumulavam por trás de Hanalea, seguindo para os picos mais baixos como braços compridos querendo alcançar a multidão. O céu a oeste estava peculiarmente verde e relâmpagos brilhavam atrás da Muralha Ocidental. O vento aumentou e soprou sobre o Marianna, lembrando a qualquer um que houvesse esquecido que a primavera era uma estação incerta nas montanhas.

A nuca de Han ficou arrepiada. As pessoas podiam dizer o que quisessem das rainhas Lobo Gris, mas elas tinham uma ligação mágica com as Montanhas Espirituais. Ele torcia para que isso tornasse seu trabalho mais fácil.

Han olhou para Raisa, que assentiu, erguendo o queixo, os olhos verdes arregalados e sem piscar. Destemida.

— Tome cuidado para não cair — avisou Han, desejando poder dar um aviso mais claro. — Não sei como os cavalos vão reagir a tudo isso.

Ela assentiu de novo, agarrou as rédeas e apertou os lábios com força.

Muito bem, então. Han esticou a mão livre para ela e deslanchou as ligações que já tinha estabelecido. Os dois começaram a brilhar, cada vez mais intensamente, até cintilarem como duas estrelas caídas na terra. Raisa esticou as mãos que formaram um arco amplo e flamejante, como asas. Os cavalos também brilhavam intensamente, parecendo os animais que diziam que o deus do sol usava para cavalgar pelo céu.

O espectro ao redor deles cresceu e se expandiu, de forma que os dois pareciam ter o dobro do seu tamanho real. *No mínimo,*

pensou Han, *isso nos tornará alvos difíceis se as barreiras mágicas falharem.*

E então os lobos vieram; terríveis e maravilhosos, com olhos flamejantes e dentes afiados e pelagem opulenta sobre os ombros enormes. Eram lobos do tamanho de cavalos, com dentes do tamanho de adagas.

Os lobos eram reais, ao menos aos olhos de Han. Vinham aparecendo para ele desde que se ligara a Raisa na tentativa desesperada de curá-la. Han apenas os envolvera em glamour, para aumentar seu tamanho, incrementar sua aparência e torná-los visíveis para todo mundo.

Agora, eles pareciam as feras monstruosas das histórias apavorantes de sua mãe, os cães do inferno em que o Destruidor montaria no fim dos dias.

Trinta e dois lobos os precederam pela colina, descendo na direção da multidão na encosta. Eram quase quatro dezenas de rainhas Lobo Gris desde Hanalea.

Quando Han e Raisa chegaram ao topo da colina, a luz se espalhou pela lateral da montanha à frente, dispersando a sombra das nuvens.

Devemos parecer o nascer do sol, pensou Han. *Um novo dia.* Ele sorriu para si mesmo. Tinha se dado um papel de destaque naquele drama de propósito. Embora fosse fazer dele um alvo, estava na hora de as pessoas começarem a vê-lo de forma diferente.

Ele estava fazendo um espetáculo, junto com Raisa.

Cabeças se viraram conforme eles desciam a montanha a cavalo, lado a lado. Os guerreiros Demonai estavam mais acima da encosta e de olho neles. O povo dos clãs se virou e olhou para a montanha, protegendo os olhos contra o brilho.

O som de suas vozes alcançou Han.

— As rainhas lobas vêm cumprimentar a irmã Marianna! — gritaram eles, como planejado. — Aí vêm as rainhas Lobo Gris!

Os Demonai se afastaram para os dois lados, deixando um caminho amplo no meio. Eles caíram de joelhos quando os lobos passaram.

Àquela altura, Han já estava perto o bastante para ver a reação entre os sangues azuis. Ficou satisfeito em ver o orador Jemson com as vestes elegantes do Templo acima da plataforma. Jemson apertou os olhos para encará-los, sua testa se enrugou e sua expressão demonstrava leve perplexidade.

A plataforma estava lotada de magos. Han reconheceu o Grão-Mago, Gavan Bayar, e Micah e Fiona também, junto com mais uma meia dúzia.

Lorde Bayar os encarou com o braço acima dos olhos. Parecia não conseguir identificar quem eram, pois estava cego pela emissão brilhante de Han.

Os três Bayar se posicionaram entre o truque de Han e os dignitários no palco. Mantiveram as mãos nos amuletos, como se quisessem usá-los mas não conseguissem decidir qual feitiço.

Um mercenário corpulento, com uniforme elaborado das terras altas repleto de medalhas militares, se inclinou para falar com Lorde Bayar. Bayar balançou a cabeça com expressão de raiva, sem tirar os olhos de Han e Raisa.

Atrás deles, Averill Pés Ligeiros Demonai, o consorte da rainha e pai de Raisa, estava ao lado de uma bela garota loura de grandes olhos azuis. Pés Ligeiros colocou uma das mãos no ombro dela, para tranquilizá-la, ou talvez para mantê-la sentada. Alta e magra, a garota usava diamantes no pescoço e nos pulsos e uma espécie de minicoroa na cabeça.

Ela não se parecia em nada com Raisa, mas Han concluiu que devia ser a irmã mais nova, a princesa Mellony.

Ela estava impressionada com a emissão, pelo menos. Parecia morta de medo.

Os casacos azuis assumiram formação, com as espadas nas mãos, criando uma barreira frágil na frente da plataforma. Han

pensou que eles tinham coragem, para enfrentar aqueles lobos que pareciam capazes de engoli-los inteiros, dois de cada vez.

Mas os lobos não atacaram. Eles se enfileiraram na frente dos casacos azuis e se sentaram, expondo os dentes enormes.

Tudo ficou em silêncio por um longo momento, exceto pelo estalar de bandeiras ao vento. Até a multidão na parte baixa da encosta ficou completamente silenciosa, como se prendesse a respiração.

— Quem são vocês? — perguntou Lorde Bayar. — Como ousam atrapalhar nossa cerimônia para a rainha Marianna com um feitiço?

Raisa respondeu com voz alta e clara:

— Não me reconhece, Lorde Bayar?

Os olhos de Han estavam na princesa Mellony enquanto Raisa falava. Mellony se encolheu e ficou pálida ao som da voz da irmã. Averill se inclinou e falou no ouvido dela.

Uma mulher alta e corpulenta, com uma trança grisalha comprida, se adiantou e ficou de pé atrás da princesa Mellony, apoiando as mãos nos ombros dela. Lágrimas escorriam pelo rosto da mulher.

— Doce Santa Lady! — disse ela com voz potente, quase como se tivesse sido treinada. — É a princesa Raisa que voltou para casa! Vida longa à linhagem Lobo Gris.

— Embora alguns possam se deixar enganar por um truque de magia, eu não — afirmou Lorde Bayar, erguendo a voz como se quisesse encobrir a da mulher. — Apesar de ser uma bela magia, é de mau gosto. Apenas assustou aqueles que querem homenagear a falecida rainha. Identifique-se ou nos deixe em paz. Se não obedecer, não ligo para quem seja, prestará contas ao Conselho.

— Lorde Bayar — disse Raisa. — Sou Raisa *ana* Marianna, a herdeira do trono Lobo Gris, e vim prestar luto a minha mãe. Nem um mago com coração de pedra me negaria isso.

Com isso, Han fez com que o brilho que os cercava morresse até virar um leve cintilar. Ao mesmo tempo, direcionou mais poder para

os escudos mágicos, feliz por ter carregado o amuleto ao máximo nos dias anteriores.

Um murmúrio percorreu a multidão como vento nos álamos.

Han viu um leve movimento do lado direito. Era Dançarino, seguindo pela lateral da plataforma, com os olhos fixos no Grão-Mago, reforçando as barreiras a partir de outra direção, pronto para agir, se necessário. Ninguém além de Han pareceu reparar nele; Dançarino estava envolto em glamour, e todos estavam concentrados na aparição à frente.

Micah estava rígido, os olhos grudados em Raisa, como se tivesse visto um fantasma. Ele fechou os olhos e voltou a abri-los, como se ela pudesse desaparecer no intervalo.

Os olhos pálidos de Fiona se fixaram em Han, percorrendo-o como um pente de dentes de aço.

Lorde Bayar tinha uma expressão insondável, Han tinha que admitir. Quando seus olhos negros se viraram para ele, se estreitaram um pouco, o único sinal de que o Grão-Mago o reconheceu. Fora isso, sua expressão só demonstrava desdém e impaciência.

— Você realmente espera que acreditemos que essa é a princesa-herdeira? — O Grão-Mago balançou a cabeça, como se não imaginasse que Han fosse tentar um golpe tão baixo. Ele se virou para Mellony e inclinou a cabeça. — Sinto muito, Alteza. É um truque cruel para despertar suas esperanças. Com magia, é fácil fazer uma coisa parecer outra. Esta mulher deve ser apenas uma prostituta de rua enfeitada.

O sangue sumiu do rosto de Raisa, deixando dois pontos de cor furiosa nas bochechas.

— Lorde Bayar! — chamou ela, a voz clara e gélida como um lago congelado em janeiro, badalando como os sinos do templo. — Talvez queira que eu conte para todo mundo por que precisei sair de Fells contra minha vontade.

Micah se remexeu desconfortavelmente, e sua pele passou de mármore a porcelana. A multidão nas encostas começou a murmurar e se agitar.

Bayar pareceu preferir se concentrar em Han. O Grão-Mago esticou a mão para ele, que se obrigou a não se encolher.

— Madame, você é avaliada por sua companhia. Esse *garoto* é Alister Algema, um ladrãozinho.

Outro murmúrio se espalhou pela encosta.

— *Alister! Aquele é Alister Algema!*

— Aquele é Alister Algema? — falou o general que portava a espada, parecendo ecoar a multidão. — Mas... mas olhem para ele! É um *magô*.

— Um *ladrão* qualquer — repetiu Bayar por entre dentes trincados — que, de alguma forma, aprendeu magia. Acreditamos que ele se envolveu em uma aliança profana com demônios que requerem sacrifício de sangue como pagamento. Pode ser que também tenha adquirido ferramentas mágicas ilegais com seus aliados entre os cabeças de fogo.

O Grão-Mago pareceu ficar mais alto e ganhar brilho, como se quisesse competir com Alister. Manteve o rosto virado para Han e Raisa, mas sua plateia eram os sangues azuis atrás.

— Como alguns de vocês já sabem, no verão passado Alister foi implicado em uma série de brutais assassinatos de rua em Ponte Austral, feitos com magia — disse Bayar. — Quando o confrontei, ele tentou me matar. Fugiu do país quando a rainha Marianna ofereceu uma recompensa pela cabeça dele. Agora voltou, aparentemente querendo tirar vantagem deste momento de transição para nos destruir. — Ele fez um gesto para a fila de casacos azuis na frente da plataforma. — Cabo Fallon! — disse ele para um homem corpulento com feições intensas e uma sombra de barba por fazer. — Prenda-o!

Han não sabia o que o Grão-Mago pretendia. Talvez achasse que Han fosse responder com um ataque mágico e, na confusão, os

Bayar tivessem a oportunidade de matar tanto a ele quanto Raisa.

Compreensivelmente, o cabo Fallon não se adiantou. Olhou de Bayar para Han e deu um passo relutante.

Raisa colocou o cavalo na frente de Han e esticou a mão com a palma para a frente.

— Pare, cabo Fallon, se você é, como alega ser, defensor da linhagem Lobo Gris.

Destemida, pensou Han, com admiração relutante.

O cabo Fallon parou, passando o olhar de Raisa para Han, com a mão no cabo da espada. Ele lambeu os lábios e engoliu em seco.

— Han Alister salvou minha vida, Lorde Bayar — disse Raisa. — Quer goste ou não, ele é o motivo de eu estar aqui à sua frente hoje. Devo a ele minha gratidão, não uma cama na prisão. Portanto, dei a ele perdão incondicional. Qualquer pessoa que botar as mãos nele vai ter que responder a mim.

Han olhou nos olhos de Bayar, pensando: *Eis mais um motivo para o Grão-Mago uivar pelo meu sangue.*

Bayar encarou os dois, com a mão no amuleto e os olhos apertados como se avaliasse a força da barreira que Han havia erguido.

Han permaneceu sentado ereto na sela, tocando o próprio amuleto, com o queixo empinado, olhando-o de uma forma que dizia inconfundivelmente: *Pode vir, Bayar. Mas é melhor me matar com o primeiro disparo.*

Alguma coisa primitiva dentro de Han desejava o ataque, ansiava pela chance de acabar com tudo naquele momento, de uma forma ou de outra.

Paciência, Alister, pensou ele. *Nunca ataque se não estiver em posição de vencer.*

Han olhou para Fiona e Micah, de pé logo atrás do pai. Os olhos de Micah ainda estavam fixos em Raisa. Já os de Fiona estavam grudados em Han, as sobrancelhas franzidas em uma expressão de admiração, mordendo o lábio.

A atenção de Alister foi atraída para o chão quando um grupo de casacos azuis liderado por Amon Byrne entrou no espaço entre Han e Raisa e os guardas que protegiam a plataforma. Eles encararam o Grão-Mago com as espadas nas mãos. Alguns rostos eram familiares de Vau de Oden: Garret Fry e Mick Bricker, Talia Abbott e Pearlie Greenholt. Os guerreiros Demonai se moveram para os dois lados deles, com os arcos prontos, protegendo as laterais.

— Ajoelhem-se diante da princesa-herdeira — disse Lorde Averill, em voz alta e grave. — E agradeçam ao Criador por ela ter voltado para nós.

Averill se apoiou sobre um joelho e inclinou a cabeça, seguido da mulher de cabelo grisalho que falara antes.

Os casacos azuis de Byrne caíram de joelhos. Os Demonai se abaixaram de lado de uma forma quase cômica, demonstrando respeito à princesa e, ao mesmo tempo, mantendo os olhos e as armas apontados para os magos na plataforma.

Feitiços são mais lentos do que flechas, pensou Han.

O orador Jemson se ajoelhou, com as vestes balançando ao redor do corpo. Elena se ajoelhou ao lado da cadeira. Dançarino se ajoelhou na beirada do pavilhão, mantendo a cabeça erguida, a mão no amuleto e os olhos fixos nos Bayar. Mas ninguém mais.

Eles ficaram parados por um longo momento, como se equilibrados no fio da lâmina de uma espada. E então começou, vindo de baixo, um retumbar rítmico de vozes que cresceu e se espalhou em um rugido ensurdecedor.

— Rai-sa! Rai-sa! Rai-sa!

Houve até alguns gritos de:

— A-lis-ter!

Han olhou para além dos pavilhões com bandeiras coloridas, para além do caixão da rainha e dos sangues azuis na plataforma, e viu a multidão de plebeus parecendo ondular enquanto se ajoelhavam.

Han já estava esperando por isso, mas foi bom ver e ouvir mesmo assim. Cat Tyburn fizera bem o trabalho dela.

Então, lenta e dramaticamente, como folhas caindo de uma árvore, os outros fizeram o mesmo. Primeiro, a princesa Mellony ficou sobre um joelho ao lado do pai. Em seguida, alguns outros casacos azuis que Han não reconheceu, inclusive o general. Depois disso, os casacos azuis que protegiam a plataforma. Mason Fallon também.

Mas nenhum mago. Eles se juntaram em um grupo infeliz, como abutres expulsos de uma carcaça quente.

Então Micah Bayar empurrou a capa para trás e ficou de joelhos, baixando a cabeça, o amuleto balançando à frente. Fiona olhou para ele com raiva, como se quisesse bater os pés para ele em reprovação.

Hum, pensou Han. Micah rompendo com a família? Isso é interessante.

Mais três magos se ajoelharam. Em seguida, os irmãos Mander e uma maga gorducha de meia-idade com cabelo ruivo que devia ser a mãe deles. E mestre Gryphon.

Mestre Gryphon?

Han o encarou. Seu ex-professor estava entre dois magos mais velhos, um homem e uma mulher com roupas elegantes, nariz longo e aristocrático e boca infeliz. Enquanto Han olhava, Gryphon botou as muletas de lado, e o casal mais velho segurou os braços dele para abaixá-lo na plataforma. Eles também se ajoelharam, de cabeça baixa, mas Gryphon ficou olhando para Han, com uma expressão de curiosidade cruel no rosto.

Perguntas vibravam na mente de Han.

Por que Gryphon estaria ali, se o período de primavera já tinha começado?

Seria possível que todos os alunos e professores de Vau de Oden tivessem largado a escola em favor da política?

Han se forçou a olhar para outro ponto. Fiona também tinha se abaixado agora, deixando apenas Lorde Bayar de pé. O Grão-Mago olhou ao redor, balançou a cabeça e deu seu sorriso de crocodilo.

— Pela graça do Criador — disse ele, baixinho, observando o rosto de Raisa como se finalmente estivesse pronto para ser persuadido. — É mesmo Vossa Alteza?

— Parece que consegui convencer todo mundo do reino menos você, lorde Bayar — disse Raisa secamente, olhando para a multidão.

Reestimuladas, as pessoas gritavam “Rai-sa!” e “Rosa Agreste!” e “Alister!” e o que parecia ser “Morte a Bayar!”, embora estivesse confuso e difícil de identificar.

E, com isso, o Grão-Mago ficou graciosamente de joelhos. O bastardo de mãos sujas de sangue e sem coração estava com lágrimas nos olhos.

— Perdoe meu cinismo. Já perdemos nossa amada Marianna. Considerando a temporada de tragédias, já tinha me convencido de que Vossa Alteza também devia estar morta. — Ele balançou a cabeça. — Não consegui suportar nem a esperança de que isso não fosse verdade.

Aquela provavelmente era uma fala sincera.

A multidão rugiu em aprovação, o som se espalhando sobre eles como ondas em uma praia.

Raisa se empertigou nos estribos como se quisesse ficar o mais alta possível. Como estava a cavalo e um pouco acima dos que se encontravam no palco, conseguia falar sobre a cabeça dele para as multidões além. A armadura cintilava ao sol e a capa tremia e estalava ao vento.

Ela ergueu as mãos com as palmas para cima.

— Levantem-se! — disse ela, com aquela voz potente que estava ficando familiar. — Por favor, fiquem à vontade. É muito bom estar em casa. Senti falta destas montanhas e das pessoas que vivem

aqui, tanto do povo das terras altas quanto das baixas, dos clãs das Espirituais e dos magos.

Ela fez uma longa pausa.

— Vim para casa porque queria ver o rosto de minha mãe e ouvir a voz dela de novo. Agora, isso nunca vai acontecer. Há muitas perguntas difíceis a serem feitas e respondidas nos próximos dias, muitas decisões a serem tomadas.

O olhar de Raisa pousou no grupo na plataforma.

— Mas hoje eu vim, e as antigas rainhas vieram — ela acenou para o círculo de lobos enormes —, para homenagear minha mãe, a rainha Marianna. Ela é o elo de uma linhagem intacta que segue até a rainha guerreira, Hanalea, que curou a Cisão e salvou o mundo. Elos assim não se quebram com facilidade. A morte de rainhas desperta as bestas que se escondem sob a terra. Geram perguntas em todos nós, sobre o que aconteceu e o que vai acontecer.

Han ouviu com incredulidade enquanto Raisa falava. *Ela carrega discursos assim dentro dela o tempo todo?*, perguntou-se ele. *Para o caso de precisar? Ou será que eles surgem quando são necessários?*

Fosse lá como ela fizesse, era uma habilidade que ele precisava aprender.

O resto da tarde passou em um borrão. Han desmontou e ajudou Raisa a descer do cavalo sob o olhar intenso dos Bayar. Ele e Amon Byrne subiram os degraus da plataforma juntos, logo atrás de Raisa. Ficaram dos dois lados dela enquanto ela abraçava a irmã, Mellony, e Averill Demonai e a mulher de trança comprida. Ela cumprimentou os outros com mais formalidade, mas tinha um sorriso e uma palavra para cada pessoa, até Lorde Bayar, que cumprimentou com uma incrível expressão neutra.

Os Demonai permaneceram imóveis de cada lado da plataforma, com os arcos nas mãos, as flechas em posição, mas apontadas para

o chão, os olhos fixos nos magos no palco. Era menos uma ameaça do que um aviso.

Sob a orientação de Jemson, Raisa declamou uma oração ao lado da rainha morta, encaminhando-a para que descansasse nas Montanhas Espirituais. Cumprimentou as ancestrais, as rainhas Lobo Gris, citando-as de memória. Pediu a elas e à mãe que a protegessem e a guiassem enquanto liderasse seu povo.

Isso não faz sentido, pedir orientação para a rainha Marianna, pensou Han. *Ela fez muita besteira.*

O orador listou lembranças de Marianna quando jovem: seu talento para a dança, a habilidade para tocar basilka e cravo, o amor pela caça. Ela fora declarada a princesa mais bonita e melhor candidata a esposa dos Sete Reinos, e atraíra um desfile infinito de pretendentes a consorte. As pessoas faziam festa onde quer que ela fosse; ela era a cintilante peça central de um conto de fadas no qual todos podiam acreditar.

Mas o conto de fadas terminou. A rainha Lissa morreu, e Marianna ascendeu ao trono aos 15 anos. Uma guerra civil se iniciou em Arden, e a jovem rainha foi desafiada por um fluxo constante de refugiados e um declínio na renda do comércio. O Conselho dos Nobres recomendou uma política isolacionista, e os generais dela gastaram valores altíssimos com mercenários. Os impostos foram elevados mais e mais vezes.

Preocupada em ser arrastada para as guerras ao sul, Marianna dispensou os príncipes brilhantes e escolheu se casar com Averill Pés Ligeiros, um pretendente do próprio reino que tinha a força dos clãs das Espirituais como apoio. Quando magos e o povo do Vale reclamaram de a princesa de contos de fadas se casar com um cabeça de fogo, Marianna planejou, em desafio, o casamento mais esplêndido já visto. Diziam que havia custado 100 mil coroas e que tinha afetado o tesouro por anos vindouros.

Mesmo em Feira dos Trapilhos e Ponte Austral, as pessoas ainda guardavam lembranças daquele casamento. A mãe de Han tinha

uma moeda de cobre com a rainha Marianna de um lado e Averill do outro.

É triste, pensou Han, quando o melhor que um orador como Jemson pode dizer sobre você é que você sabia dar uma boa festa.

Não foi tudo o que ele disse, claro, mas foi como os ouvidos amargos de Han distorceram o discurso.

Raisa acendeu a pira e as chamas cuspiram fagulhas no escuro céu tempestuoso. Relâmpagos acenderam Hanalea, e os lobos ergueram o focinho e uivaram, um som que despertou arrepios no pescoço e nos braços de Han.

Enquanto a rainha queimava, Raisa chamou Amon Byrne, que ficou ereto ao seu lado enquanto ela fazia um discurso para Edon Byrne, capitão da Guarda da Rainha.

— Eu amei e odiei Edon Byrne — disse ela. — Amei-o por sua visão clara, sua alma honesta e sua opinião sincera. — Ela fez uma pausa. — Odiei-o por sua visão clara, sua alma honesta e sua opinião sincera. — Ela sorriu ao ouvir uma onda ensurdecadora de risos e aplausos. — Nossos servos mais valiosos são aqueles leais o bastante para arriscarem nos dizer a verdade; nem sempre o que queremos ouvir, mas o que precisamos ouvir. Edon Byrne era um homem assim. No final, deu sua vida por mim. Sentiremos uma falta dolorosa dele.

Ela avançou e olhou para os casacos azuis ao redor da plataforma.

— Os Byrne são gente de poucas palavras, impacientes com discursos compridos, e vou honrá-lo com um bem curto. Entrego-o às Montanhas Espirituais e sei que ele vai cuidar de sua rainha e de toda a linhagem Lobo Gris na morte tão bem quanto fez em vida.

A voz dela soou alta e ecoou entre os picos.

— É melhor que os inimigos da linhagem Lobo Gris tomem cuidado.

Han olhou diretamente para os Bayar.

Raisa se virou para a encosta abaixo de novo.

— E, assim, a linhagem intacta de capitães e rainhas prossegue. Amon Byrne, por favor, dê um passo à frente.

Amon se adiantou, em posição de sentido, com o queixo erguido e os olhos mirando diretamente à frente.

— A Espada de Hanalea — disse Raisa, esticando a mão.

Byrne puxou a espada e a entregou a Raisa pelo cabo. Ela segurou a arma pesada com as duas mãos e a ergueu de forma a apontar para o céu.

Estranho, pensou Han. Raisa não se parecia fisicamente com as imagens que ele vira de Hanalea. A rainha lendária era alta, loura e magra, com tranças compridas e leves. Essa rainha era pequena, com cabelo curto e escuro, olhos verdes brilhantes sobre a pele cor de mel. Mas ela parecia uma guerreira, com a armadura e a espada na mão, em frente a milhares de pessoas.

— Normalmente, isso esperaria até minha coroação — disse Raisa. — Normalmente, a espada da Lady passaria de um capitão ao seguinte. Mas não vivemos tempos normais. A rainha Marianna e seu capitão morreram em um intervalo de dias. Parece importante reforçar a ligação entre o capitão e a rainha o mais rápido possível, para que meus inimigos não pensem em encontrar oportunidade em nossas perdas. Seguindo o mesmo raciocínio, vamos marcar minha coroação para assim que puder ser planejada — acrescentou ela, passando o olhar pela multidão e pelo grupo na plataforma. — Há obrigações demais à frente para que isso seja adiado.

Raisa olhou para Amon Byrne.

— Ajoelhe-se — ordenou ela.

Byrne ficou de joelhos, de alguma forma ainda em posição de sentido, o olhar fixo em Raisa.

Ela tocou cada ombro dele com a parte plana da lâmina.

— Levante-se, capitão Amon Byrne, comandante da Guarda da Rainha.

Han virou-se para os Bayar a tempo de ver uma rápida troca de olhares entre Micah e Fiona. Lorde Bayar inclinou a cabeça para o

general ao seu lado, que estava enchendo os ouvidos dele com alguma coisa. O rosto de Bayar não transparecia nada.

A princesa Mellony parecia um pouco surpresa com a sequência de acontecimentos. Estava segurando os braços da cadeira, os olhos azuis arregalados, olhando de Raisa para Amon e depois para Micah, como se procurasse alguma dica.

Mas Micah estava olhando para Raisa com um meio sorriso de admiração relutante.

Eles sabem que foram vencidos, pensou Han. Quanto mais Raisa fizer em aberto, na frente de testemunhas, menos pode ser imposto a ela por trás de portas fechadas.

Han não tinha ilusões de que isso os deteria, mas ao menos complicaria as coisas. Raisa voltara à antiga vizinhança com sua gangue e se exibira para aqueles que queriam desafiá-la.

Tinha sido muito bem-feito.

Agora, a pira da rainha tinha virado cinzas, alimentadas pelos óleos sagrados que os oradores usavam. Raisa sorriu para a irmã, segurou as mãos dela e a puxou delicadamente para que ficasse de pé. Abraçou Mellony de novo, a irmã mais nova bem mais alta do que ela. Levou Mellony até a plataforma, onde ficaram de mãos dadas. Enquanto Han observava, Raisa se esticou e sussurrou alguma coisa no ouvido de Mellony.

O orador Jemson polvilhou um pó sobre as chamas, e uma pluma de fumaça cinza e branca subiu em espiral, formando um lobo magro e delicado, com olhos azuis. O lobo de fumaça desceu ao chão, pousou com leveza e seguiu em frente, com pernas rígidas, o pelo eriçado perto da cabeça, e cumprimentou a alcateia reunida.

Um trovão ribombou sobre Hanalea, e a tempestade caiu intensa em gotas enormes que explodiam ao bater na plataforma. Os lobos se viraram ao mesmo tempo e saíram correndo para desaparecerem no ar pesado de chuva.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

A volta para casa

Foi um dia incrível.

Foi um dia terrível.

Raisa nunca sentira tanta coragem.

E nunca sentira tanto medo.

Nunca se sentira tão solitária.

Nunca se sentira tão amada.

E agora estava voltando para casa.

A coragem feroz que lhe dera energia durante a longa cerimônia na tumba de Marianna sumira, deixando a exaustão no lugar. Ela cavalgou cercada pela guarda, com Amon à direita e à frente, Han à esquerda e atrás, cercada por guerreiros Demonai, com Reid Andarilho da Noite e seu pai, Averill, Lorde Demonai, sempre por perto.

Atrás deles vinha sua ex-babá, Magret Gray, e as outras Virgens de Hanalea, com os pingentes por fora das capas, homenageando a linhagem que juraram servir.

Vai chegar um momento, prometeu Raisa, em que vou poder cavalgar sem escolta pelas ruas do meu próprio reino.

A princesa Mellony cavalgava ao lado dela, com os fios das tranças compridas e douradas grudados na testa e no pescoço, os lábios azulados e os dentes batendo de frio. Sua capa leve de seda preta e azul-real estava encharcada.

Piscando para tirar gotas dos cílios, Raisa puxou o capuz. Como a maioria dos trajes feitos por clãs, a capa do Lobo Gris era um casamento entre beleza e funcionalidade, e as fibras de lã

lubrificadas e bem-tecidas a protegiam da tempestade. Mesmo assim, a água batia em seu rosto durante a descida da longa encosta do pico Marianna. Escorria em filetes por seu pescoço e entre seus seios.

Mellony ficava se mexendo na sela, se virando para ver onde Micah estava, como se quisesse ter certeza de que o mago ainda estava lá. Ele cavalgava ao lado de Fiona, logo atrás dos guerreiros Demonai.

Preciso prestar mais atenção em Mellony, pensou Raisa. Preciso afastá-la dos que a dominaram. Ela é tudo que tenho, ela e Averill.

As duas nunca tiveram muito em comum. Antes de Raisa ir passar um tempo no Campo Demonai, a diferença de três anos parecia um abismo que jamais seria transposto. Raisa andava nas ruas com Amon e os amigos mais velhos enquanto Mellony brincava de bonecas e de chá sob a proteção do olhar caloroso da mãe.

Raisa voltara dos Demonai para descobrir que Mellony e Marianna tinham ficado ainda mais próximas, fazendo-a se sentir mais intrusa do que nunca.

Ela se inclinou na direção de Mellony.

— Você parece estar com frio e infeliz. Não trouxe nada para se proteger da chuva?

Imediatamente se arrependeu do que disse. Parecia que estava sendo crítica, não solidária.

E foi assim que Mellony interpretou. Os cantos de sua boca se curvaram para baixo.

— Quem sabia que ia começar a chover? Os magos do tempo não previram.

— Se você vai para as montanhas, tem que estar preparada para o tempo instável — disse Raisa, incapaz de se impedir em seu estado de exaustão.

— Você devia chamar Micah — respondeu Mellony, com altivez. — Costumamos cavalgar juntos. Ele sabe fazer uma proteção contra a chuva.

— Só porque ele sabe, não quer dizer que seja uma boa ideia usar magia para isso — disse Raisa, pensando, com culpa, na forma como Han secara sua capa em Vau de Oden. — Você devia pensar duas vezes antes de deixar magos a enfeitiçarem.

— Olhe só quem fala — disse Mellony, fazendo beicinho. — Você apareceu envolta em encantamentos de mago.

As palavras soaram muito como Lorde Bayar.

Aquilo não estava indo bem.

Antes que Raisa pudesse pensar em pedir, Amon Byrne reduziu a velocidade, virou o cavalo para mais perto, colocou a capa pesada da guarda sobre os ombros de Mellony e se afastou novamente para dar privacidade a elas.

Protetor da linhagem.

Eles tinham deixado as encostas do Marianna para trás e agora atravessavam o Vale, que era relativamente plano, indo mais rápido agora que a chuva tinha se transformado em um chuvisco irritante. Mas a estrada de terra batida apresentava seus perigos: enormes poças escondiam crateras na superfície.

Precisa de conserto, pensou Raisa, como todo o resto. Onde vamos conseguir fundos?

— Onde você estava esse tempo todo, afinal? — prosseguiu Mellony. — Achamos que tivesse morrido.

Soou quase como se Raisa tivesse feito uma brincadeira de mau gosto ao aparecer viva.

— Eu estava em Vau de Oden, na maior parte do tempo — respondeu Raisa. — Tendo aulas na academia.

— Você estava em uma *escola*? — Mellony ergueu as sobrancelhas loiras. — Você fugiu para frequentar uma *escola*?

Como se isso fosse inconcebível.

Raisa olhou ao redor, com medo de contar a parte principal da história com tantos olhos e ouvidos por perto.

— Há professores maravilhosos por lá, e os alunos vêm de todas as partes dos Sete Reinos. Aprendi muitas coisas. — Uma ideia

ocorreu a ela. — *Você* poderia ir para lá, sabe. Poderia estudar o que quisesse. Acho que devíamos mandar mais alunos para a academia do que mandamos atualmente. Não só magos.

Os olhos de Mellony se arregalaram de espanto.

— Agora que você voltou, quer me mandar *para longe*? — A voz dela falhou.

— Não, não — disse Raisa rapidamente. — Só se você quiser ir. Só achei que seria uma grande oportunidade. Quando voltasse, poderia ser do meu Conselho. Vou precisar de conselheiros em quem possa confiar.

— Adoro meus professores e tutores — respondeu Mellony, a voz ficando mais alta. — Adoro estar na corte. Por que eu iria querer ir para outro lugar?

Eu adoraria voltar para Vau de Oden, pensou Raisa. É um erro que cometo com frequência, o de pensar que Mellony quer as mesmas coisas que eu.

Ela mudou no tempo que fiquei fora. No passado, sempre teve uma personalidade alegre e descomplicada. Agora, parece zangada, desconfiada e ressentida.

Treze anos é uma idade difícil. Ela teve um ano difícil e uma semana sofrida.

— Esqueça. — Raisa estendeu a mão e tocou o ombro de Mellony. — Não vamos brigar no dia em que enterramos nossa mãe.

— Ela morreu por sua culpa — disse Mellony, se afastando da mão da irmã.

Isso alimentou as chamas de culpa que Raisa já vinha sentindo. E destruiu o que restava de sua paciência.

— Como você pode dizer isso? — perguntou ela, esquecendo-se de manter a voz baixa.

Amon as olhou com as sobrancelhas erguidas e os lábios apertados. Han apressou o cavalo para ficar ao lado delas.

— Vossa Alteza e a princesa precisam de privacidade. Estou quase esgotado, mas acho que consigo.

Ele tocou o amuleto, fez um gesto, e uma cortina de silêncio desceu e bloqueou todos os sons ao redor delas.

Ele puxou as rédeas do cavalo e ficou para trás de novo, seguindo a uma distância respeitosa.

Mellony ergueu o queixo como se dissesse: "Está vendo? Você também tem magos." Mas o que disse foi:

— É verdade que ele é ladrão e assassino?

Talvez, Raisa pensou em dizer. Ou: *Provavelmente*.

— Já foi. Foi dono da rua em Feira dos Trapilhos.

— Um mago dono da rua — disse Mellony, secando a chuva da ponta do nariz. — É romântico, de certa forma.

— Eu duvido que ele descrevesse assim. De qualquer modo, ele só se tornou mago depois que saiu das ruas.

— O que você quer dizer com "se tornou mago"? Magos nascem assim, não se tornam. A não ser que Lorde Bayar esteja certo e ele tenha feito algum acordo com o Destruidor. — Ela tremeu. — Você acha que isso é possível?

— Se ele fez, foi um acordo ruim. E sei que ele é melhor do que isso em barganhas.

— Ele é bonito — concedeu Mellony —, de uma forma meio maliciosa. Acho que nunca vi olhos tão azuis em um homem. E a forma como ele olha para as pessoas... é quase anormal, como se enxergasse através das roupas. E vestido todo de preto assim, o cabelo...

— Mellony — interrompeu Raisa com delicadeza. Com feitiço ou não, ela queria ficar distante do assunto Han Alister com ele cavalgando tão perto. As coisas já estavam complicadas o bastante. — Você estava falando sobre mamãe. Que ela morreu por minha culpa.

Mellony ficou um tempo em silêncio, até Raisa começar a questionar se ela responderia.

— Mamãe ficou de coração partido quando você foi embora — disse Mellony. — Ela se culpava. Achava que devia ter percebido e

impedido. Mal comia e mal dormia, e ficou magra e chorosa. — Mellony olhou para Raisa. — Portanto, estávamos todos infelizes e preocupados enquanto você se divertia em Vau de Oden.

— Me *divertia*? Você sabe quanto eu estava me esforçando?

Ao falar, Raisa soube que estava sendo desonesta. Apesar de tudo, ela se divertira, *sim*.

Mellony revirou os olhos.

— Você adora trabalho pesado e sabe disso. Sempre tinha que se esforçar mais do que todo mundo, fosse nos trabalhos escolares, na caça, ou... ou em qualquer outra coisa. Sempre tinha que fazer todo mundo parecer pior.

Todo mundo, sem dúvida, queria dizer Mellony.

Era hora de falar a verdade.

— Mamãe contou a você por que fui embora? — perguntou Raisa, chegando mais perto da irmã.

Mellony assentiu.

— Disse que você estava apaixonada pelo cabo Byrne. — Ela apontou com o queixo para Amon, cavalgando um pouco à frente. — Mamãe disse que você fugiu quando ela insistiu para que você se casasse com outra pessoa. — Ela ergueu o queixo de forma desafiadora. — E o cabo Byrne estava em Vau de Oden. *Isso* não foi conveniente?

— Não é verdade — sibilou Raisa, magoada. — Eu não fugi para ficar com Amon Byrne.

— É mesmo? — Mellony ergueu as sobrancelhas. — Está chamando mamãe de mentirosa?

Raisa apertou os lábios para impedir que mais palavras saíssem. Não queria falar mal dos mortos. Mas queria honrar Mellony com a verdade. Estava cansada de mentiras, cansada do constrangimento e da desconfiança entre elas.

— Você nunca pareceu mesmo interessada em se casar — insistiu Mellony. — Sempre disse que queria beijar muitos garotos antes de escolher um só.

Bem, sim, Raisa tinha mesmo dito isso.

— Não estou dizendo que mamãe era mentirosa — falou Raisa de forma diplomática. — Só que ela não contou a você toda a verdade. Sim, fui embora quando ela insistiu que eu me casasse com outra pessoa. Você sabe quem era essa pessoa?

— Não importa agora — respondeu Mellony, olhando para a frente como se soubesse que não gostaria de ouvir o que Raisa tinha a dizer. — Você foi embora e mamãe morreu.

Ela bateu com os calcanhares nos flancos do cavalo, pretendendo cavalgar para longe, mas Raisa segurou o bridão da montaria dela.

— Era Micah Bayar. Ela queria que eu me casasse com Micah Bayar.

Mellony balançou a cabeça, espalhando água ao redor.

— Não. Isso não é possível.

— É possível porque é verdade.

— Não — repetiu Mellony. — Micah nunca...

— Micah queria — disse Raisa. — Eu, não.

Mellony a encarou com lágrimas se acumulando nos olhos azuis.

— Não acredito em você — disse ela, e afastou o cavalo, batendo com os calcanhares no animal até estar fora do alcance de qualquer conversa.

Bem, pensou Raisa, lá se vai a chance de esclarecer as coisas.

Alguém devia ter enviado um pássaro a Fellsmarch, ou talvez homens com cavalos descansados tivessem seguido na frente até a capital, querendo ser os primeiros a anunciar a novidade do retorno de Raisa. Ou talvez Cat Tyburn também tivesse preparado aquela recepção. Independentemente de como acontecera, a novidade se antecipara a eles, e quando entraram na capital, o Caminho das Rainhas estava ladeado de pessoas gritando e acenando com cachecóis e lenços.

Apesar de o Caminho ser largo, a multidão se fechava e esticava o braço para tocar a princesa. A guarda diminuiu o perímetro, e

Amon e Han assumiram posição de cada lado de Raisa, usando os cavalos para impedir que qualquer pessoa chegasse perto demais enquanto a Guarda da Rainha abria caminho até o castelo.

Para o constrangimento de Raisa, alguns no mar de pessoas xingaram e provocaram os Demonai, chamando-os de cabeças de fogo, ladrões de bebês e coisa pior. Não estavam acostumados a ver o povo dos clãs em quantidade na cidade.

Doce Lady acorrentada, pensou Raisa. De alguma forma, tenho que unir meus povos: magos, habitantes do Vale, clãs. Gastamos energia demais lutando uns com os outros. Isso nos deixa vulneráveis.

Falando em vulnerável... Ela enfiou o dedo na bolsa que tinha presa à cintura, pegou o talismã em forma de anel de lobo e o recolocou no dedo. Parecia improvável que houvesse algum ataque mágico até chegarem ao castelo, mas mesmo assim... Sentia-se mais segura com ele.

À frente, Raisa via as torres cintilantes do Castelo de Fellsmarch se projetando acima das construções, o que provocou uma pontada em seu coração. Tanta coisa tinha acontecido desde a última vez que as vira. Ela esmagou o arrependimento como se faz com massa de pão. *Aprenda com isso, pensou, mas não desperdice energia no que não pode ser mudado.*

E era bom estar em casa. Ela olhou ao redor, absorvendo os detalhes dos quais tanto sentira falta: as sinuosas ruas laterais, os degraus construídos em vielas que subiam as ladeiras, o sotaque do norte ecoando ao redor e, sim, o fedor de repolho sendo cozido e de fogo de lenha e da imundície que corria pelas valas.

Ela respirou fundo e soltou o ar, permitindo que os ombros relaxassem um pouco de alívio, já ansiando por um banho quente e pela boa comida do norte. Foi quando detectou um leve movimento no telhado de uma casa à frente. Uma silhueta escura apareceu, mexendo-se de um jeito fluido e sinuoso. Ela ficou imóvel e mirou

com cuidado. O instinto fez Raisa se virar de lado e se abaixar, para ser um alvo menor. Ela abriu a boca para gritar um aviso.

Amon soltou um palavrão e correu na direção dela na hora em que algo como um punho atingiu seu peito do lado direito, quase derrubando-a da sela e levando lágrimas a seus olhos.

Um tumulto se seguiu. Antes que Raisa soubesse o que estava acontecendo, Amon a puxou da sela, abraçou-a e se inclinou sobre ela, para que seu corpo a protegesse.

— Abram caminho! — rugiu ele com uma voz rouca e nada familiar, fazendo o cavalo galopar, arriscando atropelar qualquer tolo que não saísse da frente.

Tijolos e azulejos voaram quando uma explosão de feitiços atingiu o telhado onde o arqueiro estava. Era Han Alister, desencorajando qualquer segunda tentativa.

— Mellony! — ofegou Raisa. — Protejam minha irmã.

Ela viu brilhos azuis dos dois lados, inspirou o aroma acre de fogo mágico, ouviu ordens gritadas e o canto dos arcos. O grupo seguiu pelas ruas mais largas e retas perto do castelo e passou pelo portão que levava ao pátio principal.

Mesmo assim, Amon não reduziu a velocidade. Raisa sentiu o cheiro do fosso e ouviu o estalo seco de cascos em madeira quando eles atravessaram a ponte levadiça em disparada. Passaram pelo segundo portão e entraram no pátio interno do Castelo de Fellsmarch.

O portão se fechou atrás deles.

Ela estava em casa.

Raisa ergueu a cabeça e se virou para olhar ao redor. O pátio estava lotado de casacos azuis e cavalos. Para seu alívio, viu Mellony ainda montada no cavalo, guiada por Mick Bricker. Estava pálida como pergaminho, mas parecia ilesa.

Han e o amigo Dançarino de Fogo se plantaram na passagem em arco que levava à ponte levadiça, segurando os amuletos; pareciam prontos para lutar com hordas furiosas de assassinos.

— Chamem um curandeiro! — gritou Amon bem no ouvido de Raisa. — A princesa-herdeira foi atingida.

Raisa passou os dedos pela placa da armadura, logo abaixo do pescoço. Estava bem amassada e parcialmente perfurada, mas resistira à flecha do assassino, considerando que tivesse sido isso mesmo. O objeto devia ter caído na rua.

Raisa tentou se soltar de Amon.

— Sério, Amon, acho que eu não...

Uma voz familiar interrompeu o protesto dela:

— Capitão Byrne! Entregue-a a mim!

Era Magret Gray, que já tinha desmontado e tirado a capa encharcada de chuva. Magret abriu os braços, e Amon colocou Raisa neles. Ela olhou para o rosto familiar de Magret, coberto de lágrimas e de novas marcas de dor.

Eram mesmo novas, ou ela que nunca tinha reparado?

O cabelo de Magret estava mais grisalho do que antes, preso na trança grossa de sempre, que chegava quase à cintura. Quando Raisa era pequena, se agarrava àquela trança e chupava o polegar quando precisava de consolo.

O rosto de Mellony surgiu ao lado de Raisa, marcado de lágrimas e apavorado.

— Raisa — sussurrou ela. — Me desculpe. Por favor, não morra também.

— Não estou planejando morrer tão cedo. Magret, me coloque no chão. Estou bem, só dolorida.

Mas o aperto de Magret era tão forte quanto o de Amon.

— Vamos levá-la para a área fortificada — disse Amon. — Kiefer, quero doze guardas na porta. Talia, vá até o Salão dos Curandeiros e traga Lorde Vega imediatamente. Mick e Hallie, convoquem um grupo e saiam para ver se conseguem encontrar os arqueiros. Mas tomem cuidado.

Os guardas saíram em todas as direções, uma explosão de uniformes azuis.

— Vou ajudar — disse Averill, os olhos brilhando de raiva. — Conheço as ruas.

— Não. — Amon balançou a cabeça. — Dependendo de quem estiver por trás disso, você pode acabar sendo um alvo. Eu gostaria de tê-lo por perto agora.

Averill abriu a boca para protestar, mas Andarilho da Noite disse:

— Eu vou, Pés Ligeiros. Meus guerreiros estão do lado de fora do pátio, e conheço as ruas tão bem quanto você.

— O arqueiro que disparou em mim estava no telhado da Casa Kendall — informou Raisa. — A flecha pode estar caída em uma rua perto de onde fui atingida. Isso pode nos dizer alguma coisa.

Andarilho da Noite assentiu, o rosto sério e determinado.

— Vamos encontrá-los, Alteza.

Ele passou por Han e Dançarino e desapareceu pela porta em arco na noite que caía.

Magret foi na direção do forte, ainda com Raisa nos braços.

— Magret, me coloque no chão — disse Raisa, exasperada. — acredite quando digo que estou apenas dolorida. Já levei flechadas antes e sei a diferença.

Com isso, Han se virou para olhá-la, a boca se curvando com divertimento e alívio. Era o primeiro sorriso genuíno que ela via nele em muito tempo, substituindo sua expressão preocupada.

— Byrne, precisamos proteger melhor a rainha — disse Han. — Em pouco tempo ela vai estar exibindo velhas cicatrizes de batalha para as damas sempre que estiver bêbada. Não vai ajudar em nossa reputação.

Amon assentiu sem sorrir.

— Concordo. Precisamos protegê-la melhor, e é o que faremos. — Ele se virou para Raisa. — Faça o que peço, Alteza — disse Amon, teimoso como sempre, e se virou para Magret. — Leve-a para dentro.

Concordando em discordar

Não havia como dizer não a Magret Gray. A ex-babá a carregou até um dos salões do primeiro andar do palácio. Lá, tirou-lhe a armadura e o acolchoamento, deixando-a só com as roupas de baixo, e a colocou de costas em um dos sofás, sob um cobertor. Depois pôs um pedaço de pano gelado no hematoma roxo acima de seu seio direito.

O curandeiro da corte, o mago Harriman Vega, chegou com quatro assistentes. Han Alister o seguiu e se pôs ao lado de Raisa, os braços cruzados.

Lorde Vega o olhou com irritação.

— Espere lá fora, por favor, enquanto examinamos Vossa Alteza — disse ele com voz aguda e arrogante.

Han balançou a cabeça em negativa.

— Vou ficar — respondeu ele, imóvel como uma rocha. — Depois do que aconteceu, o capitão Byrne está meio desconfiado. Prometi a ele que não sairia do lado dela.

E ele confia em você?, pensou Raisa. *Isso é novidade.*

Magret pôs as mãos na cintura, lançando a Han um olhar de hostilidade óbvia.

— Alteza, por favor — disse Lorde Vega. — Obviamente não quer este jovem olhando enquanto nós...

— Ele fica — interrompeu Raisa, com um suspiro.

É melhor eu já ir me acostumando a não ter privacidade, pensou ela.

Mesmo assim, suas bochechas ficaram quentes quando Lorde Vega soltou o cordão da gola da blusa e puxou o tecido para baixo. O mago curandeiro tentou posicionar o corpo entre Han e Raisa, mas Han se moveu o bastante para conseguir ver as mãos do homem e ouvir os feitiços que ele dizia. O rosto dele estava novamente tão ilegível quanto o rosto das estátuas de Hanalea.

Vega e todos os assistentes tiveram que olhar.

— Como vocês podem ver — disse o mago para os assistentes, ainda tentando bloquear a visão de Han —, a flecha não perfurou a pele, então, mesmo que estivesse envenenada, a rainha não corre perigo. A armadura aparentemente deteve o projétil, embora a força do golpe tenha causado um hematoma considerável. — Ele olhou para Raisa. — A flecha foi lançada de perto?

Ela assentiu.

— Acho que no máximo 6 metros.

— Então teve muita sorte de estar de armadura, Vossa Alteza — disse Vega, erguendo o peitoral de Raisa e o pesando nas mãos, observando o amassado feito pela flecha. — É leve, mas enfeitiçada para repelir golpes potentes. Suponho que seja de fabricação dos cabeças de fogo.

— É trabalho dos clãs — corrigiu Raisa.

E talvez seja magia também, pensou ela. *Preciso agradecer a Dançarino de Fogo por salvar minha vida.*

— Observem — disse Lorde Vega para os assistentes.

Ele colocou as mãos sobre os hematomas e falou um feitiço. Han se aproximou e inclinou a cabeça para ouvir, ignorando a expressão de raiva de Vega.

Em segundos, a dor no peito de Raisa diminuiu, e o inchaço roxo também.

— Obrigada, Lorde Vega — disse ela, mexendo os ombros para testar a amplitude de movimentos. — Isso é incrível. Espero que não tenha muitos efeitos dolorosos.

— É meu dever, Alteza — respondeu Vega, com modéstia. — Há um preço pessoal a pagar, claro, mas eu sacrificaria minha saúde com prazer para seu bem.

Raisa não conseguiu evitar olhar para Han, que quase sacrificara a vida por ela. E talvez se arrependesse agora.

Lorde Vega e seus assistentes examinaram também o ferimento em processo de cicatrização nas costas dela, da emboscada no Passo de Pinhos Marisa. Naquele ritmo, ela acabaria com a mesma quantidade de cicatrizes que Han Alister.

— Vossa Alteza me permite perguntar como isso foi tratado? — indagou Lorde Vega, passando os dedos frios pela parte superior das costas dela.

O mago era muito bom no controle de vazamento de poder, ao menos em comparação a Han e Micah.

Ou talvez a presença de Han o estivesse fazendo se comportar melhor.

— Fui tratada no Campo Pinhos Marisa — respondeu Raisa —, por Willo Canção d'Água, uma curandeira do clã.

— Está cicatrizando bem — disse Vega, a contragosto, tocando o ferimento. — Mas não recomendo que as pessoas procurem tratamento nos campos, exceto em casos de emergência. É difícil prever os efeitos das ervas que eles usam. E não só isso; quando os cabeças de fogo mexem em uma doença ou ferimento, pode ficar mais difícil um mago com treinamento acadêmico diagnosticar e tratar o problema.

— Vou me lembrar disso — afirmou Raisa, recolocando os braços na roupa e reamarrando o cordão no pescoço.

Magret colocou um xale fino sobre os ombros dela, para oferecer um pouco de cobertura adicional.

— Mais alguma coisa? Acho que gostaria de descansar agora.

Ela lançou um olhar significativo para a porta.

— Vou voltar para examiná-la de manhã — disse Lorde Vega. Ele olhou para Magret. — Você aí. Se houver qualquer mudança na

condição da rainha, se tiver qualquer preocupação, não tente tratá-la você mesma. Mande um servo me chamar no Salão dos Curandeiros.

— Pode deixar, milorde — disse Magret. — Obrigada, meu senhor.

Lorde Vega e seus assistentes deixaram o salão, cheios de si.

— Que babaca arrogante — resmungou Magret quando ele já estava longe. — É claro que não se pode jogar uma pedrinha sem atingir algum mago babaca arrogante.

Raisa riu, e Han olhou para Magret com surpresa.

— Magret, este é Han Alister. Han, esta é minha babá, Magret Gray.

Magret estreitou os olhos.

— Alister! — Ela baixou o olhar para os punhos de Han e depois para o rosto dele de novo. — O dono da rua e assassino?

— Magret! — Raisa levantou a mão. — Alister é...

— Já fui — interrompeu Han, dando de ombros. — Você é dos Gray do Beco Pérola?

Magret olhou para ele com expressão furiosa.

— Já fui. O que *ele* está fazendo aqui, Alteza? — perguntou ela, sem tirar os olhos de Han, como se ele pudesse tentar atacá-la.

— Ele vai ficar aqui no palácio. Ele... hã... é como um guarda-costas.

— Não. Ele não pode ficar aqui no palácio. Ele, não. — Magret fixou o olhar no amuleto que Han trazia no pescoço e deu um passo para trás, erguendo as mãos como se quisesse se defender. — Ele é bem bonito, concordo, mas é um demônio, Alteza. De verdade.

Raisa olhou de Magret para Han.

— Do que está falando? Vocês se conhecem?

Han manteve o olhar em Magret.

— Srta. Gray — disse ele delicadamente —, lamento por Velvet.

— Não o chame assim! — gritou Magret. — Não o chame assim. O nome dele era Theo. Theo Gray.

— Sinto muito por Theo — consertou Han.

Velvet. Raisa se lembrava do garoto de casaco de veludo que estava com Cat Tyburn no dia em que Han a salvara dos Trapilhos. O usuário de capim-navalha que queria roubá-la.

Estão todos mortos, dissera Han. *Todos os Trapilhos, exceto Cat.*

— Eu devia saber que você era um mago — disse Magret. — É a única coisa que explica ele ter ido pras ruas daquele jeito. Ele era um bom garoto antes de você afastar ele da família.

Sem perceber, Magret começou a falar o dialeto das ruas que Han usava. Ou já tinha usado.

— Quem era Vel... Theo? — perguntou Raisa a Magret.

— Ele era filho do meu irmão — respondeu Magret. — Meu sobrinho. Minha irmã morreu de febre. Eu o criei até os 4 anos. Então ele foi morar com o pai, que o botou para mendigar nas ruas.

Uma lembrança voltou à mente de Raisa: de brincar com blocos com um garoto da idade dela, quando tinha 3 ou 4 anos. Um garoto que pertencia a Magret de alguma forma, embora ela nunca tivesse se casado.

— Aí ele se meteu com Algema e a gangue dele — prosseguiu Magret. — Passou a roubar e usar capim-navalha e furtar em lojas.

— Ele estava passando fome — disse Han. — O pai desapareceu e ele estava pedindo esmolas sozinho, roubando e furtando. Começou com os Ratos do Rio. Me procurou depois, quando os Austrinos dominaram a área deles.

— Ele poderia ter *me* procurado — rebateu Magret. — Deveria. Mas você o enfeitiçou. Você... você... seu demônio de fala doce. Ele não quis largar a rua nem quando implorei.

— Ele já era usuário da folha naquela época — disse Han. — Não são muitos os que conseguem largar. Não é sua culpa não ter conseguido salvá-lo.

— Você tem razão, não é minha culpa — disse Magret, se empertigando e enchendo a voz de desprezo ao completar: — É culpa *sua*.

— Magret — interrompeu Raisa delicadamente —, Han largou essa vida faz mais de um ano.

— Meu Theo foi torturado e morto e queimado por magia — disse Magret, ainda olhando com raiva para Han. — Você é bruxo. Não tente me dizer que não sabe o que aconteceu com ele.

— Não vou tentar dizer isso — respondeu Han, os olhos azuis fixos no rosto de Magret. — Eu sei o que aconteceu com ele. Ele foi morto por magos que estavam me procurando. Então, *foi* minha culpa, apesar de nunca ter sido minha intenção.

Ele não estava inventando desculpas, nem mesmo tentando se defender.

Magret permaneceu com os punhos cerrados ao lado do corpo, olhando para ele com a boca fechada, como se para impedir que as palavras jorrassem.

— Se quiser saber mais, conheço uma garota que era dona da rua da gangue dele na época. Vou pedir para ela conversar com a senhora.

— Não quero sua ajuda — disse Magret ferozmente. — Não quero conversar com nenhum ladrãozinho de rua. Quero que você vá embora para eu poder cuidar da princesa Raisa em paz.

Todos deram um pulo de susto e se viraram quando Amon Byrne bateu na moldura da porta.

— Alteza — disse ele, em tom de desculpas —, me desculpe pelo incômodo, mas a porta estava aberta, então...

— Entre, Amon — falou Raisa, aliviada por ver a tensão no aposento diluída. — Estou bem. A armadura de Dançarino salvou minha vida. Vocês descobriram alguma coisa?

Amon observou o corredor, fechou a porta com cuidado e foi até perto dela. Mostrou uma flecha entre o polegar e o indicador, com a ponta envolta em tecido.

— Andarilho da Noite encontrou isto. Ponta estreita, feita para perfurar armaduras e matar. É tão comum quanto ervas daninhas à beira da estrada. Só que... — ele a balançou na mão — ...tem

veneno. Eu gostaria que Willo desse uma olhada para ver se acha que é o mesmo usado antes.

— Boa ideia — comentou Raisa, seca. — Seria bom saber se são as mesmas pessoas que estão tentando me matar ou se é um grupo completamente diferente.

— Parece que a pessoa fez um único disparo de perto e fugiu — disse Amon. — Ainda há guardas revirando a cidade, e guerreiros Demonai também, mas não estou otimista.

Raisa olhou para Magret. A antiga babá estava olhando torto para Han e balançando a cabeça, com o dedo nos lábios.

— Magret — disse Raisa, exausta —, quer você goste ou não, Han está aqui para minha proteção. Ele já salvou minha vida uma vez, talvez duas. Temos que confiar nele. Precisamos de alguém com dom, considerando o que vem acontecendo com Lorde Bayar e o Conselho dos Magos.

— Falando em Bayar, Micah está lá fora — informou Amon. — Está esperando há mais de uma hora e não aceita não como resposta. Insiste em ver você e ter certeza de que está viva e bem. Hayden Dançarino de Fogo está fazendo companhia a ele.

Ele esboçou um sorriso, o primeiro que Raisa via em algum tempo.

— Vou dizer a ele que não e fazer com que não insista — resmungou Magret, virando-se para a porta. — Esse maldito conivente, cheio de tramoias.

Ela parecia feliz de ter outro mago a quem dirigir a ira.

— Não. — Raisa ergueu a mão para deter Magret. — Deixe-o entrar. Talvez possamos descobrir alguma coisa com a reação de Micah, ver o que ele sabe.

Han se empertigou e trocou olhares com Amon. Raisa os observou e franziu a testa. Alguma coisa havia mudado entre os dois, algum tipo de barreira caíra. Eles quase pareciam cúmplices agora. Ela não sabia se estava gostando daquilo.

— Você não vai vê-lo só com as roupas de baixo, Alteza! — disse Magret, parecendo escandalizada.

— Ah, vamos acabar logo com isso — resmungou Raisa.

— Tudo bem. Vou buscá-lo, Alteza.

Amon saiu de novo.

— Também não vou recebê-lo deitada como uma inválida — disse Raisa.

Ela saiu do sofá e seus pés descalços tocaram o chão. Depois de se enrolar em um cobertor, ela se sentou em uma cadeira ao lado. Magret puxou o cobertor por cima dos ombros de Raisa, oferecendo cobertura máxima.

Han ficou de pé atrás da cadeira, com as mãos apoiadas no espaldar. A pele de Raisa formigou com a proximidade dele.

— Eu devia me vestir — resmungou Raisa, tentando ignorar a sensação. — Tenho muita coisa a fazer.

— Alteza, não faz sentido. Assim que dispensarmos os bruxos, vou levá-la para cima para um longo banho quente — prometeu Magret.

Momentos depois, Amon voltou com Micah e Dançarino. Havia uma expressão séria e irritada nos lábios de Micah, e sua postura era rígida.

Quando seus olhos pousaram em Han, ele parou à porta e olhou para Raisa, envolta no cobertor, depois para Han de novo, como se não conseguisse acreditar no que via.

— O que *você* está fazendo aqui, Alister? — perguntou ele. — Não acreditei quando o vi na cerimônia fúnebre, vestido como algum tipo de príncipe. Como foi que *você* se envolveu com a princesa-herdeira? — Ele olhou para Raisa. — Sabe quem ele é? Sabe o que fez? Ele é um assassino, ladrão...

— *Sul'* Bayar! — exclamou Raisa. — Achei que estivesse aqui para saber da minha saúde, não me envenenar e me interrogar sobre meu guarda-costas.

— Seu guarda-costas? — Micah olhou Han de cima a baixo, balançando a cabeça lentamente. — *Ele?*

— De fato — disse Raisa, perdendo a paciência. — Acostume-se ou saia.

Doce Lady acorrentada, pensou ela, *estou tão cansada de magos.*

Micah fechou os olhos, respirou fundo e soltou o ar, controlando-se, como sempre fazia.

— Como desejar, Alteza — disse ele, com um sorriso que não chegava aos olhos. — Já me acostumei.

Ele se aproximou e se ajoelhou na frente de Raisa. Quando ergueu a cabeça, seus olhos negros a observaram e estudaram cada detalhe. Como se ele estivesse fazendo um inventário de cada corte e hematoma e ferimento em cicatrização.

— Raisa, está mesmo bem?

Ele estendeu as mãos para segurar as dela, mas Raisa as puxou para longe. Han se mexeu, e ela soube, sem precisar olhar, que ele tinha segurado o amuleto. Amon se moveu ao lado de Micah, com a espada na mão.

— Só... só fique longe, Micah — disse Raisa, levantando as duas mãos com as palmas para a frente. — Já estou assustada. E não tenho motivo algum para confiar em você.

O rosto de Micah foi tomado de dor, mas ele apoiou as mãos nos joelhos, bem à vista de todos.

— É claro. Eu precisava vê-la, ter certeza de que estava bem. Não está ferida? Não se machucou mesmo?

Raisa balançou a cabeça.

— Não. Tive muita sorte.

— É. Teve mesmo. — Micah olhou para Han e Amon quase com acusação, depois de novo para Raisa. — Não sou capaz de expressar o quanto fiquei aliviado quando apareceu na cerimônia fúnebre.

— Ficou? — A voz de Raisa estava fria e indiferente. — Você ficou mesmo aliviado?

Micah uniu as sobrancelhas ao franzir a testa, inclinando a cabeça.

— Mas é claro. Na última vez que a vi, estávamos no meio de uma batalha.

— É verdade. E você me colocou lá. Como você e Fiona conseguiram escapar? E os Mander também?

— Conseguimos recuperar nossos amuletos — respondeu Micah. — Depois disso, foi relativamente fácil nos escondermos. — Ele deu de ombros. — Para ser sincero, o príncipe Gerard parecia mais determinado a encontrar *Vossa Alteza*. Ele foi para o oeste, para Corte de Tamron, enquanto nós viajamos para o norte. Quando voltei para casa e descobri que Vossa Alteza não tinha chegado, não soube o que pensar.

— E logo encontrou outra pessoa com quem se casar — disse Raisa. — Eu não tinha ideia de que você estava tão determinado a construir uma família.

— Eu também sou prisioneiro de minha família e da política. Isso não me impediu de temer que alguma coisa tivesse lhe acontecido. Pensei que talvez Montaigne a tivesse recapturado ou que estivesse presa em Corte de Tamron.

— Uma coisa realmente me aconteceu — falou Raisa. — Quando eu estava voltando para casa, fui atacada e quase morta no Passo de Pinhos Marisa.

— Atacada?

Micah balançou a cabeça lentamente, como se quisesse negar a informação. Ele era um bom ator, mas Raisa achou que a surpresa foi genuína.

— Sim, atacada por alguém que esperava que eu fosse por aquele caminho.

Micah se inclinou para a frente, concentrado nela.

— Quem foi? *Quem* a atacou?

— Eles não estavam de uniforme, mas pareciam ser integrantes da minha própria guarda.

Micah apertou os olhos.

— Então não foram... — Ele se interrompeu, respirou fundo e expirou. — Não foram os cabeças de fogo, então?

Mas ela teve a impressão de que ele mudou o que ia dizer.

Bem, também posso segurar informações, pensou ela. Balançou a cabeça.

— De jeito nenhum. Os curandeiros dos clãs salvaram minha vida.

— E... as pessoas que a atacaram? — perguntou Micah, com os olhos fixos no rosto dela. — Foram interrogadas? Sabe por que a atacaram? Eram apenas renegados ou...?

— Estão todos mortos — disse Raisa, dando de ombros, mas observando Micah com atenção por entre cílios semicerrados. — Acho que nunca saberemos.

Micah recuou um pouco, parecendo decepcionado e mais perturbado do que aliviado.

— Então houve dois atentados à sua vida em um espaço de semanas. — Ele olhou para Amon Byrne e Han Alister. — E onde vocês estavam durante tudo isso? Ou só aparecem depois que os assassinos fogem?

Mais uma vez, Raisa sentiu Han se mexendo atrás dela e o calor dele em sua pele. Parecia emanar em ondas.

— Eu imploro, Raisa, que se cuide melhor — prosseguiu Micah. — Está claro para mim que seu soldado e seu dito guarda-costas não bastam para mantê-la em segurança. Não pode ficar provocando o destino. Estamos em uma época perigosa.

— Foi *você* quem me arrastou para longe de Vau de Oden — disse Raisa. — Se não tivesse me sequestrado, eu ainda estaria lá.

— Por quanto tempo? — perguntou Micah. — Não acha que aqueles que tentaram matá-la tentariam de novo?

— Você deve saber melhor do que eu. Qual é o plano, seguir em frente?

Ela se inclinou para a frente, como se ele talvez fosse mesmo responder.

Micah olhou para Amon e Han, e Raisa soube que ele odiava ter que discutir na frente daquela plateia.

— O que fiz em Vau de Oden foi para sua proteção. Mesmo que conseguisse ficar viva, se não tivesse voltado, a princesa Mellony teria sido nomeada princesa-herdeira, e talvez fosse rainha agora.

— Bem, isso teria sido ótimo para você, não é verdade? Considerando que ela parece apaixonada.

— Eu *não* estou atrás de sua irmã — disse ele, ficando de pé. — Estou dizendo para se cuidar muito bem, Raisa. Por favor. — Ele fez uma reverência. — Bem-vinda de volta, Vossa Alteza. Virei visitá-la novamente. — Ele assentiu para Han e Amon. — Cavalheiros. Uso o termo de forma flexível, claro.

E então ele foi embora, deixando Raisa mais confusa do que esclarecida.

CAPÍTULO VINTE E SETE

À solta no palácio

O Castelo de Fellsmarch era como uma pequena cidade, familiar a Han de formas inesperadas. Os corredores de serviço o lembravam as vielas de Feira dos Trapilhos, pelas quais dava para percorrer longas distâncias quase sem ser visto. As câmaras de audiência e os salões eram como grandes praças públicas, onde os sangues azuis se reuniam para se exibir e chamar a atenção dos rivais.

Han explorou o palácio e a área cercada ao redor, mapeando tudo na cabeça, como tinha feito com Feira dos Trapilhos e Ponte Austral.

Como prometido, Raisa o colocara no quarto ao lado do dela, os antigos aposentos de Magret. Ela não tinha muitas opções, porque o quarto dela era um tanto isolado em uma das torres, embaixo dos jardins de vidro no telhado.

Os jardins de vidro onde Alger Waterlow se encontrava secretamente com Hanalea, a rainha guerreira.

Aparentemente imune à reprovação escandalizada de Magret, Raisa realocara a babá para aposentos na outra torre, a certa distância. A mulher assombrava os corredores em todas as horas, como um fantasma alto e imponente com uma lanterna e uma longa trança grisalha.

Magret deixara claro que detestava Han, que o culpava pelo que acontecera com Velvet. Era uma pena, porque Han gostava daquela mulher firme e determinada. Ainda tinha esperanças de conquistá-la, mas talvez estivesse enganando a si mesmo.

Raisa objetou quando o Grão-Mago e o Conselho sugeriram que ela se mudasse para os aposentos luxuosos da mãe, no palácio principal. Isso poderia esperar até depois da coroação, disse ela. Os aposentos da rainha guardavam lembranças doloridas demais para ir para lá em tão pouco tempo. Além do mais, tinha um apego sentimental a seu quarto. De qualquer modo, preferia enfrentar isolada o luto pela mãe, sem incomodar a corte. E gostaria de redecorar a suíte quando a dor tivesse diminuído um pouco, o que seria mais fácil se o aposento estivesse desocupado.

Ela possuía uma dezena de argumentos, e a história sempre mudava, dependendo da plateia.

Han admirava sua capacidade política de dizer não e continuar dizendo não enquanto fazia parecer que ninguém queria dizer sim mais do que ela. Mesmo assim, ficou surpreso pela decisão de Raisa de ficar onde estava, pois achava que ocupar os aposentos da rainha reforçaria a inevitabilidade da coroação para aqueles que talvez ainda tivessem esperança de um resultado diferente.

Ao que tudo indicava, a resistência a Raisa como rainha evaporara depois de seu reaparecimento repentino na cerimônia fúnebre. Mas Han sabia que era só nas aparências. Mesmo que Raisa sobrevivesse à coroação, um assassino poderia garantir que seu reinado fosse curto.

Amon Byrne não queria correr riscos. Mantinha casacos azuis, escolhidos pessoalmente, de guarda em frente ao quarto de Raisa sempre que ela estava lá, e eles a acompanhavam sempre que ela saía, mesmo que permanecesse dentro do palácio.

A suíte de Han era pequena para os padrões do palácio, feita para um criado, mas quase grande demais para ele. Consistia em um quarto de dormir e uma salinha de estar, e mais um terceiro cômodo para hóspedes.

Ele morara a maior parte da vida, com a família toda, em um aposento só. Se houvesse mais do que três Alister, eles também teriam compartilhado um aposento só. Com exceção de quando iam

ao banheiro, as famílias de Feira dos Trapilhos faziam tudo em um aposento só, fosse comer, dormir, trabalhar, lavar roupa, tingir roupa, dar à luz ou fazer amor.

A mobília na suíte de Han era pesada e ornamentada, do tipo que se via em algumas das partes mais elegantes do Templo de Ponte Austral. A cama, em particular, era enorme e solitária, e Han se debatia nela, sofrendo com o excesso de espaço e sonhos ruins.

Ficava tudo tão mortalmente silencioso à noite que era difícil adormecer. Mesmo com as janelas abertas, na maior parte das noites ele só conseguia ouvir o som da água no chafariz do pátio. Era quase um alívio quando amantes saíam para passear ali ao luar e rompiam o silêncio com sussurros, gargalhadas e suspiros.

No entanto, isso o fazia sofrer pelo que tinha perdido.

Ele tinha tentado se distanciar de Raisa. Disse a si mesmo que ela era apenas mais uma mentirosa de sangue azul que o usara e o descartara; que pisaria na classe mais baixa sempre que algum deles ficasse em seu caminho. Ser a fim de uma princesa, como Cat tinha dito, era o caminho para a humilhação. Ele nunca passara de uma diversão interessante.

Mas a realidade dela ficava atrapalhando-o.

Já duas vezes, ele quase a perdera de vez. Uma vez no Passo de Pinhos Marisa e outra no ataque perto dos portões do palácio. Se não fosse a armadura de Dançarino, ela agora estaria morta ou gravemente ferida.

Ele repassou a lembrança da entrada na cidade, de novo e de novo: a dor esmagadora, o vazio onde antes ficava seu coração, a percepção de que tinha falhado mais uma vez em proteger alguém que amava.

Era como cutucar um ferimento profundo e verificar que ainda não tinha cicatrizado, lembrando-o de sua vulnerabilidade.

Da vulnerabilidade dela.

Então Han assumiu aquela tarefa impossível.

Ele podia se proteger. E, se falhasse, bem, tinha passado a vida toda pronto para pagar o preço por suas falhas. Mas como poderia mantê-la viva com tantos inimigos dedicados a matá-la? Como poderia se tornar poderoso o bastante para reivindicá-la? Para fazer com que ela o encarasse seriamente como pretendente? Como poderia convencê-la a vê-lo como igual, alguém que poderia ser parceiro dela de todas as formas?

E como poderia fazer isso sem colocá-la em perigo ainda maior? Os avisos de Willo ecoavam em seus ouvidos.

Han ainda não sabia as respostas, mas sabia de uma coisa: não a colocaria em risco permitindo que um romance florescesse entre os dois enquanto não estivesse em posição de defendê-lo.

Raisa era muito astuta em relação a algumas coisas, mas nunca entendera realmente como eram as relações entre sangues azuis e gente da rua. Nunca tinha precisado. Não parecia perceber que qualquer sinal de romance entre os dois faria tanto os clãs quanto os magos caírem em cima deles.

Ele conhecia as regras em sua antiga vizinhança. Ali, seguir seus instintos faria com que os dois acabassem mortos.

Se você não sabe para onde vai, nunca vai chegar lá, dizia Jemson. Pelo menos agora Han sabia para onde estava indo e com quem. Só teria que encontrar seu próprio caminho.

A primeira "aula" com Raisa não tinha ido bem. O clima de tensão era tão palpável que daria para espalhar no pão e chamar de refeição, como a mãe dele diria. Raisa estava inquieta, andando de um lado para outro e falando e gesticulando como se pudesse preencher sozinha o abismo entre eles.

Han ficara sentado ereto em uma cadeira, agarrado aos descansos de braço, ouvindo uma palavra a cada três. Sua mente se desviava para a tatuagem no colo dela, para sua cintura fina, para os olhos verdes sombreados por cílios grossos e as sobrancelhas castanhas sobre a pele morena.

Era uma tortura lembrar-se do aroma de ar fresco dela e de seus beijos ousados. Fora um prazer beijar alguém que parecia gostar tanto quanto ele de fazer aquilo.

Uma porta interna ligava o quarto de Han ao da rainha; a intenção era ser um caminho para que a serva que morasse ali pudesse ir e vir com privacidade. Enquanto estava no quarto de Raisa, Magret deixava essa porta trancada, e sacudia a tranca várias vezes ao dia, um aviso para o mago do outro lado.

Han descobrira como abrir a tranca no primeiro dia. E, depois, precisara de todo o seu autocontrole para não passar para o outro lado.

Ele pegava a própria água na bomba no pátio e comia na sala de jantar ou levava comida para o quarto direto da cozinha. Mesmo querendo ficar à vontade com os sangues azuis, não arriscaria comer ou beber qualquer coisa que tivesse ficado sem fiscalização no corredor ou sido transportada por um servo. Havia pessoas demais que gostariam de vê-lo morto e muitos venenos dos clãs que poderiam ser acrescentados discretamente à comida e à água.

Cada um dos aposentos dele tinha lareira própria. Darby Blake, o servo pessoal de Han, pensou que entraria quando ele estivesse fora e reabasteceria a pilha de lenha, encheria a jarra de água e esvaziaria o penico. Han teve que liberá-lo desse serviço, pois colocou feitiços em todas as portas e janelas para impedir a entrada de intrusos. Servos podiam ser ameaçados, enfeitados ou subornados. Assim, Han carregava a própria lenha de um cesto no corredor perto do quarto e colocava o penico do lado de fora sempre que precisava.

Darby estava sempre lá, pronto para receber o recipiente imundo como se fosse um privilégio ou um presente.

Para Han, viver no palácio era bem parecido com viver em Feira dos Trapilhos: cercado de inimigos, com a morte sempre a um tropeço de distância. Só que com mais conforto. Havia várias salas de jantar. Como as tabernas, algumas tinham qualidade superior e

outras eram destinadas à classe trabalhadora. A comida era sempre boa e em grande quantidade, apesar de outros no reino estarem passando fome. A qualquer hora do dia ou da noite, era possível conseguir comida.

A sala dele levava a um terraço com vista para o pátio, no centro do palácio. Os muros de pedra do Castelo de Fellsmarch ofereciam apoios suficientes para mãos e pés para um ladrão experiente. As caminhadas o levaram ao telhado, ao jardim de vidro lá em cima, e o telhado o levava aonde quisesse ir.

Han ficou impressionado com a quantidade de aposentos que havia no palácio, alguns raramente utilizados. Mesmo depois de várias semanas lá, ainda havia partes que não tinha explorado, incluindo a fortaleza dos Bayar. Com certeza eles teriam colocado armadilhas para intrusos, sabendo que Han estava no castelo. Ele queria mais treinamento para detectar e desabilitar trancas mágicas e feitiços letais antes de se aventurar por lá. E isso significava que tinha que achar um jeito de fazer as pazes com Corvo.

A proximidade entre Han e a rainha e seu papel aparente como favorito dela o tornaram objeto de infinitas fofocas de criados. No começo, as criadas ficavam imóveis como cervos quando ele passava e os camareiros se cutucavam e calavam a boca sempre que o viam se aproximando.

A atitude deles era um misto de medo, fascinação e orgulho. A reputação de Han como dono da rua implacável, ladrão e exímio lutador com facas chegara antes dele ao palácio. A isso, juntavam-se as histórias sobre a cerimônia fúnebre da rainha Marianna, aumentadas pela falação dos servos.

Um mago de Feira dos Trapilhos? Quem já tinha ouvido falar de alguma coisa assim? Han era um deles e, ao mesmo tempo, não era. Magos respiravam o ar rarefeito em Lady Gris e andavam em círculos de sangues azuis. Magos contratavam gente para dar ordens aos servos para não precisarem falar com eles diretamente.

As rainhas Lobo Gris eram conhecidas por serem animadas e aventureiras nos assuntos do amor, e a rede de servos supôs que Han era o belo brinquedo da rainha, que logo seria descartado em favor de alguém melhor.

Han concluiu que as apostas giravam em torno de quanto tempo ele duraria e se ele se afastaria tranquilamente quando chegasse a hora. Ele mesmo teria apostado, mas não sabia quais eram as próprias chances.

Só os sangues azuis pareciam não saber de toda a especulação. A ideia de que a rainha tivesse um romance com um ladrão parecia além da compreensão deles. E isso era uma bênção que Han pretendia fazer durar.

Fez um esforço especial para conquistar os servos. Sua mãe trabalhara ali durante um tempo, e ele estava bem ciente de quanto o subterrâneo do palácio era uma rede poderosa, de quanta informação carregava e de como a fofoca era capaz de refazer uma pessoa.

Ele era generoso com as moedas da rainha Raisa ao pedir favores aos servos do palácio, e tomava o cuidado de aprender os nomes e histórias de cada um. Deixava claro que recompensaria cada informação que lhe dessem. Dobraria o pagamento de qualquer um que procurasse informações sobre ele.

Também deixava claro que qualquer um que entrasse em seu quarto com más intenções teria uma morte sofrida.

Han nunca tinha se dado conta de que rainhas trabalhavam tanto. Ou, ao menos, essa trabalhava. Talvez a antiga rainha não tivesse feito muita coisa durante seu último ano, ou talvez fosse apenas o que parecia. Raisa verificava as fortificações da cidade, conferia o exército das terras altas e frequentava cerimônias em templos por toda Fells. Comparecia a reunião atrás de reunião: com os supervisores, com o Conselho da Rainha, com os comitês, que lhe apresentavam planos para a coroação. Algumas reuniões eram rotineiras, outras tinham a ver com projetos que Raisa estava

liderando. Não era fácil. Seus conselheiros não conseguiam concordar nem que a água era molhada nem que o céu era azul. Além disso, parecia não haver dinheiro.

Como guarda-costas de Raisa, Han ia a quase todas as reuniões. Esperava aprender alguma coisa útil: quem era quem e o que era o quê. Mas aqueles eventos o exauriam; era só falação, falação, falação, e não se chegava a lugar algum. Ele ficava de pé durante a maioria, vibrando como uma corda esticada, impaciente por perder tanto tempo.

Ele percebeu quanto Raisa era solitária. Parecia haver bem pouca gente na corte em quem a rainha podia confiar. Até seu pai, Averill, defendia interesses dos clãs que podiam ir contra os dela. Raisa estava sempre desempenhando seu papel, fosse em jantares ou recitais, fosse em conferência com os conselheiros econômicos.

Em uma reunião vespertina com o Conselho da Rainha, ela conseguiu arrumar briga com praticamente todo mundo.

Eles estavam sentados ao redor da mesa, na câmara privada dela (um nome que Han achava engraçado, considerando a quantidade de merda que era dita ali). Como de costume, ele se recostou na parede e assumiu a postura mais impiedosa possível.

— General Klemath — começou Raisa, erguendo o queixo daquele jeito de quando pretendia começar uma batalha —, como os contratos com os mercenários estão se aproximando da data de renovação, quero que dispense as brigadas estrangeiras e as mande para casa.

— Mandar para *casa*, Vossa Alteza? — Klemath a encarou, atônito. — Estamos em uma época perigosa, minha querida. Sei que as brigadas são caras, mas deve haver outros setores nos quais cortar custos. — Ele pontuou cada observação com os dedos gordos: — Há conflito com os Andarilhos das Águas na fronteira oeste. Arden é uma ameaça ao sul. O exército talvez seja necessário para ajudar a guarda, se tivermos uma rebelião interna. — O homem olhou para o teto, fazendo questão de ignorar Lorde

Averill. — Há inquietação entre os clãs das terras altas. Eles são sempre imprevisíveis. Agora não é hora de ser frugal no exército.

— Acho que vai perceber que as tensões entre os clãs e o povo do Vale vão diminuir quando a rainha legítima ocupar o trono e estivermos convencidos de que ela não corre mais perigo — respondeu Averill. — Enquanto isso, faremos o que for preciso para proteger os fundamentos da Naéming e a linhagem Lobo Gris. Enquanto os ataques a nossos vilarejos continuarem, estaremos prontos para nos defender. Devo lembrá-lo de que em muitas áreas do campo os Demonai são tudo que existe entre o povo e os bandidos das terras baixas.

— Não pretendo cortar fundos do exército — disse Raisa, levantando a mão para silenciar o debate —, pelo menos não a ponto de nos colocar em perigo. Pretendo manter a mesma quantidade de soldados, mas quero soldados nativos. Homens e mulheres que tenham lealdade a Fells, que conheçam a terra e estejam dispostos a lutar para defendê-la.

Klemath ergueu uma sobrancelha.

— Se houver uma rebelião, Alteza, seria melhor colocar em batalha soldados profissionais, que não tenham possível lealdade a bandidos e ladrões de rua.

— Só que seus soldados estrangeiros também não têm lealdade a mim — rebateu Raisa.

— Mas nos obedecem — disse Klemath, como se estivesse se esforçando para ser paciente. — Seu exército de nativos pode traí-la.

Klemath é nativo, pensou Han. É estranho ele se dedicar tanto à ideia de mercenários do sul. Talvez esteja enchendo os bolsos. Talvez esteja recebendo suborno dos mercadores de mercenários e não queira abrir mão disso.

— Não é trabalho do exército lutar contra nossos cidadãos — disse Raisa. — O povo de Fells está à beira de uma rebelião porque não há trabalho, não há meios de ganhar a vida. As guerras no sul

deixaram paradas pessoas trabalhadoras. Não seria melhor usar nossos fundos para colocar nosso povo para trabalhar?

— Tem havido algum problema, Alteza, com os mercenários? — perguntou Klemath.

— Tem havido um problema, general, com as pessoas passando fome em Fells enquanto enviamos dinheiro para mercenários e mercadores nas terras baixas. — As bochechas vermelhas de Raisa indicavam que ela estava perdendo a paciência. — Eu estive nos acampamentos. A maioria de nossos soldados parece vir de Arden e de Tamron. Seria de pensar que eles tivessem muitas batalhas a travar em casa.

Klemath ergueu as mãos em sinal de impotência e se virou para os outros no Conselho.

— Cavalheiros?

— Cavalheiros! — repetiu Raisa. — Este é outro problema. Por que não há mais mulheres em meu Conselho?

Eles se entreolharam, cada um esperando que outro falasse. Eram todos homens, exceto por uma única ruiva, que Han não conhecia.

— Bem, hã... — Lorde Hakkam parecia procurar uma resposta. — Os integrantes... é o ofício, não o gênero, sabe.

— Vou dar um jeito nisso — disse Raisa para si mesma.

— Alteza — chamou Lorde Bayar, com um sorriso indulgente —, em referência ao assunto dos mercenários, talvez seja boa ideia ouvir seus conselheiros. Estamos aqui para ajudar, afinal.

— Sei que tem bom coração, Alteza — disse Lorde Hakkam, dando um tapinha na mão de Raisa —, mas não tem experiência nos assuntos militares. Apesar de mercenários serem caros, é perigoso fazer uma mudança tão radical durante esse período de transição. Acima de tudo, queremos mantê-la em segurança.

Hakkam era o ministro financeiro e também integrante do Conselho da Rainha.

— A guarda me mantém em segurança, tio — respondeu Raisa com firmeza, puxando a mão. — E a boa vontade do meu povo, que pretendo conquistar.

Amon Byrne limpou a garganta. Como capitão da Guarda da Rainha, ele também era integrante do Conselho, mas não falava com frequência.

— Na Guarda da Rainha só usamos nativos e tem dado certo para nós. Até recentemente, o exército também era todo nativo.

— E perdemos a rainha Marianna, apesar da guarda nativa — disse Lorde Bayar.

— Está sugerindo que foi assassinato? — perguntou Byrne, olhando nos olhos do Grão-Mago.

Bayar recuou.

— Só estou levantando a hipótese, mais nada. Estou dizendo que ainda tenho perguntas sobre como ela morreu.

— É mesmo? Pensei que talvez tivesse as respostas — disse Averill.

Eu também, pensou Han. Por que Lorde Bayar está levantando perguntas sobre a morte da rainha Marianna quando é o provável assassino?

— Já chega! — interrompeu Raisa. No silêncio que se seguiu, ela disse: — Qualquer pessoa que tenha informações sólidas sobre a morte de minha mãe deve falar com o capitão Byrne. Não vamos lançar acusações aqui neste conselho.

Isto é um impasse entre gangues rivais, pensou Han. Com Raisa tentando ser a dona da rua deles todos.

Raisa esperou e, como ninguém falou, prosseguiu:

— Com relação à reformulação do exército, agradeço por seus conselhos, mas tomei minha decisão. Não é um gesto impulsivo. Venho avaliando o assunto há um tempo. Vou confiar em você, general Klemath, para oferecer treinamento apropriado a nossos novos recrutas.

— Sim, Alteza — respondeu Klemath, inclinando a cabeça. — Como desejar. Mas, com tantas outras obrigações urgentes, espero que perceba que isso não poderá ser feito de um dia para outro.

Essa mudança vai ser gradual a ponto de nem ser perceptível, pensou Han. *Em um ano, vamos ter apenas um grupinho de nativos no exército, e Klemath ainda vai ter seus mercenários.*

— Não espero que faça tudo sem ajuda, general — disse Raisa, com doçura. — Como o capitão Byrne tem experiência no trabalho com soldados nativos, vai ajudá-lo a implementar a mudança. — Ela entrelaçou os dedos e apoiou o queixo nas mãos. — Além disso, o orador Jemson tem contatos em Feira dos Trapilhos e Ponte Austral, de onde espero que muitos de nossos recrutas venham. Lorde Averill tem contatos similares nos campos. Os clãs não têm sido bem-representados no exército, e pretendo montar uma força que reflita todos os povos de Fells.

Ela fez uma pausa e olhou para cada homem.

— Vocês quatro são responsáveis por isso. Vão se reunir ao menos uma vez por semana, e espero relatórios mensais de progresso.

A irritação cintilou no rosto do general Klemath, mas rapidamente desapareceu. Jemson franziu a testa, parecendo querer dizer alguma coisa, mas acabou não falando nada. A expressão de Byrne dizia que ele cuidaria de tudo, se era o que a rainha exigia.

Ela o colocou em uma situação delicada, pensou Han. *Os casacos azuis e o exército já se odeiam. Mas ela não tem muita escolha, se quer mesmo que isso aconteça.*

— Que outros assuntos nós temos? — perguntou Raisa, esticando os braços e rodando os ombros como se estivessem doendo.

— Isto chegou de Corte de Tamron através da guarnição em Travessia de Tamron — disse Klemath com seriedade, estendendo um envelope na direção de Raisa. — Está endereçado a Vossa Alteza, enviado por Gerard Montaigne, príncipe de Tamron.

Príncipe Gerard! Han enrijeceu. Ele e Dançarino tiveram um atrito com Gerard, em Corte de Arden. Gerard tentara “recrutá-los” para seu exército mago. Se não fosse por Cat Tyburn, talvez tivesse conseguido.

Han achou estranho Klemath entregar a mensagem a Raisa naquela reunião. Por que não a repassara junto com os outros despachos da fronteira?

A não ser que já soubesse o que dizia e quisesse ver como a rainha e o Conselho reagiriam à mensagem.

Raisa ficou imóvel por um momento, respirou fundo e pegou o envelope de Klemath. Era grosso e cor de creme, selado com cera. Depois de quebrar o selo, ela tirou uma folha dobrada do envelope.

Raisa desdobrou a carta e a abriu sobre a mesa. Depois de prender o cabelo atrás das orelhas, inclinou a cabeça para ler, e Han não conseguiu ver sua expressão. Raisa pareceu ler duas vezes, passando o dedo pelo papel como se quisesse ter certeza de estar lendo todas as linhas.

Quando ergueu a cabeça, seu rosto parecia o mármore cinzento que escavavam das pedreiras em Angra de We’en, com esmeraldas no lugar dos olhos. Apoiando a base das mãos na mesa, ela tamborilou os dedos no papel, olhando diretamente para a frente.

— E então? — perguntou Lorde Bayar com impaciência. — O que Montaigne tem a dizer?

Raisa se encolheu, como se tivesse levado um susto, e olhou para o Grão-Mago com olhos estranhamente brilhantes.

— O que foi, Alteza? — perguntou Bayar, inclinando-se para a frente para pegar a carta. — Talvez possamos dar alguma perspectiva...

— Aqui, Lorde Bayar — disse Raisa, jogando a carta na direção dele. — Por que não lê em voz alta para o Conselho?

Ela se sentou de braços cruzados, segurando os cotovelos.

Bayar passou os olhos pelo papel e encarou Raisa, como se buscasse pistas de como ela responderia.

Ele pigarreou, inclinou a cabeça sobre o papel e começou a ler.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Carta de amor de Arden

Para Sua Majestade, a rainha Raisa de Fells,

Escrevo na esperança ardente de que esta carta a encontre bem e para parabenizá-la pela coroação iminente.

Aceite minhas condolências pela morte repentina e, ainda, incrivelmente oportuna de sua mãe, a rainha Marianna. É bem sabido que as relações entre vocês duas andavam abaladas. O acidente dela, apesar de infeliz, tirou um grande obstáculo de seu caminho. Parece que você, como eu, não hesita em direcionar os acontecimentos para que lhe sejam favoráveis. Isso apenas reforça minha ideia de que somos aliados naturais e poderíamos ser mais do que isso.

— Sangue do demônio! — exclamou Averill.

Estava claro que não era uma mensagem para ser lida em voz alta e em grupo.

Ou talvez fosse.

Han observou o rosto de Raisa. Ainda parecia feito de pedra, colorido por uma expressão de leve interesse. Ele percebeu que ela estava observando todos os outros rostos ali no aposento.

— Filha, não permita esse tipo de difamação — disse Averill. A ideia de que teria alguma coisa a ver com a morte da sua mãe é ridícula.

— Mas, mesmo assim, muitos desconfiam de mim — respondeu Raisa. — Principalmente fora de Fells. — Ela fez um gesto para Bayar. — Prossiga.

Vai ser preciso tempo para restabelecer a ordem em Tamron e livrar o reino de espiões e elementos traiçoeiros. Os abusos e excessos do último rei acenderam o fogo da rebelião tanto entre os nobres quanto entre os plebeus. Eles precisam entender que esses dias acabaram. De fato, os antigos príncipe e princesa correm risco de assassinato pelo próprio povo. Você ficará feliz em saber que os mantenho bem protegidos em meu forte.

Acredito que a confusão atual ofereça uma oportunidade para expandirmos nossas posses. Meu irmão, o príncipe Geoff, continua a dominar o reino de Arden. Ele reforçou as fronteiras com Tamron e levou o exército para oeste, para enfrentar qualquer ameaça vinda de nós. Isso deixa as fronteiras do norte mal equipadas e desprotegidas.

Pelo que sei, Fells tem um exército de mais de 5 mil soldados a cavalo e a pé.

Bayar ergueu o rosto da carta.

— É uma contagem incrivelmente precisa, não acham?

— Incrível — murmurou Raisa.

Bayar voltou a ler.

Proponho o seguinte plano, cujos detalhes serão negociados por nossos representantes:

Fells invadirá o reino de Arden pelo norte, envolvendo pelo menos 3 mil soldados de suas tropas nessa campanha. O exército de Fells seguirá para o sul, até Igreja do Templo, e manterá sua posição lá. Isso distrairá o exército ardenino da fronteira ocidental e nos permitirá avançar dessa direção para tomar a capital.

— Também tornaria improvável qualquer aliança futura com Geoff, ou mesmo impossível — pontuou Averill.

Raisa assentiu, com os lábios apertados.

— Prossiga — instruiu ela a Bayar.

Ele continuou a ler.

Quando Arden estiver seguramente sob meu controle, tirarei a maior parte de meu exército de Tamron, deixando os Tomlin governando lá como meus regentes, supondo que eles consigam aceitar certas realidades.

Finalmente, proponho um contrato imediato de casamento entre nós, com a cerimônia a ser realizada assim que nossos objetivos militares forem cumpridos. Seria melhor, claro, que nosso noivado ficasse em segredo por enquanto.

Após nosso casamento, governaremos juntos o grande reino de Arden, Tamron e Fells. Obviamente, você manteria seu título de rainha de Fells, um título que nossas filhas herdariam.

Não precisamos parar por aí. Considerando a história de sua linhagem, teríamos direito natural sobre o restante dos Sete Reinos. Com nossos recursos combinados, podemos acrescentar essas joias à nossa coroa. Você será o belo e cintilante símbolo de uma nova era de paz e prosperidade.

Considere cuidadosamente minha proposta. Acho que deve concordar que esse arranjo apresenta vantagens significativas para nós dois, se agirmos rapidamente.

Também espero que consiga deixar de lado o incidente infeliz na fronteira entre Tamron e Arden e saiba que era meu desejo cimentar uma união com você, o que direcionou meu comportamento. Esta época exige ações ousadas e agressivas.

Sinceramente, Gerard Montaigne, rei de Arden e Tamron

Bayar jogou a carta na mesa com uma risada debochada.

— O novo rei de Tamron pensa que Vossa Alteza é idiota.

Raisa entrelaçou os dedos e apoiou as mãos na mesa.

— Você acha, Lorde Bayar?

— Durante aquele *incidente infeliz*, como ele chama, Montaigne assassinou o jovem Wil Mathis a sangue-frio — pontuou Bayar.

Raisa assentiu.

— Eu estava lá.

— Não só isso — continuou Bayar. — Alguns especulam que os agentes dele podem ser responsáveis pelos assassinatos que vimos recentemente, bem aqui na cidade.

— Assassinatos? — Raisa olhou de rosto em rosto e se concentrou no do capitão Byrne. — Que assassinatos?

— Cinco pessoas com o dom foram assassinadas nos últimos 15 dias e os corpos foram abandonados em Feira dos Trapilhos — explicou Byrne. — Os assassinatos parecem indiscriminados, ligados apenas pelo fato de que todas as vítimas eram magos. Um era integrante da Assembleia, mas os últimos dois eram estudantes pernoitando em Feira dos Trapilhos. Foram encontrados em um beco com a garganta cortada e sem seus amuletos, cobertos de sangue.

Isso chamou a atenção de Han. Cat tinha mencionado que houvera vários assassinatos de pessoas com o dom em Feira dos Trapilhos e Ponte Austral. Ela fizera perguntas, mas ninguém estava se gabando de tê-los executado.

O líder desse grupo tem coragem, pensara Han na época. Ou desejo de morrer.

— Por que Montaigne mataria magos em Feira dos Trapilhos? — perguntou Raisa.

— É só uma teoria — disse Byrne. — Como sabe, Alteza, Montaigne sequestrou magos e os obrigou a entrar para o exército dele. Mas é provável que esteja tendo dificuldade para colocar as mãos em armas mágicas. Portanto, deve estar matando magos para recolher os amuletos. Ou para tentar reduzir a quantidade deles no norte.

Bayar enrolou as mangas rendadas de suas vestes.

— Alguns dizem que Gerard Montaigne está por trás disso. Outros acreditam que devemos olhar mais perto de casa.

Ele virou a cabeça muito deliberadamente e encarou Averill Demonai. A maga ruiva se inclinou para a frente e assentiu em apoio.

— Sem dúvida nenhuma devemos olhar mais perto de casa — disse Lorde Demonai, olhando para o teto. — Afinal, os magos têm uma longa história de atacarem uns aos outros. Talvez alguns tenham escolhido esse meio para lidar com a escassez de objetos mágicos.

— Não é mais provável que os assassinatos estejam ligados a gangues?

O olhar de Raisa se dirigiu a Han, mas logo voltou ao capitão.

— Pode ser — consentiu Byrne —, mas as gangues costumam deixar os magos em paz.

— Tudo bem — disse Raisa, cansada, como se estivesse acrescentando esse problema a uma lista mental. — Vamos voltar para o assunto do momento. — Ela olhou ao redor. — E o restante dos senhores? O que acham da proposta de Montaigne?

Será que ela está mesmo considerando?, perguntou-se Han. Ele conhecera Gerard Montaigne e não acreditava na ladainha que o príncipe estava tentando pregar.

— Concordo com Lorde Bayar — disse Byrne —, quer Montaigne tenha alguma coisa a ver com aqueles assassinatos, quer não. Meu palpite é de que, como ele não conseguiu derrotar o irmão sozinho, tem esperanças de que o exército de Fells distraia Geoff o bastante para que ele consiga uma posição melhor. — Amon fez uma pausa. — Nossas perdas poderiam ser arrasadoras. Nosso exército é treinado para lutar nas montanhas, onde nossos números menores não são uma desvantagem tão grande. Nas planícies de Arden, podemos ser cercados e derrotados.

— Não vamos nos precipitar — pediu o general Klemath, ajeitando o corpo pesado na cadeira. — Embora haja certa verdade no que o capitão Byrne disse, o conhecimento dele de nosso exército e das táticas de guerra em terras planas é limitado. Muitos

de nossos soldados mercenários foram treinados em Arden e Tamron exatamente nesse tipo de luta. Nessa situação, pode ser que nosso uso de mercenários experientes leve ao sucesso e não ao fracasso.

Ele deu um sorriso arrogante, como se estivesse redimido.

— Um casamento forte com o sul cimentaria sua posição — continuou Klemath — e desencorajaria aqueles que podem querer tirar vantagem de uma rainha jovem e inexperiente.

Por que o general de Raisa está dando conselho político?, perguntou-se Han. *Qual é a vantagem para ele nessa luta?*

Lorde Hakkam assentiu em concordância.

— Pode haver uma oportunidade aqui, se prosseguirmos com cautela. O Conselho dos Nobres poderia aceitar uma aliança com Arden, dependendo das reivindicações de terras e de posses, e se os sulistas viessem a ter algum direito às propriedades aqui do norte. — Inclinando a cabeça para trás, Hakkam olhou para os outros de cima. — Se ajudarmos Gerard, terras e propriedades em Arden deveriam ser cedidas a nós, como vitoriosos. Existe potencial para que muitos de nós se saiam melhor com terrenos maiores, com mais recursos. — Ele sorriu, e seus olhos se iluminaram de ganância. — Arden e Tamron! Pensem bem, quilômetros e quilômetros de campos férteis e ricos como nunca vimos em Fells.

Ele está dentro desde que receba sua parte, pensou Han. *Todo mundo aqui está votando de acordo com os interesses próprios. Liderar este Conselho é como guiar gatos e ratos juntos e tentar impedir que um faça sua refeição à custa do outro.*

— Acabei de voltar de Arden — disse Han —, e não é bem como pensam. Eles estão em guerra há quase uma década, e tudo está revirado. Boa parte das plantações foi destruída, e eles estão jogando dinheiro nos exércitos há tanto tempo que não sobra muito para construções e consertos.

Todos olharam para ele como se um cachorro tivesse falado de repente, oferecendo conselhos militares.

— Muito bem, então — disse Hakkam, dobrando os dedos com cuidado e torcendo o nariz como se tivesse sentido um cheiro ruim. — É provável que a maioria dos donos de terra tenha morrido, então vai haver propriedades disponíveis e necessitando de gerenciamento. Pode haver também oportunidades de negociar casamentos vantajosos com famílias proeminentes de Arden ou Tamron.

— Pode ser, Lorde Hakkam — disse Averill —, supondo que Gerard vença. Não me impressionei com os esforços militares dele até agora. Se Geoff nos vencer, nós, como aliados de Gerard, provavelmente não vamos fazer casamento nenhum com o sul.

Ele fez uma pausa.

— Alteza, já sabe minha opinião sobre Gerard Montaigne. Ele é uma cobra, e cobras não mudam sua natureza se colocarem uma roupa bonita e ganharem um título pomposo. Acho sábio olhar tanto dentro quanto fora do reino em busca de um par, mas, como pai e conselheiro, não posso sugerir que escolha Montaigne. Vossa Alteza jamais dormiria tranquila na cama dele.

Um leve sorriso surgiu no rosto de Raisa, chegando e sumindo tão rápido que Han nem teve certeza se de fato o vira.

Talvez Montaigne também não dormisse tranquilo, pensou Han. Isso o alegrou. Mas só um pouco.

— Podemos alcançar nossos objetivos sem comprometê-la a um casamento com o príncipe de Arden, Alteza — disse Lorde Hakkam. — Talvez ele ficasse satisfeito com outro par. Minha filha Melissa, por exemplo, é sua prima, e um casamento entre eles fortaleceria nossos laços fora do reino.

— Seria um erro grave permitir que Gerard Montaigne ganhasse espaço aqui — disse Lorde Bayar. — Quando percebermos, ele vai mandar os corvos de Malthus voarem para a cidade e tomarem nossos templos.

— Isso nunca vai acontecer — respondeu Lorde Averill, olhando para o orador Jemson, que, como sempre, escutava mais do que

falava. A expressão no rosto de Averill lembrou a Han que ele fora e ainda era um guerreiro Demonai.

— Ah, Gavan — disse o general Klemath para Bayar, ignorando Averill. — É claro que poderemos manipular isso em nosso favor e direcioná-los de modo a não correremos riscos. Nossos magos venceriam Gerard Montaigne a qualquer momento. Há certo risco, mas há muito a se ganhar nisso.

— Flechas são mais rápidas do que feitiços — murmurou Han.

Mais uma vez, todos olharam para ele.

— Alister está certo — disse Byrne. — Se usados estrategicamente, os magos podem ter papel fundamental em uma campanha militar. Mas não estamos acostumados a cooperar assim. Não lutamos em uma guerra dessas há mil anos.

Era um casamento peculiar de interesses; Lorde Averill e o capitão Byrne e Lorde Bayar e Han Alister concordando sobre alguma coisa era algo tão raro quanto ouro em Feira dos Trapilhos.

— Acho que os senhores verão que o Conselho dos Nobres concordará que uma aliança com Gerard Montaigne apresenta uma oportunidade rara — disse Lorde Hakkam. — Principalmente agora que ele controla Tamron. Talvez devêssemos nos reunir com os representantes dele antes de tomarmos uma decisão.

— Sem problemas, vamos abrir as negociações com os representantes de Montaigne — disse Raisa. — Isso não nos compromete com coisa alguma, e podemos descobrir mais sobre as intenções dele. No mínimo, pode mantê-lo longe, enquanto ele achar que existe uma possibilidade. Apesar de eu não gostar de uma união com Gerard, é claro que desejo manter todas as opções abertas quando se trata do melhor para o reino. Acho que temos que ser práticos em tais assuntos, seja lá quais forem nossas inclinações pessoais. Tio, vou deixar isso em suas mãos.

Hakkam sorriu como um bandido que identifica um alvo fácil.

— Vou mantê-la informada dos acontecimentos, Alteza.

Ignorando as expressões de raiva no rosto de Bayar e de Demonai, Raisa dobrou a carta, recolocou-a no envelope e deixou-a de lado, encerrando o assunto.

— Mais alguma coisa?

Lorde Bayar ficou de pé.

— Alteza, como sabe, a rainha indica um integrante para o Conselho dos Magos, que fala em favor de seus interesses. Nosso próximo encontro está marcado para daqui a uma semana, e seria bom que tivesse um representante nele. Vamos querer escolher um novo Grão-Mago assim que possível, para oferecer proteção adequada a Vossa Alteza.

Ele olhou para Han, como se ele fosse um exemplo de proteção inadequada.

— É mesmo? — disse Raisa, erguendo uma sobrancelha. — Está marcado para daqui a uma semana, é?

Ela bateu com os dedos na mesa.

Bayar deveria ter percebido. Ou era cego ao humor de Raisa ou não se dava ao trabalho de tentar interpretá-la.

— Como o tempo é curto, posso indicar minha filha Fiona? As duas cresceram juntas, e, como Vossa Alteza disse, seria bom ter outra mulher no conselho.

Uma mulher que gostaria de derrubar Raisa do trono, pensou Han.

Raisa cruzou os braços, um sinal de resistência.

— Os Bayar já não ocupam um assento no Conselho? Além de seu papel de Grão-Mago e presidente?

Lorde Bayar assentiu.

— Como meu filho mais velho, Micah, fez 18 anos, vai assumir o assento dos Bayar no Conselho. Eu, claro, vou continuar como presidente até um novo Grão-Mago ser escolhido.

Então Micah é o gêmeo mais velho, pensou Han. Se acrescentarmos Fiona, serão três Bayar no Conselho dos Magos.

Isso não era uma ideia muito boa, principalmente se eles estavam prestes a escolher um novo Grão-Mago.

— Obrigada, Lorde Bayar — disse Raisa. — Agradeço a sugestão, mas já escolhi um representante para o Conselho.

Lorde Bayar ergueu a cabeça e rapidamente escondeu a expressão de susto do rosto.

— É mesmo, Alteza? Tão rápido? É alguém que conheço?

— Alister concordou em assumir o cargo — explicou Raisa, indicando Han, encostado na parede.

Mais uma vez, cabeças se viraram como contas em um barbante.

Expressão neutra, pensou Han, olhando para eles.

Gavan Bayar *não* se deu ao trabalho de esconder sua opinião.

— Alteza — protestou, virando-se para Raisa. — Sem dúvida Alister traria uma perspectiva nova e revigorante às nossas deliberações. No entanto, apesar de seu perdão generoso pelos crimes do passado dele, não é adequado que represente seus interesses entre os integrantes das famílias mais antigas e ilustres de magos deste reino. O histórico mais do que pitoresco dele não o prepara para os deveres do Conselho.

— Não sei, Lorde Bayar — disse Raisa, a voz como um doce veneno pingando nos ouvidos deles. — O Conselho dos Magos foi descrito para mim como um ninho de víboras. Pode ser que a experiência das ruas sirva bem a ele nesse ambiente.

Os integrantes do Conselho se mexeram nas cadeiras e olharam para todos os lados, menos para o poderoso Grão-Mago e para a jovem e teimosa rainha. Han cruzou os braços, assumindo uma postura indiferente e olhando com franqueza para qualquer um ousado o bastante para encará-lo.

— Princesa Raisa, imploro que reconsidere — pediu a mulher ruiva. — Há dúvidas sobre se Alister tem o dom verdadeiro. Ele surgiu do nada, não sabemos nada sobre sua família, e parece que seu poder só se manifestou recentemente.

— Lady Gryphon tem razão — reiterou Bayar. — Dizem que os ditos dons dele não são dons, mas uma manifestação de possessão demoníaca, alimentada por sacrifício de sangue.

Só um demônio reconhece outro, pensou Han.

— Sou de Feira dos Trapilhos, Lorde Bayar — disse ele, afastando-se da parede e parando com os pés ligeiramente afastados. — E obtive meus dons do jeito normal. Quanto a não terem aparecido antes, bem, existem motivos.

O olhar de Han se dirigiu a Lorde Averill, que estava com sua expressão de comerciante, e de novo para Bayar.

— Quanto a minha família, meu pai era Danel; ele morreu como mercenário nas guerras do sul — prosseguiu Han. — O nome de minha mãe era Sarah, chamada de Sali, e minha irmã era Mari. Elas morreram no verão passado. Mas você já sabe disso. Cada vez que esquecer, vou lembrá-lo. Foi esse o sacrifício de sangue que fiz para estar aqui, e já é suficiente.

As palavras dele provocaram inquietação no Conselho, como uma pedra jogada em um lago. Han olhou de um rosto para outro, e o único simpático era o de Jemson. E o orador parecia preocupado.

Lady Gryphon limpou a garganta.

— É exatamente disso que estou falando, Alteza. Meu filho Adam foi nomeado recentemente para o Conselho. Quando comparar a linhagem dele à desse ladrão de rua, acho que vai perceber que...

— Lady Gryphon, seu filho foi meu professor na Academia Mystwerk — disse Han. — Se tem alguma pergunta quanto às minhas credenciais como mago, sugiro que envie um bilhete para a reitora Abelard.

— Na verdade, a reitora Abelard está voltando para Fells — respondeu Lady Gryphon. — Vamos perguntar qual é a opinião dela, certamente; mas, sendo realista, como aluno do primeiro ano, deve ter tido contato limitado com a reitora da Academia Mystwerk.

— Para falar a verdade, eu via a reitora Abelard com frequência — disse Han, ajeitando as estolas. — Ela era... uma espécie de

mentora para mim.

Ele não pretendia usar a cartada de Abelard tão cedo, mas agora era uma distração útil.

Bayar apertou os olhos. Micah e Fiona já deviam ter falado com ele sobre Abelard e Alister.

— Independentemente do que Abelard diga, Vossa Alteza deve pesar o risco de ter uma pessoa assim tão perto — insistiu Bayar.

— A conversa está encerrada — disse Raisa, cortando qualquer coisa que Bayar pretendesse dizer. — Já tomei minha decisão, e Alister é minha escolha. Eu tinha esperanças de que o Conselho aceitasse com dignidade. Já que isso não aconteceu, é melhor aprender a conviver com o fato.

Lorde Averill observou Han, estreitando os olhos, parecendo se perguntar o que seu mercenário estava tramando.

Lorde Bayar manteve os olhos fixos em Raisa, e alguma coisa na expressão dele provocou arrepios em Han. Ele não tinha sobrevivido tanto tempo nas ruas deixando passar as intenções de assassinato nos olhos dos inimigos.

O Grão-Mago inclinou a cabeça.

— Muito bem, Alteza. Se Alister é sua escolha, vamos recebê-lo na Casa do Conselho em Lady Gris na semana que vem.

Ele continuou sem olhar para Han, como se o fato de reconhecer sua presença fosse dar crédito demais a ele.

— Mal posso esperar — disse Han, dando seu sorriso de dono da rua.

Ele tentou ignorar a voz em sua mente que dizia: *Mate-o agora, Alister. Mate-o antes que ele tente de novo.*

— Se isso for tudo, a reunião está encerrada — anunciou Raisa abruptamente. — Alister, capitão Byrne, Lorde Demonai e orador Jemson, fiquem, por favor.

Ela está esfregando sal de propósito nas feridas que já causou, pensou Han.

O resto do grupo saiu, de costas rígidas e em silêncio.

Byrne colocou a cabeça para fora da porta e falou com alguém, sem dúvida um de seus casacos azuis. Em seguida, fechou a passagem e voltou à mesa.

Depois de um momento de silêncio constrangido, Averill disse:

— Você fez alguns inimigos aqui hoje, filha.

— Acha que algum dia eles foram meus amigos, pai? — questionou Raisa com amargura, andando de um lado para outro.

— Eles nunca foram seus amigos — respondeu Averill —, mas agora têm motivos para pensar que você vai ser difícil de controlar.

— Ótimo — replicou Raisa. — Não vou ser controlada e não aceito ser tratada com condescendência. “Estamos em uma época perigosa, minha querida” — zombou ela. — Como se eu não soubesse. Eles precisam saber que os tempos mudaram.

— Já houve dois atentados à sua vida — disse o orador Jemson.

— Quatro, na verdade — corrigiu Raisa, brincando com o cabo da adaga que sempre carregava.

— Quatro, então — consertou Jemson. — Devo admitir que estou preocupado, Alteza.

— Eu também — disse Raisa. — Mas, se os pressionarmos, eles podem cometer algum erro, e então teremos as provas de que precisamos. Não consigo pensar em nenhuma outra forma de descobrirmos o que realmente aconteceu com minha mãe.

— Ou *nós* cometeremos um erro e você será morta — observou Byrne. — Eles só precisam ter sorte uma vez. Nós temos que ser perfeitos o tempo todo.

Exatamente o que penso, disse Han para si mesmo.

Como se o tivesse ouvido, Raisa se virou e o encarou.

— E você? — perguntou ela. — Quase não disse nada. O que acha de tudo isso?

Han organizou seus pensamentos, surpreso por ela ter pedido sua opinião.

— Acho que talvez tivesse sido mais inteligente esperar até depois da coroação para arrumar briga com Lorde Bayar. É como

cutucar um ninho de vespas; se ficar fazendo isso, vai ser picada, por mais cuidadosa que seja. Acredite em mim. Eu sei.

— Você! Olhe só quem fala — disse Raisa, abrindo e fechando as mãos como se quisesse apertar o pescoço de alguém. — Acha que fez algum amigo aqui?

— Ah, eles já me odiavam — comentou Han, dando de ombros. — Não me entenda mal. Acho que está certa de começar com o exército. Até estar no controle dele, ficará em risco. É como ter uma gangue que fez juramento de sangue a seu ajudante e não poder demiti-lo porque todos vão se revoltar. Já sabe que Klemath vai lutar como um demônio para manter o controle do exército. Se Klemath e Bayar se unirem, só lhe resta a guarda. — Ele deu de ombros e indicou Byrne. — Sem querer desrespeitar o capitão Byrne, mas era isso o que a rainha Marianna tinha, e ela está morta.

— Rosa Agreste, não pode estar pensando seriamente em um casamento com Gerard Montaigne — disse Averill, lançando uma expressão de “cale a boca” para Han. — Por favor, me diga que não está falando sério.

— Enquanto eu fingir estar pensando no pedido de Montaigne, ele vai permanecer no sul, e isso vai abrir uma fenda entre Klemath e Hakkam e Bayar — respondeu Raisa. — Eles andam juntos demais ultimamente. O Conselho dos Nobres vai ficar do lado do meu tio, principalmente se os mercenários forem lutar e a Coroa pagar as contas. Lorde Hakkam vai gastar a mesma energia tentando arrumar um casamento para minha prima Melissa quanto nas negociações sérias para meu noivado. — Ela revirou os olhos. — Até eu conseguir controlar essas pessoas, preciso impedir que se unam contra mim.

— Foi por isso que fez lorde Bayar ler a carta em voz alta? — perguntou Jemson, a compreensão surgindo em seu rosto.

Raisa girou o anel no dedo e deu um sorriso triste.

— Klemath já tinha lido. Não dá para saber quem mais também leu. Aquela coisa tinha sido aberta e manuseada tantas vezes que é um milagre ainda estar legível.

Ela olhou diretamente para Han.

— O que você estava dizendo?

Não subestime essa garota, disse Han para si mesmo. *Nunca faça isso. Alguns sangues azuis crescem rápido, assim como os donos da rua.*

Ele limpou a garganta.

— Concordo que precisa forçar as coisas com o exército, por mais arriscado que seja. Assim que for seguro, dispense Klemath e coloque alguém leal no lugar. Portanto, acho que agiu corretamente, embora talvez devesse ter feito isso em um momento diferente.

Raisa olhou para ele por um tempo e assentiu de leve.

— Sim. Bem. Muito bem, então.

— Eu não sabia que pretendia nomear Caçador Solitário para o Conselho dos Magos, Alteza — disse Averill, franzindo a testa. — Quando tomou essa decisão?

Lorde Demonai obviamente achava que deveria ter sido consultado. Han esperou, perguntando-se se Raisa falaria alguma coisa sobre a exigência dele de ser indicado para o Conselho.

Ela não falou.

— Que escolha eu tinha? — disse Raisa, como se não estivesse feliz com a decisão. — Eu não ia escolher Fiona Bayar. Assim Alister pode ficar de olho neles.

— O general Klemath estava certo sobre uma coisa — disse o orador Jemson. — Estamos em uma época perigosa.

Raisa falou bruscamente:

— O que está feito está feito. Espero que vocês três façam pressão em Klemath com relação à questão do exército. Quero ver progresso de verdade em três meses. Leiam os contratos dos mercenários e vejam quais estão perto de renovação. Vou dar uma

ordem para que nenhum contrato novo seja concretizado sem a assinatura dos quatro. Se encontrarem resistência, me avisem. — Ela suspirou e massageou as pálpebras com as pontas dos dedos. — Lamento por colocar vocês nessa posição — disse ela, falando por entre as mãos. — Eu queria ter alguém no exército em quem pudesse confiar.

— Me dê um pouco de tempo, Alteza — pediu Byrne. — Vou fazer pesquisas e lhe trazer alguns nomes. Alguns dos oficiais são nativos. Outra possibilidade é transferir alguns bons oficiais da guarda para o exército.

— Tempo é o que não temos — disse Raisa. — Tanta coisa a fazer, tão pouco tempo e dinheiro.

Com isso, ela os dispensou. Quando passou pelo amontoado de casacos azuis na porta, Han olhou para trás e viu Raisa sozinha em sua câmara privada, de cabeça baixa, girando o anel de lobo na mão direita.

Ela está mais preocupada do que demonstra, pensou Han.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Jogo de pretendentes

Gerard Montaigne não era o único interessado em se casar com Raisa. Conforme o boato de que a princesa-herdeira desaparecida tinha voltado e seria coroada rainha de Fells se espalhou pelos Sete Reinos, o fluxo de pretendentes recomeçou, de dentro e de fora do reino. Era uma faca de dois gumes. Raisa ainda esperava adiar um casamento o máximo possível, mas os cofres estavam quase vazios e ela queria continuar a apoiar o Ministério da Rosa Agreste em Feira dos Trapilhos e Ponte Austral.

Para todos, uma princesa solteira era vista como uma ponta solta que tinha que ser cortada ou amarrada o mais rápido possível.

Mensagens contraditórias de consolo pela morte da mãe e de parabéns pela futura coroação chegavam de outros monarcas dos reinos, repletas de lances para o leilão do casamento. Alguns ofereciam filhos caçulas que precisavam de tronos onde se sentar, outros sugeriam união entre Fells e reinos tão distantes quanto Bruinswallow e Angra de We'en.

Embora Raisa *ana* Marianna ainda não tivesse sido coroada e houvesse boatos de que tinha um ladrão como amante e de que provavelmente tivera envolvimento na morte da rainha Marianna, a maioria estava disposta a deixar tudo isso de lado em consideração às posses em minério do reino. Além disso, tinham ouvido dizer que todas as rainhas do norte eram bruxas mesmo.

Todo mundo de fora parecia ansiar por ajudar uma jovem rainha órfã a governar o reino. Todo mundo de casa parecia ansiar por casá-la o mais rápido possível, desde que fosse com seu favorito.

Os irmãos Klemath reapareceram como pretendentes entre uma variedade de nativos esperançosos.

O principal pretendente das terras altas era Reid Andarilho da Noite. Ele agora passava mais tempo na capital do que Raisa se lembrava de ter visto antes, já que estava designado para a guarda de Averill. O guerreiro Demonai a cortejava discretamente, trazendo-lhe presentes como mantas de pele e artefatos de couro e joias feitas pelos clãs, perfumes e artigos aromáticos das feiras. Estava claro que esperava seguir os passos de Averill e se casar com uma rainha.

Raisa e Andarilho faziam longas caminhadas pelos jardins, às vezes com os Lobos Gris seguindo a uma distância respeitosa. Em outras ocasiões, cavalgavam pelas colinas ao redor do Vale, mas sempre com escolta. Andarilho da Noite ouvia mais do que falava e não era mais tão insistente em suas tentativas de ir além de beijos e carícias.

Eu poderia fazer escolhas piores, pensou Raisa, na questão de uma ligação política, ao menos. Ela listou as vantagens: Andarilho era comprometido com os interesses de Fells de forma inquestionável. Não tentaria tornar Fells uma província menor de um reino distante. Apoiaria os esforços dela para limpar o rio Dyrnne e manter o Conselho dos Magos sob controle. Um casamento com ele reforçaria as ligações entre os clãs e a linhagem Lobo Gris.

E seria bem-feito para os Bayar, depois de planejarem e armarem tanto para que ela se casasse com Micah.

De modo geral, Andarilho da Noite parecia a escolha mais segura, a mesma feita pela mãe dela no passado. Quanto ao lado pessoal, pelo menos eles tinham idades mais próximas do que Averill e Marianna. Ele era magro e gracioso e bonito. Embora fosse improvável que permanecesse fiel a ela, isso ao menos não afetaria a linhagem.

Micah Bayar era outra questão. Com a volta de Raisa, ele parara abruptamente de cortejar Mellony. Como resultado, Mellony vivia emburrada, chorosa e chateada, testando a paciência de Raisa.

Você só tem 13 anos, pensou Raisa. E é princesa. Acostume-se.

Já eu estou cansada de enrolações românticas. Todo mundo com quem me envolvo é proibido ou não está disponível ou tem raiva de mim.

Por exemplo: Han Alister às vezes agia com agitação e profissionalismo, às vezes com frieza e distanciamento e, às vezes, com deboche. Ignorava as muitas tentativas de Raisa de restaurar ou reacender a amizade deles, ou desviava delas com destreza.

Eles haviam tido uma "aula" que fora um desastre. Sozinhos nos aposentos privados dela, Raisa disparara como um cavalo em fuga, dissecando a política da corte até estar completamente entediada consigo mesma.

Han ficara sentado, apertando os braços da cadeira, com rosto pétreo e olhar vidrado, como se não estivesse ouvindo nem metade do que ela dizia. Raisa estava extremamente consciente da presença dele e ficou o tempo todo medindo a distância física e emocional entre os dois.

As duas aulas seguintes foram canceladas e remarcadas, uma vez por ele, por motivos pessoais, e uma vez por ela, por causa de outra reunião no mesmo horário.

Por que ele insiste?, pensou ela. Não sei o que dizer que possa melhorar as coisas. Não sei o que fazer para reconstruir a confiança entre nós, nem sei se isso é possível.

Mas tem uma coisa que posso fazer. Não posso dar uma linhagem a Han Alister, mas posso dar um título. E um lar para substituir o que foi queimado sob ordens de Marianna. Talvez isso o faça se sentir mais seguro, mais à vontade na corte.

Ela afastou o pensamento irritante de que nem o pai nem os Bayar ficariam felizes com isso.

Não estou aqui para fazê-los felizes, disse a si mesma.

Os planejamentos para a coroação seguiram entre o trabalho duro do governo. Os convites para o baile foram enviados, e respostas positivas chegaram em enxurrada de todos os Sete Reinos. Alguns deviam ser curiosos que queriam ver o que a princesa-herdeira determinada faria agora que estava sozinha, sem supervisão materna.

Os que esperavam encantá-la e se casar com ela compareceriam por medo de Raisal se casar às pressas e eles perderem a oportunidade.

Havia outros que, sem dúvida, queriam aproveitar uma semana de hospitalidade gratuita. Ou talvez estivessem ansiosos para ver como era uma bruxa de verdade.

A maioria dos nobres de Arden recusara, citando as exigências da guerra em andamento. Mas, para a surpresa de Raisal, o rei Geoff Montaigne, de Arden, mandara avisar que compareceria, junto com a rainha e os dois filhos.

Ele deve estar mais confiante em relação ao trono, pensou Raisal, *para sair de Arden nessa época.* Pelo que os espiões do reino relatavam, Geoff conseguira apoio quase unânime entre os nobres sulistas, cansados da guerra.

Raisal torcia para que ele não fosse outro Gerard. Pelo menos esse Montaigne já era casado.

Não houve resposta de Tamron, nem dos Tomlin, nem de Gerard Montaigne. Ela supôs que fosse uma coisa boa; seria estranho ter dois reis de Arden presentes. Enquanto isso, as negociações de Lorde Hakkam com os representantes ardeninos se arrastavam.

Raisal se submeteu a múltiplas provas de roupa sob supervisão de Magret. Precisava de um vestido para a cerimônia de coroação, um para o baile e vestidos para todas as festas que aconteceriam antes e depois. Não seria bom Raisal usar o mesmo traje para mais de uma festa.

— Talvez eu pudesse trocar com alguém — resmungou Raisal. — Não deveríamos gastar tanto dinheiro com roupas que

provavelmente só vou usar uma vez.

Magret revirou os olhos.

— Como se alguém fosse caber nas suas roupas. E a de qualquer outra pessoa ficaria enorme em você. Uma coroação é algo que só acontece uma vez na vida, Alteza. Assim como um casamento.

Raisa providenciou para que Mellony também tivesse roupas novas sob medida. Ela esperava que a série de eventos sociais melhorasse o ânimo da irmã mais nova. E, realmente, enquanto Raisa apenas tolerava as provas, elas pareciam alegrar Mellony consideravelmente. A menina amava experimentar roupas. Como Marianna, gostava muito de festas.

Houve longas sessões na Catedral do Templo com o orador Jemson, ensaios para a coroação. *Esta é minha vida daqui em diante*, pensou Raisa, com desânimo. *Uma cerimônia após outra*. Mas o orador Jemson era gentil e divertido. Levava a coroação a sério, mas ajudava o fato de ele não levar a si mesmo a sério demais.

Os Lobos Gris foram designados para a guarda pessoal de Raisa e teriam um papel importante na cerimônia. Nos ensaios, eles ficavam rígidos e solenes, a testa franzida em concentração. De certa forma, era pior o fato de eles serem seus amigos. Raisa sabia que eles jamais se perdoariam se cometessem algum erro que manchasse o grande dia dela.

Ela sentia falta da camaradagem tranquila com os Lobos. Eles viviam ao redor dela, mas agora a barreira da posição social os separava. Era difícil relaxar com alguém que ficava em posição de sentido sempre que você entrava em um aposento.

Amon tinha trazido de Vau de Oden o bastão que o Andarilho das Águas, Dimitri, dera a Raisa. Eles voltaram aos treinos três vezes por semana, no pátio do quartel. Era um bom exercício, porém, mais importante era o único momento que tinha sozinha com Amon. Permitia que eles tivessem conversas particulares, longe de ouvintes nas paredes do palácio.

Quatro dias depois de anunciar a indicação de Han ao Conselho dos Magos, em um fim de tarde, Raisa estava voltando dos estábulos, depois de uma longa cavalgada pelo Vale com Reid Demonai e um grupo de guardas. Estava vermelha e suada, com os músculos relaxados e a tensão dissipada por horas na sela. Ela e Andarilho da Noite tinham se separado com um beijo na porta do estábulo.

Ele queria mais do que isso, claro. Esperava mais, àquela altura. Ela só desejava conseguir sentir um pouco mais de entusiasmo.

Talia Abbott e Trey Archer estavam montando guarda em frente à porta do quarto dela. Raisa parou e sorriu para Talia.

— Como a sargento Greenholt está se adaptando?

Pearlie Greenholt, namorada ardenina de Talia, era nova em Fells. A antiga mestre de armas da Casa Wien fora nomeada sargento pelo novo capitão Byrne.

— Ela está gostando bastante, Alteza — respondeu Talia, com educação calculada. — Obrigada por perguntar.

Raisa ergueu uma sobrancelha.

— É mesmo?

Talia riu.

— Ela diz que é frio demais aqui e que está cansada de andar em ladeiras o tempo todo. Além do mais, sente falta das frutas e verduras frescas que tínhamos o ano todo em Vau. Diz que os nabos e repolhos lhe dão gases.

Raisa riu, sabendo que Pearlie morreria de vergonha se soubesse que segredos sua namorada estava contando à rainha de Fells. Mas Talia pelo menos não estava sendo muito formal.

No quarto de Raisa, o banho esperava sobre o queimador, soltando vapor no ar frio, mas Magret não estava por perto. *Deve estar com uma de suas dores de cabeça*, pensou Raisa. Ela pediu que lhe enviassem um jantar leve e tirou com cansaço a calça de montaria, a jaqueta e as roupas de baixo. Ao afundar na água

quente, seus pensamentos voltaram para a questão que a perturbava desde que se irritara com os conselheiros.

Teria ela tomado a decisão certa ao colocar Han Alister no Conselho dos Magos?

Han conseguiria ajudar no Conselho ou seria isolado como o intruso que era? Ou pior, assassinado por causa de sua arrogância? Averill deixara claro que não aprovava. Era o que Han queria, mas...

Ela devia ter adormecido. Acordou com uma batida forte na porta e supôs que fosse a comida chegando. Saiu do banho, se enxugou e vestiu um roupão. Entrou na sala de estar, mas, quando o som se repetiu, ela percebeu que vinha da porta que levava à suíte de Han.

Ela aproximou a boca da porta.

— O que você quer?

— Acredito que temos um compromisso, Alteza — disse Han pela porta.

Compromisso? Ah. Certo. Era hora da aula remarçada.

Sangue e ossos. Ela não estava pronta para encarar outra noite com um Han Alister frio e distante. Era doloroso demais.

— Não é uma boa hora — falou Raisa, olhando para os dedos dos pés que apareciam sob a barra do roupão. — Não podemos nos encontrar mais para o final da semana?

— Preciso falar com você. Agora — disse ele bruscamente. Depois de uma pausa, acrescentou: — Fizemos um acordo, certo?

Raisa suspirou.

— Certo. Fizemos.

Ela destrancou a porta e a abriu. Han entrou no quarto passando por ela, aparentemente para perceber como estava vestida.

Ela reparou nele. Os alfaiates haviam andado ocupados. Han estava usando um casaco azul de seda que combinava com seus olhos e uma calça preta justa.

Talvez eu devesse pedir para ele se vestir com um saco de batatas, pensou ela. *Seria mais fácil resistir.*

Ele foi até a janela, apoiou as mãos no parapeito de pedra e contemplou a cidade. Suas costas estavam retas como uma tábua, os pés ligeiramente afastados e os ombros empertigados e tensos.

Ele está com raiva, pensou Raisa. O que foi agora?

— Eu pedi jantar. Você já comeu? Podemos conversar enquanto comemos.

— Não estou com fome — disse ele, ainda olhando pela janela.

— Olhe — disse Raisa, sem conseguir se segurar —, não faz sentido nos encontrarmos se você vai...

— Ouvi falar que tenho um castelo no rio Grota de Fogo — disse Han para a janela. — E um título.

— Ah. Sim — concordou Raisa apressadamente. — Eu queria lhe contar, mas não o vi desde que acertei os detalhes. Ravengard é o nome. O castelo tem um bom tamanho, é de pedra e madeira, mas precisa de consertos. Tem uma propriedade grande ao redor, com boas caças e bons pastos. Algumas outras construções. Não é tão boa para plantio, mas...

— Não acha que teria sido boa ideia me contar? — perguntou Han, virando-se para encará-la. — É o que mais se fala na corte. E sou o último a saber.

— Eu pretendia contar. Mas acabei esquecendo. Eu não sabia que a notícia tinha se espalhado.

Mas é claro que tinha. Boatos se espalhavam na corte como sarnas em Feira dos Trapilhos.

— Pensei que você ficaria feliz. Feliz de ter um lar, é o que quero dizer — acrescentou ela, meio sem jeito.

Ela havia nutrido a esperança de que uma propriedade e um título ajudassem a diminuir o abismo entre eles.

— E talvez eu ficasse, se tivesse sido feito de um jeito diferente. — Ele balançou a cabeça. — Você não entende? Fico parecendo um idiota por nem saber sobre isso. Como se você estivesse dando um presente a um favorito em vez de cumprir uma obrigação.

Raisa fez uma careta e mordeu o lábio.

— Eu estava cansada de Lorde Bayar chamando você de “Alister” e “ladrão”, por isso pensei em lhe dar um título.

— Acha que isso vai impedi-lo? — Han riu com deboche. — *Alister* e *ladrão* não me incomodam tanto. Pelo menos são referências verdadeiras. É quando me chamam de seu brinquedo que tenho objeções.

A voz dele tremeu, e Han pareceu levar um momento para se controlar. Naquela noite, ele estava todo vidro e espinhos.

Raisa o encarou, mas Han se virou de novo, fitando a lareira, irritado.

A raiva dele a confundia. Ela não achava que Han se preocupasse com fofocas.

Talvez até o boato de que eram amantes provocasse repulsa nele.

Ela se aproximou por trás e tocou seu cotovelo. Han se encolheu, mas não se virou.

— As pessoas falam na corte — disse Raisa. — Não há como impedir.

Ele não disse nada.

— Estão falando de mim também. É minha reputação também.

— Acha que estou preocupado com minha maldita *reputação*? — Han finalmente se virou e olhou para ela. — Se acham que você me favorece, se acham que sou seu brinquedinho bonito, vão vir atrás de nós dois. A única coisa entre mim e eles é o medo e o respeito. Tenho que me exibir.

— Não estamos mais em Ponte Austral — disse Raisa. — Você não está abrindo espaço no território de outra gangue.

— Não? — Han ergueu a sobrancelha. — É o que você pensa. Entrar na casa do Conselho dos Magos vai ser bem parecido com entrar em Ponte Austral depois da meia-noite usando as cores dos Trapilhos e carregando um saco cheio de ouro.

— Foi você quem pediu um quarto ao lado do meu — retorquiu Raisa. — Foi você quem pediu para entrar no Conselho. O que você

achou que aconteceria?

— A questão é que você não pode ficar me sacudindo como uma bandeira vermelha na frente do Conselho dos Magos. — Ele segurou os braços dela e a olhou nos olhos. — Escute. Pelo bem de nós dois, você precisa agir como se me odiasse. Como se não me quisesse aqui.

— Como se o odiasse? — Raisa revirou os olhos, muito consciente dos dedos quentes dele em seus braços. — Bem, isso faz sentido. Foi por isso que dei a você o quarto ao lado do meu e o indiquei para o Conselho dos Magos.

— Deixe que eles pensem que você está fazendo isso tudo contra sua vontade. Talvez sob pressão da reitora Abelard. Eles já pensam que trabalho para ela. Ou talvez eu esteja chantageando você. Se acharem que você não me quer no Conselho, não vão saber que sou seu par de olhos.

— Não quero que as pessoas pensem que posso ser intimidada — argumentou Raisa.

— É melhor do que pensarem que somos aliados. Temos que distraí-los por um tempo até eu botar meu plano em ação. Depois disso, não vai importar.

Qual é seu plano?, pensou Raisa. Somos mesmo aliados? O que você realmente quer? Vingança contra os Bayar? A questão toda é essa?

— É meio tarde para convencê-los de que somos inimigos, não acha? Depois da reunião do Conselho da Rainha e tudo o mais.

Han riu, mas havia certo amargor no som.

— Não, eles vão cair. Apesar dos boatos, os sangues azuis não querem acreditar que você se aliaria a um ladrão de rua. A ideia os enoja. Eles ficariam felizes de pensar o contrário.

Não somos todos assim, Raisa teve vontade de dizer. Mas sabia que não ajudaria em nada.

— Mas isso ainda coloca você em risco. Se as pessoas pensarem que é meu inimigo, vai ser aberta a temporada de caça contra você.

Todo mundo, até meus amigos, vão partir para cima.

— Acredite em mim, é ainda mais arriscado se acharem que somos próximos — respondeu Han. — Isso não faz ninguém feliz. O Conselho dos Magos começará a pensar em apagar nós dois e colocar Mellony no trono. Os clãs vão partir para cima de mim, se acharem que há alguma coisa entre nós. Seu pai já está tenso porque você me colocou no Conselho.

— Mas você vai ficar completamente sozinho. Você não pode lutar contra todo mundo.

— *Eu* vou ficar sozinho? — Ele olhou para ela de cima a baixo, a boca se curvando em um meio sorriso. — Quem é mais sozinho, você ou eu? Não tenho muitos amigos, mas pelo menos posso contar com os que tenho. Ninguém está puxando meu saco para tirar vantagem.

Raisa tomou fôlego, prestes a discordar. Mas soltou a respiração sem dizer nada. Ele estava certo, claro.

Han sorriu como se soubesse que marcara um ponto.

— Sei me cuidar. Tenho alguns aliados e vou encontrar outros, você vai ver. — Ele fez uma pausa e observou o rosto dela, seu olhar seguindo dos olhos até os lábios. — Sou muito agradável depois que me conhecem melhor — sussurrou ele.

Ele soltou um dos braços dela e prendeu uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

Raisa percebia quanto ele estava perto, a barba pálida por fazer nas bochechas, e ainda havia a lembrança dos beijos passados.

Ela ficou na ponta dos pés, esticou a mão livre e puxou o rosto dele para perto. Beijou-o com uma espécie de desespero, enfiando os dedos no cabelo dele para impedi-lo de fugir.

Han colocou as mãos em seus ombros, como se pretendesse empurrá-la para longe, mas acabou deslizando-as pelas costas de Raisa e a ergueu, apertando-a contra si. Os lábios dele pareciam formigar contra os dela, disparando uma corrente até as pontas dos dedos dos pés de Raisa.

Depois de ter começado, ele parecia não conseguir parar. Han beijou os lábios dela, o canto da boca, o queixo e atrás da orelha, deixando um calor onde quer que os lábios tocassem em pele.

Han estava respirando pesado, e ela sentia o coração dele disparado sob a seda.

— Doce Hanalea — murmurou ela, segurando as lapelas dele, o coração retumbando dolorosamente. — Senti tanto sua falta.

— Olhe — disse ele, engolindo em seco —, isso não é uma boa ideia. Eu só... É melhor eu ir antes que nós...

— Não vá.

O desejo fluía por Raisa, afastando todas as boas intenções. Ela deslizou as mãos para a nuca dele, puxando sua cabeça e calando-o com a própria boca, apertando o corpo contra o dele.

Han a pegou no colo, a carregou até o sofá e a colocou ali. Espremeu-se ao lado dela e a trouxe para si. Raisa puxou a camisa dele de dentro da calça e enfiou as mãos por baixo. Embolaram-se em uma confusão de veludo e seda. Os dedos de Raisa acariciaram os ombros musculosos de Han e desceram pela curva na base da coluna, mapeando evidências de antigos ferimentos.

Os lábios de Han roçaram na pele dela e dispararam tremores ardentes, destruindo com carícias o que restava de resistência.

— Me desculpe — sussurrou ele, beijando uma parte sensível atrás da orelha. — Eu não pretendia fazer isso. É que... é difícil resistir a você...

Houve uma batida na porta, e eles deram um pulo para longe um do outro. Era a porta do corredor dessa vez. Han ficou de pé em um piscar de olhos, ajeitou as roupas e penteou o cabelo desgrenhado com os dedos.

Raisa se sentou com relutância. Não conseguiu evitar pensar que Han parecia muito acostumado a escapadas rápidas de encontros amorosos interrompidos.

A batida se repetiu.

— Alteza? — chamou uma mulher. — Posso levar seu jantar?

Raisa demorou um momento para recuperar a voz.

— Deixe aí fora — respondeu, com uma voz rouca e estranha.

Depois de um momento de hesitação, a mulher disse:

— Não posso deixar a comida no corredor, Alteza. Sabe que não é seguro.

— Não estou com fome — murmurou Raisa para Han, erguendo as mãos para impedi-lo quando ele se virou para a porta do próprio quarto.

Han balançou a cabeça.

— Eu vou — sussurrou ele, inclinando-se para tão perto que o hálito quente fez cócegas na pele dela. — Eu estava certo desde o começo. Isso *não* é uma boa ideia e não vai acontecer de novo. — Ele seguiu em silêncio até a porta que ligava os quartos. — Boa noite, Alteza — disse apenas com o movimento dos lábios.

Ele passou pela porta e fechou-a com um estalo.

Ossos, pensou Raisa, sentindo a frustração como uma pedra na barriga. Ninguém estava agindo como deveria.

Ela ficou de pé, arrumou o roupão e esperou que o sangue parasse de correr disparado pelas veias. Longe do brilho da lareira, sombras se espalhavam pela escuridão, a luz se refletindo em olhos dourados e dentes brancos.

É claro, disse ela para si mesma, com infelicidade. *Perigo para a linhagem. Tudo que faço ou quero é perigoso para a linhagem.*

Ela foi até a porta, abriu a tranca e deu vários passos para trás.

— Tudo bem — disse Raisa para os servos lá fora, com a voz quase normal. — Podem entrar para trazer a comida.

A porta foi aberta por uma mulher alta e larga com uniforme azul mal-ajustado, carregando uma bandeja coberta por um guardanapo. Alguém que ela não conhecia, percebeu Raisa. Os olhos da soldado percorreram o quarto rapidamente e ela deu um passo para a frente e para o lado, revelando dois homens atrás, armados com espadas.

Eles se apressaram na direção de Raisa enquanto a mulher largava a bandeja na mesa com um estalo. Ela se virou e trancou a porta, depois pegou facas embaixo do guardanapo, uma em cada mão.

Tudo pareceu acontecer em câmera lenta, como um sonho no qual os pés de Raisa estivessem grudados no chão e os gritos presos na garganta. Os dois espadachins se aproximaram dela, um de cada lado, sorrindo por saberem que, com a porta trancada, teriam tempo para terminar o trabalho mesmo que ela gritasse por ajuda.

Eles a alcançariam antes que pudesse abrir a porta para a suíte de Han, supondo que não estivesse trancada. Raisa fugiu gritando para o quarto e bateu a porta. Lutou para deslizar a tranca e pulou quando as lâminas atravessaram a madeira.

O bastão de Dimitri estava apoiado no canto do quarto, e, assim que Raisa o pegou e o segurou horizontalmente na frente do corpo, a tranca cedeu.

Ela bateu com a ponta do bastão no rosto do primeiro homem a entrar. Atingiu-o com um satisfatório estalo molhado, e ele largou a espada e despencou como uma pedra, segurando o rosto com as duas mãos. Antes que Raisa pudesse ajustar a posição do bastão, os outros já estavam do lado de dentro.

A mulher largou as facas e pegou a espada do colega caído. Mais uma vez, eles foram para cima de Raisa, um de cada lado. Mesmo considerando o tamanho do bastão e a habilidade de manuseá-lo conquistada arduamente, ela não seria capaz de se defender dos dois de uma só vez.

Raisa continuou a gritar por ajuda, atacando primeiro um assassino e depois o outro, para ficar fora do alcance das espadas. Onde estava sua guarda? Talia e Trey deviam estar lá fora. Por que não respondiam?

Então, atrás dos assassinos, Han se materializou na porta, envolto em luz, uma das mãos no amuleto e a outra esticada,

parecendo o próprio Rei Demônio. Ele proferiu um feitiço com voz fria e mortal.

O som assustou os agressores, que começaram a se virar.

Uma chama voou da porta e envolveu o soldado que estava na frente. O homem gritou e pulou em uma dança macabra, batendo na pele queimada.

A assassina que restou se virou parcialmente, distraída pelo que acontecera ao colega, e Raisa aproveitou a oportunidade para bater com o bastão na garganta dela, um golpe fatal que Amon lhe ensinara. A assassina desmoronou, com a cabeça em um ângulo estranho.

O fedor terrível de carne queimada ardeu na garganta de Raisa, penetrou pelo nariz e provocou lágrimas nos olhos. Ela se encolheu contra a parede, tossindo violentamente. Seu estômago ameaçou devolver o que havia dentro.

O assassino em chamas correu pelo quarto para a janela. Raisa não sabia se ele estava pensando em fugir ou só torcendo para apagar as chamas no rio abaixo.

Han disparou pelo quarto atrás dele. O guarda traidor se agachou no parapeito da janela por um longo momento, depois se jogou pela janela aberta e caiu como uma estrela cadente, para além de sua vista.

Raisa se encostou na parede, e a ponta do bastão tocou o chão intermitentemente enquanto ela tremia de modo incontrollável. Han atravessou o quarto até ela e a segurou pelos braços para impedi-la de cair.

— Você está bem? — perguntou ele, olhando intensamente nos olhos dela. — Eles machucaram você? Algum arranhão, mesmo que pequeno?

Ela sabia que ele estava pensando em veneno; balançou a cabeça em negativa, sem falar nada.

Han a soltou e andou pelo quarto. Inclinou-se sobre os dois assassinos no chão e pressionou os dedos no pescoço de cada um,

procurando pulsação. Então ergueu o rosto e balançou a cabeça.

— Da próxima vez, tente deixar alguém vivo para interrogarmos, certo?

— Olha quem fala — retorquiu ela, com um pouco do vigor de sempre voltando. — Botando fogo nas pessoas assim, você...

Raisa parou de falar abruptamente ao pensar na mãe e na irmã dele.

— O-obrigada — sussurrou ela. — Obrigada por salvar minha vida mais uma vez.

— Não — disse Han, erguendo-se. — Foi você. Foi tudo você, entendeu? Eu nunca estive aqui.

Raisa o encarou e esqueceu momentaneamente a vontade de vomitar.

— Do que está falando?

— Não vai ajudar nossos planos se nossos inimigos pensarem que salvei sua vida de novo — explicou Han. — Seria de imaginar que você ficaria grata, certo?

— Nosso plano? — gaguejou Raisa, sem saber que eles tinham um.

Han mordeu o lábio, pensando, os dedos da mão direita batendo em um ritmo irregular na coxa. Em seguida, pegou um lampião na mesa, soprou a chama e o jogou no chão. O óleo se espalhou para todo lado.

— O que está fazendo? — gritou Raisa, pulando para trás para evitar ser cortada por vidro voando.

Ela ouviu gritos do lado de fora do corredor, seguidos por corpos colidindo contra a porta trancada.

— Alteza! — gritou alguém, com a voz tomada de medo e desespero. — *Bam!* Ele bateu de novo na porta. — Raisa!

Era Amon.

Han apoiou de novo as mãos nos ombros dela e a olhou nos olhos.

— O que aconteceu foi o seguinte: você botou fogo em um homem com o lampião e ele pulou da janela. Depois bateu nos outros dois com o bastão até matá-los.

Raisa plantou os pés com teimosia e balançou a cabeça.

— Não. De jeito nenhum. Eu não vou...

— *Por favor.* Por favor, por favor, faça isso. É quase a verdade e, acredite, é bem mais seguro assim.

É *quase* a verdade?

A porta do corredor tremeu e fez os dois pularem.

— É melhor deixar o capitão Byrne entrar antes que ele se machuque — disse Han. Ele olhou para ela mais um pouco. — Você é incrível com o bastão. Que bom. Mas não vou deixar isso acontecer de novo.

Han seguiu para seu quarto, fechou a porta e trancou-a.

Raisa correu até a antessala na hora em que a porta cedeu e quatro guardas entraram no quarto com as espadas em riste. Um deles era Amon.

Eles cercaram Raisa imediatamente e a colocaram em um círculo envolto em aço. Outros guardas casacos azuis entraram atrás e se espalharam pelos aposentos.

— Acabou — disse Raisa com cansaço, limpando uma mancha de sangue do rosto com as costas da mão. — Eram três. Um caiu pela janela. Os outros dois estão no quarto. Mortos.

— Pelo sangue do Demônio — disse Amon, olhando ao redor sem relaxar a postura antes de verificar que não havia ninguém para matar.

Mick Bricker saiu do quarto de Raisa com uma expressão impressionada no rosto.

— Tem dois lá dentro. Como Rebec... como Vossa Alteza disse. Os dois mortos.

Amon inclinou a cabeça e olhou para Raisa.

— Você matou três assassinos sozinha?

Raisa deu de ombros e fugiu da pergunta.

— Você os reconheceu?

Mick balançou a cabeça negativamente.

— Nunca os vi, mas não conheço todo mundo da guarda. Tem muita gente nova.

Raisa se deixou cair de repente em uma cadeira. Parecia não conseguir parar de tremer. Amon tirou o casaco e o colocou sobre os ombros dela. Tinha o cheiro dele, o que a acalmou.

— O que aconteceu com Talia e Trey? — perguntou ela. — Eles estavam ali fora quando entrei.

— Eles não estavam lá — disse Amon. — Eu ia perguntar se você sabia o que eles...

Seus olhos se arregalaram, e ele se virou e começou a gritar ordens, mandando Mick para fora em busca dos guardas desaparecidos e mais dois para a Casa da Guarda em busca de reforços.

Em seguida, se sentou em uma cadeira em frente à de Raisa. Inclinou-se para a frente e começou a interrogá-la, de forma gentil mas incansável.

— Como eles entraram? Me conte tudo.

— Eu tinha pedido o jantar em meu quarto. Alguém bateu na porta e disse que estava trazendo a comida. Quando abri, os três entraram.

— Com quem você falou para pedir o jantar? Quem sabia que você estava esperando alguém?

— Eu falei para Trey. Não sei para quem ele pode ter contado. Obviamente, para o pessoal da cozinha. Um deles deve ter descido para ver a sra. Barkleigh arrumar a bandeja. Podem tê-lo interceptado no caminho. A tarefa dele não é nenhum segredo. Não seria difícil concluir para quem era a bandeja.

Os olhos de Amon se desviaram para a bandeja ao lado da porta.

— Não havia comida — disse Raisa. — Só facas.

Mick entrou pela porta e se viu frente a frente com uma cerca de espadas. Quando os Lobos Gris viram que era ele, baixaram-nas.

Mick levantou as mãos para afastá-los, com uma expressão transtornada e triste.

— Senhor. Encontramos os dois enfiados em um armário de roupa de cama, em um dos corredores menores. Trey está morto e Talia... está muito ferida. Cortaram a garganta dos dois. Jarat foi chamar os curandeiros e Magret, a srta. Gray, está cuidando de Talia.

Raisa ficou de pé, entorpecida de medo.

— Onde está Talia? — perguntou ela, dando um passo na direção da porta. — Quero vê-la.

— Alteza, vai fazer mais mal do que bem se for lá fora, enquanto os curandeiros estiverem cuidando dela — disse Amon. — E não posso permitir que vá a lugar algum até termos certeza de que o corredor está em segurança.

Delicadamente, ele a empurrou de volta para a cadeira.

Lágrimas arderam nos olhos de Raisa. Trey Archer era novo nos Lobos Gris e sustentava uma família de cinco pessoas. E Talia... tinha se passado apenas meia hora desde que Raisa conversara com ela no corredor?

— Mandem alguém chamar Pearlie — disse Raisa mecanicamente.

— Já fiz isso — respondeu Mick.

Raisa se sentou ereta, segurando os braços da cadeira, tomada de uma mistura de dor e raiva furiosa.

— Vou descobrir quem foi o responsável por isso, e essa pessoa vai pagar — jurou ela. — Isso não vai passar sem vingança. As pessoas precisam saber que um ataque à minha guarda é um ataque a mim.

Quando ela ergueu o olhar, toda a guarda de casacos azuis estava ajoelhada em círculo ao redor dela, alguns rostos manchados de lágrimas.

— Hoje e todos os dias, Alteza — disse Mick, com formalidade —, acho que falo por todos aqui quando digo que é uma honra lutar

lado a lado com nossa rainha guerreira.

CAPÍTULO TRINTA

Aliados

Han estava longe de Feira dos Trapilhos havia menos de um ano, mas o local parecia diferente a seus olhos: menor, de alguma forma, com ruas mais estreitas, mais cruéis e mais tortas, e as casas mais desgastadas.

Provavelmente, estava como era antes. Era ele que tinha mudado.

As pessoas em Feira dos Trapilhos levavam vidas vazias, e não era surpreendente alguns dos vendedores da feira não serem mais os mesmos. Os ocupantes das barracas da Rua das Pedras tinham mudado durante a ausência dele. Havia um lote vazio onde antes ficava o estábulo, embora a forja do ferreiro onde ele enterrara o amuleto de Waterlow ainda estivesse no pátio, pintada com símbolos de donos da rua.

Estava mais fácil se deslocar. Ele lançou um glamour em si, e as pessoas ficavam naturalmente fora do caminho, sem reparar nele. Havia menos empurra-empurra de ladrões e malandros, menos abordagens de prostitutas e fofoqueiras de janela. Ele era só mais uma sombra em uma parte já sombria da cidade.

Havia evidências do Ministério da Rosa Agreste em toda parte: nas faixas divulgando refeições grátis e nos anúncios dos templos prometendo livros de graça e curandeiros para os doentes. Os oradores atraíam as pessoas com comida e remédio e abrigo

seguro. E os mantinham lá com aulas para os *lytlings* e para os adultos sobre comércio e artes, religião e leitura e matemática.

Apesar do clima mais quente, o rio parecia feder menos do que antes. Durante uma daquelas reuniões intermináveis no palácio, Raisa iniciara um projeto para transferir os refugiados das terras baixas acomodando-os longe da beira do rio, para barracas de acampamento a leste da cidade. Sob orientação do exército, os adultos foram colocados para trabalhar cavando latrinas e construindo casas permanentes em troca de cuidado médico e um suprimento regular de comida.

Alguns se dedicaram a isso, cansados da inércia e da fome e reconhecendo o benefício do que estavam fazendo. Outros preferiram voltar para casa, se arriscando nas terras baixas, onde o trabalho era mais fácil e a comida mais farta, mesmo em tempos de guerra.

De qualquer modo, não estavam mais jogando seus dejetos no rio.

Han andou com confiança por entre o emaranhado de ruas, seguindo para seu antigo esconderijo. No caminho, fez desvios por cima de telhados e em tabernas lotadas do comércio do fim do dia. Cruzou portas sorrateiramente, esperando e observando para ver se tinha se livrado dos perseguidores que estavam atrás dele desde o palácio. Da vez seguinte, teria uma conversinha com eles, mas agora tinha outras prioridades.

Quando chegou ao Beco da Roubalheira, já os tinha despistado. A entrada estava marcada com o símbolo da gangue, o cajado e poder, um aviso para as pessoas ficarem longe.

Han entrou pelo armazém, pulando por um alçapão no telhado e caindo em uma passarela. Com o salário do primeiro mês pago pela rainha, Han comprara secretamente a construção, usando um nome falso. As propriedades em Feira dos Trapilhos eram baratas, e ele não precisava de um senhorio xeretando suas coisas.

Ao olhar para três andares abaixo, viu Dançarino debruçado sobre a longa mesa de trabalho, sua palidez aumentada, como sempre acontecia quando ficava na cidade. Ele tinha montado no primeiro andar uma fornalha para trabalhar metal, feita de tijolos de argila e com uma chaminé que ia até o telhado.

Mais três pessoas aguardavam Han no térreo do armazém. Cat, que ele já esperava. E Sarie e Flinn, que ele jamais imaginara voltar a ver.

Han ficou momentaneamente paralisado, dividido entre alívio, alegria e alarme por Cat tê-los levado até lá sem sua aprovação.

Quando o ouviu acima, Cat ficou de pé com uma faca em cada mão. Ao ver que era Han, guardou de novo as facas nos esconderijos e ficou esperando, as mãos na cintura e o queixo erguido, como se estivesse preparada para brigar com ele.

Han abraçou os dois ex-Trapilhos, lágrimas inesperadas ardendo nos olhos.

— Vocês deviam estar mortos — disse ele, limpando a garganta. — Cat disse que os demônios mataram vocês.

— Eles deviam estar mortos — confirmou Cat. — Mas escaparam e decidiram que era melhor desaparecer por um tempo. Foram para o barco de um pirata, atravessaram o Índio e voltaram.

— Os piratas cortaram suas línguas? — perguntou Han, erguendo a sobrancelha. — Que bom que têm Cat para falar por vocês.

— Ser pirata não deu certo para mim — disse Flinn, se mexendo com inquietação. — O dinheiro era bom e conheci Carthis, mas descobri que enjoa demais no mar.

Ele estava com boa aparência; embora ainda pequeno, estava mais alto do que antes, bronzeado de sol e musculoso de manusear as velas.

Estava muito melhor do que morto.

Sarie Dobbs adquirira uma tatuagem de dragão impressionante durante a aventura no mar. Ia do pulso até o ombro e envolvia o braço.

— Eu queria trazer um dragão de verdade, mas minha capitã não permitiu — explicou ela, esticando o braço. — Ficou com medo de ele colocar fogo no navio.

Han tinha ouvido falar que havia dragões em Carthis, mas não sabia se Sarie estava brincando ou não. Embora eles não devessem estar ali, sentia-se tão feliz em vê-los que foi difícil reclamar. Um peso de culpa saiu de seus ombros, uma pequena parcela do fardo que ele carregava.

— Cat disse que você é bruxo — disse Sarie, avaliando-o com olhos apertados. — Eu sempre soube que havia algo de especial em você e naquelas algemas.

Ela tocou os próprios pulsos.

— Então vocês estão de volta à ativa? — perguntou Han a Sarie e Flinn. — Vão formar uma gangue própria ou vão se juntar a alguém?

Sarie e Flinn olharam para Cat e depois para Han, com uma agitação desconfortável.

— Eu disse que eles podiam se juntar a nós — disse Cat.

Han a olhou de cara feia.

— Isso não era decisão sua.

Cat fechou a cara, uma promessa da tempestade que viria em seguida.

— Foi você quem disse que eu devia recrutar ajuda.

— Não Sarie e Flinn. Não quero que eles sejam colocados em risco de novo por minha causa. Além do mais, você não devia ter trazido os dois aqui. Ninguém pode saber onde estou ficando. Não é seguro. — Ele se virou para Sarie e Flinn. — Tenho um grupo, mas eles ficam longe e trabalham através de Cat. Ela e Dançarino já estão envolvidos. Vocês, não.

Sarie devolveu o olhar com irritação.

— Você acha que não, depois do que fizeram com Sweets e Jonas e Jed? Sweets era só um *lytling*. Sei que você perdeu sua família, mas também tenho contas a acertar.

— Não são só contas a acertar para mim — disse Han. — Estou nisso por outros motivos. Motivos que não têm nada a ver com vocês.

Sarie e Flinn se entreolharam, depois voltaram a encarar Han.

— Você sempre teve planos — falou Sarie. — Maiores do que Feira dos Trapilhos, maiores do que Ponte Austral, maiores do que qualquer outro dono da rua. Queremos nossa parte. Queremos ajudar.

— Vocês não querem parte nenhuma disso. É um esquema burro e idiota. Tarefa de tolo. Uma causa perdida antes mesmo de começar.

Han nunca deixava de se impressionar com o quanto as pessoas estavam dispostas a jogar a vida fora se unindo a ele.

Embora, talvez, se contasse que pretendia se casar com uma rainha, eles percebessem quanto ele era realmente idiota. E ficassem longe.

— Então por que você está fazendo isso? — perguntou Sarie, cheia de desconfiança.

— É uma coisa que tenho que fazer. Não tenho escolha. Vocês têm.

Sarie estreitou os olhos e seu rosto ficou vermelho, como acontecia quando ela ficava zangada.

Ela não acredita em mim, pensou Han. Acha que quero deixá-la de fora do meu grupo.

— Olha — disse Flinn. — Me escuta. A gente estava com Cat quando os demônios vieram. Eu e Sarie e Flinn e Sweets, Jonas e Jed. Sarie e eu estávamos no quarto de trás, e quando ouvimos eles arrombando a porta, entramos no esconderijo debaixo do piso.

Flinn olhou para Han, os olhos escurecidos e assombrados.

— Os demônios torturaram eles. Ficavam perguntando onde você estava. Ficamos deitados lá embaixo e ouvimos os outros gritando e gritando até morrerem, mas eles nunca nos entregaram. Nem tentamos ajudar. A gente só fugiu. Agora, todas as vezes que fecho

os olhos, vejo Sweets e escuto ele gritando. Foi por isso que voltamos. A gente não conseguia fugir do que aconteceu, por mais longe que fosse.

— Não é culpa de vocês — afirmou Han. — Não tinha nada que vocês pudessem ter feito contra magos.

— Talvez — respondeu Flinn. — Mas facas são mais rápidas do que feitiços. *Você* teria tentado. A gente *podia* ter tentado. E *you* consegue lutar com magos, já que é um deles. Nós queremos participar. Podemos ser as facas, as pernas e os olhos.

Han hesitou. Precisava *mesmo* de aliados. A ajuda *seria* útil. Tinha um trabalho para Cat que a afastaria de Dançarino. Precisava de alguém que reunisse informações e ficasse de olho nos acontecimentos em Feira dos Trapilhos.

No entanto, mais uma vez estaria colocando os amigos em perigo para conseguir executar os próprios planos.

— Eu soube que você está trabalhando para a princesa Raisa — disse Sarie, mudando de estratégia. — Cat disse que a Rebecca que nos soltou da Casa da Guarda de Ponte Austral era a princesa Raisa disfarçada. Eu não esqueço os que me ajudam.

— De qualquer modo, Sarie e eu já decidimos, antes de a gente saber que você ainda estava vivo — contou Flinn. — Planejamos juntar um grupo e apagar o Grão-Mago e quantos mais nós conseguirmos.

— *Nenhum* é quanto vocês conseguem — murmurou Han. — Não entendem? Vocês não têm chance. Quem vai virar cadáver, no final, são vocês.

— Então dê um trabalho que a gente tenha chance de fazer — disse Sarie, se inclinando para a frente a ponto de ficar com o nariz a centímetros do de Han.

A questão era que Han entendia. Em Feira dos Trapilhos ou Ponte Austral, você precisava de um grupo e de um dono da rua com planos e reputação para sobreviver. Independentemente do que ele ou ela pedisse, era melhor do que ficar por conta própria.

Depois de um breve silêncio carregado, Dançarino falou:

— Isso talvez ajude. — Ele ergueu um pingente de cobre batido com o símbolo do Rei Demônio que Han estava usando para a gangue, uma linha vertical com um zigue-zague atravessando-a. — É um talismã parecido com os que os Demonai usam. Vai deixá-los menos perceptíveis para feiticeiros e menos vulneráveis a feitiços. Deve protegê-los de qualquer coisa, exceto um ataque direto. Posso fazer um para cada.

— Tudo bem — disse Han, cedendo. — Vou dizer a vocês o mesmo que eu disse para Cat: não podem pegar outros servicinhos se jurarem trabalhar para mim. Se decidirem me abandonar, primeiro me contem e, depois, fiquem de bico fechado. Até lá, vão fazer o que eu mandar. Vocês não podem ficar selecionando os serviços que vão fazer. Meu nome de rua é Rei Demônio. Vocês vão usar esse nome mesmo quando acharem que não tem ninguém ouvindo. Não vão contar a ninguém onde fica este lugar; não virão aqui sem um bom motivo. Vão se encontrar com o resto do grupo em um local diferente.

— Como vamos fazer contato com você? — perguntou Sarie.

— Vocês falam com Cat ou deixam recados debaixo do símbolo na feira. Vou fazer o mesmo. Vão ter um lugar para dormir e bastante comida e um pouco de dinheiro, mas ninguém vai ficar rico. Se não forem capazes de aceitar isso, podem ir embora agora.

Eles não foram. O que fizeram foi ficar de joelhos e falar o juramento, finalizando com sangue e cuspe.

— O que você quer que a gente faça? — perguntou Sarie assim que se levantou.

— Vocês conhecem Feira dos Trapilhos e todo mundo que mora aqui. Alguém está tentando assassinar a princesa, a Rosa Agreste, e deve querer contratar mais gente, pois acabou de perder três assassinos.

Os olhos deles se arregalaram.

— Sangue do demônio! — exclamou Flinn. — Quem iria querer matar ela? O pessoal de Feira dos Trapilhos e de Ponte Austral fala como se a Rosa Agreste fosse uma santa.

— Os que estão contratando não devem ser do nosso bairro — disse Han secamente. — Mas pode ser que contratem por aqui mesmo assim. O fato de as pessoas gostarem dela ajuda. Conversem com quem vocês sabem que anda metido com isso. Vejam se conseguem descobrir quem está procurando assassinos de aluguel. Vão procurar qualidade e vão estar dispostos a pagar caro.

Flinn e Sarie assentiram.

— Mas sejam espertos e discretos. É provável que a gente esteja lutando contra as mesmas pessoas que mataram Velvet e os outros.

— Só isso?

Sarie parecia decepcionada.

— Mais uma coisa. Vejam o que as pessoas estão falando sobre uns bruxos mortos que tiveram a garganta cortada e foram largados em Feira dos Trapilhos. Vejam se alguém espalhou que está comprando amuletos. — Ele indicou Dançarino. — E cuidem de Dançarino. Ele tem o dom, e algumas pessoas podem ter motivo para apagar ele.

— Eu cuido de Dançarino — disse Cat, colocando as mãos nos ombros dele.

Sarie e Flinn olharam para os dois, como se não quisessem aceitar a evidência diante de seus olhos.

— Você está saindo com um cabeça de fogo? — perguntou Sarie.

— Tem algum problema com isso? — devolveu Cat, apertando os olhos.

Eles balançaram a cabeça negativamente.

Dançarino colocou o trabalho de lado e esfregou os olhos.

— Na minha opinião, quanto mais cedo resolvermos isso, mais cedo posso ir embora da cidade.

Cat fez uma expressão irritada.

— Espere um pouco. Você vai gostar daqui, depois que se acostumar.

Cat e Dançarino juntos é como um peixe namorando um pássaro, pensou Han. *Nenhum dos dois consegue viver no território do outro.*

— Tenho um trabalho diferente para você, Cat — anunciou Han.
— E não sei se você vai gostar.

Companheiros estranhos

Quando Raisa entrou na ala dos enfermos, no Salão dos Curandeiros, com o grupo habitual de guardas atrás, a aprendiz de plantão quase desmaiou de medo. Em seguida, ficou de joelhos e quase tocou o chão com a testa.

Raisa fez um gesto para ela se levantar.

— Onde encontro a paciente Talia Abbott? — perguntou. — Ela chegou três dias atrás.

Tremendo, a aprendiz apontou para a outra ponta do salão.

— É a última cama à esquerda — guinchou ela. — Perto da janela.

Então fugiu correndo pela porta.

Depois de deixar a guarda na porta, Raisa cruzou todo o salão, passando entre filas de catres estreitos, o cheiro de comadres cheias atingindo-a diretamente. Os pacientes que conseguiram se apoiaram nos cotovelos e ficaram olhando. Um murmúrio baixo seguiu até a outra ponta do salão e voltou.

Alguns dos pacientes esticaram os braços na direção de Raisa quando ela passou.

— Rainha Raisa! — chamavam eles. — É a própria Lady. A Rosa Agreste! Toque a gente! Nos cure!

— Não sou curandeira — disse Raisa, segurando mãos dos dois lados. — Mas desejo a todos uma recuperação rápida.

Ela encontrou Talia sentada em um catre no final do salão, encostada na parede, com o pescoço envolto em ataduras brancas.

Havia um pedaço de giz e um pequeno quadro em cima da coberta, ao lado dela.

Pearlie estava sentada em uma cadeira ao lado da cama, a cabeça inclinada sobre um livro que estava lendo em voz alta para Talia. Quando Raisa se aproximou, ela ergueu o rosto e ficou de pé em um pulo, com as bochechas rosadas de constrangimento.

— Alteza!

Ela aninhou o livro em um braço e fez a saudação do punho contra o peito.

— Sente-se — disse Raisa. — Por favor, continue a leitura. Eu só queria ver com meus próprios olhos como Talia estava.

— Ah, não, Alteza, por favor, sente-se — respondeu Pearlie, indicando a cadeira da qual tinha acabado de se levantar. — Vou pegar outra.

Ela saiu apressadamente.

Raisa se sentou ao lado da cama. Tocando o pescoço com os dedos, perguntou:

— Como está sua voz? Alguma melhora?

Talia balançou a cabeça negativamente, rabiscou alguma coisa no quadro e ergueu-o para Raisa ler. *Estou descansando a voz. Tenho esperanças.*

Raisa estava cheia de perguntas, mas detestava ter que fazer qualquer uma delas porque Talia teria que responder.

— Eu trouxe um livro para você — disse ela, entregando-o à amiga. — É um daqueles romances de que você gosta. Espero que ainda não tenha lido.

Talia olhou a capa e balançou a cabeça negativamente, sorrindo.

Pearlie voltou com uma segunda cadeira, que colocou do outro lado da cama.

Raisa segurou a mão de Talia.

— Você se importa se eu fizer algumas perguntas a Pearlie, para que você não precise escrever tanto?

Talia apoiou o quadro na cama e fez sinal de que concordava.

— O que os curandeiros dizem sobre os ferimentos? — perguntou Raisal.

— O assassino esmagou a laringe dela e danificou as cordas vocais — respondeu Pearlle, falando com o melódico sotaque ardenino. — A aprendiz de Lorde Vega cuidou dela no primeiro dia. O ferimento está fechado, pelo menos. O inchaço diminuiu, e ela consegue respirar melhor e sente menos dor. — Ela olhou para a namorada em busca de confirmação, e Talia assentiu. — Ainda é difícil comer e beber. Às vezes desce pelo caminho errado, ela tosse, e dói.

Uma coisa que Pearlle disse chamou a atenção de Raisal.

— A aprendiz? Não foi o próprio Lorde Vega quem tratou dela?

Pearlle balançou a cabeça.

— Não, senhora. Lorde Vega só cuida da nobreza e daqueles que vêm de Lady Gris. Ele recebe aprendizes de Vau de Oden durante o verão e eles cuidam de quase todo o resto.

Ela desviou o rosto do olhar de Talia e secou os olhos com a manga das vestes.

— Vega não a examinou?

Pearlle hesitou.

— Não, senhora. Lila Hammond foi quem cuidou de Talia; ela é esforçada e tem boas intenções, mas está só no primeiro ano. — Pearlle tocou na mão da namorada. — Você não vai melhorar se não se alimentar melhor.

Um movimento de passos no corredor chamou a atenção de Raisal. Harriman Vega, o mago responsável pelos salões de cura, apareceu seguido de seus aprendizes, como um barco deixando um rastro de espuma branca.

— Alteza! Eu queria que tivesse me avisado de que estava vindo — disse ele. — Ficaria feliz em atendê-la em seus aposentos se...

— Era minha intenção que esta visita fosse informal — explicou Raisal, pensando que nada mais era informal. — Não preciso de tratamento, mas tem uma pessoa aqui que precisa.

Ela indicou Talia.

O olhar desinteressado de Vega se dirigiu a Talia.

— Não sei o que a garota falou, mas ela foi tratada, Alteza. Foi avaliada quando chegou. — Ele indicou as ataduras de linho ao redor do pescoço dela. — O ferimento foi tratado. Obviamente.

— Mas há mais a ser feito. Ela não recuperou a voz e tem dificuldade em engolir. Você não a examinaria novamente, em uma situação assim?

Vega balançou a mão com desinteresse.

— Se o assunto fosse levado a mim, talvez. Mas temos centenas de pacientes. Temos que aceitar que às vezes esses ferimentos resultam em... incapacidades permanentes.

Raisa agarrou os braços da cadeira e engoliu a primeira resposta que lhe veio à mente.

— Às vezes temos que aceitar, mas só depois que todos os caminhos foram explorados. Esta soldado foi ferida ao se colocar entre mim e um assassino. Merece tratamento melhor. — Ela fez um gesto na direção dos outros residentes da ala. — Quantos desses pacientes poderiam se recuperar com tratamento mais intensivo?

Lorde Vega ergueu as mãos.

— Não sei, Alteza, mas temos recursos limitados, como sabe, e...

— Eu entendo, Lorde Vega — respondeu Raisa, levantando-se e colocando a mão no braço dele. — Mas pretendo mudar isso. Estou pedindo que assuma responsabilidade pessoal no tratamento da soldado Abbott e em sua recuperação. A saúde dela é prioridade para mim. E, ainda mais importante, estou pedindo que estabeleça um sistema de acompanhamento para os que têm ferimentos mais sérios. — Ao ver a expressão horrorizada de Vega, ela acrescentou: — Não estou dizendo que precisa curar todos pessoalmente. Percebo a impossibilidade física disso, mas precisa usar seu extenso conhecimento e sua experiência para supervisionar o cuidado dispensado a eles.

Lorde Vega inclinou a cabeça.

— Como quiser, Majestade — disse ele, inflando-se como um pavão.

— Se nossos recursos de alta magia forem limitados, talvez devêssemos integrar curandeiros dos clãs a esse serviço nos salões de cura — sugeriu Raisa, preparando-se para a reação que esperava.

— *Cabeças de fogo?* — Lorde Vega estreitou os olhos. — Não acho que estejamos tão desesperados a ponto de recorrer a magia de quintal, Alteza. E posso afirmar que não há um mago sequer no Vale que ousaria se submeter a um curandeiro cabeça de fogo ou tomar uma das poções deles, por medo de ser envenenado.

— Isso pode ser verdade, ao menos a princípio — concordou Raisa. — Mas há muitos no Vale que usam remédios dos clãs. Sei de algumas pessoas da nobreza que também já se beneficiaram do uso de misturas de ervas e cataplasmas. Tenho experiência própria com remédios dos clãs e sei que funcionam.

Pela expressão de Lorde Vega, era como se Raisa estivesse sugerindo que eles usassem sacrifícios de sangue para roubar almas. E isso era algo de que os clãs costumavam ser acusados.

Ela suspirou. *Um passo de cada vez.*

— Depois continuamos esta discussão. Enquanto isso, vamos começar reforçando o sistema atual. Oferecer excelentes cuidados à nobreza é uma coisa. Mas imagine um serviço de cura em que todos os cidadãos recebem tratamento de primeira. Sua reputação vai se espalhar por todos os Sete Reinos. Alunos da academia vão implorar para serem seus aprendizes. Professores virão para observar seus métodos.

— É uma possibilidade, acredito — disse Vega, ajeitando as estolas de mago e tirando poeira imaginária das vestes. — Embora, com toda a sinceridade, não tenhamos tido dificuldade em...

— Esse apoio adicional vai tornar mais fácil alavancarmos seu conhecimento — disse Raisa, olhando no rosto do mago. —

Também vamos recrutar mais curandeiros treinados para ajudá-lo. Esse serviço de cura é muito importante para o bem-estar de todos na Cidade das Luzes. Vem sendo negligenciado há muito tempo.

— Sim, Alteza — afirmou Vega, parecendo tranquilizado. — Concordo plenamente.

— Obrigada, Lorde Vega. Estou pronta para ser impressionada. Ela sorriu, e o curandeiro se empertigou com a aprovação.

— Mais uma coisa — disse Raisa, como se tivesse acabado de pensar no assunto. — A sargento Greenholt terá privilégios ilimitados de visita à soldado Abbott quando estiver de folga.

— Vou cuidar disso — respondeu Vega. Ele olhou para Talia como se a estivesse vendo pela primeira vez. — Hammond e eu vamos retornar para reavaliar a paciente quando ela voltar do jantar.

Talia e Pearlie encararam Raisa com olhos arregalados quando o curandeiro se afastou.

— Vou dizer uma coisa — disse Pearlie —, Vossa Alteza sabe muito bem adoçar o veneno.

— É disso que se trata esse trabalho, na maior parte do tempo — respondeu Raisa, fazendo uma careta. Ela se levantou. — Pearlie, mantenha-me informada do progresso de Talia. Voltarei para visitá-la em alguns dias.

Tem alguma coisa funcionando direito neste reino?, pensou Raisa ao sair dos salões de cura. Tem alguma coisa que não precise de atenção? Não há horas suficientes no dia.

Raisa estava voltando para o palácio, pelos jardins, com seu séquito habitual de guardas atrás, quando alguém saiu das sombras na lateral do caminho. Raisa deu um passo para trás e ouviu o som de espadas se libertando ao redor.

Era Micah Bayar.

— Micah. Não é uma boa ideia me surpreender assim — disse Raisa. Ela tocou a própria adaga e olhou por reflexo para baixo, para ter certeza de que o anel do Lobo Gris estava no dedo. — O que quer?

— Eu gostaria de conversar, Raisa, só isso — explicou Micah, abrindo as mãos para mostrar que estavam vazias. Ele olhou para os soldados cheios de armas. — Em particular.

— Isso não será possível. Tenho certeza de que você entende.

— Por favor, me escute e considere com cuidado o que vou dizer. — Com voz mais alta, Micah disse: — Vou tirar meu amuleto agora, então façam o favor de não me perfurar.

Lentamente, com os olhos nos Lobos Gris, ele ergueu o amuleto por cima da cabeça e o colocou em um banco de pedra no jardim. Em seguida, se sentou e colocou a mão na pedra ao lado de onde estava.

— Sente-se comigo. Por favor. Sua guarda pode ficar por perto, mas longe o bastante para que não nos ouça. Se eu tentar qualquer coisa, eles podem vir correndo e cortar minha cabeça fora.

Raisa hesitou e mordeu o lábio.

— Como vou saber que você não está com outro amuleto escondido?

Micah abriu um sorriso fraco.

— Tenha piedade, Vossa Alteza. Eu poderia tirar toda a roupa, mas a noite está fria. Além do mais, sempre parece imune a qualquer magia que eu possa conjurar.

Ele ergueu uma sobrancelha.

Raisa pensou em dizer que a guarda podia ouvir o que quer que ele quisesse falar. Mas percebeu que queria ouvir o que Micah tinha a dizer, aquilo que ele não queria contar na frente da guarda. Tinha a sensação de que descobriria alguma coisa útil.

Ela se perguntou o que Amon e Han achariam daquela ideia. Então decidiu que não queria pensar nisso.

— Tudo bem — concordou. Virando-se para a guarda, disse: — Fiquem aqui e fiquem atentos.

Raisa foi até lá e se sentou no banco ao lado de Micah, deixando uma pequena distância entre os dois.

— O que é?

Micah a observou por um longo momento.

— Estou desarmado, Alteza. Estou desprovido de minhas armas de sempre.

— Você nunca está desarmado.

Ele inclinou a cabeça na direção dos guardas.

— O que quero dizer é que não estou acostumado a me encontrar com garotas bonitas sendo observado por tantos pares de olhos.

Raisa fez menção de se levantar.

— É o que você pensa que isto é? Se sim, então...

— Por favor. Sente-se. — Micah fez sinal para ela se acomodar. — Peço desculpas. Parece que nunca sei mais o que lhe dizer.

— Poderia começar me contando a verdade. — Raisa apertou o casaco contra o corpo. — Eu cresci. Não derreto mais com elogios.

— Eu falei a verdade, mas desconfio que esteja procurando por outro tipo. — Ele olhou para as próprias mãos. — Eu quero recomeçar. Quero pedir permissão para cortejá-la.

Raisa o encarou, sem palavras. Era a última coisa que esperava que Micah dissesse.

— Depois de tudo que aconteceu entre nós, agora você espera que eu o aceite como pretendente? — disse ela, por fim.

— Estou cansado de impor minha presença — prosseguiu Micah. — Não estou acostumado e é humilhante.

— Há muitas garotas na corte. Por que sente necessidade de impor sua presença a mim? Está sob pressão de seu pai?

Micah a olhou por um longo momento, depois deu de ombros.

— Estou, se quer saber a verdade. Mas não é por isso que estou aqui. Estou aqui por vontade própria.

Havia uma mancha de sujeira na calça de Raisa, na parte interna da coxa. Ela lambeu o polegar e esfregou a mancha, depois ergueu o rosto e deu de cara com os olhos de Micah. Raisa uniu os joelhos e colocou as mãos no colo.

— O que espera conseguir me cortejando?

Micah ergueu as sobrancelhas.

— Qual é o objetivo costumeiro de se cortejar alguém, Raisa?

— Há uma variedade de possibilidades, como bem sabe — disse ela, com irritação. — Em nosso caso, não podemos nos casar, então...

— Eu peço que mantenha a mente aberta sobre isso — interrompeu Micah. — Você é rainha agora, ou será em breve. Por mil anos, vivemos presos no passado. Agora, tem o poder de fazer mudanças. O futuro está em suas mãos, basta agarrá-lo.

Raisa inclinou a cabeça.

— Então, depois de não conseguir me forçar a casar, espera me persuadir, desta vez?

— Gosto de pensar que, se eu tivesse tentado isso primeiro, talvez tivesse conseguido.

— Não sou a única pessoa que você tem que persuadir. Acha que consegue conquistar meu pai? Ou Elena Demonai?

Ela revirou os olhos ao imaginar aquela conversa.

— Tenho que conquistá-la primeiro. Vou me preocupar com eles quando me disser sim.

— Bem, eu preciso me preocupar com eles agora.

— Eles não são as únicas pessoas com quem precisa se preocupar. — Micah fechou os olhos e respirou fundo. — Não percebe o perigo que corre? — disse ele, ainda de olhos fechados.

— Talvez não. Tem alguma coisa que queira me contar? — questionou Raisa, colocando a mão no braço dele. — Quem matou minha mãe, Micah? Quem está tentando me matar?

Micah se inclinou para perto e falou no ouvido dela, de modo que seu hálito fez o cabelo de Raisa balançar e sua bochecha aquecer.

— Não sei quem matou a rainha. E, se tivesse certeza de quem está tentando matá-la, cuidaria da pessoa eu mesmo.

Contra toda a razão, Raisa acreditou.

— Muito bem, então. — Ela se afastou dele. — Volte quando tiver essas respostas.

Micah soltou o ar, impaciente.

— Não posso protegê-la se não me deixa chegar perto.

— Baseada em seu histórico, por que eu deveria me sentir mais segura com você? — murmurou Raisa.

— Só estou dizendo que seria mais seguro se Vossa Alteza fosse um pouco menos franca. Se parecesse aceitar as coisas um pouco melhor. Se parecesse que há uma chance de... me aceitar. Se fizesse um pouco a vontade dos que têm o dom.

— Como o quê? — perguntou Raisa. — Coroar você rei?

Micah ergueu as mãos.

— Veja essa história de nomear um ladrão de rua para o Conselho dos Magos. O Conselho está enfurecido. Eles encaram como falta de respeito. Acham que a rainha os irrita de propósito.

— É esse o motivo disso tudo? — Raisa estreitou os olhos. — Vocês, Bayar, querem que eu indique Fiona?

— Fiona tem os defeitos dela, mas seria uma escolha bem melhor do que Alister. Acredite em mim, não vai haver paz com ele cuidando de seus interesses. Ele está nisso para ganho próprio. — Micah fez uma pausa. — Já deve saber que há todo tipo de boato sórdido se espalhando sobre sua convivência com aquele ladrão. A última coisa que ouvi foi que o nomeou como nobre e deu a ele o título de uma propriedade no rio Grota de Fogo.

As bochechas de Raisa ficaram quentes.

— O que acha disso, Micah? Anda prestando atenção aos boatos?

Micah descartou a possibilidade com um movimento da mão.

— Sei que não é verdade. Não consigo imaginá-la se interessando por um bandido de rua. Mas nada disso ajuda. Ele é um mago. Se os cabeças de fogo acreditarem que está dormindo com Alister, ele vai acabar em alguma ravina com uma flecha Demonai enfiada no olho. Se vai se unir a um mago, pelo menos que seja alguém que tem o apoio do Conselho. Alister não tem apoio de ninguém. — Ele fez uma pausa e olhou para ela, como se estivesse em dúvida se deveria fazer a pergunta. — Por que ele

está aqui, Raisa? O que vê nele? Por que ele lhe tem acesso e eu não?

Micah esticou a mão para segurar a de Raisa, mas desistiu, como se só então se lembrasse de que o contato talvez não fosse bem-recebido. Ele flexionou a mão e passou as pontas dos dedos na palma para liberar a tensão.

— Sei que o perdoou por tentar matar meu pai — prosseguiu Micah. — Já se perguntou quem está assassinando magos na cidade agora? Preciso lembrá-la de que as mortes começaram na época em que ele voltou para Fells? E que os corpos foram largados no bairro antigo dele?

O estômago de Raisa deu um nó desagradável.

— É fácil disparar acusações. É tudo que ouço há semanas. Vou lhe dizer o que disse para os Demonai quando eles acusaram sua família de ter assassinado minha mãe. Se me trouxer evidências, eu agirei.

— Estamos de olho nele. Cedo ou tarde, Alister vai cometer um erro.

Eles ficaram sentados em silêncio por um longo momento.

Han estava certo, pensou Raisa. Se as pessoas acreditarem que há algo sério entre nós, vai ser a morte dele e talvez a minha.

Você precisa agir como se me odiasse, dissera ele. Ela não sabia se era capaz de fazer isso. Mas talvez pudesse espalhar dúvidas.

— Olhe, Alister não vai ser problema se você me deixar cuidar disso do meu jeito. Estou fazendo malabarismo com vários interesses opostos, no momento. Colocá-lo no Conselho foi parte de uma barganha maior, o menor dos males. Foi o preço que precisei pagar por um pouco de paz.

— Eu sabia! — disse Micah, batendo com o punho na palma da mão. — Quem o está apoiando? Para quem ele está trabalhando? Abelard?

Raisa balançou a cabeça.

— Não vou discutir mais isso. Já falei demais. Agora, se houver alguma outra coisa...?

Ela fez menção de se levantar.

Micah ergueu a mão para fazê-la ficar.

— Eu já admiti que desejo que nomeie Fiona para o Conselho no lugar dele, mas esse *não* era o assunto principal. Não foi por isso que começamos esta conversa. Só estou tentando lhe dar um conselho útil. Não quero que nada lhe aconteça. Não quero isso na minha consciência.

O rosto dele estava branco como pergaminho e os olhos negros, duros e intensos como obsidiana.

Raisa se inclinou para a frente.

— Micah, se sabe de alguma ameaça à linhagem Lobo Gris, é seu dever me contar. Ou impedir. Ou levar o que sabe à Guarda da Rainha.

Micah balançou a cabeça, deu um suspiro e ficou de pé, os lábios apertados e o rosto tenso e infeliz.

— Você não entende mesmo, não é? — disse ele em voz baixa e amarga. — É exatamente isso que estou tentando fazer, mantê-la viva. Arrisquei tudo por isso: minha família e meu futuro. Você só precisa mostrar um pouco de... flexibilidade. Mas não. Vai acabar sendo morta, e não tem nada que eu possa fazer a respeito.

Raisa tremeu, o casaco insuficiente para mantê-la aquecida. Já houvera quatro ou cinco tentativas de assassinato contra ela desde que os homens de Lorde Bayar foram a Vau de Oden. Quanto tempo levaria até que alguém conseguisse?

Atrás de Micah, no jardim sombreado, formas cinzentas se misturavam e circulavam, seus olhos capturando as luzes das tochas e se refletindo como velas do tempo.

Um ponto de virada. Uma escolha crítica. Mas qual era a certa?

Micah podia estar ali por ordens do pai. Podia ter ido para persuadi-la a reverter sua decisão e nomear Fiona para o Conselho. Podia estar tentando assustá-la para que fizesse o que o Conselho

dos Magos queria. Ele podia estar esperando enganá-la para que o aceitasse como pretendente.

Todas aquelas coisas podiam ser verdade, mas Micah salvara a vida dela mais de uma vez. Fosse qual fosse o motivo, ele parecia ter interesse em mantê-la viva.

Raisa andava impaciente e perdera a cabeça com o Conselho da Rainha. A sensação de antagonizar Lorde Bayar podia ser boa, mas talvez ela acabasse pagando um preço alto por isso. Precisava cimentar melhor sua posição antes de fazer mais inimigos.

Ela avaliou o custo de entrar no jogo. Não trocaria Han Alister por Fiona no Conselho dos Magos. Não queria três Bayar no Conselho e dera sua palavra a Han.

— Obrigada por seu tempo, Alteza — disse Micah, interrompendo o debate mental dela. — Boa noite.

Ele se virou para ir embora.

— Espere — chamou Raisa, levantando-se.

Ele se virou parcialmente e esperou.

Havia uma coisa que ela podia fazer, uma decisão calculada em uma situação que exigia coração frio e cabeça limpa. Uma coisa que poderia impedir qualquer ação contra ela por tempo o suficiente para construir as próprias defesas.

— Você me persuadiu, Micah. Se está realmente preocupado com minha segurança, pode contar a sua família que concordei em deixá-lo me cortejar. Com discrição. Que sou cautelosamente receptiva a suas investidas. Vou me esforçar para não contradizer essa história em público. Mas não faço nenhuma promessa além disso.

Ele inclinou a cabeça com o rosto sem expressão.

— Não podemos exibir isso como uma maldita bandeira na frente dos clãs das Espirituais. E, considerando seu passado, tenho certeza de que entende por que não posso correr o risco de ficar sozinha em sua companhia.

— Eu aceito esses termos — respondeu Micah. — Mas vou lhe dar um aviso justo: vou me esforçar para fazê-la mudar de ideia.

— Eu vou dar *a você* um aviso justo: cedo ou tarde, vai ter que escolher entre mim e seu pai. Independentemente do que aconteça entre nós, vai ter que decidir onde está sua lealdade.

— Eu já decidi, Alteza.

Micah fez uma reverência, se virou e saiu andando, desaparecendo nas sombras.

Raisa ficou olhando para ele, perguntando-se se tinha agido corretamente. Será que conseguiria convencer Lorde Bayar de que aceitava Micah como pretendente, esconder isso dos clãs e ainda conseguir mantê-lo a distância?

Seria forte o bastante para mantê-lo a distância?

De volta ao palácio, Raisa encontrou Han Alister esperando na porta de seu quarto, conversando com os casacos azuis posicionados ali. Cat Tyburn estava com ele, mas Raisa não a teria reconhecido se a garota não tivesse jogado a cabeça para trás e dado aquela gargalhada sonora e típica bem na hora em que Raisa chegou.

Cat estava usando um vestido — Raisa já a tinha visto de vestido antes? — em um tom de damasco, escuro e esvoaçante, que destacava sua pele escura. Pulseiras enfeitavam seus dois pulsos e o cabelo estava puxado e preso em um coque. Os lábios estavam pintados da cor de amoras escuras.

Raisa e seu grupo pararam em frente à porta.

Han fez uma reverência e Cat fez uma mesura.

— Vossa Alteza — disse Han —, Lady Tyburn e eu gostaríamos de saber se pode nos dar alguns momentos. — Ele inclinou a cabeça para a porta do quarto dela. — Em particular.

— L-Lady Tyburn? — Raisa olhou para os dois com os olhos estreitados de desconfiança. — Bem... alguns momentos, creio eu. Tenho leituras para fazer antes do jantar.

Eles a seguiram até seu aposento particular e esperaram Mick fechar a porta.

Magret surgiu, vinda do quarto de Raisa.

— Alteza, eu esperava que voltasse antes. Preciso saber se quer tomar banho antes...

Ela parou de falar ao pousar os olhos em Han e Cat. Seus lábios se apertaram em uma linha fina.

— Vou tomar banho depois do jantar, obrigada — respondeu Raisa, remexendo nos envelopes sobre uma bandeja ao lado da porta. — Pode ficar à vontade até lá.

— Não me importo de ficar, minha senhora — disse Magret, erguendo as sobrancelhas de forma exagerada. — Pode precisar de alguma coisa, ou talvez seus... *convidados* precisem de uma bebida.

— Eles não vão demorar. Não vão precisar de cerimônia.

Magret cruzou os braços.

— Talvez não seja meu direito falar, mas não é seguro ficar aqui sozinha com...

— Você está *dispensada*, Magret — disse Raisa com firmeza. — Nos vemos depois da minha reunião.

Magret saiu murmurando alguma coisa que soou como “Bruxos e ladrões. Um reino aos pés dela, e ela se envolve com bruxos e ladrões”.

Pelo menos era educada demais para bater a porta ao passar.

Bem, pensou Raisa, Micah Bayar estava certo sobre uma coisa: Han Alister não tem apoio de ninguém.

— Ha! — disse Cat, olhando para o local por onde Magret saía. — A maioria das pessoas só me odeia depois de me conhecer.

— Aquela é a tia de Velvet, a srta. Magret Gray — explicou Han. — Ela me culpa pelo que aconteceu a ele.

— Aquela megera é tia de Velvet?

Cat revirou os olhos.

Raisa se sentou em uma cadeira, sentindo-se repentinamente exausta e encurralada.

— *O que você queria discutir?*

— Cat quer se candidatar a um emprego — disse Han, dando um empurrão em Cat. — Não quer?

— Emprego? Que tipo de emprego?

Raisa olhou para Cat e depois para Han.

Cat fez outra mesura com os olhos baixos.

— Se for de seu agrado, senhora — disse ela —, eu gostaria de ser contratada como sua criada pessoal.

— Você? Criada pessoal? — questionou Raisa, atônita. — Ah... você é... tem qualificação?

— Senhora, passei um ano na Escola do Templo em Vau de Oden. E, antes disso, frequentei a Escola do Templo de Ponte Austral, de tempos em tempos. O orador Jemson pode dar uma referência. Foi ele quem quis que eu fosse para Vau de Oden, para aprender a ser dama de companhia. Posso conseguir referências de Vau, só que talvez demore um pouco.

— Bem... Hã... Isso é impressionante — disse Raisa. — Mas não costumo contratar para...

— Se gosta de música, sou ótima instrumentista com a basilka — afirmou Cat. — Também com cravo, bandolim, alaúde e flauta doce. E também sei cantar.

— Cat, ao que parece, você é bem talentosa...

— Catarina — disse Cat. — É meu nome de batismo. Combina melhor com o trabalho.

— ...mas há concorrência considerável para esse tipo de posição — prosseguiu Raisa. — Minhas servas costumam chegar a mim com experiência no trabalho. Por que eu deveria contratá-la?

— Bem. Sei que eu precisaria de treinamento nessa parte. Sei que não costuma contratar criadas de Feira dos Trapilhos. Ao menos, não diretamente.

— Mas Lady Tyburn tem outros talentos — interrompeu Han, erguendo as sobrancelhas para Cat.

— Você, fique quieto — disse Raisa para Han. Ela olhou para Cat.
— De quem foi essa ideia? Sua ou dele?

— Bem, Algema me pediu para me candidatar. E eu achei que fazia sentido. Mesmo que um mago apareça, lâminas são mais rápidas do que feitiços.

— O quê?

A cabeça de Raisa estava começando a doer.

— Sabe, sou a melhor lutadora com facas da cidade, agora que Connor Navalha está morto — contou Cat. Facas compridas e assustadoras se materializaram em cada uma das mãos dela. — Pode perguntar a qualquer pessoa.

— Achamos que Catarina poderia ser criada pessoal e guarda-costas — explicou Han. — Duas pelo preço de uma.

— De quantos guarda-costas uma pessoa precisa? — disse Raisa, massageando as têmporas. — Tenho guarda-costas tropeçando uns nos outros.

— Precisamos de alguém no seu quarto — continuou Han. — Depois do que aconteceu a Talia e Trey, estou achando que um guarda do lado de fora não basta. Não posso estar sempre no quarto ao lado. E, até agora, todos os atentados à sua vida foram por meios convencionais. Facas e espadas e cordas.

— Quero ouvir de Catarina — disse Raisa, balançando a mão para calar Han. — Por que devo contratar você?

— Bem. — Cat mexeu no coque na parte de trás da cabeça para prender um cacho. — Sei que tem os casacos azuis como guarda-costas. E Algema. Mas acho que precisa de uma faca na manga. Alguém que tenha ligações por toda a cidade. Alguém que seja atenta e saiba quem está contratando mercenários e quem deve ser apagado. Alguém que não vá se destacar nas ruas. — Cat inclinou a cabeça. — Mas essa pessoa também tem que poder ir e vir no palácio. E falar com todo tipo de gente. E fazer coisas discretamente, coisas que talvez não queira que as pessoas saibam.

Raisa franziu a testa.

— Como o quê?

Cat arrastou a ponta do sapato elegante no tapete.

— Espiar e furtar onde for mais útil, até invadir algum lugar, se necessário. Colocar subornos no bolso certo ou uma palavra no ouvido certo na hora certa. — Ela olhou nos olhos de Raisa. — Acho que não deve gostar da ideia de fazer essas coisas escondido. Mas é esse seu território agora. Vossa Alteza tem inimigos que farão o que for necessário para vencer. Tem que ter suas próprias armas.

Raisa passou os dedos pelo cabelo.

— Ao contrário de meus inimigos, não farei o que for necessário para vencer. Não estou querendo contratar uma assassina ou uma ladra.

— Estou pensando mais em termos de mestra da espionagem — disse Cat.

— Foi Cat quem convenceu toda Feira dos Trapilhos e Ponte Austral de ir ao cerimonial funerário da rainha — contou Han. — Ela só precisou de dois dias para conseguir.

— Quantos anos você tem, Catarina? — perguntou Raisa.

Cat balançou a cabeça.

— Não sei. Mas já passei do meu rebatizado — acrescentou ela, cruzando os braços e segurando os cotovelos. — Tenho certeza disso.

— Ela sabe o que você tem que enfrentar — disse Han, parecendo saber onde Raisa queria chegar. — E é bem madura para a idade.

— Seria um grande favor se me aceitasse — disse Cat, franzindo a testa enquanto se concentrava no discurso. — Seria muito bom para mim passar mais tempo em serviços de qualidade. Me ajudaria a aprender sobre boas maneiras, política, essas coisas.

— Assumir esse emprego é uma boa maneira de conseguir ser morta — disse Raisa, com a lembrança de Talia e Trey fresca na mente. — Se quer sair das ruas, posso falar de você e lhe conseguir emprego com quase qualquer família nobre de Fells. Você é

inteligente. Com um pouco mais de polimento, vai subir rapidamente.

— Não é isso que eu quero — disse Cat, com teimosia.

— Ela tem motivos próprios para querer ajudar — explicou Han.
— Se disser não, vou encontrar outros trabalhos para ela fazer. Provavelmente, mais perigosos do que isso.

Raisa refletiu. Por que Han queria tanto colocar a antiga namorada no quarto dela? Havia tantas possibilidades. Seria mesmo para impedir ataques de assassinos? Ou Cat poderia servir como barreira para manter os dois, Han e Raisa, separados?

Cat permitiria que ele vigiasse melhor os movimentos de Raisa ao mesmo tempo em que lhe daria mais liberdade para ir e vir como quisesse?

Ela olhou para Han, que estava com a cabeça inclinada, esperando a resposta, massageando com distração o pulso direito, onde antes ficava a algema. Seu rosto não dava pistas.

Ela queria mesmo Cat Tyburn olhando por cima de seu ombro em seus raros momentos de solidão? Talvez. Se a ajudasse a ficar viva.

— Tudo bem — disse Raisa. — Vamos fazer uma experiência.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Pelo bem da linhagem

Depois de três semanas no trabalho de criada pessoal de Raisa, Catarina Tyburn ainda quicava pelo quarto da suíte como um par de dados feitos de ossos de galinha dentro de um saco de veludo. Nunca ficava parada; estava sempre enfiando a cabeça no armário para ver se não tinha ninguém vindo pelo túnel, ou olhando pela janela para procurar assassinos escondidos no jardim, ou falando com os guardas no corredor para ter certeza de que eles ainda estavam vivos e alerta. O movimento constante da garota deixava Raisa nervosa, mas ela sabia o quanto Cat estava se esforçando, e conseguia se segurar.

A parte do trabalho relativa à arrumação ficava negligenciada, a não ser que Raisa pedisse alguma coisa específica. Cat não fazia a menor ideia do que o trabalho exigia. Magret Gray ajustava as coisas quando Cat estava longe e nunca perdia uma oportunidade de apontar a incompetência da criada novata.

Por exemplo, houve uma manhã em que Cat pegou o vestido que Raisa pretendia usar em uma recepção da guarda e o deixou sobre uma cadeira. Quando Magret chegou, pôs o vestido no manequim de Raisa e andou ao redor, com as mãos na cintura, murmurando sozinha.

Raisa tentou se concentrar no livro, mas os resmungos de Magret foram ficando mais e mais altos quando ela começou a escovar a saia.

— Vou tentar o vaporizador, mas não sei se consigo tirar esses amassados até a noite. É uma desgraça enviar a rainha usando

uma coisa que parece ter sido enfiada em uma gaveta ou embolada no chão. Na minha época, os criados tinham orgulho da aparência de sua senhora. — E assim por diante.

Raisa colocou um dedo no livro para marcar a página.

— Magret? Tem alguma coisa que queira me dizer?

— Não, senhora. — Magret continuou a escovar o veludo. — Não se preocupe. Vou fazer o melhor para resolver isso.

— Tem preocupações em relação à minha criada pessoal? — insistiu Raisa.

Magret se virou para encará-la com as mãos nos quadris largos.

— Alteza, estou me perguntando por que ela está a seu serviço, assim como todo mundo. Alguns de nós viemos de Feira dos Trapilhos, é verdade, mas o caminho é longo para chegar aqui, com muito trabalho e esperança de um dia servir à rainha e à família dela. Todos os criados estão falando sobre isso, mas têm receio de dizer qualquer coisa para Catarina, por medo de ela cortar a garganta deles.

— É mesmo? — disse Raisa, com a voz enganosamente calma. — Desde quando é papel de meus criados discutir e debater minha escolha de empregados?

Magret fungou.

— É nosso papel cuidar da senhora, da melhor forma que pudermos. Queremos vê-la bem servida. E é mais trabalho para o resto de nós, se ela não faz o dela direito.

— Ela veio com recomendações. Talvez tenha algumas dificuldades, mas...

— Quem a recomendou? — explodiu Magret. — Aquele demônio de olhos azuis que mora no quarto ao lado? Ah, ele é bem bonito e se veste bem, mas isso não muda quem ele é. Já vi como ele olha para Vossa Alteza. Como se fosse o jantar e ele estivesse com fome.

As bochechas de Raisa ficaram quentes quando o sangue lhe subiu ao rosto. Ela ficou de pé com os punhos fechados.

— Não faço ideia do que você está falando.

— Sei tudo sobre Alister Algema — prosseguiu Magret. — Ele costumava variar entre as garotas de Feira dos Trapilhos e partia todos os corações. Senhoras e lavadeiras, não importava. Ah, já ouvi histórias de como...

— Magret, Han Alister salvou minha vida — disse Raisa rigidamente, resistindo à tentação de tapar os ouvidos. — E quase perdi a dele para isso. Tenho uma grande dívida de gratidão com ele que jamais terei como pagar.

— Ah, ele vai fazê-la pagar. Anote minhas palavras. Aquele lá não faz nada sem pesar o ouro e calcular os juros.

— Muito bem, você já me avisou. Agora esse assunto está encerrado. Vamos falar sobre Cat... arina. Você está absolutamente correta. Ela precisa de treinamento. — Raisa fez uma pausa momentânea. — Quero que você faça isso.

— Eu? — Magret pareceu horrorizada. — Ah, não, Alteza, eu não poderia...

— Estou promovendo você. Estou lhe nomeando Chefe dos Aposentos da Rainha. Você vai supervisionar meus criados pessoais e ser responsável por ensinar-lhes o que precisam saber para serem o melhor que puderem.

Magret apertou bem os lábios para não deixar escapar seus pensamentos. Mas não era difícil adivinhar.

Raisa tocou o braço de Magret.

— Estou ciente das falhas de Catarina como criada pessoal. Ela nunca vai ser uma serva perfeita, não é isso que estou procurando, mas pode melhorar. Estou pedindo que confie em mim e faça o melhor que puder. Você aceita?

Magret olhou para Raisa por um longo momento, depois assentiu com má vontade. Abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas alguém bateu na porta.

— Com licença, senhora.

Magret foi até a entrada.

Era Amon. Raisa viu sua figura alta à porta, atrás das costas largas de Magret.

Amon tinha pedido uma audiência com ela. Várias vezes. E Raisa adiara. Seus instintos diziam que qualquer audiência formal com Amon não traria boas notícias.

Ela resistiu à vontade de fugir para o quarto de dormir e dizer que estava com dor de cabeça, mas ele já a tinha visto.

Magret se virou para Raisa com uma pergunta no rosto. Raisa assentiu com cansaço.

— Entre, Amon.

Quando ele entrou, Raisa viu que estava usando o uniforme azul, com a espada da Lady ao lado do corpo.

Ela indicou uma cadeira perto da janela.

— Por favor. Sente-se — disse ela, e se sentou também. — Gostaria de alguma coisa? Sidra? Algo para comer?

— Não, obrigado, Alteza. — Amon balançou a cabeça e se sentou na beirada da cadeira, com as mãos nos joelhos. — Não vou demorar.

— Me desculpe por ter adiado — pediu Raisa, com um aceno de mão. — A vida anda agitada, e eu sabia que veria você na recepção esta noite.

— Eu entendo, Alteza — disse Amon, com a voz do Amon Formal. — Sei que nos vemos quase todos os dias, mas achei que precisava marcar uma reunião. Para isso.

Ele olhou para Magret e depois para as próprias mãos, onde o anel do lobo cintilava na direita.

Um bolo gelado de medo se formou nas entranhas de Raisa. Ela sabia qual seria o assunto.

— Magret — disse ela, sem tirar os olhos do rosto de Amon —, por favor, nos deixe a sós.

Ela pensou que Magret se oporia, mas a serva baixou a cabeça e saiu. Magret não escondia sua total aprovação e confiança em Amon Byrne.

— E então — continuou Raisa quando a porta se fechou atrás de Magret —, sobre o que quer falar?

— Como sabe, Annamaya Dubai voltou para casa. Ela está temporariamente no alojamento da Escola da Catedral, pois o pai está de serviço na fronteira de Arden.

— Eu sei. Eu a vi na corte. Que bom que ela veio para casa no verão. Embora eu tenha pensado que talvez fosse ficar na escola.

— Ela espera encontrar trabalho aqui — explicou Amon. Ele pigarreou. — Se ela conseguisse ganhar um pouco de dinheiro, ajudaria em seu próximo ano na escola.

— Ah — disse Raisa, assentindo. — Quando ela volta?

Os olhos cinzentos de Amon se fixaram nos dela até Raisa desviar o olhar.

— Ela não vai voltar. Decidiu pedir transferência para a Escola da Catedral. Só falta um ano para ela.

— Ah, é? Estou surpresa de ela ter voltado. A Escola da Catedral é boa, mas a Escola do Templo em Vau de Oden é a melhor dos Sete Reinos.

Amon seguiu em frente, com persistência, como se contasse uma história bem-ensaiada:

— Precisei sair da escola de repente, como sabe, e com minhas... minhas novas responsabilidades, não vou voltar. Assim, Annamaya decidiu voltar para ficar mais perto de mim.

Bem, ela é meio grudenta, não acha?, Raisa teve vontade de dizer. Mas não disse.

— Eu esperava que Vossa Alteza pudesse recomendá-la para um trabalho aqui na corte — pediu Amon. — Ela passou três anos em Vau de Oden. Tem cartas de referência dos professores da Escola do Templo, mas sua recomendação valeria muito.

— Bem... — Raisa moveu a mão como se fosse alguma espécie de pássaro em cativo. — É claro. Quer dizer, não passei muito tempo com ela, mas, pelo que vi, eu...

— Eu gostaria que vocês duas se conhecessem melhor — interrompeu Amon, de forma nada característica. — Acho que gostaria dela, se a conhecesse.

Por que Amon pensava que Raisa não gostava de Annamaya?

Preciso ser uma pessoa melhor, disse Raisa para si mesma. *Serei uma pessoa melhor, com a vontade do Criador. Uma pessoa menos egoísta. Só não sei se consigo fazer isso agora, junto com todo o resto.*

— Tenho certeza de que vamos nos tornar ótimas amigas — disse Raisa, soando como uma idiota —, já que ela vai estar aqui na corte e... aqui em Fells. Permanentemente, ao que parece.

Amon segurou as mãos de Raisa, pegando-a de surpresa.

— Rai, Annamaya e eu gostaríamos de anunciar nosso noivado na recepção de hoje.

— N-noivado? — gaguejou Raisa. — Ho-hoje?

Amon continuou rapidamente, agora que já tinha começado:

— Lembra que lá em Vau de Oden eu falei que pretendia anunciar nosso noivado no verão, depois que eu voltasse para casa?

— Mas já? Você disse que não estava planejando se casar antes de terminar a academia, e...

— Certo. Mas agora isso não vai acontecer, então não há motivo para esperar.

Ele apertou mais as mãos dela, interrompendo a circulação nos dedos.

Raisa deveria ter dito: *Ah, mas que notícia fabulosa! Vocês vão formar um casal perfeito.* Mas sua capacidade habitual de disfarçar os sentimentos desaparecia quando estava com Amon.

O que ela conseguiu falar foi:

— Bem, que... surpresa... feliz e surpreendente! Obrigada por me contar esse segredo primeiro.

Amon observou o rosto dela.

— Bem, não é segredo. E eu, como capitão da guarda, tenho que avisar a rainha sobre planos de casamento.

— É mesmo? Eu tenho que aprová-los também? — Ela tentou falar com leveza, mas o tremor na voz a entregou.

Ela havia perdido Han e Amon, e Micah era uma cobra e Andarilho da Noite era exaustivo. Sentia-se como a bela do baile deixada de lado com um cartão de danças vazio.

Amon mordeu o lábio. Seu rosto era uma máscara de infelicidade.

— Tenho que me casar, Rai — sussurrou ele, olhando para as mãos unidas dos dois. — Tenho 18 anos agora. Acho que poderia ser... mais fácil... se eu fosse casado. — Ele olhou para ela esperançosamente. — Você não acha?

Raisa balançou a cabeça em negativa.

— Nada vai tornar isso mais fácil. Casamento parece uma coisa tão terrivelmente definitiva. Apesar de saber que não podemos ficar juntos, ainda é difícil abrir mão de você de vez.

— Você não está abrindo mão de mim. Sempre vou estar aqui, sabe disso.

Ela assentiu, se recompôs e conseguiu dar um sorriso triste.

— Sei. Estou sendo irracional. É claro que você, dentre todas as pessoas, sabe que não sou racional. Mas como é meu amigo, estou contando o que sinto em meu coração egoísta.

Raisa se inclinou para a frente e olhou nos olhos cinzentos dele.

— Mas saiba disso, Amon Byrne. Desejo a você todas as bênçãos possíveis em seu casamento. Ninguém merece a felicidade mais do que você. Estou falando com sinceridade.

Ela soltou as mãos das dele e ficou de pé, segurando a saia dos dois lados.

— Obrigada pelo aviso. Vai ajudar... esta noite.

Amon também ficou de pé.

— Adeus, Alteza — disse ele, com a voz estrangulada. — Obrigado por me receber. Nos vemos esta noite.

Ele fez uma saudação com o punho sobre o coração, depois recuou até a porta e foi embora.

Naquela noite, Raisa *ana'*Marianna foi anfitriã em uma recepção para oficiais do exército e da guarda. Estava usando um vestido de cetim verde, sem amassados, que combinava com seus olhos. Dançou com todos os oficiais e encorajou a princesa Mellony e as damas da corte a fazerem o mesmo.

Na metade da noite, o capitão da guarda, Amon Byrne, pediu a bênção dela para seu casamento com Annamaya Dubai, aluna da Escola do Templo em Vau de Oden e filha de um dos oficiais do exército de Fells.

O casal se ajoelhou em frente a Raisa, que ergueu uma taça para fazer um brinde ao casamento deles e à futura felicidade dos dois, acrescentando que formavam um par perfeito. Tomou as mãos de Annamaya nas suas, puxou-a para que ficasse de pé e se esticou na ponta dos pés para dar um beijo no rosto da noiva alta do capitão Byrne.

— Obrigada por compartilhar o capitão Byrne comigo — disse ela, sorrindo. — Sei que seremos grandes amigas.

Em seguida veio uma série de brindes feitos por Raisa, que prometeu dançar no casamento deles, que provavelmente aconteceria no outono.

Todos os presentes concordaram que o par formava um casal encantador e parabenizaram Raisa pela festa de sucesso.

Naquela noite, Raisa ficou acordada por bastante tempo, olhando para o teto alto, imaginando que estava ouvindo Han Alister respirando no quarto ao lado.

Mais companheiros estranhos

Ter Cat no quarto ao lado, como criada pessoal de Raisa, dava a Han mais liberdade de movimento... e menos também. Já não achava que precisasse ficar no quarto o tempo todo, com o ouvido na porta, esperando que mais alguém tentasse apagar a futura rainha. Quando Raisa saía do quarto, para dentro ou fora do palácio, eles agora eram dois dividindo a responsabilidade de protegê-la. Três, contando com o capitão Byrne.

Mas agora havia menos chances de ir e vir dos aposentos de Raisa quando quisesse, o que era uma coisa boa quando a questão era resistir à tentação.

A princesa-herdeira não ficava muito lá, de qualquer jeito. Raisa entrara em um redemoinho infinito de festas e recepções conforme a coroação foi se aproximando. Amon, Han, Cat e Dançarino começaram a se reunir todas as manhãs para discutir segurança e estratégias para protegê-la durante a confusão festiva, com as idas e vindas de estranhos no palácio. Os Lobos Gris faziam turnos de doze horas, sete dias por semana, sem reclamar. Tinham interesse pessoal em manter a amiga em segurança.

Magret Gray era a recebedora oficial dos presentes de coroação, que chegavam aos montes; ela os registrava e guardava. Han inspecionava todos em busca de perigos ocultos, como armadilhas mágicas, bruxaria, venenos ou similares. Isso também dava a ele a chance de ver quem estava tentando se engraçar com a rainha.

Vários objetos chegaram dos reinos inferiores, inclusive uma tiara cafona de Gerard Montaigne. Han não conseguiu deixar de se perguntar quem estaria andando sem enfeite na cabeça em Tamron agora. Ou talvez a dona anterior tivesse tido a cabeça cortada e não precisasse mais de tiaras.

Os Bayar enviaram mais presentes caros; joias e candelabros de prata. Han fez um exame minucioso nos objetos e pediu a ajuda de Dançarino. Pareciam não ter nada de mágico. Mas nem importava muito, porque Magret Gray guardou todos sem nem mostrá-los para a futura rainha. Não queria correr riscos com presentes de magos.

A ex-babá ainda olhava de cara feia para Han e se recusava a dirigir a palavra a ele, apesar do esforço que ele fazia para tratá-la com educação.

Han começou a pensar que também deveria dar a Raisa algum presente pela coroação. Queria alguma coisa única, mas significativa. E também precisava ser algo que ele tivesse dinheiro para comprar. Tinha acabado de comprar uma propriedade, afinal.

Finalmente, teve uma inspiração. Conversou sobre sua ideia com Dançarino, que achou que conseguiria fazer a peça a tempo da coroação, se começasse a trabalhar imediatamente. Havia um ferreiro no Campo Demonai que o ajudaria.

Han e Amon e Cat e Dançarino também iam a todas as festas e bailes, e montaram um esquema de acompanhamento para que a futura rainha estivesse sob constante vigilância de pelo menos dois deles.

Infelizmente, isso obrigava Han a passar bastante tempo vendo Raisa circulando pelos salões de baile com Reid Andarilho da Noite e Micah Bayar. Para a infelicidade de Han, Andarilho parecia ter se mudado de forma permanente para a cidade. Os Demonai não deveriam estar nas Montanhas Espirituais, patrulhando a área contra bruxos?

E Bayar... Han imaginava que as danças fizessem parte do protocolo, mas mesmo assim... Como ela conseguia suportar que

ele a tocasse?

Havia outros pretendentes também, locais e estrangeiros, a maioria sangues azuis menos importantes que tinham esperanças de um casamento com uma rainha. Han prestava atenção neles, aprendia os nomes, fazia a correlação com os presentes que chegavam. Cat designou membros de seu grupo para seguirem os pretendentes de Raisa pela cidade, para descobrir aonde iam e com quem se encontravam.

Os irmãos Klemath eram ansiosos e persistentes, como um par de cachorrinhos grandes demais, mas Han não estava muito preocupado com eles. Raisa parecia resignada a se casar pelo bem do reino, mas até o dever tinha seus limites.

Todo esse empenho deixava pouco tempo para Han dançar. Mas não tinha problema. A única pessoa com quem Han realmente queria dançar era alguém por quem não ousava mostrar interesse, de forma pública ou privada. O privado costumava acabar virando público em um castelo com mil ouvidos.

Mesmo assim, ele acabou praticando um pouco. Han não tinha cartão de dança (um esquema estranho dos sangues azuis para formar pares), mas, se tivesse, poderia completá-lo. Parecia não haver escassez de mulheres nobres interessadas em conhecê-lo melhor.

Uma das mais insistentes era Melissa Hakkam, prima de Raisa e filha do chefe do Conselho dos Nobres. Han achava difícil de acreditar que ela e Raisa eram parentes. Missy ria o tempo todo, como uma iniciada embriagada. Colava em Han como uma trepadeira espinhenta, e, como sempre, Han levava a culpa. O pai dela, Lorde Hakkam, fulminava-o com o olhar cada vez que ela passava os braços por seu pescoço.

Mas ele não oferecia encorajamento algum.

A maioria dos colegas de Han, de Mystwerk, estava em Fells para passar o verão, e as garotas com quem estudara pareciam ter esquecido o pária que ele era. Mas era provável que algumas delas

estivessem trabalhando para os Bayar, tentando atraí-lo para algum canto para enfiar uma faca nele.

Uma noite, Han tinha acabado de passar a vigília da rainha para Cat e estava se servindo de um potente ponche quando dedos igualmente potentes envolveram seu braço.

Ele se virou e quase jogou o ponche no rosto de Fiona Bayar. Ela estava com o cabelo claro e cintilante solto ao redor dos ombros e usava um vestido preto com um decote enorme. Tinha ocupado a área exposta com fileiras de cordões caros.

— Venha dançar comigo, Alister — sibilou ela. — Quero conversar com você.

Era a primeira vez que ela falava com ele desde Vau de Oden. A primeira vez que ele a via desde o enterro da antiga rainha. A primeira vez que a via desde que Raisal a designara para o Conselho dos Magos no lugar dela.

Han tomou o ponche de um gole só e secou a boca na manga de propósito. A bebida ardeu em suas entranhas de modo agradável.

— Tem certeza de que quer ser vista comigo? — perguntou ele, fazendo questão de exagerar ao olhar por todo o salão.

Lorde e Lady Bayar dividiam uma mesa grande com outros magos sangues azuis, inclusive os Gryphon. Han estava surpreso de ver Adam Gryphon, seu antigo professor, na cadeira de rodas sentado com eles. Han não o vira em nenhuma das outras festas, e ele não parecia feliz de estar naquela. Gryphon observava Han e Fiona, as sobrancelhas unidas em uma careta de perplexidade.

Fiona puxou o braço de Han para atrair a atenção dele de volta.

— Deixe-os para lá. Estou espionando você. Estou supostamente ganhando sua confiança.

— Supostamente? — Ele ergueu uma sobrancelha. Como se tivesse alguma chance de isso acontecer.

— Você vem? — Fiona indicou a pista de dança com a cabeça.

Ela estava dando ordens de novo. Era um hábito que Fiona tinha.

Bem, pensou Han, *eu quero mesmo saber o que ela está tramando*. Ele a segurou pelo cotovelo e a levou para o meio dos dançarinos.

Eles deram voltas pela pista de dança em silêncio por alguns minutos.

— E então? — questionou Han.

— Onde aprendeu a dançar? — perguntou Fiona. — Você é melhor do que eu esperava.

— Sou sempre melhor do que as pessoas esperam — disse Han, ainda mantendo um pouco de distância entre eles.

— Entendo isso agora — sussurrou Fiona. — Estou começando a perceber que você tem... grande potencial. — Ela fez uma pausa. — Foi brilhante, conseguir ser designado para o Conselho — prosseguiu ela. — Mesmo sendo à minha custa. Como persuadiu a rainha a fazer isso?

— Sei ser bastante persuasivo. Você ficaria surpresa.

No entorno da pista de dança, Han viu Missy Hakkam conversando com um grupo de sangues azuis, mas sempre de olho nele. Eles passaram por Raisa, que dançava com Andarilho da Noite. *Ele* não estava mantendo distância dela. Os olhos de Raisa estavam fechados e o rosto, apoiado no ombro de Andarilho da Noite.

Han não conseguiu se controlar. Puxou Fiona para mais perto e deixou que um pouco de calor fluísse dos dedos.

Ela sorriu para ele com olhos apertados, ronronando como um gato perto de uma lareira quente.

— Você pensou melhor sobre minha proposta de Vau de Oden? — perguntou ela, deslizando as mãos até o pescoço dele e apoiando a cabeça em seu ombro.

— Aquela de eu dar meu amuleto a você? E você passar a ser rainha de Fells?

— Reparei que você não o tem usado — disse Fiona, olhando para o peito dele, onde o amuleto do Caçador Solitário estava

exposto.

— Eu uso. Só não onde você possa ver. Com tantos Bayar por perto, seria como sacudir um saco de ouro na cara de um ladrão. E, caso alguém esteja pensando em revirar meu quarto... eu não arriscaria, se fosse você.

Ela riu.

— Se eu mandar alguém, vou cuidar para que seja descartável.
— Ela fez uma pausa, e seu sorriso sumiu. — Não esqueci que salvou minha vida em Aediion. Estou em dívida com você.

Isso e uma moeda compram um bolinho de carne de porco, pensou Han.

Ao passarem pela mesa dos Bayar de novo, ele observou Adam Gryphon recostado na cadeira, a cabeça inclinada para trás e os olhos verdes fixos em Han e sua parceira de dança.

Ah. Certo, pensou Han. Gryphon tem uma queda por Fiona. Foi por isso que ele voltou, para cortejá-la? Não se preocupe, mestre Gryphon, pensou ele. Não vou me meter no seu território.

— Estou surpreso de ver que Adam Gryphon voltou da escola também.

— Os pais o trouxeram de volta para assumir a cadeira da família no Conselho — explicou Fiona. — Teria sido melhor para ele ficar onde estava. Os Gryphon estão enganados se acham que ele vai...
— Ela fechou a boca, talvez pensando melhor sobre o que ia dizer.
— Esqueça Adam. Vamos falar sobre nós. E se eu fizesse uma proposta diferente? Você se interessaria?

Ela olhou para Han com os lábios levemente entreabertos.

— Diferente como? Melhor, espero eu.

— É claro. Aquela foi só a abertura das negociações.

Ela se apertou mais contra ele.

Eles passaram por Raisa e Andarilho da Noite de novo, grudados como duas pulgas de Feira dos Trapilhos. Desta vez, Raisa estava olhando para Han e Fiona com a testa franzida.

— Acho que não devíamos falar sobre isso aqui. Sua família e seus amigos não são os únicos de olho.

Fiona assentiu.

— Tem razão. — Ela recuou um pouco. — Mas, se estiver disposto a ouvir, temos que conversar em breve. — Ela retorceu os lábios de nojo. — A princesa-herdeira concordou em permitir que meu irmão Micah a corteje. Em segredo, claro.

Han tentou impedir que a surpresa ficasse evidente no rosto.

— É mesmo?

Não conseguiu evitar procurar Raisa na pista de dança mais uma vez.

— Calma — cortou Fiona, puxando o braço da mão dele. — Você está vazando.

— Desculpe — disse ele, e controlou seu poder. — Só estou surpreso, depois de tudo que aconteceu. Por que ela faria isso?

Fiona deu um sorriso cruel.

— Por que você acha? Micah é bonito e encantador e bastante persuasivo também. E não perde tempo. Portanto, se queremos impedir um noivado ou uma fuga, *nós* precisamos ser rápidos. Estou disposta a distorcer os planos de Micah de acordo com meus interesses, mas as coisas podem ficar muito complicadas se meu irmão se casar com ela.

Complicadas? Pode-se dizer que sim, pensou Han, suas entranhas se contorcendo em um nó. *As coisas podem ficar complicadas quando eu assassinar seu irmão.*

A música terminou e eles pararam. E ali, tão perto que podia ter cuspidos neles, Han viu Micah Bayar afastar Andarilho da Noite. Micah segurou os cotovelos de Raisa como se pertencessem a ele e sorriu para ela, pronto para tomar posse da dança seguinte e de muito mais. E Raisa estava sorrindo de volta quando eles saíram rodopiando.

Micah não perde tempo, dissera Fiona. A raiva de Han ardeu. Já era bem ruim vê-la com Andarilho da Noite. Como tinha estômago

para Micah, depois de tudo que ele fizera? O que ela estava pensando?

Micah e Raisa passaram por eles de novo. A mão do rapaz estava na cintura dela, puxando-a para perto, a cabeça inclinada para sussurrar mentiras em seu ouvido, seus lábios praticamente tocando a pele dela.

Eu devia tê-lo matado quando tive a chance, pensou Han, flexionando os dedos da mão da faca. Preciso tirar os Bayar do mundo dos magos de vez.

— Quer se *controlar*? — disse Fiona com irritação, se soltando e esfregando o braço. — O que deu em você?

— Nada — respondeu Han, voltando a se concentrar no rosto de Fiona. — Não é nada.

Fiona olhou para ele como se não acreditasse.

— Vamos conversar em breve. Vou encontrar um jeito. — Ela deu um passo para longe de Han. — Enquanto isso, pense no que falei.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Dúvidas

Magret Gray cumpria sua palavra. Fez o possível para dar um jeito em Cat e ensinar a ela os deveres básicos de uma criada pessoal. Com a ajuda da mulher, Cat começou a interagir com os funcionários do andar de cima e aprendeu os nomes e posições de quase todo mundo que frequentava o palácio diariamente. Tanto Cat quanto Magret pareciam determinadas a fazer aquilo dar certo.

Mesmo assim, não foi fácil. A Chefe dos Aposentos da Rainha não estava acostumada a questionarem sua autoridade quando o assunto era protocolo e boas maneiras. Embora o ano que Cat passara na Escola do Templo a tivesse lapidado um pouco, ela não aceitava críticas muito bem. Sempre tinha que saber o porquê, além de quem e o quê.

Às vezes, ao voltar para o quarto, Raisa encontrava Magret e Cat ignorando uma à outra. Uma vez, estavam tão envolvidas em uma briga aos gritos que nem a ouviram entrar.

Magret? Gritando?

Raisa não tinha tempo para mediar aquela relação. Sua coroação estava marcada oficialmente para seu 17º aniversário. Convidados chegavam aos montes em Fellsmarch conforme a data se aproximava. A princípio, era mais a nobreza local e magos de todas as partes de Fells. Cada espaço de hospedagem no castelo e todas as outras construções dentro da propriedade ficaram completamente ocupados. Convidados menos importantes tiveram que se instalar fora dos muros, lutando para entrar.

Alguns dos melhores aposentos dentro da propriedade ainda estavam vazios, reservados para a realeza que chegaria dos reinos inferiores, inclusive o rei de Arden. A maioria chegaria imediatamente antes da coroação e ficaria para o baile e as recepções que viriam em seguida.

Micah Bayar e Reid Andarilho da Noite iam a quase todas as festas; cada um dançava o máximo possível com Raisa e ficava de olho no concorrente. Han também sempre estava lá. Ela o via encostado na parede, seu olhar seguindo Raisa e seus pretendentes pelo salão.

Não havia meio fácil de se concentrar, com todas as distrações. Han recebia atenção considerável das moças da corte, tanto quanto de visitantes estrangeiras. Um dono da rua implacável, ladrão, integrante poderoso do Conselho dos Magos, além de incrivelmente lindo — o que mais uma dama poderia querer, ao menos para um amante?

Ele dançava *o tempo todo*; com Missy Hakkam, com as colegas de Mystwerk e com Pearlie Greenholt, pois Talia ainda estava se recuperando. Era sempre o centro de um grupo agitado. Raisa não conseguia deixar de reparar com quem ele dançava e com que frequência, e na graça com que girava pelo salão, o cabelo dourado cintilando à luz das tochas.

Principalmente porque ele nunca dançava com ela.

Missy Hakkam era um planeta cintilante que orbitava ao redor de Han, quando não estava flertando com esse ou aquele príncipe dos reinos inferiores. A prima de Raisa agarrava toda oportunidade de tocá-lo, de se pendurar nele, e ria com vontade de tudo que ele dizia.

Mas isso não era o pior. Na festa que ocorreu duas noites antes da coroação, Raisa viu Han dançando com Fiona Bayar. Enquanto a princesa-herdeira circulava com Andarilho da Noite, Fiona estava com os braços ao redor do pescoço de Han, a cabeça apoiada no

ombro dele, apertando-o tanto que não dava para colocar a mão entre os dois.

Vão para algum lugar mais discreto!, pensou Raisa, com irritação.

Pensando bem, não, consertou ela.

Enquanto Raisa observava, Fiona ergueu a cabeça e sorriu para alguma coisa que Han disse. Ela não precisava se inclinar muito, já que era tão alta.

Você não sabe como é arriscado se aproximar tanto de Fiona?, pensou Raisa. *Ela só está atrás do seu amuleto, sabe? Além do mais, achei que você odiasse os Bayar. Não sabe nem guardar ressentimento direito?*

Tradicionalmente, a princesa-herdeira passava a noite anterior ao baile da coroação isolada, orando para o Criador e para suas ancestrais, pedindo orientação. Raisa se vestiu com uma calça e uma túnica do templo e instruiu os guardas lá fora a não deixarem ninguém entrar.

Depois que Magret saiu, Raisa se ajoelhou em frente ao altar, na sala de estar, e tentou se concentrar. Não que não quisesse um pouco de intervenção divina, considerando a situação atual. Mas sua mente ficava se desviando para outras coisas, pulando do presente para o passado.

Raisa não conseguia deixar de pensar em seu rebatizado, quase exatamente um ano antes. Lembrava-se de esperar com Magret o pai chegar para acompanhá-la ao templo. Mas foi Gavan Bayar quem apareceu, o que levou a uma corrente de eventos que ainda estava se desenrolando. Ela faria 17 anos no dia seguinte. O intervalo entre o rebatizado e a coroação seria só de um ano.

Raisa se sentia claustrofóbica, do mesmo jeito que se sentira um ano antes. Era como se mais uma vez uma armadilha estivesse se fechando ao seu redor, portas batendo diante de possibilidades. Ela estava sufocando. Precisava de ar fresco.

Ela se ergueu e andou rapidamente pelo quarto, passando pelas vestes elaboradas do templo colocadas ao lado da cama, passando pelo manequim no canto com o vestido do baile. Entrou no armário e empurrou vestidos até chegar à parede de trás. Depois de abrir todas as trancas que Amon insistira em instalar, empurrou a porta secreta, que se abriu sem fazer barulho.

Correu pelo túnel escuro, encontrando o caminho pelo toque, sem se dar ao trabalho de acender uma tocha. Finalmente, o corredor se alargou, e ela sabia que estava perto do pé da escada que levava ao jardim.

Tateando às cegas, encontrou a escada e começou a subir.

Quando chegou ao alto, empurrou com as duas mãos a pedra que cobria a passagem, abrindo-a com dificuldade. Ao sair no jardim no teto do castelo, estava escuro, embora houvesse uma lua no céu.

Raisa andou pelo jardim sob o telhado da estufa, inspirando o ar úmido, tomado do aroma de jacinto-de-verão e jasmim-da-montanha. O grande domo estrelado do céu a fazia se sentir muito pequena. Pequena demais para a tarefa que tinha assumido.

Ao chegar à beirada do terraço, ela olhou para a cidade. Luzes mágicas ocupavam as ruas e iluminavam as portas. Carruagens subiam o Caminho, sem dúvida indo para uma festa ou outra. Um pouco de música a alcançava; parecia uma basilka tocando "Lamento de Hanalea".

Raisa estremeceu e se virou.

Ao voltar para o pequeno templo, ela se ajoelhou de novo no piso de pedra e começou a Meditação das Rainhas, em voz baixa e ardente:

— Salve Marianna *ana'Lissa ana'Theraise ana'Adra ana'Doria ana'Julianna ana'Lara ana'Lucinda ana'Michaela ana'Helena ana'Rissa ana'Rosa ana'Althea ana'Isabella...* — Seguiu citando as 32 rainhas desde a Cisão e terminou, como sempre, com Hanalea *ana'Maria*. — Me escutem! Sua filha Raisa as chama.

Enquanto prosseguia com as palavras da oração, o templo ao redor tremeu e sumiu na névoa. As formas lupinas familiares das rainhas Lobo Gris se aproximaram, se sentaram em círculo ao redor dela e enrolaram o rabo em torno dos pés.

Ali estava Althea, de olhos verdes, e Hanalea, de olhos cinzentos. E a loba de olhos azuis que Raisa vira no funeral da mãe, magra e graciosa, de pelo claro e pequenas patas delicadas. A forma tremia, pálida e insubstancial. Por um momento Raisa pensou ver a imagem de uma mulher.

Raisa se aproximou de joelhos.

— Mãe? — sussurrou ela, com voz trêmula.

A loba de olhos azuis baixou a cabeça, parecendo envergonhada, depois deu-lhe as costas e desapareceu na névoa, com o rabo ereto atrás.

— Sim — disse Althea. — Aquela era Marianna. Ela ainda não aceitou a forma de lobo, infelizmente.

— Mas... — Raisa esticou as mãos como se pudesse puxar a mãe de volta. — Preciso falar com ela. Quero descobrir o que aconteceu. Se... se foi um acidente. Ou se...

— Ela não vai poder falar com você — disse Hanalea, com os olhos cinzentos gentis e tristes. — Não por meses. O que nós fazemos, esta comunicação através do véu, não é natural. Leva tempo para dominar.

As implicações disso assentaram lentamente, como uma corrente fria por baixo da porta.

— Bem, eu preciso saber. Ela se matou? Foi um acidente? E, se não foi, quem a matou?

Raisa olhou de Hanalea para Althea, na esperança de ver alguma coisa em suas caras de lobo.

As rainhas Lobo Gris se entreolharam. Althea colocou as orelhas para trás e mostrou os dentes para Hanalea. Hanalea deu de ombros, se é que se pode dizer que lobos fazem coisas assim.

— Ganhamos o privilégio de permanecer nas Espirituais — disse Althea. — Vigiamos a Cidade da Luz em vez de atravessar para a terra das sombras. Junto com os privilégios, vêm restrições. Não podemos mudar a história dando a você informações que não teria como saber de outra forma.

— Isso não ajuda — reclamou Raisa. — Me prometeram o dom da profecia. Não posso governar tendo como base um bando de trivialidades e avisos vagos e garantias. Você me disse que a linhagem Lobo Gris está por um fio. Quero saber como impedir que esse fio se rompa.

Hanalea e Althea trocaram um olhar.

— Só o que podemos fazer é ajudá-la a reconhecer o que está em seu coração, Raisa — disse Hanalea delicadamente. — Você tem acesso a todo o conhecimento e a todos os dons de que precisa para sobreviver, se quiser usá-los. Vai ter a chance de consertar um grande erro.

— E minha mãe? — perguntou Raisa. — Ela teve tudo de que precisava? Ao menos teoricamente?

Mais uma vez, elas se entreolharam, como se estivessem chegando perto do limite do que era permitido.

— Você precisa usar todas as forças da linhagem Lobo Gris para vencer — afirmou Althea.

— Vai chegar a hora em que você será obrigada a fazer uma escolha — avisou Hanalea. — Quando essa hora chegar, escolha o amor.

Raisa se sentou sobre os calcanhares, de cabeça baixa, tomada pelo medo de fracassar. De que adiantava saber que *podia* vencer, se não sabia como? Perder causaria uma dor muito mais profunda.

Escolher o amor! Como se essa fosse uma opção para as rainhas Lobo Gris.

Embora tivesse aprendido uma quantidade incrível de coisas no ano anterior, ainda fora um tempo muito curto. Ela pensava que

teria anos para se preparar, anos para trabalhar com a mãe como rainha em treinamento.

Lágrimas arderam em seus olhos. *Provavelmente, nunca houve uma rainha tão chorona*, pensou.

Um pensamento a atingiu. Ela podia fugir, como tinha feito um ano antes, quando a mãe tentara casá-la com Micah Bayar. Podia estar na metade do caminho para Delfos ao amanhecer e prosseguir para Vau de Oden. Podia entrar para a Escola do Templo e se tornar uma iniciada.

E a linhagem Lobo Gris podia se desmanchar em seguida.

E é melhor assim, pensou Raisa, com desânimo. *Que tipo de iniciada você seria? Não consegue nem meditar por uma noite, muito menos uma vida inteira.*

Não é justo, pensou também. *Eu devia estar indo a festas. Devia estar beijando muitos garotos. Sou jovem demais para ser rainha. Jovem demais para estar brigando com magos.*

Relaxe, disse para si mesma. *Não tem nenhum mago por perto.*

Mas alguma coisa a fez erguer o rosto e dar de cara com Han Alister de pé na porta do templo.

Raisa não sabia havia quanto tempo ele estava ali, olhando para ela, mas pareceu pegá-lo de surpresa ao erguer o rosto. Sua expressão neutra de sempre sumiu. No lugar havia uma vulnerabilidade melancólica, uma espécie de desejo febril e desesperado.

Magret dissera que ele tinha uma expressão faminta. Era daquilo que ela estava falando? E a fome dele era exatamente de quê?

E, de repente, a expressão sumiu, substituída pelo que ele chamava de expressão de rua, e Raisa achou que talvez tivesse imaginado tudo.

Han foi na direção dela, alto e de ombros largos, vestido de preto, uma escolha frequente nos últimos tempos. Mas naquela noite suas roupas estavam incomumente elegantes. Punhos de renda caíam sobre as mãos, e o casaco era bem-cortado e justo.

— Alteza — disse ele, fazendo uma reverência rígida. — Quase Majestade. Está em dúvida quanto a subir no trono Lobo Gris?

Raisa ficou de pé e limpou as lágrimas.

— Como você subiu aqui? Como me encontrou? Preciso ficar sozinha.

— Subi pela lateral — explicou Han, indicando a beirada do telhado como se ela pudesse ter percebido sozinha. Ele fez questão de olhar ao redor com gestos exagerados. — Achei que talvez fosse encontrar Micah Bayar aqui.

— Por que logo Micah estaria aqui? — perguntou Raisa.

— Ontem à noite, no baile, os dois estavam tão coladinhos que fiquei com medo de ele tentar te pegar de jeito ali mesmo.

— Chega dessas gírias, está bem? — rebateu Raisa, furiosa. — Não tenho interesse em me envolver com Micah Bayar de novo.

— De novo? — Han ergueu a sobrancelha.

Raisa cruzou os braços, ergueu o queixo e não disse nada.

— De qualquer modo, não foi isso que eu ouvi. — Han fez uma pausa e, como ela não disse nada, acrescentou: — Não consigo acreditar que o deixou encostar em você de novo.

— É complicado — disse ela, sem clima para confissões. — Estou encenando, e não é para você. Aliás, e você e Fiona?

Ele estreitou os olhos.

— Fiona? O que tem Fiona?

— No baile. Nunca vi duas pessoas tão agarradas, ao menos não de pé.

— Sei lidar com Fiona.

— Era exatamente o que você estava fazendo — disse Raisa em voz doce. — *Lidando* com ela. Por que deveria me tranquilizar por você saber lidar com Fiona, se você não tem confiança de que consigo controlar Micah? Isso é condescendência, Alister.

Han balançou a renda e contou os motivos nos dedos.

— Porque ele tem a moral de um mercador de escravos das terras baixas. Porque ele é mago e você não. Porque ele é um

Bayar. Porque nenhuma garota que chama a atenção dele está segura. — Ele fez uma pausa. — Porque acho que você ainda tem sentimentos por ele, e Micah vai usar isso contra você.

— Você está errado — disse Raisa simplesmente. Eles se encararam com irritação por um tempo, então ela suspirou. — Não vamos brigar por causa dos Bayar hoje, certo? Você veio aqui para falar sobre eles?

— Não — respondeu Han. — Eu queria ver você uma última vez antes da coroação.

Depois de um momento de hesitação, ele tocou o braço dela e a guiou para um banco perto do laguinho, o mesmo banco onde ela e Amon haviam se sentado na noite em que ele voltara para Fells, vindo de Vau de Oden, mais de um ano antes.

Raisa se sentou, encolheu os joelhos e passou os braços ao redor deles. Han se sentou ao seu lado e ficou olhando para o lago, parecendo não saber o que dizer.

Pelo menos o Alister frio e distante tinha sumido temporariamente.

— Amanhã à noite vai haver fogos — disse Raisa, para preencher o silêncio. — No final do baile. Este seria um bom local para vê-los.

Ela começou a morder uma unha, mas baixou a mão na mesma hora. Não seria bom estragar as mãos para o dia seguinte.

Se bem que aquela provavelmente era uma causa perdida.

— Lembra-se da noite em que nos conhecemos, em Vau de Oden? — perguntou Han, ainda encarando o vazio à frente. — Houve fogos naquela noite também.

— Lembro, sim. Parece que foi muito tempo atrás.

— Nem tanto.

Uma brisa soprou, vinda de Hanalea, e bateu no vidro, trazendo o aroma das neves das montanhas. Raisa tremeu e Han passou um braço pelos ombros dela e a puxou para perto. O calor dele a acalmou e afrouxou o nó de preocupação que havia dentro dela.

— Tem alguma coisa de especial em telhados, não tem? — comentou Han. — Faz você sentir como se não importasse o que está acontecendo abaixo. Todas as coisas que atrapalham seus sonhos... você está acima delas. Tudo é possível.

— Tudo é possível — repetiu Raisa.

Mais uma vez, seus olhos se encheram de lágrimas.

O que havia de errado com ela? *Queria* ser rainha. Lutara por isso, para voltar a Fells e proteger seu direito ao trono. As lágrimas eram apenas pela morte da mãe, por todas as oportunidades perdidas ou por algum outro motivo?

Estaria ela escolhendo uma porta que jamais poderia ser reaberta? Estaria fazendo uma troca da qual acabaria se arrependendo?

Escolha o amor, dissera Hanalea. Raisa estava muito sensível à presença de Han ao seu lado. Quando fosse rainha, aquela porta estaria fechada para sempre.

— Sabe, era aqui que a rainha Hanalea se encontrava com Alger Waterlow — contou Han, despertando-a do devaneio.

— O quê?

— Eles vinham para cá e faziam amor neste jardim do telhado — explicou ele, esticando as longas pernas. — Antes de fugirem para Lady Gris. *Aquela* era uma rainha que não tinha medo de se arriscar.

Certo, pensou Raisa. *Hanalea se arriscou, e veja no que deu.*

— Quem lhe contou isso? — perguntou Raisa. — Nunca ouvi essa história.

Ela tremeu de novo, como se fantasmas estivessem passando dedos frios por seus ombros.

— Algumas histórias não são contadas atualmente — respondeu Han, permitindo que um calor sutil fluísse entre eles.

Ele acariciou o cabelo dela e passou os dedos por sua nuca, gerando arrepios.

Você não está tornando isso mais fácil, pensou Raisa.

Depois de outra longa pausa, Han acrescentou:

— Você não precisa fazer isso, sabe?

— O quê?

Raisa virou a cabeça para olhá-lo.

— Não precisa ir em frente. Não precisa ser rainha. Pode ser quem você quiser.

Pela primeira vez o rosto dele estava completamente sério.

— O que quer dizer? — questionou Raisa, limpando o nariz. — Não tenho escolha.

— Sempre se tem escolha. Como eu, por exemplo. Posso ser qualquer coisa que quiser, se eu quiser de verdade. Se estiver disposto a fazer o necessário.

— É mesmo? — Raisa ergueu uma sobrancelha. Ele fazia parecer tão simples. — O que acontece a Fells se eu pular fora?

— Ninguém é insubstituível.

— Quanto tempo você acha que eu duraria, se abrisse mão da coroa? Eu seria um incômodo constante para quem assumisse o poder, mesmo que fosse Mellony. Eu seria um ponto convergente de rebelião, mais alvo do que já sou agora.

— Você não precisa ficar aqui. É por isso que se chamam Sete Reinos. — Ele esticou a mão e cobriu a dela, como se quisesse aumentar os pontos de ligação entre eles. — E sempre há Carthis, se você quiser ir mais longe ainda.

— Que diabos eu faria em Carthis? — resmungou Raisa. — E por que iria querer ir para lá?

Han riu baixinho.

— Estou convencido de que cairia de pé, Alteza. Provavelmente começaria a mandar no lugar em pouco tempo.

— Não conheço ninguém em Carthis.

Ele respirou fundo e recomeçou:

— Eu poderia ir junto. Ajudaria da forma que quisesse.

Raisa ergueu o rosto, surpresa. Os olhos azuis de Han se fixaram nos dela, intensos, concentrados, sem evidência de deboche.

A proposta pairou de forma constrangedora entre eles. O que Han queria dizer? O que estava propondo? Que ela fugisse com ele? Ele não dissera isso claramente, mas... Será que sentia o mesmo que ela, que a coroação acabaria com qualquer chance de eles ficarem juntos?

— Se vou mandar nas coisas, é melhor fazer isso aqui.

Raisa massageou a testa. Como podia explicar a ele os laços que sentia com aquelas montanhas, com aquele reino pequeno e imperfeito, com suas tribos em briga constante?

Ela queria estar ali quando o sol banhasse a escarpa leste de manhã e inundasse a Cidade da Luz. Queria estar ali na primavera, quando o rio Dyrnne ultrapassasse suas margens, alimentado pelas neves que derretiam no alto das Montanhas Espirituais. Queria ver as faias cintilando nas encostas de Hanalea, cavalgar sem sela, vestindo roupas dos clãs, sob a luz oblíqua do sol do outono. Queria comer amoras das terras altas no verão até o sumo escorrer pelo queixo e dançar danças dos clãs até o coração vibrar e os pés doerem.

Ficar longe de Fells apenas reforçara o amor que sentia por sua terra. Assim como a escolha que ele estava pedindo que ela fizesse.

Ela olhou para Han em busca de alguma coisa para dizer, mas ele balançou a cabeça.

— Esqueça, Alteza. Nunca achei que fugiria... de tudo isso. — Ele acenou com a mão para indicar o palácio, a cidade abaixo. — Não faz seu estilo. Só achei que poderia ajudá-la a descobrir o que quer. Pelo que está disposta a lutar. Do que vai abrir mão.

— Não se pode ter tudo — disse ela.

— Eu posso. E vou. Vou encontrar um jeito — respondeu Han, quase como se estivesse tentando convencer a si mesmo. A confiança habitual de dono da rua tinha sumido.

Ela tocou o braço dele e o olhou nos olhos.

— Espero que você... continue a ser meu amigo. Espero que não deixe a posição e a cerimônia ficarem entre nós.

A expressão no rosto dele dizia: *Já ficaram.*

O coração de Raisa pareceu parar no peito. E se ele fosse embora? E se ele se voltasse contra ela? E se aquilo fosse, como Han dizia, uma proposta de pegar ou largar? Como ela sobreviveria?

Posso ser qualquer coisa que quiser, dissera ele.

— Tenho uma coisa para você — falou Han, interrompendo os pensamentos desesperados dela. — Um presente. Foi por isso que vim, na verdade.

— Um presente?

Ela o encarou, surpresa.

Han lhe ofereceu uma pequena bolsa de couro, parecendo quase constrangido.

Ao contrário de Micah, Han não era do tipo que comprava presentes. Embora *tivesse* comprado flores uma vez, em Vau de Oden, quando se atrasara para uma aula e sabia que ela estaria zangada.

Era provável que, quando criança, ele nunca tivesse tido dinheiro para presentes.

— É para sua coroação. Dançarino fez, então, de certa forma, é de nós dois.

— Mas ele já fez aquela linda armadura para mim — objetou Raisa. — Foi mais do que suficiente.

Han limpou a garganta.

— Tudo bem. É só meu, então.

Ela pesou a bolsa na mão.

— Você não precisava me dar nada.

— Por que não? Todo mundo deu. — Ele olhou para as próprias mãos. — Os Bayar mandaram joias suficientes para encher uma barraca na feira.

Raisa puxou o cordão e enfiou os dedos na abertura. Derramou o conteúdo da bolsa na mão.

Era um anel de ouro branco com pedras da lua, pérolas e safiras.

— Ah! — Ela ofegou. — É lindo! O que fez você pensar nisso?

— Foi desenhado com inspiração em um anel que pertenceu a Hanalea. Era... era um dos favoritos dela, eu acho.

Ele hesitou, como se fosse dizer mais porém tivesse mudado de ideia.

Raisa experimentou. Pareceu caber melhor no dedo anelar, o que era bom, pois ela usava o anel do lobo no indicador. Ela virou a mão de um lado para outro, para que as pedras capturassem o luar.

Ela sabia que não deveria aceitar, era um presente pessoal e caro demais. Mas...

As sombras sob as árvores se mexeram e se encheram de corpos cinzentos, olhos brilhantes e dentes afiados.

Raisa estremeceu.

— Eu não sabia que Hanalea tinha um anel assim. Onde você ouviu falar sobre isso?

— Eu... hã... conversei com uma pessoa que é meio especialista em Hanalea, e ele descreveu o anel para mim. Foi assim que Dançarino entendeu. — Ele fez uma pausa e depois, como Raisa não disse nada, acrescentou: — Se não couber, ele pode reajustar.

— Não, está ótimo, cabe perfeitamente. Obrigada.

— Só não conte a ninguém quem deu a você. Se... se decidir usar, claro.

— Eu vou usar. — Ela inclinou o rosto para ele. — Vou cuidar bem dele. Eu só queria... só queria que nós...

Como se para impedir suas palavras, Han a puxou para si e a beijou com tanta força que lhe tirou o fôlego. O poder dele ecoou por ela, indireto mas potente, e fez a cabeça de Raisa girar. O anel de lobo em seu dedo ficou quente ao absorver tudo.

Raisa passou os braços ao redor do pescoço de Han e colou o corpo ao dele, ciente da fricção entre os dois. Enquanto mergulhava os dedos no cabelo dele, pensou: *Não vou desistir dele, não vou. Não. Vou.*

Mas então Han esticou os braços, interrompendo o beijo e se afastando. Ele olhou para o rosto dela, a respiração rápida e curta, os olhos um reflexo feroz de algum tipo de luta interior.

Ele jogou a cabeça para trás, e a garganta se moveu quando engoliu em seco. Depois de inspirar, trêmulo, ele a olhou de novo.

— Durante quase toda a minha vida, eu tomei o que queria, quando queria, sem pensar no futuro, pois provavelmente não teria nenhum — disse Han. — Você sabe quanto isso é difícil para mim? *Sabe?*

Ele a sacudiu de leve, como se fosse culpa dela.

— Escute — sussurrou Raisa, deslizando a mão pelo rosto dele e segurando-lhe o queixo. — Não importa se não pudermos nos casar. Podemos ficar juntos, quando tivermos chance, mesmo que eu faça um casamento político com outra pessoa.

Não acredito que estou dizendo isso, pensou Raisa. Estou mesmo virando a minha mãe.

Mas Han Alister estava balançando a cabeça, o rosto uma máscara de arrependimento.

— Eu quero ficar com você! — A voz de Raisa falhou nas palavras que não conseguira dizer em Pinhos Marisa. — Não quero perder você. Por que não podemos ter alguma coisa, mesmo que não possamos ter tudo?

— Porque não quero dividir você com mais ninguém. Não vou ser seu amante secreto. É tudo ou nada, Alteza. Não aceito menos.

— Eu tenho que aceitar — murmurou Raisa. — Por que você não pode?

Ele a beijou de novo, desta vez por muito tempo, devagar, saboreando. Depois, ficou graciosamente de pé.

— É melhor ir para a cama — disse Han, esticando a mão para ajudá-la a se levantar. — Tem um grande dia amanhã.

Ele esperou até que ela chegasse à escada, então se virou e desapareceu na escuridão.

Raisa desistiu da meditação e foi para a cama, mas demorou bastante para dormir.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Mau negócio

A coroação de uma rainha Lobo Gris era um evento de dois dias. Na manhã seguinte ao encontro com Han, no jardim de vidro, Raisa aguentou reuniões cerimoniais com constituintes e aliados, chamadas Cumprimento das Testemunhas.

Antes da separação dos Sete Reinos, era costume que representantes de cada reino levassem um tributo para a capital de Fellsmarch a fim de homenagear a futura rainha.

Agora, era apenas tradição, embora todos os que compareciam ainda levassem um presentinho para Raisa.

Durante toda a manhã ela esteve alerta a Han, de pé logo atrás dela, ao lado do trono, com o rosto tão inescrutável quanto qualquer máscara cerimonial. As palavras trocadas entre eles naquela madrugada pesavam no ar e a distraíam.

A verdade era que, mesmo depois de tudo que ele dissera, Raisa estava aliviada de ver que Han não fora embora durante a noite para procurar um futuro menos complicado e menos perigoso.

Estava usando o anel que ele lhe dera como presente de coroação. Tinha certeza de que ele reparara nisso, embora não tivesse dito nada a respeito.

Um visitante estrangeiro que Raisa ficou feliz de ver foi Dimitri Fenwaeter, lorde dos Andarilhos das Águas, que Raisa conhecera nos Pântanos Gélidos, a caminho de Vau de Oden.

Na época, Dimitri era novato no posto, que assumira depois que o pai fora morto por soldados de Fells.

Ele havia ficado mais alto e mais corpulento durante o ano que se passara desde que ela o vira pela última vez, e sua atitude agora era mais confiante. Dimitri levou para Raisa uma capa de linho, com folhas e samambaias bordadas em cores sutis e enevoadas.

No fim das contas, Raisa ainda era a senhora de Dimitri, pois os Pântanos Gélidos eram governados por Fells.

— Espero que as coisas estejam bem em nossa fronteira — disse ela na língua comum, sorrindo e acariciando o belo linho.

— Eu avisaria se não estivessem, Alteza — respondeu Dimitri, solene. — A nova comandante da Muralha Ocidental é uma mulher, mas é surpreendentemente justa e fácil de conversar.

Ele a estava provocando.

— Talvez ela seja justa e fácil de conversar *exatamente* por ser mulher — devolveu Raisa.

Dimitri riu.

— Pode ser. Falando em justiça, não esqueci que Vossa Alteza me deve *gylden*. Também me prometeu um rio limpo.

— Estou trabalhando nisso — disse Raisa, com um suspiro. — Vamos conversar de novo depois da coroação, antes que volte para casa.

Quando Raisa retornou a seus aposentos, Magret a ajudou a tirar a roupa formal da coroação. Ela se deitou na cama, de calçola e blusa de baixo, com a intenção de tirar uma soneca antes do jantar. Não tinha dormido muito na noite anterior, graças a Han Alister, e precisava descansar se não quisesse cair de cara no prato naquela noite.

Estava adormecendo quando ouviu uma batida na porta. Cat se aproximou e montou guarda ao pé da cama, enquanto Magret corria para atender, resmungando baixinho. Depois de alguns minutos de conversas sussurradas, ela fechou a porta e voltou para perto de Raisa, o rosto tomado de reprovação.

Raisa se apoiou nos cotovelos.

— O que foi, Magret?

— Há um mensageiro de Lorde Hakkam lá fora, dizendo que o rei de Arden finalmente chegou. — Magret fungou para mostrar o que pensava de reis desrespeitosos e atrasados. — Ele e seu grupo estão na Casa Regente e o rei vai se juntar a Vossa Alteza no jantar. Está pedindo uma breve audiência antes, para poder lhe dar os parabéns em pessoa, já que perdeu a cerimônia hoje de manhã.

Lá se vai meu cochilo, pensou Raisa. *Já não gosto do rei Geoff.*

Magret leu a expressão de Raisa e disse:

— Alteza, vou dizer que está descansando, e o rei das terras baixas terá que esperar até o jantar.

Raisa balançou a cabeça em negativa, cansada. Sentou-se e virou as pernas para a lateral da cama. Seus pés nem chegavam ao chão.

— Não, quero avaliar o homem, e isso vai ser impossível no jantar e no baile que vem depois. E não quero me reunir com ele à meia-noite. — Ela bocejou. — A rainha de Arden estará no jantar?

Magret deu de ombros e franziu a testa.

— Vou descobrir. Não a mencionaram.

Raisa enviou uma mensagem ao supervisor do jantar para mudar o protocolo de assentos. Magret a ajudou a colocar o vestido escolhido para o jantar e para o baile. Penteou o cabelo de Raisa e mandou Cat buscar joias e pincéis e pintura e pó. Em um momento livre, Cat colocou o vestido de cetim vermelho que estava guardando para o baile. Tinha uma grande abertura em cada lateral, para permitir liberdade de movimento. Raisa sabia que sua criada/guarda-costas teria facas escondidas sob o cetim, embora não conseguisse imaginar onde.

Raisa concluiu que gostaria de ter mais olhos e ouvidos quando o rei chegasse.

— Chame Lorde Alister no quarto ao lado, se ele estiver lá — disse ela para Cat.

— Lorde Alister? — Cat sorriu e fez uma reverência. — Sim, senhora — disse ela, e saiu andando.

Magret fungou.

— *Lorde Alister?* Pode vesti-lo de seda e cetim, mas nunca...

— Chega, Magret — interrompeu Raisa. Ela colocou a cabeça por entre a porta, o que fez Pearlie Greenholt entrar em posição de sentido. — Você pode mandar um recado para o capitão Byrne dizendo que vou receber o rei de Arden em minha sala e gostaria que ele estivesse presente?

E então pensou: *É apropriado receber um rei em uma sala particular? Provavelmente não, mas as visitas entre reinos haviam sido poucas e raras quando Marianna era rainha, então Raisa não tinha muito em que se basear. Além do mais, era culpa dele, por aparecer de forma inesperada.*

Cat voltou em poucos momentos, com Han atrás. Raisa desconfiou que ele também estivesse tentando dormir, pois seu cabelo estava um pouco desganhado, ele estava bocejando e tinha deixado de fechar um dos botões do casaco. Amon chegou pouco depois e ficou recostado na parede, o uniforme impecável, como sempre. Tinha passado o dia todo em posição de sentido, ao que parecia.

Raisa se acomodou em uma cadeira e arrumou a saia ao redor. A cadeira ficava em uma pequena plataforma, que a deixava um pouco mais alta do que o resto da sala. Eles esperaram. Finalmente, uma movimentação no corredor deixou claro que o rei de Arden e seu grupo tinham chegado.

O tio de Raisa, Lorde Hakkam, entrou, fez uma reverência e começou a torcer as mãos. Parecia incrivelmente nervoso.

— Alteza — disse ele, com a testa larga brilhando de suor —, o rei de Arden pede permissão para trazer sua guarda junto.

— Diga ao rei de Arden que não, ele não pode trazer sua guarda — respondeu Raisa, ácida. — Fells pode parecer um lugar

incivilizado e perigoso, mas sem dúvida não mais perigoso do que Arden tem sido.

— Sim, Alt... Majestade — disse Hakkam. — Só quero que saiba que eu... eu nunca soube que... fiquei tão surpreso quanto Vossa Majestade em relação ao... ao que aconteceu. Nunca foi minha intenção esconder nada. Quando ele... quando o rei chegou, enviei-lhe um mensageiro imediatamente. Espero que perceba que só penso no que é melhor para Vossa Majestade... e para as pessoas do reino.

Raisa o encarou. É porque ainda estou morrendo de sono, ou esse homem não está falando nada que faça sentido? Ou a culpa o está deixando enrolado?

Se ela não estivesse morrendo de sono, talvez tivesse feito mais perguntas.

— Vamos acabar logo com isso — disse Raisa, sentindo uma pontada de dor de cabeça.

Han murmurou alguma coisa para Cat e indicou a porta com a cabeça. Cat seguiu Lorde Hakkam até o corredor.

Um momento depois, ela voltou para o aposento como se estivesse sendo perseguida por demônios. Posicionou-se na frente de Raisa com uma faca em cada mão e sem sinal da fachada elegante.

— Algema! Presta atenção! É ele, o maldito de cara branca, ladrão cretino e filho da mãe! Ele está aqui!

Han pareceu tão intrigado quanto Raisa.

— *Quem* está aqui?

Ele também foi para a frente de Raisa e segurou o amuleto. Olhou de Cat para a porta, sem saber se deveria abrir fogo.

A porta se abriu e seu tio, Lassiter Hakkam, entrou.

Veio seguido pelo príncipe Gerard Montaigne, o mais jovem dos infelizes irmãos Montaigne.

Raisa ficou paralisada olhando para eles. Montaigne estava lindamente vestido, com um casaco de veludo verde-escuro, calça

creme e botas altas. Sua capa exibia o emblema do Falcão Vermelho e havia um aro de ouro em sua cabeça. Raisa olhou de relance para a bainha. Estava vazia, então a guarda dela devia ter ficado com a espada à porta.

Ótimo, pensou, lembrando-se do pobre Wil Mathis, morto pela mão de Montaigne.

Raisa olhou para Cat, cujas facas estavam outra vez escondidas, mas que ainda estava de pé entre Raisa e Montaigne, posicionada como se estivesse pronta para atacar, se fosse necessário. Quando e como Cat e Han conheceram Montaigne? Fosse lá onde fosse, eles pareciam ter formado uma opinião negativa bem forte do príncipe.

Montaigne entrou e olhou rapidamente ao redor. Seus olhos se apertaram um pouco quando viu Han e Cat. *Então ele também os reconhece*, pensou Raisa.

O olhar de Montaigne se desviou para Raisa. Ele a cumprimentou com um sutil aceno da cabeça, uma forma apropriada de um monarca saudar outro.

— Vossa Majestade — disse ele, com um sorrisinho. — Por favor, aceite minhas desculpas por não chegar a tempo de sua Cerimônia das Testemunhas.

— Eu esperava seu irmão Geoff, que respondeu ao meu convite — falou Raisa, conseguindo manter um tom equilibrado. — Não sabia que viria.

— Estou aqui no lugar de meu irmão — explicou Gerard. — Ele não pôde comparecer, infelizmente.

Um silêncio carregado deixou o ar ainda mais denso.

— Entendo. — Raisa cruzou os braços, ficou com a boca seca e sentiu um peso aumentando na barriga. Não havia possibilidade de Geoff mandar Gerard como representante. — Prossiga.

Pelo canto do olho, ela viu Lorde Hakkam se mexer com inquietação perto da porta, como se pensasse que talvez precisasse de uma fuga rápida.

— Trago más notícias. Meu irmão foi atacado por bandidos no caminho para cá, e a família inteira morreu — disse Gerard, sem nem tentar fingir que lamentava.

— Bandidos? — Raisal pigarreou. — Lamento muito ouvir isso. E era completamente verdade.

Gerard sorriu.

— Considerando o que aconteceu, você pode imaginar por que tenho medo de viajar para qualquer lugar sem minha guarda. Mesmo assim, senti que era meu dever comparecer, por ser o último irmão Montaigne sobrevivente. E, agora, o inquestionável rei de Arden.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Uma dança perigosa

De alguma forma, Raisa conseguiu chegar ao final do jantar sem vomitar no novo rei de Arden ou em qualquer outra pessoa. Conseguiu isso por comer muito pouco.

Montaigne foi acomodado ao lado de Raisa, como era adequado a um chefe de Estado. Ele não tinha o dom da conversa social (não que Raisa estivesse no clima), mas falava bastante de exércitos e política e dos desafios de governar Tamron, de derrotar a resistência e botar a nobreza nos eixos.

Raisa desconfiava que ele não escolhia aqueles assuntos por considerá-la uma colega ou confidente, mas por serem os únicos que interessavam. Ou porque Gerard via aquele jantar como uma oportunidade de intimidá-la.

Ele também fez inúmeras perguntas sobre as situações militar e política de Fells e suas estruturas, das quais Raisa desviou dando respostas vagas e mudando de assunto. Não confiava em Gerard Montaigne, e, embora ele provavelmente já tivesse muitos espiões no castelo, ela não seria uma de suas fontes de informação.

Durante todo o jantar, Raisa lutou para controlar a língua ácida. *Você é adulta*, disse ela para si mesma. *E rainha. Não pode ceder a seu temperamento. Precisa ser estratégica e pesar cada palavra. Ele está aqui para coletar informação. É melhor que subestime você.*

Não há necessidade de deixar claro que você o despreza. Ainda não.

A mesa principal acomodava sobretudo dignitários estrangeiros, inclusive vários duques e príncipes dos reinos inferiores, os reis e rainhas de Angra de We'en e Bruinswallow e um príncipe das Ilhas Meridionais usando uma fortuna em joias.

Eu nem gosto da maioria dessas pessoas, pensou Raisa. *Muito menos confio nelas.* Não conseguiu deixar de pensar nas refeições mais simples servidas no refeitório da Casa Wien, na amizade tranquila da miséria compartilhada.

Finalmente, foram para o baile e formaram uma fila para cumprimentar os convidados conforme chegavam. Os Lobos Gris não estavam de serviço. Raisa mandou que eles fossem ao baile como convidados, em vez de guarda-costas.

— Talia! — Raisa abraçou a guarda sorridente, que chegou com Pearlie. Finalmente alguém que ela queria ver. — É tão bom ver você por aqui.

— O capitão Byrne disse que não vou poder ficar de preguiça por muito mais tempo — disse Talia, com voz baixa e rouca, mas compreensível. — Estou de volta ao trabalho amanhã. Graças a Vossa Alteza.

Talia apertou a mão de Raisa e recuou enquanto Pearlie observava, com lágrimas nos olhos.

Cat veio em seguida, com Dançarino. Ele usava um casaco dos clãs, de um delicado couro de cervo, com miçangas e bordados de símbolos de poder e pequenos talismãs — uma espécie de armadura mágica.

Cat segurava o braço de Dançarino de forma possessiva enquanto olhava as convidadas cheias de plumas com inquietação. Ela estava de serviço no baile. E ainda ficava tensa entre sangues azuis.

Han passou pela fila sozinho. Fez uma reverência profunda para beijar a mão de Raisa. Ela sentiu a pressão rápida de sua mão quente enquanto ele murmurava:

— Vossa Alteza.

Amon chegou com a noiva, Annamaya, que estava resplandecente, praticamente cintilando em seda amarelo-canário. E todos os Bayar eram um estudo em preto e branco.

Reid Andarilho da Noite também foi sozinho, apesar de Raisa desconfiar ser improvável que fosse embora assim. Embora algumas das mulheres do Vale não considerassem namorar um cabeça de fogo, outras achavam a reputação mortal e a aparência exótica dele intrigantes.

Andarilho da Noite era um dos primeiros no cartão de danças de Raisa e pediu por uma das vigorosas danças dos clãs, o que a deixou vermelha, sem fôlego e com os joelhos fracos. Não era fácil dançar usando um vestido de baile.

Depois, ele pegou para ela uma taça de vinho.

— Você dança como uma princesa dos clãs — disse ele, assentindo em aprovação. — Eu estava torcendo para que usasse roupas dos clãs esta noite.

— Vamos celebrar nos Campos também, depois da cerimônia de coroação amanhã — prometeu Raisa. — Meu pai e minha avó estão planejando. E vou me vestir para a ocasião. Esta é mais uma festa para as terras baixas, afinal.

— Espero ansiosamente tê-la para mim, Rosa Agreste — disse Andarilho da Noite. Ele se inclinou mais para perto e acrescentou: — É bom ver uma rainha com sangue dos clãs no trono de Fells.

Ele fez uma reverência, se virou e atravessou a pista de dança na direção das admiradoras que o aguardavam.

Depois disso, foi uma dança atrás da outra, cada vez com um parceiro diferente. Era esperado que Raisa dançasse com todos os convidados homens importantes pelo menos uma vez. Muitos deles pisaram no pé dela, por não estarem familiarizados com as danças do norte.

Pena que não posso dançar com dois de cada vez, pensou Raisa, para acabar com isso mais rápido.

Micah apareceu no meio da lista. Ela precisava admitir que era um prazer dançar com ele depois de tantos passos errados.

— Bem — disse ele, olhando nos olhos dela —, houve épocas em que pensei que você não viveria tempo suficiente para ser rainha.

— Não graças a seu pai — respondeu Raisa, indicando Lorde e Lady Bayar, que observavam os dançarinos.

— Não graças a meu pai — concordou Micah.

— Mas graças a você, em parte, imagino — acrescentou Raisa, com generosidade.

Micah parecia quase honorável em comparação a Gerard Montaigne.

O mago deu um sorriso fraco, puxou-a para mais perto e roçou os lábios no pescoço dela.

Raisa se enrijeceu e se afastou.

— Cuidado, Bayar.

Ela não pôde evitar olhar ao redor, em busca de Han. Ele a tinha deixado sem graça, o que talvez tivesse sido a intenção. Não viu Han, mas viu Andarilho da Noite observando-os com uma expressão tempestuosa.

— Aceite minhas desculpas, Vossa Alteza — disse Micah, sem parecer arrependido. — É que está irresistível hoje.

— Então se esforce mais para resistir — respondeu Raisa secamente.

— Qual é a sensação? — perguntou Micah. — De ser rainha?

— Só vai ser oficial amanhã, lembra? Mas já é um pouco assustador, infelizmente. Não gosto do fato de que Gerard Montaigne veio correndo para cá dias depois de assassinar o irmão. Agora ele tem dois exércitos grandes e nada para fazer com eles.

— Também não gosto. Teria nos ajudado se o irmão dele tivesse vivido um pouco mais. Acha que os nobres vão apoiar Gerard? Ou será que os que apoiavam Geoff vão se unir a outra pessoa?

— Não sei — respondeu Raisa, com sinceridade. — Precisamos de melhores informações de Arden.

— Precisamos de armas melhores — argumentou Micah. — Assim, as informações não importariam tanto. Se o Conselho dos Magos perceber que Montaigne representa um perigo iminente, não sei dizer o que fará.

— Ah, não comece. Vamos ver se conseguimos terminar o baile sem falar de política.

— Hum. Do que deveríamos falar, então? — Ele acariciou o cabelo dela. — Lembra como a gente fugia das festas chatas?

— Não pense que isso vai acontecer hoje.

Ela ergueu a cabeça e olhou para Mellony, que os observava com lábios apertados, à margem da pista de dança. Embora a irmã tivesse sido objeto de atenção masculina contínua a noite toda, ainda parecia fixada em Micah.

Espero que isso não continue para sempre, pensou Raisa.

Eles dançaram em silêncio depois disso, até a música acabar. Raisa então se afastou de Micah, mas ele manteve as mãos nos ombros dela.

— O que vai fazer depois do baile? — perguntou ele. — Sei de um lugar aonde podemos ir para ficarmos a sós.

— Já *chega*, Micah — disse Raisa de forma incisiva. — Vou ficar sozinha em minha cama.

— Ora, isso é uma pena, Vossa Alteza — disse alguém, praticamente no ouvido dela.

Os dois se viraram. Han Alister fez uma reverência.

— Acredito que sou o próximo da lista.

— *Você?* — Micah o olhou de cima a baixo e se virou para Raisa. — *Alister* está no seu cartão de dança?

Raisa verificou.

— Parece que está — disse ela, surpresa de ver o nome dele ali. Han nunca tinha dançado com ela, em nenhuma das festas de pré-coroação.

— Por que você? — perguntou Micah, com a testa franzida.

— Por que não? — devolveu Han.

Ele estava com o queixo erguido, e sua postura e sua expressão continham uma promessa de violência. Um desafio de dono da rua.

— O que é *isso* nas suas estolas? — perguntou Micah, respondendo com desdém. — Uma gralha? Acho que um rato seria mais apropriado.

— É um corvo — explicou Han. — Conhecido por ser mais inteligente do que se pensa.

Ele pegou a mão de Raisa e a levou para dançar enquanto Micah observava. Depois dos acontecimentos da noite anterior, Raisa não sabia o que esperar. Mas Han a manteve a uma distância apropriada, como se a dança fosse uma obrigação, talvez para deixar a situação clara para Micah.

— Tente dar a impressão de que não quer estar comigo — disse Han, desviando o olhar para os outros dançarinos.

— Como sabe que *quero* estar com você? — disse Raisa, em tom mordaz.

Han pareceu surpreso a princípio, mas sua boca se retorceu e ele conteve um sorriso.

Raisa não se importava. Estava cansada de ser jogada para lá e para cá por Han Alister: beijos quentes e abraços intoxicantes seguidos de braços rígidos.

Era a primeira vez que dançavam juntos, desde as aulas na sala do segundo andar da taberna Tartaruga & Peixe, em Vau de Oden. Ela estava sensível à distância entre eles, à posição das mãos de Han em seus ombros e quadris.

— Você não é ruim, Alister.

Lembranças de Vau de Oden voltaram com tudo, de beijos descomplicados e de uma amizade com menos barreiras entre os dois.

Mas Han estava concentrado no trabalho, não em lembranças ou conversinhas.

— Além da guarda, Montaigne trouxe mais de vinte servos que mais parecem soldados ou ladrões — murmurou ele. — Cat colocou

gente para segui-los. Se ele tem mais contatos aqui, queremos saber quem.

— Onde Cat conseguiu pessoal em tão pouco tempo? — perguntou Raisa.

— Ela anda recrutando em Feira dos Trapilhos e Ponte Austral. — Ele se inclinou. — Ela pediu para dizer que mata Montaigne, se você quiser. Ninguém nunca vai responsabilizar você.

— O quê? — Raisa segurou a gola de Han e o puxou para mais perto, com expressão irritada. — Diga para ela esquecer isso. Não mando assassinos atrás de pessoas, muito menos se são meus hóspedes, por mais desprezíveis que sejam.

— Eu falei que você diria isso — disse Han, sorrindo e cumprimentando Missy Hakkam, que olhava com raiva enquanto eles circulavam. Ele se voltou para Raisa e o sorriso sumiu. — Acho que você devia ao menos considerar.

Não que não fosse tentador. Ao olhar para o futuro, Raisa só conseguia ver problemas vindo do novo rei de Arden.

— De onde você conhece Montaigne? — perguntou ela para se impedir de dizer sim.

— Cat, Dançarino e eu tivemos um atrito com ele, em Corte de Arden. Ele é excelente em raptar pessoas.

— Eu sei — disse Raisa, lembrando-se do encontro em Tamron.

— Não beba e não vá a nenhum lugar sozinha com ele. Nem mesmo dentro do palácio. Na verdade, não vá a lugar algum sem mim ou Cat ou o capitão Byrne até que Montaigne deixe a cidade.

Ele olhou para ela com olhos apertados em busca de qualquer evidência de teimosia.

— Vou tomar cuidado — disse Raisa.

Ela observou o salão de baile. Montaigne estava absorto em uma conversa com Lassiter Hakkam e Bron Klemath. Annamaya Dubai estava sentada com Talia e o restante dos Lobos Gris, mas Amon não estava à vista.

— Onde está o capitão Byrne?

— Foi montar um esquema de defesa na propriedade do castelo — explicou Han. — Para o caso de o rei de Arden ter planejado mais do que uma visita cortês.

Raisa sentiu uma pontada de solidariedade por Annamaya. Quando se casasse com Amon Byrne, era aquilo que ela teria em perspectiva: uma vida cedendo seu espaço ao dever.

Quando a música acabou, Han olhou por cima do ombro de Raisa, e seu rosto assumiu uma imediata expressão neutra. Ela se virou e encontrou o novo rei de Arden fazendo uma reverência.

— Vossa Majestade, acredito que a próxima dança seja minha.

Han colocou a mão no ombro de Raisa, e o calor fez sua pele formigar.

— Lembre-se do que falei, Vossa Alteza.

E foi embora.

Em contraste com as mãos quentes dos magos e as palmas suadas dos pretendentes que Raisa encontrara a noite toda, as mãos de Montaigne estavam secas e frias como a pele de um lagarto. Tinha sido mesmo menos de um ano antes que ele a repugnara na festa de rebatizado ao falar sobre eliminar os irmãos mais velhos que estavam entre ele e o trono?

E agora, ele conseguira isso. Raisa tomou uma nota mental: *Quando Gerard Montaigne fizer ameaças e promessas, leve-as a sério.*

Como fizera na festa do rebatizado de Raisa, Montaigne pulou qualquer cordialidade e foi direto ao ponto:

— Estou surpreso de vê-la dançando com magos. Pensei que fosse proibida de se relacionar com eles.

— Sou proibida de me casar com eles — corrigiu Raisa —, mas ainda são bons para dançar.

Montaigne não sorriu.

— Também são bons para uso militar. Mas perigosos de se relacionar, acredito, principalmente para uma jovem como você.

— Magos fazem parte de nossa estrutura social e política há gerações. Acreditamos que os benefícios do relacionamento com eles valem o risco.

Montaigne mudou de assunto:

— Eu lhe enviei uma proposta, um mês atrás. E recebi uma resposta um tanto favorável, acredito.

A proposta de que Raisa enviasse os exércitos dela contra o rei Geoff como uma forma de presente de noivado para Gerard.

— Eu estava disposta a ouvir. Mas parece que as circunstâncias mudaram.

— Sim. Mudaram. Não preciso mais de seu exército, o que deixa as negociações de casamento em situação diferente.

— Deixa? Ah. Devo entender que não está mais interessado na aliança por casamento?

Montaigne balançou a cabeça.

— Estou muito interessado em um contrato de casamento com você. — Ele fez uma pausa. — Embora não esteja muito interessado em uma aliança como fusão de domínios.

E eu não estou interessada em nenhuma das duas coisas, pensou Raisa.

— Vossa Majestade — disse ela —, eu nem sonhava que discutiríamos isso esta noite. Imagino que esteja ocupadíssimo com suas novas responsabilidades. Como espero que compreenda, há muito a ser feito aqui em Fells antes que eu possa considerar... relações internacionais.

— Pelo contrário, acredito ser um momento oportuno — respondeu Montaigne. — Vossa Alteza viu tudo o que consigo realizar em pouco tempo. Não vejo motivo para adiar o inevitável. Os recursos em Fells são complementares aos nossos e ajudariam a restaurar nosso tesouro. Esse seria o próximo passo lógico.

Seu romântico de língua de mel, pensou Raisa, fazendo o melhor que podia para não revirar os olhos. *Como sempre, tudo é sobre o*

que é melhor para você. Ela ficou ansiosa, de repente, para tirar Gerard Montaigne do reino o mais rápido possível.

Pensou em uma desculpa.

— Vou considerar com atenção o que disse. Mas precisa saber que, aqui em Fells, é costumeiro ficar de luto durante um ano após a morte do pai ou da mãe. Isso impede decisões apressadas quando a pessoa está entregue à dor. Eu não poderia pensar em celebrar um casamento nem em negociar mudanças na estrutura política no futuro breve.

A música terminou e eles pararam.

— Boa noite, Vossa Majestade. Tenha um retorno seguro para casa.

Raisa fez uma reverência de despedida e tentou se soltar, mas Montaigne a segurou pelo braço e a puxou para uma alcova junto à janela, em um dos lados do salão.

— Não terminei. Talvez eu não tenha sido claro o bastante.

Raisa firmou os pés, resistindo, e de repente eles estavam cercados por Amon Byrne, Han Alister, Cat Tyburn e três Lobos Gris, com Micah logo atrás.

— Tire as mãos de mim antes que eu mande prendê-lo — disse Raisa, com voz ferina.

Montaigne a soltou.

— Não sei que costumes têm no sul — prosseguiu ela —, mas não serei maltratada em minha própria corte. Por ninguém.

— Entendo que tenha muito em que pensar — disse Montaigne, fingindo ignorar o pequeno exército de Raisa. — Mas Vossa Alteza, dentre todas as pessoas, deve entender que não tenho paciência infinita. Quando sua mãe se tornou um obstáculo, Vossa Alteza a removeu. Do mesmo jeito que não vou hesitar em remover qualquer pessoa que entre no meu caminho. — Ele fez uma pausa para permitir que a informação fosse absorvida. — Eu lhe ofereço um papel e uma voz no grandioso reino de Arden, uma oferta que

pode ser retirada a qualquer momento. Sugiro que escolha com cuidado e me dê uma resposta o mais rápido possível.

Ele se virou e saiu andando sem nem uma sugestão de reverência.

— Montaigne! — chamou Raisal, soando acima da música e do clamor das vozes.

Ele se virou para olhá-la.

— Sim?

— Não há necessidade de esperar e divagar. Vou dar minha resposta agora.

Montaigne esperou, os lábios formando um leve sorriso.

Ele espera que eu ceda, percebeu Raisal, atônita. Espera que eu diga sim.

Está acostumado a forçar as mulheres a fazerem o que ele quer, pensou ela. Nunca se deu ao trabalho de aprender a interpretá-las.

Talvez fosse a imaginação de Raisal, mas parecia que o salão de baile estava silencioso ao redor deles, esperando para ouvir o que ela tivesse a dizer.

— A resposta é não — falou Raisal, em voz alta e rressonante. — Eu preferiria me casar com o próprio Rei Demônio. Sugiro que procure uma noiva em outro lugar. E que os céus ajudem a quem escolher.

Dois pontos de cor surgiram nas bochechas pálidas de Montaigne. Se de fúria ou constrangimento pela rejeição pública, Raisal não conseguiu identificar.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente, os olhos azuis pálidos e frios, como gelo encrespado pelo vento.

— Obrigado, Vossa Majestade, por ser tão direta comigo. Boa noite.

Raisal o viu sair com uma sensação mista de alívio e medo. Era um alívio dar fim à farsa de que poderia pensar em se casar com Montaigne. Mas ela sabia que ele encontraria um jeito de fazê-la pagar pela humilhação pública.

Eu devia ter deixado Cat matá-lo, pensou.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Coroação

O baile de coroação tinha sido para a nobreza, os magos e os oficiais militares, ou sangues azuis, como Han os chamava. E o povo de todas as classes foi convidado para a festa do Dia da Coroação. Haveria, ainda, banquetes e danças nas Montanhas Espirituais para o povo dos clãs.

Mesmo na comemoração, o povo de Raisal se dividia.

Primeiro, para o templo. Magret a ajudou a colocar as vestes do templo e ajustou uma capa com bordados elaborados, feita pelos clãs, sobre seus ombros. Era cheia de pedras preciosas e tão pesada que Raisal cambaleou sob o peso.

Parecia simbolizar toda a responsabilidade que caía em seus ombros.

Quando ficou pronta, seu pai, sua irmã, a prima Missy Hakkam e a avó chegaram para acompanhá-la até a Catedral do Templo. Amon também estava lá, solene e lindo de partir o coração com o uniforme azul, à frente do restante dos Lobos Gris, todos em fila em posição de sentido. Raisal engoliu um nó na garganta.

Han Alister vestia o casaco preto e prateado que usara no enterro de Marianna, o que Willo fizera para ele, com detalhes sutis de lobos cinzentos e corvos e a serpente com o cajado nas costas. Ele exibia o que Raisal passara a chamar de amuleto da corte, entalhado em pedra translúcida, na forma de um caçador. Sabia que ele estaria usando o amuleto de serpente contra a pele.

Quando ele a olhou nos olhos, energia e tensão e segredos crepitaram entre eles. Seu olhar desceu para o anel de pérola e

pedra da lua que Raisa usava ao lado do anel de lobo de Hanalea. Ele fez uma reverência profunda, e as estolas de corvo quase tocaram o chão. Quando Han passara a ficar tão à vontade na corte?

Teria ela também mudado tanto assim, no último ano?

Mellony e Missy ficaram atrás de Raisa, cada uma segurando uma ponta do tecido. Elas a ajudariam a carregar a capa.

— Que bom que só preciso usar essa coisa uma vez — resmungou Raisa. — Não há a menor possibilidade de dançar com isso.

Magret mexeu nas dobras da veste de Raisa, arrumando e rearrumando. A recém-nomeada Chefe dos Aposentos da Rainha usava um belo vestido de lã cinza com o pingente das Virgens cintilando no pescoço.

— Está tudo ótimo — disse Raisa, segurando as mãos de Magret. — Obrigada por tudo que você fez e ainda fará pela linhagem.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou a antiga babá no rosto, que estava molhado e salgado de lágrimas.

Amon se aproximou e parou do lado direito de Raisa. Han se posicionou do lado esquerdo. Era bom tê-los ali.

— Vamos — disse ela, erguendo o queixo.

Eles seguiram pelos longos corredores, o brocado pesado fazendo barulho ao se arrastar pelos pisos de mármore e pedra. As passagens formais do palácio estavam quase desertas; todo mundo que era importante já se encontrava no templo. Mas havia servos no caminho, encostados nas paredes dos corredores mais largos. Até os cozinheiros e outros criados tiraram alguns minutos de folga dos preparativos para o banquete daquela noite para ver a princesa-herdeira passar pela última vez.

Na próxima vez que a vissem, ela seria rainha.

A pequena procissão entrou no pátio, atravessando a passarela coberta que ligava o castelo em si e a Catedral do Templo. Han enfiou a mão no casaco e murmurou um feitiço. Luzes surgiram

acima deles, como uma pérgula mágica com rosas entrelaçadas, mas Raisa julgou ser apenas um jeito inteligente de repelir qualquer flecha assassina ou ataque mágico.

Quando eles apareceram, mais servos gritaram e acenaram com lenços das sacadas.

— Feliz rebatizado! — gritavam eles.

E:

— Vida longa a Raisa *ana'*Marianna!

Havia iniciados do templo de cada lado da grande porta dupla da catedral. Eles a abriram quando Raisa e o grupo se aproximaram.

Ela parou na entrada e observou o aposento. A catedral estava lotada, com todos os assentos dos dois lados do corredor ocupados. O salão trovejou com o som de pés batendo no chão quando a congregação se levantou para cumprimentar a princesa-herdeira.

Raisa avançou pelo corredor de cabeça erguida, com Han e Amon um pouco atrás, de forma que todos pudessem vê-la. Na frente do templo, o orador Jemson esperava, trajando as vestes cerimoniais que os oradores usavam em todas as coroações desde Hanalea.

Que bom que é tamanho único, pensou Raisa. *Assim como a minha veste.*

Novamente, a cacofonia de sons e cores lembrou a Raisa a cerimônia de seu rebatizado. Mas, dessa vez, o trono Lobo Gris estava vazio sobre o tablado, enfeitado com sorveira e rosas, em vez das gardênias brancas da mãe, um símbolo de que os tempos haviam mudado. Mesmo assim, Raisa não conseguia deixar de pensar no trono como pertencente a sua mãe.

Abaixo, no nível do chão, dos dois lados, havia cadeiras menos elaboradas, ocupadas por representantes dos clãs das Espirituais, do Conselho dos Magos e do Conselho dos Nobres. Sua avó, Elena, assumiu o lugar no assento dos clãs, e Gavan Bayar e Lassiter Hakkam se aproximaram e ocuparam as posições dos magos e da nobreza do Vale.

Os eventos pareciam se arrastar enquanto a mente de Raisa disparava, coletando imagens, sons, linguagem corporal, expressões e reações.

Ela parou em frente ao palco e se virou para olhar o aposento. Seus acompanhantes desapareceram dos dois lados. Mais uma vez, Han conjurou uma cobertura de magia cintilante, lobos e rosas e o olho sem pálpebra, o símbolo do clã do pai dela.

Os Lobos Gris se encostaram à parede, rígidos e em posição de sentido. Han e Amon ficaram dos dois lados do palco, uma espécie de guarda de honra. Mellony, Missy e Averill sentaram-se na primeira fileira, e Averill passou o braço ao redor dos ombros de Mellony.

Logo atrás deles, Magret estava sentada ereta, com o nariz rosado, secando os olhos.

Mellony se inclinou para a frente para olhar para a fileira ao lado, onde Micah e Fiona estavam sentados, vestidos com o habitual branco e preto, olhando adiante. Seus rostos pareciam porcelana delicada, brancos e duros e, ainda assim, um tanto frágeis.

Raisa viu com o canto do olho um ponto vermelho. Era Cat Tyburn, de pé nas sombras de um corredor lateral, usando o mesmo vestido de cetim do baile. Ela parecia gostar da roupa. Estava com a cabeça inclinada, observando as pessoas, tentando detectar qualquer problema.

Mais atrás estavam os convidados de fora do reino, sentados de acordo com sua posição e o protocolo. Os lugares tinham sido rearrumados novamente, pois Gerard Montaigne enviara um pedido de desculpas, dizendo que voltaria para casa imediatamente. Raisa quase desejou que ele estivesse ali, onde pudesse observá-lo. Não podia dizer com sinceridade que se arrependia do que dissera, mas talvez o momento não tivesse sido o melhor.

Atrás do trono, amontoadas dos dois lados do altar, estavam as ancestrais de Raisa, as rainhas Lobo Gris. Elas espiralavam e se

deslocavam como vapor, os olhos brilhantes cintilando na luz das tochas e dos candelabros acima.

Raisa olhou para Han e se perguntou se ele também conseguia vê-las. Se via, não deixava transparecer. Ele estava segurando o amuleto e observando a plateia em busca de qualquer perigo em potencial.

Isso é como um casamento, pensou Raisa. A noiva e seus amigos mais próximos ficam na frente. Os magos de um lado, os clãs do outro, como duas famílias que não se dão bem. E o povo do Vale, como sempre, obrigado a se dividir em dois.

E eu? Estou me casando com o trono Lobo Gris, o mais ciumento dos amantes. Ela o escolhera no lugar de Amon, no lugar de Han, provavelmente no lugar de qualquer chance de felicidade no amor.

Não seja reclamona, pensou, repreendendo a si mesma. A vida é cheia de escolhas difíceis. Pelo menos vou ser rainha.

Jemson foi até o meio do corredor e se virou para olhar para Raisa, de costas para o público. Sorriu para ela e piscou.

— Cumprimentos, graciosa Lady. Quem é você e o que a traz ao templo hoje?

Era a primeira das tradicionais Três Perguntas.

— Sou Raisa *ana'*Marianna, a princesa-herdeira de Fells — respondeu Raisa, alto o bastante para sua voz alcançar todos os cantos do salão. — Vim tomar posse do trono Lobo Gris.

— Com que autoridade vem tomar posse do trono Lobo Gris? — perguntou Jemson seriamente.

— Minha mãe, rainha Marianna *ana'*Lissa, se juntou a nossas ancestrais nas Montanhas Espirituais. Sou a herdeira de Marianna, e meu direito vem de meu sangue e de minha capacidade.

— Qual é sua linhagem? — perguntou Jemson.

Raisa recitou a nova linhagem de rainhas, começando com Hanalea e terminando com a mãe e consigo mesma — uma linhagem que lhe era familiar graças a todos os dias em que fora ao templo e graças à cerimônia de seu rebatizado, um ano antes.

Jemson assentiu.

— Estou satisfeito que se qualifique pelo sangue, Vossa Alteza. Agora, tenho três perguntas relacionadas à capacidade.

Aquelas eram perguntas novas, que ela não tinha respondido no rebatizado. Era entendido que uma princesa-herdeira teria tempo para se tornar mais capaz, antes da coroação.

— A quem responde, Raisa *ana*’Marianna? — perguntou Jemson.

— Eu respondo ao Criador, à linhagem e ao povo de Fells.

— Como se manifesta, princesa Raisa? Pelo que pede posse?

— Por meu sangue — disse Raisa, pegando a adaga da Lady que pertencera a Edon Byrne.

Ela cortou a palma da mão e permitiu que o sangue pingasse na grande bacia que repousava no altar.

Jemson entregou a ela um pano branco e limpo para que enrolasse na mão. Erguendo uma jarra ornada, ele derramou água na bacia e a girou. Era água limpa e transparente do rio Dyrnne, do alto das Montanhas Espirituais.

— Quem vai ajudá-la nisso, Raisa *ana*’Marianna? — questionou Jemson.

— O reino se apoia em três bases: os magos, os clãs das Espirituais e os habitantes do Vale.

Jemson mergulhou um copo na bacia e o ergueu, pingando. A um gesto seu, Elena, Lorde Bayar e Lorde Hakkam se aproximaram. Jemson passou o copo e cada um bebeu um gole, encarando uns aos outros por cima da borda.

Amon e Han se aproximaram dos dois lados para beber. Jemson convidou a primeira fileira, e Mellony, Missy e Averill Pés Ligeiros se aproximaram e beberam. O rosto claro de Mellony estava ainda mais pálido do que o habitual, e Raisa sabia que a irmã se imaginara em seu lugar.

Averill sorriu para Raisa, o rosto iluminado de orgulho. Era por ela ser sua filha ou porque haveria uma rainha mestiça no trono Lobo Gris?

Micah e Fiona se aproximaram do outro lado. Os olhos de Micah encontraram os de Raisa e ele jogou o cabelo para trás, virou o copo e bebeu. Fiona manteve o olhar fixo no copo.

Uma a uma, as pessoas de cada fila foram convidadas a se aproximar para beber o sangue da rainha Lobo Gris. Metade das pessoas permaneceu em seus lugares; havia dignitários do restante dos Sete Reinos que não tinham a menor intenção de declarar lealdade a Raisa.

— A partir de agora, prometemos preservar a linhagem Lobo Gris e o reino — disse Jemson, tomando um gole e colocando o copo de lado.

Lembrem-se disso, pensou Raisa, olhando para os Bayar.

— Ajoelhe-se, Vossa Alteza — pediu o orador.

Raisa ficou de joelhos, as vestes da coroação espalhando-se ao redor do corpo.

Jemson ergueu a ornamentada coroa Lobo Gris da almofada de veludo e a exibiu bem no alto.

— Pela autoridade investida em mim como orador da Catedral do Templo da Cidade da Luz, eu a coroo, Raisa *ana* Marianna, rainha de Fells, 33ª da nova linhagem.

E pôs a coroa na cabeça dela.

Na plataforma, as rainhas Lobo Gris baixaram a cabeça em reconhecimento à nova irmã rainha e se dissiparam em vapores.

Raisa se ergueu com o pescoço rígido, ciente do peso da coroa, com medo de que caísse. Jemson deu um passo para o lado. Seus acompanhantes se reuniram atrás dela, e Raisa seguiu imponente pelo corredor, sob os aplausos da nobreza reunida.

É capaz de ser a última vez que eles vão se unir para aplaudir qualquer coisa que eu faça, pensou Raisa.

Ao atravessar o pátio, ela ouviu um clamor das sacadas, mas teve medo de olhar para cima e perder a coroa. Pétalas de rosas caíam ao seu redor.

Depois de entrar no palácio e estar em segurança, ela ergueu a coroa com as duas mãos e a entregou para Amon, trocando-a pela tiara, bem mais leve.

Raisa subiu a grandiosa escadaria até o terceiro andar e seguiu pelo corredor, tentando não tropeçar nas vestes da coroação, seus acompanhantes seguindo atrás como uma cauda extravagante.

Milhares de pessoas haviam se reunido no pátio abaixo: homens, mulheres, crianças. Sem dúvida alguns foram porque nunca tinham sido convidados para entrar na propriedade do castelo e estavam curiosos. Mas muitos tinham rosas presas à roupa, algumas de verdade e algumas feitas de forma incrível com tecido e renda; eram pontos coloridos em meio ao cinza e marrom.

Quando Raisa apareceu, um grito trovejante subiu da multidão:

— Rai-sa! Rai-sa! Rai-sa!

E:

— Rosa Agreste! Rosa Agreste!

Raisa esticou as mãos, e a multidão gritou:

— Quem é você e o que a traz ao templo hoje?

— Sou Raisa *ana* Marianna, rainha Lobo Gris de Fells — respondeu ela.

Os gritos recomeçaram, e só morreram quando Raisa ergueu as mãos pedindo silêncio.

— Povo de Fells! Uma coroação é um fim e um começo. O fim de um período de incerteza, o começo de uma nova era. O fim do reinado de Marianna, o começo do de Raisa. O fim de uma princesa, os primeiros passos de uma rainha. O fim da infância — ela fez uma pausa e enrugou o nariz —, e, agora, acho que todo mundo espera que eu seja adulta.

Uma risada se espalhou pela multidão.

— Em certos aspectos, nunca vou crescer. Por exemplo, continuo a acreditar em milagres. Mas sei que milagres acontecem para quem trabalha duro. Prometo trabalhar muito por vocês.

Outra exclamação se espalhou.

— Continuo a acreditar no povo de Fells. Apesar de termos passado por momentos difíceis e de haver ameaças de todo lado, vamos superar qualquer adversário se trabalharmos juntos: habitantes do Vale, magos e clãs das Espirituais. Escutem uns aos outros, e eu escutarei vocês. Por fim, além de trabalho árduo, acredito em festas. — Isso foi recebido com um grito de aprovação. — Esta noite, vamos celebrar. Vou dançar, e espero que dancem também. Obrigada!

Quando ela se virou, gritos soaram às suas costas.

E então estava feito. Raisa era rainha de Fells, a 33ª na nova linhagem de Hanalea. Ela nascera para isso e fora criada para isso. Lutara por isso, e em alguns momentos pensara que talvez morresse por isso. Tinha uma longa história de tragédias e triunfos atrás de si e uma vida de trabalho árduo à frente. Era hora de começar.

Epílogo

A festa de coroação continuou em Fellsmarch até bem depois que a oficial acabou. Convidados saíram da propriedade do castelo para as ruas, sangues azuis misturados com catadores de lixo e ferreiros e cocheiros. Houvera comida e bebida à vontade na festa da nova rainha, e os residentes de Feira dos Trapilhos e Ponte Austral tinham enchido a barriga e os bolsos e as bolsas. Em épocas como aquela, quem sabia quando mais comida apareceria no caminho deles?

Alguns na multidão teriam comemorado a coroação do próprio Rei Demônio, desde que envolvesse cerveja e gim e outras bebidas fortes.

Do telhado da Casa da Guarda de Ponte Austral, Sarie Dobbs observava a multidão com o olho treinado de uma ladra. Um batedor de carteira teria um lucro e tanto em meio a tanta gente bêbada. Mas, até o momento, não houvera evidência de problema. Nem os ratos de rua estavam dispostos a atacar os que comemoravam a coroação da moça conhecida como Rosa Agreste.

Algema — ou o Rei Demônio, como ele se autodenominava agora, o dono da rua deles — pedira que mantivessem olhos e ouvidos atentos na comemoração, passassem por todos os tipos de hospedaria e relatassem qualquer coisa que pudesse ameaçar a segurança da rainha. Pedira a ajuda deles porque a maioria dos casacos azuis estava comemorando com ela.

Quem imaginaria, eu e Flinn brincando de casacos azuis, pensou Sarie, sorrindo para Flinn, que estava em um telhado do outro lado do rio. O sorriso sumiu quando ela considerou o alto custo da sobriedade em uma noite daquelas.

Os fogos de artifício tinham acabado havia algum tempo, e as cores vívidas ainda estavam gravadas nos olhos de Sarie. Já era o fim da madrugada, e mesmo os bêbados mais dedicados estavam cambaleando para casa à luz cinzenta da manhã.

Fazendo um sinal para Flinn, Sarie desceu pelo cano de escoamento até o chão. Eles fariam uma última varredura pelas ruas de Feira dos Trapilhos e então voltariam para seu esconderijo.

No caminho, rosnaram para alguns *lytlings* e crianças de rua, assustando-os para que voltassem para casa. Enquanto desciam pelo Beco Pinbury, na antiga área deles, Sarie viu um par de belas botas saindo de detrás de uma lixeira.

Lixeiras eram uma coisa nova em Feira dos Trapilhos, uma das grandes ideias da rainha. Ela parecia achar que as pessoas colocariam o lixo naqueles recipientes em vez de largar nas valas.

— Ei, você — chamou Sarie —, não é seguro dormir aqui fora usando essas botas.

Ela cutucou uma das botas com a ponta do pé, e alguma coisa na forma como a perna rolou para o lado deixou claro que o dono das botas não precisaria mais delas.

— Flinn! — sussurrou ela. — Vem cá.

Havia dois corpos atrás da lixeira: de uma mulher e de um homem, os dois em roupas de sangue azul, com as estolas de mago ao redor do pescoço manchadas de sangue. As gargantas tinham sido cortadas bem na traqueia.

Flinn olhou para baixo e murmurou um palavrão.

Sarie se ajoelhou ao lado dos corpos e os revistou. Quem apagara os magos deixara as bolsas. E as botas.

— Mas os amuletos sumiram — observou Flinn.

Ele estava certo, os amuletos tinham mesmo sumido, e bruxos não iam nem ao banheiro sem eles.

Sarie e Flinn revistaram o local, mas não os encontraram.

Flinn se agachou ao lado dos cadáveres e observou as roupas na luz crescente.

— Olhe isso — disse ele, passando a mão pelo tronco do mago com as botas.

Ali, levemente manchada de sangue, havia uma linha vertical e outra ziguezagueando por ela.

Flinn se sentou sobre os calcanhares.

— O que isso parece?

Como Sarie não disse nada, ele aproximou do rosto dela o talismã que o cabeça de fogo de Cat fizera.

Sarie olhou de novo. Agora percebia; a serpente estilizada e o cajado. O símbolo da gangue do Rei Demônio, o novo nome de rua de Alister Algema.

— Isso não faz sentido — disse ela depois de uma longa pausa.
— Ele largou essa vida.

— Mas arrumou um grupo e um esconderijo e disse que tinha uma coisa em andamento — murmurou Flinn. — Disse que não queria deixar a gente entrar porque era arriscado demais.

Sarie indicou os dois no chão.

— Você acha que esses dois tiveram alguma coisa a ver com o que aconteceu com a mãe e a irmã dele?

— Isso importa? — questionou Flinn.

— Você acha que ele está apagando magos aleatoriamente?

— Ele ou Cat Tyburn, talvez. Ela é boa com a faca.

Sarie balançou a cabeça.

— Ele é mago. Além do mais, Algema é inteligente demais pra isso.

Flinn lambeu os lábios.

— Lembra o que ele disse no Beco da Roubalheira? Não quis contar qual era o plano, mas você sabe que ele chamou de esquema de burro. De tarefa de tolo. Talvez seja por isso que ele não queria deixar a gente entrar.

— Ele teria levado as bolsas — disse Sarie. — Para fazer parecer coisa de ladrão de rua.

— A não ser que ele esteja querendo se exhibir — argumentou Flinn. — Por que mais ele assinaria o trabalho?

Sarie tentou, mas sua mente cansada não conseguiu pensar em outro argumento.

— Talvez Algema não esteja bem da cabeça — disse ela, franzindo a testa. — Lembra como ele ficou depois que a mãe e Mari morreram queimadas? Nunca vi ninguém atrair problema como ele.

— Os casacos azuis logo vão estar por aqui — falou Flinn, avaliando o ângulo da luz.

Sarie pensou.

— Vamos fazer o seguinte.

Ela segurou a ponta da estola e a apertou contra o ferimento no pescoço do mago, para saturá-la de sangue. Em seguida, passou-a sobre o símbolo no casaco do cadáver até escondê-los.

— Que bom que está fresco — murmurou ela. Então entregou uma das bolsas a Flinn e guardou a outra. — Vamos levar isso também. Para fazer parecer roubo de rua.

Antes que Sarie pudesse falar qualquer outra coisa, Flinn estava tirando as botas do cadáver.

— É trabalho dos clãs — disse ele quando ela o olhou com irritação. — E parecem do meu tamanho.

Quando o sol apareceu acima da escarpa leste, Sarie e Flinn estavam a caminho de casa. Sarie esperava que eles tivessem conseguido encobrir as marcas de seu dono da rua, mas a preocupação permanecia viva na mente dela.

Se ele continuar com isso, vai acabar sendo pego, pensou ela. E desta vez vão enforcá-lo, com certeza.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial vai para meu duo (que não duela) de editoras, Arianne Lewin e Abby Ranger. O amor e o entusiasmo de vocês me fizeram seguir em frente, mesmo enquanto faziam perguntas impossíveis de responder que tornam meus livros melhores.

Agradeço a meus sofridos parceiros de crítica, Marsha McGregor e Jim Robinson; a meu grupo de escritoras e críticas chamado YAckers: Jody Feldman, Debby Garfinkle, Martha Peaslee Levine, Mary Beth Miller e Kate Tuthill; aos escritores de literatura jovem de Twinsburg, Julanne Montville, Leonard Spacek, Jeff Harr, Don Gallo, Dorothy Pensky e Dawn Fitzgerald, que estavam sempre dispostos a ler trechos e partes, e nunca o livro inteiro.

Agradeço a meu agente extraordinário, Christopher Schelling, por sempre me garantir que não dou trabalho enquanto aguenta meus resmungos e reclamações.